DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO *THE NEW YORK TIMES*

Livro II da trilogia A PASSAGEM

OS DOZE

JUSTIN CRONIN

Num mundo cercado por monstros,
o inimigo mais cruel pode ser o próprio homem.



ARQUEIRO

OS DOZE



O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas*, *muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

OS DOZE

JUSTIN CRONIN

Livro II da trilogia A PASSAGEM



Título original: *The Twelve*

Copyright © 2012 por Justin Cronin
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

O trecho do poema “A terra desolada”, de T.S. Eliot., usado neste livro foi traduzido por Ivan Junqueira.

tradução: Alves Calado
preparo de originais: Diogo Henriques
revisão: Ana Lúcia Costa, Luis Américo Costa e Sheila Til
diagramação: Rafael Alt
capa: Belina Huey
ilustração de capa: Tom Hallman
adaptação da capa: Raul Fernandes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C957d

Cronin, Justin, 1962-

Os doze [recurso eletrônico] / Justin Cronin ; [tradução de Alves Calado]; São Paulo: Arqueiro, 2013.

recuso digital
Tradução de: The twelve

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-109-6 (recurso eletrônico)

1. Medicina experimental no homem - Ficção. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves, 1953. II. Título.

12-6971

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PARA LESLIE,
LADO A LADO.

PRÓLOGO

Dos escritos do Primeiro Registrador (“O Livro dos Doze”)
Apresentado na Terceira Conferência Global sobre o Período de Quarentena Norte-americano
Centro de Estudos de Culturas e Conflitos Humanos
Universidade de New South Wales, República Indo-australiana
16 a 21 de abril, 1003 D.V.

[Começa o trecho da citação]

CAPÍTULO UM

1. E aconteceu que o mundo tinha ficado maligno, os homens tomaram a guerra no coração e cometeram grandes vilanias com todas as coisas vivas, de modo que o mundo era um sonho de morte.

2. E Deus olhou sua criação com grande tristeza, pois seu espírito não residia mais com a humanidade.

3. E o SENHOR disse: Como nos dias de Noé, um grande dilúvio varrerá a Terra; e será um dilúvio de sangue. Os monstros no coração dos homens tornar-se-ão carne, devorando todos em seu caminho. E eles serão chamados de virais.

4. O primeiro caminhará entre vocês disfarçado de homem virtuoso, escondendo o mal que há dentro dele; e eis que uma doença cairá sobre ele, de modo que seja tornado à semelhança de um demônio, terrível de olhar. E será o pai da destruição, chamado de o Zero.

5. E os homens dirão: Um ser como esse não seria o mais poderoso dos soldados? Os exércitos dos nossos inimigos não largariam as armas para cobrir os olhos simplesmente ao vê-lo?

6. E virá um decreto dos escalões mais elevados determinando que 12 criminosos serão escolhidos para compartilhar o sangue do Zero, tornando-se também demônios; e seus nomes serão como um nome, Babcock-Morrison-Chávez-Baffes-Turrell-Winston-Sosa-Echols-Lambright-Martínez-Reinhardt-Carter, chamados de os Doze.

7. Mas também escolherei dentre vocês alguém que seja puro de coração e mente, uma criança para enfrentá-los, e mandarei um sinal para que todos saibam, e esse sinal será uma grande comoção de animais.

8. E esta era Amy, cujo nome é Amor: Amy das Almas, a Garota de Lugar Nenhum.

9. E o sinal surgiu no lugar chamado Memphis, as feras uivando, guinchando e trombeteando, e uma que viu foi Lacey, uma irmã aos olhos de Deus. E o SENHOR disse a Lacey:

10. Você também é escolhida, para ajudar e acompanhar Amy, para mostrar a ela o caminho. Aonde ela for, você também irá e sua jornada será difícil, durando muitas gerações.

11. Você será como mãe para a criança que eu entreguei para curar o mundo partido; pois dentro dela construirei uma arca para carregar os espíritos dos justos.

12. E assim fez Lacey, segundo tudo o que Deus lhe ordenou, assim ela fez.

CAPÍTULO DOIS

1. E aconteceu que Amy foi levada ao Colorado para ser cativa de homens maus, pois naquele lugar o Zero e os Doze residiam acorrentados e os captores de Amy pretendiam que ela se tornasse um deles, juntando-se a eles na mente.

2. E lá foi dado a ela o sangue do Zero e ela caiu num desmaio parecido com a morte, mas não morreu nem adquiriu uma forma monstruosa, pois não era o desígnio de Deus que uma coisa dessas acontecesse.

3. E nesse estado Amy permaneceu durante um período de dias, até que ocorreu grande calamidade, enorme a ponto de haver um Tempo de Antes e um Tempo de Depois, pois os Doze escaparam e o Zero também, desatrelando a morte sobre a Terra.

4. Mas um homem ficou amigo de Amy e sentiu pena dela, e roubou-a daquele lugar. E esse era Wolgast, um homem justo em sua geração, amado por Deus.

5. E juntos Amy e Wolgast foram até o Oregon, no coração das montanhas, e lá habitaram no tempo conhecido como o Ano Zero.

6. Pois nesse tempo os Doze assolaram a face do mundo com sua grande fome, matando todas as espécies, e os que não os alimentavam eram tomados, juntando-
-se a eles na mente. E desse modo os Doze foram multiplicados por milhões, para formar as doze tribos virais, cada uma com seus Muitos, que percorriam a Terra sem nome nem memória, levando a devastação a todas as coisas vivas.

7. Assim passaram as estações e Wolgast tornou-se como um pai para Amy, que não tinha pai, assim como ele não tinha filhos, e do mesmo modo ele a amava e ela o amava.

8. E Wolgast viu também que Amy não era como ele, nem como qualquer pessoa viva sobre a Terra, pois não envelhecia nem sofria dor, nem buscava alimentação ou descanso. E Wolgast temia o que seria feito dela quando ele se fosse.

9. E aconteceu que chegou a eles um homem vindo de Seattle e Wolgast o matou para que o homem não se tornasse um demônio junto deles. Pois o mundo havia se transformado num lugar de monstros, sem ninguém vivo além deles.

10. E desse modo permaneceram como pai e filha, cada um cuidando do outro, até uma noite em que uma luz ofuscante preencheu o céu, forte demais para se olhar, e de manhã o ar estava imundo com um odor fétido e cinzas caíam sobre todas as superfícies.

11. Pois a luz era a luz da morte, que fez Wolgast adoecer com uma moléstia letal. E Wolgast deixou de existir, ficando Amy a percorrer sozinha a Terra devastada, sem ter ninguém além dos virais como companhia.

12. E assim o tempo passou, quatro vintenas e mais 12 anos, no total.

CAPÍTULO TRÊS

1. E foi assim que, no nonagésimo ano de sua vida na Califórnia, Amy encontrou uma cidade, e era a Primeira Colônia, quatro vintenas e mais 10 almas residindo dentro dos muros, descendentes das crianças que haviam chegado da Filadélfia no Tempo de Antes.

2. Mas ao ver Amy as pessoas ficaram amedrontadas, pois não sabiam de nada do mundo, e muitas palavras foram ditas contra ela, e ela foi aprisionada; e muita confusão ocorreu, tanto que ela foi obrigada a fugir na companhia de outros.

3. E esses foram Peter, Alicia, Sara, Michael, Hollis, Theo, Mausami e Cano Longo, oito no total. Cada um deles tinha uma causa justa no coração e todos desejavam ver o mundo fora da cidade onde residiam.

4. E dentre eles Peter era o primeiro no nome, e Alicia a segunda, e Sara a terceira, e Michael o quarto; do mesmo modo os outros eram abençoados aos olhos de Deus.

5. E juntos deixaram aquele lugar sob o manto da escuridão para descobrir o segredo da ruína do mundo, no Colorado, uma jornada de meio ano pelo ermo, suportando muitas tribulações, a maior de todas sendo o Refúgio.

6. Pois em Las Vegas foram levados como cativos diante de Babcock, o Primeiro dos Doze; pois os habitantes daquela cidade eram escravos de Babcock e seus Muitos e sacrificavam um dos seus a cada lua nova, para que pudessem viver.

7. E Amy e os outros foram postos no local do sacrifício e travaram batalha com Babcock, que era terrível de se olhar, e muitas vidas se perderam. E juntos fugiram daquele lugar para não morrerem também.

8. E um dentre eles caiu, que era o rapaz Cano Longo, e Amy e seus companheiros o sepultaram, marcando aquele ponto como um local de lembrança.

9. E grande sofrimento baixou sobre eles, pois Cano Longo era o mais amado de todos, mas eles não podiam se demorar, pois Babcock e seus Muitos os perseguiam.

10. E depois de mais tempo se passar, Amy e seus amigos chegaram a uma casa intocada pelo tempo, pois Deus a abençoara, tornando-a terreno sagrado. E esse local foi a fazenda. E ali descansaram em segurança, sete dias no total.

11. Mas dois dentre eles optaram por ficar naquele lugar, pois a mulher carregava uma criança no ventre. E essa criança nasceria Caleb, amado por Deus.

12. Assim, os outros continuaram, enquanto dois ficavam para trás.

CAPÍTULO QUATRO

1. E aconteceu que Amy e seus amigos caminharam pelos dias e noites até o Colorado, onde chegaram à companhia de soldados, cinco vintenas no total. E esses eram conhecidos como os Expedicionários, do Texas.

2. Pois o Texas era naquele tempo um local de refúgio na Terra e os soldados tinham viajado até longe para lutar contra os virais, cada um deles com a promessa de morrer pelos companheiros.

3. E uma dentre eles optou por se juntar às fileiras, tornando-se soldado dos Expedicionários, e esta foi Alicia, que seria chamada de Alicia das Facas. E por sua vez, um dos soldados optou por juntar-se a eles, e este foi Lucius, o Fiel.

4. E lá eles teriam se demorado, mas o inverno se aproximava e ainda que quatro deles desejassem viajar com os soldados até o Texas, Amy e Peter optaram por continuar sozinhos.

5. E aconteceu que os dois chegaram ao lugar onde Amy fora feita, e ali, sobre o pico mais alto, avistaram um Anjo do SENHOR. E o Anjo disse a Amy:

6. Não tema, pois sou a mesma Lacey que você recorda. Aqui esperei através das gerações para lhe mostrar o caminho e para mostrá-lo também a Peter, pois ele é o Homem dos Dias, escolhido para ficar com você.

7. Pois como aconteceu no tempo de Noé, Deus em seu desígnio forneceu um grande navio para cruzar as águas da destruição e este navio é Amy. E será Peter quem guiará seus companheiros a um local de terra seca.

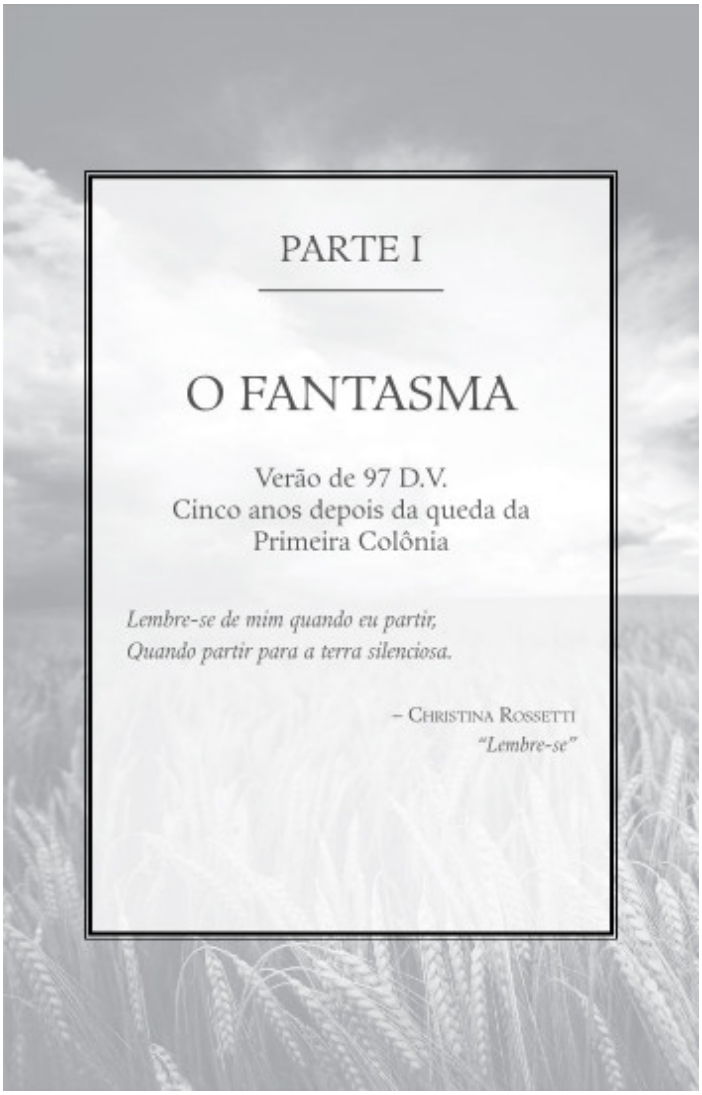
8. Portanto o SENHOR tornará inteiro o que está partido e levará consolo ao espírito dos justos. E isso será conhecido como A Passagem.

9. E o anjo Lacey invocou Babcock, o Primeiro dos Doze, a sair da escuridão e houve grande batalha. E com uma explosão de luz Lacey o matou, lançando seu próprio espírito para o SENHOR.

10. E assim os Muitos de Babcock foram libertados dele e assim se recordaram das pessoas que haviam sido no Tempo de Antes: homem e mulher, marido e esposa, pai e filho.

11. E Amy andou entre eles, abençoando um de cada vez, pois era o desígnio de Deus que ela fosse o vaso que carregaria suas almas através da longa noite do esquecimento. E depois disso seus espíritos partiram da Terra e eles morreram.

12. E deste modo Amy e seus companheiros descobriram o que havia diante deles, ainda que o caminho fosse íngreme e só estivesse começando.



PARTE I

O FANTASMA

Verão de 97 D.V.
Cinco anos depois da queda da
Primeira Colônia

Lembre-se de mim quando eu partir,
Quando partir para a terra silenciosa.

– Christina Rossetti
"Lembre-se"

UM

Orfanato da Ordem das Irmãs. Kerrville, Texas

Tarde da noite, depois do jantar, da oração e do banho, se fosse noite de banho, e depois das últimas negociações para concluir o dia (*Por favor, irmã, a gente não pode ficar mais um pouquinho? Por favor, mais uma história?*), quando as crianças haviam finalmente adormecido e tudo estava muito silencioso, Amy as observava. Não havia regra contra isso e todas as irmãs haviam se acostumado com suas perambulações noturnas. Movia-se como uma aparição, indo de um cômodo silencioso a outro, deslizando pelas fileiras de camas onde estavam as crianças, com rostos e corpos adormecidos num repouso cheio de confiança. As mais velhas tinham 13 anos, à beira da idade adulta, as mais novas eram apenas bebês. Cada uma vinha com uma história, sempre triste. Muitas eram terceiros filhos deixados no orfanato pelos pais que não podiam pagar o imposto, outras eram vítimas de circunstâncias ainda mais cruéis: mães mortas ao dar à luz ou então solteiras e incapazes de suportar a vergonha, pais que desapareciam nos subterrâneos sombrios da cidade ou eram levados para fora do muro. As origens das crianças eram variadas, contudo seus destinos eram iguais. As meninas entrariam para a Ordem, dedicando os dias à oração, à contemplação e ao cuidado de crianças iguais às que elas próprias haviam sido, ao passo que os meninos se tornariam soldados, membros dos Expedicionários, fazendo um juramento de natureza diferente mas não menos inquebrável.

Mas nos sonhos elas eram crianças – ainda eram crianças, pensou Amy. Sua própria infância era uma lembrança tremendamente distante, uma abstração da história, e no entanto, ao olhar as crianças adormecidas, com sonhos saltitando pacíficos nos olhos sonolentos, ela sentia-se mais perto daquilo: de um tempo em que ela própria não passava de um ser pequenino no mundo, inocente do que havia adiante, da jornada longa demais de sua vida. O tempo era uma vastidão dentro dela, tantos anos que era difícil

diferenciar cada um. E talvez por esse motivo ela perambulasse no meio delas: fazia isso para lembrar.

Era a cama de Caleb que ela deixava para o final, porque ele estaria esperando por ela. O bebê Caleb, mesmo não sendo mais um bebê, e sim um menino de 5 anos, rijo e enérgico como todas as crianças, cheio de surpresas, humor e verdades espantosas. Da mãe havia recebido os malares altos e esculpidos e a pele azeitonada de seu clã; do pai, o olhar obstinado, a especulação sombria e o cabelo preto e crespo, cortado curto, que no jargão familiar da Colônia era chamado de “cabelo de Jaxon”. Um amálgama físico, como um quebra-cabeça montado com as peças de sua tribo. Nos olhos dele Amy os via. Ele era Mausami, era Theo, era só ele mesmo.

– Fale sobre eles.

Sempre, a cada noite, o mesmo ritual. Era como se o menino não conseguisse dormir sem revisitar um passado do qual não tinha lembrança. Amy assumia a posição de sempre na beira da cama. Sob as cobertas, a forma do corpo esguio de menininho mal parecia uma presença; ao redor deles, 20 crianças adormecidas, um coro de silêncio.

– Bom – começou ela em voz baixinha. – Vejamos. Sua mãe era muito linda.

– Uma guerreira.

– É – respondeu Amy com um sorriso. – Uma guerreira linda. Com cabelo comprido preso por uma faixa de guerreira.

– Para ela poder usar o arco.

– Correto. Mas acima de tudo ela era cabeça-dura. Sabe o que isso significa? Ser cabeça-dura? Eu já disse antes.

– Teimosa?

– É. Mas de um jeito bom. Se eu mandar você lavar as mãos antes de jantar e você se recusar, não é tão bom. É o jeito errado de ser teimoso. O que estou dizendo é que sua mãe sempre fazia o que acreditava que era certo.

– Foi por isso que ela me teve. – Ele se concentrou nas palavras. – Porque era... a coisa certa trazer uma luz para o mundo.

– Que bom. Você lembra. Sempre se lembre de que você é uma luz forte, Caleb.

Uma felicidade quente surgiu no rosto do menino.

– Agora me conte sobre Theo. Meu pai.

– Seu pai?

– *Por favoooooor.*

Ela riu.

– Tudo bem. O seu pai. Em primeiro lugar, ele era muito corajoso. Era um homem corajoso. Amava muito a sua mãe.

– Mas era triste.

– Verdade, ele era triste. Mas era isso que fazia com que fosse tão corajoso, veja bem. Porque ele fez a coisa mais corajosa de todas. Sabe o quê?

– Ter esperança.

– É. Ter esperança quando parece não existir nenhuma. Você deve sempre se lembrar disso também. – Ela se inclinou e beijou a testa dele, úmida de calor infantil. – Agora é tarde. É hora de dormir. Amanhã será outro dia.

– Eles... me amavam?

Amy ficou pasma. Não pela pergunta – ele havia perguntado isso em diversas ocasiões, buscando a confirmação –, mas pelo tom inseguro.

– Claro, Caleb. Eu já disse muitas vezes. Eles te amavam muito. Ainda amam.

– Porque estão no céu.

– Isso mesmo.

– Onde todo mundo fica junto para sempre. É o lugar para onde a alma vai. – Ele desviou o olhar. Depois: – Dizem que você é muito velha.

– Quem diz isso, Caleb?

– Não sei. – Envolto em seu casulo de cobertas, ele deu de ombros bem de leve. – Todo mundo. As outras irmãs. Eu ouço quando falam.

Este não era um assunto que surgira antes. Para Amy, apenas a irmã Peg conhecia a história.

– Bom – disse ela, juntando os pensamentos –, sou mais velha do que você, isso eu garanto. Mais velha o bastante para dizer que é hora de dormir.

– Às vezes eu vejo eles.

Essa observação a pegou desprevenida.

– Caleb? Como você os vê?

Mas o menino não estava olhando para ela, tinha voltado a visão para dentro.

– À noite. Quando estou dormindo.

– Quer dizer, quando está sonhando.

O garoto não tinha resposta para isso. Ela tocou seu braço por sobre as cobertas.

– Tudo bem, Caleb. Pode me contar quando estiver preparado.

– Não é a mesma coisa. Não é igual a um sonho. – Ele se virou para encará-la. – Vejo você também, Amy.

– Eu?

– Mas você é diferente. Não é como está agora.

Ela esperou que ele falasse mais, porém ele não falou. Diferente como?

– Sinto falta deles – disse o menino.

Ela assentiu, contente em deixar o assunto de lado por enquanto.

– Sei que sente. E você vai vê-los de novo. Mas agora você tem a mim. Tem o seu tio Peter. Ele vem para casa logo, você sabe.

– Com os... Expe... dichonários. – Um ar de determinação reluziu no rosto do menino. – Quando eu crescer quero ser soldado igual ao tio Peter.

Amy beijou sua testa de novo, levantando-se.

– Se é isso que você quer ser, é o que vai ser. Agora durma.

– Amy?

– Sim, Caleb?

– Alguém amou você assim?

Parada junto à cama do menino, as lembranças a varreram. Uma noite de primavera e um carrossel girando, um gosto de açúcar salpicado, um lago e um chalé na floresta e a sensação daquela mão grande segurando a sua. Lágrimas tomaram sua garganta.

– Acho que sim. Espero que sim.

– O tio Peter ama?

Ela franziu a testa, espantada.

– Por que pergunta isso, Caleb?

– Não sei. – Outro dar de ombros, levemente sem graça. – Pelo modo como ele olha para você. Ele fica sempre sorrindo.

– Bom. – Ela se esforçou para não demonstrar nada. – Acho que ele sorri porque fica feliz em ver você. Agora durma. Promete?

Ele protestou com os olhos.

– Prometo.

Lá fora as luzes jorravam para baixo: não era uma claridade tão absoluta como na Colônia – Kerrville era grande demais para isso –, e sim uma espécie de crepúsculo permanente, iluminado nas bordas e com uma coroa de estrelas no alto. Amy se esgueirou para fora do pátio, mantendo-se nas sombras. Localizou a escada na base do muro e não fez nenhum esforço para se esconder na subida. No topo foi recebida pela sentinela, um homem de meia-idade e ombros largos, com um fuzil atravessado diante do peito.

– O que você acha que está fazendo?

Mas foi só isso que ele disse. Enquanto o sono o dominava, Amy o colocou sentado na passarela, apoiando-o na mureta com o fuzil atravessado no colo. Quando ele acordasse teria apenas uma lembrança fragmentada, alucinatória. Uma garota? Uma das irmãs, usando a áspera túnica cinza da Ordem? Talvez ele não acordasse sozinho e fosse encontrado pelos companheiros e levado embora por ter dormido no posto. Passaria alguns dias na cadeia militar, mas seria só isso, e de qualquer modo ninguém acreditaria nele.

Desceu pela passarela até a plataforma de observação, vazia. As patrulhas passavam a cada 10 minutos; ela só teria esse tempo. As luzes jorravam no chão abaixo como líquido brilhante. Fechando os olhos, Amy limpou a mente e direcionou os pensamentos para fora, lançando-os por sobre o campo.

– Venham a mim.

– Venham a mim venham a mim venham a mim.

Eles vieram, deslizando da escuridão. Primeiro um e depois outro e outro, formando uma falange reluzente e se agachando na borda das sombras. E em sua mente ela escutava vozes, sempre as vozes, as vozes e a pergunta.

Quem sou eu?

Ela esperou.

Quem sou eu quem sou eu quem sou eu?

Como Amy sentia sua falta! Wolgast, o que a havia amado. Onde você está?, pensou, com o coração doendo de solidão, porque noite após noite, enquanto percebia essa coisa nova acontecendo por dentro, sentia sua ausência intensamente. Por que me deixou sozinha? Mas Wolgast não estava em lugar nenhum, nem no vento nem no sol, nem no som do giro lento da Terra. O homem que ele fora havia partido.

Quem sou eu quem sou eu quem sou eu quem sou eu quem sou eu?

Ela esperou pelo máximo de tempo possível. Os minutos corriam. Então ouviu passos na passarela, chegando mais perto: a sentinela.

– Vocês são eu – disse a eles. – Vocês são eu. Agora vão.

Eles se espalharam no escuro.

DOIS

122 quilômetros ao sul de Roswell, Novo México

Numa noite quente de setembro, a muitos quilômetros e muitas semanas de casa, a tenente Alicia Donadio – Alicia das Facas, a Coisa Nova, filha do grande Niles Coffee e atiradora de elite do Segundo Batalhão das Forças Expedicionárias do Exército da República do Texas, batizada e jurada – acordou com o gosto de sangue no vento.

Tinha 27 anos, 1,69m, ombros e quadril robustos, cabelo ruivo cortado rente. Os olhos, que um dia tinham sido apenas azuis, reluziam com um tom laranja, como carvões em brasa. Viajava com pouca bagagem, nada era desperdiçado. Pés enfiados em sandálias de lona com sola de borracha vulcanizada, calça de brim gasta nos joelhos e nos fundilhos, uma blusa de malha com as mangas cortadas para dar velocidade. Entrecruzado no tronco, usava um par de bandoleiras de couro com seis lâminas de aço embainhadas – sua marca registrada. Às costas, pendurada numa corda de cânhamo forte, trazia sua besta. Uma Browning calibre 45 semiautomática com pente de nove balas, sua arma de último recurso, estava num coldre preso à coxa.

Oito e uma, era o ditado. Oito para os virais, uma para você mesmo. Oito e uma, e pronto.

A cidade se chamava Carlsbad. Os anos tinham feito seu serviço, varrendo-a como uma vassoura gigantesca. Mas algumas estruturas permaneciam: cascas vazias de casas, barracões enferrujados, as provas calmas e arruinadas da passagem do tempo. Durante o dia ela descansara à sombra de um posto de gasolina cujo teto de metal de algum modo ainda estava firme, acordando ao crepúsculo para caçar. Pôs o coelho na mira, um tiro na garganta, depois tirou a pele e assou-o numa fogueira de algaroba, tirando a carne fibrosa das patas enquanto o fogo estalava.

Não estava com pressa.

Era uma mulher de regras, rituais. Não matava os virais enquanto eles dormiam. Não usava uma arma de fogo se pudesse evitar: armas de fogo eram barulhentas, desajeitadas e indignas da tarefa. Ela os matava com a faca, rapidamente, ou com a besta, de modo limpo e sem arrependimento, e sempre com uma bênção de misericórdia no coração. Dizia: “Mando vocês para casa, irmãos e irmãs. Liberto-os da prisão de sua existência.”

E, quando a matança acabava e ela havia tirado a arma de sua moradia letal, encostava o cabo primeiro na testa e depois no peito – na cabeça e no coração –, consagrando a liberdade das criaturas com a esperança de que, quando o dia chegasse, sua coragem não falharia e ela própria seria libertada.

Esperou que a noite chegasse, apagou as chamas da fogueira e partiu.

Durante dias estivera seguindo por uma larga planície de arbustos baixos. Ao sul e a oeste erguiam-se as formas sombreadas de montanhas com os ombros se encolhendo para longe do chão do vale. Se Alicia tivesse visto o mar, poderia ter pensado: este lugar é isso, o mar, o fundo de um grande oceano. E as montanhas, furadas por cavernas, imobilizadas no tempo, eram os restos de um recife gigantesco de um tempo em que monstros inimagináveis haviam percorrido a terra e as ondas.

Onde vocês estão esta noite?, pensou. *Onde estão escondidos, irmãos e irmãs de sangue?*

Ela era uma mulher de três vidas, duas antes e uma depois. Na primeira havia sido apenas uma menininha. O mundo era todo feito de figuras espreitando e luzes piscando. Aquilo a atravessava como uma brisa no cabelo, sem lhe dizer nada. Tinha 8 anos na noite em que o Coronel a levara para fora dos muros da Colônia deixando-a sem nada, nem mesmo uma faca. Ficou sentada sob uma árvore e chorou a noite toda e, quando o sol da manhã a encontrou, estava diferente, mudada: a garota que ela havia sido desaparecera. Você entende?, perguntou o Coronel ajoelhado diante dela, que estava sentada na poeira. Ele não iria abraçá-la para dar conforto, mas a encarou como a um soldado. Entende agora? E ela entendia. Entendia. Sua vida, o magro acidente de sua existência, não

significava nada; ela havia aberto mão da vida. Naquele dia fez o juramento.

Mas isso era um passado distante. Ela era uma criança, depois uma mulher, e depois, o quê? A terceira Alicia, a Coisa Nova, nem viral nem humana, mas de algum modo ambos. Um amálgama, um composto, um ser à parte. Viajava entre os virais como um espírito invisível, parte deles, mas ao mesmo tempo não, um fantasma para fantasmas. Em suas veias estava o vírus, mas equilibrado por um segundo, tirado de Amy, a Garota de Lugar Nenhum: um dos 12 frascos do laboratório do Colorado – os outros foram destruídos pela própria Amy, lançados nas chamas. O sangue de Amy salvara sua vida, mas de certo modo não salvara. Tornando-a – a tenente Alicia Donadio, atiradora de elite dos Expedicionários – o único ser como ela própria em todo o mundo dos vivos.

Houve ocasiões, muitas ocasiões, o tempo todo, em que a própria Alicia não poderia dizer exatamente o que ela era.

Chegou a um barracão. Um negócio cheio de furos e meio arrebentado, meio enterrado na areia, com teto de metal inclinado.

Ela... *sentiu* alguma coisa.

Foi estranho, algo que jamais acontecera. O vírus não lhe dera esse poder, que era somente de Amy. Alicia era o yin do yang de Amy, dotada da força física e da velocidade dos virais, mas desconectada da teia invisível que os unia, pensamento a pensamento.

E, no entanto, ela não... sentiu alguma coisa? Não *os* sentiu? Um arrepio na nuca e em sua mente um farfalhar baixinho, levemente reconhecível em palavras:

Quem sou eu? Quem sou eu quem sou eu quem sou eu quem sou eu?

Eram três. Todos tinham sido mulheres, um dia. E mais ainda: Alicia sentia – como era possível? – que em cada uma havia um único cerne de memória. Uma mão fechando uma janela e o som de chuva. Um pássaro multicolorido cantando numa gaiola. Uma sala escura e duas crianças vistas de uma porta, um menino e uma menina, dormindo na cama. Alicia recebeu cada uma dessas visões como se fossem suas, as cores, os sons, os cheiros e as emoções,

uma mescla de pura existência como três fogueiras minúsculas chamejando dentro dela. Por um momento ficou prisioneira daquilo, num espanto mudo com relação a elas, aquelas lembranças de um mundo perdido. O mundo do Tempo de Antes.

Mas outra coisa, também: envolvendo cada uma dessas lembranças havia uma mortalha de escuridão, vasta e implacável, que fez Alicia estremecer até o âmago. Alicia imaginou o que seria aquilo, mas então soube: era o sonho daquele que se chamava Martínez. Julio Martínez, de El Paso, Texas, o Décimo dos Doze, condenado à morte pelo assassinato de um policial. Aquele que Alicia viera encontrar.

No sonho de Martínez ele estava para sempre estuprando uma mulher chamada Louise – o nome estava escrito em letras ornamentadas no bolso da blusa da mulher – ao mesmo tempo que a estrangulava com um fio elétrico.

A porta do barracão pendia torta das dobradiças enferrujadas. Era um local apertado: Alicia preferiria mais espaço, principalmente com três. Esgueirou-se adiante, seguindo a ponta da besta, e entrou no barracão.

Dois virais estavam suspensos de cabeça para baixo nos caibros. O terceiro, agachado num canto, devorava um pedaço de carne com um som chupado. Tinham acabado de se alimentar do antílope, cujos restos ressecados estavam caídos aos pedaços no chão: tufos de pelos, ossos e pele. Tontos depois de se alimentarem, os virais não notaram sua entrada.

– Boa noite, senhoras.

Acertou a primeira, nos caibros, com a besta. Uma pancada e um guincho, interrompido abruptamente, e o corpo despencou no chão. Os outros dois estavam se levantando agora; o segundo soltou-se do caibro, juntou os joelhos no peito e deu um giro na descida, pousando virado para o outro lado sobre os pés com garras. Alicia largou a besta, desembainhou uma faca e, num movimento fluido, atirou-a girando contra o terceiro, que havia se levantado para encará-la.

Dois mortos, faltava um.

Deveria ter sido fácil. De repente não era. Enquanto Alicia desembainhava uma segunda faca, o último viral se virou e acertou sua mão com uma força que fez a arma voar espiralando no escuro. Antes que a criatura pudesse dar outro golpe, Alicia se jogou no chão e rolou para longe. Quando se levantou, com outra faca na mão, o viral havia sumido.

Merda.

Pegou a besta no chão, colocou uma seta nova e correu para fora. Onde, diabos, ele estava? Dois passos rápidos e Alicia se lançou no telhado do barracão, pousando com um ruído. Examinou rapidamente a paisagem. Nada, nenhum sinal.

De repente o viral estava atrás dela. Era uma armadilha, percebeu Alicia: ele devia ter se escondido, deitado na parte mais distante do telhado. Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: Alicia girou, apontando a besta instintivamente, e, com um som de madeira lascando e metal rasgando, o telhado cedeu embaixo dela.

Caiu de barriga para cima no piso do barracão, com o viral despencando sobre ela. Sua besta havia sumido. Alicia teria desembainhado uma faca, mas agora suas duas mãos estavam ocupadas na tentativa de manter o braço do viral a distância ao mesmo tempo que se desviava dos dentes dele. Esquerda e direita e esquerda de novo, a criatura projetava o rosto rapidamente, as mandíbulas se fechando na direção da curva do pescoço de Alicia. Uma força imponente versus um objeto impossível de ser movido: quanto tempo isso poderia demorar? As crianças nas camas, pensou Alicia. É quem era esse. Ela era a mulher que olhava seus filhos adormecidos. Pense nas crianças, pensou Alicia, e então disse:

– *Pense nas crianças.*

O viral se imobilizou. Uma expressão pesarosa surgiu em seu rosto. Por um brevíssimo instante – não mais de meio segundo –, os olhos das duas se encontraram e se sustentaram na escuridão. Mary, pensou Alicia. Seu nome era Mary. Sua mão estava indo para a faca. *Eu mando você para casa, irmã, Mary*, pensou Alicia. *Eu a liberto da prisão de sua existência.* E com um golpe para cima cravou a lâmina, da ponta ao cabo, no ponto frágil.

Alicia rolou o cadáver para longe. Os outros estavam onde haviam caído. Recolheu a faca e a seta dos dois primeiros, limpou-os, em seguida se ajoelhou junto ao corpo do último. Depois da matança Alicia geralmente não sentia nada além de um vazio indefinido; agora se surpreendia descobrindo que suas mãos tremiam. Como ela soubera? Porque soubera, com clareza absoluta, que o nome da mulher era Mary.

Soltou a lâmina, encostou-a na cabeça e no coração. *Obrigada, Mary, por não me matar antes de meu trabalho estar terminado. Espero que agora você esteja com seus pequeninos.*

Os olhos de Mary estavam abertos, olhando para o nada. Alicia os fechou com as pontas dos dedos. Não seria bom deixá-la ali. Alicia pegou o corpo nos braços e o levou para fora. Um halo havia surgido em volta da lua, lavando a paisagem com sua claridade, uma escuridão visível. Mas não era do luar que Mary precisava. Cem anos de céu noturno eram suficientes, pensou Alicia, e pôs a mulher num trecho de terreno aberto onde, de manhã, o sol iria encontrá-la e lançar suas cinzas ao vento.

Alicia tinha começado a subir.

Uma noite e um dia haviam se passado. Agora estava nas montanhas, ascendendo por um leito de rio seco através de um desfiladeiro estreito. A sensação dos virais estava mais forte: ela ia na direção de alguma coisa. Mary, pensou, o que você estava tentando me dizer?

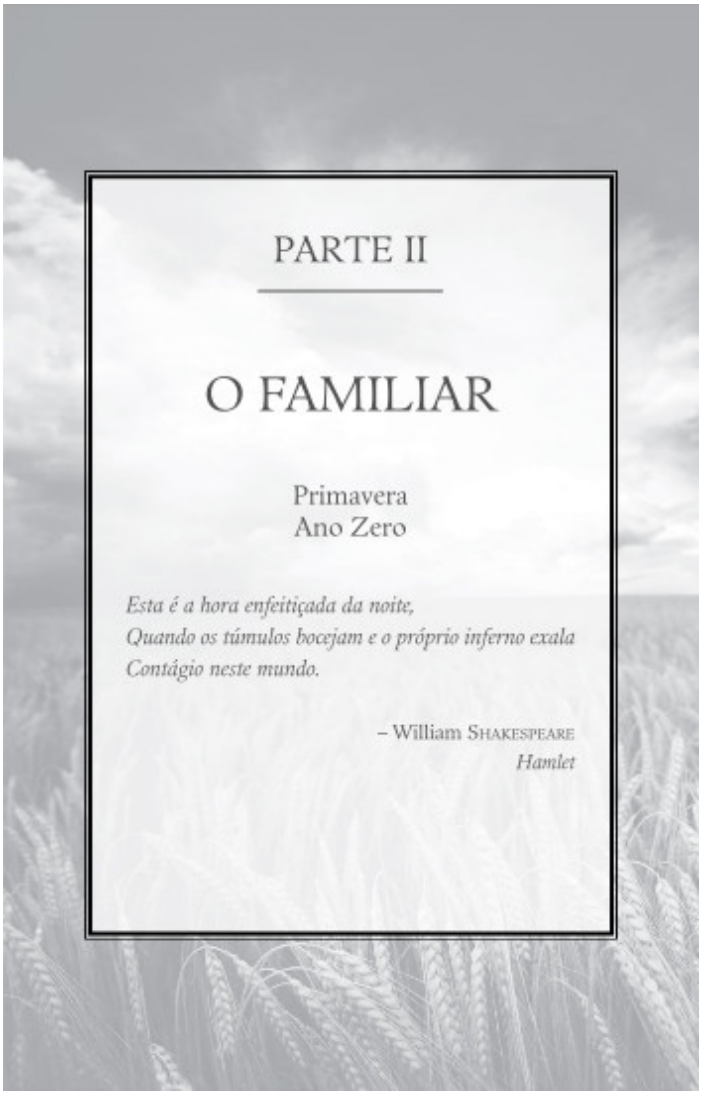
Era quase de manhã quando chegou ao topo da serra, com o horizonte saltando para longe. Abaixo, no negrume varrido pelo vento, o solo do vale se desdobrava, tendo por companhia nada além das estrelas. Alicia sabia que era possível identificar figuras – a partir de seu arranjo aparentemente arbitrário –, formas de pessoas e animais –, porém jamais aprendera a fazer isso. Para ela as estrelas eram apenas coisas espalhadas aleatoriamente, como se cada noite elas fossem jogadas de novo no céu.

Então viu: uma bocarra de escuridão escancarada, posta numa depressão parecida com uma tigela. A abertura teria uns 30 metros de altura ou mais. Bancos curvos, como num anfiteatro, esculpidos

na face rochosa da montanha, situavam-se na boca da caverna. Morcegos adejavam no céu.

Era uma porta para o inferno.

Você está aí, não é?, pensou Alicia, e sorriu. *Seu filho da puta, encontrei você.*



PARTE II

O FAMILIAR

Primavera
Ano Zero

Esta é a hora enfeitiçada da noite,
Quando os túmulos bocejam e o próprio inferno exala
Contágio neste mundo.

– William SHAKESPEARE
Hamlet

TRÊS

Departamento de Polícia de Denver
Dossiê nº 193874
Sexto Distrito
Transcrição do interrogatório de Lila Beatrice Kyle Interrogador: Detetive Rita Chernow
3 de maio, 4h17

RC: Que seja registrado que a interrogada foi informada de seus direitos e recusou a presença de um advogado. O interrogatório foi realizado pela detetive Rita Chernow, Departamento de Polícia de Denver, Sexto Distrito. São 4 horas e 17 minutos da madrugada. Dra. Kyle, poderia, por favor, dizer seu nome completo?
LK: Lila Beatrice Kyle.
RC: E a senhora é cirurgiã ortopédica do Hospital Geral de Denver, correto?
LK: Sim.
RC: E sabe por que está aqui?
LK: Aconteceu alguma coisa no hospital. A senhora queria me fazer algumas perguntas. Que sala é esta? Não conheço.
RC: Estamos na delegacia, Dra. Kyle.
LK: Eu estou encrencada?
RC: Nós conversamos sobre isso, lembra? Só estamos tentando descobrir o que aconteceu esta noite na emergência. Sei que a senhora está nervosa. Não vou fazer muitas perguntas LK: Estou suja de sangue. Por que estou suja de sangue?
RC: A senhora se lembra do que aconteceu na emergência, Dra. Kyle?
LK: Estou cansada demais. Por que estou tão cansada?
RC: Podemos lhe oferecer alguma coisa? Café, talvez?
LK: Não posso beber café. Estou grávida.
RC: Água, então? Que tal um pouco d'água?
LK: Está bem.

(Interrupção.)
RC: Vamos começar do início. A senhora estava na emergência esta noite, certo?
LK: Não, eu estava no andar de cima.
RC: Mas desceu até a emergência?
LK: Desci.
RC: A que horas?
LK: Não sei bem. Por volta da uma da madrugada. Passaram um bipe para mim.
RC: Por que passaram um bipe?
LK: Eu era a ortopedista de plantão. Tinha um paciente com o pulso quebrado.
RC: E esse paciente era o Sr. Letourneau?
LK: Acho que era, sim.
RC: O que mais disseram sobre ele?
LK: Quer dizer, antes que eu descesse?
RC: É.
LK: Que ele tinha sido mordido por algum animal.
RC: Como um cachorro?
LK: Acho que sim. Não disseram.
RC: Mais alguma coisa?
LK: Ele estava com febre alta. Tinha vomitado.
RC: E foi só isso que lhe disseram?
LK: Foi.
RC: E o que a senhora viu quando chegou à emergência?
LK: Ele estava na terceira cama. Só havia dois outros pacientes. Geralmente as coisas são calmas no domingo.
RC: A que horas foi isso?
LK: Uma e quinze, uma e meia.
RC: E a senhora examinou o Sr. Letourneau?
LK: Não.
RC: Deixe-me perguntar de outro modo. A senhora viu o paciente?
(Pausa.)
RC: Doutora Kyle?
LK: Desculpe, qual foi a pergunta?
RC: A senhora viu o Sr. Letourneau esta noite na emergência?

LK: Vi. Mark também estava lá.
RC: Está se referindo ao Dr. Mark Shin?
LK: Ele é que estava atendendo. A senhora falou com ele?
RC: O Dr. Shin está morto, Dra. Kyle. Ele foi uma das vítimas.
LK: (inaudível)
RC: Poderia falar mais alto, por favor?
LK: Eu só... eu não sei. Desculpe, o que a senhora queria saber?
RC: O que a senhora pode dizer sobre o Sr. Letourneau? Como ele estava?
LK: Estava?
RC: É. Estava acordado?
LK: Estava acordado.
RC: O que mais a senhora observou?
LK: Ele estava desorientado. Agitado. Tinha uma cor estranha.
RC: Como assim?
(Pausa.)
LK: Preciso ir ao banheiro.
RC: Só vamos fazer mais algumas perguntas. Sei que a senhora está cansada. Prometo que vou tirá-la daqui o mais rápido possível.
LK: A senhora tem filhos, detetive Chernow?
RC: Como?
LK: A senhora tem filhos? Só fiquei curiosa.
RC: Tenho. Dois meninos.
LK: Qual a idade? Se não se incomoda que eu pergunte.
RC: Eles têm 5 e 7 anos. Só preciso lhe perguntar mais algumas coisas. A senhora acha que consegue responder?
LK: Mas aposto que a senhora vai tentar uma menina, não vai? Acredite, não existe nada como uma menininha.
RC: Vamos nos concentrar no Sr. Letourneau por enquanto, está bem? A senhora disse que ele estava agitado. Pode ser mais específica?
LK: Específica?
RC: É. O que ele fez?
LK: Estava fazendo um barulho esquisito.
RC: Pode descrever?

LK: Um estalo. Na garganta. Estava gemendo. Parecia sentir muita dor.
RC: Tinham dado a ele algum medicamento para dor?
LK: Tinham dado Tramadol. Acho que foi Tramadol.
RC: Quem mais estava lá, além do Dr. Shin?
(Pausa.)
RC: Doutora Kyle? Quem mais estava lá quando a senhora examinou o Sr. Letourneau?
LK: Uma enfermeira. Estava tentando acalmá-lo. Ele estava muito perturbado.
RC: Mais alguém?
LK: Não lembro. Um auxiliar? Não, dois.
RC: O que aconteceu então?
LK: Ele começou a ter uma convulsão.
RC: O paciente teve uma convulsão?
LK: Teve.
RC: O que a senhora fez então?
LK: Onde está meu marido?
RC: Lá fora. Ele veio com a senhora. Não lembra?
LK: Brad está aqui?
RC: Desculpe. Quem é Brad?
LK: Meu marido. Brad Wolgast. Ele é do FBI. Talvez a senhora o conheça.
RC: Estou confusa, Dra. Kyle. O homem que veio com a senhora chama-se David Centre. Ele não é seu marido?
(Pausa.)
RC: Dra. Kyle? A senhora entendeu a pergunta?
LK: Claro que David é meu marido. Que pergunta mais esquisita! De onde veio todo esse sangue? Eu me acidentei?
RC: Não, Dra. Kyle. A senhora estava no hospital. Era disso que estávamos falando. Há três horas, nove pessoas foram mortas na emergência. Estamos tentando descobrir como isso aconteceu.
(Pausa.)
LK: A coisa olhou para mim. Por que a coisa olhou para mim?
RC: O que olhou para a senhora, Dra. Kyle?
LK: Foi horrível.

RC: O que foi horrível?
LK: A coisa matou primeiro a enfermeira. Havia muito sangue. Como um oceano.
RC: Está falando do Sr. Letourneau? Ele matou a enfermeira? Preciso que seja clara.
LK: Estou com sede. Posso tomar mais um pouco d'água?
RC: Daqui a pouco. Como o Sr. Letourneau matou a enfermeira?
LK: Foi tudo tão rápido. Como alguém pode se mover tão depressa?
RC: Preciso que a senhora se concentre, Dra. Kyle. O que o Sr. Letourneau usou para matar a enfermeira? Havia uma arma?
LK: Uma arma? Não me lembro de uma arma.
RC: Como ele fez isso, então?
(Pausa.)
RC: Dra. Kyle?
LK: Eu não conseguia me mexer. A coisa... olhou para mim.
RC: Alguma coisa olhou para a senhora? Havia mais alguém na sala?
LK: Ele usou a boca. Foi assim que ele fez.
RC: Está dizendo que o Sr. Letourneau mordeu a enfermeira?
(Pausa.)
LK: Eu estou grávida, sabe? Vou ter um bebê.
RC: Dá para ver, Dra. Kyle. Sei que isto é muito estressante.
LK: Preciso descansar. Quero ir para casa.
RC: Tentaremos tirá-la daqui o mais rápido que pudermos. Só para esclarecer, a senhora declara que o Sr. Letourneau mordeu a enfermeira?
LK: Ela está bem?
RC: Ela foi decapitada, Dra. Kyle. A senhora estava segurando o corpo quando a encontramos. Não se lembra?
LK: (inaudível)
RC: Pode falar mais alto, por favor?
LK: Não entendo o que a senhora quer. Por que está fazendo essas perguntas?
RC: Porque a senhora estava lá. A senhora é a única testemunha. A senhora viu nove pessoas morrerem esta noite. Elas foram estraçalhadas, Dra. Kyle.

LK: (inaudível)
RC: Dra. Kyle?
LK: Aqueles olhos. Foi como olhar o inferno. Como cair para sempre na escuridão. A senhora acredita no inferno, detetive?
RC: Olhos de quem?
LK: Aquilo não era humano. Não podia ser humano.
RC: Ainda está falando do Sr. Letourneau?
LK: Não posso pensar nisso. Preciso pensar no bebê.
RC: O que a senhora viu? Diga o que viu.
LK: Quero ir para casa. Não quero mais falar sobre isso. Não me obrigue.
RC: O que matou aquelas pessoas, Dra. Kyle?
(Pausa.)
RC: Dra. Kyle, a senhora está bem?
(Pausa.)
RC: Dra. Kyle?
(Pausa.)
RC: Dra. Kyle?

QUATRO

Bernard Kittridge, conhecido mundo afora como “A Última Resistência em Denver”, percebeu que era hora de partir na manhã em que a energia acabou.

Imaginou por que isso havia demorado tanto. Não era possível manter funcionando uma rede de energia elétrica municipal sem pessoas para fazer a manutenção e, pelo que Kittridge podia ver do 19º andar, não restava nenhum ser humano vivo na cidade de Denver.

O que não queria dizer que ele estivesse sozinho.

Passara as primeiras horas da manhã – uma manhã luminosa da primeira semana de junho, com a temperatura a 20 e poucos graus e chance de monstros sugadores de sangue chegarem ao crepúsculo – tomando sol na varanda da cobertura que havia ocupado desde a segunda semana da crise. Era um local gigantesco, como um palácio aéreo: só a cozinha era do tamanho do apartamento de Kittridge inteiro. O gosto do dono tendia para o austero: esguios grupos de estofados em couro que eram melhores de olhar do que de sentar, pisos de travertino cintilante, pequenos tapetes peludos, mesas de vidro que pareciam flutuar no espaço. Invadir a cobertura havia sido surpreendentemente fácil. Quando Kittridge tomou a decisão, metade da cidade estava morta, havia fugido ou desaparecido. Os policiais tinham ido embora muito antes. Ele havia pensado em se trancar numa das grandes casas lá em Cherry Creek, mas, a julgar pelas coisas que tinha visto, queria algum lugar alto. O dono da cobertura era um homem que ele conhecia, um cliente regular da loja. Seu nome era Warren Filo. Por sorte, Warren tinha ido à loja um dia antes de a coisa toda degringolar, querendo comprar material para uma viagem de caça ao Alasca.

Era um cara novo, jovem demais para ter tanto dinheiro – dinheiro de Wall Street, provavelmente, ou de um daqueles lançamentos de ações de alta tecnologia. Naquele dia, com o mundo ainda cantarolando animado como sempre, Kittridge havia ajudado Warren

a carregar suas compras até o carro. Uma Ferrari, claro. Parado junto dela, Kittridge pensara: por que esse cara simplesmente não compra uma placa especial anunciando “BABACA 1”? A pergunta devia ter transparecido em seu rosto, porque nem bem isso lhe passou pela mente e Warren ficou vermelho e sem graça. Ele não estava usando terno como de costume: só jeans e uma camiseta em cuja frente se lia escola de administração sloan. Ele quisera que Kittridge visse o carro, isso era óbvio, mas, quando isso acontecera, percebera como era idiotWendy Mueller, 2º anoa mostrar um veículo como aquele a um gerente de seção da Outdoor World, que provavelmente ganhava menos de 50 mil por ano. (O número na verdade era 46.) Kittridge deu um riso silencioso diante disso – as coisas que aquele garoto não sabia poderiam encher um livro – e permitiu que o momento se estendesse para deixar a situação clara. *Eu sei, eu sei* – confessou Warren. *É um pouco de exagero. Eu disse a mim mesmo que nunca seria um daqueles escrotos que dirigem uma Ferrari. Mas, juro por Deus, você deveria sentir o desempenho dela.*

Kittridge havia pegado o endereço de Warren na nota fiscal. Quando se mudou para ali – Warren provavelmente estava bem aconchegado e seguro no Alasca –, foi simplesmente uma questão de encontrar a chave certa na sala do zelador, colocar na fenda do painel do elevador e subir 19 andares até a cobertura. Descarregou seu equipamento. Uma mala com rodinhas cheia de roupas, três baús de armas, um rádio acionado a manivela, binóculo de visão noturna, sinalizadores, um kit de primeiros socorros, garrafas de água sanitária, um aparelho de solda elétrica para lacrar as portas do elevador, seu confiável laptop com a parabólica portátil, uma caixa de livros e comida e água suficientes para um mês. A vista da varanda, que seguia por toda a extensão do lado oeste do prédio, era de amplos 180 graus, dando para a rodovia I-25 e o estádio Mile High. Ele havia posicionado câmeras equipadas com sensores de movimento em cada extremidade da varanda, uma para vigiar a rua e uma segunda virada para o prédio do lado oposto da avenida. Achava que conseguiria muitas imagens desse modo, mas o bom seriam as matanças de verdade. A arma que escolhera para a tarefa

era um Remington 700P de ação de alavanca, calibre 318 – um belo equilíbrio entre precisão e força de impacto, capaz de acertar na mosca a 300 metros de distância. Havia fixado nele uma mira de vídeo digital com infravermelho. Usando o binóculo, isolaria o alvo; o fuzil, montado num bipé na beira da varanda, faria o resto.

Na primeira noite, sem vento e iluminada por um quarto de lua, Kittridge havia atirado em sete: cinco na avenida, um no telhado oposto e mais um através da janela de um banco no nível da rua. Foi o último que o tornou famoso. A criatura, ou vampiro, ou o que quer que fosse – o termo oficial era “pessoa infectada” –, havia olhado direto para a lente logo antes de Kittridge enfiar uma bala no ponto frágil. Colocado no YouTube, o vídeo tinha viajado ao redor do globo em horas; de manhã todas as principais redes o haviam transmitido. Quem é esse homem?, todo mundo queria saber. Quem é esse homem intrépido-louco-suicida, trancado num prédio alto em Denver, resistindo até o final?

E assim nascera o apelido: A Última Resistência em Denver.

Desde o início ele presumira que seria apenas uma questão de tempo até que alguém o derrubasse: alguém da CIA, da Agência de Segurança Nacional ou da Segurança Interna. Ele estava causando um tremendo agito. A seu favor havia o fato de que esse mesmo alguém teria de vir a Denver para fazer isso. O endereço de IP de Kittridge era praticamente impossível de ser rastreado, passando por uma corrente de servidores anônimos cuja ordem era misturada toda noite. A maioria ficava fora do país: Rússia, China, Indonésia, Israel, Sudão. Locais fora do alcance de qualquer agência federal que quisesse derrubá-lo. Seu videoblog – dois milhões de acessos no primeiro dia – tinha mais de 300 sites repetidores, e o número continuava a crescer. Não demorou uma semana até que ele se tornasse um verdadeiro fenômeno mundial. Twitter, Facebook, Headshot, Sphere: as imagens achavam o caminho para o mundo sem que ele precisasse mover um dedo. Somente um dos seus sites de fãs tinha mais de 4 milhões de seguidores. No eBay, camisetas que diziam sou a última resistência em denver vendiam como água.

Seu pai sempre dissera: “Filho, a coisa mais importante na vida é dar uma contribuição.” Quem pensaria que a contribuição de Kittridge

seria um videoblog sobre o marco zero do apocalipse?

E no entanto o mundo continuava. O sol ainda brilhava. A oeste, as montanhas davam de ombros, indiferentes à partida do homem. Durante um tempo houvera muita fumaça – quarteirões inteiros incendiados até os alicerces –, mas agora ela havia se dissipado, revelando a desolação com clareza fantasmagórica. À noite, regiões de negrume escondiam a cidade, mas em outros locais as luzes ainda rebrilhavam no escuro – lâmpadas de rua tremeluzindo, postos de gasolina e lojas de conveniência com seus nítidos brilhos de neon, luzes de varandas deixadas acesas para o retorno dos donos. Enquanto Kittridge mantinha sua vigilância na varanda, um sinal de trânsito 19 andares abaixo ainda mudava obedientemente de verde para amarelo, depois para vermelho e verde de novo.

Ele não se sentia solitário. A solidão o abandonara havia muito tempo. Tinha 34 anos. Era um pouco mais pesado do que gostaria – com a perna que tinha, era difícil manter o peso ideal –, mas continuava forte. Tinha sido casado uma vez, muitos anos antes. Lembrava-se desse período de sua vida como 18 meses de bem-aventurança conjugal hipersexuada, seguidos por um número igual de meses de gritos e berros, acusações e contra-acusações, até que tudo afundou como uma pedra. E ele ficou contente, no geral, porque não haviam tido filhos. Sua ligação com Denver não era sentimental nem pessoal; depois de sair da clínica para veteranos deveria ter tido pouca dificuldade para arranjar emprego. E talvez isso fosse verdade. Mas Kittridge não teve pressa. Passou quase um ano apenas lendo – a princípio as coisas de sempre, romances policiais e de aventura –, mas eventualmente chegou a livros mais substanciais: *Enquanto agonizo, Por quem os sinos dobram, As aventuras de Huckleberry Finn, O grande Gatsby*. Tinha passado um mês inteiro com Melville, abrindo caminho com dificuldade por *Moby Dick*. Muitos eram livros que ele achava que deveria ler, os que de algum modo deixara passar na escola, mas ele se pegou gostando de verdade da maioria.

Sentado no silêncio de seu pequeno apartamento, a mente perdida em narrativas de outras vidas e outros tempos, sentia-se como se tomasse um longo gole depois de anos de sede. Chegara até mesmo

a se matricular em algumas disciplinas na faculdade comunitária, trabalhando na Outdoor World durante o dia, lendo e escrevendo seus trabalhos à noite e na hora do almoço. Nas páginas daqueles livros havia algo com o poder de fazê-lo sentir-se melhor com relação às coisas, um bote salva-vidas ao qual se agarrar antes que as correntes sombrias da memória o levassem rio abaixo de novo. E nos dias mais luminosos até podia se ver continuando assim por um tempo. Uma vida pequena mas passável.

E então, claro, o fim do mundo aconteceu.

Na manhã em que faltou luz, Kittridge havia terminado de fazer o upload das filmagens da noite anterior e estava sentado no terraço lendo *Um conto de duas cidades*, de Dickens – o advogado inglês Sydney Carton havia acabado de declarar seu amor eterno a Lucie Manette, noiva do desafortunadamente idealista Charles Darnay –, quando lhe veio o pensamento de que a manhã só poderia ser melhorada com uma tigela de sorvete. Para sua surpresa, a enorme cozinha de Warren – que poderia servir a um restaurante cinco estrelas – estava praticamente desabastecida e Kittridge havia muito tempo jogara fora as caixas de comida para viagem que constituíam os magros conteúdos da geladeira. Mas o sujeito tinha obviamente uma queda pelos brownies com cobertura de chocolate da Ben and Jerry, porque o freezer estava atulhado deles e nada mais. Kittridge teria apreciado um pouquinho de variedade, considerando que não haveria mais sorvete durante um bom tempo, mas, com pouca coisa para comer além de sopa enlatada e biscoitos, não iria reclamar. Equilibrando o livro no braço da cadeira, levantou-se, passou pela porta de vidro deslizante e entrou na cobertura.

Quando chegou à cozinha, começou a sentir que algo não estava certo, embora não soubesse de onde exatamente vinha essa impressão. Só quando abriu a embalagem e enfiou a colher numa gosma mole de brownie com cobertura de chocolate derretido ele realmente entendeu.

Experimentou um interruptor. Nada. Andou pelo apartamento, testando abajures e interruptores. Tudo igual.

Parou no meio da sala e respirou fundo. Certo, pensou. Certo. Era de esperar. No mínimo já deveria ter acontecido muito antes. Olhou o relógio: 9h32. O sol se punha pouco depois das oito da noite. Dez horas e meia para tirar o rabo dali.

Encheu rapidamente uma mochila: barras de proteína, garrafas d'água, meias e cuecas limpas, um kit de primeiros socorros, um casaco quente, uma caixa de antialérgico (as alergias o vinham infernizando durante toda a primavera), uma escova de dentes e o aparelho de barbear. Por um momento pensou em levar *Um conto de duas cidades*, mas parecia pouco prático e, com uma pontada de arrependimento, deixou-o de lado. No quarto vestiu uma camisa e uma calça cargo, terminando com um colete de caça e um par de sapatos leves para caminhada. Durante alguns minutos pensou em que armas levar, antes de se decidir por uma faca Bowie, um par de Glocks 19 e o AK polonês preparado com o pente dobrável: inútil a distância, mas confiável de perto, onde ele esperava estar. As Glocks se encaixavam perfeitamente nos coldres cruzados, uma embaixo de cada braço. Encheu os bolsos do colete com pentes carregados, pendurou o AK na alça a tiracolo, pôs a mochila nos ombros e voltou à varanda.

Foi então que notou o sinal de trânsito na avenida. Verde, amarelo, vermelho. Verde, amarelo, vermelho. Podia ter sido um defeito bobo, mas de algum modo duvidava disso.

Eles o haviam encontrado.

A corda estava ancorada num tubo de drenagem no telhado. Ele vestiu seu arnês de rapel, prendeu-o e passou primeiro a perna boa e depois a ruim por cima do parapeito. A altura não era problema, no entanto não olhou para baixo. Estava empoleirado na beira da varanda, virado para as janelas da cobertura. A distância ouviu o som de um helicóptero se aproximando.

"Última Resistência em Denver", câmbio e desligo.

Com um empurrão, estava no ar, o corpo descendo para longe. Um andar, dois andares, três, a corda deslizando suavemente pelas suas mãos: pousou na varanda do apartamento quatro andares abaixo. Uma pontada familiar de dor subiu do joelho esquerdo. Ele trincou os dentes para forçá-la a se dissipar. Agora o helicóptero

estava perto, o som do giro das pás ricocheteando nos prédios e ecoando nas ruas vazias. Tirou o arnês, sacou uma das Glocks e disparou um único tiro para despedaçar o vidro da porta da varanda.

O ar do apartamento estava rançoso, como o interior de uma cabana fechada durante o inverno. Mobília pesada, espelhos dourados, uma pintura a óleo de um cavalo acima da lareira; de algum lugar vinha o fedor de podridão. Passou pelo espaço silencioso praticamente sem olhar. Junto à porta parou, prendeu uma lanterna no cano do AK e saiu ao corredor, indo para a escada.

Em seu bolso iam as chaves da Ferrari, que estava parada na garagem subterrânea do prédio, 18 andares abaixo. Kittridge empurrou com o ombro a porta da escada, varrendo o espaço acima e abaixo rapidamente com o facho do AK. Tudo limpo. Tirou um sinalizador do colete e usou os dentes para desenroscar a tampa de plástico, expondo o botão de ignição. Com um estalo do combustível, o sinalizador começou sua chuva de fagulhas. Kittridge o segurou por cima da borda da mureta, mirando, e soltou-o; se houvesse alguma coisa lá embaixo, ele saberia logo. Seus olhos seguiram o sinalizador descendo, arrastando uma cauda de fumaça. Em algum lugar adiante ele esbarrou no corrimão e ricocheteou para fora de vista. Kittridge contou até 10. Nada, nenhum movimento.

Começou a descer. Três sinalizadores depois, chegou. Uma pesada porta de aço com barra de empurrar e um pequeno quadrado de vidro reforçado levava à garagem. O chão estava cheio de lixo: latas de refrigerante, embalagens de doces, latas de comida. Um saco de dormir amarrotado e uma pilha de roupas mofadas mostravam onde alguém estivera dormindo – escondendo-se, como ele fizera.

Kittridge tinha ido verificar a garagem do prédio no dia da chegada. A Ferrari estava parada perto do canto sudoeste, a uma distância de aproximadamente 60 metros. Provavelmente deveria tê-la levado mais para perto da porta, mas tinha demorado três dias para localizar as chaves de Warren – quem guardava as chaves do carro numa gaveta do banheiro? – e nesse meio-tempo Kittridge já havia feito uma barricada dentro da cobertura.

O chaveiro tinha três botões: um para as portas, um para o alarme e um que, ele esperava, daria a partida remota. Apertou o primeiro.

Do fundo da garagem veio um bipe nítido, de uma nota só, seguido pelo rugido gutural do motor da Ferrari. Outro erro: a Ferrari estava parada de frente para a parede. Deveria ter pensado nisso. Sua saída seria mais lenta assim e, se o carro estivesse virado para o outro lado, os faróis lhe permitiriam ver melhor o interior da garagem. Através da janela minúscula, só conseguia ver uma região distante, reluzente, onde o carro esperava como um gato murmurando no escuro. O resto da garagem estava coberto por um véu de negrume. Os infectados gostavam de ficar pendurados em estruturas de teto, tubos, qualquer coisa com superfície tátil. A menor fissura servia. Quando eles chegavam, chegavam de cima.

O momento de decisão estava ali. Jogar mais sinalizadores para ver o que aconteceria? Mover-se sorrateiramente pelo escuro, buscando cobertura? Escancarar a porta e correr feito o diabo?

Então, lá no alto, Kittridge ouviu o ranger de uma porta se abrindo para a escada. Prendeu a respiração e prestou atenção, analisando o som. Eram dois. Mesmo sabendo que não deveria, afastou-se da porta e esticou o pescoço para cima, virando os olhos pelo poço da escada. Dez andares acima, um par de pontos vermelhos dançava nas paredes.

Abriu a porta e correu feito o diabo.

Chegara à metade do caminho até a Ferrari quando o primeiro viral caiu atrás dele. Não havia tempo para se virar e disparar, então Kittridge continuou em frente. A dor no joelho parecia um pavio de fogo, uma picareta cravada até o osso. Da periferia dos sentidos veio uma percepção arrepiante de seres acordando, a garagem ganhando vida. Abriu a porta da Ferrari, jogou o AK e a mochila no banco do carona, entrou e fechou a porta. O veículo era tão baixo que ele se sentiu sentado no chão. O painel, cheio de mostradores e botões misteriosos, reluzia como o de uma espaçonave. Faltava alguma coisa. Onde estava a alavanca de câmbio?

Um ruído metálico e no instante seguinte a visão de Kittridge se encheu com a coisa. O viral havia pulado no capô, agachado como um réptil. O coração de Kittridge disparou. Por um instante aquilo o

encarou com expressão gélida, um predador contemplando a presa. Estava nu, a não ser por um relógio de pulso, um Rolex reluzente, grosso como um cubo de gelo. *Warren?*, pensou Kittridge, porque o sujeito estava usando um igual no dia em que Kittridge o levara até o carro. *Warren, meu velho, é você? Porque, se for, eu não me incomodaria em receber um conselho sobre como engrenar esta coisa.*

Então descobriu, com as pontas dos dedos, um par de alavancas posicionadas na parte de baixo do volante, à esquerda e à direita. Varetas de câmbio. Deveria ter pensado nisso. Para cima na direita, para baixo na esquerda, como uma motocicleta. A ré devia ser um botão em algum lugar do painel.

O botão que tem o R, gênio. Aquele ali.

Apertou o botão e pisou no acelerador. Rápido demais: com um guincho de borracha queimando, a Ferrari saltou para trás e bateu num poste de concreto. Kittridge foi lançado para a frente, a cabeça batendo no vidro grosso da janela do lado do motorista com uma pancada sonora. Seu cérebro ressoou como um diapasão e partículas de luz prateada dançaram diante de seus olhos. Havia algo interessante nelas, interessante e lindo, mas outra voz dentro dele dizia que contemplar essa visão, ainda que por um instante, significaria morrer. O viral, tendo caído do capô, estava se levantando do chão, preparando-se para saltar de novo. Sem dúvida tentaria acertá-lo direto através do para-brisa.

Dois pontos vermelhos apareceram no peito do viral.

Com uma velocidade de pássaro, a criatura afastou o olhar de Kittridge e se lançou na direção dos soldados que vinham pela porta da escada. Kittridge girou o volante e apertou a alavanca da direita, engrenando a marcha enquanto apertava o acelerador. Um tranco e depois um salto veloz: foi empurrado para trás no banco enquanto ouvia uma descarga de arma de fogo automática. Justo quando pensou que tinha perdido de novo o controle do carro, encontrou o caminho certo, com as paredes da garagem passando a toda a velocidade. Os soldados lhe haviam garantido apenas um instante – um rápido vislumbre no retrovisor e Kittridge viu, à luz de ré, o que parecia ser a detonação de um corpo humano, um espalhar

explosivo de partes. O segundo soldado não estava visível. Se Kittridge fosse apostar, o sujeito já devia estar morto, rasgado em partes sangrentas.

Não olhou para trás de novo.

A rampa que dava para a rua ficava dois andares acima, na outra extremidade da garagem, que parecia um labirinto; não havia rota direta. Enquanto Kittridge diminuía a marcha na primeira esquina, com o motor rugindo e pneus cantando, mais dois virais saltaram do teto para o seu caminho. Um caiu sob seu pneu com um som de esmagamento úmido, mas o segundo saltou por cima do teto da Ferrari acelerada, como se participasse de uma corrida de obstáculos. Kittridge sentiu uma pontada de espanto, até mesmo de admiração. Na escola havia aprendido que não era possível pegar uma mosca com a mão porque o tempo era diferente para ela. No cérebro da mosca, um segundo era uma hora, uma hora era um ano. Os virais eram assim. Como seres fora do tempo.

Agora estavam em toda parte, emergindo de todos os locais escondidos. Lançavam-se contra o carro como suicidas, levados pela loucura da fome. Kittridge os atravessava, corpos voando, os rostos monstruosos e distorcidos colidindo com o para-brisa antes de serem lançados para cima e para longe. Mais duas curvas e estaria livre, mas agora havia um agarrado ao teto. Kittridge freou na esquina, rabeando no cimento liso, e a força da desaceleração fez o viral rolar para cima do capô. Era uma mulher: espantosamente, parecia estar usando um vestido de noiva. Enfiando os dedos na abertura da base do para-brisa, ela ficou de quatro. Sua boca, uma armadilha de dentes sujos de sangue, estava escancarada e um minúsculo crucifixo de ouro pendia na base de seu pescoço. *Sinto muito pelo seu casamento*, pensou Kittridge enquanto sacava uma das pistolas, firmava-a em cima do volante e disparava pelo para-brisa.

Virou a última curva. Um facho dourado de luz do dia surgiu adiante. Chegou à rampa a 110 por hora, ainda acelerando. A grade estava fechada, mas esse fato parecia insignificante, não era obstáculo. Kittridge mirou, afundou o pé no pedal e se abaixou.

Um choque furioso. Durante dois segundos inteiros a Ferrari decolou. Disparou na luz do sol, atingindo o pavimento com um

estrondo de abalar os ossos e fagulhas voando do chassi. Liberdade enfim, mas agora ele tinha outro problema: não havia nada para impedi-lo de entrar no saguão do banco do outro lado da rua. Enquanto ricocheteava no canteiro central, pisou fundo no freio e girou o volante para a esquerda, preparando-se para o impacto. Mas não era preciso: com um guincho de borracha queimando, os pneus se grudaram e pararam, e a próxima coisa que Kittridge soube era que estava voando pela avenida, ao sol da manhã de verão.

Tinha de admitir. Quais haviam sido as palavras exatas de Warren? *Você deveria sentir o desempenho dela*.

Era verdade. Kittridge nunca havia dirigido nada assim.

CINCO

Durante um tempo, um longo tempo, que não foi tempo nenhum, o homem conhecido como Lawrence Grey – ex-interno do Instituto Correcional de Beevile e fichado como criminoso sexual no Departamento de Segurança Pública do Texas; empregado civil do Projeto Noé e do Departamento de Armas Especiais; Grey, a Fonte, o Desatrelador da Noite, Familiar Daquele Chamado de Zero – não esteve em lugar nenhum. Ele foi nada e lugar nenhum, um ser aniquilado, sem memória nem história, a consciência dispersa num mar sem litoral e sem dimensão. Um mar amplo e escuro feito de vozes murmurando seu nome. *Grey, Grey.* Elas estavam ali e não estavam, dentro e fora dele, chamando-o enquanto ele flutuava sozinho, uno com a escuridão, à deriva num oceano de eternidade tendo, em todo o espaço acima, as estrelas.

Mas não só as estrelas. Pois agora viera uma luz – uma luz suave e dourada que crescia sobre seu rosto. Lâminas de sombra se moviam por ela, girando como um pião, e com essa luz um som: aórtico, cardíaco, um *tum-tum-tum* que pulsava ao ritmo do giro. Grey olhava aquela luz maravilhosa, girando, e por sua consciência se esgueirou o pensamento de que o que ele estava vendo era Deus. A luz era Deus e seu Céu no alto, movendo-se sobre as águas, roçando a face do mundo como a bainha de uma cortina, tocando e abençoando Sua criação. O conhecimento floresceu dentro dele num jorro de doçura. Que júbilo! Que compreensão e perdão! A luz era Deus e Deus era amor. Grey só precisava entrar nela, entrar na luz, sentir aquele amor para sempre. E uma voz disse:

É hora, Grey.

Venha a mim.

Sentiu-se ascendendo, sendo erguido. Levantou-se e, quando o fez, o céu abriu as asas, recebendo-o, carregando-o para a luz, que era quase forte demais para suportar e depois era mesmo

insuportável, um brilho ofuscante e destruidor, como o som de um grito dele próprio.

Grey, ascendendo. Grey, renascido.

Abra os olhos, Grey.

Ele fez isso: abriu os olhos. Sua visão se arrastou até focalizar. Uma forma escura girava de modo desagradável acima de seu rosto.

Era um ventilador de teto.

Piscou para afastar a sujeira. Um gosto amargo, como de cinzas molhadas, pintava as paredes de sua boca. O quarto onde estava tinha a aparência e a sensação inconfundível de um motel – a colcha áspera e o travesseiro de espuma barato, o colchão cheio de crateras embaixo e o teto igual a pipoca em cima, o cheiro de ar viciado, usado demais, nas narinas. Mas não fazia a menor ideia de como viera parar num lugar assim. Seu cérebro parecia vazio como um balde furado, o corpo era uma massa informe, feito gelatina. Até mesmo mexer a cabeça parecia exigir uma força além de sua capacidade. O quarto era iluminado por uma luz doentia e amarela que se filtrava pelas cortinas. Acima de seu rosto o ventilador girava e girava, balançando-se no suporte, com as engrenagens gastas estalando ritmicamente. A visão era tão abrasiva para seus sentidos quanto sais aromáticos, e no entanto ele não podia desviar o olhar. (E não havia algo sobre um som latejante, algo num sonho? Uma luz brilhante, levantando-o? Mas ele não se lembrava mais.)

– Que bom, você acordou.

Sentado na beira da segunda cama, de olhos abaixados, havia um homem. Um homem baixo, mole, enchendo o macacão como uma salsicha no invólucro. Era um dos empregados civis do Projeto Noé, faxineiros assim como ele: homens como Grey, cujo serviço era limpar mijo e merda e fazer backup de discos e vigiar os espetos durante horas e horas, pirando lentamente. Todos eram criminosos sexuais, desprezados e esquecidos, homens sem histórias que alguém se importasse em lembrar, os corpos amolecidos por hormônios, as mentes e os espíritos castrados como um cão sem os testículos.

– Achei que o ventilador daria um jeito. Para falar a verdade, nem consigo olhar para a coisa.

Grey tentou responder mas não pôde. Sua língua parecia torrada, como se ele tivesse fumado um bilhão de cigarros. Sua visão tinha ficado toda aquosa de novo; a porcaria da cabeça estava rachando. Fazia anos que não bebia mais do que duas cervejas de uma vez – com os medicamentos a pessoa ficava sonolenta demais e praticamente perdia o interesse por tudo –, mas Grey se lembrava de como era ter uma ressaca. Isso era parecido. Como a maior ressaca do mundo.

– Qual é o problema, Grey? O gato comeu sua língua? – Ele deu um risinho de alguma piada particular. – É engraçado, você sabe. Nas circunstâncias. Eu poderia curtir um pouco de carpaccio de gato agora. – Ele virou o rosto para olhar Grey, as sobrancelhas arqueando. – Não fique tão chocado. Você vai ver o que eu quero dizer. Demora uns dias, mas depois bate numa boa.

Grey se lembrou do nome do sujeito: Ignacio. Ainda que o Ignacio de que Grey se lembrava fosse mais velho, de aparência mais gasta, com uma testa pesada e enrugada, poros onde daria para estacionar um carro e papadas flácidas como as de um cão bassê. Esse Ignacio estava no auge da saúde – literalmente *rosado*, as bochechas cheias de cor, a pele lisa como a de um bebê, olhos brilhando como zircônio. Até o cabelo parecia mais jovem. Mas não havia como se confundir, por causa da tatuagem – tinta de prisão, borrada e azulada, uma naja subindo pelo pescoço, saindo da gola aberta do macacão.

– Onde estou?

– Você é uma piada, sabia? Estamos no Red Roof.

– Onde?

Ele fungou ligeiramente.

– Na porra do Red Roof, Grey. O que você acha? Que eles iam mandar a gente para o Ritz?

Eles?, pensou Grey. Quem eram *eles*? E o que Ignacio quis dizer com mandar? Mandar com que objetivo? E nesse momento Grey notou que Ignacio estava segurando alguma coisa. Uma pistola?

– Iggy? O que você vai fazer com essa coisa?

Ignacio levantou preguiçosamente a arma, uma 45 de cano longo, franzindo a testa para ela como se não soubesse o que era.

– Não muita coisa, pelo jeito. – Ele inclinou a cabeça na direção da porta. – Aqueles outros caras estiveram aqui um tempo, também. Mas agora foram todos embora.

– Que caras?

– Qual é, Grey. Você conhece os caras. – Ele deu de ombros. – O magricelo, George. O Eddie não sei das quantas. Jude, o do rabo de cavalo. – Ele olhou para além de Grey, na direção das cortinas. – Para dizer a verdade, nunca gostei dele. Ouvi falar das coisas que ele fazia, não que eu seja de ficar fofocando. Mas aquele cara era totalmente nojento.

Ignacio estava falando dos outros faxineiros. O que estavam todos fazendo ali? O que *ele* estava fazendo ali? A arma não era bom sinal, mas Grey não podia invocar uma única lembrança de como viera parar onde estava. A última coisa que lembrava era de ter jantado no refeitório do complexo: bife Bourguignon com molho denso, com acompanhamento de batata e ervilha e uma coca-cola para ajudar a descer. Era sua refeição predileta. Ele ficava sempre ansioso por um bife Bourguignon, mas, ao pensar nisso, no gosto gorduroso, seu estômago se apertou com náusea. Um jato de bile saltou para a garganta. Precisou parar um instante só para respirar.

Ignacio balançou a pistola sem muita vontade na direção da porta.

– Olhe você mesmo, se quiser. Mas tenho quase certeza de que foram embora.

Grey engoliu em seco.

– Para onde?

– Isso depende. Para onde eles deveriam ir.

Grey se sentiu totalmente desnorteado. Nem conseguia pensar no que perguntar. Mas tinha quase certeza de que não gostaria da resposta. Talvez o melhor fosse ficar deitado, quieto. Esperava não ter feito alguma coisa terrível, como nos velhos tempos. Os tempos do Antigo Grey.

– Bom – disse Ignacio, e pigarreou –, já que você está acordado, acho melhor ir andando. Tenho uma longa caminhada para fazer. – Ele se levantou e estendeu a arma. – Tome.

Grey hesitou.

– Para que eu quero uma arma?

– Para o caso de sentir vontade, você sabe, de dar um tiro em si mesmo.

Grey estava atônito demais para responder. A última coisa que desejava era uma arma. Se alguém encontrasse uma arma com ele, seria mandado de volta para a prisão, com certeza. Como Grey não fez qualquer menção de aceitar a arma, Ignacio a colocou na mesinha de cabeceira.

– Bom, pelo menos pense nisso. Só não fique embromando, como eu fiz. Quanto mais a gente espera, mais a coisa fica difícil. Agora olhe a encrenca em que eu estou.

Ignacio foi até a porta, onde se virou para olhar uma última vez para dentro do quarto.

– Nós realmente conseguimos. Para o caso de você estar, sabe, em dúvida. – Ele respirou com jeito lamentoso, soprando o ar com as bochechas infladas, e inclinou o rosto para o teto. – O negócio é que eu realmente não sei o que fiz para merecer isso. Eu não era tão ruim, na verdade. Não pretendia fazer metade daquelas coisas. Foi só o jeito como eu fui feito. – Ele olhou para Grey de novo. Seus olhos estavam brilhando de umidade. – Era o que o psiquiatra sempre dizia: Ignacio, é só que você foi feito assim.

Grey não tinha ideia do que dizer. Às vezes não havia nada, e ele achava que era o caso agora. A expressão de Ignacio o lembrou de alguns condenados que conhecera em Beeville, homens que estavam ali dentro fazia tanto tempo que eram parecidos com zumbis em algum filme antigo. Homens que não tinham nada em que pensar, a não ser no passado, e pela frente uma vastidão interminável de nada.

– Bom, que se foda. – Ignacio fungou e esfregou o nariz com as costas do pulso. – Agora não adianta ficar reclamando, acho. A gente faz a cama e tem de deitar nela. Pense no que eu falei, certo? Até logo, Grey. – E, com um jorro de luz da porta aberta, ele foi embora.

O que pensar disso? Durante um longo tempo Grey ficou parado, a mente girando como um pneu careca sobre o gelo. Parte dele não tinha certeza se estava acordado ou se ainda dormia. Reviu brevemente os fatos para dar à mente um ponto em que se fixar.

Estava numa cama. A cama ficava num motel, um tal Red Roof. O motel devia ficar em algum lugar no Colorado, presumindo que ele não tivesse ido longe. A luz nas janelas dizia que era de manhã, uma manhã de primavera ou talvez do início do verão. Ele não parecia ferido. Em algum momento nas últimas 24 horas, talvez mais e talvez menos, mas provavelmente não menos do que um dia, ele fora apagado.

Não era muito, mas era alguma coisa. Teria de seguir a partir daí.

Apoiou-se nos cotovelos. O quarto tinha cheiro de suor e fumaça. Seu macacão estava manchado e rasgado nos joelhos; os pés estavam descalços. Balançou os dedos dos pés, estalando as juntas. Tudo parecia funcionar.

E, pensando bem, não era verdade que ele estava se sentindo melhor? E não simplesmente melhor: muito melhor. A dor de cabeça e a tontura tinham sumido. Sua visão havia clareado. Os membros pareciam firmes e fortes, cheios de uma energia nova, como uma mola. A boca ainda tinha um gosto ruim – encontrar uma escova de dentes ou uma embalagem de goma de mascar era a tarefa número um –, mas afora isso Grey sentia-se ótimo.

Girou os pés para o chão. O quarto era pequeno, tinha apenas espaço suficiente para as camas com suas colchas marrons e laranja e uma mesinha com uma televisão. Mas quando pegou o controle remoto para ligá-la, só conseguiu uma tela azul com um som parecendo o ruído de discar. Zapeou pelos canais: as afiliadas das grandes redes, a CNN, o Canal da Guerra, a TVGOV, todos estavam azuis. Bom, isso era esquisito. Teria de falar com o gerente. Se bem que, pelo que lembrava, não tinha pagado pelo quarto, e sua carteira fora confiscada meses antes, quando chegara ao complexo.

O complexo, pensou, a palavra caindo em suas entranhas como uma pedra. Independentemente do que mais fosse verdade, ele estava numa encrenca enorme. Você simplesmente não se levantava e ia embora. Lembrou-se de Jack e Sam, os dois faxineiros que haviam desertado, e de como Richards tinha ficado puto. E Richards não era um cara que você quisesse sacanear, para dizer o mínimo. Apenas um olhar do sujeito bastava para fazer as tripas de Grey se retorcerem.

Talvez por isso todos os faxineiros tivessem fugido. Talvez estivessem com medo de Richards.

Nesse momento a sede bateu: uma sede louca, alucinada, como se não bebesse havia dias. No banheiro enfiou o rosto embaixo da torneira, engolindo a água ferozmente, deixando-a escorrer no rosto. Devagar agora, pensou Grey, você vai ficar enjoado se beber desse jeito.

Tarde demais. A água bateu no estômago como uma onda estourando e a próxima coisa que ele soube foi que estava de joelhos, segurando as laterais do vaso, enquanto toda a água subia de volta.

Bom, isso era idiotice. Só poderia culpar a si mesmo. Ficou um momento de joelhos, esperando a cólica passar, respirando no fedor do próprio vômito – era principalmente água, mas no final havia uma gosma parecida com clara de ovo, sem dúvida os restos não digeridos do bife Bourguignon. Devia ter forçado alguma coisa, também, porque seus ouvidos estavam zumbindo: um ruído fraco, quase abaixo do nível da audição, como o som de um motor minúsculo funcionando dentro do crânio.

Lutou para ficar de pé e deu descarga no vômito. Na bancada viu um pequeno frasco de enxaguante bucal numa bandeja junto com sabonetes e loções, tudo intocado, e tomou um gole para tirar o gosto ruim da boca, gargarejando longamente e cuspindo na pia. Depois olhou o rosto no espelho.

O primeiro pensamento foi que alguém estava lhe pregando uma peça: uma peça elaborada, sem graça, improvável, na qual o espelho fora de algum modo substituído por uma janela e do outro lado estava um homem – um homem muito mais jovem e mais bonito. A ânsia de estender a mão e tocar a imagem foi tão forte que ele fez isso, com o homem no espelho imitando perfeitamente seus movimentos. Que porra era aquela?, pensou Grey, e depois disse:

– Que porra é essa?

O rosto que ele olhava era magro, de pele limpa, atraente. O cabelo caía sobre as orelhas numa juba luxuriante, com um tom de castanho intenso. Os olhos eram límpidos e brilhantes; na verdade reluziam. Jamais na vida Grey tivera uma aparência tão boa.

Outra coisa atraiu seu olhar. Alguma espécie de marca no pescoço. Inclinou-se adiante, a cabeça para cima. Duas linhas de depressões simétricas parecendo contas, de arranjo ligeiramente circular, o topo do círculo chegando à linha da mandíbula, a parte de baixo roçando a curva da clavícula. O ferimento tinha uma cor rosada, como se tivesse se curado pouco antes. Quando, diabos, isso havia acontecido? Quando criança ele fora mordido por um cachorro uma vez; a aparência era como essa. Um vira-lata velho e carrancudo tirado do canil municipal, mas mesmo assim ele o amava, era uma coisa sua, até o dia em que mordeu a mão de Grey – sem motivo; Grey só queria lhe dar um biscoito – e seu pai o arrastou para o quintal. Dois tiros, Grey lembrava claramente, o primeiro seguido por um ganido alto, o segundo colocando o cachorro em silêncio para sempre. O nome do cachorro era Buster. Grey não pensava nele fazia anos.

Mas essa coisa no pescoço. De onde tinha vindo? Havia algo levemente familiar naquilo – uma sensação de déjà-vu, como se a lembrança tivesse sido armazenada no escaninho errado de sua mente.

Grey, você não sabe?

A voz era como um farfalhar de folhas velhas e secas. Grey se afastou do espelho.

– Iggy?

Silêncio. Saiu do banheiro. Abriu o armário, ajoelhou-se para olhar entre as camas. Ninguém.

Grey. Grey.

– Iggy, cadê você? Pare de me sacanear.

Não se lembra, Grey?

Havia algo errado com ele, errado de verdade. Não era a voz de Iggy que ele estava escutando; a voz estava na sua *cabeça.* O medo aumentou dentro dele. Cada superfície que seu olhar encontrava parecia latejar com nitidez. Coçou os olhos, mas a situação só piorou. Era como se não estivesse simplesmente vendo as coisas, e sim tocando, cheirando e também sentindo o gosto, como se os fios de seu cérebro tivessem se cruzado.

Não se lembra... de ter morrido?

E, de repente, sim: Grey lembrava. A lembrança o acertou como uma flecha no peito. O azul aquático da câmara de contenção e a porta se abrindo lentamente; a cobaia Zero erguendo-se acima dele, assumindo suas dimensões inteiras e terríveis; Grey chorando e chorando; a sensação das mandíbulas do Zero na curva de seu pescoço e o aperto dos dentes furando, fileira atrás de fileira; Zero indo embora, deixando-o sozinho, e o estardalhaço do alarme, o som de tiros e os gritos de homens morrendo; seu andar cambaleante até o corredor, uma visão do inferno, sangue por toda parte, pintando paredes e piso, e os restos medonhos, um matadouro de pernas, braços e troncos com as entranhas penduradas; o jorro arterial pegajoso por entre seus dedos que apertavam a garganta; o ar escapando dele e seu longo deslizar até o chão, o negrume envolvendo-o, a visão nadando; e então o abandono de si mesmo.

Ah, meu Deus.

Venha a mim, Grey. Venha a mim.

Saiu correndo do quarto, com a luz do dia se chocando nos olhos. Era loucura; ele estava louco. Correu pelo estacionamento como um grande animal desajeitado, sem enxergar e sem direção, as mãos apertando os ouvidos. Havia alguns carros no estacionamento, parados em ângulos aleatórios, muitos com as portas abertas. Mas, em seu estado incandescente, a mente de Grey não conseguiu registrar esse fato, assim como deixara de registrar outros detalhes perturbadores: as janelas do hotel despedaçadas; a autoestrada onde não se via qualquer veículo em movimento; o posto de gasolina vazio do outro lado da estrada de acesso, com as janelas manchadas de vermelho, e o corpo de um homem caído de encontro à bomba como se fizesse uma sesta improvisada; o McDonald’s destroçado e silencioso, com as cadeiras, as mesas, os pacotinhos de ketchup, os brinquedos do McLanche Feliz e clientes de várias idades e raças expelidos violentamente através das janelas; a nuvem de fumaça química dos destroços de uma carreta ainda pegando fogo a três quilômetros dali; os pássaros. Grandes nuvens giratórias de aves pretas, corvos, abutres e urubus, os carniceiros, rodando preguiçosamente lá em cima. Tudo isso suspenso como os

momentos após uma batalha terrível, banhado pelo sol implacável do verão.

Está vendo, Grey?

– Pare com isso! Cale a boca!

Tropeçou em alguma coisa mole. Organicamente úmida e gosmenta. Isso o fez cair de quatro, escorregando no asfalto.

Veja o mundo que nós fizemos.

Fechou os olhos com força, obrigando-se a acordar. Respirava com dificuldade. Sabia, sem olhar, que a coisa gosmenta era um corpo. *Por favor*, pensou, sem saber a quem nem a que estava se dirigindo. A ele próprio. À voz na sua cabeça. A Deus, em quem nunca havia acreditado totalmente, mas em quem estava disposto a acreditar agora. *Desculpe o que quer que eu tenha feito. Desculpe, desculpe, desculpe.*

Quando finalmente olhou, toda a esperança o havia abandonado. O corpo era de uma mulher. A carne do rosto estava tão esticada sobre os ossos que era difícil dizer sua idade. Vestia uma calça de moletom e uma camiseta cavada, com um pequeno babado de renda cor-de-rosa na gola. Grey supôs que ela houvesse se deitado para dormir e que teria se levantado para ver o que acontecia. Estava esparramada no chão, as costas e os ombros torcidos. Moscas zumbiam sobre ela, entrando e saindo da boca e dos olhos. Um braço estava esticado no chão; o outro, dobrado no peito, com as pontas dos dedos tocando o ferimento no pescoço. Não era um corte ou um talho, nada tão bem-feito assim. A garganta fora arrancada até o osso.

Ela não era a única. A visão de Grey se ampliou, como uma câmera se erguendo sobre a cena. À esquerda, a seis metros de distância, uma picape Chevy estava parada com a porta do motorista aberta. Um homem gordo, com calça de terno e suspensórios, fora arrancado do banco e agora estava meio dentro e meio fora do carro, pendurado de cabeça para baixo, embora a cabeça não estivesse ali, mas em algum outro lugar.

Havia mais corpos perto da entrada do hotel. Não eram corpos, estritamente falando, mais parecia uma zona de partes humanas. Uma policial fora eviscerada enquanto saía de sua radiopatrulha.

Estava com as costas apoiadas no para-lama, a pistola ainda na mão, o peito aberto como as abas de uma capa de chuva. Um homem com agasalho de corrida roxo brilhante, usando no pescoço ouro suficiente para encher um baú de pirata, fora lançado para cima, o tronco se alojando como uma pipa nos galhos de uma árvore; sua metade inferior fora parar no capô de um Mercedes preto. As pernas do homem estavam cruzadas, como se a parte inferior do corpo não soubesse que lhe faltava o resto.

Nesse ponto Grey soube que estava em algo parecido com um transe. Não era possível olhar uma coisa daquelas e se permitir algum sentimento.

O que finalmente provocou isso foi algo que não estava ali. Dois veículos, um Honda Accord e um Chrysler Countryside, haviam colidido de frente perto da saída, esmagados um contra o outro como o fole de um acordeão. O motorista do sedã fora lançado através do para-brisa. Afora isso, o sedã estava intocado, mas a minivan parecia saqueada. Sua porta deslizante havia sido arrancada e lançada pelo estacionamento como um *frisbee*. No pavimento perto da porta aberta, no meio de um monte de entulho – malas, brinquedos, pacotes grandes de fraldas –, estava o corpo largado de uma mulher. Fora do alcance de sua mão estendida, tombado de lado, havia um carrinho de bebê vazio. *O que aconteceu com o bebê?*, pensou Grey.

E então: *Ah!*

Grey escolheu a picape. Não teria nada contra dirigir o Mercedes, mas, a julgar pelo que tinha visto, achou que a caminhonete seria uma opção mais sensata. Tivera uma picape Chevy numa vida que agora parecia não importar mais, de modo que o veículo lhe era familiar. Puxou para fora o motorista decapitado e o colocou no chão. Era perturbador não ter a cabeça para devolver ao pobre-diabo. Não parecia certo deixá-lo sem ela. Mas a cabeça não estava em nenhum lugar óbvio, e Grey tinha visto o suficiente. Olhou ao redor procurando um par de sapatos do seu tamanho, 45 – o que quer que o Zero tivesse feito com ele, não havia encolhido seus pés –, escolhendo finalmente o par de mocassins do homem do Mercedes.

Eram italianos, de pele de cordeiro, macios como manteiga e um pouco estreitos nos dedos, mas couro desse tipo cedia. Entrou na picape e ligou o motor. Havia pouco mais de três quartos de gasolina no tanque; Grey achou que isso o levaria até a metade do caminho para Denver.

Já ia sair quando um último pensamento lhe ocorreu. Puxou o freio de mão e voltou ao quarto. Segurando a pistola a pouca distância do corpo, voltou à picape e colocou a arma no porta-luvas. Então, tendo apenas ela como companhia, engrenou o carro e foi embora.

SEIS

Mamãe estava no quarto. Mamãe estava no quarto, sem se mexer. Mamãe estava no quarto, que era local proibido. Mamãe estava morta, para ser mais exato.

Depois que eu me for, lembre-se de comer, porque às vezes você esquece. Tome banho dia sim, dia não. Tem leite na geladeira, cereal no armário e hambúrgueres de forno no freezer, para esquentar. Trezentos e cinquenta graus durante uma hora, e lembre-se de desligar o forno quando tiver terminado. Seja meu garotão, Danny. Sempre amarei você. Só não posso mais sentir medo. Com amor, mamãe.

Ela havia deixado o bilhete enfiado entre o saleiro e o pimenteiro na mesa da cozinha. Danny gostava de sal, mas não de pimenta, que o fazia espirrar. Dez dias haviam passado – Danny sabia disso por causa das marcas que fazia no calendário toda manhã – e o bilhete ainda estava ali. Não sabia o que fazer com ele. O lugar inteiro estava com um cheiro horrível, como o de um gambá ou um guaxinim que tivesse sido atropelado repetidamente durante dias.

O leite também não estava bom. Com a eletricidade desligada, tinha ficado quente e azedo, pegajoso e desagradável na boca. Experimentou comer o cereal com água da torneira, mas não era a mesma coisa, nada era a mesma coisa, tudo era diferente, porque mamãe estava no quarto dela. À noite ele ficava sentado no seu quarto com a porta fechada. Sabia onde mamãe deixava as velas, estavam no armário em cima da pia – onde ela guardava sua garrafa de uísque para quando ficava nervosa demais –, mas ele não tinha permissão para os fósforos. Eles estavam na lista. Não era uma lista de verdade, eram só as coisas que ele não podia fazer nem tocar. A torradeira, porque ele ficava empurrando o botão de volta para baixo e queimando a torrada. A pistola na mesinha de cabeceira de mamãe, porque não era brinquedo, podia dar um tiro na gente. As meninas no seu ônibus, porque elas não iriam gostar, e ele não

poderia mais dirigir o número 12, o que seria ruim. Seria a pior coisa do mundo para Danny Chayes.

Não ter eletricidade significava não ter TV, por isso ele não podia assistir ao trenzinho Thomas, também. Thomas era para menininhos pequenos, Danny sabia, mamãe tinha dito um milhão de vezes, mas o terapeuta, o Dr. Francis, disse que não fazia mal assistir, desde que Danny também experimentasse outras coisas. Seu trem predileto era o James. Danny gostava da cor vermelha dele e do vagão de carga da mesma cor, e o som da voz dele, como o narrador fazia, tão tranquilizador que provocava cócegas na sua garganta. Os rostos eram difíceis para Danny, mas as expressões nos trens eram sempre exatas e fáceis de acompanhar. E era engraçado: as coisas que eles faziam uns com os outros, as peças que gostavam de pregar. Trocando os trilhos para o Percy bater num monte de carvão. Derramando chocolate em cima do Gordon, que puxava a composição, porque ele era uma locomotiva tão metida a besta. Às vezes as crianças do ônibus zombavam de Danny, chamando-o de Topham Hatt, como o controlador da ferrovia, e cantando a música do desenho substituindo a letra por uma que não era legal. Na maior parte do tempo Danny se desligava disso. Mas havia um garoto. O nome dele era Billy Nice, e ele não era nem um pouco legal. Era do sexto ano, mas Danny achava que ele devia ter levado bomba algumas vezes, porque tinha o corpo igual ao de um adulto. Ele entrava no ônibus todos os dias sem ter sequer um livro nas mãos, zombando de Danny enquanto subia os degraus, dando tapas tipo “toca aqui” nas mãos dos outros garotos ao andar cheio de pose pelo corredor, arrastando seu fedor de cigarro.

Ei, Topham Hatt, como vão as coisas na ilha de Sodor? É verdade que a Sra. Hatt gosta de tomar na tarraqueta?

Rá-rá-rá, Billy gargalhava. Rá-rá-rá. Danny nunca respondia nada, porque isso só iria piorar as coisas. Nunca havia contado nada ao Sr. Purvis, porque sabia o que o sujeito iria dizer. *Que droga, Danny, por que você deixa aquele merdinha tratar você assim? Deus sabe que você é um cara esquisito, mas você tem de se defender. Você é o capitão daquele navio. Se permitir um motim, a próxima coisa que vai saber é que tudo vai para o lixo.*

Danny gostava do Sr. Purvis, o encarregado dos ônibus. O Sr. Purvis sempre tinha sido amigo de Danny e de mamãe também. Mamãe era uma das funcionárias do refeitório, de modo que os dois se conheciam, e o Sr. Purvis vivia aparecendo em casa, consertando coisas, como o triturador ou uma tábua solta na varanda, apesar de ter uma mulher, a Sra. Purvis. Era um homem grande e careca que gostava de assobiar entre os dentes e vivia puxando as calças para cima. Às vezes ele até os visitava à noite, depois que Danny estava na cama. Danny ouvia a TV ligada na sala e os dois rindo e conversando. Danny gostava daquelas noites. Elas davam uma sensação boa na sua mente, como o clique feliz. Quando alguém perguntava, mamãe sempre dizia que o pai de Danny "não estava na foto", o que era precisamente verdadeiro. Havia fotos de mamãe na casa, fotos de Danny e fotos dos dois juntos. Mas ele nunca tinha visto uma foto com o pai. Danny nem sabia o nome dele.

O ônibus tinha sido ideia do Sr. Purvis. Ele ensinou Danny a dirigir no pátio da garagem, foi com ele tirar sua carteira e o ajudou a preencher a inscrição. A princípio mamãe não tinha muita certeza, porque precisava de Danny para ajudar em casa, já que ele era uma locomotiva útil, e por causa do Seguro Social, que era dinheiro do governo. Mas Danny sabia o verdadeiro motivo, que era seu jeito diferente e especial. Mamãe tinha explicado, usando sua voz cuidadosa, que o negócio de ter um emprego era que a pessoa precisava ser "adaptável". Coisas aconteceriam, coisas diferentes. Veja por exemplo o refeitório. Em alguns dias eles serviam cachorro-quente, e em alguns dias lasanha, e em outros dias frango à passarinho. O menu podia dizer uma coisa, mas acabava sendo outra; a gente não podia saber sempre. Isso não iria perturbá-lo?

Mas um ônibus não era um refeitório. Um ônibus era um ônibus, e ele seguia uma programação exata. Quando Danny ficava atrás do volante, sentia o clique feliz mais forte e mais profundo do que nunca na vida. Dirigir um ônibus! Um ônibus grande e amarelo, com todos os bancos em fileiras organizadas, a alavanca com suas seis marchas e mais a ré, tudo muito bem-arrumado diante dele. Não era um trem, mas chegava perto, e a cada manhã, enquanto saía da

garagem, Danny sempre imaginava que ele era o Gordon, o Henry ou o Percy, ou mesmo o próprio Thomas.

Era sempre pontual. Quarenta e dois minutos da garagem até o ponto final, 13 quilômetros, 19 paradas, 29 passageiros, exatamente. *Robert-Shelly-Brittany-Maybeth-Joey-Darla/Denise (as gêmeas)-Pedro-Damien-Jordan-Charlie-Oliver (O Ó)-Sasha-Billy-Molly-Lyle-Dick (Cabeça-de-bagre)-Richard-Lisa-Mckenna-Anna-Lily-Matthew-Charlie-Emily-JohnJohn-Kayla-Sean-Timothy.* Às vezes um dos pais esperava com eles na esquina, uma mãe com roupão ou um pai de paletó e gravata, segurando uma caneca de café. *Como vai, Danny*, podiam dizer, com um sorriso de bom-dia no rosto. *Sabe, a gente poderia acertar o relógio com você.*

Seja minha locomotiva útil, mamãe sempre dizia, e era isso que Danny era.

Mas agora as crianças tinham sumido. Não só as crianças: todo mundo. Mamãe, o Sr. Purvis e talvez todas as pessoas do mundo. As noites eram escuras e mesmo assim não havia luzes acesas em lugar nenhum. Durante um tempo tinha havido muito barulho – pessoas gritando, sirenes uivando, caminhões do Exército rugindo pela rua. Ele tinha ouvido os estalos das armas. *Pou!*, faziam as armas. *Pou-pou-pou-pou!* Em que estão atirando? Danny queria saber, mas mamãe não dizia. Usando sua voz forte, ela disse para ele ficar dentro de casa e para não assistir à TV, e ficar longe das janelas. E o ônibus?, perguntava Danny, e mamãe só dizia: Que droga, Danny, não se preocupe com o ônibus agora. A escola está fechada hoje. E amanhã?, perguntava Danny. E mamãe dizia: Vai estar fechada amanhã também.

Sem o ônibus ele não sabia o que fazer consigo mesmo. Seu cérebro parecia agitado, como milho pulando numa panela. Queria que o Sr. Purvis pudesse vir e assistir à TV com mamãe, isso sempre fazia com que ela se sentisse melhor com as coisas, mas o sujeito não vinha. O mundo ficou quieto, como estava agora. Havia monstros por aí. Danny havia deduzido isso. Por exemplo, havia a mulher que morava do outro lado da rua, a Sra. Kim. Ela dava aulas de violino, as crianças vinham à sua casa para estudar, e nos dias de verão, quando as janelas estavam abertas, Danny podia ouvi-las

tocando brilha-brilha-estrelinha, Mary-tinha-um-carneirinho e outras coisas cujo nome ele não sabia. Agora não havia violino e a Sra. Kim estava pendurada no corrimão da varanda. Ninguém vinha pegá-la.

Até que uma noite Danny ouviu mamãe chorando no quarto. De vez em quando ela chorava assim, sozinha, era normal e natural, e não era nada com que Danny devesse se preocupar, mas dessa vez parecia diferente. Durante muito tempo ele ficou na cama escutando, imaginando como deveria ser aquilo, sentiu uma coisa tão triste a ponto de fazer chorar, mas, por mais que tentasse, a ideia era como algo numa prateleira que ele não conseguisse alcançar. Em algum momento mais tarde acordou no escuro e sentiu alguém tocando seu cabelo. Abriu os olhos e a viu sentada ali. Danny não gostava de ser tocado, isso o fazia estremecer, uma coisa horrível, mas tudo bem quando mamãe fazia isso, na maior parte das vezes, porque ele estava acostumado. Seria mamãe? O que está errado?, perguntou Danny. Mas ela só disse “Quieto, quieto”, usando sua voz calma. Havia alguma coisa no colo dela, enrolada numa toalha. Eu te amo, Danny. Sabe quanto eu te amo? Eu te amo também, mamãe, disse ele, porque essa era a resposta certa quando alguém dizia eu-te-amo, e caiu no sono com a sensação daquela mão acariciando-o, e de manhã a porta do quarto dela estava fechada e nunca mais se abriu e Danny soube. Nem precisou olhar.

Decidiu dirigir o ônibus, afinal de contas.

Porque talvez ele não fosse a única pessoa ainda viva. Porque dirigir o ônibus lhe dava o clique feliz. Porque não sabia o que fazer, com mamãe no quarto, o leite estragado e todos os dias que passavam.

Tinha arrumado suas roupas na noite anterior, do jeito que mamãe sempre fazia – uma calça cáqui, uma camisa branca de colarinho e sapatos marrons de cadarço –, e preparou um lanche. Não restava muita coisa para comer, a não ser creme de amendoim, uns biscoitos de água e sal e um saco de marshmallows estragados, mas ele havia guardado uma garrafa de refrigerante e colocou tudo na mochila junto com seu canivete e a moeda da sorte. Depois foi ao armário pegar o boné, o boné de listras azuis, de maquinista, que

mamãe havia comprado para ele no Traintown. O Traintown era um parque onde as crianças podiam andar nos trens, que nem o trenzinho Thomas. Danny ia lá desde que era pequeno, era o seu lugar predileto no mundo, mas os vagões eram pequenos demais para Danny caber com suas pernas grandes e os braços compridos, por isso gostava de olhar os trens girando e girando com seus pequenos sopros de fumaça saindo das chaminés. A não ser nas idas ao Traintown, mamãe não deixava que ele usasse o boné fora de casa, dizia que as pessoas iriam zombar dele, mas Danny achou que não faria mal usá-lo agora.

Partiu ao amanhecer. As chaves do ônibus estavam no seu bolso, encostadas na coxa. A garagem ficava a exatos cinco quilômetros dali, na avenida Manheim. Ele não havia andado nem um quarteirão quando viu os primeiros corpos. Alguns estavam nos carros, outros caídos nos gramados, jogados sobre latas de lixo ou mesmo pendurados em árvores. A pele havia ficado da mesma cor cinza-azulada da Sra. Kim, as roupas esticadas sobre os membros, que tinham inchado no calor do verão, que nem salsichas cozidas dentro das embalagens. Era ruim de olhar, ruim mas estranho e também interessante. Se tivesse mais tempo, Danny teria parado para ver mais de perto. Havia muito lixo, pedaços de papel, copos de plástico e sacos de supermercado, e Danny não gostava disso. As pessoas não deveriam jogar lixo na rua.

Quando chegou à garagem, o sol batia quente nos seus ombros. A maioria dos ônibus estava ali, mas não todos. Estavam estacionados em fileiras com espaços vazios, como uma boca onde faltassem dentes. Mas o ônibus de Danny, o número 12, esperava na vaga de sempre. Havia muitos tipos diferentes de ônibus no mundo, ônibus intermunicipais, ônibus de aluguel, ônibus municipais e micro-ônibus, e Danny sabia sobre todos eles. Era algo que ele gostava de fazer: aprender tudo que houvesse para saber sobre uma coisa. Seu ônibus era um Redbird 450, modelo Foresight. Construído com os mais elevados padrões de engenharia – acessórios de fábrica, acesso fácil ao motor através do Easy Hood® Assist, um painel avançado de informações para o condutor, com enorme variedade de dados sobre o sistema tanto para o motorista quanto para os

técnicos de serviço, e o chassi Redbird Comfortride® –, o 450 era a atual escolha número um no ramo de transporte escolar quando se pensava em segurança, qualidade e durabilidade.

Danny subiu a bordo e enfiou a chave na ignição; quando o grande motor a diesel Caterpillar rugiu, um jorro quente encheu sua barriga, afastando qualquer dúvida da mente. Olhou o relógio: 6h52. Quando o ponteiro grande chegou ao 12, ele engrenou o ônibus e saiu da garagem.

A princípio pareceu estranho dirigir pelas ruas vazias sem ninguém à vista, mas quando Danny estava se aproximando da primeira parada – a casa dos Mayfield, Robert e Shelly – havia entrado nos ritmos da manhã. Era fácil imaginar que hoje era um dia comum. Parou o ônibus. Bom, Robert e Shelly às vezes se atrasavam. Ia tocar a buzina e eles sairiam correndo pela porta, com a mãe se despedindo com um aceno e gritando para eles serem bonzinhos e se divertirem. A casa era um bangalô não muito maior do que aquele em que Danny morava com a mãe, porém mais bonito, pintado em cor de abóbora e com uma varanda larga onde havia um balanço. Na primavera sempre havia cestos de flores pendurados no corrimão. Os cestos ainda estavam ali, mas todas as flores tinham murchado. A grama precisava ser aparada, também. Danny esticou o pescoço para olhar pelo para-brisa. Uma janela do segundo andar parecia ter sido arrancada da moldura. A persiana continuava onde a janela costumava ficar, pendurada para fora feito uma língua. Ele buzinou e esperou um minuto. Mas ninguém veio.

7h08. Tinha outras paradas para fazer. Afastou-se da esquina e guiou o ônibus ao redor de um Prius tombado. Encontrou outras coisas na rua. Um carro de polícia virado de cabeça para baixo e esmagado. Uma ambulância. Um gato morto. Um monte de casas tinha um X pintado com spray na porta, com números e letras nos espaços. Quando chegou à segunda parada, um conjunto de casas chamado Castle Oaks, já estava 12 minutos atrasado. *Brittany-Maybeth-Joey-Darla-Denise.* Deu uma buzinada comprida, depois outra. Mas não adiantava. Agora Danny só estava repetindo os movimentos. Castle Oaks era uma ruína soltando fumaça. Todo o conjunto tinha sido incendiado até os alicerces.

Mais paradas: em todas a mesma coisa. Guiou o ônibus para oeste entrando na Western até Cherry Creek. Ali as casas eram maiores, afastadas da rua, atrás de amplos gramados inclinados. Grandes árvores frondosas faziam cortinas de sombras pintalgadas na rua. Havia uma sensação de calma, estava mais pacífico. As casas pareciam continuar como sempre, e não havia corpos que Danny pudesse ver. Mas mesmo assim não havia crianças.

Nesse ponto seu ônibus deveria ter 25 crianças. O silêncio era irritante. O barulho no ônibus sempre aumentava pelo caminho, crescendo um pouco mais a cada parada, com cada criança que entrava, do mesmo modo como a música crescia num filme quando a última cena estava chegando. A última cena era a lombada. Um quebra-molas na avenida Lindler. *Faz o pulo, Danny!*, gritavam todos. *Faz o pulo!* E, mesmo que ele não devesse, acelerava um pouco o ônibus, fazendo todos pularem dos bancos, e naquele único momento sentia-se parte do grupo. Nunca fora uma criança como elas, simplesmente um garoto indo para a escola. Mas, quando o ônibus pulava na lombada, ele era exatamente isso.

Danny estava pensando nisso, sentindo falta das crianças, até de Billy Nice e suas piadas idiotas e seu rá-rá-rá, quando viu um garoto à frente. Era Timothy Reese. Estava esperando com sua irmã mais velha no fim da entrada de veículos da casa. Danny conheceria o garoto em qualquer lugar, por causa dos cabelos arrepiados: dois espetos que se projetavam da parte de trás da cabeça como as antenas de um inseto. Timothy era um dos meninos mais novos, do segundo ano, ou talvez do terceiro, e era pequeno; às vezes a empregada esperava com ele, uma mulata gorda que usava guarda-pó, mas geralmente era a irmã mais velha do garoto, que Danny achava que devia estar no ensino médio. Era uma garota engraçada de se olhar, não engraçada tipo rá-rá, mas engraçada tipo estranha, com cabelo tingido da cor do remédio que sua mãe lhe dava quando seu estômago ficava nervoso por ter comido rápido demais, e delineador preto e grosso que a fazia parecer um daqueles quadros num filme de terror, do tipo com olhos que se mexiam. Ela usava uns 10 brincos em cada orelha; na maioria dos dias andava com uma coleira de cachorro no pescoço. Uma coleira de cachorro! Como se

ela fosse um cachorro! O esquisito é que Danny a achava meio bonita, se não fossem todas aquelas coisas estranhas. Não conhecia nenhuma garota da idade dela, na verdade não conhecia garotas de nenhuma idade, e gostava de como ela esperava com o irmão, segurando a mão dele mas soltando quando o ônibus se aproximava, de modo que as outras crianças não vissem.

Parou junto à entrada de veículos e puxou a alavanca para abrir a porta.

– Ei – disse, porque foi só nisso que conseguiu pensar. – Ei, bom dia.

Parecia que era a vez deles de falar, mas não disseram nada. Danny deixou o olhar examinar rapidamente o rosto dos dois: não conseguia decifrar as expressões. Nenhum dos trens no desenho do Thomas se parecia com aqueles dois. Os trens do Thomas eram felizes, tristes ou chateados, mas isso era outra coisa, como a tela vazia da TV quando o sinal do cabo não estava funcionando. Os olhos da garota estavam inchados e vermelhos, o cabelo parecia meio amarrotado. Timothy estava com o nariz escorrendo e ficava limpando-o com as costas da mão. A roupa dos dois estava toda amarrotada e manchada.

– Ouvimos você buzinar – disse a garota. Sua voz estava rouca e trêmula, como se fizesse algum tempo que não a usasse. – Estávamos escondidos no porão. Ficamos sem comida há dois dias.

Danny deu de ombros.

– Eu tinha cereais. Mas só com água. Desse jeito não fica bom.

– Ainda tem mais alguém? – perguntou a garota.

– Tem mais alguém o quê?

– Vivo.

Danny não sabia como responder. A pergunta parecia grande demais. Talvez não tivesse; ele vira muitos corpos. Mas não queria dizer isso, principalmente com Timothy ali.

Olhou para o menino, que até agora não tinha dito nada, só ficava esfregando o nariz, nervoso, com o pulso.

– Ei, Timbo. Está com alergia? Às vezes eu tenho isso.

– Nossos pais estão em Telluride – declarou o menino. Estava olhando para os tênis. – Consuela estava com a gente. Mas se foi.

Danny não sabia quem era Consuela. Era difícil quando as pessoas não respondiam à sua pergunta e em vez disso respondiam a outra pergunta em que ele nem havia pensado.

– Certo – disse Danny.

– Ela está no quintal dos fundos.

– Como ela pode estar no quintal dos fundos se foi embora?

Os olhos do menino se arregalaram.

– Porque ela está *morta*.

Durante dois segundos ninguém disse nada. Danny imaginou por que eles ainda não tinham entrado no ônibus e se teria de pedir a eles.

– Todo mundo deveria ir para o Mile High – disse a garota. – A gente escutou no rádio.

– O que é que tem no Mile High?

– O Exército. Disseram que lá é seguro.

Pelo que Danny tinha visto, o Exército também estava morto. Mas o Mile High seria um lugar aonde ir. Ele não havia pensado nisso antes. Aonde estava indo?

– Sou April – disse a garota.

Ela parecia uma April. Era engraçado como alguns nomes eram assim. Pareciam se encaixar.

– Sou Danny – disse ele.

– Eu sei – respondeu April. – Por favor, Danny, tire a gente daqui.

SETE

A cor não estava certa, decidiu Lila. É, não estava nem um pouco certa.

O tom se chamava “creme de manteiga”. Na amostra da loja era um amarelo suave, desbotado, como linho antigo. Mas agora, enquanto Lila dava um passo para trás e inspecionava o trabalho, com o rolo na mão e pingando – honestamente, ela estava fazendo uma tremenda sujeira; por que David não podia fazer essas coisas? –, mais parecia... bom, o quê? Um limão. Um limão *elétrico*. Talvez numa cozinha ficasse bem, numa cozinha luminosa, ensolarada, com janelas dando para um jardim. Mas não num quarto de bebê. Meu Deus, pensou, com uma cor assim o bebê não dormiria nada.

Que deprimente. Todo o trabalho duro desperdiçado. Levar a escada do porão até em cima, colocar as lonas para aparar os pingos, ficar de quatro para isolar o rodapé com fita adesiva, e descobrir que teria de voltar à loja e começar de novo. Tinha planejado terminar o quarto na hora do almoço, deixando tempo para a tinta secar antes de colar a faixa decorativa de papel de parede, um padrão repetido de cenas de Beatrix Potter. David achava a faixa idiota – “sentimental” foi a palavra que ele usou –, mas Lila não se importava. Amava as histórias do Coelho Peter quando era criança, subindo no colo do pai ou se aninhando na cama para ouvir, pela centésima vez, a história de quando Peter fugiu do jardim do Sr. McGregor. O quintal da casa deles em Wellesley tinha uma cerca viva, e durante anos – muito depois de quando deveria ter parado de pensar nessas coisas – Lila havia procurado pacientemente nela um coelho com casaquinho azul.

Mas agora o Coelho Peter teria de esperar. Uma onda de exaustão a dominou; precisava pôr os pés para cima. Os vapores também a estavam deixando tonta. Parecia haver alguma coisa errada com o ar-condicionado, embora ela sempre sentisse um pouco de calor com o neném. Esperava que David chegasse logo em casa. As

coisas estavam loucas no hospital. Ele havia ligado uma vez, avisando que iria se atrasar, mas desde então ela não tivera notícias.

Desceu até a cozinha. O lugar estava uma bagunça horrível. Pratos empilhados na pia, bancadas sujas, o piso embaixo dos pés descalços pegajoso de sujeira. Lila parou junto à porta, perplexa. Não havia percebido como tinha deixado a coisa ficar ruim, e o que havia acontecido com Yolanda? Fazia quanto tempo que ela não aparecia? As terças e quintas eram os dias da faxineira. Que dia era hoje? Olhando para a cozinha, pensou Lila, seria de imaginar que fazia semanas que Yolanda não vinha à casa. Certo, o inglês da mulher não era dos melhores e às vezes ela fazia coisas estranhas, como confundir as colheres de chá com as de sopa – como David reclamava disso! – ou colocar as contas, antes de serem abertas, direto na lata de lixo para reciclar. Coisas irritantes desse tipo. Mas Yolanda não era de faltar ao trabalho. Numa manhã de inverno ela aparecera com uma tosse tão ruim que Lila podia ouvir do andar de cima; praticamente teve de arrancar o esfregão das mãos da mulher, dizendo: *Por favor, Yolanda, deixe-me ajudá-la, eu sou médica.* (Claro que era bronquite; Lila tinha auscultado o peito da mulher ali mesmo na cozinha e prescrito amoxicilina, sabendo muito bem que Yolanda provavelmente nem *tinha* um médico, quanto mais plano de saúde.) Portanto, certo, às vezes ela jogava a correspondência fora e misturava os talheres e colocava as meias na gaveta de cuecas, mas era trabalhadora, na verdade era incansável, uma presença animada e pontual com a qual eles contavam, com seus horários malucos. E agora nem mesmo um telefonema.

E isso era outra coisa. Parecia que o telefone não estava funcionando, e além do mais não havia correio. Nem jornal. Mas David tinha dito para ela não sair sob nenhuma circunstância, por isso Lila não tinha verificado. Talvez o jornal estivesse jogado na calçada.

Pegou um copo no armário e abriu a torneira. Do encanamento veio um gemido, um arroto de ar e... nada. A água também! Então lembrou-se: fazia um tempo que a água havia acabado. Agora teria de chamar um encanador, além de todo o resto. Ou teria chamado, se os telefones estivessem funcionando. Era a cara de David, estar

longe quando tudo estava degringolando de vez. Essa era uma das expressões prediletas do pai de Lila, “degringolando de vez”. O que, exatamente, significava “degringolar”? Poderia ser “lar de gringo”, virando ao contrário. Havia um monte de palavras assim, até mesmo algumas simples que subitamente pareciam estranhas, como se a gente nunca as tivesse visto antes. Fralda. Equivocado. Encanador. Casada.

Havia sido mesmo esta a sua ideia, casar-se com David? Porque não se lembrava de ter pensado: *vou me casar com David*. Coisa que a pessoa *deveria* pensar, provavelmente, antes de fazer. Era estranho como num minuto a vida era de um determinado modo e em seguida era de outro, e você não conseguia se lembrar do que tinha feito para que tudo isso acontecesse. Não diria exatamente que amava David. Ela *gostava* dele. Ela o *admirava*. (E quem poderia não admirar David Centre? Chefe da Cardiologia do Hospital Geral de Denver, fundador do Instituto de Eletrofisiologia do Colorado, um homem que corria maratonas, fazia parte de diretorias, tinha ingressos para a temporada esportiva e a ópera, que todos os dias tirava pacientes das garras da morte?) Mas a soma desses sentimentos resultava em amor? E, se não resultasse, você deveria se casar com esse homem porque estava com o filho dele na barriga – nada planejado, simplesmente havia acontecido – e porque, num momento de nobreza característica do David, ele anunciara que pretendia “fazer a coisa certa”? Qual *era* a coisa certa? E por que David às vezes não parecia David e sim alguém *parecido* com David, um objeto igual ao David, do tamanho de um homem? Quando Lila dera ao pai a notícia do noivado, pôde ver no rosto dele: ele sabia. Estava sentado à escrivaninha no escritório de casa, cercado pelos livros que amava, passando cola no mastro de um modelo de navio. No minúsculo movimento de erguer as sobrancelhas generosas a verdade estava escrita.

– Bom – disse ele, e pigarreou, parando para atarraxar a tampa do vidrinho de cola. – Dá para ver como, nas circunstâncias, você pode querer isso. Ele é um homem bom. Você pode fazer o casamento aqui, se quiser.

E ele era mesmo, e eles fizeram, indo de avião para Boston bem à frente de uma tempestade de primavera, com tudo apressado e arrumado de qualquer jeito, apenas um punhado de parentes e amigos que puderam chegar na última hora, de pé desajeitadamente na sala de estar enquanto os votos eram trocados (isso demorou uns dois minutos) antes de pedirem licença e irem embora. Até o pessoal do bufê saiu cedo. Não era o fato de Lila estar grávida que tornava tudo tão estranho. Era, ela sabia, o fato de alguém estar faltando.

Alguém estaria sempre faltando.

Mas tudo bem. Deixe para lá David e seu casamento medonho (na verdade mais pareceu um velório) com as pilhas de salmão sobrando, a neve e todo o resto. O importante era o neném e cuidar de si mesma. O mundo podia degringolar de vez, se quisesse. O importante era o neném. Seria uma menina, Lila tinha visto no ultrassom. Uma menininha. Mãos minúsculas, pés minúsculos e um coração e pulmões minúsculos flutuando no caldo quente de seu corpo. O neném gostava de soluçar. *Hic!*, fazia o neném minúsculo. *Hic! Hic!* Soluço: também era uma palavra engraçada. O neném respirava o líquido amniótico, contraindo o diafragma, fazendo a epiglote fechar. Um movimento diafragmático sincrônico, ou singulus, do latim *singultus*, "ato de prender a respiração enquanto soluçamos". Quando Lila aprendeu isso na escola de medicina, havia pensado: Uau. Só uau. E, claro, tinha começado imediatamente a ter soluços; isso aconteceu com metade dos alunos. Havia um homem na Austrália, Lila sabia, que vinha tendo soluços constantemente fazia 17 anos. Ela o tinha visto num programa da TV.

Mas que dia era hoje? Tinha chegado ao corredor da frente, percebendo cada vez mais, como se a mente estivesse subindo na ponta dos pés para olhar por cima de uma borda, se houvesse puxado a cortina para olhar lá fora. Não, nada de jornal. Nada do *Denver Post*, do *New York Times* ou aquela coisinha vagabunda do bairro que ia direto para a lixeira. Através do vidro podia ouvir o zumbido agudo dos insetos de verão, vindo das árvores. Geralmente dava para ver um ou dois carros passando, o carteiro assobiando pelo quarteirão, uma babá empurrando um carrinho, mas hoje não. *Volto quando ficar sabendo mais. Fique dentro de casa, tranque as*

portas. Não saia sob nenhuma circunstância. Lila se lembrava de David ter dito essas coisas; lembrava-se de ter ficado junto à janela olhando o carro dele, um daqueles Toyotas novos, movidos a hidrogênio, totalmente silencioso na entrada de veículos. Santo Deus, até o carro dele era virtuoso. O papa provavelmente tinha um igual.

Mas aquilo não era um cachorro? Lila encostou o rosto no vidro. O cachorro dos Johnson estava andando pelo meio da rua. Os Johnson moravam a duas casas da dela, um casal com o ninho vazio, a filha casada e morando em algum lugar, o filho na faculdade. MIT? Caltech? Uma dessas. A Sra. Johnson ("Pode me chamar de Sandy!") tinha sido a primeira vizinha a aparecer à porta deles no dia da mudança, trazendo um bolo e grandes olás, e Lila a via quase toda tarde quando não estava de plantão, às vezes na companhia do marido, Geoff, passeando com Roscoe, um grande golden retriever sorridente, tão submisso que se jogava de barriga para cima na calçada quando qualquer pessoa se aproximava. ("Desculpe a porra do meu cachorro bicha", dizia Geoff.) Era o Roscoe que andava ali, mas algo não estava certo. Ele não parecia o mesmo. As costelas se destacavam como as teclas de um xilofone (Lila teve, fugazmente, a lembrança de quando tocava glockenspiel na escola primária, e a melodia de "Frère Jacques" tilintando), e ele estava andando de um modo perturbadoramente sem objetivo, segurando alguma coisa na boca. Algum tipo de... coisa mole. Será que os Johnson sabiam que ele estava solto? Será que deveria ligar para eles? Mas os telefones não estavam funcionando e ela havia prometido a David ficar dentro de casa. Sem dúvida outra pessoa iria vê-lo e dizer: ora, esse é o Roscoe; ele deve ter fugido.

David desgraçado, pensou. Ele podia ser tão envolvido consigo mesmo, tão sem consideração, fazendo sabe-se lá o quê, quando ela estava ali, sem água, sem telefone, sem eletricidade e com a cor do quarto do neném toda errada. Nem havia chegado perto! Ela só estava com 24 semanas, mas sabia como o tempo corria. Num minuto já haviam passado meses e a próxima coisa que você sabia era que estava correndo pela porta no meio da noite com sua maleta, pisando fundo até o hospital, e então estava de costas sob as luzes,

bufando e soprando, as contrações atravessando o corpo, dominando-a, e nada mais iria acontecer até que você tivesse o neném. E através da névoa da dor você encontraria uma mão na sua, abriria os olhos e veria Brad ao lado, com uma expressão para a qual você não tinha nome, uma expressão linda, desamparada e aterrorizada, e ouviria a voz dele dizendo: *Empurre, Lila, está quase lá, mais um empurrão e vai terminar*, e você faria isso: procuraria dentro de si e encontraria a força para essa última coisa e empurraria o bebê para fora. E no silêncio que viria em seguida, enquanto ele lhe entregava o presente mágico que era seu bebê envolto em panos, você sentiria a justeza profunda e permanente de sua vida, sabendo que tinha escolhido esse homem acima de todos os outros porque simplesmente era o certo, e que seu neném, Eva, essa criatura nova e quente que vocês haviam feito juntos, era exatamente isso: vocês dois tornados um.

Brad? Por que estava pensando em Brad? *David.* David era o seu marido, não Brad. O papa David e seu papamóvel. Será que já houvera um papa David? Provavelmente. Lila era metodista. Não era a pessoa certa a quem perguntar.

Bom, já chega, pensou, depois que Roscoe havia sumido de vista. Estava farta de ficar presa numa casa imunda. David podia fazer o que quisesse; ela não via motivo para ficar parada naquele dia lindo de junho, sem ter o que fazer. Seu velho e confiável Volvo esperava na entrada de veículos. Onde estava a bolsa? A carteira? As chaves? Mas ali estavam, na mesinha junto à porta da frente. Exatamente onde havia deixado algum tempo atrás.

No andar de cima, foi ao banheiro – meu Deus, o vaso estava numa situação terrível, ela nem queria *pensar* nisso – e examinou o rosto no espelho. É, não parecia muito bom. Seria de pensar que ela havia estado num naufrágio – o cabelo parecia um ninho de rato, os olhos fundos e remelentos. A pele estava pálida como se não visse o sol havia semanas. Ela não era daquelas mulheres que precisavam se arrumar durante uma hora antes de sair de casa, mas, claro, isso era impossível; optou por lavar o rosto com água de uma das jarras que estavam na pia, usando um pano para esfregar a pele até ficar rosa. Passou uma escova no cabelo e o prendeu atrás com um

elástico; aplicou blush nas bochechas, passou rímel nos cílios e pôs um pouco de batom. Usava apenas uma camiseta e uma calcinha, por causa do calor; foi até o quarto, cheio de velas apagadas, montes de roupa suja e o cheiro pegajoso de lençóis não lavados, e pegou no armário uma camisa de David. O que usar embaixo disso era um problema – nada mais cabia direito. Decidiu-se por um jeans largo em que podia se enfiar caso não fechasse o botão de cima e um par de sandálias.

De novo na frente do espelho. Nada mau, concluiu. Uma melhora, definitivamente. Afinal de contas não iria a nenhum lugar especial. Ainda que talvez fosse bom parar para almoçar, assim que suas tarefas estivessem terminadas. Certamente merecia isso, depois de ficar tanto tempo dentro de casa. Algum lugar legal, onde pudesse almoçar ao ar livre. Poucas coisas eram melhores do que uma taça de vinho e uma salada, sentada ao ar livre numa tarde de verão. O Café des Amis – era isso aí. Eles tinham um pátio lindo cercado de trepadeiras com flores perfumadas e um chefe de cozinha incrível que havia estudado na Cordon Bleu – ele tinha visitado a mesa deles uma vez. Pierre? François? O sujeito era capaz de fazer maravilhas com molhos, criando os sabores mais profundos até mesmo com os pratos mais simples; seu *coq au vin* era de matar. Mas o Des Amis era mesmo conhecido pelas sobremesas, em especial a musse de chocolate. Lila nunca havia provado uma coisa tão celestial. Ela e Brad sempre dividiam uma depois do jantar, cada um colocando as colheradas na boca do outro, como dois adolescentes tão apaixonados que o mundo mal existia além deles.

Dias tão bem-aventurados – dias de namoro, todas as promessas da vida se abrindo diante deles como as páginas de um livro. Como os dois riram quando ela quase engoliu o anel de noivado que ele tinha posto dentro da espuma aerada de chocolate! E de novo na noite em que Lila despachou Brad sob uma chuva torrencial – qualquer coisa serviria, dissera ela, um Kit-Kat, um Almond Joy ou uma simples barra de Hershey's – e acordou uma hora depois vendo-o parado na porta do quarto, encharcado até os ossos, com o sorriso mais hilário no rosto e segurando um pote de plástico gigantesco com a famosa musse de chocolate de François – ou

Pierre? – suficiente para alimentar um exército. Brad era esse tipo de homem. Tinha ido até os fundos do restaurante, onde havia uma luz acesa, e batido na porta até que alguém fora receber sua nota de 50 dólares encharcada de chuva. E essa foi a coisa mais doce do mundo. *Meu Deus, Lila*, disse Brad enquanto ela colocava uma colherada na boca, *do jeito que as coisas estão indo, esse neném vai nascer meio achocolatado.*

Mas lá estava ela de novo. *David.* Agora David Centre era seu marido. Lila realmente precisava se concentrar nisso, não que ela e David jamais tivessem dividido uma musse de chocolate, estado no Café des Amis ou feito alguma coisa remotamente parecida com isso. O sujeito não tinha um fiapo de romantismo. Como havia deixado que um homem assim a convencesse a se casar com ele? Como se ela fosse meramente mais um item numa bela lista de coisas a fazer? Tornar-se médico famoso, confere. Engravidar Lila Kyle, confere. Fazer a coisa honrada, confere. Ele praticamente não parecia saber quem ela era.

Desceu a escada. Lá fora o sol de verão jorrava com tudo, enchendo o corredor como um gás dourado. Quando chegou à porta, uma empolgação pura a atravessava. Que doce libertação! Depois de tanto tempo entocada, finalmente aventurar-se lá fora! Só podia imaginar o que David diria quando descobrisse. *Pelo amor de Deus, Lila, eu disse que não era seguro. Você precisa pensar no neném.* Mas era no neném que ela estava pensando; o motivo era o neném. Era isso que David não entendia. David, que estava ocupado demais salvando o mundo para ajudar a decorar o quarto, que tinha um carro abastecido com aspargos, ou pó de fadas, ou pensamentos puros, ou sei lá o quê; que a havia deixado ali sozinha. Sozinha! E o que era pior, realmente o pior de tudo, é que ele nem *gostava* do Coelho Peter. Como era possível que ela tivesse um bebê com um homem que não gostava do Coelho Peter? O que isso revelava sobre ele? Que tipo de pai ele seria? Não: o que ela fazia não era da conta de David, concluiu Lila, pegando a bolsa e as chaves na mesinha do corredor e abrindo a porta. Não era da conta dele se ela saía ou se pintaria o quarto do neném de verde-escuro, vermelhão ou marrom-arroxeado. David podia ir se ferrar. Era o que ele podia fazer.

Lila Kyle compraria a tinta sozinha.

OITO

Não era um bom dia na sala do subdiretor. Hoje, 31 de maio – Memorial Day, não que isso importasse –, era uma espécie de dia do fim do mundo.

O Colorado havia acabado, basicamente. O Colorado já era. Denver, Springs, Fort Collins. Boulder, Grand Junction, Durango, os milhares de cidadezinhas no meio. As últimas imagens aéreas pareciam de uma zona de guerra: carros batidos nas estradas, prédios queimando, corpos por toda parte. Durante as horas do dia nada parecia se mover, a não ser os pássaros, enormes bandos espiralando, como se o Comando Central dos Urubus tivesse dado a ordem.

Será que alguém, por favor, poderia dizer a ele de quem fora a ideia de matar todo o estado do Colorado?

E o vírus estava em movimento. Espalhando-se em todas as direções, a mão com 12 dedos. Quando o Departamento de Segurança Interna isolou os principais corredores interestaduais – aqueles babacas embromadores não conseguiam sair de dentro de uma casa em chamas –, o cavalo já havia escapado do curral. Hoje cedo o Centro de Controle de Doenças havia confirmado casos em Kearney, Nebraska; Farmington, Novo México; Sturgis, Dakota do Sul; e Laramie, Wyoming. E esses eram só os que eles sabiam. Nada por enquanto em Utah ou Kansas, mas isso era só questão de tempo, talvez apenas horas. Eram 17h50 no norte da Virgínia, faltando três horas para o pôr do sol, cinco no Oeste.

Eles sempre se moviam à noite.

A reunião com o estado-maior não havia sido boa, mas ele não esperava que fosse. Para começar, havia todo o “problema” do Departamento de Armas Especiais. Os chefões militares nunca haviam se sentido particularmente confortáveis com o que o DAE fazia – mesmo não sabendo exatamente o que era – nem por que ele existia fora de qualquer cadeia de comando militar, tirando seu orçamento logo do Departamento de Agricultura. (Resposta: porque

ninguém ligava a mínima para a agricultura.) Os militares adoravam hierarquia, quem urinava mais alto no hidrante, e, na visão dos chefões, o Departamento de Armas Especiais não prestava contas a ninguém, suas peças eram montadas a partir de uma dúzia de outras agências e empresas particulares, bastante parecido com um jogo de cartas: o ás sempre se movendo, jamais estando onde você achava que estaria. Quanto ao que o DAE realmente fazia, bom, Guilder tinha ouvido os apelidos. “Desvio dos Armamentos Eficientes”. “Departamento de Absolutos Escrotos”. “Deu Algo Errado”. E o seu preferido: “Descontos no Armazém do Estado”. (Até ele havia começado a chamá-lo de Armazém.)

E foi assim que o subdiretor Horace Guilder (será que ainda havia algum diretor de verdade?) fora parar diante dos chefes do estado-maior (com estrelas e divisas suficientes ao redor da mesa para fundar uma tropa de escoteiros mirins), para oferecer sua avaliação oficial sobre a situação no Colorado. (Desculpe, nós fizemos vampiros; na ocasião pareceu uma boa ideia.) Seguiram-se 30 segundos de silêncio perplexo, todo mundo esperando para ver quem falaria em seguida.

Deixe-me ver se entendi direito, entoou o dirigente da sessão. Ele apoiou as mãos cruzadas na mesa. Guilder sentiu uma gota de suor pingar da axila e deslizar por toda a extensão do tronco. *Vocês decidiram fazer reengenharia com um vírus antigo que transformaria uma dúzia de prisioneiros do corredor da morte em monstros indestrutíveis que vivem de sangue e não pensaram em contar a ninguém sobre isso?*

Bom, não decidimos exatamente. Guilder não fazia parte do DAE desde o início. Tinha entrado na mudança da administração, com tanto dinheiro e tantos homens-hora já escorridos pelo ralo que não poderia pisar no freio nem se quisesse. O Projeto Noé estava sob uma cadeia de comando tão obscura que nem mesmo Guilder sabia onde ela se originava – provavelmente na Agência de Segurança Nacional, mas ele tinha a sensação de que poderia ser ainda mais alto do que isso, talvez até mesmo na própria Casa Branca. Mas, sentado diante dos chefes do estado-maior, essa distinção parecia não ter sentido. Guilder havia passado três décadas trabalhando em

agências onde tanta coisa era segredo que ninguém na verdade era responsável por coisa nenhuma. As ideias pareciam fluir por vontade própria. *Nós fizemos isso? Não, não fizemos.* E assim a coisa ia para a máquina de picotar papel. Exatamente o que estava prestes a acontecer com o Departamento de Armas Especiais; provavelmente com o próprio Guilder.

Mas enquanto isso havia culpa a ser distribuída. A reunião tinha se transformado rapidamente numa disputa de gritos, Guilder recebendo um soco verbal depois do outro. Sentiu alívio quando foi mandado para fora da sala, sabendo que a situação estaria fora de seu controle. Daí em diante os militares cuidariam do problema como cuidavam de qualquer assunto – atirando em tudo o que estivesse pela frente.

Guilder poderia até ter apresentado a situação de modo mais diplomático, mas as projeções do Centro de Controle de Doenças falavam por si. Três semanas, quatro no máximo, e o vírus dizimaria Chicago, St. Louis, Salt Lake. Seis semanas e eles estariam olhando para os litorais.

Vampiros, pelo amor de Deus. Em que ele estivera pensando?

Em que *todo mundo* estivera pensando?

E no entanto não havia dúvida de que Lear tinha descoberto alguma coisa. O grande Jonas Lear: até mesmo Guilder sentia-se intimidado pelo sujeito, um bioquímico de Harvard com QI de um zilhão e que, para todos os efeitos, inventara o campo da paleovirologia, recuperando e ressuscitando organismos antigos para uso atual. Dentro de seu círculo profissional se presumia que Lear fosse candidato certo para o Prêmio Nobel algum dia. Certo, talvez usar prisioneiros do corredor da morte não tivesse sido a coisa mais inteligente. Nesse ponto eles haviam metido os pés pelas mãos. E certamente, no fim, Lear não estava remando com as pás totalmente dentro da água. Mas era preciso admitir que a ideia abria possibilidades. Como, por exemplo, não morrer. Nunca. Uma questão em que ultimamente Guilder se pegara apostando com um risco pessoal nem um pouco desprezível.

Sua única esperança era a menina.

Amy de tal. A décima terceira cobaia, sequestrada de um convento em Memphis, Tennessee, onde sua mãe a havia abandonado. Guilder não tinha se sentido exatamente confortável em concordar com isso. Uma criança, pelo amor de Deus. Alguém iria notar, e havia notado: quando Wolgast a trouxe, todo mundo, desde a patrulha rodoviária de Oklahoma até o Judiciário, estava revirando o país atrás dela, e Richards, aquele lunático, tinha deixado uma trilha de corpos com um quilômetro de largura. As freiras do convento, mortas a tiros durante o sono. Dois policiais de uma cidadezinha. Seis pessoas numa lanchonete, cujo único erro fora ir tomar o café da manhã na mesma hora em que Wolgast e a menina entravam.

Mas o pedido para pegarem a garota, que viera do próprio Lear, não poderia ser recusado por Guilder. Cada um dos condenados fora infectado com uma variante ligeiramente alterada do vírus, mas os efeitos foram os mesmos. Doença, coma, transformação, e a próxima coisa que se sabia é que estavam pendurados de cabeça para baixo no teto, estripando um coelho. Mas a variante de Amy era diferente. Não vinha de Fanning, o bioquímico de Columbia que fora infectado na desastrada excursão de Lear à Bolívia, mas de um grupo de turistas que dera início à coisa toda – pacientes terminais de câncer que foram passear na selva com um grupo organizado por uma instituição chamada Último Desejo. Todos morreram em menos de um mês: derrame, ataque cardíaco, aneurisma, com os corpos explodindo. Mas nesse meio-tempo haviam demonstrado uma melhoria notável na saúde – um homem até havia recuperado toda a cabeleira – e todos morreram sem o câncer. Decifrar a mente de Lear era tarefa impossível, mas ele passara a acreditar que essa variante era a resposta. O truque era manter a primeira cobaia viva. Com esse objetivo escolhera Amy, uma menina jovem e saudável.

E deu certo. Guilder sabia que tinha dado certo. Porque Amy ainda estava viva.

A sala de Guilder, no terceiro andar de um pequeno prédio federal no condado de Fairfax, que afora isso não tinha qualquer característica notável (o DAE compartilhava o espaço, entre outras entidades, com o Escritório de Avaliação Tecnológica, a Força-tarefa Especial de Energia do Departamento de Segurança Interna, a

Administração Oceânica e Atmosférica Nacional e uma creche), era virada para a rodovia I-66. Era segunda-feira do fim de semana do Memorial Day, no entanto quase não havia tráfego. Um monte de gente já havia saído da cidade. Guilder imaginou que muitos favores estavam sendo cobrados. Uma sogra no interior do estado de Nova York. Um amigo que tinha um chalé nas montanhas. Mas, com todo o tráfego aéreo interrompido, as pessoas só podiam ir até certa distância, e no fim das contas isso não faria muita diferença. Não era possível esconder-se da natureza para sempre. Pelo menos era o que haviam dito a Horace Guilder.

A garota havia conseguido sair do Colorado de algum modo. Eles haviam captado seu sinal no sul do Wyoming nas primeiras horas. O que significava que estava num veículo, e não sozinha – alguém tinha de estar dirigindo. Depois disso havia desaparecido. O transmissor em seu biomonitor era de curto alcance, fraco demais para os satélites; ela precisava estar a poucos quilômetros de uma torre de celular, e não podia ser uma torre rural isolada, e sim uma que estivesse conectada à rede de rastreamento federal. O que, no sul do Wyoming, desde que você ficasse longe das rodovias principais, seria fácil evitar. Agora ela podia estar em qualquer local. Quem quer que estivesse com ela era inteligente.

Uma batida na porta interrompeu seu fluxo de pensamento. Guilder girou a cadeira, dando as costas para a janela, e olhou para Nelson, o principal oficial técnico do departamento, parado junto à porta. Meu Deus, o que era, agora?

– Tenho boas e más notícias – anunciou Nelson.

Nelson, como sempre, vestia uma camiseta preta e jeans, os pés sujos enfiados num par de sandálias de borracha. Erudito da Rhodes, de fala rápida, com não um, mas dois doutorados no Instituto de Tecnologia de Massachusetts – bioquímica e informática avançada –, Nelson era de longe o cara mais inteligente do prédio, e sabia muito bem disso. Ainda tinha a tendência dos jovens a olhar o mundo como uma série de problemas vagamente irritantes criados por pessoas menos descoladas e inteligentes do que ele. Mesmo que o relacionamento dos dois fosse cordial, Nelson tinha o hábito de tratar Guilder como um pai idoso e vacilante, uma figura de respeito

porém não mais exatamente valiosa. O que era exasperador, vindo de um cara que parecia pentear o cabelo a cada quatro dias, se bem que não totalmente imerecido, Guilder tinha de admitir. Com 28 anos, enquanto Guilder estava com 57, tudo em Nelson conspirava para fazer com que ele se sentisse velho.

– Algum sinal dela?

– Nenhum. – Nelson coçou sua barba descuidada. – Não estamos captando nenhum deles.

Guilder esfregou os olhos, que ardiam por falta de sono. Precisava ir para casa tomar banho e colocar um terno limpo. Não saía do escritório havia dois dias, tirando apenas alguns cochilos no sofá e vivendo de besteiras das máquinas de vender comida. Estava com problemas nos dedos, também. Entorpecimento, comichões.

– Você disse alguma coisa sobre boas notícias?

– Depende de como você olhar. Segundo um ponto de vista de livre expressão, provavelmente não é a melhor, mas parece que alguém finalmente apagou aquele lunático em Denver. Suponho que tenha sido a Agência de Segurança Nacional, ou então um dos bichinhos de estimação do Lear o pegou. De qualquer modo, o cara está fora de circulação permanentemente.

A Última Resistência em Denver: Guilder tinha assistido aos vídeos dele, como todo mundo. Era preciso admitir que o cara tinha coragem. Havia dezenas de teorias sobre sua identidade, e o consenso geral era que seria um ex-militar, das Forças Especiais do Exército ou da Marinha.

– E qual é a ruim?

– Acabaram de chegar novos números do Centro de Controle de Doenças. Parece que o algoritmo original não levou em conta quanto essas coisas gostam de comer. O que eu poderia ter dito, se eles perguntassem. Ou isso ou algum estagiário mudou uma casa decimal de lugar quando estava sonhando acordado sobre a última vez em que comeu a namorada.

Às vezes falar com Nelson era como tentar encurralar uma criança de 5 anos. Um gênio de 5 anos, mas mesmo assim.

– Por favor, apenas desembuche.

Nelson deu de ombros.

– Do jeito que a coisa está agora, e com base nas projeções mais recentes, parece que estamos diante de uma linha de tempo mais sucinta. Algo na ordem de 39 dias.

– Quer dizer, para os litorais?

– Ah... não exatamente.

– Para que, então?

– Todo o continente norte-americano.

Uma sombra cinza voou sobre a visão de Guilder; ele precisou se sentar.

– A Central já está preparando uma reação – continuou Nelson. – Acho que vão tentar queimar tudo. Primeiro os grandes centros populacionais, depois qualquer coisa que sobrar.

– Deus todo-poderoso!

Nelson franziu a testa com uma expressão de sangue-frio.

– É um preço pequeno a pagar, no total. Sei o que eu faria se fosse, digamos, o presidente da Rússia. De jeito nenhum deixaria isso pular por cima da poça.

O sujeito estava certo, e Guilder sabia. Percebeu que sua mão direita tinha começado a tremer. Segurou-a com a esquerda, tentando controlar os espasmos ao mesmo tempo que fazia o movimento parecer natural.

– Você está bem, chefe?

Seu pé direito também havia começado a tremer. Ele sentiu uma ânsia incompreensível de gargalhar. Provavelmente era estresse. Engoliu em seco com dificuldade, sentindo um gosto de bile na garganta.

– Encontre aquela garota.

Depois que Nelson saiu, Guilder ficou sentado alguns minutos no escritório, tentando se controlar. Os tremores haviam passado, mas não o impulso de rir – um sintoma conhecido eufemisticamente como “incontinência emocional”. Por fim simplesmente cedeu, ejetando uma única risada para aliviar a sensação. Meu Deus, ele parecia possuído. Esperava que ninguém do lado de fora tivesse escutado.

Saiu do prédio, pegou o carro – um Toyota Camry bege – na garagem e foi até sua casa em Arlington. Queria tomar banho, mas

de repente isso parecia trabalhoso. Serviu-se de um uísque e ligou a TV. Não havia demorado muito para que cada uma das redes, até mesmo o Canal do Tempo, rotulasse a emergência com um slogan chamativo (“Nação em crise”, etc.), e todos os locutores pareciam exauridos e privados de sono, sobretudo os que informavam de perto de alguma estrada – um milharal ao fundo, longas filas de veículos se arrastando, todo mundo buzinando sem sentido. O país inteiro estava empacando como uma transmissão ruim. Olhou o relógio: 20h05. Em menos de uma hora a região central do país estaria escura.

Forçou seu corpo desobediente a sair do sofá e subiu a escada. Escadas – essa havia sido uma preocupação para o futuro. O que ele faria quando não pudesse mais subir a escada? No banheiro principal abriu o chuveiro e tirou a roupa até ficar só de cueca, parando para observar o reflexo enquanto a água esquentava. O engraçado era que ele não parecia estar doente. Um pouco mais magro, talvez. Houvera uma época em que ele se considerava atlético – havia participado de corridas rústicas em Bowdoin –, mas aqueles dias estavam longe, no passado. Seu trabalho, com as exigências de sigilo, havia tornado o casamento impossível, porém até bem mais de 40 anos Guilder conseguia... bom, ainda que não exatamente causar sentimentos arrebatadores, pelo menos manter-se ocupado. Uma série de casos discretos, todo mundo com conhecimento dos fatos. Havia se orgulhado da qualidade bem administrada desses casos, até que um dia tudo simplesmente parou. Olhares que poderiam ser correspondidos simplesmente passavam por ele, conversas que antes serviam meramente como preâmbulos elaborados davam em nada. Era inevitável, pensou Guilder, mas nada que devesse ser comemorado.

Examinou seu reflexo, avaliando. Um rosto de queixo quadrado que já parecera rude mas ganhara papadas moles havia muito tempo. Uma penugem de cabelos ralos penteados para trás, tentando mas não conseguindo esconder a fantasmagórica presença branca do couro cabeludo por baixo. Bolsas de pele embaixo dos olhos, uma pança borrachuda, pernas magricelas e aparência

insubstancial. Não era uma visão bonita, mas nada que ele não tivesse aceitado como a degradação inevitável do fim da meia-idade.

Olhando-o, você jamais saberia que ele estava morrendo.

Tomou banho e vestiu um terno limpo. Seu armário não continha praticamente nada além de ternos: um discreto paletó de dois botões – geralmente azul-marinho, mas às vezes cinza com uma sutil risca-de-giz, ocasionalmente popelina cáqui no verão – combinando com uma camisa azul-pólvora ou branca impecável e uma gravata tão neutra quanto a Suíça. Aquilo era tão afinado com seu sentimento de quem ele era que ele se sentia nu sem algo do tipo. Atento ao equilíbrio, desceu a escada até a sala de estar, onde a televisão latia seu desfile de notícias ruins. Mesmo sem fome, esquentou uma lasanha congelada no micro-ondas, parado diante dele enquanto os segundos iam passando. Sentou-se à mesa e se esforçou ao máximo para comer, mas o Valium fazia tudo ter um gosto sem graça e vagamente metálico, e o aperto na garganta não havia diminuído, como se ele estivesse usando um colarinho dois números menor. Seu médico sugerira que ele experimentasse milk-shakes, ou algo macio como macarrão, mas ele não podia pensar em comer como um bebê. A partir daí tudo iria morro abaixo.

Jogou o resto da lasanha na lixeira e olhou o relógio de novo. Passava pouco das nove. Bom, o que quer que estivesse acontecendo no centro do país estava acontecendo. Nelson ligaria se precisasse dele.

Saiu de casa e foi até McLean. O que havia adiante era uma tarefa desagradável, mas Guilder era o único que poderia fazê-la. As instalações ficavam afastadas da estrada, atrás de um amplo gramado verde. Perto da entrada de veículos uma placa discreta dizia “Centro de Recuperação Shadowdale”. Na recepção Guilder apresentou sua carteira de motorista à enfermeira, depois seguiu pelo corredor com cheiro de remédios e pinturas produzidas em massa mostrando campos verdes e pores do sol de verão. O lugar estava calmo, mesmo àquela hora – geralmente havia funcionários circulando e pacientes na sala comunitária, os que ainda se beneficiavam de algum modo da companhia humana. Esta noite o local estava um túmulo.

Chegou ao quarto de seu pai e bateu gentilmente, abrindo a porta sem esperar resposta.

– Pai, sou eu.

Seu pai estava na cadeira de rodas perto da janela, com o queixo caído, os músculos do rosto moles como massa de panqueca. Um fio de cuspe pendia da boca até o babador de papel preso no pescoço. Alguém o havia vestido com uma roupa de moletom manchada e sapatos ortopédicos com fechos de velcro. Ele não deu qualquer sinal de reconhecimento quando Guilder entrou.

– Como vão as coisas, pai?

O ar ao redor do pai fedia a urina. O mal de Alzheimer havia progredido até o ponto em que ele não reconhecia ninguém, mas mesmo assim era preciso cumprir as formalidades. Como era terrível a solidão da mente, pensou Guilder. Mas o silêncio do pai, o sentimento de ausência, não era nada novo. Na vida – como agora, na morte – ele fora um homem de frieza quase reptiliana. Guilder sabia que seu pai fora criado dessa maneira – filho de produtores de leite numa cidade pequena, que iam à igreja três vezes por semana e matavam seus próprios porcos –, mas mesmo assim não conseguia se obrigar a pôr de lado os ressentimentos por uma infância gasta com a esperança de obter a atenção de um homem que simplesmente era incapaz disso. O que ele pedira ao pai era uma coisa pequena, uma coisa natural, simplesmente por ter nascido: tratá-lo como filho. Um jogo de bola numa tarde de outono, uma palavra de elogio na beira do campo, uma expressão de interesse por sua vida. Guilder fizera tudo certo. As boas notas, os desempenhos devidos em auditórios e campos de atletismo, a ida direto para a faculdade e uma ascensão rápida para uma vida adulta útil. No entanto seu pai não tinha praticamente nada a dizer sobre qualquer dessas coisas. Na verdade Guilder não conseguia se lembrar de uma única situação em que o pai tivesse dito que o amava ou que o tivesse tocado com afeto. O sujeito simplesmente não ligava a mínima.

O mais difícil tinha sido o custo para a mãe de Guilder, uma mulher naturalmente sociável cuja solidão a levara ao alcoolismo que por fim a matou. Mais tarde Guilder passara a acreditar que sua mãe havia

buscado conforto em outro lugar, que tivera casos, possivelmente mais de um. Depois que o pai fora levado para a Shadowdale, Guilder limpou a casa em Albany – uma bagunça absoluta, com todos os armários e gavetas atulhados de coisas – e descobriu, na penteadeira da mãe, uma caixa de veludo da Tiffany. Quando olhou dentro encontrou uma pulseira – uma pulseira de *diamantes*. Provavelmente havia custado o mesmo que seu pai, um engenheiro civil, ganhava por ano. Não era nada que ele pudesse ter comprado, e o local onde a caixa estava – escondida no fundo de uma gaveta, embaixo de uma pilha de luvas e echarpes mofadas – disse a Guilder o que ele estava vendo: um presente de amante. Quem teria sido? Sua mãe fora secretária de uma firma de advocacia. Um dos advogados? Alguém que ela conhecera de passagem? Um romance de juventude reatado? Ficou feliz ao saber que a mãe encontrara alguma felicidade para animar a existência solitária, mas ao mesmo tempo essa descoberta o afundou numa depressão que continuou durante semanas. Sua mãe era a única lembrança calorosa da infância. Mas a vida dela, a vida real, tinha sido um segredo para ele.

As visitas ao pai sempre traziam essas memórias à superfície; quando saía, frequentemente estava tão desanimado, ou então fumegando com raiva não extravasada, que mal conseguia pensar direito. Aos 57 anos, ainda ansiava por alguma migalha de reconhecimento.

Colocou a única cadeira do quarto diante do pai. A cabeça do velho, careca como a de um bebê, estava inclinada num ângulo estranho contra o ombro. Guilder pegou um trapo na mesa de cabeceira e enxugou a baba do queixo. Havia um pote aberto, com pudim de baunilha, numa bandeja perto da cadeira de rodas, com uma frágil colher de metal ao lado.

– Então, como está se sentindo, pai? Estão tratando você bem?

Silêncio. No entanto Guilder podia escutar a voz do pai na cabeça, preenchendo as lacunas.

Está brincando? Olhe para mim, pelo amor de Deus. Eu nem consigo cagar direito. Todo mundo fala comigo como se eu fosse criança. Como acha que estou, filhinho?

– Estou vendo que o senhor não comeu a sobremesa. Quer um pouco de pudim? Que tal?

Foda-se o pudim! É só isso que me dão neste lugar. Pudim de manhã, pudim no almoço, pudim no jantar. Isso parece catarro.

Guilder enfiou uma colherada entre os dentes do pai. Com um reflexo automático, o velho estalou os lábios e engoliu.

Olhe para mim. Acha que isto aqui é um piquenique? Eu aqui babando, sentado no meu mijo!

– Não sei se o senhor andou acompanhando o noticiário ultimamente – disse Guilder, colocando uma segunda colherada na boca do pai. – Há uma coisa que eu acho que o senhor deveria saber.

E daí? O que é? Diga logo e me deixe em paz.

Mas o que Guilder queria dizer? Eu vou morrer? Todo mundo ia morrer, mesmo que ainda não soubesse. De que serviria essa informação? Um pensamento arrepiante lhe veio à cabeça. O que seria de seu pai quando todo mundo se fosse, os médicos, enfermeiros e auxiliares? Com tudo o que acontecera nas últimas semanas, Guilder estivera preocupado demais para pensar nessa eventualidade. Porque a cidade estava se esvaziando. Logo, em semanas ou mesmo dias, todo mundo estaria correndo para salvar a vida. Guilder se lembrou do que havia acontecido em Nova Orleans depois dos furacões, primeiro o Katrina e depois o Vanessa, as histórias de pacientes idosos deixados chafurdando nos próprios excrementos, até morrer lentamente de fome e desidratação.

Está me ouvindo, filhinho? Aí sentado com esse olhar de imbecil na cara. O que é tão importante que você veio aqui me contar?

Guilder balançou a cabeça.

– Não é nada, pai. Nada importante. – Enfiou o resto do pudim na boca do velho e limpou os lábios dele com o pano. – Descanse um pouco, certo? Vejo você daqui a uns dias.

Sua mãe era uma puta, sabe? Uma puta uma puta uma puta...

Guilder saiu do quarto. No corredor vazio parou para respirar. A voz era dele mesmo, sabia muito bem. Mas mesmo assim havia ocasiões em que parecia algo mais, como se a mente do pai, separada da pessoa física, tivesse ido morar dentro da dele.

Voltou à recepção. A enfermeira, uma jovem hispânica, estava fazendo palavras cruzadas.

– Meu pai precisa que lhe troquem a fralda.

Ela não levantou os olhos.

– Todos precisam trocar a fralda. – Como Guilder não se mexeu, o olhar dela se afastou da página. Eram olhos muito escuros e com delineador pesado. – Vou dizer a alguém.

– Por favor.

Ele parou junto à porta. A enfermeira já havia retornado às palavras cruzadas.

– Então *diga* a alguém, droga.

– Eu disse que vou dizer.

Uma feroz ânsia protetora o dominou. Guilder queria enfiar o lápis na garganta da mulher.

– Se não vai fazer isso pessoalmente, então pegue a porra do telefone.

Soltando o ar irritada, ela pegou o telefone e digitou.

– É a Mona, da recepção. Guilder, no 126, precisa ser trocado. É, o filho dele está aqui. Certo, vou dizer a ele. – Ela desligou. – Está feliz?

A pergunta era tão absurda que ele não soube o que responder.

Guilder não morreria como o pai – pelo contrário. Tinha ELA. Esclerose lateral amiotrófica, mais comumente conhecida como doença de Lou Gehrig. As principais funções motoras seriam as primeiras a ir embora, os músculos sofrendo espasmos e perdendo a capacidade até se tornarem inúteis, seguidos pela fala e pela capacidade de engolir. Os risos e os choros espontâneos eram um mistério – ninguém sabia exatamente por que isso acontecia. Ele acabaria morrendo num respirador artificial, o corpo totalmente imobilizado, incapaz de se mexer ou de falar. Mas o pior de tudo era que não experimentaria nenhuma diminuição da capacidade de pensar ou raciocinar. Diferentemente do pai, cuja mente havia falhado primeiro, Guilder viveria cada momento do declínio com consciência plena. Uma morte em vida, sem ter ninguém além de uma enfermeira mal-humorada por companhia.

Para ele estava claro que, depois do diagnóstico, passara por um período de choque profundo. Essa era a explicação que dava a si mesmo para a idiotice que havia feito com Shawna – embora, claro, esse nem fosse o nome verdadeiro dela. Durante dois anos Guilder a visitara na segunda terça-feira de cada mês, sempre no apartamento fornecido pelos patrões da garota. Ela era morena e magra, com olhos sutilmente asiáticos e idade para ser sua filha, se bem que esse não fosse o atrativo – no mínimo ele preferiria que ela fosse mais velha. Tinha encontrado-a através de um serviço, mas depois de um período de experiência recebera permissão de ligar para ela diretamente. Na primeira vez ficou nervoso como um colegial. Fazia tempo que não ficava com uma mulher, e pegou-se preocupado com a hipótese de não reagir à altura – em retrospecto, era uma preocupação absurda. Mas a garota o havia colocado à vontade rapidamente, assumindo o comando da situação. O ritual era sempre o mesmo. Guilder tocava a campainha do lado de fora; a tranca elétrica soava; ele subia a escada até o apartamento, onde ela estaria esperando com a porta aberta, um sorriso de boas-vindas e usando um vestido de baile, preto, por baixo do qual havia um tesouro erótico de renda e seda.

Primeiro vinham algumas amenidades, como as que poderiam ser trocadas por dois amantes se encontrando à tarde, seguidas pela colocação discreta do envelope de dinheiro na penteadeira, e depois partiam para a coisa propriamente dita. Guilder sempre se despia primeiro, depois a olhava fazer o mesmo, deixando o vestido de noite cair no chão como uma cortina, antes de sair regiamente de cima dele. Ela fazia amor com um entusiasmo que não parecia fingido nem explicitamente profissional, e naqueles poucos minutos a mente de Guilder encontrava uma serenidade que nada mais em sua vida chegara perto de igualar. No momento do êxtase de Guilder, Shawna dizia seu nome repetidamente, a voz se perdendo numa imitação totalmente persuasiva de satisfação feminina, e Guilder se pegava flutuando naqueles sons e sensações, deslizando sobre eles como um surfista numa praia tranquila.

Por que não vejo você com mais frequência?, perguntava ela depois. Você está satisfeito com as coisas que eu faço? Não existe

mais ninguém, existe? Quero ser a sua única, Guilder. Estou muito feliz, dizia ele, acariciando seu cabelo aveludado. Não poderia ficar mais feliz do que estou com você.

Ele não sabia absolutamente nada sobre ela – pelo menos nada real. Mas nas semanas depois do diagnóstico o único refúgio que sua mente conseguia encontrar era na ideia absurda de que estava apaixonado por ela. A lembrança o deixava embaraçado, e o subtexto psicológico era óbvio – ele não queria morrer sozinho –, mas na ocasião ficara absolutamente convencido. Estava loucamente apaixonado, desesperadamente apaixonado, e não seria possível, até mesmo provável, que Shawna correspondesse a seus sentimentos? O que ela queria dizer quando falava que queria ser a única para ele? Porque o que eles faziam e diziam um ao outro *não podia* ser falso; essas coisas ocorriam num plano que somente duas pessoas conectadas de fato poderiam compartilhar.

E isso continuara, até que ele havia se posto numa condição em que só conseguia pensar em Shawna. Decidiu que iria dar alguma coisa a ela – um símbolo de seu amor. Algo caro e digno dos seus sentimentos. Uma joia. Tinha de ser uma joia. E não uma coisa nova, comprada em uma loja, e sim algo mais pessoal: a pulseira de diamantes de sua mãe. Energizado pela decisão, embrulhou a caixa da Tiffany em papel prateado e foi até o apartamento de Shawna. Não era terça-feira, mas isso não importava. O que ele sentia não era algo que pudesse ser programado. Tocou a campainha e esperou. Minutos se passaram, o que era estranho; Shawna atendia sempre imediatamente. Tocou de novo. Desta vez o alto-falante soltou um pequeno jorro de estática e ele escutou a voz dela:

– Olá?

– É o Horace.

Uma pausa.

– Você não tem hora marcada, tem? Talvez seja culpa minha. Você ligou?

– Tenho uma coisa para você.

O alto-falante pareceu ficar morto. E depois:

– Espere um segundo.

Alguns minutos se passaram. Guilder ouviu passos descendo a escada. Talvez a tranca do interfone não estivesse funcionando; Shawna vinha abrir a porta. Mas a figura que virou a esquina do corredor não era Shawna. Era um homem. Parecia ter uns 60 anos, era careca e gordo, com o rosto gorducho de um gângster russo, usando um terno de risca-de-giz amarrotado, a gravata frouxa no pescoço. A conclusão era óbvia, mas em seu estado de agitação a mente de Guilder se recusava a aceitá-la. O homem passou pela porta, dando um olhar superficial para Guilder enquanto saía.

– Sortudo – disse ele, e piscou.

Guilder subiu correndo a escada. Bateu três vezes, esperando com ansiedade crescente; por fim a porta se abriu. Shawna não estava usando o vestido, só um roupão de seda amarrado na cintura. Seu cabelo estava desgrenhado, a maquiagem manchada. Talvez ele a tivesse apanhado tirando um cochilo.

– Horace, o que você está fazendo aqui?

– Desculpe – disse ele, subitamente ofegante. – Sei que deveria ter ligado.

– Para dizer a verdade, esta não é a melhor hora.

– Só vou demorar um minuto. Por favor, posso entrar?

Ela o olhou com ceticismo, depois pareceu suavizar-se.

– Bom, está certo. Mas vai ter de ser rápido.

Ela ficou de lado e o deixou entrar. Algo parecia diferente no apartamento, se bem que Guilder não pudesse dizer exatamente o que era. Parecia sujo, o ar denso e desagradável.

– Bom, o que é isso que estou vendo? – Ela estava olhando a caixa embrulhada com papel prateado. – Horace, você não deveria.

Guilder estendeu-a para ela.

– É para você.

Com uma luz quente dançando nos olhos, Shawna abriu o embrulho e pegou a pulseira.

– Ah, que gentileza. Que coisa linda!

– É uma herança. Foi da minha mãe.

– Isso a torna mais especial ainda. – Ela o beijou rapidamente no rosto. – Se me der um minuto para tomar um banho, já venho falar com você, neném.

Uma onda titânica de amor se abateu sobre ele. Guilder mal conseguia se conter para não abraçá-la e colar a boca na dela.

– Quero fazer amor com você. Amor de verdade.

Ela olhou o relógio.

– Bom, claro. Se é o que você quer. Mas não tenho a hora inteira.

Guilder havia começado a se despir, desafivelando loucamente o cinto, tirando as abotoaduras. Mas havia algo errado. Sentiu a hesitação dela.

– Você não está esquecendo alguma coisa? – perguntou Shawna.

O dinheiro. Era o que ela estava pedindo. Como ela podia pensar em dinheiro numa hora assim? Ele queria dizer que o que tinham juntos não poderia ser contado em dólares e centavos, palavras desse tipo, mas só conseguiu dizer:

– Não estou com dinheiro agora.

Ela franziu a testa.

– Querido, não é assim que as coisas funcionam. Você sabe.

Mas nesse ponto Guilder estava tão frenético que mal processava as falas. Além disso, estava parado diante dela só de cueca e camiseta.

– Você está bem? Você não parece muito bem.

– Eu te amo – disse ele.

Ela deu um sorriso aéreo.

– Que doçura.

– Eu disse que te amo.

– Certo, eu posso fazer isso. Sem problema. Ponha o dinheiro na penteadeira e eu digo o que você quiser.

– Não tenho dinheiro, porcaria. Eu lhe dei a pulseira.

De repente não havia sinal de calor nem mesmo de amizade nos olhos dela.

– Horace, isso é um negócio profissional, você sabe. Não gosto do modo como está falando.

– Por favor, deixe-me fazer amor com você. – A pulsação de Guilder estava latejando nos ouvidos. – Você pode vender a pulseira se quiser. Vale muito dinheiro.

– Acho que não, neném. – Ela a estendeu para ele com desprezo explícito. – Odeio dizer, mas isto aqui é vidro. Não sei quem vendeu

a você, mas você deveria pegar o dinheiro de volta. Agora ande, seja bonzinho. Você sabe como as coisas são.

Guilder precisava fazer com que Shawna soubesse como ele se sentia. Em desespero, estendeu a mão para ela, mas seus pés ainda estavam embolados na calça. Shawna soltou um gritinho e a próxima coisa que Guilder soube foi que estava esparramado no chão. Levantou o rosto e encontrou uma pistola apontada para sua cabeça.

– Saia, porra.

– Por favor – gemeu ele. Sua voz estava embargada de lágrimas. – Você disse que queria ser a única para mim.

– Eu digo um monte de coisas. Agora saia daqui com a sua pulseira de merda.

Ele se levantou pesadamente. Jamais havia sofrido tamanha humilhação. No entanto o que mais sentia era amor. Um amor desamparado, melancólico, que iria devorá-lo inteiro.

– Eu vou morrer.

– Todos vamos morrer, neném. – Ela balançou a pistola em direção à porta. – Faça o que eu digo antes que eu dê um tiro no seu saco.

Ele sabia que jamais poderia encará-la de novo. Como podia ter sido tão idiota? Foi até sua casa, entrou na garagem, desligou o motor e fechou a porta com o controle remoto. Ficou sentado no carro por 30 minutos, incapaz de juntar energia suficiente para se mover. Estava morrendo. Tinha bancado o idiota. Jamais veria Shawna de novo, porque não significava nada para ela.

E foi então que percebeu por que ainda estava dentro do Camry. Só precisava ligar o motor de novo. Seria como cair no sono. Nunca teria de pensar outra vez em Shawna, no Projeto Noé, viver na prisão de seu corpo defeituoso ou visitar seu pai no Centro de Recuperação – nada disso. Todas as suas preocupações seriam retiradas num instante.

Seguindo um impulso que não podia explicar, tirou o relógio e puxou a carteira do bolso de trás, colocando-os no painel – como se estivesse se preparando para dormir. Provavelmente o costume era escrever um bilhete, mas o que diria? Para quem seria o bilhete?

Por três vezes tentou se obrigar a virar a chave. Por três vezes a decisão fracassou. Nesse ponto havia começado a sentir-se idiota, sentado no carro – era mais uma humilhação. Não restava nada a não ser colocar o relógio no pulso, a carteira no bolso e entrar em casa.

Enquanto Guilder ia de McLean para casa, seu celular tocou. Era Nelson.

– Eles estão em movimento.

– Onde?

– Em toda parte. Utah, Wyoming, Nebraska. Um grupo grande está se juntando no oeste do Kansas. – Ele fez uma pausa. – Não foi por isso que eu liguei.

Guilder foi direto para o escritório. Nelson encontrou-o no corredor.

– Captamos o sinal pouco antes do pôr do sol. Pegamos numa torre a oeste de Denver, numa cidade chamada Silver Plume. Deu certo trabalho, mas consegui cobrar uns favores na Segurança Interna e mudar a rota de um dos aviões teleguiados para ver se conseguimos uma imagem.

Em seu terminal ele mostrou a foto a Guilder, uma imagem granulada em preto e branco. Não da garota; era um homem. Estava junto de uma picape parada ao lado da rodovia. Parecia estavar mijando.

– Quem diabos é esse? Um dos médicos?

– É um dos caras do Richards.

Guilder ficou perplexo.

– O que você está falando?

Por um momento Nelson pareceu levemente sem graça.

– Desculpe, achei que você estivesse informado sobre isso. Eles são criminosos sexuais que saíram sob condicional. Um dos projetinhos do Richards. Por precaução, todo o pessoal civil na área de segurança máxima foi selecionado do registro nacional.

– Você está de sacanagem comigo.

– Não estou. – Nelson bateu na imagem da foto. – Esse cara, o único sobrevivente do Projeto Noé, é a porra de um pedófilo.

NOVE

A caminhonete pifou no fim da manhã do segundo dia de Grey na estrada.

Era quase meio-dia, com o sol alto no céu. Depois de uma noite inquieta num Motel 6 perto de Leadville, Grey pegou a I-70 próximo a Vail e depois desceu na direção de Denver. Até a cidade de Golden, a rodovia interestadual estivera quase totalmente limpa, mas enquanto ele se movia para o círculo suburbano da cidade, com seus gigantescos shopping centers e bairros amplos, as coisas começaram a mudar. Partes da rodovia estavam entupidas com carros abandonados, obrigando-o a usar a estrada de acesso; os vastos estacionamentos ao lado da rodovia eram cenas de desordem congelada, vitrines despedaçadas, mercadorias espalhadas no chão. Além disso, o silêncio era diferente: não era uma simples ausência de som, e sim algo mais profundo, mais agourento. Muitos corpos que ele via estavam sem cabeça, como o homem suspenso no Red Roof. Grey achou que Zero e os outros talvez gostassem de arrancar cabeças.

Esforçou-se ao máximo para manter os olhos fixos na estrada, empurrando a destruição e a carnificina para as bordas da visão. A energia estranha que ele sentira no Red Roof não havia diminuído: seu cérebro zumbia como uma corda de instrumento ao ser tocada. Fazia um dia e meio que não dormia, mas não estava cansado. Nem com fome, o que não era do seu feitio. Grey costumava devorar a comida, mas, por algum motivo, pensar nisso não era nem um pouco atraente. Em Leadville havia pegado um chocolate numa máquina de venda no saguão do Motel 6, achando que seria bom tentar pôr alguma coisa no estômago, mas não conseguira fazer com que aquela porcaria passasse do seu nariz. Só o odor fez suas entranhas se revirarem. Podia praticamente sentir o cheiro dos conservantes, um horrível fedor químico, como líquido para limpeza de assoalhos.

Quando o núcleo da cidade surgiu, Grey soube que teria de abandonar a interestadual. Simplesmente não havia como se desviar

dos carros e, à medida que chegasse mais perto, a situação só iria piorar. Levou a picape para o estacionamento de uma loja de conveniência e olhou seu mapa. O melhor caminho seria circular o centro da cidade em direção ao sul, mas era somente uma suposição; ele não conhecia Denver.

Virou para o sul, depois de novo para o leste, abrindo caminho pelos subúrbios. Em toda parte era a mesma coisa, nenhuma alma viva. Desejou ter pelo menos o rádio como companhia, mas quando percorreu o mostrador só conseguiu o mesmo jorro vazio de estática que ouvira durante um dia e meio. Por algum tempo tocou a buzina da caminhonete, achando que isso poderia alertar alguém quanto à sua presença, mas acabou desistindo. Não restava ninguém para ouvir. Denver era uma cripta.

Quando o motor morreu, Grey entrou num estado de desespero tão completo que por vários segundos nem notou. O silêncio era tão perturbador que tinha começado a parecer possível que jamais visse uma alma viva outra vez – que o mundo inteiro, não somente Denver, fora esvaziado de todos os seres humanos. Mas então percebeu o que estava acontecendo, que o motor havia parado. Por alguns segundos a picape continuou andando apenas por inércia, mas a direção também havia travado; Grey só podia ficar sentado e esperar que ela parasse sozinha.

Meu Deus, pensou, era só disso que ele precisava. Enfiando a arma de Iggy no bolso do macacão, saiu e levantou o capô. Grey havia tido carros vagabundos suficientes para conhecer uma correia de ventoinha arrebentada. O passo lógico seria abandonar a picape e simplesmente encontrar outro veículo com as chaves na ignição. Estava num amplo bulevar com grandes lojas de varejo: Best Buy, Target, Home Depot. O sol batia com força. Todo estacionamento tinha alguns carros, até algumas picapes. Mas ele não sentia ânimo para olhar dentro deles, sabendo o que encontraria. Havia trocado correias de ventilador um monte de vezes. Só precisava da correia e de algumas ferramentas básicas, uma chave de fenda e duas chaves de porca para ajustar o retentor. Talvez a Home Depot tivesse peças de automóvel. Não faria mal olhar.

Atravessou a estrada e foi para a porta, que estava aberta. A gaiola com botijões de propano junto à entrada fora arrombada, todos os botijões haviam sido tirados, mas afora isso a frente da loja não parecia ter danos. Uma falange de cortadores de grama, acorrentados juntos, descansava imperturbável à porta, assim como um mostruário de móveis de jardim com uma camada de pólen amarelo. O único outro sinal de que alguma coisa estava errada era um grande quadrado de compensado encostado na parede, onde se lia, em tinta spray: não temos mais geradores.

Grey tirou a pistola do bolso e entrou. A eletricidade estava desligada, mas, pelo que podia ver da porta, alguma ordem fora mantida; muitas prateleiras tinham sido esvaziadas, porém o piso estava quase sem entulho. Segurando a arma diante do corpo, avançou com cautela ao longo da frente da loja, os olhos examinando os cartazes acima dos corredores, procurando o que dizia “peças automotivas”.

Havia chegado à metade das fileiras quando ouviu alguma coisa. Parou. Um momento de silêncio, depois o som voltou, à frente e à esquerda: um farfalhar fraco, seguido por um murmúrio quase inaudível. Grey deu dois passos e espiou pela esquina.

Era uma mulher. Estava parada diante de um mostruário de tintas. Vestia jeans e uma camisa social masculina; o cabelo, de um castanho suave com riscas de um tom mais claro, estava puxado para trás das orelhas, fixado no lugar pelos óculos empoleirados no topo da cabeça. Além disso estava grávida – não grávida do tipo “vou ter neném agora”, mas bastante grávida. Enquanto Grey olhava, ela pegou um pequeno quadrado de cor numa das fendas – outros estavam na sua mão – e o inclinou primeiro numa direção e depois em outra, franzindo a testa, pensativa. Depois o colocou de volta no lugar.

Essa visão era tão inesperada que por um momento Grey só conseguiu olhá-la numa perplexidade muda. O que ela estava fazendo ali? Trinta segundos passaram, a mulher não percebendo sua presença, totalmente engajada em sua tarefa misteriosa. Não querendo amedrontá-la, Grey pôs gentilmente a arma numa prateleira e deu um passo cauteloso adiante. O que deveria dizer?

Nunca fora bom em quebrar o gelo. Ou mesmo em falar com pessoas, na verdade. Optou por pigarrear.

A mulher o olhou rapidamente por cima do ombro.

– Já não era sem tempo – disse ela. – Estou aqui parada há 20 minutos.

– Moça, o que a senhora está fazendo?

Ela se virou para encará-lo.

– Isto aqui é ou não é a seção de tintas? – Estava segurando um punhado de fichas de mostruário, abertas em leque como cartas de baralho. – Bom, estou pensando talvez na “portão de jardim”, mas estou preocupada porque pode ser escura demais.

Grey estava absolutamente perplexo. Ela queria que ele a ajudasse a escolher uma tinta?

– Provavelmente ninguém jamais pede a sua opinião, eu sei – continuou ela animada, talvez um pouco animada demais, pensou Grey. – É só colocar numa lata e pegar meu dinheiro, tenho certeza de que é o que todo mundo diz. Mas eu valorizo o julgamento de alguém que conhece o serviço. Então, o que acha? Sua opinião profissional.

Agora Grey estava parado a pouco mais de um metro dela. O rosto da mulher tinha uma bela estrutura óssea e era claro, com um sutil leque de pés de galinha nos cantos dos olhos.

– Acho que a senhora está confusa. Eu não trabalho aqui.

Os olhos dela se estreitaram.

– Não?

– Moça, ninguém trabalha aqui.

A confusão varreu o rosto dela. Mas desapareceu na mesma velocidade, enquanto suas feições se reorganizavam num ar de irritação.

– Ah, nem precisa dizer isso – respondeu ela, jogando as palavras. – Tentar conseguir uma ajudinha aqui é igual a arrancar um dente. Bom, como eu estava dizendo, preciso saber qual dessas cores fica melhor num quarto de bebê. – E deu um sorriso tímido. – Acho que não é segredo, mas estou grávida.

Grey já conhecera gente louca, mas aquela mulher levava o prêmio máximo.

– Moça, acho que a senhora não deveria estar aqui. Não é seguro.

Outro pequeno hiato de tempo passou antes que ela respondesse. Era como se estivesse processando as palavras dele, e então, no instante seguinte, reescrevendo o significado delas.

– Honestamente, você fala um bocado parecido com o David. Para dizer a verdade, já estou cheia desse tipo de conversa. – Ela deu um suspiro fundo. – Então vai ser “portão de jardim”. Vou levar dois galões com acabamento acetinado, por favor. Se não se incomodar, estou com um pouco de pressa.

Grey se sentiu completamente atarantado.

– A senhora quer que eu lhe venda tinta?

– Bom, você é o gerente ou não?

O gerente? Quando isso havia acontecido? Grey começou a perceber que a mulher não estava simplesmente fingindo.

– Moça, a senhora não sabe o que está acontecendo aqui?

Ela havia tirado duas latas da prateleira e as estava estendendo para ele pegar.

– Vou dizer o que está acontecendo. Eu estou comprando tinta e o senhor vai misturar para mim, senhor... bom, acho que não ouvi o seu nome.

Grey engoliu em seco. Algo na mulher parecia deixá-lo absolutamente impotente, como se estivesse sendo arrastado por um cavalo desembestado.

– É Grey – disse. – Lawrence Grey.

Ela empurrou as latas em sua direção, obrigando-o a pegá-las. Meu Deus, a mulher praticamente lhe dava vontade de preencher uma ficha de emprego. Se isso continuasse por muito tempo ele jamais conseguiria uma correia de ventoinha.

– Bom, Sr. Grey. Eu gostaria de dois galões de “portão de jardim”, por favor.

– Bom, eu não sei como fazer.

– Claro que sabe. – Ela fez um gesto na direção do balcão. – É só colocar naquela geringonça.

– Moça, eu não posso.

– Como assim, não pode?

– Bom, para começar, não tem eletricidade.

Essa observação pareceu ter algum efeito benéfico. A mulher virou o rosto para o teto.

– É, acho que eu notei – disse em tom distraído. – Parece meio escuro aqui.

– Era o que eu estava tentando dizer.

– Bom, por que não disse logo? – bufou ela. – Então nada de "portão de jardim". Nenhuma cor, pelo que o senhor está dizendo. Devo dizer que é uma frustração. Eu esperava mesmo terminar o quarto do neném hoje.

– Moça, não acho...

– A verdade é que o David é que deveria estar fazendo isso, mas, ah, não, ele tem de sair para salvar o mundo e me deixar enfiada em casa feito uma prisioneira. E onde diabos está Yolanda? Desculpe meus termos. O senhor sabe, depois de tudo o que fiz por ela, eu esperaria um pouco de consideração. Ao menos um telefonema.

David. Yolanda. Quem eram essas pessoas? Tudo era completamente confuso e um bocado esquisito, mas uma coisa era óbvia: aquela coitada, quem quer que fosse, estava completamente sozinha. A não ser que Grey encontrasse um modo de tirá-la dali, a mulher não duraria muito.

– Talvez a senhora devesse pintar de branco – sugeriu. – Tenho certeza de que há um bocado de tinta branca.

Ela o olhou com ceticismo.

– Por que eu iria querer pintar de branco?

– Dizem que branco combina com qualquer coisa, não é? – Pelo amor de Deus, escutem só, ele estava parecendo uma daquelas bichas na TV. Mas não conseguia pensar em mais nada para dizer. – A senhora pode fazer qualquer coisa com o branco. Talvez colocar outra coisa com cor no quarto. As cortinas e coisa e tal.

Ela demorou um momento pensando.

– Não sei. Branco parece meio monótono. Por outro lado, eu queria terminar a pintura hoje.

– Exato. – Grey fez o máximo para sorrir. – É isso que estou dizendo. A senhora pode pintar de branco, depois bolar o resto quando vir como ficou. É o que eu recomendaria.

– E branco combina com qualquer coisa. O senhor está certo com relação a isso.

– A senhora disse que era um quarto de bebê, não? Então talvez, depois, a senhora possa colocar uma faixa, para animar um pouco. Sabe, tipo coelhinhos ou algo assim.

– Coelhinhos, o senhor disse?

Grey engoliu em seco. De onde isso tinha vindo? Os coelhos eram a comida predileta dos espetos brilhantes. Ele vira o Zero engoli-los aos montes.

– Claro – conseguiu dizer. – Todo mundo gosta de coelhinhos.

Podia ver a ideia tomando conta dela, o que levantou outra questão. Presumindo que a mulher concordasse em ir embora, e então? Não poderia deixá-la sozinha. Além disso, imaginou com quantos meses ela estaria. Cinco? Seis? Grey não era bom em avaliar esse tipo de coisa.

– Bom, acho que o senhor pode ter alguma razão – disse a mulher, assentindo com o rosto de bela estrutura óssea. – Parece que estamos realmente no mesmo comprimento de onda, Sr. Grey.

– Pode me chamar de Lawrence.

Sorrindo, ela estendeu a mão.

– Pode me chamar de Lila.

Só quando já estava sentado no Volvo da mulher – Lila havia deixado um maço de notas numa caixa registradora, com um bilhete prometendo voltar – Grey percebeu que, em algum momento entre ele carregar as latas para o carro e colocá-las no porta-malas, ela conseguira manobrá-lo para que aceitasse pintar o quarto. Na verdade ele não se lembrava de ter feito isso, a coisa simplesmente aconteceu, e no momento seguinte estavam indo embora, a mulher guiando o carro pela cidade abandonada, passando por veículos destroçados e corpos inchados, caminhões do Exército virados e escombros ainda fumegantes de conjuntos residenciais em ruínas.

– Realmente – observou ela, guiando o Volvo ao redor da carcaça de um caminhão de entregas da FedEx praticamente sem olhá-lo –, seria de pensar que as pessoas chamassem um reboque e não deixassem os carros largados na rua.

Além disso falava sobre o quarto do bebê – ele havia acertado em cheio com os coelhinhos –, fazendo mais comentários ácidos sobre David, que Grey supôs ser o marido. Grey achou que o sujeito teria ido para algum lugar, deixando-a sozinha em casa. Baseado nas coisas que tinha visto, parecia provável que ele estivesse morto. Talvez a mulher já fosse louca antes, mas Grey achava que não. Algo ruim havia acontecido com ela, algo ruim de verdade. Havia um nome para isso, ele sabia. Estresse pós-não-sei-o-quê. Basicamente a mulher sabia mas não sabia, e sua mente, naquele estado aterrorizado, a estava protegendo da verdade – uma verdade que, cedo ou tarde, Grey teria de contar.

Chegaram à casa, uma grande construção de tijolos em estilo Tudor que parecia se alçar acima da rua. Pelo modo como a mulher tinha falado com ele, Grey já presumira que ela era rica, mas isso era outra coisa. Grey pegou o material no porta-malas do Volvo – além da tinta, ela havia escolhido um pacote de rolos, uma bandeja e vários pincéis – e subiu a escada da frente. Diante da porta, Lila estava tendo dificuldade com a chave.

– Bom, isso aqui sempre agarra um pouco.

Ela empurrou a porta e deixou sair um sopro de ar rançoso. Grey a acompanhou entrando no saguão. Tinha esperado que o interior da casa fosse algo parecido com um castelo, cheio de cortinas pesadas e lustres com pingentes, mas era o contrário, mais parecendo algum tipo de escritório do que um lugar onde pessoas moravam. À esquerda, um arco amplo levava à sala de jantar, ocupada por uma comprida mesa de vidro e algumas cadeiras de aparência desconfortável; à direita ficava a sala de estar, uma vastidão estéril interrompida somente por um sofá comprido e um grande piano preto. Por um momento Grey simplesmente ficou ali parado, segurando as latas de tinta como um idiota, tentando organizar os pensamentos. Sentiu cheiro de alguma coisa – um odor pungente de lixo velho, vindo do interior da casa.

Enquanto o silêncio se aprofundava, Grey procurou algo para dizer.

– A senhora toca? – perguntou.

Lila estava colocando a bolsa e as chaves na mesinha ao lado da porta.

– Toco o quê?

Grey indicou o piano. Ela girou a cabeça para olhar o instrumento, parecendo vagamente espantada.

– Não – respondeu franzindo a testa. – Isso foi ideia do David. Meio pretensioso, se quer saber.

Ela o guiou escada acima, o ar ficando denso de calor à medida que subiam. Grey a acompanhou até o final do corredor acarpetado.

– Aqui estamos – anunciou ela.

O quarto parecia desproporcionalmente apertado, considerando as dimensões da casa. Havia uma escada de pintor num canto e o piso fora coberto por uma lona de plástico grudada nos rodapés; um rolo estava numa bandeja de tinta, endurecendo no calor. Grey avançou. Aparentemente o tom original do quarto fora um creme neutro, mas alguém – ele supôs que fosse Lila – havia pintado tiras largas e aleatórias de amarelo nas paredes, sem seguir qualquer padrão organizado. Ele teria de dar três demãos só para cobrir aquilo.

Lila estava parada junto à porta com as mãos no quadril.

– Provavelmente é bem óbvio – disse franzindo o rosto. – Não sou muito boa pintora. Certamente não sou uma profissional como o senhor.

Aquilo de novo, pensou Grey. Mas, desde que decidira entrar no jogo, não via motivo para tirar dela a ideia de que sabia o que estava fazendo.

– O senhor precisa de mais alguma coisa antes de começar?

– Acho que não – conseguiu responder Grey.

Ela bocejou na mão. Um cansaço súbito parecia tê-la dominado, como se a mulher fosse um balão desinflando lentamente.

– Então acho que vou deixá-lo à vontade. Preciso pôr os pés para cima um pouco.

Com essas palavras ela o deixou sozinho. Grey ouviu uma porta se fechando no corredor. Bom, não era uma coisa incrível?, pensou. Pintar um quarto de bebê na casa de uma dona rica certamente não era algo que ele se imaginaria fazendo quando acordou no Red Roof. Tentou ouvir mais algum som vindo dela, mas não escutou

nada. Talvez o mais curioso de tudo fosse o fato de que Grey não se importava, de verdade. A mulher era totalmente maluca e um bocado mandona. Mas ele não a havia enganado com relação a quem era, já que ela nem perguntara. Era bom sentir a confiança de alguém, mesmo que ele não merecesse.

Pegou os suprimentos no saguão e começou a trabalhar. Pintar não era uma coisa que ele tivesse feito muitas vezes, mas não era exatamente ciência espacial, e ele se acomodou rapidamente ao ritmo, com a mente num vazio agradável. Quase podia se esquecer de ter acordado no Red Roof, de Zero, de Richards, do Chalé e de todo o resto. Uma hora se passou, e depois mais uma. Ele estava fazendo os recortes junto ao teto quando Lila apareceu à porta, segurando uma bandeja com um sanduíche e um copo d'água. Ela havia se trocado e posto um vestido de grávida, de brim e com cintura alta, que, apesar da amplidão, fazia-a parecer mais barriguda ainda.

– Espero que você goste de atum.

Ele desceu da escada para pegar a bandeja. O pão estava coberto com mofo verde e peludo; havia um cheiro de maionese rançosa. O estômago de Grey deu uma cambalhota.

– Talvez mais tarde – gaguejou. – Primeiro quero dar uma segunda demão.

Lila não comentou, em vez disso deu um passo atrás para olhar o quarto.

– Devo dizer que está mesmo melhor. *Muito* melhor. Não sei por que não pensei em branco antes. – Ela apontou de novo para Grey. – Espero que você não me considere muito intrometida, Lawrence, e não quero que presuma nada, mas por acaso você não precisa de um lugar para passar a noite?

Grey foi apanhado desprevenido; não tinha pensado tão adiante. Na verdade não tinha pensado nem um pouco adiante, como se o estado iludido da mulher fosse contagioso. Mas era claro que ela iria querer que ele ficasse. Depois de tantos dias sozinha, de jeito nenhum Lila deixaria que ele fosse embora – mantê-lo ali era o objetivo. E, além disso, aonde ele iria?

– Bom, então está resolvido. – Ela deu um riso nervoso. – Devo dizer que fiquei muito aliviada. Estou sentindo uma culpa enorme, arrastando você para cá, sem perguntar se tem um lugar onde ficar. E depois de você ter ajudado tanto.

– Tudo bem. Quero dizer, me sinto feliz em ficar.

– Nem precisa dizer. – A conversa parecia ter acabado, mas Lila se virou junto à porta, franzindo o nariz com nojo. – Desculpe o sanduíche. Sei que provavelmente não está muito apetitoso. Eu fico querendo ir ao mercado. Mas vou fazer um bom jantar para você.

Grey trabalhou durante toda a tarde, terminando a terceira demão enquanto o sol se punha nas janelas. Tinha de dizer: o quarto não parecia muito ruim. Pôs os pincéis e os rolos na bandeja, desceu a escada e foi pelo corredor central até a cozinha. Como o resto da casa, o cômodo tinha uma aparência aberta e moderna – armários brancos, bancadas de granito preto, utensílios de cromo brilhante –, efeito atrapalhado somente pelos sacos de lixo empilhados por toda parte, fedendo a comida velha. Lila estava à luz de velas junto ao fogão – parecia que o gás ainda funcionava – mexendo numa caçarola. A mesa estava arrumada com louças, guardanapos e talheres, até uma toalha.

– Espero que você goste de tomate – disse ela sorrindo.

Lila o guiou até um cômodo pequeno atrás da cozinha, onde havia uma pia. Não havia água para lavar os pincéis, por isso Grey os deixou na cuba. A ideia de sopa de tomate lhe causava repulsa, mas ele precisaria ser convincente na tentativa de comer – simplesmente não tinha como evitar. Quando ele retornou, Lila estava colocando a sopa fumegante em duas tigelas. Em seguida as levou até a mesa com um prato de Ritz Crackers.

– *Bon appétit*.

A primeira colherada quase o fez engasgar. Nem parecia comida. Contra todos os instintos, ele conseguiu engolir. Do outro lado da mesa, Lila parecia não notar seu incômodo, quebrando os biscoitos dentro da sopa e pondo colheradas na boca. Por pura força de vontade, Grey tomou outra colherada, depois uma terceira. Podia sentir a sopa se alojando na base da barriga, uma massa inerte.

Enquanto tentava uma quarta, algo parecido com um torno o apertou por dentro.

– Com licença um segundo.

Tentando não correr, voltou para o pequeno cômodo dos fundos, chegando à pia a tempo. Geralmente fazia o maior estardalhaço quando vomitava, mas agora não: a sopa parecia voar sem esforço para fora de seu corpo. Meu Deus, qual era o problema dele? Enxugou a boca, demorou um momento para se acalmar e voltou à mesa. Lila olhou para ele preocupada.

– A sopa está boa? – perguntou cautelosa.

Ele nem podia olhar para aquilo. Imaginou se ela sentia o cheiro de vômito em seu hálito.

– Está – conseguiu dizer. – É só que eu... não estou com muita fome, acho.

A resposta pareceu satisfazê-la. Ela o encarou por um longo momento antes de falar de novo: – Espero que não se incomode por eu perguntar, Lawrence, mas você está procurando trabalho?

– Quer dizer, mais pintura?

– Bom, certamente há isso. Mas outras coisas também. Porque tenho a impressão, e desculpe se estou tirando conclusões precipitadas, de que você talvez esteja um pouco... em dificuldade. Mas tudo bem. Não me entenda mal. Coisas acontecem com as pessoas. – Ela franziu os olhos do outro lado da mesa. – Mas você não trabalha mesmo na Home Depot, não é?

Grey balançou a cabeça.

– Foi o que pensei! Verdade, você chegou a me enganar lá. E, mesmo assim, você fez um serviço maravilhoso. Um serviço *maravilhoso*. O que só prova meu argumento. Se você entende o que estou dizendo. Porque eu gostaria de ajudá-lo a se levantar de novo. Você ajudou tanto que eu gostaria de devolver o favor. Deus sabe que há muita coisa que precisa ser feita aqui, com David sumido. É preciso colocar a faixa e, claro, há os problemas com o ar-condicionado, e o quintal, bom, você viu o quintal...

Se não a fizesse parar agora, Grey sabia que nunca iria tirá-la dali.

– Moça...

– Por favor. – Estendendo a mão, ela deu um sorriso caloroso. – É Lila.

– Lila, certo. – Grey respirou fundo. – Você notou alguma coisa... estranha?

Um franzido de testa perplexo.

– Não sei o que você quer dizer.

É melhor ir devagar, pensou Grey.

– Tipo... a eletricidade, por exemplo.

– Ah, isso – disse ela, e balançou a mão sem dar importância. – Você já falou disso, na loja.

– Mas não parece estranho ela ainda não ter voltado? Não acha que já teriam dado um jeito?

Uma vaga perturbação atravessou o rosto dela.

– Não faço a menor ideia. Honestamente, não sei aonde você quer chegar com isso.

– E o David, você disse que ele não telefonou. Quanto tempo faz?

– Bom, ele é um homem ocupado. Um homem muito ocupado.

– Acho que não é esse o motivo para ele não ter ligado.

A voz dela estava absolutamente monótona:

– Você não acha?

– Não.

Os olhos de Lila se estreitaram com suspeita.

– Lawrence, você sabe alguma coisa que não está me contando? Porque, se você é amigo do David, espero que tenha a decência de me dizer.

Era como se Grey estivesse tentando pegar uma mosca no ar.

– Não, ele não é meu amigo. Só estou dizendo... – Não havia nada a dizer, a não ser ir direto ao ponto: – Você notou que não há mais ninguém por aí?

Lila olhava para ele atentamente, os braços cruzados em cima da barriga grávida. Seus olhos tinham uma expressão de fúria mal contida. Ela se levantou abruptamente, pegou sua tigela vazia na mesa e levou à pia.

– Lila...

Ela balançou a cabeça enfaticamente, sem olhá-lo.

– Não admito que você fale desse jeito.

– Nós precisamos sair daqui.

Com um estrondo ela jogou a tigela na pia e abriu a torneira, virando a alavanca violentamente para trás e para a frente, sem resultado.

– Droga, não tem água. *Por que não tem água, porra?*

Grey ficou de pé. Ela girou para encará-lo, os punhos fechados com raiva.

– Você não entende? Não posso perdê-la de novo! Não posso!

As palavras não faziam sentido. Estaria falando do bebê? E o que queria dizer com “de novo”?

– Não podemos ficar. – Ele deu outro passo cauteloso, como se estivesse se aproximando de um animal desconfiado. – Aqui não é seguro.

Lágrimas furiosas começaram a escorrer pelas faces dela.

– Por que você tem de fazer isso? Por quê?

Ela começou a socá-lo com os punhos. Grey a puxou de encontro ao corpo como um boxeador num clinch, envolvendo-a com os braços. O gesto era um reflexo; ele não sabia o que mais poderia fazer.

– Não fale isso – disse enquanto ela se sacudia no abraço. – Não diga isso. – Então o ar saiu de dentro de Lila e ela desmoronou contra ele.

Por um momento, que pode ter durado um minuto inteiro, ficaram assim, travados num abraço desajeitado. Grey não podia estar mais perplexo – não por causa da reação violenta dela, que ele poderia prever, mas pelo fato de a mulher estar em seus braços. Como era leve! E como era diferente dele mesmo! Quanto tempo fazia que Grey não abraçava uma mulher ou qualquer outra pessoa? Ou que era tocado por alguém? Não conseguia lembrar. Podia sentir a barriga de Lila entre eles, sua presença insistente. Um bebê, pensou. Essa coitada vai ter um bebê.

Finalmente aliviou o aperto e recuou. A mulher animada e profissional que ele conhecera na Home Depot havia sumido; em seu lugar estava uma criatura frágil, ferida, quase como uma criança.

– Posso perguntar uma coisa, Lawrence? – Sua voz estava muito baixinha.

Grey assentiu.

– O que você fazia antes?

Ele demorou um segundo para perceber que ela estava falando sobre trabalho.

– Eu fazia limpeza. – Suas palavras tinham o timbre de uma confissão. – Era faxineiro.

Lila pensou nisso um momento, os olhos baixados para o chão sujo.

– Bom, acho que nessa você me pegou – disse, e enxugou as lágrimas dos olhos. – Para dizer a verdade, creio que eu não era nada.

A cozinha ficou em silêncio de novo, Grey imaginando o que ela diria em seguida. Ele achava que jamais se sentira tão mal por causa de alguém.

– Eu perdi uma antes, veja bem – disse Lila. – Uma menininha.

Grey esperou.

– Não foi culpa de ninguém. Foi uma daquelas coisas que acontecem às vezes.

Era estranho: parado em silêncio, Grey sentiu como se já soubesse disso sobre ela. Se não da coisa em si, pelo menos do tipo de coisa. Tudo nela ia subitamente se esclarecendo, como uma daquelas pinturas que não faziam sentido quando a gente olhava de perto, até que a gente recuava e de repente ela fazia.

– Bom – disse Lila finalmente, e soltou uma respiração longa. – Acho melhor ir dormir. Imagino que você vá querer ir embora de manhã cedinho. Se é que estou entendendo direito.

– Acho que é o melhor.

Os olhos de Lila examinaram o cômodo pensativamente.

– É uma pena, verdade. Eu queria mesmo terminar o quarto do bebê. – Ela o encarou de novo. – Só uma regra: você não pode me fazer pensar nisso.

Grey assentiu.

– Nós só vamos... dar um passeio pelo campo. Está bem?

– Certo.

Grey esperou por mais alguma coisa, mas não houve. Tão rapidamente quanto havia puxado o assunto, ela o colocou de lado

outra vez.

Então, do nada, seu humor pareceu melhorar. Os olhos se arregalaram abruptamente; ela parecia a ponto de dar uma gargalhada.

– Ah, meu Deus, que cena eu fiz! Não acredito que fiz isso! – Suas mãos foram até o rosto, aos cabelos. – Devo estar horrível. Estou horrível?

– Acho que você está ótima – gaguejou Grey.

– Aí está você, um hóspede na minha casa, e eu fico abrindo o berreiro. Isso deixa Brad absolutamente louco. Ele vive dizendo: Lila, pelo amor de Deus, não seja tão emotiva o tempo todo.

Aquele nome de novo, pensou Grey.

– Quem é Brad?

Lila franziu a testa, confusa.

– Meu marido, claro.

– Achei que David era seu marido.

– Bom, é. Quero dizer, o David.

– Mas você disse...

– Eu digo um monte de coisas, Lawrence. Isso é uma coisa que você precisa aprender sobre mim. Provavelmente você acha que sou louca.

– Não acho, não – mentiu Grey.

Ela deu um sorriso irônico.

– Nós dois sabemos que você só diz isso porque está sendo gentil. Mas agradeço o gesto. – Ela olhou ao redor outra vez e soltou um suspiro fundo. – Foi um dia e tanto, não acha? Infelizmente não temos um quarto de hóspedes adequado, mas arrumei o sofá para você. Se não se importar, acho que vou deixar os pratos para lavar de manhã e dizer boa-noite.

Grey não tinha ideia do que pensar sobre isso. Era como se ela tivesse interrompido o transe só para cair nele de novo.

– Eva – disse ela.

Grey olhou para a mulher.

– Minha filha que morreu – explicou Lila. – O nome dela era Eva.

Então ela saiu. Grey ficou ouvindo seus passos lentos seguindo pelo corredor e subindo a escada. Tirou os pratos da mesa. Gostaria

de lavá-los, para que ela descesse e encontrasse uma cozinha limpa de manhã, mas não podia fazer nada a não ser colocá-los na pia junto com os outros.

Levou uma das velas da mesa para a sala. Mas no minuto em que se deitou no sofá soube que o sono estava fora de questão. Seu cérebro ricocheteava, alerta; ainda se sentia meio nauseado por causa da sopa. Sua mente voltou à cena na cozinha e ao momento em que a envolvera com os braços. Não tinha sido um abraço, exatamente, Grey só estava tentando impedir que Lila batesse nele. Mas em algum momento aquilo se tornara algo *parecido* com um abraço. A sensação era boa – na verdade, era mais do que boa. Não era nada sexual, não como Grey recordava. Anos haviam se passado desde que ele experimentara algo que ao menos se aproximasse de um pensamento sexual – os antiandrogênicos garantiam isso – e além de tudo a mulher estava grávida, pelo amor de Deus. O que, pensando bem, talvez fosse o que havia de tão legal na coisa toda. As mulheres grávidas não viviam abraçando as pessoas sem motivo. Enquanto segurava Lila, Grey sentira como se tivesse entrado num círculo, e nesse círculo não havia apenas duas pessoas, e sim três – o bebê também estava ali. Talvez Lila estivesse louca, talvez não. Ele não seria capaz de julgar. Mas não podia entender que isso fizesse alguma diferença. Ela o havia escolhido para ajudá-la e era exatamente isso que ele faria.

Grey quase havia se convencido a cair no sono quando o silêncio foi cortado por um ganido animal. Saltou de pé no sofá, afastando a desorientação: o som viera lá de fora. Correu até a janela.

Foi então que se lembrou da arma de Iggy. Estava tão distraído que a havia deixado na Home Depot. Como podia ter sido tão idiota?

Encostou o rosto no vidro. Havia um volume escuro caído no meio da rua, mais ou menos do tamanho de um labrador. Não parecia estar se movendo. Grey esperou um momento com a respiração suspensa. Uma forma pálida estava saltando pelas copas das árvores, a imagem se esvaindo, até que sumiu.

Grey sabia que não fecharia os olhos a noite toda. Mas isso não importava. A sensação o encobria como água gelada. No andar de cima Lila dormia, sonhando com um mundo que não existia mais, e

fora das paredes da casa um mal monstruoso espreitava – um mal do qual Grey fazia parte. Sua mente voltou à cena na cozinha e à imagem de Lila parada junto à pia, com lágrimas desesperadas escorrendo pelo rosto, os punhos fechados em fúria. *Não posso perdê-la de novo! Não posso!*

Ele montaria guarda junto à janela até de manhã, e então, quando o sol nascesse, iria levá-la para longe dali.

No escuro, Lila Kyle estava pensando.

Tinha escutado o ganido do lado de fora. Era um cachorro, sabia; algo havia acontecido com um cachorro. Algum motorista insensato acelerando pela rua? Sem dúvida era isso. As pessoas deveriam ter mais cuidado com seus bichos de estimação.

Não pense, disse a si mesma. Não pense não pense não pense.

Imaginou como seria, se fosse um cão. Podia ver que talvez houvesse algumas vantagens. Uma experiência puramente sem pensamento, nada na mente a não ser o próximo carinho na cabeça, um passeio no quarteirão, a sensação de comida na barriga. Provavelmente Roscoe (porque *era* Roscoe que ela ouvira, coitado do Roscoe) nem tivesse sabido o que estava acontecendo com ele. Talvez um pouquinho, no final. Num minuto estava farejando pela rua, procurando algo para comer – Lila se lembrou da coisa mole que tinha visto na boca do cachorro naquela manhã e empurrou instantaneamente a lembrança desagradável para longe –, e no outro... bom, não havia outro. Roscoe estava navegando para o esquecimento.

E agora havia esse homem. Esse tal de Lawrence Grey. Sobre quem, percebeu Lila, ela não sabia absolutamente nada. Ele era faxineiro. Fazia limpeza. O que ele limpava? David seguramente teria um faniquito se soubesse que ela havia deixado um estranho entrar em casa. Ela gostaria de ver a expressão no rosto de David. Lila supunha que era possível ter avaliado mal o sujeito, esse tal de Lawrence Grey, mas achava que não. Sempre fora uma boa avaliadora de caráter. Certo, Lawrence tinha dito algumas coisas perturbadoras na cozinha – *muito* perturbadoras. Sobre as luzes estarem apagadas, as pessoas sumidas e todo o resto. (Mortas,

mortas, todas as pessoas estavam mortas.) Ele certamente a deixara incomodada. Mas, para ser justa, ele fizera um serviço maravilhoso no quarto do neném, e só de olhá-lo dava para ver que o coração dele estava no lugar certo. E esta era outra das expressões prediletas de seu pai. O que significava, exatamente? Será que o coração poderia estar em outro local? Papai, eu sou médica, dissera ela uma vez, rindo, posso declarar com certeza: o coração está onde está.

Um esforço tão grande só para manter tudo direitinho na mente. Porque era isso que a gente precisava fazer: precisava olhar as coisas de um certo modo e não de outro e, não importando o que acontecesse, não podia afastar o olhar. Caso contrário o mundo poderia esmagar a gente, poderia afogar a gente como uma onda, e então onde a gente iria ficar? A casa em si era algo do qual não sentiria falta; odiava-a secretamente desde o momento em que havia entrado nela pela primeira vez: as dimensões espalhafatosas, o número grande demais de cômodos e a luz amarela e gasosa. Não era nem um pouco parecida com aquela onde ela e Brad tinham morado na Maribel Street – pequena, aconchegante, cheia das coisas que eles amavam –, mas como poderia ser? O que era uma casa senão a vida que ela continha? Essa monstruosidade pomposa, esse museu do nada, tinha sido ideia de David, claro. A Casa de David: isso não era uma coisa da Bíblia? A Bíblia era cheia de casas, a casa de fulano e a casa de sicrano. Lila se lembrava de quando era pequenina, aninhada no sofá para assistir a “O Natal de Charlie Brown” – ela amava o Snoopy quase tanto quanto o Coelho Peter –, e o momento em que Lino, o inteligente, o que na verdade era só um homem fingindo ser um menino com seu cobertor, explicava a Charlie Brown o que era o Natal. *E naquele país havia pastores residindo no campo, vigiando seus rebanhos durante a noite. E eis que o anjo do Senhor veio a eles e a glória do Senhor brilhou sobre eles e eles ficaram com muito medo. E o anjo lhes disse: Não temais, pois eis que vos trago boas novas de grande júbilo, que serão levadas a todos os povos. Pois dentre vós nasceu neste dia, na cidade de Davi, um salvador, que é Cristo, o Senhor.*

Cidade de David, Casa de David.

Mas o bebê, pensou Lila. Era com o bebê que estavam seus pensamentos. Não com a casa ou com os barulhos lá de fora (havia monstros), ou com David não vir para casa (David morto), ou qualquer das outras coisas. Toda a literatura havia mostrado, sem questionamentos, que as emoções negativas abalavam o feto. Ele pensava como você pensava, ele sentia como você sentia e, se você ficasse com medo o tempo todo, como seria? Aquelas coisas perturbadoras que Lawrence dissera na cozinha: a intenção dele era boa, só estava tentando fazer o que achava ser melhor para ela e Eva (Eva?), mas será que essas coisas tinham de ser verdadeiras só porque ele dissera? Eram *teorias.* Eram apenas as *opiniões* dele. O que não queria dizer que ela discordasse. Provavelmente era hora de ir embora. Este lugar tinha ficado num silêncio medonho. (Coitado do Roscoe.) Se Brad estivesse aqui, seria isso que ele lhe diria. É hora de ir, Lila.

Porque às vezes, muitas vezes, o tempo todo, era como se o bebê que ela estava carregando não fosse alguém novo, uma pessoa totalmente nova. Desde o dia em que ela havia se agachado no toalete com a hastezinha de teste entre as coxas, o pensamento havia crescido dentro dela. O bebê não era uma nova Eva, ou uma Eva diferente, ou uma Eva substituta: ele *era* Eva, a menininha deles, que viera para casa. Era como se o mundo tivesse se consertado, desfazendo o erro terrível, cósmico, da morte de Eva.

Queria contar isso a Brad. Mais do que queria: simplesmente o nome dele produzia uma saudade tão poderosa que lhe trazia lágrimas aos olhos. Ela não quisera casar com David! Por que Lila havia se casado com David – o falso beato, repressor, eternamente bondoso – quando já estava casada com Brad? Sobretudo agora, com Eva a caminho, vindo torná-los uma família de novo?

Porque Lila ainda o amava; essa era a verdade. Esse era o triste e lamentável mistério de tudo. Jamais havia deixado de amar Brad, nem ele havia deixado de amá-la, nem por um segundo, nem quando o amor doía demais nos dois, porque sua menininha se fora. Haviam se separado como um modo de esquecer, já que nenhum dos dois conseguia isso na companhia do outro; uma rachadura inevitável, como a separação primordial dos continentes. Até o fim eles haviam

lutado contra isso. Na noite anterior à mudança dele – malas no corredor da casa da Maribel Street, com os advogados devidamente informados, tantas lágrimas derramadas que nenhum dos dois sabia mais por que estava chorando, uma condição tão geral quanto o clima, um mundo de lágrimas eternas – ele viera até ela, no quarto ao qual não comparecia desde muito tempo, entrara embaixo das cobertas e durante uma única hora os dois foram um casal de novo, movendo-se juntos em silêncio, os corpos ainda querendo o que os corações não podiam mais suportar. Não tinham dito uma palavra; de manhã Lila acordou sozinha.

Mas agora tudo isso havia mudado. Eva estava chegando! Eva estava praticamente ali! (David estava morto, todo mundo estava morto.) Ela escreveria uma carta para Brad, era isso que faria. Certamente ele iria procurá-la, ele era exatamente esse tipo de homem, a gente sempre podia contar com Brad quando a coisa degringolava de vez, e como seria para ele descobrir que ela não estava lá? Com o ânimo restaurado pela decisão, Lila se esgueirou até a mesinha embaixo da janela, procurou um lápis e uma folha de caderno na gaveta. Agora, que palavras escolher? *Estou indo embora. Não sei para onde. Espere por mim, querido. Eu te amo. Eva chegará logo.* Simples e claro, capturando com elegância a essência da coisa. Satisfeita, dobrou o papel, enfiou num envelope, escreveu “Brad” do lado de fora e o encostou na mesa, para que visse de manhã.

Deitou-se de novo. Do outro lado do quarto, a carta a olhava, um retângulo branco reluzente. Fechando os olhos, Lila deixou as mãos irem para a curva da barriga. Uma sensação de plenitude, e então, vindo de dentro, um retorcer gasoso, depois outro e outro. O bebê estava soluçando. *Hic!*, fazia o nenenzinho. Lila fechou os olhos, deixando a sensação dominá-la. Dentro dela, no espaço abaixo do coração, uma vida pequenina estava esperando para nascer, porém mais ainda: ela, Eva, ia retornar. O dia estava chegando, Lila sabia; sua mente cavalgava as correntes do sono como um surfista remando na curva de uma onda; em mais um instante a onda passaria sobre ela, levando-a para baixo. Eva se aquietou sob as

pontas dos seus dedos. Eu te amo, Eva, pensou Lila Kyle. E com isso caiu no sono.

DEZ

Eram quase 10 da manhã quando chegaram ao estádio Mile High. Enquanto ia para o centro da cidade Danny foi apanhado num labirinto de barricadas: veículos militares, trincheiras com pilhas de sacos de areia, até alguns tanques. Uma dúzia de vezes foi obrigado a dar marcha a ré em busca de uma rota alternativa e acabava descobrindo que a passagem estava bloqueada. Finalmente, enquanto o resto da névoa matinal se dissipava, encontrou um caminho livre sob a via expressa e subiu a rampa até o estádio.

A área de estacionamento estava ocupada por barracas verde-oliva, fantasmagoricamente calmas sob o sol da manhã. Ao redor disso havia um círculo de veículos – carros de passeio, ambulâncias e radiopatrulhas –, muitos parecendo meio esmagados: janelas quebradas, para-choques rasgados, portas arrancadas das dobradiças. Danny parou o ônibus.

Desembarcaram em meio a um fedor de podridão tão denso que Danny quase engasgou. Pior do que mamãe, pior do que todos os corpos que ele tinha visto naquela manhã, andando até a garagem. Era o tipo de cheiro que podia penetrar dentro da gente, pelo nariz e pela boca, e ficar ali durante dias.

– Olá! – gritou April. Sua voz ecoou no estacionamento. – Tem alguém aí? Olá!

Danny teve uma sensação ruim na boca do estômago. Parte daquilo era por causa do cheiro, parte não. Estava com a sensação pinicando no corpo todo.

– Olá! – gritou April de novo, as mãos em concha em volta da boca. – Tem alguém escutando?

– Talvez a gente devesse ir embora – sugeriu Danny.

– O Exército deveria estar aqui.

– Talvez eles já tenham partido.

April tirou sua mochila das costas, abriu o zíper e pegou um martelo. Girou-o como se quisesse testar o peso.

– Tim, fique perto de mim. Entendeu? Nada de sair andando por aí.

O menino estava de pé na base dos degraus do ônibus, franzindo o nariz.

– Mas o cheiro é horrível – disse com voz anasalada.

April estava enfiando os braços nas alças da mochila.

– A *cidade* inteira está com um cheiro horrível. Você precisa aguentar. Agora venha.

Danny também não queria ir, mas a garota estava decidida. Ele acompanhou os dois enquanto seguiam pelo labirinto de veículos. Passo a passo, Danny começou a compreender o que estava vendo. Os carros tinham sido posicionados ao redor das barracas como uma defesa. Igual ao tempo dos pioneiros, quando os colonos faziam um círculo de carroças se eram atacados por índios. Mas aqueles não eram índios, Danny sabia, e o que quer que tivesse acontecido ali parecia ter acabado muito antes. Havia cadáveres em algum lugar – o cheiro parecia se intensificar à medida que eles andavam –, mas até agora não tinham visto nenhum traço deles. Era como se todo mundo tivesse sumido.

Chegaram à primeira barraca. Puxando a aba de lado, April entrou primeiro, segurando o martelo à frente do corpo, pronta para golpear. O espaço era uma bagunça de macas viradas e suportes para soro, entulho espalhado por toda parte – bandagens, bacias, seringas. Mas mesmo assim não havia corpos.

Olharam em outra barraca, e numa terceira. Todas estavam iguais.

– Então para onde foi todo mundo, afinal? – perguntou April.

O único lugar que restava para olharem era o estádio. Danny não queria ir, mas April não iria aceitar um não como resposta. Se o Exército tinha dito para vir ali, insistiu ela, devia existir um motivo. Subiram a rampa até a entrada. April ia à frente, segurando Tim com uma das mãos, o martelo com a outra. Pela primeira vez Danny notou os pássaros. Uma enorme nuvem preta girando acima do estádio, seus gritos agudos parecendo romper o silêncio e ao mesmo tempo aprofundá-lo.

Então, vinda de trás, uma voz de homem:

– Se eu fosse vocês, não entraria aí.

A Ferrari havia morrido enquanto Kittridge entrava no estacionamento. Nesse ponto o carro dava pinotes como um cavalo meio domado, com fumaça oleosa saindo de baixo do capô e do chassi. Não havia dúvida quanto ao que acontecera: a saída de Kittridge como um foguete pela rampa do estacionamento – aquele salto no espaço e depois a pancada forte no chão – havia rachado o cárter. Enquanto o óleo se esvaía, o motor esquentou gradualmente, com o metal se expandindo até que os pistões travaram nos cilindros.

Desculpe o que aconteceu com seu carro, Warren. Sem dúvida foi bom enquanto durou.

Depois do que tinha visto no estádio, Kittridge precisou de algum tempo para se acalmar. Meu Deus, que cena! Não era algo que ele não pudesse ter previsto, mas ver pessoalmente era outra coisa. Ficou enjoado até o âmago. Suas mãos estavam tremendo; pensou que iria vomitar. Kittridge tinha visto algumas coisas na vida, coisas horríveis. Corpos em valas comuns enfileirados feito lenha; povoados inteiros mortos por gás; famílias largadas onde haviam caído, as mãos se estendendo em vão para o último toque de um ser amado; os restos indecifráveis de homens, mulheres e crianças, explodidos em pedacinhos num mercado por algum lunático com uma bomba amarrada no peito. Mas nunca alguma coisa nessa escala.

Estava sentado no capô da Ferrari, tentando decidir o que faria em seguida – encontrar um carro com as chaves era obviamente o próximo passo –, quando ouviu a distância um veículo se aproximando. Os nervos de Kittridge saltaram em posição de sentido. Um grande motor a diesel, pelo som: um carro blindado do Exército? Mas então, subindo lentamente a rampa, veio a visão surreal de um ônibus escolar amarelo.

Que tal?, pensou Kittridge. Puta que o pariu. Uma porra de um ônibus escolar, como uma viagem de primeira classe para o fim do mundo.

Kittridge viu o ônibus parar. Três pessoas saíram: uma garota com uma mecha de cabelo rosa, um menino de joelhos proeminentes usando camiseta e short e um homem com um boné engraçado, que Kittridge achou que seria o motorista. Olá!, gritou a garota. Olá, tem

alguém aí? Houve um momento de conversa entre os três e depois eles avançaram pelo emaranhado de veículos, a garota abrindo o caminho.

Provavelmente era hora de dizer alguma coisa, pensou Kittridge. Mas alertá-los de sua presença poderia implicar uma enorme quantidade de obrigações – que ele prometera evitar desde o início. Outras pessoas não faziam parte do plano; o plano era dar o fora. Viajar com pouca bagagem, ficar vivo o máximo possível, levar o máximo de virais que pudesse quando chegasse o fim, como certamente chegaria. A Última Resistência em Denver fazendo sua descida luminosa e meteórica para o vazio.

Mas então percebeu o que iria acontecer. Os três estavam indo direto para o estádio. Claro que era aonde iriam, Kittridge tinha feito o mesmo. Eles eram *crianças*, pelo amor de Deus: com ou sem plano, de jeito nenhum poderia deixar que entrassem lá.

Pegou seu fuzil e foi rapidamente impedi-los.

Ao som de sua voz, o motorista reagiu de modo tão violento que Kittridge ficou momentaneamente imobilizado. Irrompendo com um grito, o sujeito saltou para longe, tropeçando nos pés ao mesmo tempo que enterrava o rosto na dobra do cotovelo. Os outros dois se afastaram rapidamente, a menina puxando o menino para perto, protegendo-o, girando para Kittridge com um martelo diante do corpo.

– Ei, calma aí – disse Kittridge. Virando o fuzil para o céu, levantou as mãos. – Eu sou um dos mocinhos.

Kittridge viu que a garota era mais velha do que ele havia pensado, teria uns 17 anos. O cabelo rosa era ridículo e as duas orelhas tinham tantos brincos que pareciam rebitadas na cabeça, mas o modo como o olhava, friamente e sem a menor sugestão de pânico, dizia que ela era mais do que aparentava. Estava usando uma camiseta preta justa, jeans esgarçado nos joelhos, um par de tênis Chuck Taylor, pulseiras de couro e prata subindo pelos dois braços e uma mochila amarelo-cordão-de-isolamento pendurada nos ombros. O garoto era obviamente seu irmão, já que a conexão familiar era evidente não apenas no arranjo inconfundível das feições – o nariz um tanto pequeno demais com a ponta protuberante, os

planos altos e saltados dos malares, olhos do mesmo azul aquático – mas também pelo modo como a garota reagia, escondendo o menino numa proteção feroz que pareceu ligeiramente maternal a Kittridge.

O terceiro membro do grupo, o motorista, era mais difícil de avaliar. Havia algo definitivamente esquisito no cara. Vestia calça cáqui e camisa social branca abotoada até o pescoço; o cabelo, uma juba louro-ruiva que fugia do boné engraçado, parecia ter sido aparado por uma tesoura de poda. Mas a verdadeira diferença não estava em nenhuma dessas coisas. Era a postura.

O menino foi o primeiro a falar. Tinha o mais estranho redemoinho de cabelo em que Kittridge já pusera os olhos.

– Isso aí é um AK de verdade? – perguntou ele, apontando.

– Quieto, Tim. – Puxando-o mais para perto, a garota levantou o martelo, pronta para atacar. – Quem é você?

As mãos de Kittridge ainda estavam levantadas. Por um momento a ideia de que o martelo significava uma ameaça real foi algo que ele esteve disposto a admitir.

– Meu nome é Kittridge. E sim – disse ao menino –, é um AK de verdade. Só não pense que vou deixar você pôr a mão nele, homenzinho.

O rosto do garoto se iluminou de empolgação.

– Que *maneiro*!

Kittridge levantou o queixo na direção do motorista, que agora estava olhando atentamente para os sapatos.

– Ele está bem?

– Ele só não gosta de ser tocado. – A garota ainda estava examinando Kittridge com cautela. – O Exército disse para vir para cá. Nós ouvimos no rádio.

– Acho que disse mesmo. Mas parece que eles deram no pé. Bom, acho que não ouvi o nome de vocês.

A garota hesitou.

– Sou April. Esse é meu irmão, Tim. Aquele é o Danny.

– Prazer em conhecê-la, April. – Ele deu seu sorriso mais tranquilizador. – Então você acha que eu poderia baixar as mãos agora? Já que nós nos apresentamos direito?

– Onde você conseguiu essas armas?

– Na Outdoor World. Sou vendedor.

– Você vende armas?

– Equipamento de camping e pesca. Mas eles dão um belo desconto. Então, o que acha? Aqui estamos todos no mesmo time, April.

– Que time é esse?

Ele deu de ombros.

– O humano, acho.

A garota o avaliava com os olhos. Essa tal de April era cautelosa. Kittridge se lembrou de que ela não era só uma garota; era uma sobrevivente. Independentemente de qualquer outra coisa, merecia ser levada a sério. Alguns segundos passaram, então ela baixou o martelo ao lado do corpo.

– O que tem no estádio? – perguntou Tim.

– Confie em mim, não é uma coisa que vocês vão querer ver. – Kittridge olhou de novo para a garota. Ela parecia uma April, decidiu ele. Era engraçado como as coisas às vezes funcionavam assim. – Como vocês conseguiram se virar?

– A gente se escondeu na adega.

– E sua família?

– Não sabemos. Eles estavam em Telluride.

Meu Deus, pensou Kittridge. Telluride era o Marco Zero, o lugar onde tudo havia começado.

– Bom, isso foi esperto. Bem pensado. – Ele fez um gesto na direção de Danny outra vez. O sujeito estava parado a uns três metros, de lado, com as mãos nos bolsos, olhando o chão. – E o seu amigo?

– Foi Danny que achou a gente. Nós ouvimos quando ele buzinou.

– Parabéns, Danny. Eu diria que isso torna você o herói da vez.

O sujeito lançou um olhar rápido, de lado, para Kittridge. Seu rosto não tinha absolutamente nenhuma expressão.

– Certo.

– Por que não posso ver o que tem no estádio? – interveio Tim outra vez.

April e Kittridge trocaram um olhar: *Não é boa ideia.*

– Esqueça o estádio – disse April. Em seguida voltou a atenção para Kittridge. – Você viu mais alguém?

– Já faz um bom tempo que não. Isso não quer dizer que não haja ninguém.

– Mas você acha que não.

– Provavelmente é mais seguro presumir que estamos sozinhos.

Kittridge podia ver aonde aquilo iria dar. Uma hora antes estivera descendo pela lateral de um prédio, fugindo para salvar a vida. Agora estava diante da perspectiva de cuidar de duas crianças e um homem que nem conseguia encará-lo. Mas a situação era o que era.

– Esse ônibus é seu, Danny? – perguntou.

O sujeito assentiu.

– Eu faço a rota azul. Número 12.

Um veículo menor faria mais sentido, mas Kittridge tinha a sensação de que o sujeito não iria embora sem seu ônibus.

– O que acha de tirar a gente daqui?

A expressão da garota endureceu.

– O que faz você pensar que vai com a gente?

Kittridge ficou pasmo. Não havia considerado a possibilidade de que os três não quisessem sua ajuda.

– Na verdade, nada, se você coloca desse jeito. Acho que vocês teriam de me convidar.

– Por que eu não posso *ver*? – gemeu Tim.

April revirou os olhos.

– Puta que o pariu, Tim, corta esse papo de estádio, certo?

– Você falou “p”! Vou contar!

– E a quem você vai contar?

De repente o garoto estava à beira das lágrimas.

– Não fale isso!

– Escutem – interveio Kittridge –, esta não é a hora. Pela minha contagem, temos 10 horas de luz do dia. Acho que não queremos estar por aqui quando escurecer.

E foi então que o menino, sentindo sua chance, girou nos calcanhares e subiu correndo a rampa.

– Merda – disse Kittridge. – Vocês dois fiquem aqui.

Começou a correr mancando, mas não tinha condições de diminuir a distância. Quando alcançou o garoto, ele estava parado na boca de um dos portões, olhando abobalhado para o campo. Foram apenas alguns segundos, mas bastaram. Kittridge o agarrou por trás, erguendo-o junto ao peito. O garoto não ofereceu resistência, desmoronou no colo dele. Não emitiu nenhum som. Meu Deus, pensou Kittridge. Por que tinha deixado o garoto enganá-lo daquele jeito?

Quando chegou à base da rampa, Tim começou a soltar um som que era meio soluço, meio gemido. Kittridge o colocou no chão ao lado de April.

– O que você achou que estava fazendo? – A voz dela estava embargada por lágrimas raivosas.

– D... desculpe – gaguejou o menino.

– Você não pode sair correndo assim, não *pode*. – Ela o sacudiu pelos braços, depois o puxou num abraço desesperado. – Eu disse mil vezes: fique comigo!

Kittridge tinha ido até onde Danny estava parado olhando para o chão com as mãos nos bolsos.

– Eles estavam mesmo sozinhos? – perguntou em voz baixa.

– Consuela estava com eles – declarou Danny. – Mas ela se foi.

– Quem é Consuela?

Ele deu de ombros com os braços frouxos.

– Ela espera o ônibus com o Tim, às vezes.

Não havia muito mais a ser dito sobre isso. Talvez Danny não estivesse totalmente ali, mas ele havia resgatado duas crianças desamparadas cujos pais com certeza estavam mortos. Era mais do que Kittridge havia feito.

– Então o que acha, amigo? Está a fim de ligar aquele seu ônibus?

– Aonde a gente vai?

– Estou pensando em Nebraska.

ONZE

Partiram uma hora depois do amanhecer. Grey pegou tudo que pôde achar na cozinha e que ainda parecesse comestível – algumas latas de sopa que restavam, alguns biscoitos velhos e uma caixa de cereal – e pôs tudo no Volvo. Não tinha sequer uma escova de dentes que fosse sua, mas então Lila apareceu no corredor com duas malas de rodinhas.

– Tomei a liberdade de pegar umas roupas para você.

Lila estava vestida como se fosse sair de férias, com calça escura combinando com uma camisa social muitíssimo bem passada. Uma echarpe de seda colorida cobria seus ombros. Tinha lavado o rosto e escovado o cabelo, e até estava usando brincos e um pouco de maquiagem. A visão dela fez Grey perceber como estava sujo. Não tomava banho havia dias; provavelmente seu cheiro não era dos melhores. Seus dedos também ainda estavam manchados de tinta.

– Talvez eu devesse me limpar um pouco.

Lila ficou olhando-o atentamente, esperando que ele falasse mais alguma coisa.

– Já que a gente... você sabe... vai dar um passeio no campo.

O rosto dela relaxou.

– Claro.

Lila o guiou até o banheiro no topo da escada, onde já havia posto uma muda de roupa para ele, muito bem dobrada sobre a tampa do vaso. Uma escova de dentes novinha, ainda na embalagem, e um tubo de Colgate estavam na bancada, junto de uma jarra d'água. Grey tirou o macacão, lavou o rosto e passou água nas axilas, depois escovou os dentes, olhando o espelho largo. Não olhava seu reflexo desde o Red Roof, e ainda era um choque ver como estava jovem – pele limpa e esticada, cabelo crescendo luxuriante, olhos irradiando um brilho de joia. Parecia ter perdido um bocado de peso, também – o que não era surpresa, já que não comia nada havia pelo menos dois dias, mas o grau em que isso acontecera, tanto em quantidade quanto em qualidade, era espantoso. Não estava apenas

mais magro: era como se seu corpo tivesse se reorganizado. Virando-se de lado, mantendo o olhar no reflexo, passou a mão sobre a barriga, hesitante. Sempre havia tendido mais para o gorducho; agora podia discernir a linha rígida dos músculos. A partir daí foi um pequeno passo até flexionar os braços, como um menino se admirando. Ora, olhe para isso, pensou. Bíceps de verdade. Nossa!

Vestiu a roupa que Lila havia deixado para ele – cueca samba-canção branca, jeans e camisa esporte xadrez –, descobrindo, para seu espanto contínuo, que tudo cabia muito bem. Deu um último olhar aprovador para si mesmo no espelho e desceu a escada até a sala, onde encontrou Lila sentada no sofá, folheando uma revista.

– Bom, aí está você. – Ela o olhou de cima a baixo. – E está bonito!

Ele arrastou as malas até o Volvo. O ar da manhã tinha um toque de orvalho, pássaros cantavam nas árvores. Um passeio no campo, pensou Grey, balançando a cabeça. Um jogo de fingimento. Mas enquanto estava parado na entrada de veículos, usando as roupas de outro homem, isso quase parecia verdade. Era como se tivesse entrado numa vida diferente – talvez a vida do homem cujo jeans e cuja camisa esporte enfeitavam seu corpo agora magro e musculoso. Respirou fundo, expandindo o peito. O ar parecia fresco e limpo nos pulmões, cheio de perfume. Grama e folhas novas e verdes, terra úmida. Parecia não conter nenhum traço dos terrores da noite anterior, como se a luz do dia tivesse limpado o mundo.

Fechou o porta-malas, levantou os olhos e viu Lila parada junto à porta da casa. Ela virou a chave e em seguida tirou uma coisa da bolsa: um envelope. Pegou um rolo de fita crepe da bolsa e prendeu o envelope na porta, afastando-se para olhá-lo. Uma carta?, pensou Grey. Para quem seria? David? Brad? Um deles, provavelmente, mas Grey não tinha ideia de quem. Os dois pareciam praticamente intercambiáveis na mente de Lila.

– Pronto – anunciou ela. – Tudo certo. – Junto ao Volvo, entregou as chaves a ele. – Tudo bem se você dirigir?

E Grey gostou disso também.

Grey decidiu que seria melhor ficar fora das vias principais, pelo menos até saírem da cidade. Ainda que isto não fosse declarado, também parecia fazer parte do acordo com Lila que ele deveria evitar expô-la a coisas que pudessem perturbá-la. Isso acabou não sendo problema: a mulher mal levantou o olhar da revista. Ele seguiu pelos subúrbios. Na metade da manhã estavam num terreno seco e ondulado, de campos vazios cor de torrada queimada, indo para leste por uma estrada rural asfaltada. A cidade foi sumindo atrás, seguida pelo volume azul das Montanhas Rochosas vaporizando-se na névoa. A cena ao redor possuía uma qualidade estéril, esquecida – com apenas fiapos de nuvens lá no alto, os campos secos e a estrada se desenrolando sob as rodas do Volvo. Por fim Lila parou de ler e caiu no sono.

A estranheza da situação era inquestionável, mas à medida que os quilômetros passavam Grey sentia crescendo no peito uma percepção de coisa certa. Jamais na vida ele havia realmente sido importante para alguém. Procurou algo na mente, algo para comparar com aquele sentimento. A única coisa que encontrou foi a história de José e Maria fugindo para o Egito – uma lembrança da infância, porque fazia anos que Grey não ia à igreja. José sempre lhe parecera um cara esquisito, cuidando de uma mulher que ia ter o filho de outro. Mas Grey estava começando a ver o sentido daquilo, como uma pessoa podia criar uma conexão só porque alguém precisava dela.

E o fato é que Grey gostava de mulheres, sempre gostara. A outra coisa, com os meninos, era diferente. Não tinha a ver com o que ele gostava ou não gostava, mas com o que *tinha* de fazer, por causa do seu passado e das coisas que haviam sido feitas com ele. Era assim que Wilder, o psiquiatra da prisão, tinha explicado. Os meninos eram uma compulsão, disse Wilder, o modo de Grey voltar ao momento em que sofrera abuso, representá-lo de novo e, ao fazer isso, tentar entendê-lo. Grey não decidia tocar os meninos, assim como não decidia coçar uma comichão. Muito do que Wilder dizia parecera papo furado para Grey, mas não essa parte, e isso o fazia sentir-se um pouco melhor, saber que não tinha toda a culpa. Não que isso o tirasse da encrenca: Grey havia se condenado bastante. Na verdade

sentira alívio quando o prenderam. O Antigo Grey – o que se pegava próximo aos parquinhos, passando lentamente de carro na frente das escolas às três da tarde e arrastando os pés no vestiário da piscina comunitária nas tardes de verão –, *esse* Grey não era alguém que ele quisesse conhecer de novo.

Sua mente voltou ao abraço na cozinha. Não era uma coisa de rapaz e moça, Grey sabia, mas também não era um nada. Fez Grey pensar em Nora Chung, a única garota com quem havia namorado no colegial. Ela não tinha sido uma namorada, exatamente; os dois nunca tinham feito nada. Participavam da banda – por um breve período Grey tinha posto na cabeça que iria tocar trompete – e às vezes, depois do ensaio, Grey a levava para casa, os dois nem se tocando, se bem que alguma coisa naquelas caminhadas o fizesse sentir, pela primeira vez, que não estava sozinho na Terra. Queria beijá-la, mas nunca teve coragem e, com o tempo, Nora foi se afastando. Era curioso que Grey se lembrasse dela agora. Não havia sequer pensado em seu nome por 20 anos.

Ao meio-dia estavam se aproximando da divisa do Kansas. Lila continuava dormindo. O próprio Grey havia caído num estado meio onírico, praticamente sem prestar atenção à estrada. Tinha conseguido evitar cidades um pouco maiores, mas isso não poderia durar: logo precisariam de gasolina. Adiante viu uma torre d'água se projetando da planície.

A cidade se chamava Kingwood – era só uma rua principal curta e empoeirada, com metade das vitrines coberta com papel e alguns quarteirões de casas sem graça dos dois lados. Parecia inofensivamente abandonada; a única evidência de que algo havia acontecido era uma ambulância parada diante do posto dos bombeiros com as portas de trás abertas. E no entanto Grey sentiu alguma coisa, uma comichão nas extremidades, como se o trajeto fosse acompanhado das sombras. Percorreu toda a extensão da cidade, finalmente chegando a um posto de gasolina na borda leste, um posto sem bandeira chamado Frankie's.

Lila se remexeu quando Grey desligou o motor.

– Onde estamos?

– Kansas.

Ela bocejou, franzindo os olhos para olhar a cidade desolada através do para-brisa.

– Por que estamos parando?

– Precisamos de gasolina. Só vai levar um segundo.

Grey experimentou a bomba, mas não conseguiu nada: não havia eletricidade. Teria de aspirar um pouco, mas para isso precisaria de um pedaço de mangueira e uma lata. Entrou no escritório. Uma velha mesa de metal, coberta com pilhas de papéis, ficava perto da janela da frente; atrás havia uma velha cadeira de escritório, com o encosto inclinado, como se alguém tivesse se levantado recentemente. Passou pela porta que levava à área de serviço, um espaço escuro e fresco com cheiro de óleo. Um Cadillac Seville, do final dos anos 1990, estava empoleirado num dos elevadores; a segunda baia estava ocupada por um Chevy 4x4 último tipo, com suspensão levantada e pneus grossos, sujos de lama. No chão havia um galão de 18 litros de gasolina e numa bancada Grey localizou uma mangueira. Cortou um pedaço de dois metros, enfiou uma ponta no tanque do 4x4, sugou a mangueira e cuspiu, começando a passar a gasolina para a lata.

A lata estava quase cheia quando ele ouviu um som arrastado sobre a cabeça. Todos os nervos de seu corpo dispararam simultaneamente, prendendo-o no lugar.

Levantou o rosto.

A criatura estava suspensa numa trave do teto, de cabeça para baixo, com os joelhos dobrados sobre a estrutura como uma criança num trepa-trepa. Era menor do que o Zero, com aparência mais humana. Grey teve o pensamento absurdo de que talvez fosse o Frankie. Quando os olhares dos dois se encontraram, o coração de Grey se imobilizou entre duas batidas. Do fundo da garganta da criatura veio um som trinado.

Não precisa ter medo, Grey.

Que porra é essa?

Seus pés se embolaram quando ele saltou para trás, caindo no chão de concreto. Pegou a lata de gasolina no chão, com o combustível ainda saindo da mangueira, correu da baia de serviço

para o escritório e saiu pela porta. Lila estava de pé, encostada no carro.

– Entre – disse ele, ofegante.

– Você não viu se eles têm uma máquina de vender comida aí dentro? Eu gostaria de uma barra de chocolate ou algo assim.

– Que droga, Lila, entre no carro. – Grey abriu o porta-malas do Volvo, enfiou a lata dentro e o fechou. – Temos de ir *agora*.

Ela suspirou.

– Ótimo, como quiser. Só não sei por que você tem de ser tão grosseiro.

Partiram a toda a velocidade. Só quando estavam a dois quilômetros da cidade a pulsação de Grey começou a diminuir. Deixou o Volvo parar no acostamento, abriu a porta e saiu. Parado junto à estrada, pôs as mãos nos joelhos, respirando com grande esforço. Meu Deus, era como se a coisa tivesse *falado* com ele. Como se aqueles estalos fossem uma língua estrangeira que ele pudesse entender. Aquilo até sabia o seu nome. Como aquilo sabia seu nome?

Sentiu a mão de Lila em seu ombro.

– Lawrence, você está sangrando.

Seu cotovelo parecia rasgado, com uma aba de pele pendurada. Isso devia ter acontecido na queda, se bem que ele não tivesse sentido nada.

– Deixe-me olhar.

Com uma expressão de concentração intensa, Lila sondou gentilmente as bordas com as pontas dos dedos.

– Como aconteceu?

– Acho que eu tropecei.

– Você deveria ter dito alguma coisa. Consegue mexer o braço?

– Acho que sim, consigo.

– Espere aí – ordenou Lila. – Não toque nele.

Ela abriu o porta-malas do Volvo e começou a remexer em sua mala. Tirou uma caixa de metal e uma garrafa d’água e baixou a parte móvel da porta traseira do carro.

– Sente-se.

Grey se posicionou sobre porta traseira baixada, os pés balançando acima do chão. Lila abriu a caixa: era um kit médico. Esfregou um bocado de antisséptico nas mãos, pegou um par de luvas de látex, calçou-as e segurou o braço dele outra vez.

– Você tem histórico de sangramento excessivo? – perguntou.

– Acho que não.

– Hepatite, HIV, alguma coisa assim?

Grey balançou a cabeça.

– E sua última vacina antitetânica? Lembra quando foi?

Era como se ela tivesse virado uma pessoa totalmente diferente, pensou ele.

– Quando eu era criança.

Lila demorou mais um pouco examinando o ferimento antes de soltar o braço dele.

– Bom, é um talho feio. Vou ter de suturar.

– Quer dizer, tipo... dar pontos?

Fios de cabelo molhados de suor estavam se grudando à testa dela.

– Confie em mim, já fiz isso um milhão de vezes.

Ela limpou o ferimento com álcool e tirou uma seringa descartável da caixa. Encheu-a com uma ampola minúscula e bateu com o dedo na agulha.

– É só uma coisinha para entorpecer um pouco. Você não vai sentir nada, prometo.

A picada da agulha, e em alguns segundos a dor de Grey foi sumindo. Lila abriu um pano e arrumou sobre ele uma pinça, um carretel de fio preto e uma tesoura minúscula.

– Pode olhar se quiser, mas a maioria das pessoas prefere virar a cabeça para o outro lado.

Ele sentiu uma série de puxões pequeninos, mas só isso.

– Pronto, acabou – disse Lila.

O talho e sua aba de pele tinham sido substituídos por uma linha preta apertada. Lila passou um unguento em cima e cobriu com uma bandagem.

– Os pontos devem se dissolver em alguns dias – disse enquanto tirava as luvas. – Pode comichar um pouco, mas você não deve

coçar. Deixe o ferimento em paz.

– Como você sabia fazer isso? – perguntou Grey. – Você é enfermeira ou algo assim?

A pergunta pareceu pegá-la desprevenida. Uma mudança surgiu no seu rosto, um ar de profunda incerteza. Sua boca se abriu como se ela fosse dizer alguma coisa, depois se fechou de novo.

– Lila? Você está bem?

Ela estava guardando o kit. Voltou a colocar os suprimentos no Volvo e fechou a porta traseira.

– É melhor a gente ir, não acha?

Assim, de uma hora para outra, com o fim da emergência, a mulher que tinha dado pontos no seu braço sumira. Grey queria perguntar mais, porém sabia o que iria acontecer se fizesse isso. O pacto entre eles era claro: apenas certas coisas podiam ser ditas.

– Quer que eu dirija? – perguntou Lila. – Na verdade é a minha vez.

A pergunta não era de fato uma pergunta, entendeu Grey. Era a coisa natural a perguntar, assim como era seu dever recusar a oferta.

– Não, eu posso fazer isso.

Voltaram ao Volvo. Enquanto Grey engrenava o carro, Lila pegou sua revista no chão.

– Se não for problema para você, vou ler um pouco.

Cento e oitenta quilômetros ao norte, viajando para leste pela I-76, Kittridge também tinha começado a se preocupar com o combustível. O ônibus começara o trajeto com o tanque cheio; agora ele estava em um quarto.

Com alguns pequenos desvios, tinham conseguido ficar na autoestrada desde Fort Morgan. Acalentados pelo movimento do ônibus, April e seu irmão haviam caído no sono. Kittridge estivera certo com relação a Danny: dirigir o ônibus o deixava feliz. Ele assobiava entre os dentes enquanto dirigia – Kittridge não reconhecia a música – girando alegremente o volante e trabalhando com o freio e o acelerador, boné inclinado sobre a testa, o rosto e a postura tão eretos quanto os de um capitão de navio enfrentando uma tempestade.

Pelo amor de Deus, pensou Kittridge. Como, diabos, ele terminara dirigindo um ônibus escolar?

– Epa – disse Danny.

Kittridge se empertigou. Uma longa fila de veículos abandonados estendendo-se até o horizonte estava em seu caminho. Não eram exatamente veículos, e sim destroços. Alguns carros estavam de cabeça para baixo ou de lado. Havia corpos espalhados por toda parte.

Danny parou o ônibus. Agora April e Tim também estavam acordados, olhando pelo para-brisa.

– April, tire-o daqui – ordenou Kittridge. – Vocês dois, para trás, agora.

– O que você quer que eu faça? – perguntou Danny.

– Espere aqui.

Kittridge desceu do ônibus. Moscas zumbiam em enormes enxames pretos e havia um odor insuportável de carne podre. O ar estava absolutamente imóvel, como se não pudesse se obrigar a se mexer. Os únicos sinais de vida eram os pássaros, urubus e corvos girando no alto. Respirando pela boca, Kittridge seguiu pela fila de carros. Os virais tinham feito isso, não havia como se enganar; devia haver centenas deles, até mesmo milhares. O que isso significava? E por que todos os carros estavam juntos desse jeito, como se tivessem sido forçados a parar?

De repente Danny estava ao seu lado.

– Achei que eu tinha dito para você ficar com os outros.

O sujeito estava franzindo os olhos ao sol.

– Espere. – Ele levantou uma das mãos, depois disse: – Ouvi alguma coisa.

Kittridge prestou atenção. Nada, a não ser o cricrilar dos grilos nos campos vazios. Então ouviu, umas batidas abafadas, como punhos em metal.

Danny apontou.

– Vem dali.

O som ficava mais nítido a cada passo. Alguém estava vivo por ali, preso dentro de um carro batido. Gradualmente os componentes começaram a se separar, as pancadas sublinhadas por um eco

estrangulado de vozes humanas. *Deixa a gente sair! Tem alguém aí fora? Por favor!*

– Olá! – gritou Kittridge. – Estão me ouvindo?

Quem está aí? Socorro, por favor! Depressa, a gente vai cozinhar aqui até morrer!

O som vinha de uma carreta com o símbolo amarelo-vivo da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências pintado nas laterais. Agora as pancadas eram frenéticas, as vozes, um coro agudo de palavras indistinguíveis.

– Esperem aí! – gritou Kittridge.

A porta havia sido amassada na moldura. Kittridge procurou alguma coisa para usar como alavanca. Encontrou uma chave de roda. Enfiou a cunha embaixo da porta.

– Danny, me ajude.

A princípio a porta se recusou a ceder, depois começou a se mover quase imperceptivelmente. À medida que a abertura aumentava, uma linha de dedos apareceu embaixo da borda, tentando puxá-la para cima.

– Todo mundo, no três – ordenou Kittridge.

Com um guincho de metal, a porta subiu.

Eram de Fort Collins: um casal de 30 e poucos anos, Joe e Linda Robinson, os dois ainda vestidos para um dia no escritório, com um bebê que chamavam de Boy Jr.; um negro corpulento com uniforme de segurança, chamado Wood, e sua namorada, Delores, uma enfermeira pediátrica que falava com um forte sotaque do Caribe; uma mulher idosa, a Sra. Bellamy – Kittridge jamais ficaria sabendo qual era seu primeiro nome –, com uma nuvem de cabelos tingidos de azul e uma enorme bolsa branca que mantinha apertada junto ao corpo; um rapaz, talvez de 25 anos, chamado Jamal, com o cabelo cortado rente e tatuagens multicoloridas subindo pelos braços nus. O último era um homem de 50 e poucos anos, com cabelo grisalho e crespo e o tronco de barril de um atleta idoso, que se apresentou como Pastor Don. Não. Não era pastor de verdade, explicou, de profissão era contador. O apelido havia ficado dos tempos em que era treinador de futebol da Pop Warner.

– Eu sempre dizia a eles que rezassem para não levarmos um chute no rabo – disse a Kittridge.

Ainda que Kittridge tivesse presumido inicialmente que viajavam juntas, aquelas pessoas tinham terminado unidas por acidente. Todas contavam versões da mesma história. Tinham fugido da cidade e foram paradas por uma longa linha de tráfego na divisa de Nebraska. Segundo as notícias passadas de carro em carro, havia uma barreira do Exército adiante, ninguém tinha permissão de passar. O Exército estava esperando uma ordem para deixar que atravessassem. Durante um dia inteiro tinham ficado ali. À medida que a luz diminuía, as pessoas começaram a entrar em pânico. Todo mundo dizia que os virais estavam chegando; elas ficariam ali para morrer.

O que, mais ou menos, aconteceu.

Os primeiros chegaram logo depois do anoitecer, disse Pastor Don. Em algum lugar adiante, na fila, ouviram-se gritos, tiros e o som de metal esmagado; as pessoas começaram a passar correndo por ele. Mas não havia para onde fugir. Em segundos os virais estavam em cima, centenas correndo pelos campos, rasgando a multidão.

– Eu corri feito o diabo, como todo mundo – disse Pastor Don.

Ele e Kittridge haviam se afastado para conversar, os outros estavam sentados no chão perto do ônibus. April ia passando garrafas d'água. Pastor Don pegou uma caixa de Marlboro vermelha no bolso da camisa e tirou dois. Kittridge não fumava desde os 20 e poucos anos, mas que mal isso poderia fazer agora? Aceitou o isqueiro e deu uma tragada cautelosa. A nicotina bateu no seu organismo instantaneamente.

– Nem posso descrever – disse Don, e ejetou uma nuvem de fumaça. – Aquelas porcarias estavam em toda parte. Vi o caminhão e decidi que era melhor do que nada. Os outros já estavam dentro.

– Por que o Exército não deixou vocês passarem?

Don deu de ombros, filosoficamente.

– Você sabe como são essas coisas. Provavelmente alguém se esqueceu de preencher o formulário correto. – Ele franziu os olhos para Kittridge através de uma trilha de fumaça. – Você prestou serviço?

– Um tempo.

– Eu fui da reserva, há séculos. Basicamente, cuidava dos livros do almoxarifado. – Ele ficou em silêncio um momento. – E você, tem alguém?

Estava perguntando se Kittridge tinha família, alguém que tivesse perdido ou que estivesse procurando. Ele balançou a cabeça.

– Meu filho está em Seattle, é cirurgião plástico. É o pacote completo. Casou com a namorada de faculdade, tem dois filhos, um menino e uma menina. Uma casa grande na praia. Eles acabaram de reformar a cozinha. – Don balançou a cabeça, pesaroso. – Na última vez em que falamos foi sobre isso. A porra de uma cozinha.

Pastor Don estava carregando um fuzil, um 30-6 com três balas sobrando. Wood levava um 38 vazio. Joe Robinson tinha uma pistola 22 com quatro balas – boa para matar um esquilo, talvez, mas só isso.

Don olhou na direção do ônibus.

– E o motorista? Qual é a dele?

– Meio desligado, acho. Eu não tentaria tocá-lo, ele praticamente vai ter um ataque. Afora isso, é legal. Trata aquele ônibus como se fosse o *Queen Mary*.

– E os outros dois?

– Estavam escondidos no porão de casa. Achei-os andando pelo estacionamento do Mile High.

Don deu uma última tragada faminta e pisou na guimba.

– Mile High – repetiu. – Acho que não estava nem um pouco bonito.

Não havia como se desviar dos destroços; teriam de recuar e buscar outro caminho. Procuraram catar todos os suprimentos que encontraram – garrafas d'água, algumas lanternas que funcionavam e um lampião de propano, uma variedade de ferramentas e um pedaço de corda que não tinha utilidade óbvia, mas poderia encontrar algum propósito mais tarde – e entraram no ônibus.

Quando Kittridge pisou no primeiro degrau, Pastor Don tocou em seu cotovelo.

– Talvez você devesse dizer alguma coisa.

Kittridge o encarou.

– Alguém precisa estar no comando. E o ônibus é seu.

– Tecnicamente, é do Danny.

Ele encarou Kittridge.

– Não foi isso que eu quis dizer. Essas pessoas estão exaustas e com medo. Precisam de alguém como você.

– Você nem me conhece.

– Ah, conheço melhor do que você imagina. A gente aprende a interpretar os sinais. Estou supondo que seja ex-Forças Especiais. Rangers, talvez?

Kittridge ficou quieto.

– Bom, isso é da sua conta. Mas obviamente você sabe que diabos está fazendo muito melhor do que todo mundo por aqui, e ninguém deixou de notar isso. Esse show é seu, meu amigo, gostando ou não.

Era verdade e Kittridge sabia. Parado no corredor, examinou o grupo. Os Robinson estavam sentados na frente, Linda segurando Boy Jr. no colo; logo atrás vinham Jamal, sentado sozinho, e depois Wood e Delores. Don ocupava o banco do outro lado do corredor. A Sra. Bellamy estava sentada no fundo, segurando sua grande bolsa branca com as duas mãos, como uma aposentada numa excursão a um cassino. April sentara com o irmão atrás do banco do motorista, ocupado por Danny. Seu olhar se arregalou quando os dois se encararam. *E agora?*, diziam os olhos dela.

Kittridge pigarreou.

– Certo, pessoal. Sei que vocês estão com medo. Eu também estou. Mas vamos sair dessa. Não sei para onde vamos, mas, se continuarmos para leste, cedo ou tarde vamos estar seguros.

– E o Exército? – perguntou Jamal. – Aqueles escrotos abandonaram a gente aqui.

– Não sabemos de verdade o que aconteceu. Mas, por segurança, vamos ficar nas estradas secundárias o máximo que pudermos.

– Minha mãe mora em Kearney – disse Linda Robinson. – Era para lá que nós íamos.

– Kearney? – zombou Jamal. – Kearney está igual a Fort Collins. Ouvi no rádio.

Em todo grupo havia um assim, pensou Kittridge. Era exatamente disso que ele precisava.

Joe, o marido de Linda, virou a cabeça.

– Feche a boca pelo menos uma vez, está bem?

– Odeio dar a notícia, mas a mãe dela provavelmente está pendurada no teto agora mesmo, comendo o cachorro.

De repente todo mundo estava falando ao mesmo tempo. Dois dias no caminhão, pensou Kittridge. Claro que estariam pulando na garganta uns dos outros.

– Por favor, pessoal...

– E quem colocou você no comando? – Jamal apontou um dedo para Kittridge. – Só porque está todo, tipo, armado e coisa e tal.

– Concordo – disse Wood. Era a primeira vez que Kittridge ouvia a voz do sujeito. – Acho que deveríamos votar.

– Votar o quê? –insistiu Jamal.

Wood deu-lhe um olhar duro.

– Para começar, se devemos ou não jogar você para fora do ônibus.

– Foda-se, seu policialzinho de merda.

Num átimo Wood estava de pé. Antes que Kittridge pudesse reagir, o sujeito agarrou Jamal numa chave de pescoço; numa confusão de braços e pernas eles caíram por cima do banco. Todo mundo estava gritando. Linda, apertando o bebê, tentava se afastar. Joe Robinson havia se juntado à briga, tentando agarrar Jamal pelas pernas.

Um tiro sacudiu o ar. Todo mundo se imobilizou. Todos os olhos giraram para os fundos do ônibus, onde a Sra. Bellamy apontava uma pistola enorme para o teto.

– Meu Deus, dona – cuspiu Jamal –, que *porra...*

– Meu rapaz, acho que falo por todos quando digo que estou cansada das suas merdas. Você está com tanto medo quanto o resto de nós. Você deve um pedido de desculpas a essas pessoas.

Era completamente surreal, pensou Kittridge. Parte dele estava horrorizada, outra parte queria gargalhar.

– Certo, certo – gaguejou Jamal. – Mas guarde esse canhão.

– Acho que você pode fazer melhor do que isso.

– Desculpem, está bem? Pare de balançar essa coisa.

Ela pensou um momento, depois baixou a pistola ao lado do corpo.

– Acho que isso serve. Bom, eu gosto da ideia de uma votação. Esse homem gentil aí na frente... desculpe, minha audição não é a mesma de antes, como o senhor disse que era o seu nome?

– Kittridge.

– O Sr. Kittridge. Para mim ele parece perfeitamente capaz. Sugiro que todos a favor dele no comando levantem a mão.

Todas as mãos subiram, menos a de Jamal.

– Seria bom se fosse unânime, meu jovem.

O rosto dele estava ardendo de humilhação.

– Meu Deus, velhota, o que mais você quer de mim?

– Em 40 anos dando aulas em escolas públicas, pode acreditar que já lidei com minha cota de garotos iguais a você. Agora ande. Você verá como vai se sentir muito melhor.

Com ar de derrota, Jamal levantou a mão.

– Assim está melhor. – Ela olhou de novo para Kittridge. – Agora podemos ir, Sr. Kittridge.

Kittridge olhou para Pastor Don, que estava tentando não gargalhar.

– Certo, Danny – disse Kittridge. – Vamos dar meia-volta nesta coisa e achar um caminho para sair daqui.

DOZE

Eles o haviam perdido. Como, em nome de Jesus, eles o haviam perdido?

Pela última notícia que tinham, Grey estava dirigindo em direção a Denver. Nesse ponto a cortina havia baixado – a rede de Denver estava uma bagunça –, mas um dia depois tinham captado seu sinal a partir de uma torre da Verizon em Aurora. Guilder havia pedido que outro miniavião teleguiado varresse a área, mas não encontraram nada. Se Grey havia saído das interestaduais, como parecia provável, indo para a metade leste do estado, que era esparsamente povoada, poderia viajar por quilômetros sem deixar marca.

E nenhum sinal da garota. Parecia que ela fora engolida pela terra.

Com pouco a fazer além de esperar notícias de Nelson, Guilder tinha tempo suficiente para pensar no dossiê de Grey, inclusive na avaliação psiquiátrica do Departamento Correcional do Texas. Imaginou o que Richards estava pensando ao contratar homens assim. Seres humanos descartáveis – se bem que Guilder achasse que esse seria o objetivo: como as 12 cobaias originais, Babcock, Sosa, Morrison e todo o resto assustador, os faxineiros eram pessoas de quem ninguém sentiria falta.

Lawrence Alden Grey, nascido em 1970 em McAllen, Texas. A mãe era dona de casa, o pai, mecânico, ambos falecidos. O pai cumprira três períodos no Vietnã como socorrista do Exército, recebera baixa com honras, uma Estrela de Bronze e um Coração Púrpura, mas mesmo assim a coisa batera mal para o sujeito. Deu um tiro em si mesmo na cabine de sua picape, deixando que Grey, com apenas 6 anos, o encontrasse. Uma série de padrastos veio em seguida, pelo jeito um bêbado depois do outro, uma história de abusos, etc.; quando fez 18 anos Grey estava sozinho, trabalhando como operário nos campos de petróleo perto de Odessa, depois em plataformas no golfo. Nunca se casou, mas isso não era de espantar; seu perfil psiquiátrico era um saco de problemas. Tudo, desde transtorno obsessivo compulsivo até depressão e dissociação traumática. Na

opinião do psiquiatra, o sujeito era basicamente heterossexual, mas com tantos problemas isso nem ficava evidente; os meninos tinham sido o modo de Grey reencenar os abusos sofridos na infância, que sua mente consciente havia reprimido. Fora preso duas vezes: a primeira por atentado ao pudor, sendo solto com o argumento de que era um delito menor; a segunda por agressão sexual com agravantes. Basicamente ele havia tocado o menino – o que não era exatamente um crime passível de enforcamento, mas também não era nada legal. Com a primeira condenação em sua ficha, o juiz o sentenciara à pena de 18 a 24 anos em prisão de segurança máxima, mas ninguém cumpria mais a pena integral, e ele recebera liberdade condicional após 97 meses.

Depois disso não havia muita história. Ele havia se mudado de volta para Dallas, fazia pequenos bicos mas nada fixo, encontrava-se com o agente da condicional a cada duas semanas para mijar num copo e jurar por todos os santos que não tinha posto o pé a menos de 100 metros de um parquinho ou uma escola. Seu regime de antiandrogênicos ordenado pelo tribunal era padrão, com uma nova avaliação psiquiátrica a cada seis meses. Segundo todos os relatos, Lawrence Grey era um cidadão modelo, pelo menos conforme os padrões dos molestadores de criança que sofreram castração química.

Nada disso servia para dizer a Guilder como o sujeito havia sobrevivido. De algum modo ele escapara do Chalé; de algum modo conseguira não ser morto desde então. Simplesmente não fazia sentido.

O novo plano de Nelson era refazer o tráfego em todas as torres de celular no Kansas e em Nebraska, fechando os dois estados por um período de duas horas, e tentar isolar o sinal do chip de Grey. Em circunstâncias normais isso exigiria um mandado de um juiz federal, uma pilha de papéis com 10 quilômetros de altura e um mês de antecedência, mas Nelson havia usado um canal especial na Segurança Interna, que concordara em emitir uma ordem executiva especial sob o artigo 67 da Lei de Segurança Doméstica – conhecida mais comumente na comunidade de informações como a Lei “Faça a Porra que Você Quiser”. O chip no pescoço de Grey era um

transmissor de baixa amperagem que transmitia a 1.432 mega-hertz; assim que todos os outros sinais fossem retirados, e presumindo que Grey passasse a poucos quilômetros de uma torre, eles poderiam triangular sua posição e reposicionar um satélite para conseguir uma imagem.

O fechamento estava programado para as oito da manhã. Guilder havia chegado às seis e encontrado Nelson digitando em seu terminal. Um minúsculo zumbido de música vazava dos fones de ouvido enfiados nas laterais de sua cabeça.

– Deixe Mozart trabalhar – disse ele, mandando Guilder embora.

Guilder estava funcionando à base de café e adrenalina; desceu à sala de descanso para comer alguma coisa. Tudo o que tinham eram máquinas de vender; ele já havia pagado seus três dólares por uma barra de chocolate quando percebeu que o esforço para engolir seria grande demais. Jogou-a no lixo e pegou uma de outra marca, mas até ela, com o pegajoso creme de amendoim, era difícil. Ligou a TV na CNN. Novos casos pipocavam subitamente em toda parte – Amarillo, Baton Rouge, Phoenix. A ONU estava esvaziando sua sede em Nova York, mudando-se para Haia. Assim que a lei marcial fosse declarada, os militares que estavam fora do país seriam chamados de volta. Que fiasco! Faria a caixa de Pandora parecer um cesto de piquenique.

Nelson apareceu junto à porta.

– Pode agradecer – declarou sorrindo. – Houston, temos um criminoso sexual.

Nelson já havia se conectado com o satélite. Quando chegaram ao terminal, a imagem estava chegando.

– Onde, diabos, é isso?

Nelson estava no teclado, colocando a imagem em foco.

– Oeste do Kansas.

Uma grade de milharais surgiu na imagem aérea, e no centro um prédio comprido e baixo com um quadriculado de vagas de estacionamento na frente. Havia um único veículo parado: parecia um pequeno 4x4. Uma figura saiu do prédio puxando uma mala.

– É o mesmo cara? – perguntou Nelson.

– Não tenho certeza. Coloque mais perto.

A imagem se desfez e se formou de novo, assumindo uma distância aérea de aproximadamente 25 metros. Então Guilder teve certeza de que estava olhando para Lawrence Grey. Ele havia trocado de roupa, mas era o próprio. Grey voltou ao prédio e um minuto depois retornou com uma segunda mala, que colocou no porta-malas do carro. Ficou parado um momento, como se perdido em pensamentos. Então uma segunda figura saiu do prédio, uma mulher. Um pouco pesada, com cabelo escuro; estava usando calça comprida e uma blusa de cores claras.

Que diabo era aquilo?

Eles tinham menos de 30 segundos. A imagem já começara a perder nitidez. Grey abriu a porta do carona; a mulher entrou no carro. Grey olhou mais uma vez o estacionamento ao redor – como se soubesse que estava sendo vigiado, pensou Guilder. Entrou no veículo e foi embora, justo quando a imagem se dissolvia em fagulhas de estática.

Nelson levantou os olhos do terminal.

– Parece que nosso alvo fez uma amiga. Pela avaliação psicológica, devo dizer que estou um pouco surpreso.

– Ponha de volta a última imagem que tem a mulher. Veja se podemos melhorá-la.

Nelson tentou, mas os resultados foram uma melhoria modesta.

– Podemos descobrir o que é esse prédio?

Nelson havia empurrado a cadeira para um terminal adjacente.

– Main Street, número 3.812, Ledeau, Kansas. Um lugar chamado Angie’s Resort.

Quem era ela? O que Lawrence Grey estava fazendo com uma mulher? Ela seria do Chalé?

– Em que direção ele foi?

– Parece que para leste. Está indo direto para o meio da coisa. Se você quiser pegá-lo, é melhor agir.

– Localize nossa instalação mais próxima. Algo fora da linha de quarentena.

Mais toques no teclado e então Nelson disse:

– O mais perto para algo assim seria o velho laboratório da base naval no Forte Powell. O Exército o fechou há três anos quando

levou tudo para White Sands, mas deve ser fácil colocá-lo para funcionar.

– O que mais há por lá?

– Não muita coisa, a não ser a universidade Midwest State, que fica uns cinco quilômetros a leste. É a típica fábrica de jogadores de futebol, com algumas salas de aula anexas. Afora isso você tem um arsenal da Guarda Nacional, umas indústrias de processamento de carne bovina e suína, um pouco de indústria leve. Há uma pequena hidrelétrica, mas foi abandonada quando fizeram uma maior rio abaixo. Praticamente o único motivo para o lugar existir é a faculdade.

Guilder pensou um momento. Eles eram os únicos que sabiam sobre Grey, pelo menos até agora. Provavelmente era hora de o Centro de Controle de Doenças e o Instituto de Pesquisas Médicas de Doenças Infecciosas do Exército participarem.

No entanto ele hesitava. Em parte devido ao gosto ruim na boca depois do encontro com o pessoal do estado-maior. Como o Comando Central reagiria ao saber que eles haviam posto as monstruosidades de Lear sob a vigilância de um punhado de criminosos sexuais em condicional? Ele jamais se livraria disso.

Mas esse não era o motivo verdadeiro.

Uma cura para tudo. Não foram essas as palavras exatas de Lear? Não fora aí que toda a confusão havia começado? E, se Grey estava infectado e por algum motivo não tinha se transformado, seria possível que o vírus no seu sangue tivesse mudado de algum modo, chegando ao resultado que Lear esperava? Será que ele era tão valioso quanto a menina? E também não era verdade que, ainda que a morte fosse um problema de todo mundo (sobretudo agora), no caso de Guilder ela era uma questão igualmente premente e pessoal – mais ainda porque o destino que o esperava não deixava nada ao acaso? Ele não tinha algum direito de reunir todos os recursos de que dispunha buscando sua própria sobrevivência? Qualquer outra pessoa não faria o mesmo?

Todos vamos morrer, neném. É justo. Porém alguns mais do que outros.

Talvez Grey fosse a sua resposta, talvez não. Talvez ele fosse apenas um otário de sorte que conseguira sair de um prédio em chamas e evitar os espetos brilhantes por tempo suficiente para chegar ao Kansas. Mas quanto mais Guilder pensava nisso, mais achava que não. As chances eram simplesmente remotas demais. E, assim que ele entregasse o sujeito aos militares, duvidava que tivesse alguma notícia de Grey ou dessa mulher misteriosa.

O que não iria acontecer. Horace Guilder, subdiretor do Departamento de Armas Especiais, guardaria Lawrence Grey para si próprio.

– E então? O que você quer que eu faça?

Nelson o estava encarando. Guilder calculava a mecânica. De quem mais ele precisava? Nelson não era alguém que Guilder descreveria como leal, mas por enquanto poderia apelar ao interesse explícito do sujeito, e ele era a pessoa mais indicada para o serviço, uma banda de um homem só, em termos de conhecimento bioquímico. Cedo ou tarde ele descobriria o que Guilder tramava, e decisões teriam de ser tomadas, mas esse era um problema de que Guilder cuidaria quando chegasse a hora. Quanto a fazer a coleta, sempre havia alguém fora dos registros para tarefas assim. Bastaria um telefonema e tudo seria posto em movimento.

– Arrume suas coisas – disse. – Vamos a Iowa.

TREZE

Nascer do sol do segundo dia: agora estavam no interior de Nebraska. Danny, encurvado sobre o volante, os olhos ardendo de sono, havia dirigido toda a noite. Todo mundo, menos Kittridge, havia caído no sono, até o chato, Jamal.

Era bom ter pessoas em seu ônibus de novo. Ser útil, uma locomotiva útil.

Haviam encontrado mais diesel num pequeno aeroporto em McCook. As poucas cidades por onde haviam passado estavam vazias e abandonadas, como uma cena de um filme de Velho Oeste. Certo, talvez eles estivessem meio perdidos. Mas Kittridge e o outro homem, Pastor Don, disseram que não fazia mal, desde que continuassem indo para leste. É só isso que você precisa fazer, Danny, dissera Kittridge. Continuar levando a gente para leste.

Danny pensou no que tinha visto na rodovia. Era uma coisa incrível. Vira um monte de corpos nos últimos dias, mas nada tão ruim quanto aquilo. Gostava de Kittridge, que meio que o fazia lembrar o Sr. Purvis. Não que ele se *parecesse* com o Sr. Purvis, porque não parecia nem um pouco. Era o modo de falar com Danny: como se ele tivesse importância.

Enquanto dirigia, pensava na mamãe, no Sr. Purvis, em Thomas, Percy, James e em como estava sendo útil. Como mamãe e o Sr. Purvis ficariam orgulhosos dele agora!

O sol estava espiando por cima do horizonte, fazendo Danny estreitar os olhos por causa da claridade. Em pouco tempo todo mundo estaria acordado. Kittridge se inclinou por cima de seu ombro.

– Como estamos de combustível?

Danny olhou. Restava um quarto de tanque.

– Vamos parar e reabastecer com as latas – disse Kittridge. – E o pessoal pode se esticar um pouco.

Pararam num parque estadual à beira da estrada. Kittridge e Pastor Don verificaram os banheiros e consideraram que a barra estava limpa.

– Trinta minutos, pessoal – disse Kittridge.

Agora tinham mais suprimentos, caixas de biscoitos, creme de amendoim, maçãs, barras energéticas, garrafas de refrigerante e suco, fraldas e comida de bebê para Boy Jr. Kittridge até havia conseguido uma caixa de cereal para Danny, se bem que o leite na geladeira da mercearia estivesse todo estragado; ele teria de comer seco. Danny, Kittridge e Pastor Don descarregaram as latas de óleo diesel da parte de trás do ônibus e começaram a derramá-las no tanque. Danny avisara que o ônibus tinha capacidade de 190 litros, exatamente. O tanque cheio lhes daria uns 480 quilômetros.

– Você é um sujeito muito preciso – disse Kittridge.

Quando terminaram de reabastecer, Danny pegou a caixa de cereal e uma lata de refrigerante morno e sentou-se embaixo de uma árvore. O resto do grupo estava sentado em volta de uma mesa de piquenique, inclusive Jamal. Ele não falava muita coisa, mas Danny tinha a sensação de que todo mundo estava considerando que o que passou passou. Linda Robinson estava trocando a fralda de Boy Jr., cantarolando para ele, fazendo-o balançar os braços e as pernas. Danny nunca havia passado muito tempo perto de bebês. Tinha sido levado a pensar que eles choravam muito, mas até agora Boy Jr. havia permanecido quieto como um camundongo. Havia bebês bons e bebês ruins, dizia mamãe, e Boy Jr. era um dos bons. Danny tentou se lembrar de quando era bebê, só para ver se conseguia, mas sua mente não voltava até tão longe, pelo menos de modo organizado. Era estranho como havia toda uma parte de sua vida que não dava para lembrar, a não ser em pequenas imagens: sol batendo num vidro de janela, um sapo morto esmagado por um pneu na entrada de veículos ou uma fatia de maçã num prato. Imaginou se teria sido um bebê bonzinho, como Boy Jr.

Danny estava observando o grupo, enfiando bocados de cereal na boca e engolindo com o refrigerante, quando Tim se levantou da mesa e foi até ele.

– Ei, Timbo. Como vai?

O cabelo do garoto estava espetado para todo lado, por ter dormido no ônibus.

– Bem, acho. – Ele deu de ombros frouxamente. – Posso sentar com você?

Danny deu espaço para ele.

– Lamento que os outros garotos zombem de você às vezes – disse Tim depois de um minuto.

– Tudo bem. Não me importo.

– Billy Nice é um tremendo babaca.

– Ele pega no seu pé também?

– Às vezes. – O garoto assentiu vagamente. – Ele pega no pé de todo mundo.

– Deixe para lá. É o que eu faço.

Depois de um minuto, Tim disse:

– Você gosta mesmo do Thomas, não é?

– Claro.

– Eu assistia. Tinha um brinquedo enorme do Thomas e seus amigos no meu porão. O carregador de carvão, o lugar de lavar locomotivas, tudo.

– Eu gostaria de ver. Aposto que era fantástico.

Fez-se um breve silêncio. O sol estava quente no rosto de Danny.

– Quer saber o que eu vi no estádio? – perguntou Tim baixinho.

– Se você quiser contar.

– Tipo um milhão de pessoas mortas.

Danny não sabia o que dizer. Supôs que Tim sentira necessidade de contar a alguém; não era o tipo de coisa que a gente deveria manter trancada dentro de si.

– Foi bem feio

– Você contou a April?

Tim balançou a cabeça.

– Quer que eu guarde segredo?

– Pode ser?

– Claro. Eu sei guardar segredo.

Tim havia pegado um pouco de terra na base da árvore e a observava escorrer entre os dedos.

– Você não costuma ficar com muito medo, não é, Danny?

– Às vezes eu fico.

– Mas não agora – declarou o garoto.

Danny precisou pensar nisso. Achou que deveria estar, mas simplesmente não estava. O que sentia era mais como um *interesse.* O que iria acontecer em seguida? Aonde eles iriam? Surpreendia-o ver como estava sendo adaptável. O Dr. Francis sentiria orgulho.

– Não, acho que não.

Na sombra da área de piquenique, todo mundo estava guardando as coisas. Danny quis ser capaz de encontrar palavras para fazer com que o garoto se sentisse melhor, para apagar a lembrança do que tinha visto no estádio. Estavam retornando ao ônibus quando lhe veio a ideia.

– Ei, tenho uma coisa para você. – Em seguida enfiou a mão no bolso, pegou sua moeda da sorte e mostrou ao garoto. – Se você guardar isso, prometo que nada de ruim vai acontecer.

Tim pegou a moeda na palma da mão de Danny.

– O que houve com ela? Está toda amassada.

– Fui atropleado por um trem. É por isso que ela é uma moeda da sorte.

– Onde você a conseguiu?

– Não sei. Só sei que sempre tive essa moeda. – Danny inclinou a cabeça na direção da mão do menino: – Pode ficar com ela.

Um momento de hesitação e depois Tim colocou a moeda amassada dentro do bolso. Não era muito, Danny sabia, mas era alguma coisa – e havia momentos, como este, em que a coisa mais insignificante poderia ser de grande ajuda. Por exemplo, a garrafa de vodca de mamãe, que ela abria quando ficava nervosa demais, e as visitas noturnas do sr. Purvis, quando Danny os ouvia rir. O som do motor a diesel de seu ônibus quando ele girava a chave na ignição pela manhã. Passar correndo sobre o quebra-molas da avenida Lindler, fazendo a alegria das crianças quando eram arremessadas de seus bancos. Coisas simples como estas. Danny se sentiu feliz por ter tido aquela ideia. Ele havia passado adiante algo que sabia que talvez nem todo mundo conhecesse e, enquanto os dois estavam ali, à luz do sol, Danny percebeu, na periferia de sua visão, uma mudança no rosto de Tim, como se houvesse se iluminado – talvez fosse até um sorriso.

– Obrigado, Danny – disse o menino.

Omaha estava em chamas.

Viram isso primeiro como um brilho que latejava por cima do horizonte. Era a hora em que a luz começava a diminuir. Estavam se aproximando da cidade pelo sudoeste, pela rota 80. Não havia um único carro na autoestrada; todas as construções estavam escuras. Um abandono mais intenso, mais profundo do que qualquer coisa que tinham visto até agora – essa era, ou devia ter sido, uma cidade de quase meio milhão de habitantes. Um cheiro forte de fumaça começou a entrar pela ventilação do ônibus. Kittridge disse para Danny parar.

– Precisamos dar um jeito de atravessar o rio – disse Pastor Don. – Vamos para o sul ou para o norte, procurar uma passagem.

Kittridge levantou os olhos do mapa.

– Danny, como estamos de combustível?

Restava um oitavo de tanque; as latas estavam vazias. Teriam mais 80 quilômetros, no máximo. Haviam esperado encontrar mais combustível em Omaha.

– Uma coisa é certa – disse Kittridge. – Não podemos ficar aqui.

Viraram para o norte. A próxima travessia era na cidade de Adair. Mas a ponte sumira: fora explodida e não restava nada. Só o rio, largo e escuro, fluindo sem cessar. A oportunidade seguinte seria em Decatur, mais 50 quilômetros ao norte.

– Passamos por uma escola um quilômetro e meio atrás – disse Pastor Don. – É melhor do que nada. Podemos procurar combustível de manhã.

Um silêncio baixou sobre o ônibus, todo mundo esperando a resposta de Kittridge.

– Certo, vamos fazer isso.

Voltaram para o centro da cidadezinha. Todas as luzes estavam apagadas, as ruas vazias. Chegaram à escola, uma estrutura de aparência moderna afastada da estrada, na borda dos campos. Uma placa na frente do estacionamento dizia em letras grandes: “Avante, Lions! Tenham um ótimo verão!”

– Todo mundo espere aqui – disse Kittridge.

Ele entrou. Alguns minutos se passaram, em seguida ele voltou. Trocou um olhar rápido com Pastor Don e os dois assentiram.

– Vamos passar a noite aqui – anunciou Kittridge. – Fiquem juntos, nada de sair por aí. A eletricidade está desligada, mas tem água corrente e comida no refeitório. Se precisarem usar o banheiro, vão em duplas.

No saguão foram recebidos pelos cheiros reveladores de uma escola do ensino fundamental, de suor e meias sujas, material de arte e linóleo encerado. Um armário de troféus ficava perto de uma porta que levava, presumivelmente, à secretaria. Havia colagens penduradas nas paredes de blocos de concreto pintados, imagens de pessoas e animais tiradas de jornais e revistas. Ao lado de cada uma havia uma etiqueta impressa com a idade e a série do criador. Wendy Mueller, 2º ano. Gavin Jackson, 5º ano. Florence Ratcliffe, Jardim 3.

– April, vá com Wood e Don procurar alguns colchonetes para o pessoal dormir. As salas do jardim de infância devem ter alguns.

Na copa atrás do refeitório encontraram latas de feijão e salada de frutas, além de pão e geleia para fazer sanduíches. Não havia gás para cozinhar, por isso serviram o feijão frio, nas bandejas de metal do refeitório. Nessa hora já estava escuro do lado de fora. Kittridge distribuiu lanternas. Eles falavam apenas em sussurros, já que o consenso era de que os virais poderiam ouvi-los.

Às nove horas todo mundo estava deitado. Kittridge deixou Don vigiando no primeiro andar e subiu a escada levando uma lanterna. Muitas portas estavam trancadas, mas não todas; escolheu o laboratório de ciências, um grande espaço aberto com bancadas e armários de vidro cheios de béqueres e outros suprimentos. O ar tinha um leve cheiro de butano. No quadro branco na frente da sala estavam escritas as palavras: “Prova final, capítulos 8 a 12. Laboratório na quarta-feira.”

Kittridge tirou a camisa e se lavou na pia do canto, depois pegou uma cadeira e tirou as botas. A prótese, que começava logo abaixo do joelho esquerdo, era feita de liga de titânio e coberta por silicone; um cilindro hidráulico controlado por microprocessador, alimentado por uma minúscula célula de hidrogênio, se ajustava cinco vezes por segundo para calcular a velocidade angular correta do tornozelo, imitando o passo natural. Era o que havia de mais moderno em

membros artificiais; Kittridge não duvidava de que ela havia custado uma grana ao Exército. Enrolou a calça, tirou a meia que protegia o encaixe e lavou o cotoco com o sabonete que estava na pia. Ainda que tivesse calos grossos, a pele no ponto de contato parecia machucada e sensível depois de dois dias sem cuidados. Enxugou o cotoco meticulosamente, deixou alguns minutos tomando ar e em seguida recolocou a prótese e baixou a perna da calça.

Levou um susto com o som de movimento atrás. Virou-se e encontrou April parada junto à porta.

– Desculpe, eu não queria...

Ele vestiu rapidamente a camisa e se levantou. Quanto ela teria visto? Mas a luz era fraca e ele estava parcialmente escondido por uma bancada.

– Sem problema. Eu só estava me lavando um pouco.

– Não consegui dormir.

– Tudo bem. Pode entrar, se quiser.

Ela entrou na sala, insegura. Kittridge foi até a janela levando o AK. Demorou alguns instantes examinando rapidamente a rua embaixo.

– Como estão as coisas lá fora? – Ela estava parada junto dele.

– Até agora, tudo calmo. Como vai o Tim?

– Apagou totalmente. Ele é mais forte do que parece. Mais forte do que eu, pelo menos.

– Duvido. Você me parece bastante bem, para a situação.

April franziu a testa.

– Não deveria duvidar. Pode chamar essa calma aparente de pura fachada. Para dizer a verdade, estou com tanto pavor que na verdade não sinto mais nada.

Uma prateleira larga seguia toda a extensão da parede embaixo das janelas. April sentou-se nela, encostando as costas no caixilho e puxando os joelhos para o peito. Kittridge fez o mesmo. Agora estavam cara a cara. Um silêncio cheio de expectativa, mas não desconfortável, baixou entre os dois. A garota era jovem, no entanto ele sentia nela um núcleo resistente. Era algo que nem todo mundo tinha em si.

– E aí, você tem namorado?

– Por que, quer se candidatar?

Kittridge gargalhou, sentiu o rosto ficando vermelho.

– Só estou puxando assunto, acho. Você é assim com todo mundo?

– Só com as pessoas de quem eu gosto.

Um momento se passou.

– Como você arranjou esse nome, April? – Foi tudo que ele pensou para dizer. – Abril é o mês do seu aniversário?

– É de “A terra desolada”. – Como Kittridge não reagiu, ela levantou as sobrancelhas e explicou: – É um poema de T. S. Eliot, sabe?

Kittridge tinha ouvido o nome, mas só isso.

– Não posso dizer que já tenha lido. Como é?

Ela deixou o olhar ir além dele. Quando começou a falar, sua voz estava cheia de um sentimento intenso que Kittridge não pôde identificar, feliz e triste e cheia de recordações: – “Abril é o mais cruel dos meses, germina lilases da terra morta, mistura memória e desejo, aviva agônicas raízes com a chuva da primavera. O inverno nos agasalhava, envolvendo a terra em neve deslembrada, nutrindo com secos tubérculos o que ainda restava de vida. O verão nos surpreendeu, caindo do Starnbergersee com um aguaceiro...”

– Uau – disse Kittridge. Ela o estava encarando. Seus olhos, ele notou, tinham cor de musgo, com pontos dourados flutuando ao redor da íris – É mesmo incrível.

April deu de ombros.

– E continua assim. Basicamente o cara era totalmente depressivo. – Ela estava repuxando uma parte esgarçada do jeans. – O nome foi ideia da minha mãe. Ela era professora de inglês antes de conhecer meu padrasto e a gente ficar, tipo, rico e coisa e tal.

– Seus pais são divorciados?

– Meu pai morreu quando eu tinha 6 anos.

– Desculpe, eu não deveria ter...

– Não precisa. Ele não era o que você chamaria de um cara admirável. Um resquício dos tempos de rebeldia da minha mãe. Estava totalmente bêbado, jogou o carro contra o parapeito de uma ponte. E foi assim, como diz o Ursinho Puff.

Ela mencionou esses fatos sem inflexão; era como se estivesse falando do tempo. Lá fora, a noite de verão estava coberta pelo negrume. Kittridge obviamente a havia julgado mal, mas tinha aprendido que era assim com a maioria das pessoas. A história nunca era a história, e a gente ficava surpreso com quanta coisa outra pessoa podia carregar.

– Eu vi, sabe? – disse April. – A sua perna. As cicatrizes nas suas costas. Você esteve na guerra, não foi?

– O que faz você pensar isso?

Ela fez uma expressão de incredulidade.

– Putz, não sei... acho que tudo. Porque você é o único que parece saber o que fazer? Porque você é tipo supercompetente com armas e coisa e tal?

– Eu lhe disse. Sou vendedor. Equipamento de camping.

– Não acredito nem por um segundo.

O tom direto dela era tão desconcertante que por um momento ele não disse nada. Mas ela o havia encurralado com as evidências.

– Tem certeza de que quer ouvir? Não é muito legal.

– Se você quiser contar.

Ele instintivamente dirigiu o olhar para a janela.

– Bom, você está certa. Me alistei logo depois do ensino médio. Não no Exército, nos Fuzileiros. Isso foi pouco depois do 11 de Setembro, quando metade do país estava preparada para se alistar. Acabei como sargento na Polícia Militar.

– Você era policial?

– Mais ou menos. Na maior parte do tempo fazíamos a segurança das instalações americanas, bases aéreas, instalações importantes, esse tipo de coisa. Eles faziam a gente viajar um bocado. Irã, Iraque, Arábia Saudita. Chechênia durante um tempo. Meu último serviço foi na Base Aérea de Bagram, no Afeganistão. Geralmente era uma coisa bem rotineira, verificar documentação de equipamentos e a entrada e saída de trabalhadores estrangeiros. Mas de vez em quando acontecia alguma coisa. O golpe ainda não tinha acontecido, de modo que o território era controlado pelos americanos, mas havia talibãs por toda parte, além da Al-Qaeda e uns 20 líderes guerreiros da região entrando e saindo.

Ele parou para se recompor. A parte seguinte era sempre mais difícil.

– Até que um dia a gente viu um carro, uma lata velha como todas as outras, vindo pela estrada. Todos os pontos de verificação eram bem marcados, todo mundo sabia que deveria parar, mas o cara não parou. Veio direto para nós. Dava para ver duas pessoas no carro, um homem e uma mulher. Todo mundo abriu fogo. O carro se desviou, capotou duas vezes e parou de pé. Estávamos achando que com certeza ele ia explodir, mas não explodiu. Eu era o cara de posto mais alto, por isso fui olhar. A mulher estava morta, mas o homem continuava vivo. Estava curvado sobre o volante, coberto de sangue. No banco de trás havia um menino. Não podia ter mais de 4 anos. Estava preso num banco cheio de explosivos. Vi os fios indo até a frente do veículo, onde o pai estava segurando o detonador. Ele estava murmurando sozinho. *Anta al-mas'ul*. Ficava dizendo *Anta al-mas'ul*. O menino estava chorando, estendendo a mão para mim. Uma mãozinha. Nunca vou esquecer. Só tinha 4 anos, mas parecia ter conhecimento do que ia acontecer.

– Meu Deus! – O rosto de April estava horrorizado. – O que você fez?

– A única coisa em que pude pensar. Saí correndo. Não me lembro da explosão. Acordei num hospital na Arábia Saudita. Dois homens da minha unidade foram mortos, outro levou um pedaço de estilhaço na coluna.

April estava olhando para ele.

– Eu disse que não era muito legal.

– Ele explodiu o próprio *filho*? – disse a garota.

– Pois é.

– Mas que tipo de gente faria isso?

– Aí você me pegou. Nunca consegui entender.

April ficou em silêncio e, como sempre, Kittridge se perguntou se havia falado demais. Mas era bom aliviar um pouco daquele peso e, se havia passado do limite, April não tinha dado a entender isso. Na verdade ele sabia que sua história não era tão significativa, só mais uma entre centenas, milhares. O mundo era assim, essa crueldade

sem sentido. Mas entender esse fato era muito diferente de aceitá-lo, principalmente quando se tinha passado por aquela experiência.

– E o que aconteceu depois? – perguntou April.

– Nada. Fim da história. Ele foi dançar com suas virgens pela eternidade.

– Estou falando de você. – Os olhos dela se mantinham no rosto de Kittridge. – Acho que eu teria ficado muito mal com uma coisa dessas.

Isso era novidade, pensou ele – a parte da história pela qual ninguém perguntava. Geralmente, depois que ele contava o básico, a pessoa fazia de tudo para fugir do assunto. Mas essa garota, April, não.

– Bom, não fiquei. Pelo menos não achei que tivesse ficado. Passei cerca de meio ano na Administração de Veteranos, aprendendo a andar, me vestir e comer sozinho, e então eles me deram um pontapé. A guerra acabou, amigo, pelo menos para você. Não fiquei muito amargurado, como vários caras ficam. Não mergulhava embaixo da cama quando um cano de escapamento de carro estourava, nem nada assim. O que passou passou, eu pensava. Até que uns seis meses depois de me estabelecer fiz uma viagem até a minha cidade no Wyoming. Meus pais tinham morrido, minha irmã havia se mudado para a Colúmbia Britânica com o marido e basicamente sumido do mapa, mas eu ainda conhecia umas pessoas, caras com quem eu tinha estudado, só que ninguém era mais criança. Um deles quis dar uma festa para mim, as grandes boas-vindas ao lar.

Kittridge olhou de novo pela janela antes de prosseguir:

– Nessa época todos já tinham família, filhos, mulheres e empregos, mas era um pessoal que gostava de encher a cara. A festa era só uma desculpa para ficar bêbado, mas eu não vi nada de mal. Disse tudo bem, encha a cara, e foi o que ele fez. Havia pelo menos 100 pessoas, uma faixa enorme com meu nome estava pendurada em cima da varanda, tinha até uma banda tocando. A coisa toda me bateu mal. Eu estava no quintal dos fundos ouvindo a música e um amigo disse: Vem cá, tem umas mulheres querendo conhecer você. Não fique aí parado feito um idiota. Assim ele me

levou para dentro e elas eram três, todas bem legais. Eu conhecia uma delas um pouco, de antigamente. Estavam conversando sobre algum programa de TV, fofocas, as coisas de sempre. Coisas normais, cotidianas. Eu estava segurando uma cerveja e ouvindo quando de repente percebi que não tinha ideia do que elas diziam. Não as palavras. O *sentido* delas. Nada parecia se conectar com mais nada, como se houvesse dois mundos, um interno e um externo, e nenhum tivesse nada a ver com o outro. Tenho certeza de que um psiquiatra daria um nome a isso. Só sei que acordei no chão com todo mundo ao redor de mim. Depois disso demorei uns quatro meses no mato só para conseguir ficar perto das pessoas de novo. – Ele parou, meio surpreso consigo mesmo. – Para dizer a verdade, nunca contei essa parte a ninguém. Você é a primeira.

– Parece um dia numa escola do ensino médio.

Kittridge teve de rir.

– *Touché*.

Seus olhares se encontraram e se sustentaram. Como era estranho!, pensou ele. Num minuto você está totalmente sozinho com seus pensamentos, no outro chega alguém que parece conhecer sua parte mais profunda, que consegue abri-lo como um livro. Não poderia dizer quanto tempo ficaram se olhando. Aquilo pareceu continuar e continuar, nenhum dos dois com força, coragem ou mesmo vontade de desviar os olhos. Quantos anos ela teria? Dezessete? No entanto não parecia ter 17. Não parecia ter nenhuma idade. Era uma alma velha: Kittridge tinha ouvido essa expressão mas jamais entendera exatamente o que ela significava. Era isso que April tinha. Uma alma velha.

Para selar o trato entre os dois, Kittridge tirou uma das Glocks do coldre de ombro e estendeu para ela.

– Sabe usar uma destas?

April olhou para a arma, insegura.

– Deixe-me adivinhar. Não é como na TV.

Kittridge soltou o carregador e empurrou a corrediça para inserir o cartucho. Colocou a Glock na mão dela, envolvendo os dedos de April com os dele.

– Não puxe o gatilho com o nó do dedo, o tiro vai sair baixo. Só use a almofada da ponta do dedo e aperte, assim. – Ele soltou a mão dela e bateu no próprio esterno. – Um tiro, bem aqui. É só isso que precisa, mas não pode errar. Não se apresse, mire e dispare. – Ele inclinou a cabeça na direção da pistola. – Pode ficar com ela. Mantenha uma bala na câmara como eu mostrei.

Ela deu um sorriso torto.

– Obrigada. Eu não tenho nada para você, aqui.

– Quem sabe da próxima vez?

Um momento passou. April estava virando a arma na mão, examinando-a como se fosse algum artefato incompreensível.

– O que o pai disse... *anta*-sei lá o quê.

– *Anta al-mas'ul*.

– Você descobriu o que significa?

Kittridge assentiu.

– "Você fez isso."

O silêncio baixou novamente sobre eles, mas de uma forma diferente das anteriores. Não era uma barreira separando-os, mas a compreensão mútua de suas vidas, como um espaço em que somente ambos existissem. Como era estranho, pensou Kittridge, dizer aquelas palavras. *Anta al -mas'ul*. *Anta al-mas'ul*.

– Foi a coisa certa, sabe? – disse ela. – Você também teria morrido.

– Sempre há uma opção.

– O que mais você poderia ter feito?

A pergunta era retórica, ele sabia; ela não esperava resposta. *O que mais ele poderia ter feito?* Mas Kittridge sabia a resposta. Sempre soubera.

– Poderia ter segurado a mão dele.

Ele manteve a vigília perto das vidraças durante toda a noite. A falta de sono não era problema para ele: tinha aprendido a funcionar com apenas alguns cochilos. April estava enrolada no chão embaixo da janela. Kittridge havia tirado a jaqueta e posto em cima dela. Não havia luzes em lugar nenhum. A vista da janela era um mundo de

paz, o céu pontilhado de estrelas. Quando a primeira claridade do dia surgiu no horizonte, ele se permitiu fechar os olhos.

Acordou espantado com o som de motores se aproximando. Um comboio do Exército, com 20 veículos, vinha pela rua. Tirou rapidamente a segunda pistola do coldre e entregou a April, que agora também estava sentada, esfregando os olhos.

– Segure isto.

Kittridge desceu a escada rapidamente. Quando passou pela porta o comboio estava a menos de 30 metros. Correu para a rua, balançando os braços.

– Parem!

O Humvee da frente parou sacolejando poucos metros diante dele, o soldado em cima acompanhando seus movimentos com uma metralhadora calibre 50. A parte de baixo de seu rosto estava coberta por uma máscara cirúrgica.

– Fique parado aí.

Kittridge havia levantado os braços.

– Não estou armado.

O soldado puxou a trava da arma.

– Eu disse para manter distância.

Seguiram-se cinco segundos de tensão; parecia possível que ele levasse um tiro. Então a porta do carona do Humvee se abriu. Uma mulher de aparência vigorosa saiu e veio em sua direção. De perto o rosto dela parecia gasto e enrugado, com uma camada de poeira. Era oficial, mas não do tipo que cavalgava uma mesa.

– Major Porcheki, 9º Batalhão de Apoio de Combate, Guarda Nacional de Iowa. Quem diabos é você?

Ele tinha apenas uma carta para jogar.

– Sargento Bernard Kittridge, 1º Batalhão da Polícia Militar dos Fuzileiros. Companhia Charlie.

Os olhos dela se estreitaram avaliando o rosto dele.

– Você é fuzileiro?

– Saí com dispensa médica, senhora.

A major olhou para além dele, na direção da escola. Mesmo sem olhar, Kittridge soube que os outros espiavam das janelas.

– Quantos civis você tem aí dentro?

– Onze. O ônibus está quase sem combustível.

– Algum doente ou ferido?

– Todo mundo está exausto e morrendo de medo, mas é só.

Ela pensou nisso, com expressão neutra. E depois:

– Caldwell! Valdez!

Dois soldados vieram trotando. Eles também usavam máscaras cirúrgicas. Todo mundo usava, menos Porcheki.

– Tragam o caminhão-tanque e coloquem combustível naquele ônibus.

– Vamos pegar civis? Podemos fazer isso agora?

– Eu pedi sua opinião, especialista? E tragam um paramédico.

– Sim, senhora. Desculpe, senhora.

Os dois saíram correndo.

– Obrigado, major. Seria uma longa caminhada para sair daqui.

Porcheki havia tirado um cantil do cinto e parou para tomar um gole.

– Vocês tiveram sorte por encontrar a gente nesta hora. O combustível está ficando bem escasso. Nós estamos voltando para o arsenal da Guarda em Fort Powell, de modo que só podemos levar vocês até lá. A Agência Federal de Gerenciamento de Emergências montou um centro de triagem de refugiados lá. Dali vocês provavelmente serão evacuados para Chicago ou St. Louis.

– Se não se importa que eu pergunte, vocês têm alguma notícia?

– Não me importo, mas não sei bem o que dizer. Num minuto essas desgraças estão em toda parte, no outro ninguém consegue encontrá-las. Eles gostam das árvores, mas qualquer tipo de esconderijo serve. O que dizem na central de comando é que uma grande corja está se juntando ao longo da divisa entre o Kansas e Nebraska.

– O que é uma corja?

Ela tomou outro gole do cantil.

– É como estão chamando os grupos deles, de corjas.

O paramédico apareceu e todos saíram da escola. Kittridge contou o que estava havendo enquanto os soldados estabeleciam um perímetro. O paramédico examinou o grupo, medindo a temperatura,

olhando dentro da boca. Quando todos estavam prontos para ir, Porcheki se encontrou com Kittridge nos degraus do ônibus.

– Só uma coisa. Talvez seja bom você não dizer que veio de Denver. Se alguém perguntar, diga que veio de Iowa.

Ele pensou na autoestrada, nas filas de carros arrebentados.

– Vou dizer isso.

Kittridge embarcou no ônibus. Equilibrando o fuzil entre os joelhos, ocupou um lugar diretamente atrás de Danny.

– *Cacete!* – disse Jamal, rindo de orelha a orelha. – Um comboio do Exército. Retiro tudo o que falei de você, Kittridge. – Em seguida apontou um polegar para a Sra. Bellamy, que estava enxugando a testa com um lenço tirado da manga. – Diabos, nem me importo se aquela velha me der um tiro.

– O que vem de baixo não me atinge, mocinho.

Ele se virou para encará-la pelo corredor.

– Eu estava pensando em perguntar: por que velhotas como você carregam esses lenços sujos? Não parece pouco higiênico?

– Olha só quem está falando: um rapaz com tinta suficiente nos braços para encher um mimeógrafo.

– Um mimeógrafo. De que século você é?

– Quando olho para você só penso numa palavra. A palavra é hepatite.

– Meu Deus, vocês dois – gemeu Wood. – Chega de tanto amor!

O comboio começou a se mover.

QUATORZE

O plano estava em ação. Sua equipe fora montada, o jato iria se encontrar com eles ao amanhecer. Guilder estivera se comunicando com seu contato da Blackbird, tudo fora arranjado. O servidor e todos os discos rígidos do armazém tinham sido apagados. Vão para casa, disse aos funcionários. Vão para casa ficar com suas famílias.

Havia passado da meia-noite quando dirigiu até sua casa passando por ruas silenciosas e escorregadias de chuva. No rádio, um jorro contínuo de notícias ruins: caos nas estradas, o Exército se reorganizando, reclamações dos outros países. Da Casa Branca, palavras de tranquilização, a crise estava sob controle, as melhores mentes estavam trabalhando, mas ninguém enganava ninguém. A decretação de lei marcial em toda a nação viria com certeza em algumas horas. A CNN estava informando que navios de guerra da Otan vinham rapidamente em direção à costa. A porta do continente norte-americano seria fechada. O mundo pode nos desprezar, pensou Guilder, o que ele fará quando tivermos ido embora?

Enquanto dirigia, mantinha-se atento ao retrovisor. Não estava sendo paranoico; era como as coisas tendiam a se desdobrar. Um rugido de pneus, um furgão parando na frente dele, homens com ternos escuros saindo. *Horace Guilder? Venha conosco.* Era incrível que isso ainda não tivesse acontecido, pensou.

Entrou na garagem e fechou a porta. No quarto, arrumou uma mala pequena com coisas essenciais – roupas para dois dias, itens de higiene, seus remédios – e levou para baixo. Pegou o laptop no escritório e pôs no micro-ondas, fritando os circuitos numa nuvem de fagulhas. Seu celular já se fora, jogado pela janela do Camry.

Na sala apagou as luzes e abriu a cortina. Do outro lado da rua um vizinho estava colocando malas na traseira de seu utilitário. A mulher do sujeito estava parada junto à porta de casa, segurando uma criança pequena no colo. Qual era o nome deles? Guilder não sabia ou não lembrava. Tinha visto a mulher ocasionalmente, empurrando a menininha num carrinho de plástico multicolorido, para cima e para

baixo pela entrada de veículos. Olhando-os, Guilder se sentiu tocado por uma lembrança de Shawna – não aquele último e terrível encontro, mas os dois deitados juntos depois de fazer amor, e a voz baixa, sussurrante, da jovem fazendo cócegas em seu peito. *Está satisfeito com as coisas que eu faço? Quero ser a única para você.* Palavras que não eram mais do que representação, um pouco de teatro barato para coroar uma hora de trabalho bem-feito. Como ele tinha sido idiota!

O homem pegou a criança do colo da mulher e colocou-a gentilmente no banco de trás. Os dois entraram no carro. Guilder imaginou as coisas que estariam dizendo um ao outro. *Vamos ficar bem. Há pessoas trabalhando nisso agora mesmo. Vamos ficar uma ou duas semanas na casa da sua mãe, até isso passar.* Ouviu o motor sendo ligado; eles deram marcha a ré pela entrada de veículos. Guilder viu as luzes traseiras sumindo pelo quarteirão. Boa sorte, pensou.

Esperou mais cinco minutos. As ruas estavam silenciosas, todas as casas escuras. Quando achou que não estava sendo vigiado, levou sua mala para o Camry.

Passava das duas da madrugada quando chegou ao Centro de Recuperação Shadowdale. O estacionamento estava vazio; uma única lâmpada permanecia acesa perto da entrada. Passou pela porta e encontrou a recepção sem ninguém. Uma cadeira de rodas vazia estava ao lado, uma segunda no corredor. Não havia som em lugar nenhum. Provavelmente havia câmeras de segurança olhando-o agora mesmo, mas quem examinaria as fitas?

Seu pai estava deitado na cama, no escuro. O quarto estava com um cheiro horrível. Fazia horas que ninguém passava por ali, talvez até o dia inteiro. Na bandeja perto da cama do pai alguém havia deixado 12 vidros de papinha de neném e uma jarra d'água. Um copo derramado mostrava que seu pai havia tentado beber, mas a comida estava intacta: ele não poderia abrir os vidros nem se tentasse.

Guilder não tinha muito tempo, mas essa não era uma ocasião para se apressar. Os olhos de seu pai estavam fechados, a voz –

aquela voz autoritária – silenciada. Melhor assim, pensou. O tempo de falar havia passado. Revirou a memória em busca de algo bom sobre o pai, por menor que fosse. O melhor que conseguiu foi uma ocasião em que ele o havia levado a um parque, quando Guilder era pequeno. A lembrança era vaga e apenas uma imagem – era possível que nem tivesse acontecido –, mas era só isso que havia. Um dia de inverno, a respiração de Guilder se condensando diante do rosto e uma visão de árvores nuas subindo e descendo enquanto o pai o empurrava num balanço, pegando-o e lançando-o no espaço. Guilder não se lembrava de mais nada desse dia. Devia ter uns 5 anos.

Quando tirou o travesseiro de baixo da cabeça do pai, os olhos dele estremeceram mas não se abriram. Ali estava o precipício, pensou Guilder, o momento mortal, o ato que, uma vez realizado, jamais poderia ser desfeito. Pensou na palavra *parricídio*. Do latim *pater*, ou pai, e *cædere*, imolar. Ele não tivera coragem de se matar, mas, ao pôr o travesseiro sobre o rosto do pai, não experimentou hesitação. Segurando o travesseiro pelas bordas, aumentou a pressão até ter certeza de que nenhum ar chegaria ao nariz ou à boca do pai. Um minuto se escoou, com Guilder contando os segundos baixinho. A mão do pai, pousada no cobertor, teve um tremor de resistência. Quanto tempo demoraria? Como ele saberia quando tivesse terminado? E se o travesseiro não funcionasse? Olhou a mão do pai em busca de mais movimentos, mas não houve nenhum. Aos poucos percebeu que a imobilidade do corpo sob suas mãos significava só uma coisa. Seu pai não respirava mais.

Tirou o travesseiro. O rosto do pai estava igual; era como se sua passagem para a morte só representasse uma sutilíssima alteração de estado. Guilder pôs a mão gentilmente sob a cabeça do pai e recolocou o travesseiro no lugar. Não estava tentando esconder o crime – duvidava que alguém aparecesse para examinar a situação –, mas queria que o pai tivesse um travesseiro em que se apoiar, principalmente porque, como agora parecia provável, ficaria ali deitado por muito tempo. Guilder havia esperado que um jorro de emoção o dominasse nesse momento, toda a dor e o pesar soltos dentro dele. A infância medonha. A vida solitária da mãe. Sua

existência estéril e sem amor, com apenas uma mulher paga para fazer companhia. Mas só sentia alívio. Era o teste mais verdadeiro de sua vida e ele havia passado.

Lá fora o corredor estava silencioso, sem alteração. Quem poderia dizer que degradações haveria por trás das outras portas, quantas outras famílias estariam diante da mesma decisão cruel? Guilder olhou o relógio: 10 minutos haviam se passado desde que entrara no prédio. Apenas 10 minutos, mas agora tudo estava diferente. Ele estava diferente, o mundo estava diferente. Seu pai não estava nele. E com isso lágrimas vieram aos seus olhos.

Caminhou rapidamente pelo corredor, passando pela sala comunitária, vazia, pelo posto de enfermagem abandonado e, mais adiante ainda, para a manhã.

QUINZE

Foi no fim da tarde do segundo dia, aproximando-se da divisa do Missouri, que Grey viu uma obstrução adiante. Estavam no meio de lugar nenhum, a quilômetros de qualquer cidade. Parou o carro.

Lila levantou o olhar da revista que estava lendo: *Pais de Hoje*. Grey a havia apanhado para ela num minimercado em Ledeau, junto com uma pilha de outras: *Vida em Família, Mãe e Bebê, Criança Moderna.* No último dia a atitude de Lila com relação a ele havia mudado um pouco. Talvez fosse o esforço mental de manter a ficção de que a viagem dos dois não era nada fora do comum, mas ela havia se tornado cada vez mais impaciente com Grey, como se ele fosse um marido que não cooperava.

– Olhe aquilo. – Ela largou a revista no colo. Na capa havia a imagem de uma menina de bochechas vermelhas usando macacão cor-de-rosa. “Quando as brincadeiras dão errado”, dizia a legenda. – O que *é* aquilo?

– Acho que é um tanque.

– O que ele está fazendo aqui?

– Talvez esteja perdido, ou algo assim.

– Acho que não se *perde* um tanque, Lawrence. Tipo: desculpe, você viu meu tanque por aí? Sei que ele estava em algum lugar por aqui. – Ela deu um suspiro fundo. – Quem para um tanque numa estrada assim? Têm de tirá-lo dali.

– Então você quer que eu vá pedir isso a eles – declarou Grey.

– É, Lawrence. É exatamente isso que estou dizendo.

Ele não queria, mas parecia impossível recusar. Saiu do carro ao crepúsculo que ia baixando.

– Olá? – gritou e olhou de volta para Lila, que o estava observando com a cabeça inclinada através da janela aberta do carona. – Acho que está vazio.

– Talvez só não estejam ouvindo você.

– Vamos dar meia-volta. Podemos pegar outra estrada.

– É uma questão de princípios. Não podem simplesmente bloquear uma estrada assim. Tente a escotilha. Tenho certeza de que deve haver alguém dentro.

Grey duvidava – o tanque parecia abandonado –, mas não queria discutir. Subiu nas lagartas expostas e chegou ao topo da torrinha. Posicionou o rosto acima da escotilha, mas estava escuro demais para ver alguma coisa lá embaixo. Lila ficara parada junto à base do tanque, segurando uma lanterna.

– Não sei se é boa ideia – disse Grey.

– É só um tanque, Lawrence. Sinceramente. Às vezes vocês, homens, são todos iguais, sabia?

Ela lhe entregou a lanterna. Agora não havia o que fazer, a não ser olhar dentro. Grey apontou o facho pela escotilha.

Jesus. Caralho.

– E então? O que tem aí dentro?

Grey achou que provavelmente eram dois. Não era a coisa mais fácil de identificar, visualmente. Parecia que alguém havia jogado uma granada, tão despedaçados estavam os soldados ali dentro. Mas não fora uma granada.

Está vendo, Grey?

Levou um susto, como se tivesse sido atingido por uma corrente elétrica. A voz. Não era como a da garagem; a voz estava na sua cabeça. A voz de Zero. Lila o olhava de baixo, ao lado do tanque. Ele tentou dizer alguma coisa, alertá-la, mas nenhuma palavra saiu de sua boca.

Está com... fome, Grey?

Estava. Não somente com fome: esfomeado. A sensação parecia tomar conta de todas as suas partes, de cada célula e molécula, dos minúsculos átomos que zumbiam dentro dele. Jamais na vida sentira uma fome tão intensa.

É o meu presente para você. O presente do sangue.

– Lawrence, qual é o problema?

Ele engoliu em seco.

– Eu já... Só um segundo.

Entrou pelo buraco. Tinha largado a lanterna, mas isso não importava: o interior escuro do tanque estava claro para seus olhos,

cada superfície reluzindo com sua linda cobertura de sangue. Uma necessidade titânica o dominou e ele encostou o rosto no metal frio para passar a língua.

– Lawrence! O que você está fazendo aí?

Agora ele estava de quatro, lambendo o chão, enterrando o rosto nos restos suculentos. Tão maravilhoso! Como se não tivesse comido durante um ano, uma década, um século, para então ser presenteado com o mais rico banquete da história do mundo! Todos os júbilos do corpo feitos um só, um transe do mais puro prazer!

O feitiço foi quebrado por um estrondo violento. Seus dedos estavam na boca, o rosto coberto de sangue. Que diabo ele estava fazendo? E que som era aquele, igual a um trovão?

– Lawrence! Venha depressa!

Outro estrondo, mais alto que o primeiro. Subiu pela escada. Havia algo errado no céu: tudo parecia iluminado por um brilho feroz.

Lila viu o rosto ensanguentado de Grey e começou a gritar.

Um par de jatos passou rugindo em voo rasante, partindo o ar com sua velocidade, um brilho branco e violento no céu, e Grey foi golpeado por uma parede de ar aquecido que o derrubou de cima do tanque. Caiu pesadamente, perdendo o fôlego. Mais aviões passaram a toda a velocidade, o céu a leste relampejando de luz.

Lila estava recuando para longe dele, as mãos tentando proteger o rosto.

– Fique longe de mim!

Não havia tempo para explicar, e o que ele poderia dizer? O que estava acontecendo agora ficara claro: tinham entrado na zona de confronto. Grey a segurou pelo braço e começou a arrastá-la para o carro. Ela chutava, gritava, tentava se soltar. De algum modo ele conseguiu abrir a porta do carona e empurrá-la para dentro, mas então percebeu o erro: no instante em que fechou a porta, Lila acionou a tranca.

Ele bateu no vidro.

– Lila, deixe-me entrar!

– Vá embora, vá embora!

Ele precisava de algo pesado. Olhou pelo chão ao redor do carro, mas não encontrou nada. Mais alguns segundos e Lila perceberia o

que tinha de fazer: passar para o banco do motorista e dar a partida.

Não podia deixar que isso acontecesse.

Parado junto à janela do motorista, Grey levou o braço atrás, fechando o punho, e mandou-o contra a janela. Esperava ser recebido por um muro de dor, todos os ossos da mão se despedaçando, mas isso não aconteceu. Sua mão passou pelo vidro como se ele fosse de um tecido frágil, detonando a janela numa cascata de cacos brilhantes. Antes que Lila pudesse reagir, ele abriu a porta, se enfiou no banco do motorista e engrenou a marcha a ré. Fez um giro de 180 graus, engrenou o carro e pisou no acelerador. Mas o momento da fuga havia passado – de repente eles estavam no meio de tudo. À medida que mais aviões passavam a toda a velocidade, uma parede de fogo subiu diante deles. Grey virou o volante para a direita e no momento seguinte estavam disparando através de fileiras de pés de milho, os pneus derrapando loucamente na terra fofa, folhas verdes e pesadas batendo no para-brisa. Saíram da plantação, mas Grey percebeu a vala tarde demais. O Volvo disparou para baixo, depois para cima, decolando antes de bater com força sobre os pneus outra vez. Lila estava gritando, gritando-gritando-gritando, e foi então que Grey descobriu: uma estrada. Virou o volante bruscamente e pisou o acelerador até o fundo. Estavam correndo paralelos à vala. O sol havia baixado atrás do horizonte, mergulhando as plantações em total escuridão enquanto o céu explodia em fogo.

Mas não era somente fogo: de repente o carro foi invadido por uma forte luz.

– *Pare o veículo*.

O para-brisa se encheu com uma enorme forma escura, como um grande pássaro negro alçando voo. Grey pisou no freio, fazendo os dois saltarem para a frente. Quando o helicóptero tocou na estrada, Grey ouviu um tilintar de vidros quebrando e algo caiu no seu colo: uma coisa com o tamanho e o peso de uma lata de sopa, soltando um som sibilante.

– Corra, Lila!

Abriu a porta, mas o gás já estava dentro dele, na cabeça, no coração e nos pulmões. Conseguiu se deslocar três metros antes de

sucumbir, o som subindo como uma onda ao seu encontro. O tempo pareceu desfeito: o mundo tinha ficado aquoso e distante. Um vento forte soprava sobre seu rosto. Na periferia da visão viu os homens com roupas de astronauta vindo na direção dele. Mais dois arrastavam Lila para o helicóptero. Ela foi suspensa de rosto para baixo, o corpo frouxo, os pés roçando o chão.

– Não a machuquem! – disse Grey. – Por favor, não machuquem o neném!

Mas essas palavras pareceram não importar. Agora as figuras estavam acima dele, os rostos obscurecidos, flutuando sem corpo sobre o solo, como fantasmas. As estrelas estavam saindo.

Fantasmas, pensou Grey. *Desta vez devo estar morto de verdade.* E sentiu as mãos deles.

DEZESSEIS

Viajaram durante todo o dia. Quando o comboio parou, era o fim da tarde. A oficial Porcheki saiu do primeiro Humvee e andou até o ônibus.

– É aqui que vamos deixar vocês. As sentinelas no portão dirão o que devem fazer.

Estavam em algum tipo de área de reunião de tropas e equipamentos: caminhões de suprimentos, geradores portáteis, caminhões de reabastecimento, até mesmo artilharia. Kittridge supôs que estariam diante de uma força de pelo menos dois batalhões. Adjacente a isso havia um complexo de barracas de lona, rodeado por uma cerca portátil encimada por arame-navalha.

– Para onde vocês estão indo? – perguntou Kittridge. Imaginava onde a luta estaria acontecendo agora.

Porcheki deu de ombros. *Aonde quer que me mandem ir.*

– Boa sorte, sargento. Lembre-se do que eu disse.

O comboio se afastou.

– Em frente, Danny – disse Kittridge. – Devagar.

Dois soldados com máscara, segurando fuzis M-16, estavam posicionados junto ao portão. Uma grande placa fixada no arame dizia: centro de triagem de refugiados da agência federal de gerenciamento de emergências. proibido retorno após saída. proibidas armas de fogo a partir deste ponto.

A seis metros da entrada os soldados sinalizaram para pararem. Uma das sentinelas foi até a janela do motorista. Era um garoto, não teria mais do que 20 anos, com salpicos de acne nas bochechas.

– Quantos?

– 12 – respondeu Kittridge.

– Cidade de origem?

As placas do ônibus tinham sido retiradas muito antes.

– Des Moines.

O soldado recuou, murmurando no rádio preso ao ombro. O segundo ainda estava parado junto ao portão fechado, com a arma

apontando para o céu.

– Certo, desliguem o motor e fiquem onde estão.

Instantes depois o soldado voltou com uma sacola de lona que estendeu para a janela.

– Ponham qualquer arma e celular que tenham aí dentro e passem para a frente.

Kittridge entendia a proibição de armas, mas celulares? Havia dias que nenhum deles tinha sinal.

– Com tanta gente assim, a rede local iria cair se as pessoas tentassem usá-los. Desculpe, são as regras.

Essa explicação pareceu débil para Kittridge, mas não havia o que fazer. Recebeu a sacola e andou pelo corredor central. Quando chegou à Sra. Bellamy, ela comprimiu sua bolsa contra o corpo, num gesto de proteção.

– Rapaz, eu não vou nem ao salão de beleza sem ele.

Kittrige fez o máximo para sorrir.

– E está certa. Mas aqui estamos em segurança. A senhora tem minha palavra.

Com relutância ela tirou o revólver enorme da bolsa e o colocou junto com os outros. Kittridge levou a sacola à frente do ônibus e a deixou na base da escada. O primeiro soldado enfiou a mão dentro do ônibus e pegou-a. Todos receberam ordem de desembarcar com o resto de suas coisas e ficar longe do veículo enquanto um dos soldados revistava suas bagagens. Do outro lado do portão Kittridge podia ver um grande barracão aberto com pessoas reunidas. Mais soldados andavam de um lado para outro junto à cerca.

– Certo – disse a sentinela quando terminaram de fazer os exames. – Podem ir. Apresentem-se à área de triagem. Vão alojar vocês.

– E o ônibus? – perguntou Kittridge.

– Todo o combustível e todos os veículos estão sendo confiscados pelo comando militar dos Estados Unidos. Assim que vocês entrarem, estarão dentro.

Kittridge viu a expressão sofrida no rosto de Danny. Um dos soldados estava entrando no ônibus para levá-lo embora.

– Qual é o problema desse cara? – perguntou a sentinela.

Kittridge se virou para Danny.

– Tudo bem, vão cuidar bem dele.

Dava para ver a luta nos olhos de Danny. Depois ele assentiu.

– É bom que cuidem – disse.

O lugar estava apinhado de pessoas esperando em fila diante de uma mesa comprida. Famílias com crianças, idosos, casais, até um cego com um cão. Uma jovem com camiseta da Cruz Vermelha e cabelos castanho-avermelhados puxados para trás andava ao longo da fila com um palmtop.

– Algum menor desacompanhado? – perguntou. Como a oficial Porcheki, ela havia dispensado a máscara. Seus olhos estavam cansados, exauridos pelo sono. Olhou para April e Tim. – E vocês dois?

– Ele é meu irmão – disse April. – Eu tenho 18 anos.

A mulher pareceu em dúvida mas não disse nada.

– Gostaríamos de ficar todos juntos – disse Kittridge.

A mulher estava anotando no palmtop.

– Eu não deveria fazer isso.

– Qual é o seu nome? – É sempre bom saber o nome, pensou Kittridge.

– Vera.

– A oficial da patrulha que nos trouxe disse que seríamos evacuados para Chicago ou St. Louis.

Uma tira de papel saiu da porta de impressão do palmtop. Vera o rasgou e entregou a Kittridge.

– Ainda estamos esperando os ônibus. Agora não deve demorar muito. Mostre isso para a pessoa da mesa.

Foram designados para uma barraca e receberam discos de plástico que serviam como cupons de alimentação, depois entraram no barulho e nos cheiros do acampamento: fumaça de madeira, banheiros químicos, os odores humanos de uma multidão. O terreno era lamacento e estava cheio de lixo. Pessoas cozinhavam em fogareiros, penduravam a roupa lavada nas cordas das barracas, esperavam junto a uma bomba para encher baldes com água, deitavam-se em espreguiçadeiras de jardim como se participassem de um churrasco ao ar livre, com um ar de exaustão atordoada nos

rostos. Todas as latas de lixo estavam transbordando, com nuvens de moscas acima. Um sol cruel de verão batia com força. Afora os caminhões do Exército, Kittridge não viu nenhum veículo: todos os refugiados pareciam ter vindo a pé, abandonando os carros sem combustível.

Duas pessoas já haviam sido designadas para a barraca deles, um casal idoso, Fred e Rita Wilkes. Eram da Califórnia mas tinham família em Iowa e estavam viajando para um casamento quando a epidemia começou. Fazia seis dias que estavam no acampamento.

– Alguma notícia dos ônibus? – perguntou Kittridge.

Joe Robinson tinha saído para procurar rações, Wood e Delores foram cuidar da água. April tinha deixado o irmão sair correndo com algumas crianças da barraca ao lado, alertando-o para não ir muito longe. Danny os havia acompanhado.

– O que as pessoas estão dizendo? – continuou Kittridge.

– É sempre amanhã. – Fred Wilkes era um homem magro, de pelo menos 70 anos, com olhos azuis brilhantes. Havia tirado a camisa por causa do calor, mostrando um leque de pelos brancos no peito. Ele e a esposa, que tinha proporções tão generosas quanto ele era pequeno, estavam jogando baralho, sentados frente a frente em duas camas de campanha e usando uma caixa de papelão como mesa. – Se isso não acontecer logo, as pessoas vão perder a paciência. E aí, como vai ser?

Kittridge voltou para fora. Estavam cercados por soldados, seguros por enquanto. Mas a situação toda parecia empacada, todo mundo à espera de alguma coisa. Soldados de infantaria estavam estacionados ao longo da cerca a intervalos de 100 metros. Todos usavam máscaras cirúrgicas. O único caminho para entrar ou sair parecia ser o portão da frente. Encostado no acampamento, ao norte, ele viu um prédio baixo, sem janelas e sem marcas visíveis de função, com a entrada flanqueada por barricadas de concreto. Enquanto Kittridge olhava, dois helicópteros negros se aproximaram do leste, fizeram um círculo amplo e pousaram no teto. Quatro figuras emergiram do primeiro helicóptero, homens de óculos escuros, bonés e coletes de Kevlar, segurando fuzis automáticos. Não eram militares, pensou Kittridge. Da Blackbird, talvez, ou da

Riverstone. Uma dessas organizações. Os quatro assumiram posição nos cantos da laje.

As portas do segundo helicóptero se abriram. Kittridge pôs a mão sobre a testa para ver melhor. Por um momento nada aconteceu, então uma figura usando macacão laranja saiu. Outras cinco vieram em seguida. Os rotores dos helicópteros continuavam girando. Seguiu-se uma breve negociação, então as figuras com trajes de contenção biológica tiraram da área de carga do helicóptero duas compridas caixas de aço, cada uma com as dimensões aproximadas de um caixão, com conjuntos de rodas que foram baixados da base. Eles guiaram as duas caixas até uma pequena estrutura na laje – um elevador de serviço, pensou Kittridge. Alguns minutos se passaram, então os seis reapareceram e entraram no segundo helicóptero. Primeiro um, depois outro, os aparelhos decolaram e foram embora.

April chegou atrás dele.

– Também notei aquilo – disse ela. – Alguma ideia do que seja?

– Talvez nada. – Kittridge baixou a mão. – Cadê o Tim?

– Já está fazendo amigos. Está jogando futebol com uns garotos.

Os dois olharam os helicópteros desaparecerem de vista. O que quer que fosse, pensou Kittridge, era importante.

– Acha que vamos ficar bem aqui? – perguntou April.

– Por que não ficaríamos?

– Não sei. – Mas seu rosto dizia que ela sabia; April estava pensando na mesma coisa que ele. – Ontem à noite, no laboratório... O que quero dizer é que às vezes eu sou assim. Eu não queria ser intrometida.

– Eu não contaria se não quisesse.

De algum modo ela estava olhando ao mesmo tempo para ele e para longe dele. Em momentos assim April tinha um jeito de parecer mais velha do que era. Não exatamente de parecer, pensou Kittridge: de ser.

– Você tem mesmo 18 anos?

Ela pareceu achar divertido.

– Por quê? Não pareço?

Kittridge deu de ombros para esconder o embaraço; a pergunta havia simplesmente escapado.

– Não. Quero dizer, sim, parece. Eu só estava... não sei.

April estava obviamente se divertindo.

– Uma mulher não deve dizer a idade. Mas para colocar sua mente à vontade, sim, tenho 18. Dezoito anos, dois meses e 17 dias. Não que eu esteja contando.

Os olhares dos dois se encontraram e se fixaram como pareciam desejar. O que havia naquela garota, pensou Kittridge, nessa tal de April?

– Ainda estou lhe devendo uma por causa da arma – disse ela. – Mesmo que a tenham tirado de mim. Acho que foi o presente mais legal que já me deram.

– Eu gostei do poema. Portanto estamos quites. Qual era mesmo o nome do cara?

– T. S. Eliot.

– Ele tem outras coisas?

– Não muita coisa que faça sentido. Pode-se dizer que ele foi uma espécie de prodígio de uma obra só.

Eles não tinham armas, não tinham como mandar uma mensagem para o mundo lá fora. Não pela primeira vez, Kittridge imaginou se não deveriam simplesmente ter continuado a viagem no ônibus.

– Bom, quando sairmos daqui terei de dar uma sacada nele.

DEZESSETE

Grey.

Brancura e a sensação de flutuar. Grey percebeu que estava num carro. Isso era estranho, porque o carro também era um quarto de motel, com camas, penteadeira e uma televisão. Quando tinham começado a fazer carros assim? Estava sentado ao pé de uma das camas, dirigindo o quarto – a coluna da direção saía em ângulo do piso; a televisão era o para-brisa –, e sentada na cama ao lado estava Lila, segurando um embrulho rosado junto ao peito.

– Já chegamos, Lawrence? – perguntou Lila. – O bebê precisa trocar a fralda.

O bebê?, pensou Grey. Quando nascera? Não faltavam meses, ainda?

– Ela é tão linda – disse Lila, cantarolando baixinho. – Temos uma neném linda. É uma pena que precisemos atirar nela.

– Por que precisamos atirar nela? – perguntou Grey.

– Não seja bobo – disse Lila. – Agora nós atiramos em todos os bebês. Desse modo eles não serão comidos.

Lawrence Grey.

O sonho mudou – uma parte dele sabia que estava sonhando, outra parte não – e agora Grey estava no tanque. Algo vinha pegá-lo, mas ele não conseguia se obrigar a se mover. Estava de quatro, lambendo o sangue. Seu serviço era bebê-lo, beber todo, o que era impossível: o sangue tinha começado a jorrar pela escotilha, enchendo o compartimento. Um oceano de sangue. O sangue subia acima de seu queixo, a boca e o nariz estavam se enchendo, ele estava sufocando, afogando-se...

Lawrence Grey. Acorde.

Abriu os olhos sob uma luz áspera. Algo parecia preso em sua garganta. Começou a tossir. Tinha algo a ver com se afogar? Mas o sonho já estava se desfazendo, as imagens se dispersando, deixando apenas um resíduo de medo.

Onde ele estava?

Em algum tipo de hospital. Usava camisola, mas só isso. Sentia o frio da nudez por baixo. Tiras grossas prendiam seus pulsos e seus tornozelos às grades da cama, mantendo-o no lugar como uma múmia num sarcófago. Fios saíam de baixo da camisola indo até um carrinho com equipamentos médicos; um tubo de soro estava ligado ao seu braço direito.

Havia alguém no quarto.

Na verdade, dois alguéns, ambos pairando ao pé da cama com suas volumosas roupas de contenção biológica, os rostos escondidos por máscaras plásticas. Atrás deles havia uma pesada porta de aço e, posicionada no alto da parede num canto, assistindo à cena com seu olho que não piscava, uma câmera de segurança.

– Sr. Grey, sou Horace Guilder – disse o da esquerda. Sua voz pareceu a Grey estranhamente animada. – Este é o meu colega, o Dr. Nelson. Como está se sentindo?

Grey se esforçou ao máximo para focalizar o rosto deles. Nenhum dos dois era familiar. O homem que havia falado parecia anonimamente de meia-idade, com cabeça pesada, queixo quadrado e pele macilenta; o segundo era consideravelmente mais jovem, com olhos escuros apertados e um cavanhaque crespo. Não se parecia com nenhum doutor que Grey já conhecera.

Lambeu os lábios e engoliu em seco.

– Que lugar é este? Por que estou amarrado?

O que se chamava Guilder respondeu com uma voz destinada a acalmá-lo: – Isto é para sua própria proteção, Sr. Grey. Até descobrirmos o que há de errado com o senhor. Quanto ao lugar onde estamos, infelizmente não posso revelar por enquanto. Basta dizer que está entre amigos.

Grey percebeu que eles deviam tê-lo sedado; mal conseguia mover um músculo, e não eram só as tiras. Seus membros pareciam de ferro, os pensamentos se moviam no cérebro com uma falta de objetividade preguiçosa, como peixinhos num aquário. Guilder estava levando um copo d’água aos seus lábios.

– Tome, beba.

O estômago de Grey se revirou – o simples cheiro daquilo era repulsivo, como uma piscina com excesso hediondo de cloro.

Pensamentos voltaram a ele, pensamentos sombrios: o sangue no tanque e o rosto de Grey enterrado nele, cobiçoso. Aquilo teria mesmo acontecido? Mas nem bem esses pensamentos se formaram na mente e uma espécie de rugido pareceu preencher sua cabeça, uma fome enorme saltando para a vida dentro dele, tão avassaladora que todo o seu corpo fez força contra as tiras.

– Calma aí – disse Guilder, recuando subitamente. – Fique parado.

Mais imagens voltavam a ele, subindo em meio à névoa. O tanque na estrada, os soldados mortos e explosões a toda a volta; a sensação de sua mão arrebentando a janela do Volvo e as plantações detonando com fogo, o carro voando em meio ao milharal e as luzes brilhantes do helicóptero, os homens com roupa de astronauta arrastando Lila para longe.

– Onde ela está? O que vocês fizeram com ela?

Guilder olhou para Nelson, que franziu a testa. *Interessante*, parecia dizer seu rosto.

– Não precisa se preocupar, Sr. Grey, estamos cuidando bem dela. Na verdade ela está do outro lado do corredor.

– Não a machuquem. – Seus punhos estavam apertados, ele fazia força contra as tiras. – Se tocarem nela, eu...

– O senhor o quê, Sr. Grey?

Mas não aconteceu nada; as tiras se mantiveram firmes. O que quer que tivessem dado a ele, havia retirado sua força.

– Tente não se agitar, Sr. Grey. Sua amiga está ótima. E o bebê também. O que não está muito claro é como vocês dois se juntaram. Eu esperava que o senhor nos ajudasse com relação a isso.

– Por que querem saber?

Uma sobrancelha se levantou com incredulidade atrás da máscara plástica.

– Para começar, parece que vocês dois são as últimas pessoas que saíram vivas do Colorado. Acredite, isso é questão de interesse para nós. Ela estava no Chalé? Foi lá que o senhor a conheceu?

A simples palavra fez a mente de Grey se encolher, em pânico.

– No Chalé?

– Sim, Sr. Grey. No Chalé.

Ele balançou a cabeça.

– Não.

– Então onde?

Ele engoliu em seco.

– Na Home Depot.

Por um momento Guilder não disse nada.

– Onde foi isso?

Grey tentou organizar os pensamentos, mas seu cérebro tinha ficado todo confuso.

– Algum lugar em Denver. Não sei exatamente. Ela queria que eu pintasse o quarto do bebê.

Guilder se virou rapidamente para o segundo homem, que deu de ombros.

– Pode ser o fentanil – disse Nelson. – Ele pode demorar um tempo para se orientar.

Mas Guilder não se abalou. Agora havia algo mais decidido em seus olhos.

– Precisamos saber o que aconteceu no Chalé. Como o senhor escapou?

– Não lembro.

– Havia uma menina lá? O senhor a viu?

Havia uma menina? O que eles estavam falando?

– Não vi ninguém. Eu só... não sei. Tudo foi muito confuso. Acordei no Red Roof.

– No Red Roof? O que é isso?

– Um motel, na estrada.

Uma testa franzida em perplexidade.

– Quando foi isso?

Grey tentou contar.

– Há três dias? Não, quatro. – Ele assentiu com a cabeça no travesseiro. – Quatro dias.

Os dois homens se entreolharam.

– Não faz sentido – disse Nelson. – O Chalé foi destruído há 22 dias. Ele não é a Bela Adormecida.

– Onde o senhor esteve durante essas três semanas? – pressionou Guilder.

A pergunta não fazia sentido. Três semanas?

– Não sei – respondeu Grey.

– Vou perguntar de novo, Sr. Grey. Lila estava no Chalé? Foi lá que o senhor a conheceu?

– Já disse. – Agora Grey estava implorando, sem qualquer resistência. – Ela estava na Home Depot.

Seus pensamentos redemoinhavam como água descendo por um ralo. O que quer que tivessem lhe dado, a coisa o havia ferrado direitinho. Com uma pancada nas entranhas, Grey percebeu o motivo das tiras. Eles iriam estudá-lo. Como faziam com os espetos. Como faziam com Zero. E, quando tivessem terminado com ele, Richards, ou alguém parecido com Richards, colocaria a luz vermelha em Grey e seria o seu fim.

– Sou eu que vocês querem. Desculpem eu ter fugido. Só não machuquem Lila.

Por um momento os dois não disseram nada, só ficaram olhando para ele por trás das máscaras. Então Guilder se virou para Nelson, assentindo.

– Apague-o de novo.

Nelson pegou uma seringa e um frasco de líquido transparente no carrinho. Enquanto Grey olhava desamparado, ele inseriu a agulha no tubo de soro e empurrou o êmbolo.

– Eu só faço a limpeza – disse Grey debilmente. – Sou só um faxineiro.

– Ah, acho que o senhor é muito mais do que isso, Sr. Grey.

E, com essas palavras nos ouvidos, Grey apagou de novo.

Guilder e Nelson passaram pela porta estanque e entraram na câmara de descontaminação. Primeiro um banho de chuveiro usando as roupas de isolamento biológico, depois se despiram e se esfregaram da cabeça aos pés com um áspero sabão de cheiro químico. Escarraram e cuspiram na pia, gargarejando por um minuto com um desinfetante forte. Era um ritual incômodo, mas até saberem mais sobre o estado de Grey seria sensato segui-lo.

Só havia um mínimo de pessoas no prédio: três técnicos de laboratório, um médico e uma equipe de segurança composta por quatro homens da Blackbird. O prédio fora construído no final dos

anos 1980 para tratar de soldados expostos a agentes nucleares, biológicos e químicos. As instalações estavam tremendamente precárias – o sistema de aquecimento, ventilação e ar condicionado não funcionava, assim como o equipamento de vídeo de segurança – e tudo tinha um desconcertante ar de abandono. Mas era o último lugar onde alguém iria procurá-los.

Nelson e Guilder entraram no laboratório, uma sala ampla com mesas e equipamentos, inclusive os poderosos microscópios e as centrífugas de que precisariam para isolar o vírus e fazer sua cultura. Enquanto ainda estavam inconscientes, Lila e Grey haviam passado por um exame de tomografia e tiveram sangue colhido; os exames de sangue não tinham sido conclusivos, mas a tomografia de Grey revelara um timo radicalmente aumentado, típico dos infectados. No entanto, pelo que podiam discernir, ele não tinha outros sintomas. Em todos os outros sentidos ele parecia estar no auge da saúde. Melhor ainda: o sujeito parecia capaz de correr uma maratona.

– Deixe-me mostrar uma coisa – disse Nelson.

Ele acompanhou Guilder até o terminal numa sala adjacente, onde havia montado sua central. Nelson abriu uma pasta e clicou num arquivo de imagem. Apareceu na tela uma foto de Lawrence Grey. Ou melhor, de um homem que *parecia* Grey: o rosto na foto tinha aparência consideravelmente mais velha. Pele frouxa, cabelo que era uma aba rala sobre o crânio, olhos fundos que espiavam a câmera com uma expressão opaca, quase bovina.

– Quando foi tirada? – perguntou Guilder.

– Há 17 meses. Esses são os arquivos de Richards.

Droga, pensou Guilder. Era exatamente como Lear dissera.

– Se ele tem o vírus, a questão é por que o mesmo está agindo de modo diferente em seu corpo. Pode ser uma variante que não vimos, uma variante que ativa o timo como as outras e depois fica adormecida de algum modo. Ou pode ser outra coisa, específica dele.

Guilder franziu a testa.

– Como o quê?

– Não faço a menor ideia. Algum tipo de imunidade natural parece ser o culpado provável, mas não há como saber de verdade. Pode

ter alguma coisa a ver com os antiandrogênicos que ele estava tomando. Todos os faxineiros tomavam doses bem grandes. Depo-provera, espironolactona, prednisona.

– Você acha que os esteroides fizeram isso?

Nelson deu de ombros, sem muita convicção.

– Poderia ser um fator. Sabemos que o vírus interage com o sistema endócrino, assim como os antiandrogênicos. – Ele fechou o arquivo e se virou na cadeira. – Mas há outra coisa. Pesquisei um pouco sobre a mulher. Não havia muito a descobrir, mas o que há é tremendamente interessante. Imprimi para você.

Nelson lhe apresentou uma gorda pasta de papel. Guilder abriu a primeira página.

– Ela é médica?

– Cirurgiã ortopédica. Continue.

Guilder leu. Lila Beatrice Kyle, nascida em 29 de setembro de 1982 em Boston, Massachusetts. Os pais eram acadêmicos: o pai, professor de inglês da Universidade de Boston; a mãe, historiadora da Simmons. Estudou em Andover e depois em Wellesley, então se seguiram quatro anos na Dartmouth Hitchcock para tirar o diploma de medicina. Fez residência e depois ganhou uma bolsa de estudos em ortopedia no Hospital Geral de Denver. Tudo muito impressionante, mas não dizia nada. Guilder passou para a página seguinte. O que era aquilo? A primeira página de um formulário do imposto de renda, datado de quatro anos antes.

Lyla Kyle fora casada com Brad Wolgast.

– Está brincando comigo.

Nelson mostrava um dos seus sorrisos de vitória.

– Eu disse que você iria gostar. *O* agente Wolgast. Eles tiveram uma filha, que faleceu. Tinha algum tipo de defeito congênito no coração. Divorciaram-se três anos depois. Ela se casou de novo há três meses com um médico que trabalha no mesmo hospital, um cardiologista importante. Há algumas páginas sobre ele também, mas na verdade não acrescentam nada.

– Certo, então ela é médica. Existe algum registro dela no Chalé? Seria possível que ela fizesse parte da equipe?

Nelson balançou a cabeça.

– Nada. E duvido seriamente que Richards deixasse isso escapar. Pelo que dá para ver, não existe motivo para não pensar que Grey a tenha encontrado exatamente como disse.

– Ela poderia estar na picape, naquela primeira imagem aérea que vimos. Não teríamos visto.

– Verdade. Mas não creio que Grey esteja mentindo sobre onde a encontrou. A história é simplesmente maluca demais para ser inventada. E eu verifiquei, o endereço dela em Denver é apenas a alguns quilômetros da Home Depot. Pelo caminho que Grey tomou, ele teria passado exatamente por lá. Você conversou com ela. Ela parece achar que Grey é uma espécie de faz-tudo. Não creio que ela tivesse a mínima ideia do que estava acontecendo. A mulher está completamente pirada.

– Esse é o seu diagnóstico *oficial*?

Nelson deu de ombros.

– Em termos leigos. Uma expressão mais técnica seria dissociação traumática. Não há histórico de doença psiquiátrica na papelada, mas considere a situação dela. Está grávida, escondida, fugindo. As pessoas estão sendo despedaçadas. De algum modo ela consegue ficar viva, mas é deixada para trás. Como você se sentiria? O cérebro é um órgão bastante maleável. Neste momento ele está reescrevendo a realidade para ela e fazendo um trabalho tremendamente bom. Baseado no dossiê de Grey, eu diria que na verdade ela tem um bocado de coisas em comum com o cara.

Guilder pensou um momento e devolveu a pasta à mesa.

– Bom, não estou engolindo isso. Quais são as chances de esses dois simplesmente trombarem um no outro? É uma coincidência grande demais.

– Talvez. De qualquer modo isso não nos diz muita coisa. E a mulher pode ter sido infectada, só não estamos vendo. Talvez a gravidez mascare isso de algum modo.

– Com quantos meses ela está?

– Não sou especialista, mas pelo tamanho do feto eu diria que com pelo menos 30 semanas. Você pode verificar com Suresh.

Suresh era o médico que Guilder trouxera do Instituto de Pesquisas Médicas de Doenças Infecciosas do Exército. Especialista

em doenças infecciosas, fora designado para o Departamento de Armas Especiais apenas seis meses antes. Guilder lhe dissera pouca coisa, só que Grey e a mulher eram “pessoas de interesse”.

– Quanto tempo até conseguirmos uma cultura decente a partir dele?

– Depende. Presumindo que possamos isolar o vírus, entre 48 e 72 horas. Se você está realmente pedindo minha opinião, o caminho mais sensato seria mandá-lo para Atlanta. Eles são os mais bem equipados para cuidar de algo assim. E, se Grey for imune, não sei por que eles não desculpariam o passado. Principalmente com tanta coisa em risco.

Guilder balançou a cabeça.

– Vamos esperar até termos alguma coisa sólida.

– Eu não esperaria muito. Principalmente com as coisas indo como estão.

– Não vamos esperar. Mas você ouviu o cara. Ele acha que estava dormindo num motel. Duvido que alguém nos leve a sério se for só isso que tivermos. Vão trancar nós dois e jogar a chave fora, se tivermos *sorte.*

Nelson franziu a testa.

– Entendo seu argumento.

– Não estou dizendo que não vamos contar a eles. Mas vamos agir com cautela. Setenta e duas horas, certo? Depois eu dou o telefonema. Você tem minha palavra.

Será que ele havia engolido isso? Nelson assentiu.

– Só continue pesquisando. – Guilder deu um tapinha no ombro dele. – E diga ao Suresh para manter os dois sedados por enquanto. Se algum deles se transformar, não quero correr riscos.

– Você acha que aquelas tiras vão aguentar?

A pergunta era retórica; os dois sabiam a resposta.

Guilder deixou Nelson no laboratório e foi de elevador até a cobertura do prédio. Sua perna esquerda estava se arrastando de novo, uma interferência no passo parecida com um soluço. Lá fora, Masterson, o oficial da Blackbird encarregado da segurança, o cumprimentou com um curto movimento de cabeça, mas, afora isso,

o deixou em paz. O cara era um Blackbird da antiga: com estrutura física de um caminhão de lixo, braços grossos como hidrantes e um rosto petrificado na expressão superior e satisfeita de um universitário rico crescido demais. Com os óculos escuros, o boné e o colete à prova de bala, Masterson parecia menos uma pessoa do que um boneco de ação. Onde eles conseguiam essas figuras? Seriam produzidas em algum tipo de fazenda? Cultivadas numa placa de Petri? Eram capangas, pura e simplesmente, e Guilder jamais gostara de lidar com eles – a prova principal era Richards –, mas também era verdade que sua obediência quase robótica os tornava ideais para certos serviços; se eles não existissem seria preciso inventá-los.

Foi para a beira do terraço. Passava pouco do meio-dia e o ar estava difícil de ser respirado. Sob um sol branco e informe, a terra estava tão plana e sem características marcantes como se fosse uma mesa de sinuca. As únicas interrupções do horizonte perfeitamente linear eram uma construção brilhante, em forma de cúpula, provavelmente algo da faculdade, e logo ao sul a forma de tigela de um estádio de futebol. Era uma daquelas escolas, pensou Guilder – uma franquia de esporte disfarçada de faculdade, na qual criminosos passavam por cursos falsos e enchiam os cofres do fundo de ex-alunos espancando seus oponentes nas tardes de outono.

Deixou os olhos examinarem o acampamento da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências, logo abaixo. A presença de refugiados era um incômodo que ele não previra e inicialmente isso o havia preocupado. Mas, quando pensou na situação mais atentamente, não pôde ver em que isso faria diferença. O Exército tinha dito que eles partiriam em um ou dois dias. Um grupo de meninos estava brincando perto da cerca, chutando uma bola meio vazia no chão de terra. Guilder os olhou durante alguns minutos. O mundo podia estar se despedaçando, mas as crianças eram crianças; num instante podiam colocar todas as preocupações de lado e se perder num jogo. Talvez fosse isso o que Guilder havia sentido com Shawna: alguns minutos em que ele podia ser o menino que nunca fora. Talvez só fosse isso o que ele quisesse, o que qualquer um sempre quisera.

Mas voltando a Lawrence Grey: algo no sujeito o incomodava, e não era apenas sua história incrível, ou a coincidência improvável de a mulher em questão ter sido esposa do agente Wolgast. Era o modo como Grey havia falado dela. *Por favor, não a machuquem. Sou eu que vocês querem. Só não machuquem Lila.*

Guilder jamais suporia que Grey fosse capaz de se importar assim com outra pessoa, quanto mais com uma mulher. Tudo em sua ficha levara Guilder a esperar um sujeito que seria na melhor das hipóteses um solitário, e na pior, um sociopata. Mas os pedidos de Grey a favor de Lila eram obviamente sinceros. Algo acontecera entre eles, um elo havia se forjado.

Seu olhar se ampliou, captando a totalidade do acampamento. Todas aquelas pessoas: estavam presas, e não meramente pelas cercas de arame que as circundavam. As barreiras físicas não eram nada comparadas com os arames da mente. O que os havia aprisionado de fato era uns aos outros. Maridos e mulheres, pais e filhos, amigos e companheiros: aquilo que acreditavam que lhes dera força na vida fizera de fato o oposto. Guilder se lembrou do casal que morava na casa em frente à sua, um passando a filha adormecida ao outro para levar ao carro. Como aquele fardo deve ter parecido pesado em seus braços! E, quando o fim varresse todos eles, sairiam do mundo numa onda de sofrimento, com as agonias ampliadas um milhão de vezes pela perda da criança. Será que teriam de vê-la morrer? Será que pereceriam antes, sabendo o que seria feito dela em sua ausência? O que era preferível? Mas a resposta era nenhuma das opções. O amor havia selado sua perdição. Era o que o amor fazia. O pai de Guilder lhe ensinara essa lição muito bem.

Ele estava morrendo. Isso era inquestionável, era uma lição da natureza. Assim como o fato de que Lawrence Grey – aquele joão-ninguém dispensável, aquele faxineiro desgraçado, um homem que em sua vida patética só trouxera sofrimento ao mundo – não estava. Em algum lugar do corpo de Lawrence Grey havia o segredo para a liberdade definitiva, e Horace Guilder iria encontrá-lo e tomá-lo para si.

DEZOITO

Os dias se arrastavam. E ainda não havia notícia dos ônibus.

Todo mundo estava inquieto. Do lado de fora da cerca, o Exército ia e vinha, com os números diminuindo. A cada manhã Kittridge ia ao galpão perguntar sobre a situação do acampamento; a cada manhã voltava com a mesma resposta: os ônibus estão a caminho, seja paciente.

Choveu um dia inteiro, transformando o acampamento numa gigantesca banheira de lama. Agora o sol havia retornado, cozinhando cada superfície com uma crosta de terra seca. A cada tarde mais pacotes de ração eram tirados da traseira de um caminhão do Exército, mas jamais chegavam notícias. Os banheiros químicos estavam imundos, as latas de lixo haviam transbordado. Kittridge passava horas vigiando o portão da frente; não estavam chegando mais refugiados. A cada dia que passava, mas o local começava a parecer uma ilha cercada por um mar hostil.

Kittridge conseguira uma aliada: Vera, a voluntária da Cruz Vermelha que havia se aproximado deles na fila quando chegaram. Era mais nova do que ele havia pensado e estudava enfermagem na Midwest State. Como todos os trabalhadores civis, parecia absolutamente exaurida, com os dias de tensão pesando no rosto. Vera dizia que entendia a frustração dele, todo mundo entendia. Ela também tivera esperança de pegar os ônibus; estava perdida ali com eles. Num dia os transportes viriam de Chicago, no outro de Kansas City, depois de Joliet. Era alguma trapalhada da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências. Eles deviam mesmo era providenciar uns telefones por satélite, para que as pessoas pudessem ligar para os parentes e dizer que estavam bem. Até a rede local de celular havia pifado.

Kittridge tinha começado a ver os mesmos rostos: uma mulher vestida com elegância que andava com um gato na coleira; um grupo de jovens negros, todos usando camisas brancas e gravatas pretas de testemunhas de Jeová; uma garota com roupa de líder de torcida.

A apatia havia baixado sobre o acampamento; o drama alongado da não partida deixara todo mundo num estado de passividade. Havia boatos de que o suprimento de água estava contaminado e agora a tenda médica estava cheia de gente reclamando de dor de estômago, dor muscular, febre. Várias pessoas tinham rádios que ainda funcionavam, mas tudo o que ouviam era um zumbido, seguido pela declaração agora familiar do Sistema de Transmissão de Emergência. *Não saiam de casa. Abriguem-se onde estão. Obedeçam a todas as ordens dos militares e dos agentes da lei.* Mais um minuto de zumbidos e as palavras eram repetidas.

Kittridge tinha começado a se perguntar se algum dia sairiam dali. E durante toda a noite vigiava as cercas.

Fim da tarde do quarto dia: Kittridge estava jogando mais uma partida de baralho com April, Pastor Don e a Sra. Bellamy. Haviam passado do bridge para o pôquer de quatro cartas, apostando quantias absurdas de dinheiro puramente hipotético. April, que dizia nunca ter jogado antes, já havia tirado quase 5 mil dólares de Kittridge. Os Wilke tinham desaparecido: ninguém os via desde a quarta-feira. Aonde quer que tivessem ido, tinham levado a bagagem.

– Meu Deus, aqui dentro está um forno – disse Joe Robinson. Ele mal saíra de sua cama de campanha o dia todo.

– Jogue uma partida – sugeriu Kittridge. – Vai tirar seu pensamento do calor.

– Meu Deus – gemeu o sujeito. O suor escorria dele. – Mal consigo me mexer.

Kittridge, com um par de 6, juntou suas cartas. April, mantendo uma perfeita cara de pôquer, pegou de novo os ganhos.

– Estou entediado – anunciou Tim.

April estava separando em pilhas os pedacinhos de papel que eles usavam como fichas.

– Você pode jogar comigo. Vou mostrar como se aposta.

– Quero jogar mau-mau.

– Acredite em mim – disse ela ao irmão –, isto é muito melhor.

Pastor Don estava distribuindo as cartas quando Vera apareceu na entrada da barraca. Ela encarou Kittridge rapidamente.

– Podemos conversar aqui fora?

Ele se levantou da cama e saiu para o calor do fim de tarde.

– Tem alguma coisa acontecendo – disse Vera. – A Agência Federal de Gerenciamento de Emergências acaba de dizer que todos os transportes de civis a leste do Mississippi foram suspensos temporariamente.

– Tem certeza?

– Ouvi os caras falando na sala do diretor do acampamento. Metade do pessoal da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências já se mandou.

– Quem mais sabe sobre isso?

– Está brincando? Eu não contei nem a você.

Então era isso: iam ser abandonados.

– Quem é o oficial no comando?

– Uma major não sei das quantas. Acho que o nome dela é Porcheki.

Um golpe de sorte.

– Onde ela está?

– Deveria estar no galpão. Tinha um coronel, mas foi embora. *Um monte* deles foi embora.

– Vou falar com ela.

Vera franziu a testa, em dúvida.

– O que você pode fazer?

– Talvez nada. Mas não custa tentar.

Ela se afastou rapidamente e Kittridge voltou para a barraca.

– Cadê a Delores?

Wood levantou o olhar das cartas.

– Acho que está trabalhando numa tenda médica. A Cruz Vermelha andou pedindo voluntários.

– Alguém precisa chamá-la.

Quando todos estavam presentes, Kittridge explicou a situação. Presumindo que Porcheki fornecesse combustível para o ônibus – um grande “se” –, eles teriam de esperar até de manhã para sair, no mínimo.

– Você acha mesmo que ela vai ajudar a gente? – perguntou Pastor Don.

– Admito que é uma hipótese remota.

– Eu digo que a gente deveria simplesmente roubar o combustível e dar o fora daqui – disse Jamal. – Não vamos esperar.

– Podemos chegar a esse ponto, e eu concordaria, a não ser por duas coisas. Um: estamos falando do Exército. Roubar dele parece um bom modo de levar uns tiros. E dois: temos no máximo umas duas horas de luz do dia. É um longo caminho até Chicago e não quero tentar isso no escuro. Faz sentido?

Jamal assentiu.

– O importante é manter isso em segredo e ficarmos juntos. Assim que o pessoal ficar sabendo desse negócio, vai ser uma confusão dos diabos. Todo mundo fique perto da barraca. Você também, Tim. Nada de sair por aí.

Kittridge havia saído da barraca quando Delores o alcançou.

– Estou preocupada com essa febre – disse ela rapidamente. – As tendas médicas estão completamente lotadas. Todos os suprimentos acabaram, não tem antibióticos, nada. Esse negócio está fugindo do controle.

– O que você acha que é?

– O culpado óbvio seria o tifo. A mesma coisa aconteceu em Nova Orleans depois do furacão Vanessa. Com tanta gente apinhada, era só questão de tempo. Se você me perguntar, quanto antes sairmos, melhor.

Mais uma preocupação, pensou Kittridge. Apressando o passo, foi ao galpão, passando por lixeiras transbordadas onde corvos catavam restos. Os pássaros haviam aparecido na tarde anterior, sem dúvida atraídos pelo fedor do lixo acumulado. Agora o lugar parecia cheio deles, tão ousados que praticamente arrancavam comida da mão das pessoas. Nunca era bom sinal quando os corvos apareciam, pensou ele.

Na tenda de comando Kittridge escolheu a abordagem mais direta, não fazendo nada para anunciar sua presença antes de entrar. Porcheki estava sentada atrás de sua mesa, falando a um telefone via satélite. Três outros militares ocupavam a sala, além de um

denso amontoado de equipamentos eletrônicos. Um dos soldados tirou da cabeça o fone com microfone e saltou de pé.

– O que você está fazendo aqui? Esta área é restrita, civis não podem entrar.

Mas, enquanto o soldado ia na direção dele, Porcheki o impediu.

– Tudo bem, cabo. – Ela pousou o telefone e seu rosto se tornou uma máscara de preocupação. – Sargento Kittridge. O que posso fazer por você?

– Vocês vão embora, não é? – A ideia se formara em sua mente no mesmo instante em que ele falava as palavras.

Porcheki o avaliou com o olhar. Depois se virou para os soldados:

– Podem nos dar licença, por favor?

– Major...

– Isso é tudo, cabo.

Com visível relutância os três saíram da tenda.

– Vamos – disse Porcheki. – Recebemos ordem de voltar para a divisa de Illinois. Todo o estado vai ficar sob quarentena a partir de amanhã às 18 horas.

– Vocês não podem simplesmente deixar essas pessoas. Elas estão totalmente indefesas.

– Também sei disso. – Ela o estava olhando com atenção. Parecia prestes a fazer um anúncio. E depois: – Você esteve em Bagram, não foi?

– Senhora?

– Pensei tê-lo reconhecido. Eu estava lá, com o Grupo Expedicionário Médico 72. Creio que não se lembra de mim. – Os olhos dela baixaram. – Como vai a perna?

Kittridge estava quase atônito demais para responder.

– Estou me virando bem.

Um leve assentir e, no rosto perturbado, o que poderia passar por um sorriso.

– Fico feliz em ver que conseguiu, sargento. Ouvi falar do que aconteceu. Foi uma coisa terrível, com o menino. – Seus modos profissionais retornaram. – Quanto aos outros, tenho 24 ônibus vindo do arsenal em Rock Island e um par de caminhõestanque para reabastecer. Contando com o seu ônibus, são 25. Não é o bastante,

obviamente, mas foi o que pude juntar. Isso não é para conhecimento geral, veja bem. Não queremos dar início a um pânico. Eu estaria mentindo se não dissesse que estou falando mais do que deveria. Estamos claros?

Kittridge assentiu.

– Quando esses ônibus chegarem, você vai querer estar preparado. Você sabe como são essas coisas. A gente mantém o controle enquanto pode, mas cedo ou tarde o negócio degringola. As pessoas vão fazer as contas e pode apostar que ninguém vai querer ficar para trás. Devemos ter tempo de fazer quatro viagens antes que a divisa se feche. Você tem um motorista para seu ônibus?

Kittridge assentiu de novo.

– Danny.

– O do boné? Desculpe, sargento, não quero ser desrespeitosa com o cara. Mas preciso ter certeza de que ele pode cuidar disso.

– Você não se sairia melhor do que ele. Tem minha palavra.

Uma rápida hesitação, depois ela concordou.

– Mande-o se apresentar aqui às três da madrugada. O primeiro grupo parte às quatro e meia. Só se lembre do que eu disse. Se quiser que o seu pessoal saia daqui, coloque todos naqueles ônibus.

O que aconteceu em seguida surpreendeu Kittridge mais do que tudo. Porcheki se curvou, abriu a gaveta de baixo da sua mesa e tirou um par de pistolas. As Glocks de Kittridge, ainda nos coldres.

– Mantenha isso escondido. Apresente-se ao cabo Danes aí fora e ele vai acompanhá-lo ao arsenal. Pegue toda a munição de que precisar.

Kittridge passou os braços pelas alças dos coldres. O significado do que a mulher dizia era claro. Estavam atrás das linhas, a frente de batalha havia passado por eles.

– A que distância eles estão? – perguntou Kittridge.

A expressão da major ficou sombria.

– Já chegaram.

Lawrence Grey nunca sentira uma fome tão grande.

Fazia quanto tempo que estava ali? Três dias? Quatro? O tempo havia perdido todo o significado, o passar das horas era interrompido

apenas pelas visitas dos homens com roupas de astronauta. Vinham sem aviso, aparições emergindo de uma névoa narcótica. Ouvia o sibilar da porta estanque e em seguida eles estavam ali, depois vinha a espetada da agulha e o preenchimento lento do saco plástico com seu prêmio vermelho. Havia algo em seu sangue, algo que eles queriam. Mas eles jamais pareciam satisfeitos; iriam secá-lo como a uma vaca. O que vocês querem?, implorava Grey. Por que estão fazendo isso comigo? Onde está Lila?

Estava faminto. Era um ser de pura necessidade, um buraco do tamanho de um homem, no espaço, só precisando ser preenchido. Uma pessoa poderia enlouquecer com isso. Presumindo que ele ainda *fosse* uma pessoa. Zero o havia mudado, alterado a própria essência de sua existência. Ele estava sendo levado para o rebanho. Em sua mente havia vozes, murmúrios, como o zumbido de uma multidão distante. Hora a hora o som ficava mais forte; a multidão estava se aproximando. Contra as tiras ele se retorcia como um peixe numa rede. A cada bolsa de sangue roubada, sua força se esvaía. Sentia-se envelhecendo por dentro, um declínio acelerado no fundo das células. O Universo o havia abandonado ao seu destino. Logo ele desapareceria, seria dispersado no vazio.

Eles o observavam, o que se chamava Guilder e o que se chamava Nelson: Grey sentia sua presença espreitando atrás das lentes da câmera de segurança, os fachos de seus olhos sondando. Precisavam dele; tinham medo dele. Ele era como um presente que, quando fosse aberto, poderia explodir sob a forma de cobras. Não tinha respostas para eles; eles haviam desistido de perguntar. O silêncio era o último poder que possuía.

Pensou em Lila. Será que as mesmas coisas estariam acontecendo com ela? Será que o bebê estaria bem? Ele só quisera protegê-la, fazer essa única coisa boa em toda a sua vida desgraçada. Era uma espécie de amor. Como com Nora Chung, só que mil vezes mais profundo, uma energia que não desejava nada, que não tomava nada, só queria se dar. Era verdade: Lila havia entrado em sua vida com um objetivo, para lhe dar uma última chance. E no entanto ele fracassara.

Ouviu o sibilar da porta estanque; uma figura passou. Um dos homens de macacão, vindo para ele como um grande boneco de neve laranja.

– Sr. Grey, sou o Dr. Suresh.

Grey fechou os olhos e esperou a picada da agulha. Vá em frente, pensou, tire tudo. Mas isso não aconteceu. Grey olhou e viu o médico puxando uma agulha do equipo intravenoso. Com movimentos cuidadosos ele pôs a capa na agulha e jogou-a na lata de lixo. Imediatamente Grey sentiu a névoa sumir da mente.

– Agora podemos conversar. Como está se sentindo?

Ele queria dizer: como você acha que estou me sentindo? Ou talvez apenas: foda-se.

– Onde está Lila?

O médico tirou uma lanterna minúscula de um bolso da roupa de contenção biológica e se inclinou sobre o rosto de Grey. Através da placa do capacete suas feições surgiram oscilando: testa pesada, pele morena com um tom amarelado, dentes brancos e pequenos. Ele balançou o facho sobre os olhos de Grey.

– Isso o incomoda? A luz?

Grey balançou a cabeça. Estava se conscientizando de um novo som: um latejar rítmico. Estava escutando os batimentos cardíacos do sujeito, o jorro de sangue pulsante atravessando as veias dele. Um jato de saliva lavou as paredes de sua boca.

– O seu intestino não funcionou, não é?

Grey engoliu em seco e balançou a cabeça de novo. O médico foi até o pé da cama e pegou uma pequena sonda prateada. Raspou-a rapidamente ao longo das solas dos pés descalços de Grey.

– Muito bem.

O exame continuou. Coração, pulmões, a pulsação do sangue. Cada informação era anotada num palmtop. Suresh levantou a camisola de Grey e sopesou seus testículos.

– Tussa, por favor.

Grey conseguiu uma tosse pequena. O rosto do médico, atrás da placa de plástico, não revelava nada. O som latejante enchia todo o cérebro de Grey, aniquilando qualquer outro pensamento.

– Vou verificar suas glândulas.

O médico levou as mãos enluvadas na direção do pescoço de Grey. Quando as pontas de seus dedos fizeram contato, Grey avançou com a cabeça rapidamente. A ação foi automática, Grey não poderia ter impedido nem se tentasse. Seus dentes se cravaram na carne macia da palma da mão de Suresh, apertando como um torno. Sentiu o gosto químico de látex, profundamente repugnante, depois o jorro de doçura encheu sua boca. Suresh estava berrando, num esforço para se soltar. Sua mão livre empurrava a testa de Grey, lutando para se acalmar; ele levou o braço atrás e deu um soco no rosto de Grey. Não foi doloroso, mas provocou um susto; Grey o soltou. Suresh cambaleou para trás, segurando o pulso da mão sangrenta, com o polegar e o indicador envolvendo-o como um torniquete. Grey esperava que alguma coisa grandiosa acontecesse, o som de um alarme, homens entrando correndo, mas nada disso ocorreu; o momento pareceu congelado e, de algum modo, não observado. Suresh estava recuando, olhando Grey com uma expressão de pânico nos olhos arregalados. Tirou a luva sangrenta e foi rapidamente até a pia. Abriu a torneira e começou a lavá-la ferozmente, murmurando baixinho:

– Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus.

E foi embora. Grey ficou imóvel um momento. Na luta, a agulha em sua veia havia se soltado. Havia sangue em seu rosto, nos lábios. Com um prazer lento, os lambeu. Era um gosto mínimo, mas bastava. Uma força fluiu para dentro dele como uma maré na praia. Retesou-se contra as tiras, sentindo que os rebites começavam a ceder. A porta estanque era outro problema, mas cedo ou tarde ela abriria, e, quando abrisse, Grey estaria esperando. Saltaria sobre eles, como um anjo da morte.

Lila, estou indo.

DEZENOVE

3h30. O grupo estava reunido na barraca, com as bagagens arrumadas, esperando o alvorecer. Kittridge tinha dito que eles deveriam dormir, preparando-se para a jornada. Pouco depois da meia-noite os ônibus prometidos tinham aparecido do lado de fora da cerca, uma comprida linha cinza. Do Exército não veio nenhum aviso, mas a chegada deles não escapou à atenção. Por todo o acampamento as pessoas falavam em partir. Quem iria primeiro? Viriam mais ônibus? E os doentes? Seriam evacuados primeiro?

Kittridge tinha ido com Danny à tenda do comando para ouvir as informações da oficial Porcheki. O que restava de funcionários civis, da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências e da Cruz Vermelha supervisionaria diretamente o embarque, enquanto o restante dos homens de Porcheki, três pelotões, controlaria a multidão. Uma dúzia de Humvees e um par de blindados para transporte de tropas esperariam do outro lado da cerca para escoltar o comboio. A ida a Rock Island levaria pouco menos de duas horas. Presumindo que tudo acontecesse segundo os planos, a última viagem chegaria a Rock Island por volta das 17h30, logo antes do prazo final.

Quando a reunião terminou, Kittridge chamou Danny de lado.

– Se alguma coisa acontecer, não espere. Só pegue o que puder carregar e vá embora. Fique longe das estradas principais. Se a ponte em Rock Island estiver fechada, vá para o norte, como fizemos da última vez. Siga o rio até achar uma ponte aberta. Entendeu?

– Não devo esperar. Ficar fora das estradas principais. Ir para o norte.

– Exato.

Os outros motoristas já haviam ido para os ônibus. Kittridge tinha apenas um instante para dizer o resto.

– O que quer que aconteça, Danny, nós não teríamos chegado até aqui sem você. Tenho certeza de que você sabe disso, mas eu queria falar.

Danny assentiu, tenso, com o olhar desviado.

– Certo.

– Eu gostaria de apertar sua mão. Você acha que está bem?

A testa de Danny se franziu com uma expressão quase de dor. Kittridge ficou preocupado, pensando que tivesse passado do ponto, então Danny estendeu a mão com uma rapidez quase furtiva, fazendo as palmas dos dois colidirem. Seu aperto, ainda que hesitante, não era desprovido de força, um único movimento vigoroso; por um segundo Danny encarou seus olhos, e então a coisa terminou.

– Boa sorte – disse Kittridge.

Voltou à barraca, não tendo nada a fazer além de esperar. Sentou-se no chão, com as costas apoiadas num caixote. Alguns minutos passaram e então as abas da barraca se abriram. April sentou-se ao seu lado, puxando os joelhos para perto do peito.

– Você se importa?

Kittridge balançou a cabeça. Os dois estavam olhando para a entrada do complexo, a 100 metros de distância. Sob o clarão dos holofotes, a área ao redor reluzia como um palco muito iluminado.

– Só queria agradecer a você – disse April. – Por tudo o que fez.

– Qualquer um faria o mesmo.

– Não faria, não. Você gostaria de achar que sim. Mas não.

Kittridge se perguntou se isso era verdade. Achou que não importava. O destino os havia colocado juntos, e ali estavam. Então se lembrou das pistolas.

– Estou com uma coisa sua.

Enfiou a mão embaixo da jaqueta e tirou uma das Glocks. Puxou a corrediça para colocar uma bala na câmara, girou-a na mão e estendeu para ela.

– Lembre-se do que eu falei. Um tiro no centro do peito. Eles despencam feito um castelo de cartas se você fizer direito.

– Como você conseguiu de volta?

Ele sorriu.

– Ganhei num jogo de pôquer. – E estendeu-a mais um pouco. – Vá, pegue.

Para ele havia se tornado importante que ela ficasse com a arma. April a segurou, se inclinou para a frente e enfiou o cano no cós dos jeans, junto à coluna.

– Obrigada – disse com um sorriso. – Vou usar com sensatez.

Durante um minuto inteiro nenhum dos dois falou.

– É bem óbvio como isso tudo vai acabar, não é? – perguntou April. – Quero dizer, cedo ou tarde.

Kittridge virou o rosto para encará-la; os olhos dela estavam voltados para o lado, com as luzes dos holofotes vitrificando suas feições.

– Sempre há uma chance.

– É gentileza sua dizer isso. Mas não muda nada. Talvez os outros precisem ouvir essas coisas, mas eu, não.

A madrugada havia esfriado; April encostou o peso do corpo nele. O gesto foi instintivo, mas significava alguma coisa. Kittridge a envolveu com o braço, puxando-a para dar calor.

– Você pensa nele, não é? – perguntou ela. Sua cabeça estava apoiada no peito de Kittridge. – No menino no carro.

– Penso.

– Conte.

Kittridge respirou profundamente.

– Penso nele o tempo todo.

Ao redor deles o acampamento havia ficado em silêncio, como os cômodos de uma casa depois que todo mundo foi dormir.

– Preciso de um favor – disse April.

– Certo.

Kittridge sentiu o corpo dela se retesar.

– Eu já disse que sou virgem?

– Não, acho que eu me lembraria de algo assim.

– Na minha vida não houve o que você poderia chamar de muitos homens. – Como Kittridge não respondeu, ela continuou: – Não menti quando falei que tenho 18 anos. Não que isso importe. Acho que este não é um mundo onde esse tipo de coisa importe muito mais.

– Acho que talvez não.

– De modo que o que estou dizendo é: não precisa ser uma coisa tão grandiosa.

– Sempre é uma coisa grandiosa.

April segurou a mão de Kittridge e a envolveu, passando lentamente o polegar sobre os dedos dele.

– É engraçado. Antes mesmo de ver suas cicatrizes, eu sabia o que você era. Não só sobre o Exército, isso era óbvio para todo mundo. Sabia que alguma coisa tinha acontecido com você, na guerra. – Uma pausa, e depois: – Acho que nem sei qual é o seu primeiro nome.

– É Bernard.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele. Seus olhos estavam úmidos e brilhando.

– Por favor, Bernard. Só por favor, certo?

Não era um pedido que pudesse ser recusado, nem ele queria isso. Usaram uma das tendas adjacentes; quem sabia para onde os ocupantes haviam ido? Kittridge estava sem prática, mas se esforçou ao máximo para ser gentil, ir devagar, observando cuidadosamente o rosto de April à luz fraca. Ela fez alguns sons, mas não muitos, e quando tudo terminou o beijou, longamente e com ternura, aninhou-se contra ele e logo estava dormindo a sono solto.

Kittridge ficou deitado no escuro, ouvindo-a respirar, sentindo seu calor nos pontos em que os corpos se tocavam. Tinha pensado que poderia ser estranho, mas não tnha sido nem um pouco; parecia uma parte natural de tudo o que havia acontecido. Seus pensamentos ficaram à deriva, pousando aqui e ali. As melhores lembranças: as lembranças de amor. Não tinha muitas. Agora tinha outra. Como havia sido idiota querendo abrir mão da vida.

Tinha acabado de fechar os olhos quando do outro lado do portão veio um rugido de motores e um clarão de faróis. April estava acordando ao seu lado. Ele se vestiu rapidamente e abriu a aba da tenda no instante em que escutou, vindo do leste, um ribombar de trovão. Ainda por cima iriam partir sob chuva.

– Eles chegaram? – Esfregando os olhos, Pastor Don saía da tenda.

Wood estava logo atrás dele.

Kittridge assentiu.

– Peguem as coisas, pessoal. Está na hora.

Onde, diabos, estava Suresh?

Fazia horas que ninguém via o sujeito. Num minuto ele deveria estar examinando Grey, no outro havia desaparecido no ar. Guilder mandara Masterson e sua equipe de segurança para procurá-lo. Vinte minutos depois tinham retornado de mãos vazias. Disseram que Suresh não estava em lugar nenhum do prédio.

Era a primeira deserção, pensou Guilder. Uma rachadura assim iria crescer. Aonde o sujeito teria esperanças de ir? Estavam no meio de um milharal, a noite baixava. Os dias haviam passado inutilmente. Ainda não tinham conseguido isolar o vírus, tirá-lo das células. Não havia dúvida de que Grey estava infectado – o timo aumentado do sujeito dizia isso. Mas o vírus em si parecia escondido. Escondido! Essas foram as palavras de Nelson. Como um vírus podia estar escondido? Encontre-o, porra, dissera Guilder. Estamos ficando sem tempo.

Guilder passava cada vez mais tempo no terraço da cobertura, atraído para a sensação de espaço que havia ali. Passava da meia-noite de novo, e ali estava ele. O sono era apenas uma lembrança. Nem bem ele apagava e logo acordava num susto, com as paredes da garganta se fechando. O prazo de 72 horas havia chegado e ido embora, com Nelson apenas levantando as sobrancelhas: *E então?* A traqueia de Guilder estava tão apertada que ele mal conseguia engolir e sua mão esquerda se agitava como um pássaro. Todo um lado de seu corpo estava se arrastando como se um peso de cinco quilos estivesse amarrado no tornozelo. Não havia como esconder a situação de Nelson por muito mais tempo. Provavelmente ele já sabia.

Do terraço Guilder vira as fileiras do Exército diminuindo dia a dia. A que distância estariam os virais? Quanto tempo eles ainda tinham?

Seu celular zumbiu na cintura. Era Nelson.

– É melhor você vir dar uma olhada nisso.

Nelson o recebeu à porta do elevador. Estava usando um jaleco sujo e tinha os cabelos desalinhados. Entregou um pedaço de papel a Guilder.

– O que é isso?

O rosto de Nelson estava sério.

– Apenas leia.

DEPARTAMENTO DO EXÉRCITO

COMANDO CENTRAL DOS EUA
BULEVARD SOUTH BOUNDARY, 7.115
BASE AÉREA MACDILL, FLÓRIDA. 33621-5101

16JUN00#1h05

ORDEM OPERACIONAL – COMANDO CENTRAL DOS EUA – IMMACULATA

REFERÊNCIAS: ORDEM EXECUTIVA 929621, ORDEM OPERACIONAL 16-26 DO 1º HELICÓPTERO DA BRIGADA DE RECONHECIMENTO, MAPA PÁGINA V107

ORGANIZAÇÃO DA TAREFA: Força-tarefa Conjunta (FTC) DEVASTAÇÃO, incluindo elementos de: 388ª Esquadrilha de Caças (388 EC), 23º Grupo de Caças (23 GC), 62º Grupo de Defesa Aérea Nacional (62 GDAN), Guarda Nacional do Exército do Colorado (GN CO), Guarda Nacional do Exército do Kansas (GN KS), Guarda Nacional do Exército de Nebraska (GN NE) e Guarda Nacional do Exército de Iowa (GN IA).

1. SITUAÇÃO

a. Força Inimiga: Desconhecida, ± 200 mil.

b. Terreno: Mistura de planícies elevadas, pastagens e área urbana.

c. Clima: Condições variáveis, visibilidade diurna moderada, visibilidade noturna limitada, de pouco a nenhum luar.

c. Situação do Inimigo: Até 16JUN00, 1h05, 763 grupos de pessoas infectadas (“corjas”) observados reunidos nas Áreas Designadas de 1 a 26. Movimento inimigo esperado imediatamente depois do crepúsculo.

2. MISSÃO

A FTC DEVASTAÇÃO realiza operações de combate de 16JUN00, 1h21, a 17JUN00, 5h24, na Zona de Quarentena designada, com o objetivo de destruir todas as pessoas infectadas.

3. EXECUÇÃO

Objetivo: a FTC realizará operações de combate aéreo e terrestre dentro da Zona de Quarentena. A tarefa prioritária da FTC DEVASTAÇÃO é a eliminação de todas as pessoas infectadas dentro da Zona de Quarentena. Todas as pessoas, inclusive civis, dentro da Zona de Quarentena são consideradas infectadas e sua eliminação está autorizada pela Ordem Executiva 929621. O objetivo final é a eliminação de todas as pessoas infectadas dentro da Zona de Quarentena.

Conceito da Operação: Esta será uma operação em duas fases:

FASE 1: A FTC usa unidades táticas aéreas da 388 EC, do 23 GC e do 62 GDAN em 16JUN00, 1h21, para realizar bombardeios em massa nas áreas designadas de 1 a 26. A FASE 1 se completa com 100% de detonação de bombas na Zona de Quarentena. A FASE 2 começará imediatamente após o fim da FASE 1.

FASE 2: A FTC enviará três divisões de infantaria mecanizada de unidades táticas terrestres das GN CO, GN KS, GN NE e GN IA para realizar ataques de fogo livre contra as forças inimigas remanescentes dentro das áreas designadas de 1 a 26. A FASE 2 se completa com a eliminação de 100% das pessoas infectadas que se encontrem dentro da Zona de Quarentena.

O documento trazia mais: logística, táticas, comando e sinal disponível. O lado burocrático da guerra. A conclusão era óbvia: qualquer pessoa que estivesse atrás das linhas que demarcavam a Zona de Quarentena já era dada como perdida.

– Meu Deus.

– Eu disse – observou Nelson. – Cedo ou tarde isso ia acontecer. Faltam menos de duas horas para o amanhecer. Provavelmente estaremos bem durante a noite, mas acho que não deveríamos esperar.

Assim, de uma hora para outra, o relógio havia zerado. Depois de tudo o que tinha feito, aceitar a derrota agora!

– O que você quer que eu faça? – perguntou Nelson.

Guilder respirou fundo para se acalmar.

– Evacue os técnicos nos veículos, mas mantenha Masterson aqui. Nós mesmos podemos encaixotar Grey e a mulher e pedir que alguém nos pegue.

– Devo notificar Atlanta? Sabe, para que eles pelo menos tenham conhecimento da situação.

Guilder pensou que Nelson merecia o crédito por não ter caído num segundo “eu não disse?”.

– Não, eu faço isso.

Havia uma linha telefônica segura no escritório do chefe da estação. Guilder subiu e foi pelo corredor vazio, com a perna se arrastando deploravelmente. Todas as salas tinham sido esvaziadas; as únicas coisas no escritório eram uma cadeira, uma mesa de metal barata e um telefone. Sentou-se na cadeira e ficou parado um momento, olhando o telefone. Depois de algum tempo percebeu que estava com as faces molhadas; tinha começado a chorar. O choro

estranho e sem emoção que parecia um arauto de seu destino e a confissão incontida do corpo sobre sua vidinha desgraçada. Como se seu organismo estivesse lhe dizendo: espere só. Espere só para ver o que tenho guardado para você. Uma morte em vida, meu filho.

Mas isso jamais aconteceria; no momento em que pegasse o telefone, tudo estaria terminado. Era um pequeno consolo saber que pelo menos não viveria por tempo suficiente para sofrer a força total de seu declínio. O que fracassara em realizar naquele dia na garagem seria feito agora por ele.

Sr. Guilder? Venha conosco. Uma mão em seu ombro, a marcha pelo corredor.

Não.

VINTE

Quando eles chegaram aos ônibus os soldados haviam estabelecido um perímetro. Uma multidão estava se formando na escuridão antes do alvorecer. O ônibus de Danny estava na terceira vaga; Kittridge o vislumbrou pelo para-brisa, o boné enfiado na cabeça, as mãos apertando o volante. Vera estava no degrau de baixo, segurando uma prancheta.

Deus abençoe você, Danny Chayes, pensou Kittridge. Essa vai ser a viagem da sua vida.

– Por favor, pessoal, mantenham a calma! – gritava Porcheki num megafone, andando para lá e para cá diante da fila de ônibus atrás da barreira de soldados. – Formem uma fila organizada e entrem pela traseira! Se não conseguirem lugar para sentar, esperem a segunda viagem!

Os soldados haviam erguido barreiras para servir como uma espécie de portão. A turba pressionava atrás deles, afunilando-se na direção da abertura. Para onde iriam?, perguntavam as pessoas. O destino ainda era Chicago ou outro lugar? Logo adiante deles, na fila, havia uma família com duas crianças, um menino e uma menina, usando pijamas imundos. Pés sujos, cabelos embolados, não poderiam ter mais de 5 anos. A menina segurava uma Barbie nua. Mais trovões rolaram a oeste, acompanhados por clarões de luz no horizonte. Kittridge e April estavam segurando Tim, com medo de que a multidão o engolisse.

Assim que passou pela abertura, o grupo foi rapidamente para o ônibus de Danny. Os Robinson e Boy Jr. foram os primeiros a embarcar, depois Wood e Delores, Jamal e a Sra. Bellamy. Pastor Don era o último, atrás de Kittridge, Tim e April.

Um relâmpago de um branco fantasmagórico acendeu o ar, congelando a cena na mente de Kittridge como uma lâmpada estroboscópica. Meio segundo depois um trovão longo ribombou. Kittridge sentiu o impacto pelas solas dos pés.

Não era trovão. Era artilharia.

Um trio de jatos passou acima, e depois mais dois. De repente todo mundo estava gritando – um som agudo de pânico desenfreado que veio crescendo de trás, engolfando a multidão como uma onda. Kittridge virou o rosto para oeste.

Nunca tinha visto os virais num grupo grande. Às vezes, de seu poleiro na torre, via três juntos – nunca menos nem mais – e, claro, houvera os da rampa do estacionamento, que poderiam ser uns 20. Não era nada comparado com isso. A visão sugeria um bando de pássaros no chão: uma massa coordenada de centenas, correndo na direção dos arames. *Uma corja*, lembrou Kittridge. *É assim que estão sendo chamados, de corjas.* Por um segundo sentiu uma espécie de espanto reverente, um puro maravilhar-se com a majestade orgânica daquilo.

Eles varreriam os ônibus como um tsunami.

Humvees corriam a toda a velocidade em direção à cerca oeste, com nuvens de poeira borbulhando das rodas. De repente os ônibus estavam sem guardas; a multidão avançava para eles. Um grande peso humano se chocou com Kittridge por trás. Enquanto a multidão o envolvia, ele ouviu April gritar:

– Tim!

Ele mergulhou na direção da voz dela, lutando através da turba como um nadador contra a corrente, jogando corpos de lado. Um amontoado de pessoas estava tentando se enfiar no ônibus de Danny, pressionando, empurrando. Kittridge viu o homem que estivera à frente deles na fila segurando a filha acima da cabeça, gritando:

– Por favor, alguém a pegue! Alguém pegue minha filha!

Então viu April apanhada na confusão. Balançou as mãos no ar.

– Entre no ônibus!

– Não estou achando o Tim! Não consigo achar o Tim!

Kittridge ouviu um rugido de motores; os ônibus estavam se afastando. Num jorro de fúria, abriu caminho na direção dela, agarrou-a pela cintura e mergulhou para a porta. Ela estava lutando contra ele, tentando se soltar.

– Não posso ir embora sem ele! Me solte!

Adiante ele viu Pastor Don, perto do degrau de baixo. Kittridge empurrou April.

– Don, me ajude! Coloque-a no ônibus!

– Não posso ir embora, não posso ir embora!

– Vou encontrá-lo, April! Don, pegue-a!

Um último esforço em meio à confusão geral, Don estendendo a mão para a frente, encontrando a dela, puxando-a para a porta, e então ela se foi. O ônibus estava ocupado apenas pela metade, mas não havia tempo para esperar. Seu último vislumbre de April foi o rosto dela encostado na janela, gritando seu nome.

– Danny, tire-os daqui!

As portas se fecharam e o ônibus se afastou.

Em sua câmara nas instalações da base naval, Lila Kyle, que passara os últimos quatro dias num estado de suspensão narcótica – um crepúsculo semiconsciente em que percebia o espaço ao redor como se fosse apenas uma de várias telas de cinema a que estava assistindo ao mesmo tempo –, estava dormindo e sonhando: um sonho simples, feliz, em que estava num carro à noite, sendo levada ao hospital para ter o bebê. Lila não podia ver quem dirigia o carro, a periferia de sua visão estava coberta por um negrume. Brad?, disse, você está aí? Então a escuridão subiu, como a cortina de um palco, e Lila viu que era mesmo Brad. Um júbilo dourado e tremeluzente, sem peso como a luz do sol de verão, atravessou todo o seu ser. Estamos chegando, querida, disse Brad. Estamos chegando a qualquer segundo. O mundo não vai degringolar de vez. Segure-se. O bebê está chegando. O bebê está praticamente aqui.

E essas eram as palavras que Lila estava dizendo a si mesma – o bebê está chegando, o bebê está chegando – quando o quarto foi golpeado por uma explosão violenta – vidros se despedaçando, coisas caindo, o piso embaixo dela balançando como um barquinho no oceano – e ela começou a gritar.

VINTE E UM

A corja de virais que invadiu o Centro de Triagem de Refugiados de Iowa na madrugada de 9 de junho fazia parte de uma massa maior que vinha se juntando desde Nebraska. As estimativas feitas mais tarde pela Força-tarefa Conjunta, codinome FTC Devastação, diferiam em tamanho: alguns acreditavam que teria 50 mil indivíduos, outros diziam que o número era ainda maior. Nos dias seguintes essa primeira corja se juntaria a uma segunda, mais volumosa, que vinha para o norte saindo do Missouri, e uma terceira vindo de Minnesota para o sul. Os números iam sempre aumentando. Quando chegaram a Chicago eram meio milhão de indivíduos, que penetraram no perímetro defensivo em 17 de julho e dominaram a cidade em 24 horas.

Os primeiros virais a romper a cerca do Centro de Triagem de Refugiados chegaram às 4h58. Nesse momento extensas operações aéreas nas regiões central e leste do estado vinham acontecendo havia oito horas e, de fato, apenas uma ponte sobre o rio Mississippi – em Dubuque – ainda não fora destruída; a hora do estabelecimento da quarentena fora deliberadamente informada com erro pela Força-tarefa. Os líderes da Força-tarefa acreditavam – e esta era uma conclusão apoiada pelo pensamento combinado das comunidades militar e de informações dos Estados Unidos – que uma presença humana concentrada na Zona de Quarentena atuaria como isca para os infectados, fazendo com que se reunissem em certas áreas e assim tornando o bombardeio aéreo mais eficaz. A analogia mais próxima, nas palavras de um membro da Força-tarefa, era usar um depósito de sal para caçar veados.

Deixar para trás uma população de refugiados era simplesmente o preço que precisava ser pago numa guerra que não tinha nenhum precedente. E, de qualquer modo, aquelas pessoas certamente estavam mortas.

A major Verlinda Porcheki, da Guarda Nacional de Iowa – na vida civil era gerente distrital de um fabricante de material esportivo para

mulheres –, não sabia da missão da FTC Devastação, mas também não era idiota. Ainda que fosse uma oficial militar muito bem treinada, condecorada por bravura em três conflitos distintos, também era uma católica devota que buscava conforto e orientação em sua fé. A decisão de não abandonar os refugiados postos sob sua proteção, como fora ordenado, vinha diretamente dessa convicção mais profunda, assim como sua opção de dedicar as energias finais de sua vida e as da vida dos soldados ainda sob seu comando – 165 homens e mulheres que, quase como um só, se posicionaram perto da cerca no lado oeste – a dar cobertura para os ônibus escaparem. A essa altura, os civis que tinham sido deixados para trás estavam correndo na direção deles, gritando para pararem, mas não havia o que fazer. Bom, é isso, pensou Porcheki. Eu teria salvado mais, se pudesse. Uma luz verde-clara havia se juntado no oeste – uma parede de luminosidade trêmula, como uma cerca viva reluzente. Jatos passavam acima, soltando a fúria de suas cargas no coração da corja: rastros reluzentes, jorros de chamas. O ar era dilacerado por trovões. Através de um punho de destruição a corja emergia, ainda se aproximando. A major saltou de seu Humvee antes que ele parasse de se mover, gritando ordens:

– Não atirem! Esperem até eles chegarem à cerca! – Em seguida se abaixou em posição de tiro. Não tendo mais ordens a dar, encararia o inimigo em termos idênticos aos de seus homens. E começou a rezar.

O próprio tempo adquiriu um jeito distorcido. No meio do caos, vidas se sobrepunham de modos imprevistos. No porão das instalações da base naval estava acontecendo uma luta maior. No mesmo instante em que o helicóptero da Blackbird chegava à cobertura, Horace Guilder, que estivera se escondendo de Nelson no escritório quando o ataque começara – a decisão de não telefonar para o pessoal do Centro de Controle de Doenças havia tirado um peso da mente só para criar outro (ele não tinha ideia do que fazer em seguida) –, desceu a escada para o porão com dificuldade considerável e encontrou Masterson e Nelson frenéticos, colocando amostras de sangue numa caixa de isopor cheia de gelo seco, gritando coisas do

tipo: “Onde você estava?”, “Temos de sair daqui!”, “Este lugar está desmoronando em volta da gente!”. Mas esses sentimentos, por mais razoáveis que fossem, tocavam Guilder apenas vagamente. O que importava agora era Lawrence Grey. E de repente, como se tivesse levado um tapa no rosto, Guilder soube o que precisava fazer.

Só havia um modo. Por que demorara tanto para ver isso?

Todo o seu corpo estava à beira de sofrer espasmos paralisantes; mal conseguia respirar pelo tubo estreitado da garganta. No entanto reuniu vontade – a vontade dos agonizantes – para estender a mão, segurar a arma de Masterson e tirá-la do coldre.

Então, espantando a si mesmo, Guilder atirou nele.

Kittridge estava sendo pisoteado.

Enquanto os ônibus se afastavam, foi derrubado no chão, no meio do esmagamento. Quando tentou se levantar, um pé acertou o lado de seu rosto e a pessoa tropeçou nele com um grunhido. Mais pés e corpos golpeavam; tudo o que ele podia fazer era assumir uma postura de defesa, pressionando-se contra o chão com as mãos sobre a cabeça.

– Tim! Cadê você?

Então o viu. A multidão o havia deixado para trás. Estava sentado no chão a menos de 10 metros dali. Kittridge correu cambaleando até perto dele, derrapando na poeira.

– Você está bem? Consegue correr?

O menino segurava a lateral da cabeça. Seus olhos pareciam vagos, desfocados. Soluçava de tanto chorar e muco escorria-lhe do nariz.

Kittridge o pôs de pé.

– Venha.

Não tinha um plano. O único plano era escapar. Os ônibus tinham ido embora, fantasmas de poeira e fumaça de óleo diesel. Kittridge levantou Tim pela cintura, girou-o para as costas e disse para ele se segurar. Depois de três passos a dor chegou, com o joelho estremecendo. Tropeçou, se controlou, de algum modo ficou de pé. Uma coisa era certa: com sua perna e com o peso a mais do garoto,

não iria longe a pé. Aviões passavam em cima, o ar estava iluminado com fogo.

Então se lembrou do arsenal. Tinha visto um Humvee com a traseira aberta estacionado lá dentro. Na ocasião o capô estava aberto; um dos soldados trabalhava nele. Será que continuava lá? Estaria funcionando?

Enquanto os soldados na cerca do lado oeste abriam fogo, Kittridge trincou os dentes e correu.

Quando chegou, sua perna estava prestes a desmoronar. Não fazia ideia de como tinha percorrido aqueles 200 metros. Mas a sorte estava com ele. O veículo continuava parado onde ele o vira, cercado por prateleiras vazias. O capô estava abaixado, bom sinal, mas funcionaria? Colocou Tim no banco do carona, subiu atrás do volante e apertou a ignição.

Nada. Respirou fundo para se acalmar. Pense, Kittridge, pense. Pendurado atrás do painel havia um ninho de fios desconectados. Alguém estivera trabalhando na ignição. Soltou os fios, escolheu dois e juntou as pontas. Nada ainda. Não tinha ideia do que estava fazendo; por que havia achado que isso iria funcionar? Escolheu arbitrariamente mais dois fios, vermelho e verde.

Uma fagulha saltou, o motor rugiu. Ele engrenou o Humvee, apontou na direção das portas e pisou no acelerador até o fundo.

Partiram rumo ao portão. Mas havia um novo problema diante deles: como atravessar. Vários milhares de pessoas tentavam fazer a mesma coisa, uma massa humana rolando, tentando se enfiar pela saída estreita. Sem tirar o pé do acelerador, Kittridge pôs o peso do corpo sobre a buzina, percebendo tarde demais como isso era má ideia – a turba não tinha nada a perder.

Ela se virou. Viu. Atacou.

Kittridge freou e virou o volante, mas era tarde demais: as hordas engoliram o Humvee como uma onda se partindo. Sua porta se abriu, mãos o estavam puxando, tentando soltá-lo do volante. Ouviu Tim gritar enquanto lutava para manter o controle. Pessoas saltavam para o veículo vindas de todas as direções, encurralando-o. Um rosto colidiu contra o para-brisa, depois sumiu. Mãos vinham de trás

estendendo-se para seu rosto, agarrando-o, outras puxavam seus braços.

– Me soltem! – gritava ele tentando afastá-los, mas não adiantava.

Eram muitos, e, ao mesmo tempo que mais corpos rolavam por cima do para-brisa e por baixo dos pneus do veículo, o Humvee começou a tombar. Kittridge estendeu a mão para Tim, preparando-se para o choque, e foi o fim.

Nesse meio-tempo, a uma distância de cinco quilômetros e aumentando, a fila de ônibus – levando um total de 2.043 refugiados civis, 36 funcionários da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências e da Cruz Vermelha e 27 militares – rugia em direção ao leste. Muitas pessoas a bordo estavam soluçando, outras rezavam. Os que tinham filhos os apertavam ferozmente. Uns poucos, apesar dos pedidos sérios dos colegas para calarem a boca, continuavam gritando. Enquanto um punhado já passava pela autorreprovação por ter deixado tantos para trás – no jargão psicológico, a culpa dos sobreviventes –, a vasta maioria não tinha esse tipo de dúvida. Eles eram os sortudos, os que haviam escapado.

Ao volante do Redbird, Danny Chayes estava experimentando, pela primeira vez na vida, uma emoção que só poderia ser descrita como uma magnífica totalidade do eu. Era como se tivesse vivido todos os seus 26 anos dentro de uma faixa artificialmente estreita de sua personalidade potencial e as escamas estivessem caindo abruptamente de cima dos olhos. Como o ônibus cujo rumo ele comandava, Danny fora lançado adiante, impelido num novo estado de ser em que uma variedade de sentimentos contrários, com todos os seus contornos característicos, existia ao mesmo tempo em sua mente. Estava com medo, genuinamente, emotivamente com medo, no entanto esse medo não era uma fonte de paralisia, e sim de poder, um rico poço de coragem que parecia subir e transbordar dentro dele. *Você é o capitão desse navio*, dissera o Sr. Purvis, e era isso que Danny era.

Atrás de seu ombro esquerdo, Pastor Don e Vera estavam conversando, falando em tom ansioso sobre isso e aquilo; atrás

deles, nos bancos, os outros se encolhiam em pares. Os Robinson com seu bebê, que estava soltando uma espécie de miado; Wood e Delores, de mãos dadas enquanto rezavam; Jamal e a Sra. Bellamy, os dois abraçados de verdade; April, sentada pensativa e sozinha, o rosto atordoado demais para ter lágrimas.

A libertação deles havia se tornado o objetivo único da vida de Danny, o ponto fixo em seu cosmos pessoal, ao redor do qual todo o resto girava, mas, na empolgação do momento e na descoberta do fato espantoso de sua condição viva, a presença deles era pura abstração.

Ao volante de seu Redbird 450 Danny Chayes estava em união consigo mesmo e com o Universo, e quando viu, como sem dúvida os motoristas dos outros ônibus também viram, a segunda e maior corja de virais ao sul surgindo da escuridão antes do amanhecer, e depois a terceira, vindo do norte, e discerniu nos olhos da mente com rápido cálculo tridimensional que aqueles dois corpos iriam se unir para formar uma única massa em círculo que cairia sobre os ônibus como um enxame de vespas, soube o que tinha de fazer. Virando o volante para a esquerda, separou-se do comboio e pisou no acelerador até o fundo, passando pelos outros ônibus em fila: 110, 120, 130 quilômetros por hora, com cada grama de seu ser induziu o ônibus a ir mais depressa.

O que você está fazendo?, gritou Pastor Don. Pelo amor de Deus, Danny, o que você está fazendo? Mas Danny sabia o que estava fazendo. Seu objetivo não era evasão, porque não poderia haver nenhuma; seu objetivo era ser o primeiro. Acertar a corja numa velocidade tão grande que passaria direto por ela, escavando um corredor de destruição.

O espaço atrás dele irrompera num coro de gritos; do outro lado de seu para-brisa as corjas estavam se fundindo, uma enorme legião de luz. Seus dedos estavam brancos no volante.

– Todo mundo abaixado! – gritou ele. – Abaixados!

– Que porra é essa?

Nelson estava recuando, mantendo as mãos na frente do rosto para se proteger. Guilder percebeu que o sujeito esperava que ele

lhe desse um tiro também. O que não era uma coisa pela qual sentisse aversão, mas a curto prazo tinha outras exigências.

– Pegue a mulher – disse, sinalizando com a pistola.

– Não temos tempo! Meu Deus, você não precisava atirar nele!

Houve mais pancadas fortes acima. O ar tinha redemoinhos de poeira.

– Deixe os julgamentos comigo. Ande.

Mais tarde Guilder teria motivos para imaginar como soubera que deveria pegar a mulher primeiro, uma das decisões mais fatídicas de sua vida. Poderia ter optado por deixá-la, produzindo um resultado totalmente diverso. Intuição, talvez? Sentimentalismo pelo elo que havia discernido entre os dois – um elo que lhe escapara durante toda a vida? Empurrando Nelson com a pistola, atravessou o laboratório até a porta da câmara de Lila.

– Abra.

Despertada pelas explosões, Lila Kyle começara a soltar gritos incoerentes e aterrorizados. Não fazia ideia de onde estava nem do que acontecia. Estava amarrada numa cama. A cama estava num quarto. O quarto e tudo dentro dele se moviam. Era como se tivesse acordado de um sonho e se encontrado perdida em outro, igualmente irreal, e só experimentou uma consciência parcial da presença de Nelson e Guilder quando estes entraram no quarto.

Os dois estavam discutindo. Ouviu a palavra “helicóptero”. Ouviu a palavra “fugir”. O menor dos dois estava cravando uma agulha em seu braço. Lila não conseguia oferecer resistência, mas no instante em que a agulha furou sua pele uma corrente atingiu seu coração, como se ela tivesse sido conectada a uma bateria gigantesca. Adrenalina, pensou. Fui sedada e agora estão injetando adrenalina para me acordar. O homem menor a estava puxando para que ficasse de pé. Ela conseguia se levantar? Podia andar? Bastava tirá-la dali, disse o segundo homem.

Com uma urgência tremenda que ela não conseguia se obrigar a compartilhar, ele meio a arrastou, meio a carregou pela sala ampla, uma espécie de laboratório. As luzes estavam apagadas, apenas fachos de emergência brilhavam nos cantos. A distância, uma série

de rugidos, e depois de cada um deles um momento de tremor prolongado, como um terremoto. Os vidros estavam estremecendo, fazendo um som agudo.

Chegaram a uma porta pesada que tinha um volante de metal, como algo de um submarino. O homem menor a abriu e entrou. Agora ela estava segura pelo maior; ele tinha uma pistola. Estava segurando-a por trás, uma das mãos envolvendo sua cintura, a outra encostando o cano da arma em seu tronco. Agora seus pensamentos chegavam mais claros. Seu coração estalava feito um metrônomo. O que sairia da porta? Sentia o cheiro da respiração do homem perto do seu rosto, uma podridão quente. Sentiu o medo dele no modo como a apertava, nas mãos, o corpo inteiro tremendo.

– Estou grávida – disse Lila, ou começou a dizer, achando que isso poderia alterar a situação. Mas sua voz foi cortada quando, do outro lado da porta, veio um berro esganiçado parecendo de mulher.

As operações aéreas sobre as áreas oeste e central de Iowa na noite de 9 de junho não deixavam de ter riscos. O principal deles era que os pilotos não cumprissem com as ordens – e, de fato, alguns não cumpriram: sete tripulações se recusaram a lançar as bombas sobre alvos civis e outras três afirmaram ter sofrido panes mecânicas que as impediram de fazer isso, uma taxa operacional de 6% de falha. (Dessas 10 equipes de voo, três foram levadas a corte marcial e fuziladas, cinco foram repreendidas e mandadas de volta ao serviço e duas caíram e nunca mais foram vistas.)

Nas semanas seguintes, à medida que a missão da FTC Devastação se expandia para incluir centros populacionais por toda a área central do país e a região entre as montanhas a oeste, membros da Força-tarefa se lembrariam dessa estatística com uma espécie de nostalgia: os bons e velhos tempos. Em 1º de agosto, tantos aviadores haviam parado de trabalhar, prisioneiros de suas consciências, ou haviam desaparecido com suas aeronaves nos céus acima do continente agonizante que era cada vez mais difícil montar uma ofensiva aérea coerente, lançando dúvida sobre a própria missão da FTC Devastação.

Essas dificuldades eram aumentadas por movimentos separatistas na Califórnia e no Texas, ambos se declarando soberanos e se apropriando de todos os recursos militares dentro de suas divisas, desafiando Washington a impedi-los com o uso da força – uma jogada notavelmente hábil, tanto militar quanto politicamente, já que nessa época a situação estava em pura queda livre. Seguiu-se muita fanfarronice dos dois lados, culminando com a Batalha de Wichita Falls e a Batalha de Fresno, em que um enorme número de militares americanos, tanto de terra quanto de ar, jogou a toalha, largou as armas e pediu refúgio.

Assim, em meados de outubro do ano que passou a ser conhecido pelas gerações subsequentes como Ano Zero, a nação conhecida como Estados Unidos poderia ser considerada extinta.

Mas na madrugada de 9 de junho, sob um céu sem lua em Iowa, a FTC Devastação ainda estava conectada, desfrutando da cooperação integral, ou quase integral, de seus membros. Confirmando as projeções da Força-tarefa, grandes massas de infectados haviam se reunido em quatro pontos distintos no estado: Mason City, Des Moines, Marshalltown e o Centro de Triagem de Refugiados da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências no Forte Powell. Às duas da madrugada os três primeiros tinham sido arrasados; Forte Powell era o prêmio final. Uma combinação de Warthogs A-10 e caças-bombardeiros F-13 começou o ataque. Ao mesmo tempo um transporte C-130 partia de MacDill levando um dispositivo explosivo chamado bomba maciça de detonação aérea GBU/43-B. Contendo 8.500 quilos de explosivo de alta potência H6, a GBU/43-B era a maior bomba não nuclear no arsenal militar dos Estados Unidos, capaz de produzir uma cratera de impacto de 150 metros de diâmetro e uma onda de choque suficiente para arrasar uma área do tamanho de nove quarteirões; os incêndios resultantes arderiam durante dias.

Quando Nelson se curvou para soltar as tiras – tiras que não estavam mais presas em nada –, Grey saltou adiante, segurando-o pelos bíceps e enterrando os dentes no seu pescoço. Uma mordida funda: sentiu a traqueia de Nelson sendo esmagada entre as

mandíbulas. Enquanto os dois caíam de costas sobre a cama, Grey o sacudiu como um lobo com um coelho nos dentes; um jato de sangue quente encheu sua boca. Agora estavam no chão, Nelson de rosto para cima, Grey sobre ele. Houve um tremor agônico das mãos e dos pés de Nelson e foi só. Grey cravou as mandíbulas mais fundo na carne macia.

Bebeu.

Teria sido tão fácil assim para Zero, pensou Grey, tão prazeroso? Uma vitalidade intensa o atravessou, uma imensidão gloriosa de pura sensação. Era como se um motor poderoso se ligasse dentro dele. Com uma inalação final de sangue, capaz de satisfazer a alma, Grey afastou o rosto. Permitiu-se uns dois segundos para olhar o cadáver caído no chão. A carne do rosto de Nelson parecia ter encolhido até o crânio; seus olhos, como os da menina no estacionamento do Red Roof, saltavam reptilianos das órbitas ossudas, olhando o coração da eternidade. Grey revirou a mente em busca de alguma emoção que correspondesse aos seus atos – culpa, talvez, ou pena, ou até mesmo nojo. Era um assassino, um homem que havia matado. Tinha roubado a vida de outro. Mas não sentia nada disso. Tinha feito o que precisava fazer.

A porta da câmara estava aberta. Lila, pensou, vou salvá-la, tudo o que aconteceu exige isso.

Passou por ela.

O que saiu pela porta foi um homem. A figura estava iluminada por trás, velada em sombra. Enquanto ele avançava, raios das luzes de emergência batiam de lado em seu rosto. Sua camisola estava banhada de sangue.

Lawrence?

– Não. – O homem com a arma estava arrastando Lila para trás, apertando o cano contra suas costelas. Os passos eram inseguros, irregulares. Todo o seu corpo tremia como uma folha verde. Parecia que iria cair a qualquer segundo. – Fique longe.

Grey estendeu as mãos sangrentas, implorando.

– Lila, sou eu.

Horror, repulsa, um entorpecimento mental que a protegia diante da rapidez violenta dos acontecimentos – tudo isso se combinava na mente de Lila para mantê-la num terror congelado, sem foco, em que seu corpo e seu cérebro pareciam fenômenos associados apenas tangencialmente. Através da névoa percebeu o que significavam os gritos dentro da câmara. Se a condição da camisola dele indicava alguma coisa, Lawrence não havia meramente matado o baixinho, mas o havia despedaçado. O que fazia algum sentido; Lila deveria ter percebido que isso aconteceria. Lembrou-se do tanque. Lembrou-se do rosto de Lawrence saindo pela escotilha, uma máscara de sangue como um horror do Dia das Bruxas, e do vidro da janela do Volvo se despedaçando sob a força de seu punho. Lawrence havia se transformado num monstro. Tinha virado uma daquelas... coisas. (Coitado do Roscoe.) No entanto havia algo em seus olhos, dos quais ela não conseguia se desviar, que lhe dizia para não ter medo. O olhar dele parecia cravar-se nela, brilhando com uma luz quase santa.

– Não sabe o que está acontecendo? – perguntou o homem. – Precisamos sair daqui.

– Solte ela.

Outra explosão acima e uma onda de tremor atravessou o piso. Havia vidro caindo, tudo estava desmoronando. O cano da arma apertava suas costelas como um dedo frio apontando para seu coração. O homem inclinou a cabeça na direção de um canto da sala.

– Suba a escada. Há um helicóptero esperando.

– Baixe a arma e eu vou com você.

– Droga, não há tempo para isso!

Algo estava acontecendo com ela. Uma espécie de despertar, e não era somente por causa da arma. Era como se estivesse retornando à consciência depois de anos adormecida. Como tinha sido idiota! Pintando o quarto do neném, imagine só! Fingindo que estavam fazendo um passeio pelo campo, como se isso pudesse mudar alguma coisa! Porque David estava morto e Eva estava morta e Brad, cujo coração ela havia partido. Tinha se convencido de que o mundo não estava acabando, porque já havia acabado. E ali estava

esse homem, esse tal de Lawrence Grey, que chegara a ela como um redentor, um anjo para levá-la até a segurança, como se o bebê que ela carregava fosse dele, e ela soube o que precisava dizer.

– Por favor, Lawrence. Faça o que ele pede. Pense no nosso bebê.

Seguiu-se um momento de fragilidade, tão suspenso a ponto de parecer fora do fluxo do tempo. Lila podia ler a pergunta no rosto de Lawrence. Será que ele conseguiria pegar a pistola antes que o homem disparasse? E, se pudesse, o que aconteceria?

– Certo – disse ele. – Mostre o caminho para sair daqui.

Quando chegaram ao terraço, as pás do helicóptero estavam girando, lançando um vento em redemoinho sobre a laje. O céu estava reluzindo com uma luz fantasmagórica, tingida de esmeralda, sugestivamente orgânica, como o interior de uma estufa. Parecia que o helicóptero partiria sem eles, uma ironia final, mas então Lila viu o piloto acenando com urgência na cabine. Eles subiram a bordo e Guilder bateu a porta.

Para cima.

Kittridge percebeu que estava com o rosto na terra. Havia um gosto de sangue em sua boca. Tentou se levantar mas percebeu que tinha apenas um dos pés; a prótese havia sumido. Levantou o rosto e viu o Humvee tombado de lado a uns 100 metros como uma criatura marinha encalhada, lançada à praia. O para-brisa estava arrebentado; saía vapor do capô e do chassi. A turba caíra sobre ele como um bando de animais; alguns ficaram tentados a virá-lo de novo sobre as rodas, mas a tentativa era desorganizada, vinda de todos os lados. Outros estavam de pé em cima, empurrando e chutando os competidores, defendendo suas posições como se a mera posse daquela coisa pudesse oferecer alguma proteção.

Kittridge se arrastou para perto de Tim. O menino respirava mas estava inconsciente – uma pequena misericórdia. Seu corpo se esparramava num ângulo torturado, o cabelo sujo de sangue. Mais sangue escorria da boca e do nariz. Kittridge percebeu que os tiros haviam parado. Soldados passavam correndo, mas não havia para onde fugir. Uma massa de virais estava caída junto à cerca,

derrubada pelas balas dos soldados, mas enquanto seus olhos examinavam a cena Kittridge percebeu que o ataque fora um teste, uma força avançada com o objetivo de exaurir as defesas. Uma segunda corja, muitíssimo maior, estava se juntando agora. À medida que ela partia na direção deles, a imagem se esticou, fluindo como um líquido verde e tremeluzente rodeando o acampamento. O ataque final viria de todas as direções.

Levantou o corpo de Tim pelos ombros e o apertou contra o peito. Estavam no meio do caos, pessoas correndo, vozes gritando, bombas caindo; no entanto, enquanto se encolhiam na poeira, uma bolha de inatividade silenciosa pareceu envolvê-los, protegendo-os da destruição. Kittridge virou o rosto para leste. Por um breve momento imaginou que podia ver o ônibus de Danny se afastando pelo escuro, mas sabia que era ilusão. A essa altura eles estariam longe, fora do alcance de seus olhos. *Acelere fundo, Danny Chayes*.

Uma calma profunda o envolveu, e com ela uma sensação do passado, uma experiência parecida com déjà-vu: estava naquele lugar mas ao mesmo tempo não estava, estava ali e também lá, era um menino brincando, um homem na guerra e a terceira coisa que ele se tornara. Imagens relampejavam em sua consciência: o viral com vestido de casamento agarrado ao capô da Ferrari; uma visão de sol reluzente num rio onde ele havia pescado durante anos; April, na noite em que estavam sentados juntos na janela da escola, olhando as estrelas, e a expressão de paz tranquila no rosto dela enquanto os dois faziam amor; o menino no carro, com os olhos cheios de um conhecimento terrível, e a mão dele – a mão de criança – estendendo-se desesperada, depois sumindo. Tudo isso e mais.

Lembrou-se da mãe cantando para ele. O calor da respiração dela em seu rosto e a sensação de ser muito pequeno, um ente novo no mundo. *O mundo não é o meu lar*, cantava ela em sua voz sedosa, *porque só estou de passagem. Os tesouros estão em algum lugar, muito além desta paisagem. Os anjos me chamam na porta do céu, e não me sinto mais em casa neste mundo cruel.*

Tim começou a emitir um som engasgado; seus olhos tremularam, lutaram para se abrir e depois ficaram imóveis. Os virais, tendo

fechado o círculo, vinham em direção à cerca. Kittridge teve consciência de uma ausência de som ao redor; a batalha estava terminada, os aviões haviam ido embora. Então, no silêncio, detectou lá em cima o zumbido de uma aeronave pesada. Levantou o rosto para o céu. Um avião de transporte C-130 vinha do sul: enquanto passava acima, um objeto se soltou de sua barriga, com o mergulho interrompido abruptamente pela abertura de um paraquedas.

Kittridge fechou os olhos. Então era o fim. Aconteceria instantaneamente, uma partida indolor, mais rápida do que o pensamento. Sentiu a presença do próprio corpo uma última vez: o gosto de ar nos pulmões, o sangue correndo nas veias, a batida de tambor do coração. A bomba vinha caindo na direção deles.

– Estou com você – disse, abraçando Tim ferozmente; e disse de novo, e de novo e de novo, de modo que o menino ouvisse essas palavras. – Estou com você, estou com você, estou com você, estou com você.

A onda de choque da GBU/43-B acertou de lado o helicóptero que levava Grey e Lila: uma cortina de luz ofuscante, seguida por um tapa de calor e som capaz de estourar os tímpanos. Erguendo-se na crista de uma onda, o helicóptero saltou adiante, o nariz apontado para o solo num ângulo de 45 graus, disparou para cima de novo e começou um giro, que foi aumentando de velocidade como se fosse uma fila de patinadores rodando num rinque gelado. Girou e, enquanto girava, o piloto tombou, o pescoço partido pela força do impacto com o para-brisa; mas então, com o som do alarme – um clangor áspero – combinado com a força centrífuga da velocidade, ninguém dentro do helicóptero estava pensando muito. As forças que o mantinham no ar haviam sumido, e nada mais aconteceria até que chegassem ao chão.

Lawrence Grey experimentou o acidente como um corte no tempo: num momento estava pressionado contra a parede do helicóptero em sua espiral da morte, no outro estava caído em meio aos destroços. Sentiu, mas não se lembrava especificamente do momento do impacto; aquilo se alojara em seu corpo como uma sensação sonora, como se ele fosse um sino que tivesse sido tocado. Havia o cheiro

de combustível e um isolamento quente, além de um som elétrico estalando. Algo pesado e inerte estava caído por cima dele. Era Guilder. Respirando mas inconsciente. O helicóptero, ou o que restava dele, estava caído de lado; onde deveria haver um teto estava agora a porta.

– Lawrence, me ajude!

A voz vinha de trás dele. Empurrou o corpo de Guilder de cima do peito e, como um grande animal cego, tateou na direção da traseira do helicóptero. Um dos bancos havia se soltado, prendendo Lila ao piso, esmagando-a pela cintura. Suas pernas nuas, o tecido frágil da camisola – tudo brilhava com um sangue pesado e escuro.

– Me ajude – murmurou ela. Seus olhos estavam fechados, lágrimas saindo dos cantos. – Por favor, Deus, me ajude. Estou sangrando. Estou sangrando.

Ele tentou puxá-la pelos pés, mas Lila começou a berrar em agonia. Não havia outro modo, teria de mover o banco. Segurando-o pela estrutura, começou a torcer. Houve um gemido e em seguida um estalo, e o banco se soltou.

Lila estava soluçando, gemendo de dor. Grey sabia que não deveria movê-la, mas não tinha escolha. Posicionando o banco embaixo da porta aberta, levou-a ao ombro, levantou-se e colocou-a no teto. Em seguida saiu, subindo pelo lado oposto. Escorregou pela fuselagem, deu a volta e estendeu as mãos para recebê-la, baixando seu corpo pela lateral do helicóptero.

– Ah, meu Deus. Por favor, não me deixe perdê-la. Não deixe que eu perca o neném.

Ele baixou Lila suavemente até o chão, que estava cheio de entulho do laboratório destruído – ferragens retorcidas, concreto lançado em pedaços, cacos de vidro. Grey também estava chorando. Era tarde demais, sabia, o bebê se fora. Jorros de sangue cheio de coágulos pretos escorriam entre as pernas de Lila, um fluxo impossível de ser contido. Em mais um instante ela seguiria seu bebê para a escuridão. Uma oração da infância encontrou os lábios de Grey e ele começou a murmurar, repetidamente:

– Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte, amém. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por

nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte, amém...

Salve-a, Grey.

Você sabe o que fazer.

Era verdade: ele sabia. A resposta estivera dentro dele o tempo todo. Desde o Red Roof, Ignacio, a Home Depot, o Projeto Noé e muito antes.

Você vê, Grey?

Levantou o rosto para olhá-los. Os virais. Estavam em toda parte e a toda a volta, emergindo da escuridão e das chamas: carne de sua carne, ímpios e impelidos pelo sangue, cercando-o como um coro demoníaco. Grey estava ajoelhado diante deles, o rosto riscado de lágrimas. Não sentia medo, só perplexidade.

Eles são seus, Grey. Estes eu lhe dou.

É. Eles são meus.

Salve-a. Faça isso.

Precisava de alguma coisa afiada. Suas mãos procuraram pelo chão às cegas, até encontrarem uma lasca de metal, algum caco partido de um mundo de coisas quebradas, picotadas. Com 20 centímetros de comprimento, as bordas ásperas como uma serra. Posicionando-a sobre o pulso no sentido do comprimento, fechou os olhos e abriu um talho fundo na carne. O sangue jorrou, um rio amplo e escuro, enchendo a palma da mão. O sangue de Grey, o Desatrelador da Noite, Familiar do que se Chama Zero. Lila estava gemendo, morrendo. Qualquer respiração poderia ser a última. Um momento de hesitação – alguma última luz humana se extinguindo dentro dele – e Grey encostou o pulso na boca de Lila, com ternura, como uma mãe colocando o seio na boca de um recém-nascido.

– Beba – disse.

Grey não chegou a ver o pedaço de concreto, 15 quilos de rocha sólida, que Guilder, com toda a força que conseguiu reunir, ergueu acima da sua cabeça e baixou sobre ele.

VINTE E DOIS

Chegaram a Chicago quando o sol se punha, enchendo o céu com uma luz dourada. Primeiro o círculo exterior dos subúrbios, vazios e imóveis, depois, erguendo-se diante deles como uma promessa, a forma da cidade. As únicas pessoas restantes, vidas unidas pelo elo misterioso da sobrevivência, viajavam em silêncio, sonhadores numa terra esquecida, o progresso marcado apenas pelo resmungo do motor do ônibus, o rolar hipnótico do asfalto embaixo dos pneus. Fantasmas sentavam-se ao lado, as pessoas que eles haviam perdido.

Enquanto a cidade entrava em foco, Pastor Don se curvou à frente no banco atrás de Danny. Helicópteros flutuavam sobre a cidade, zumbindo ao redor dos arranha-céus como abelhas em volta de uma colmeia; lá no alto, as esteiras dos aviões lançavam fitas de cor contra o azul que ia se aprofundando. Parecia uma zona de segurança, mas isso não poderia durar. No coração eles sabiam que não existia segurança nenhuma.

– Vamos parar um minuto.

Danny levou o ônibus para o acostamento. Pastor Don se levantou para falar com o grupo. A decisão era deles. Deveriam parar ou continuar? Tinham o ônibus, água, comida, combustível. Ninguém sabia o que havia adiante. Podem pensar um pouco, disse Don.

Um murmúrio de concordância, depois mãos se levantando. O veredicto foi unânime.

– Certo, Danny.

Passaram ao redor da cidade pelo sul e continuaram pelo leste por uma estrada rural asfaltada. A noite caiu feito uma cúpula baixando sobre a terra. Ao amanhecer estavam em algum lugar de Ohio. Uma paisagem de puro anonimato: poderiam estar em qualquer local. O tempo havia diminuído a velocidade até se arrastar. Plantações, árvores, casas, caixas de correspondência passando, o horizonte sempre inalcançável, rolando para longe. Nas cidadezinhas continuava existindo uma aparência de vida; as pessoas não tinham

ideia de para onde ir, o que fazer. Diziam que as autoestradas estavam engarrafadas. Num minimercado onde pararam para pegar suprimentos, a caixa, olhando para o ônibus através da vitrine, perguntou: Posso ir com vocês? Na parede atrás dela uma tela de televisão mostrava uma cidade em chamas. Ela falou em voz baixa, para não ser ouvida. Não perguntou aonde eles iam; o destino era simplesmente longe. Um rápido telefonema e minutos depois o marido dela e dois filhos adolescentes estavam parados junto ao ônibus, segurando malas.

Outros se juntaram a eles. Um homem de macacão andando sozinho pela estrada com um fuzil no ombro. Um casal idoso, vestido como se fosse à igreja, com o carro morto do lado da estrada, de capô aberto, vapor exalando do radiador rachado. Dois ciclistas franceses, que estavam atravessando o país quando a crise começou. Famílias inteiras se espremiam a bordo. Muitos estavam emocionados, chorando de gratidão enquanto ocupavam os lugares. Como peixes se juntando num cardume, eram absorvidos no todo.

Cidades passavam ao largo, uma depois da outra: Columbus, Akron, Youngstown, Pittsburgh. Até os nomes tinham começado a parecer históricos, como cidades de um império perdido. Gizé. Cartago. Pompeia. Costumes se desenvolveram entre eles, como se o ônibus fosse uma espécie de cidade em movimento. Algumas perguntas eram feitas, outras não. Ouviu falar de Salt Lake, Tulsa, St. Louis? Eles já sabem o que é, já descobriram a resposta? Só em movimento havia segurança, cada parada parecia cheia de perigo. Durante um tempo cantaram. Cantigas de acampamento, cantigas infantis, cantigas de humor.

A paisagem subia e descia, envolvendo-os num abraço verde: Pensilvânia, as Montanhas Sem Fim. Os sinais de habitação humana eram poucos e espalhados, restos de uma era passada havia muito tempo. As exauridas cidades de mineração de carvão, os povoados esquecidos com uma única fábrica fechada havia anos, chaminés de tijolos cutucando abandonadas um céu azul de verão. O ar tinha forte cheiro de pinheiro. A essa altura eram mais de 70 pessoas, corpos apertados nos corredores, crianças no colo, rostos grudados nas janelas. O combustível era uma preocupação constante, porém de

algum modo eles sempre conseguiam mais na última hora, como se o caminho fosse protegido por mãos invisíveis.

Na tarde do terceiro dia estavam se aproximando da Filadélfia. Tinham atravessado meia extensão de um continente; adiante estava a Costa Leste com sua barricada de cidades, uma parede de humanidade comprimida contra o mar. Uma sensação de algo definitivo tomara conta de todos. Não existia um lugar para onde fugir. Aproximaram-se da cidade ao longo do rio Shuylkill, cuja superfície era escura e impenetrável como granito. As cidades-satélite pareciam estar se escondendo, casas com tábuas nas portas e janelas, estradas sem carros. O marcador de combustível estava quase no zero. O rio se alargava numa bacia ampla; árvores densas, salpicadas de sol, pareciam uma cortina sobre a estrada. Uma placa dizia: posto de controle 3 km. Houve uma breve consulta e todos concordaram que tinham chegado ao fim. O destino iria encontrá-los ali.

Os soldados deram orientações. Faltavam duas horas para o toque de recolher, mas as ruas já estavam silenciosas, praticamente sem movimento a não ser dos veículos do Exército e de alguns carros de polícia. Ruas estreitas, encharcadas de sol, casas meio arruinadas, as esquinas infames onde antigamente bandos de rapazes se demoravam, e subitamente o parque surgiu, um oásis verde no coração da cidade.

Seguiram as placas, passando pelas barricadas com soldados mascarados sinalizando. O parque estava apinhado de gente, como se para um show. Barracas, trailers, figuras enroladas no chão junto a malas como se tivessem sido largadas por um maremoto. Quando a multidão ficou densa demais eles foram obrigados a abandonar o ônibus na beira da rua e continuar a pé. Um ato terminal: deixá-lo para trás parecia deslealdade, como sacrificar um cão amado que não pudesse mais andar. Moviam-se como se fossem um só, por enquanto incapazes de se soltarem uns dos outros, de se fundir num coletivo sem rosto. Uma fila comprida havia se formado, o ar estava denso como leite. Acima deles, sem serem vistos, exércitos de insetos zumbiam nas árvores que iam escurecendo.

– Não posso fazer isso – disse Pastor Don. Ele havia parado no caminho, com uma expressão de horror súbito no rosto.

Wood também havia parado. Vinte metros adiante havia uma série de corredores, muito iluminados por holofotes em postes; as pessoas estavam sendo revistadas e dando os nomes.

– Sei o que você quer dizer.

– Puxa, meu Deus. É como se a gente tivesse vindo daqui.

A turba ia escorrendo. Os dois franceses passaram com apenas um olhar rápido, seus magros pertences entrouxados sob os braços. Todos podiam sentir: algo estava sendo perdido. Ficaram de lado.

– Você acha que a gente consegue achar combustível? – perguntou Jamal.

– Só sei que não vou entrar ali – disse Pastor Don.

Voltaram ao ônibus. Um homem já estava tentando fazer ligação direta. Era magro, o rosto enegrecido de sujeira, os olhos se revirando nas órbitas como se soubesse de alguma coisa. Wood o agarrou pelo cangote e o jogou escada abaixo. Saia daqui, porra, disse.

Embarcaram. Danny virou a chave; o motor rugiu embaixo deles. Deram marcha a ré lentamente, com a multidão se dividindo ao redor como ondas em volta de um navio. O ar estava bebendo o resto de luz. Fizeram um círculo amplo no gramado e se afastaram.

– Para onde? – perguntou Danny.

Ninguém tinha resposta.

– Acho que não importa – respondeu Pastor Don.

Não importava. Passaram a noite no Valley Forge Park, dormindo no chão perto do ônibus, depois foram para o sul, ficando fora das estradas. Maryland, Virgínia, Carolina do Norte: continuaram indo. A viagem havia adquirido um significado próprio, independente de qualquer destino. O objetivo era se mover, continuar em movimento. Estavam juntos, era só isso que importava. O ônibus sacolejava embaixo deles com as molas cansadas. Uma a uma as cidades caíam, as luzes se apagavam. O mundo estava se dissolvendo, levando junto suas histórias. Logo acabaria de vez.

O nome dela era April Donadio. A criança que agora mesmo havia se enraizado nela seria um menino, Bernard. April lhe daria o

sobrenome Donadio, de modo que ele pudesse carregar um pedaço de cada um no nome, e com o passar dos anos ela falaria frequentemente ao menino sobre o pai dele, o tipo de homem que ele era – como era corajoso, gentil e um pouco triste, também, e como, ainda que o tempo dos dois juntos tivesse sido breve, ele lhe dera o maior presente, que era a coragem de continuar. O amor é isso, dizia ao menino, é isso que o amor faz. Espero que um dia você ame alguém como eu o amei.

Mas isso foi mais tarde. Esse ônibus de sobreviventes, 10 de 12. Poderiam ter continuado assim para sempre. E em certo sentido continuaram. Os campos verdes do verão, as cidades abandonadas, imobilizadas no tempo, as florestas densas de sombras, o ônibus rodando sem parar. Eram como uma visão, tinham passado para a eternidade, uma zona além do tempo. Ali e não ali, uma presença não vista mas sentida, como estrelas no céu diurno.



PARTE III

A PLANTAÇÃO

Complexo Agrícola Norte
Zona Laranja, Além dos Muros
Kerrville, Texas

Julho de 79 D.V.

Pois aquele que hoje derrama seu sangue comigo, esse será meu irmão.

– William Shakespeare
Henrique V

*** AVISO***

VOCÊ ESTÁ ENTRANDO NA ZONA LARANJA.

PRESTE ATENÇÃO AO RELÓGIO. CONHEÇA A LOCALIZAÇÃO DA PRÓXIMA CASA-FORTE.

NÃO ENTRE EM ÁREAS QUE NÃO TENHAM SIDO VARRIDAS.

SE PERDER O ÚLTIMO TRANSPORTE, NÃO ESPERE SER RESGATADO.

ABRIGUE-SE NO LUGAR.

OBEDEÇA A TODOS OS COMANDOS DA AUTORIDADE DOMÉSTICA.

OS INFRATORES ESTÃO SUJEITOS A MULTA E/OU PRISÃO SEGUNDO O ARTIGO 694, SEÇÃO 12 DO CÓDIGO DE LEI MARCIAL MODIFICADA DA REPÚBLICA DO TEXAS.

EM CASO DE DÚVIDA, CORRA.

VINTE E TRÊS

Foi Dee Vorhees que disse que queria trazer as crianças.

Mas não era a única. Todas as mulheres participavam do plano, como Vorhees logo descobriria. A prima de Dee, Sally, Mace Francis, Shar Withers, Cece Cauley, Ali Dodd e até Matty Wright – a permanentemente nervosa, a alvoroçada Matty Wright – disseram a mesma coisa aos maridos. Era uma verdadeira emboscada, as mulheres flanqueando seus homens pela esquerda e pela direita com uma insistência de esposa, que não podia ser recusada: *Algumas horas ao sol*, diziam todas, deitadas na cama, lavando pratos ou preparando as crianças para a escola. *O que há de mal? Vamos levar as crianças desta vez.*

E não era como se eles jamais tivessem levado as meninas além dos muros, lembrou Dee ao marido, os dois compartilhando um momento de calma na cozinha depois de colocarem as garotas para dormir. Houve aquela ocasião, disse – quanto tempo fazia? –, em que tinham ido a Green Field para o aniversário de Nitia. A pequena Siri mal havia começado a andar, Nitia ainda arrastava aquele cobertor imundo aonde quer que fosse. Aquelas horas pacíficas sob o vertedouro, e as borboletas – ele lembrava? O modo como pareciam flutuar ao longo de um rio aéreo, as asas coloridas baixando e fazendo força para subir de novo, e aquela que, surpreendendo todos, havia pousado no nariz de Nitia. Dee disse: Você não pôde sentir a presença de Deus numa coisa daquelas? Aquele sentimento doce, livre, as menininhas rindo e rindo, faltando horas para a sirene de aviso tocar, em algum tempo distante no futuro, e o céu azul suspenso como o próprio paraíso sobre a cabeça deles, e os quatro juntos além dos muros. Tinha sido na Zona Verde, era verdade, ela não dizia que não era, mas dali dava para *ver* o perímetro, as torres de vigia, as sentinelas e cercas com seu arame enrolado, e quem decidia essas coisas, afinal? Quem decidia onde uma zona acabava e outra começava? Em que uma ida ao Complexo Agrícola Norte era diferente, mais perigosa, na verdade?

Cruk estaria lá e Tifty também (o nome havia saltado antes que ela pudesse se impedir, mas o que podia ser feito?). Havia casas-fortes para o caso de alguma coisa acontecer, mas por que aconteceria? No meio de um dia de verão? Fazia meses que as armadilhas estavam vazias, sem nem mesmo algum pateta por perto. Todo mundo estava dizendo isso. Algumas horas ao sol, longe do cinza, da sujeira da cidade. Um piquenique de verão no campo. Era só isso que ela pedia.

Ele faria isso? Só essa coisa? Pelas meninas? Mas por que não dizer diretamente? Ele faria por ela, pela esposa que o amava?

E foi assim que, dois dias depois, numa manhã abafada de julho, com a temperatura já se aproximando dos 30 graus e indo para os 35, Curtis Vorhees, 32 anos, capataz do Complexo Agrícola Norte, levando o velho 38 do pai enfiado na cintura com três balas no tambor (seu pai havia disparado as outras três), viu-se num transporte cheio de famílias inteiras, e não somente famílias: crianças. Nitia, Siri e o primo delas, Carson, tinham acabado de fazer 12 anos, mas mesmo assim eram tão pequenos que seus pés ficavam pendurados 10 centímetros acima do chão; Bab e Dunk Withers, os gêmeos; as meninas Francis, Rena e Jules, sentadas atrás para não terem de prestar atenção aos garotos; a pequena Jenny Apgar, no colo de seu irmão mais velho, Gunnar; Dean e Amelia Wright, os dois com idade suficiente para fingir que estavam entediados e irritados; Merry Dodd, seu irmãozinho Satch e o pequeno Louis Cauley, ainda num cesto; Reese Cuomo, Dash Martinez e Cindy-Sue Bodine. Dezoito no total, uma massa concentrada de calor e ruído infantis tão nítida para os sentidos de Vorhees como um enxame de abelhas zumbindo. Era comum as mulheres se juntarem aos maridos para plantar; e claro, na época da colheita, cada par de mãos encontrava serviço a ser feito; mas aquilo era novo. No momento em que o ônibus saiu pelo portão, com o velho motor a diesel rugindo e tossindo, o chassi cansado balançando embaixo deles, Curtis Vorhees sentiu isso. Um trabalho quente, monótono, havia subitamente se transformado numa ocasião especial: o dia possuía o espírito esperançoso de uma tradição que

nascia. Por que não tinham pensado nisso antes, que trazer as crianças transformaria o dia em algo especial?

Passaram pela represa, pelo depósito de combustível e pela linha da cerca com suas sentinelas que acenavam para eles, e desceram para o vale, para a luz dourada de uma manhã de julho. As mulheres, sentadas no fundo com os cestos e os suprimentos, estavam fofocando e rindo; as crianças, depois de uma tentativa infrutífera por parte de uma das mães – claro que seria Ali Dodd – de organizá-las num coro vibrante para entoar o hino do Texas, a única música que todo mundo sabia cantar (*Texas, nosso Texas! Salve o estado poderoso! Texas, nosso Texas! Tão maravilhoso e grandioso!*), haviam se separado em várias facções em guerra: as meninas mais velhas sussurrando, dando risinhos e ignorando deliberadamente os garotos; os garotos claramente fingindo não se importar; os pequeninos pulando nos bancos e disparando pelo corredor para lançar seus vários ataques; os homens na frente sentados em seu costumeiro silêncio resguardado, comunicando-se apenas através de uma troca ocasional de olhares cautelosos ou de uma única sobrancelha erguida: *Em que fomos nos meter?* Eram homens do campo, mãos grossas do trabalho, cabelo cortado curto, o preto de sujeira sob as unhas, sem barba. Vorhees tirou do bolso o velho relógio do pai e olhou a hora: 7h05. Faltavam 11 horas para a sirene, 12 para o último transporte, 13 para escurecer. *Preste atenção ao relógio. Conheça a localização da casa-forte mais próxima. Em caso de dúvida, corra.* Palavras gravadas em sua consciência tão indelevelmente quanto uma cantiga de ninar ou uma das orações da irmã. Vorhees se virou no banco para olhar Dee. Ela estava equilibrando Siri no colo, o nariz da menininha encostado na janela para olhar o mundo que passava. Dee lhe lançou um sorriso cansado, feito de uma palavra: *Obrigada*. Siri tinha começado a pular, sacudindo os joelhos com prazer. A menininha apontou um dedo gorducho pela janela, guinchando de puro deleite. *Obrigada por isso.*

E então, antes que percebessem, tinham chegado. Pelo para-brisa do transporte, os campos do Complexo Agrícola Norte saltaram à vista, a vasta colcha de retalhos estendida além deles como

quadrados de tecidos variados: milho e trigo, algodão e feijão, arroz, cevada e aveia. Seis mil hectares unidos por uma trama de estradas poeirentas e, nas bordas, quebra-ventos de choupos e carvalhos; as torres de vigia e as casas de bombas com suas bacias de captação e redes de tubos, marcadas por altos estandartes laranja que pendiam frouxos no ar sufocante. Vorhees conhecia de cor o local de todas elas, mas quando o milho estava alto nem sempre era possível encontrá-las rapidamente sem as bandeiras.

Levantou-se e foi até a frente, onde o irmão de Dee, Nathan – todo mundo o chamava de Cruk –, estava de pé atrás da motorista. Vorhees era capataz, mas era Cruk, um antigo oficial da Segurança Doméstica, que estava de fato no comando.

– Parece que temos um ótimo dia para isso – disse Vorhees.

Cruk deu de ombros mas não falou nada. Como os trabalhadores do campo, vestia qualquer roupa que tivesse – calça jeans remendada e uma camisa cáqui esgarçada no colarinho e nos pulsos. Em cima disso usava um colete de plástico laranja com as palavras departamento de transporte do texas nas costas. Segurava seu fuzil, um 30-06 com mira telescópica, atravessado diante do peito e uma semiautomática 45 recondicionada num coldre preso à coxa. O fuzil era padrão, mas a 45 era algo especial, dos antigos militares ou talvez da polícia, com acabamento preto oleado e punho de madeira polida. Ele até mesmo tinha um nome para a pistola; chamava-a de “Abigail”. Era preciso conhecer a pessoa certa para se conseguir uma arma assim, e Vorhees não precisava pensar muito para saber quem poderia ser essa pessoa – era de conhecimento bastante comum que Tifty comerciava. O 38 de Vorhees, com suas parcas três balas, parecia insignificante em comparação, mas ele não tinha condições de possuir uma arma daquelas.

– Você sempre pode dizer que foi ideia de Dee – disse Cruk.

– Então você acha que isso não é inteligente.

Seu cunhado deu um riso contido. Era nesses momentos que a semelhança de Cruk com a irmã ficava mais evidente, mas também era verdade que isso era mais uma sugestão do que uma semelhança física real e algo que somente Vorhees notaria. Na

verdade a maioria das pessoas vivia dizendo como os dois eram tão diferentes.

– Não importa o que eu acho. Você sabe tão bem quanto eu. Quando Dee põe uma coisa na cabeça, o melhor é tirar seu cavalo da chuva e desistir.

O ônibus deu uma sacudida capaz de abalar os ossos; Vorhees lutou para ficar de pé. Atrás deles as crianças berraram de prazer.

– Ei, Dar – disse Cruk –, você acha que consegue não passar num buraco desses?

A velha ao volante reagiu com um *rrrummmpf* úmido – dizer a Dar o que fazer com seu ônibus era equivalente a um ato de guerra. Todos os motoristas dos transportes eram mulheres mais velhas, geralmente viúvas. Não havia regras quanto a isso; era apenas como as coisas eram feitas. Com um rosto petrificado numa carranca permanente, Dar era uma figura de rabugice lendária, a mulher mais avessa a bobagens que já havia andado na Terra. Marcava o tempo com um relógio pendurado no pescoço e deixaria você parado numa nuvem de poeira se estivesse ao menos um minuto atrasado para o último transporte. Mais de um trabalhador do campo havia passado a noite nas casas-fortes, morrendo de medo, contando os minutos até o amanhecer.

– Um ônibus cheio de crianças, pelo amor de Deus. Quase não consigo pensar com todo esse barulho. – Dar virou os olhos para o espelho manchado acima do para-brisa. – Pelo amor da coisa, falem mais baixo aí! Duncan Whiters, desça do banco agora mesmo! E não pense que não estou vendo você, Jules Francis! Isso mesmo – alertou ela com um olhar gélido. – Estou falando com você, mocinha. Pode tirar esse risinho da cara agora mesmo.

Todo mundo ficou abruptamente em silêncio, até as mulheres. Mas, quando Dar voltou o olhar para a estrada, Vorhees percebeu que a raiva dela era falsa: a mulher mal podia se conter para não cair na gargalhada.

Cruk bateu com a mão enorme em seu ombro.

– Relaxe, Vor. Deixe todo mundo aproveitar o dia.

– Eu disse que estava preocupado?

A expressão dele ficou séria.

– Olha, sei que você preferiria que Tifty não viesse. Certo? Saquei. Mas ele é o melhor atirador que eu tenho. Diga o que disser, o cara consegue acertar um pendurado a 300 metros.

Vorhees não tinha consciência de que estivera pensando em Tifty. Mas, agora que Cruk havia puxado o assunto, imaginou que talvez estivesse.

– Então você acha que vamos precisar dele.

– Não estou dizendo isso. Num dia de verão assim, não teremos problemas. Só estou tendo cuidado. Elas são minhas meninas também, você sabe. – Ele mudou o clima com um riso. – Desde que Dee não transforme isso num hábito. Tive de cobrar uns 50 favores para montar esta festinha, e você pode contar a ela que eu disse isso.

O ônibus chegou à área de parada. Os últimos varredores estavam saindo do milharal, vestindo seus acolchoados volumosos, as luvas grossas e capacetes com as grades obscurecendo os rostos. Uma variedade de armas pendia de seus corpos: espingardas, fuzis, pistolas, até algumas machadinhas. Cruk instruiu as crianças a permanecer onde estavam – só quando fosse dado o sinal de que tudo estava limpo elas teriam permissão de sair do ônibus. Enquanto os adultos começavam a tirar os suprimentos, Tifty desceu da plataforma no teto do ônibus, encontrando-se com Cruk na traseira para conferenciar com o oficial da Segurança Doméstica encarregado do esquadrão de varredura, um homem chamado Dillon. O restante da equipe de Dillon, oito homens e quatro mulheres, tinha ido tomar água na gamela perto da casa da bomba.

Cruk voltou até onde Vorhees esperava com o restante dos homens. O sol já estava chamejando; a umidade da manhã havia evaporado.

– Totalmente limpo, os quebra-ventos também. – Ele piscou para Vorhees. – Isso vai ter um custo extra para Dee.

Antes que Cruk pudesse ao menos terminar o anúncio, as crianças estavam saltando dos bancos e correndo para fora do ônibus, abrindo espaço para os varredores, que voltariam à cidade. Olhando as crianças a se espalhar pelo terreno, corpos e rostos iluminados de empolgação, Vorhees ficou momentaneamente hipnotizado, a mente

apanhada numa corrente de memória. Para muitos, em especial os menores, a excursão do dia representava a primeira viagem para fora dos muros; ele sabia disso desde o início. Mas testemunhar o momento era outra coisa. Será que o ar era diferente nos pulmões deles, pensou, o sol nos rostos, o chão sob os pés? Será que essas coisas tinham parecido diferentes para ele ao sair do transporte pela primeira vez, tantos anos atrás? E, claro, tinham: ir além dos muros era descobrir um mundo de dimensões ilimitadas – um mundo que você sabia que existia mas do qual jamais acreditara que faria parte. Lembrou-se da sensação como uma espécie de júbilo físico, mas também amedrontador, como um sonho em que ele recebera o dom do voo mas se pegara incapaz de pousar.

Junto à torre de vigia, Fort e Chesse fincavam mastros para montar uma cobertura contra o sol. As mulheres estavam pegando as mesas, cadeiras e os cestos de comida. Ali Dodd, com o rosto sombreado pela aba do largo chapéu de palha, já estava tentando organizar algumas crianças numa brincadeira de carregar. Tudo exatamente como Dee havia previsto quando puxara o assunto de trazer as crianças.

– É incrível, não?

O primo de Vorhees, Ty, estava parado ao lado dele, segurando um cesto junto ao peito. Com quase 1,90 metro, rosto comprido e lamentoso, sempre fazia Vorhees pensar num cachorro de aparência especialmente triste. Atrás deles, Dar deu três buzinadas. Com um arroto de fumaça oleosa, o ônibus se afastou.

– Já contei sobre a primeira vez que saí?

– Acho que não.

– Acredite – disse Ty, balançando a cabeça de um modo que dizia a Vorhees que ele não tinha intenção de ser mais explícito. – É uma tremenda história.

Quando tudo fora descarregado, Cruk chamou as crianças para baixo da lona, para repassar as regras, que todos já sabiam mas que sempre valia a pena repetir. A primeira coisa, começou Cruk, era que todo mundo precisava de um colega. Esse colega podia ser qualquer um, um irmão, uma irmã ou um amigo, mas era preciso ter um e era preciso ficar com esse colega o tempo todo. Essa era a coisa mais

importante. O terreno aberto na base da torre de vigia era seguro, dentro desses limites eles podiam ir aonde quisessem, mas sob nenhuma circunstância deveriam se aventurar no milharal e o agrupamento de árvores na extremidade sul também estava fora dos limites.

– Agora, estão vendo aquelas bandeiras? – perguntou Cruk, fazendo um gesto por cima da plantação. As de cor laranja, penduradas daquele jeito? Quem pode dizer o que elas são?

Meia dúzia de mãos se levantou. O olhar de Cruk percorreu o grupo antes de pousar em Dash Martinez. Com 7 anos, todo joelhos e cotovelos e uma cabeleira escura, sob o facho da atenção de Cruk ele se imobilizou. Estava sentado entre Merry Dodd e Reese Cuomo, que cobriam a boca tentando não rir. As casas-fortes?, sugeriu o menino. Isso mesmo, respondeu Cruk, assentindo. Aquelas são as casas-fortes. Agora digam, continuou, dirigindo-se a todos eles. Se a sirene tocar, o que vocês devem fazer?

Correr!, disse alguém, e depois outro e mais outro. *Correr!*

– Correr para onde? – perguntou Cruk.

Desta vez foi um coro de vozes.

Correr para as casas-fortes!

Ele relaxou num sorriso.

– Muito bem. Agora vão se divertir.

As crianças saíram correndo, todas menos os adolescentes, que se demoraram mais um pouco junto ao toldo, querendo se separar dos menores. Mas até eles, sabia Vorhees, acabariam saindo ao sol. Os baralhos surgiram, assim como as meadas de fios para tricotar. Em pouco tempo todas as mulheres estavam ocupadas, vigiando as crianças da sombra, abanando os rostos no calor. Vorhees chamou os homens ao redor para distribuir tabletes de sal: mesmo bebendo água constantemente era possível ficar perigosamente desidratado. Eles encheram as garrafas na bomba. Não era preciso explicar o trabalho: tirar os pendões era uma tarefa cansativa, ainda que simples, que todos já haviam feito muitas vezes. Para cada três fileiras de milho fora plantada uma quarta, de um tipo diferente. Essa fileira teria os pendões retirados para evitar a autopolinização; na época da colheita ela produziria uma nova cepa híbrida, mais

vigorosa, para usar como semente no ano seguinte. Quando o pai de Vorhees havia lhe explicado esse processo pela primeira vez, anos antes, parecera empolgante, até mesmo vagamente erótico. Afinal de contas o que estavam fazendo era parte do processo reprodutivo, mesmo que fosse apenas do milho. Mas os desconfortos físicos do serviço – as horas sob o sol implacável, a chuva incessante de pólen nas mãos e no rosto, os insetos que zumbiam em volta de sua cabeça buscando qualquer oportunidade para se enfiar nos ouvidos, no nariz e na boca – rapidamente acabaram com essa ideia. Em sua primeira semana na plantação um homem havia tido insolação. Vorhees não se lembrava de quem era ou o que fora feito dele – tinham-no posto no transporte seguinte e voltado ao trabalho. Era até possível que o sujeito tivesse morrido.

Grossas luvas de lona, largos chapéus de palha e camisas de manga comprida abotoadas nos punhos: quando os homens ficaram prontos para ir, o suor escorria deles. Vorhees lançou o olhar até o topo da torre de vigia em que Tifty havia assumido posição, examinando a linha das árvores com sua mira telescópica. Cruk tinha razão: Tifty era o homem certo para se ter lá em cima. Independentemente de qualquer outra coisa sobre Tifty Lamont, sua capacidade como atirador era indiscutível. Mas até mesmo ouvir o nome dele, tantos anos depois, provocava em Vorhees um ressurgimento da raiva. No mínimo a passagem do tempo só havia aumentado o sentimento; cada ano que escorria era mais um ano não vivido de Boz. Por que Tifty havia crescido e virado homem quando o mesmo não acontecera com Boz? Em momentos mais circunspectos, Vorhees sabia que suas emoções eram irracionais – Tifty podia ter sido o instigador daquela noite fatídica, mas qualquer um deles poderia ter recusado e Boz estaria vivo. Mas o que quer que Dee, Cruk ou o próprio Tifty dissessem – agora mesmo, examinando a linha das árvores com seu fuzil, Tifty estava oferecendo uma promessa silenciosa de proteger as filhas de Vorhees –, nada podia dissuadi-lo da crença de que Tifty carregava uma culpa singular. No fim das contas Vorhees era obrigado a aceitar seus sentimentos como uma falha do próprio caráter e guardá-los para si.

Dividiu os trabalhadores em três turmas, cada uma responsável por quatro fileiras. Então eles foram até o abrigo despedir-se. Um jogo de kickball estava acontecendo no campo; do lado oposto da torre de vigia vinha o ressoar de ferraduras no cercado. Dee estava descansando à sombra com Sally e Lucy Martinez, jogando baralho. Os jogos delas eram épicos: às vezes duravam dias. A mesa já estava arrumada para o almoço: pratos de louça com rachaduras minúsculas formando teias de aranha, copos de cerâmica, até mesmo uma toalha de mesa.

– Parece que estamos prontos para ir.

Ela pousou as cartas, levantando o rosto para ele.

– Bom. Venha cá.

Vorhees tirou o chapéu e se curvou para receber o beijo dela.

– Meu Deus, você já está fedendo. – Ela riu, franzindo o nariz. – Acho que este é o seu último do dia. – E depois: – E então, preciso dizer para ter cuidado?

Era o que elas sempre diziam.

– Se você quiser.

– Então está certo. Tenha cuidado.

Nit e Siri haviam entrado na tenda. Havia fiapos de capim preso nos cabelos e na trama dos macacões das duas, como cachorrinhos que tivessem rolado no chão.

– Abracem seu pai, meninas.

Vorhees se ajoelhou e pegou-as num feixe quente nos braços.

– Sejam boazinhas com a mamãe, certo? Eu volto para o almoço.

– Nós somos colegas uma da outra – proclamou Siri.

Ele espanou o capim do cabelo umedecido de suor das duas. Às vezes a simples visão delas o levava a um jorro de amor que provocava lágrimas nos olhos.

– Claro que são. Só se lembrem do que o tio Cruk disse. Fiquem onde a mamãe possa ver vocês.

– Carson disse que tem monstros na plantação – disse Siri. – Monstros que bebem sangue.

Vorhees lançou um olhar para Dee, que deu de ombros. Não era a primeira vez que o assunto aparecia.

– Bom, ele está errado – respondeu Vorhees. – Está tentando amedrontar vocês, só de brincadeira.

– Então por que a gente precisa ficar fora da plantação?

– Porque essas são as regras.

– Você garante?

Ele se esforçou o máximo para sorrir. Vorhees e Dee haviam concordado em manter o assunto vago pelo maior tempo que pudessem, no entanto ambos sabiam que não poderiam manter as meninas no escuro para sempre.

– Garanto.

Abraçou-as de novo, uma de cada vez e depois juntas, e foi se juntar à sua turma na borda da plantação. Uma parede de verde com quase dois metros de altura: as fileiras de pés de milho, uma série de corredores longos, iam até o quebra-vento. O sol havia atravessado uma fronteira invisível em direção ao meio-dia e ninguém estava falando. Vorhees olhou o relógio uma última vez. *Preste atenção ao relógio. Conheça a localização da casa-forte mais próxima. Em caso de dúvida, corra.*

– Certo, pessoal – disse, calçando as luvas. – Vamos lá.

E com essas palavras, juntos, eles entraram na plantação.

Em certo sentido, todos haviam se tornado quem eram por causa de uma única noite – a última noite de sua infância. Cruk, Vorhees, Boz, Dee: viviam juntos num bando, as órbitas cotidianas circunscritas apenas pelos muros da cidade e os olhos atentos das irmãs, que cuidavam da escola, e da Segurança Doméstica, que cuidava de todo o resto. Era uma época de fofocas, de boatos, de histórias trocadas na poeira. Rostos sujos, mãos sujas, os quatro se demorando no beco atrás dos alojamentos no caminho de casa para a escola. O que era o mundo? *Onde* estava o mundo e quando eles iriam vê-lo? Aonde seus pais iam, e às vezes as mães também, voltando para eles fedendo a trabalho, a dever e a preocupações misteriosas? O lá fora, sim, mas como o lá fora era diferente da cidade? Qual era a sensação, o gosto, o som? Por que, de vez em quando, alguém, uma mãe ou um pai, partia e não voltava, como se o reino invisível do outro lado dos muros tivesse o poder de engoli-

los inteiros? Patetas, dracs, vampiros, saltadores: eles conheciam os nomes mas não sentiam todo o peso do significado. Havia os dracs, que eram os piores, que eram a mesma coisa que saltadores, ou vampiros (uma palavra que os velhos usavam); e havia os patetas, que eram semelhantes mas não eram a mesma coisa. Eram perigosos, sim, mas não muito, mais pareciam um incômodo, na mesma ordem dos escorpiões ou das cobras. Alguns diziam que os patetas eram dracs que tinham vivido demais, outros diziam que eram um tipo de criatura totalmente diferente. Que nunca tinham sido humanos.

O que era outra coisa: se os virais tinham sido pessoas como eles, como haviam se tornado o que eram?

Mas a maior história de todas era a do grande Niles Coffee: o coronel Coffee, fundador dos Expedicionários, homens sem medo que atravessavam o mundo para lutar e morrer. As origens de Coffee, como tudo sobre ele, eram envoltas em mito. Era um terceiro filho, criado no orfanato pelas irmãs; era um órfão da Incursão da Páscoa de 38, que vira os pais morrer; era um desgarrado que aparecera um dia junto ao portão, um menino guerreiro vestido com peles, carregando uma cabeça de viral espetada numa lança. Tinha matado 100 virais com as próprias mãos, mil, 10 mil; o número sempre crescia. Nunca pôs o pé dentro da Cidade; andava no meio deles vestido como um homem comum, um trabalhador do campo, escondendo a identidade; ele não existia. Diziam que seus homens faziam um juramento – um juramento de sangue – não a Deus, mas um ao outro, e que raspavam a cabeça como marca dessa promessa, uma promessa de morrer. Muito além dos muros eles viajavam, e não somente no Texas. Oklahoma City. Wichita, Kansas. Roswell, Novo México. Na parede acima de sua cama, Boz mantinha um mapa dos Velhos Estados Unidos, blocos de cor desbotada unidos como os pedaços de um quebra-cabeça. Para marcar cada lugar novo ele cravava um dos alfinetes da mãe deles, ligando-os com linha para indicar as rotas percorridas por Coffee. Na escola eles perguntavam à irmã Peg, cujo irmão trabalhava na estrada do Petróleo: o que ela teria ouvido, o que ela sabia? Era verdade que os Expedicionários tinham encontrado sobreviventes lá fora, povoados

inteiros e até mesmo cidades cheias de gente? A isso a irmã não respondia, mas as crianças viam a luz da esperança no clarão de seus olhos quando falavam o nome dele. Era isso que Coffee era: de onde quer que tivesse vindo, como quer que tivesse vindo, Coffee era um motivo para ter esperança.

Chegaria um tempo, muitos anos mais tarde, muito depois de Boz ter partido e a mãe deles também, em que Vorhees se perguntaria: por que ele e seu irmão nunca falavam dessas coisas com os pais? Seria natural. No entanto, enquanto revirava a memória, não conseguia se lembrar de uma única circunstância, assim como não conseguia se lembrar da mãe ou do pai dizendo uma palavra sobre o mapa de Boz. Por que seria assim? E o que fora feito do mapa, que na lembrança de Vorhees estava ali num dia e no outro havia sumido? Era como se as histórias de Coffee e dos Expedicionários tivessem feito parte de um mundo secreto – um mundo da infância que, depois de passar, ficara para trás. Durante um período de semanas essas perguntas o haviam consumido de tal modo que numa manhã, tomando o desjejum, finalmente juntou coragem para perguntar ao pai, que riu. *Está brincando?* Thad Vorhees ainda não era velho, mas parecia: o cabelo e metade dos dentes tinham ido embora, a pele era vitrificada com uma permanente umidade azeda, pousadas na mesa da cozinha, as mãos pareciam ninhos de ossos. *Está falando sério? Você, você não era tão chato, mas Boz... ele não conseguia calar a boca sobre isso. Coffee, Coffee, Coffee o dia todo. Você não lembra?* Os olhos dele se nublaram com um sofrimento súbito. *Aquele mapa idiota. Para dizer a verdade, não tive coragem de rasgá-lo, mas fiquei surpreso porque você teve. Nunca vi você chorar daquele jeito em toda a vida. Achei que você tinha deduzido que era tudo papo furado, Coffee e o resto deles. Que isso não daria em nada.*

Mas não era o caso de ser nada; nunca seria, nunca poderia ser nada. Como poderia ser nada quando eles amavam Boz daquele jeito?

Foi Tifty, claro – Tifty, o mentiroso, Tifty, o contador de lorotas, Tifty, que queria tão desesperadamente ser necessário para alguém a ponto de deixar qualquer coisa idiota sair da boca –, que declarou ter

visto Coffee com seus próprios olhos. *Tifty*, todos eles riram, *você é tão ridículo, Tifty, você nunca viu Coffee nem ninguém.* Porém mesmo no meio das zombarias a ideia estava ganhando raízes; desde o início o garoto possuía aquele talento, o de fazer as pessoas acreditarem numa coisa ao mesmo tempo que sabiam de outra. Ele havia se enfiado tão discretamente no círculo deles que ninguém poderia dizer como isso tinha acontecido; num dia não havia Tifty, no outro lá estava ele. Um dia que começou como qualquer outro, com capela, escola e a aproximação agonizante das três da tarde, o som do sino e a libertação súbita, 200 seres saindo pelos corredores e descendo as escadas, indo para a tarde, a caminhada da escola até os alojamentos, rostos se afastando à medida que os caminhos dos colegas de turma divergiam, até ficarem somente os quatro.

Mas não exatamente: enquanto entravam no beco, no amontoado de velhos carrinhos de supermercado, colchões encharcados e cadeiras quebradas – as pessoas viviam jogando o lixo ali, não importava o que o intendente dissesse –, perceberam que estavam sendo seguidos. Um garoto, magro como um graveto, com rosto fino encimado por um tufo de cabelos ruivos que parecia ter caído de uma grande altura sobre sua cabeça. Ainda que fosse janeiro, com o ar frio e úmido, ele não usava agasalho, só uma camisa de malha, calça jeans e sandálias de plástico. Vinha da direção da escola mas eles sabiam que nunca o tinham visto. A distância em que os seguia, as mãos enfiadas nos bolsos, era suficientemente próxima para encorajar a curiosidade deles sem parecer que se intrometia. Era uma distância de sondagem, como se dissesse: posso ser uma pessoa interessante, talvez vocês queiram me dar uma chance.

– O que vocês acham que *ele* quer? – perguntou Cruk.

Tinham chegado ao fim do beco, onde haviam erguido um pequeno abrigo com restos de madeira. Um colchão mofado, com as molas saltando para fora, servia de piso. O garoto havia parado a uns 10 metros, arrastando os pés na poeira. Algo na postura dele fazia parecer que as partes do seu corpo só eram conectadas vagamente, como se ele tivesse sido montado a partir de uns quatro garotos diferentes.

– Está seguindo a gente? – gritou Cruk.

O garoto não respondeu. Estava olhando para baixo e para longe, como um cachorro que tentasse não fazer contato visual. Desse ângulo, todos podiam ver a marca no lado esquerdo de seu rosto.

– Você é surdo? Eu fiz uma pergunta.

– Não estou seguindo vocês.

Cruk se virou para os outros. Por ter um ano a mais, era o líder não oficial.

– Alguém conhece esse garoto?

Ninguém conhecia. Cruk olhou de volta para ele.

– Você. Como se chama?

– Tifty.

– Tifty? Que tipo de nome é Tifty?

Os olhos dele estavam inspecionando as pontas dos dedos.

– É só um nome.

– Sua mãe chama você assim? – perguntou Cruk.

– Não tenho mãe.

– Ela morreu ou abandonou você?

O garoto estava mexendo em alguma coisa no bolso.

– As duas coisas, eu acho. Se você pergunta assim. – Ele franziu os olhos. – Vocês são tipo um clube?

– Por que está falando isso?

O garoto levantou os ombros ossudos.

– É só que eu vi vocês.

Cruk olhou para os outros, depois olhou de volta para o garoto. Deu um suspiro cansado.

– Bom, não precisa ficar aí parado feito um panaca. Venha cá para a gente dar uma olhada em você.

O garoto foi na direção deles. Vorhees pensou que havia algo familiar nele, em seu jeito desprezível. Mas talvez fosse apenas o fato de que qualquer um deles poderia estar sozinho daquele jeito. Viram que a marca no rosto era um grande olho roxo.

– Ei, eu conheço esse garoto – disse Dee. – Você mora na Auxiliada, não é? Eu vi você se mudando com seu pai.

Moradia Auxiliada de Hill Country: uma colmeia de apartamentos, com as famílias todas espremidas. Todo mundo chamava o lugar de Auxiliada.

– É mesmo? – perguntou Cruk. – Você acabou de se mudar?

O garoto assentiu.

– Vim lá da Cidade-H.

– Você está com seu pai? – perguntou Cruk.

– Tenho uma tia também. Rose. Ela cuida de mim na maior parte do tempo.

– O que você tem aí no bolso? Você está remexendo nisso o tempo todo.

O garoto tirou a mão para mostrar: um canivete cheio de acessórios. Cruk o pegou e os outros três juntaram os rostos. As lâminas de sempre, além de uma serra, uma chave de fenda, uma tesoura e um saca-rolhas, até uma lente nublada pela idade.

– Onde você conseguiu isto? – perguntou Cruk.

– Meu pai me deu.

Cruk franziu a testa.

– Ele comercia?

O garoto balançou a cabeça.

– Não. Ele é hidro. Trabalha na represa. – Fez um gesto para o canivete. – Pode ficar com ele, se quiser.

– Para que eu iria querer um canivete?

– Diabos, se ele não quer, eu quero – disse Boz. – Me dê aqui.

– Cale a boca, Boz. – Cruk olhou o garoto lentamente. – O que você fez com a sua cara?

– Eu caí, só isso.

Seu tom não foi defensivo, foi como se estivesse dizendo qual era o dia da semana. Mas todos sentiram o vazio da mentira.

– Parece mais que caiu em cima de um punho. O seu pai fez isso ou foi outra pessoa?

O garoto não disse nada. Vorhees viu um pequeno tremor no queixo dele.

– Cruk, deixe ele em paz – disse Dee.

Mas o olhar de Cruk permaneceu fixo no garoto.

– Eu fiz uma pergunta.

– Às vezes ele faz isso. Quando está cheio de alc. Rose diz que não é por querer. É por causa da minha mãe.

– Por que ela abandonou vocês?

– Porque ela morreu quando me teve.

As palavras do garoto pareceram pender no ar. Era verdade ou não era verdade; de qualquer modo, agora eles não poderiam recusar seu pedido.

Cruk estendeu o canivete.

– Tome, fique com ele. Não quero o canivete do seu pai.

O garoto o guardou de volta no bolso.

– Eu sou Cruk. Dee é minha irmã. Os outros dois são Boz e Vor.

– Sei quem vocês são. – Ele franziu os olhos, inseguro. – Então agora faço parte do clube?

– Quantas vezes preciso dizer que a gente não é um clube? – disse Cruk.

Assim, de uma hora para outra, foi determinado: Tifty era um deles. No devido tempo todos conheceriam Bray Lamont, um homem feroz, até mesmo aterrorizante, os olhos permanentemente iluminados pelo uísque ilegal que todo mundo chamava de alc, a voz adensada pela bebida rugindo o nome de Tifty da janela toda noite na hora da sirene. *Tifty, droga! Tifty, venha cá antes que eu tenha de sair atrás de você!* Em mais de uma ocasião o garoto apareceu no beco com um novo olho roxo, hematomas, uma vez até mesmo com o braço numa tipoia. Em um acesso de fúria o pai o havia jogado para o outro lado da sala, deslocando seu ombro. Será que eles deveriam contar aos domésticos? Aos pais? E a tia Rose, ela não podia ajudar? Mas Tifty sempre balançava a cabeça. Parecia não ter raiva por causa dos machucados, só um fatalismo de lábios apertados que eles não podiam deixar de admirar. Parecia uma espécie de força. Não digam a ninguém, pedia o garoto. Ele é assim, só isso. Não dá para mudar uma coisa dessas.

Havia outras histórias. O bisavô de Tifty, pelo menos era o que ele dizia, fora um dos signatários originais da Declaração do Texas e tinha supervisionado a liberação da estrada do Petróleo; seu avô era um herói da Incursão da Páscoa de 38 que, mortalmente mordido na primeira onda, ainda assim havia comandado o ataque e se sacrificado no campo de batalha diante de seus homens, tirando a própria vida com uma faca; um primo, cujo nome Tifty se recusava a

revelar (“Todo mundo só o chama de Primo”), era um gângster procurado, controlador da maior destilaria da Cidade-H; sua mãe, uma grande beldade, tinha recebido nove propostas de casamento antes dos 16 anos, inclusive de um homem que mais tarde seria assessor do presidente. Heróis, dignitários, criminosos, um vasto e colorido cortejo de gente importante, tanto no mundo que eles conheciam quanto no que espreitava por baixo, o mundo do comércio; Tifty conhecia pessoas que conheciam pessoas. Portas se abriam para Tifty Lamont. Não importava que ele fosse filho de um hidro bêbado vindo da Cidade-H e um garoto magricela com hematomas no rosto e roupas do tamanho errado que ele nunca lavava, criado por uma tia solteirona, que morava na Auxiliada, como eles; as histórias de Tifty eram boas demais, interessantes demais para *não* se acreditar.

Mas ter visto Coffee – isso foi simplesmente demais. Uma afirmação dessas voava diante dos fatos. Coffee era impossível de ser conhecido; como os virais, Coffee era uma criatura das sombras. No entanto a história de Tifty possuía as tintas da realidade. Ele fora com seu pai à Cidade-H, às suas ruas sem lei, transformadas em favelas, encontrar-se com Primo, o gângster. Lá, na sala dos fundos do galpão das máquinas onde se localizava a destilaria – um negócio colossal, como um dragão vivo feito de fios, tubos e caldeirões bufando –, em meio a homens com olhos perigosos, sorrisos untuosos com dentes enegrecidos e pistolas enfiadas nos cintos, o dinheiro trocava de mãos, a garrafa de alc era comprada. Essas excursões eram rotina. Tifty as havia descrito muitas vezes antes, mas nessa ocasião algo estava diferente. Dessa vez havia um homem. Não era igual aos outros, não era do comércio – Tifty pôde ver isso imediatamente. Alto, com a postura ereta de um soldado. Ele ficou de lado, na sombra, o rosto obscurecido, usando um sobretudo escuro preso com um cinto. Tifty viu que a cabeça dele era raspada. Evidentemente aquele homem, quem quer que fosse, estava ali com algum objetivo urgente; em geral o pai de Tifty se demorava um tempo, bebendo e trocando histórias dos dias da Cidade-H com os outros homens, mas naquela noite, não. Primo, com sua grande forma rotunda enfiada atrás da mesa como um ovo no ninho, aceitou

as notas do pai sem comentários; parecia que nem bem eles haviam chegado e já saíam pela porta. Só quando estavam bem longe do galpão seu pai disse: *Não sabe quem você viu lá, garoto? Hein? Não sabe? Vou dizer quem era. Aquele era o próprio Niles Coffee.*

Os cinco estavam apinhados no abrigo do beco:

– Vou dizer outra coisa. – Enquanto falava, Tifty riscava o chão com o canivete, que afinal de contas permanecera com ele. – Meu velho disse que ele tem um acampamento abaixo da represa. Bem na área aberta, como se ficar do lado de fora não fosse nada. Eles deixam os dracs chegarem para torrá-los nas armadilhas.

– Eu sabia! – gritou Boz. O rosto do menino mais novo estava praticamente reluzindo de empolgação. Ele girou o corpo, na direção de Vorhees. – O que foi que eu disse?

– De jeito nenhum, porra – zombou Cruk. Dentre todos, o seu papel era o de cético; ele usava esse personagem como um dever.

– Estou dizendo, era ele. Quase dava para *sentir.* O jeito como todo mundo estava.

– E o que Coffee iria querer com um punhado de comerciantes? Responda isso.

– Como é que vou saber? Talvez compre alc para os homens dele. – Uma nova ideia chegou ao seu rosto. Ele se inclinou para a frente, baixando a voz. – Ou armas.

Cruk deu uma risada sarcástica.

– Escutem só esse cara.

– Pode zombar o quanto quiser. Eu vi. Estou falando de armas verdadeiras do Exército, de antes. Fuzis M-16, pistolas automáticas, até lançadores de granadas.

– Uau – disse Boz.

– Onde Primo arranjaria essas armas? – perguntou Vorhees.

Tifty se ergueu para olhar ao redor, como se quisesse garantir que ninguém estava escutando.

– Não sei se eu deveria contar isso a vocês – continuou, com a voz pouco acima de um sussurro. – Tem um bunker, uma antiga base do Exército perto de San Antonio. Primo faz patrulhas até lá.

– Não posso ouvir isso nem mais um segundo – disse Cruk. – Você não viu Coffee nem ninguém.

– Está dizendo que não acredita que ele exista?

A ideia era um sacrilégio.

– Não estou dizendo isso. Só que você não viu.

– E você, Vor?

Vorhees se sentiu apanhado. Metade do que Tifty dissera era puro papo-furado – talvez mais da metade. Por outro lado, a ânsia de acreditar era forte.

– Não sei – conseguiu dizer. – Acho que... não sei.

– Bom, *eu* acredito nele – proclamou Dee.

Os olhos de Tifty se arregalaram.

– Viu?

Cruk descartou isso.

– Ela é menina. Acredita em qualquer coisa.

– Ei!

– Bom, é verdade.

Tifty encarou o garoto mais velho.

– E se eu disser que você também pode ver o Coffee?

– E como eu faria isso?

– Fácil. A gente pode sair por um dos tubos do vertedouro. Eu já fui lá um monte de vezes. Nesta época do ano só liberam a água ao amanhecer. As aberturas vão direto até a base da represa. De lá deve dar para ver o acampamento.

O desafio fora lançado; não havia como recusar.

– Não tem porcaria nenhuma de acampamento, Tifty.

Demoraram três dias para tomar coragem, e mesmo assim Cruk proibiu a irmã de ir. O plano era se esgueirar depois que os pais estivessem dormindo e se encontrarem no abrigo; Tifty havia bolado uma rota até a represa que iria mantê-los fora das vistas das patrulhas.

Passava da meia-noite quando Tifty chegou. Os outros já estavam esperando. Tifty apareceu no fim do beco e foi rapidamente até eles, com o capuz do casaco puxado sobre a cabeça e as mãos enfiadas nos bolsos. Quando chegou ao abrigo tirou do bolso uma garrafa plástica.

– Coragem líquida. – Ele desatarraxou a tampa e entregou a garrafa a Vorhees.

Era alc. Os pais de Vorhees e Boz, gente devota que ia à igreja das irmãs todo domingo, não admitiam aquilo em casa. Vorhees segurou a garrafa aberta embaixo do nariz. Era um líquido transparente, com um forte odor químico, parecendo sabão de lixívia.

– Me dê aqui – ordenou Cruk. Em seguida pegou a garrafa, tomou um gole e devolveu a Vorhees.

– Você nunca bebeu alc? – perguntou Tifty a Vorhees.

Vorhees se esforçou ao máximo para parecer ofendido.

– Claro que já. Um monte de vezes.

– Quando você bebeu alc? – riu Boz.

– Tem muita coisa que você não sabe, irmão. – Desejando poder apertar o nariz, Vorhees tomou um gole cauteloso, engolindo depressa para evitar o gosto. Um jorro de calor ardente encheu a mucosa de seu nariz, um rio de fogo escorreu pela garganta. Meu Deus, era medonho! Terminou com uma tosse chiada, lágrimas enchendo os olhos, todo mundo rindo.

Boz bebeu em seguida. Para embaraço de Vorhees, seu irmão mais novo conseguiu tomar uma golada respeitável sem muito mais do que um franzir do rosto. Mais três vezes a garrafa viajou pelo círculo. Na quarta, até Vorhees havia pegado o jeito e conseguiu tomar um gole respeitável sem tossir. Imaginou por que não estava sentindo nada, mas no momento em que ficou de pé percebeu que estava: o chão sacudiu sob seus pés e ele precisou estender a mão para se apoiar.

– Vamos – disse Tifty.

Quando chegaram à represa estavam todos rindo feito loucos. O correr do tempo havia se alterado de algum modo; parecia que tinham demorado muito para chegar ali e, ao mesmo tempo, que não tinham demorado nada. Vorhees guardava uma lembrança fragmentada de ter se escondido de uma patrulha embaixo de um caminhão, mas não conseguia lembrar as circunstâncias exatas, nem como tinham evitado a captura. Sabia que estava bêbado, mas esse fato não era nada em que sua mente pudesse se concentrar. Pararam nas sombras enquanto alguém – Boz, percebeu Vorhees,

que era o mais bêbado de todos – vomitava num matagal. E Dee, o que ela estava fazendo ali? Tinha-os seguido? Cruk estava gritando que ela voltasse para casa, mas Dee era Dee: quando encasquetava com alguma coisa era o mesmo que você tentar tirar um osso da boca de um cachorro. O fato era que Vorhees amava Dee. Sempre amara. De súbito aquele amor ficou avassalador, como um balão de emoção se expandindo dentro do peito, e ele estava tomando coragem para confessar seus sentimentos quando Tifty veio para perto deles, voltando de onde quer que tivesse ido, e disse para o seguirem.

Levou-os até um pequeno prédio de concreto com uma escada de metal descendo. Na base havia um túnel de manutenção, úmido e escuro, as paredes pingando. Estavam dentro da represa, em algum lugar acima das aberturas do vertedouro. Lâmpadas em gaiolas de metal alongavam as sombras nas paredes. Um jorro crescente de adrenalina estava trazendo os sentidos de Vorhees de volta para o foco. Chegaram a uma escotilha na parede, lacrada com um volante metálico enferrujado. Cruk e Tifty se posicionaram dos dois lados e fizeram toda a força, mas o volante não cedia.

– Precisamos de uma alavanca – disse Tifty.

Ele desapareceu de novo no túnel e voltou um minuto depois com um pedaço de cano. Enfiou-o entre os raios do volante e fez força. Com um guincho, o volante começou a girar. A porta se abriu.

Dentro havia um poço vertical e uma escada levando para baixo. Tifty pegou um sinalizador, acionou o disparador e o largou no buraco. Ele desceu primeiro, depois Vor, Dee e Boz, com Cruk no final.

Viram-se num tubo largo. Uma saída do vertedouro, uma das seis. Através daquelas aberturas a água era liberada da represa uma vez por dia e se afunilava pelo vertedouro até os campos. Atrás deles havia milhões de litros de água contidos pela represa. O ar era frio e tinha cheiro de pedra. Um fiapo de água escorria pelo piso até a saída, que era um disco pálido de céu enluarado. Esgueiraram-se para lá, para longe da luz do sinalizador de Tifty. O coração de Vorhees martelava no peito. O mundo da noite, fora dos muros: aquilo estava além da imaginação. A três metros da saída Tifty se

agachou e os outros o imitaram. Barras de aço grosso guardavam a abertura.

– Eu vou primeiro – sussurrou Tifty.

Ficou de quatro e foi em direção à boca do túnel. Os outros se mantiveram absolutamente imóveis. Na mente bêbada de Vorhees, ver o acampamento de Coffee havia se tornado um propósito secundário; a noite era um puro teste de coragem e seu objetivo era irrelevante. As barras eram suficientemente fortes para manter um viral do lado de fora, mas esse não era o único perigo: Vorhees meio que esperava que uma mão com garras as atravessasse, agarrando seu amigo e despedaçando-o. Através da névoa do alc lhe veio a ideia de que Dee também devia estar com medo e que ele poderia tranquilizá-la, mas não conseguia pensar no que dizer e a ideia morreu em sua mente.

Na boca do túnel, Tifty ficou de joelhos, segurando as barras, e olhou para fora.

– O que você está vendo? – sussurrou Cruk.

Houve uma pausa, e depois duas palavras ditas pelo amigo:

– Puta... merda.

O tom pareceu errado a Vorhees. Não era uma exclamação de descoberta, mas de medo súbito.

– O que foi? – sussurrou Cruk, mas asperamente. – Coffee está aí?

– Quero olhar! – exclamou Boz.

– Quieto! – rosnou Cruk. – Tifty, que droga, o que foi?

Vorhees sentiu através dos joelhos. Um ribombar como de um trovão, seguido pelo gemido esganiçado de engrenagens de metal se movendo. O som vinha de trás deles.

Tifty saltou de pé.

– Saiam daqui!

Era água. O som que Vorhees estava escutando era de água sendo liberada da represa. Uma abertura, depois outra e mais outra, movendo-se em sequência. Era isso que Tifty tinha visto.

Eles seriam despedaçados.

Vorhees se levantou e agarrou Boz pelo braço, para puxá-lo, mas o menino se soltou.

– Eu quero ver!

– Não tem nada aí!

A voz do menino se embargou com lágrimas:

– Tem, tem sim!

Boz correu para a abertura. Tifty e os outros já estavam disparando para a escada. Agora o som de trovão estava mais próximo: o tubo adjacente fora liberado; o deles seria o próximo. Na boca do túnel Vorhees segurou o irmão pela cintura, mas o garoto se agarrava com força às barras.

– Estou vendo! É o Coffee!

Vorhees puxou com toda a força; os dois caíram no chão. Os outros estavam chamando: *Venham, venham!* Vorhees agarrou o irmão pela mão e começou a correr. Cruk estava acenando da base da escada. Vorhees sentiu um estalo de pressão nos ouvidos; um vento gelado soprava em seu rosto. Enquanto Cruk desaparecia subindo a escada, Vorhees começou a subir, com o irmão logo atrás.

Então a água chegou.

Acertou-o como um punho, 100 punhos, mil. Abaixo ouviu Boz gritar aterrorizado. Conseguiu se manter agarrado na escada, mas não poderia fazer nada além disso; soltar ao menos uma das mãos seria ser levado embora. A água enchia seu nariz e sua boca. Tentou chamar o nome do irmão, mas não saiu nenhum som. É assim que a coisa termina, pensou. Um erro e tudo estava acabado. Era tão simples! Por que as pessoas não morrem assim com mais frequência? Mas morriam, percebeu, enquanto suas mãos na escada começavam a enfraquecer. Morriam assim o tempo todo.

Foi Cruk quem o puxou. Cruk, que seria seu amigo para sempre, que um dia ficaria ao seu lado quando ele casasse com Dee, que vigiaria seus filhos no dia em que todo mundo trouxe as crianças para um piquenique no campo; que iria se juntar a ele nas últimas batalhas de suas vidas, a muitos quilômetros e muitos anos de distância. Enquanto as mãos de Vorhees se soltavam, Cruk baixou a dele e o puxou pelo pulso, e a próxima coisa que Vorhees viu foi que estavam subindo, estavam indo pelo poço em direção a um local seguro.

Mas não Boz. O corpo do menino só seria recuperado na manhã seguinte, esmagado contra as barras. Talvez tivesse visto Coffee, talvez não. Tifty nunca contou a eles. Com o passar do tempo Vorhees passou a pensar que isso não importava. Mesmo se ele tivesse visto, não havia consolo nisso.

Na pausa do meio-dia, a turma que tirava os pendões já havia coberto mais de 4 mil metros quadrados. O sol batia com força, não havia uma nuvem no céu; até as crianças, depois de uma manhã de jogos e risos, haviam se retirado para o abrigo. Junto à bomba, Vorhees tirou o chapéu, encheu um copo e bebeu, depois encheu de novo para derramar a água no rosto. Tirou a camisa suada e se enxugou com ela. Deus todo-poderoso, estava quente!

As mulheres e crianças já haviam comido. À mesa sob o abrigo, a equipe de trabalho se juntou para almoçar. Pão e manteiga, ovos cozidos, carne-seca, fatias de queijo, jarras de água e limonada.

Cruk veio da torre para encher um prato; Tifty não estava à vista. Bom, e daí? Tifty podia fazer o que quisesse. Comeram com gosto, sem falar. Logo todos estariam cochilando na sombra.

– Uma hora – disse Vorhees, levantando-se da mesa. – Não relaxem demais.

Subiu a escada até o topo da torre, onde encontrou Cruk examinando a distante linha das árvores com o binóculo. Seu fuzil estava encostado no parapeito.

– Alguma coisa interessante por lá?

Por um segundo Cruk não respondeu. Entregou o binóculo a Vorhees.

– Às seis horas, através da linha das árvores. Diga o que é.

Vorhees olhou. Nada, só árvores e os morros marrons e secos atrás.

– O que você acha que viu?

– Não sei. Alguma coisa brilhante.

– Brilhante? Como metal?

– É.

Depois de um momento Vorhees baixou o binóculo.

– Bom, agora não está lá. Talvez fosse apenas o sol se refletindo nas lentes. Está muito claro aqui fora.

– Provavelmente é isso. – Cruk tomou um gole d'água de sua garrafa. – Como vão as coisas lá embaixo?

– Todos vão estar dormindo logo. Um bocado de crianças já apagou. Acho que ninguém esperava que fosse fazer tanto calor.

– É julho no Texas, irmão.

– Gunnar queria saber se pode ajudar. Aquele garoto é todo coração e nenhum bom senso.

Cruk pegou seu fuzil.

– O que você disse a ele?

– "Espere só. Um dia você vai perceber como isso é maluquice."

Cruk gargalhou.

– No entanto nós somos iguais. Mal podíamos esperar para sair no mundo.

– Talvez você não pudesse.

Cruk ficou quieto um momento, olhando por cima do parapeito. Vorhees sentiu que algo perturbava o amigo, e não era só a coisa brilhante no mato.

– Escute – começou Cruk –, eu tomei uma decisão e queria que você a ouvisse de mim. Você sabe que estão falando em recriar os Expedicionários.

Vorhees também tinha ouvido esses boatos. Não era nada novo, boatos circulavam o tempo todo. Desde que Coffee e seus homens desapareceram – quantos anos antes? – o assunto nunca havia morrido de verdade.

– As pessoas vivem dizendo isso.

– Desta vez não é só conversa. Os militares estão pegando voluntários da Segurança Doméstica, querem montar uma unidade de 200 homens.

Vorhees examinou o rosto do amigo. O que ele estava dizendo?

– Cruk, você não pode estar pensando sério nisso. Aquilo era papo de criança.

– Talvez fosse, na época. E sei como você se sente com relação a isso, depois do que aconteceu com Boz. Mas olhe a minha vida, Vor. Eu não me casei. Não tenho família. O que eu estava esperando?

O significado ficou claro imediatamente.

– Meu Deus. Você já se alistou, não foi?

Cruk assentiu.

– Entreguei minha carta de demissão da Segurança Doméstica ontem. Mas só vai ser oficializada quando eu fizer o juramento.

Vorhees estava atônito.

– Olhe, não conte a Dee – insistiu Cruk. – Eu quero fazer isso.

– Ela não vai aceitar com facilidade.

– Eu sei. É por isso que estou contando primeiro a você.

A conversa foi interrompida pelo som de uma picape vindo pela estrada de serviço. Chegou à área de parada e estacionou junto ao abrigo. Tifty desceu. Foi até a traseira e baixou a parte móvel.

– O que ele tem?

Eram melancias. Todo mundo se apinhou em volta; Tifty começou a cortá-las, passando fatias gordas, pingando, para as crianças. Melancias! Que prazer, num dia assim!

– Pelo amor de Deus – gemeu Vorhees, olhando o desempenho. – Onde, diabos, ele conseguiu aquilo?

– Onde o Tifty consegue qualquer coisa? Mas você tem de dar a mão à palmatória: o cara não vai morrer sem amigos.

– Eu disse isso?

Cruk o encarou.

– Você não precisa gostar dele, Vor. Não sou eu quem vai dizer isso. Mas ele está tentando. Isso você precisa admitir.

A porta da escada se abriu e Dee apareceu, trazendo dois pratos, cada um com uma fatia rosada de melancia.

– Tifty trouxe...

– Obrigado. Nós vimos.

O rosto dela ficou com uma expressão que Vorhees conhecia bem demais. *Deixe para lá. Por favor, só por hoje. São só melancias.*

Cruk pegou os pratos com ela.

– Obrigado, Dee. Isso vai realmente bater bem. Agradeça a Tifty.

Ela observou Vorhees, depois voltou o olhar para o irmão.

– Vou fazer isso.

Vorhees percebeu que parecia um idiota ressentido, assim como sabia que, se não dissesse nada, se não mudasse de assunto,

carregaria esse sentimento azedo pelo resto do dia.

– Como estão as crianças?

Dee deu de ombros.

– Siri apagou totalmente. Nit saiu com Ali e umas outras. Estão colhendo flores selvagens. – Ela parou para enxugar a testa com as costas da mão. – Vocês vão mesmo voltar para lá? Não sei como você aguenta. Talvez devesse esperar até o sol baixar um pouco.

– Tem muita coisa a fazer. Não precisa se preocupar comigo.

Ela o encarou por mais um momento.

– Bem, que seja. Quer que eu traga mais alguma coisa para você, Cruk?

– Não, obrigado.

– Então vou deixar vocês sozinhos.

Quando Dee saiu, Cruk estendeu um dos pratos para ele. Mas Vorhees balançou a cabeça, negativamente: – Obrigado.

O grandalhão deu de ombros. Já estava engolindo sua fatia, rios de suco escorrendo pelo queixo. Quando só restava a casca, ele fez um gesto para o segundo prato, que estava no parapeito.

– Você se importa?

Vorhees deu de ombros. Cruk acabou com a segunda fatia, enxugou o rosto na manga da camisa e jogou as cascas pela beirada.

– Você deveria contar logo a Dee – disse Vorhees.

Três horas, o dia se esvaindo. Uma brisa leve havia começado a soprar no fim da manhã, mas agora o ar estava parado de novo. Sob a lona, Dee jogava uma partida meio desanimada de baralho com Cece Cauley, tendo o pequeno Louis descansando no cesto aos pés delas. Era um bebê gorducho, bem-humorado, com dedos gordos nas mãos e nos pés e uma boca macia, franzida: apesar do calor, mal havia se agitado o dia inteiro e agora dormia a sono solto.

Dee se lembrava desses dias, dos dias de bebês. As sensações características, os sons e cheiros e a percepção de uma profunda conexão física, como se você e o bebê fossem um ser único. Muitas mulheres reclamavam disso – *não consigo ter um momento para mim, mal posso esperar até ela estar andando!* –, mas Dee nunca

havia reclamado; estava com apenas 30 anos, com todo o prazer teria mais uma criança, talvez até duas. Seria bom ter um filho, pensou. Mas as regras eram claras: dois e pronto. O governo estava discutindo uma extensão dos muros e talvez então a proibição fosse retirada. Mas provavelmente isso chegaria tarde demais, e até lá havia apenas uma quantidade limitada de comida, combustível e espaço.

E Vor... bom, o que ela poderia fazer? A morte de Boz era uma barreira intransponível na mente dele, com a verdade distorcida e ampliada no correr dos anos até virar o ferimento único de sua vida. Tifty era Tifty e sempre seria. Num dia estava sendo jogado na cadeia por ter lançado um homem através de uma janela numa briga de bar, no outro, como se por magia, estava produzindo um caminhão de melancias do mercado negro numa tarde escaldante de verão. Era apenas questão de tempo até que fosse parar na cadeia de uma vez por todas. No entanto não havia como negar: Tifty sempre faria parte deles, principalmente de Dee. Havia ocasiões em que Dee olhava para a filha mais velha e honestamente não sabia qual era a verdade. Poderia ser uma coisa ou outra. A uma certa luz Nitia era totalmente Vor, mas então a menina sorria de um modo particular ou fazia aquele negócio de franzir os olhos e ali estava Tifty Lamont.

Uma única noite, nem isso. A coisa toda, a totalidade do caso, durara cerca de 90 minutos do início ao fim. Como seria possível que 90 minutos fizessem tanta diferença numa vida? Depois Dee e Tifty haviam concordado que fora um erro terrível – inevitável, talvez, uma força dos anos que nenhum dos dois pôde recusar, mas nada que devesse ser repetido. Os dois amavam Vor, não era? Tinham transformado o assunto numa grande piada, até mesmo apertando-se as mãos para selar o trato, como dois velhos amigos que eram, mas, claro, não era: não fora uma piada na hora nem nove meses depois; não era uma piada agora.

Nunca vou deixar que nada de mal aconteça a você, disse Tifty, não só naquela noite, mas muitas vezes, em muitas noites. *Nem a você, nem às meninas, nem a Vor. Independentemente do que seja verdade, esta é a minha promessa solene, minha promessa diante*

de Deus. Serei o chão sob seus pés. Saiba que estou sempre presente. E Dee sabia. Caso se permitisse admitir, fora somente porque Tifty concordara em vir que a ideia do dia de hoje, de um piquenique de verão no campo, havia se concretizado.

Dee o amava? E, se amava, que tipo de amor era? Seus sentimentos por Tifty eram diferentes dos sentimentos por Vor. Vor era firme, confiável. Uma criatura de dever e resistência e um bom pai para as meninas. Sólido, enquanto Tifty era vaporoso, um homem composto tanto de boatos quanto de fatos. E não havia dúvida de que ela e Vor pertenciam um ao outro; isso nunca estivera em questão. Sozinhos no escuro, em momentos privados juntos, ele falava seu nome com tamanho desejo que era quase uma dor, como se seus sentimentos por ela fossem fortes demais para suportar. Era assim que Vor a amava. Ele a fazia sentir-se... o quê? Mais real. Como se ela, Dee Vorhees – esposa e mãe; filha de Sis e Jedediah Crukshank, partidos para Deus; cidadã de Kerrville, Texas, último oásis de luz e segurança num mundo que não conhecia nada disso –, existisse de fato.

Então por que se pegava de novo pensando em Tifty Lamont?

Mas o baralho, e esta tarde quente-quente-quente de julho, quando haviam trazido as crianças ao campo... A mente de Dee vagueara tanto que ela nem havia percebido o que Cece estava fazendo. Antes que percebesse, a mulher, a caminho da vitória, a havia manobrado para pegar a dama. Dois truques, três, e acabou. Cece anotou os pontos num bloco, animada.

– Outra?

Normalmente Dee responderia que sim, nem que fosse para ocupar as horas, mas naquele calor o jogo tinha começado a parecer um trabalho.

– Talvez Ali queira jogar.

Ali, que tinha voltado à tenda para pegar água, descartou a ideia, com a concha encostada nos lábios.

– Sem chance.

– Vamos, só duas partidas – disse Cece. – Estou com sorte.

Dee se levantou da mesa.

– É melhor ver o que as meninas estão aprontando.

Saiu do abrigo. A distância podia ver o topo dos pés de milho balançando onde os homens trabalhavam. Virou o rosto para o alto da torre, posicionando uma das mãos sobre os olhos por causa da claridade. Uma lua fantasmagórica, num branco diurno, pairava perto do sol. Bom, isso era estranho. Ela não havia notado antes. Cruk e Tifty estavam ambos no posto, Cruk com o binóculo, Tifty varrendo o campo com o fuzil. Ele a viu e deu um pequeno aceno, que a deixou sem graça; era quase como se Tifty soubesse que ela estivera pensando nele. Acenou cheia de culpa em resposta.

Um grupo de 12 crianças jogava kickball. Dash Martinez estava esperando na placa. Gunnar, que havia se tornado uma espécie de babá não oficial durante a tarde, atuava como lançador.

– Ei, Gunnar.

O garoto – na verdade era um homem aos 16 anos – olhou para ela.

– Ei, Dee. Quer jogar?

– Está quente demais para mim, obrigada. Você viu as meninas por aí?

Gunnar olhou em volta.

– Estavam aqui há um segundo. Quer que eu procure?

Dee sentiu uma preocupação súbita. Aonde elas poderiam ter ido? Achou que poderia subir à torre e pedir a Cruk que as encontrasse com o binóculo. Mas a subida da escada, assim que imaginou, pareceu um esforço demasiado. Era mais fácil achar as meninas sozinha.

– Não, obrigada. Se elas voltarem, diga que quero que saiam um pouco do sol.

– Gunnar, jogue a bola! – gritou Dash.

– Espera um segundo. – Gunnar encarou Dee. – Tenho certeza de que elas estão por perto. Estavam aqui tipo... há dois segundos.

– Tudo bem. Vou procurá-las.

O campo de flores selvagens, pensou; provavelmente era para lá que tinham ido. Sentia-se mais irritada do que preocupada. Elas não deveriam se afastar sem dizer a ninguém. Certamente era ideia de Nit. A menina estava tramando alguma coisa.

Restavam cinco minutos.

Do deque de observação, Tifty viu Dee se afastar.

– Cruk, me passe o binóculo.

Cruk o entregou. O campo de flores selvagens ficava do lado norte da torre, adjacente ao milharal. Era para lá que ela parecia estar indo. Provavelmente só queria se afastar uns minutos, pensou Tifty, para longe das crianças e das outras mulheres.

Devolveu o binóculo a Cruk. Examinou o campo com seu fuzil, depois levantou a mira telescópica para a linha das árvores.

– O negócio brilhante voltou.

– Onde?

– Bem à frente, 10 graus à direita.

Tifty espiou pela mira telescópica: uma forma retangular distante, muito reflexiva, entre as árvores.

– Que diabo é aquilo? – perguntou Cruk. – Um veículo?

– Pode ser. Tem uma estrada de serviço do outro lado.

– Nada deveria estar lá fora agora. – Cruk baixou o binóculo. Fez uma pausa. – Escute.

Tifty forçou a mente a se esvaziar. Os estalos dos grilos, a brisa movendo-se junto às orelhas, a água escorrendo pelo sistema de irrigação. Então ouviu.

– Um motor?

– É o que estou ouvindo também – disse Cruk. – Fique aí.

Ele desceu a escada. Tifty encostou o olho na mira do fuzil. Agora a imagem estava clara: era um caminhão grande, com a carroceria coberta por algum tipo de metal galvanizado.

Pegou seu walkie-talkie.

– Cruk, é um caminhão. Do outro lado das árvores. Não parece ser da Segurança Doméstica.

A linha estalou.

– Eu sei. Atenção redobrada.

Viu Cruk emergir da base da torre e ir na direção do abrigo, acenando para Gunnar trazer as crianças. Tifty varreu o campo com a mira: os homens trabalhando, as fileiras de pés de milho, as bandeiras que indicavam as casas-fortes pendendo na imobilidade da tarde. Tudo exatamente como deveria estar.

Mas não exatamente. Havia algo diferente. Seria sua visão? Levantou o rosto. Havia uma lâmina de sombra movendo-se pelo campo.

Então ouviu a sirene.

Virou-se para o sol; soube instantaneamente. Fazia muitos anos que não sentia medo, desde aquela noite na represa. Mas agora sentiu.

Um minuto.

Vorhees percebeu a alteração na iluminação primeiro como uma redução nos detalhes visuais, um súbito diminuir da claridade como um crepúsculo prematuro. Mas como estava usando óculos escuros, numa defesa contra a chuva de pólen e a claridade da tarde, sua mente não registrou de imediato essa mudança como algo digno de nota. Só quando ouviu os gritos tirou os óculos.

Uma grande forma redonda, envolta em uma penumbra reluzente, estava deslizando pelo sol.

Um eclipse.

Enquanto as sirenes tocavam, ele saiu correndo pela fileira de plantas. Todo mundo estava correndo, também, gritando: *Eclipse! Eclipse! As casas-fortes, vão para as casas-fortes!* Saiu correndo do milharal, praticamente trombando em Cruk e Dee.

– Onde estão as meninas?

Dee estava frenética.

– Não estou achando!

A escuridão se espalhava como tinta nanquim. Logo toda a plantação estaria coberta.

– Cruk, ponha essas pessoas nas casas. Dee, vá com ele.

– Não posso! Onde elas estão?

– Eu encontro. – Ele tirou a pistola da cintura. – Cruk, tire-a daqui!

Vorhees correu de volta para a plantação.

Com o coração martelando de adrenalina, Tifty varria o campo a partir da torre. Ainda não havia nenhum sinal, mas era apenas questão de tempo. E o caminhão, o que era? Continuava parado do outro lado das árvores que quebravam o vento. Tentou falar com Cruk pelo walkie-talkie mas não conseguiu contato. No meio de todo

o caos, provavelmente o sujeito não podia ouvi-lo. Tifty poderia descer correndo para dizer a ele, mas sua melhor possibilidade de atirar seria de cima da torre.

Apertou a coronha contra o ombro. De onde eles viriam? Das árvores? De uma plantação adjacente? Tudo tinha sido varrido pela equipe de Dillon e Tifty não vira nada o dia todo. O que não significava que os virais não estivessem ali, só que não podia vê-los.

Até que, na periferia da visão, um leve movimento nos pés de milho, não mais do que um farfalhar, perto de uma das bandeiras na borda da plantação. Girou a mira e encostou o olho na lente. A escotilha da casa-forte estava aberta.

Era o único lugar onde não tinham olhado. Eles jamais verificariam as casas-fortes.

Todo mundo estava correndo, agarrando as crianças, disparando pelo campo na direção das bandeiras. Tifty saiu da base da torre a toda a velocidade.

– Não!

Cruk estava carregando duas crianças embaixo dos braços. Presh Martinez e Reese Cuomo. Dee corria ao lado dele, com Cece e Ali apenas alguns passos atrás – Cece agarrando o pequeno Louis junto ao peito. Ali com Merry e Satch.

– As casas-fortes! – gritava Cruk. – Vão para as casas-fortes!

– Eles estão *nas* casas-fortes!

Uma explosão de tiros irrompeu na plantação. Dee viu Tifty se ajoelhar e disparar três tiros rápidos. Virou-se quando o primeiro viral irrompeu dos pés de milho.

Pousou em cima de Ali Dodd.

Dee sentiu uma ânsia de vômito. De repente não conseguia fazer com que os pés se movessem. O viral, que havia terminado com Ali, agora cravava as mandíbulas no pescoço de Cece. A mulher estava se retorcendo, os braços e as pernas se sacudindo como um inseto caído de costas. A imagem rasgou a visão de Dee como uma explosão de luz; só conseguia ficar olhando num horror desamparado.

Cruk avançou, encostou o cano do fuzil na lateral da cabeça da criatura e disparou.

Onde estava Satch? Mas de repente o menino havia sumido. Merry estava parada no chão, gritando. Dee levantou a menininha à cintura e começou a correr.

Agora os virais estavam em toda parte. Num pânico cego as pessoas corriam para a tenda, um gesto inútil: ela não poderia oferecer nenhuma segurança. Os virais partiram para cima, despedaçando-a, enquanto o ar se enchia de gritos.

– A torre! – estava gritando Tifty. – Vão para a torre! – Mas era tarde demais, ninguém escutava. Dee pensou nas filhas, despedindo-se. Como tudo havia ficado nítido no final, tudo que desejava para as filhas era destilado pela crueldade rápida do mundo na esperança desesperada de que a morte as levasse depressa. Rezou para que não sofressem. Ou pior, para que não fossem tomadas. Isso era o pior: ser tomado.

Uma força enorme trombou nela, por trás. Dee tombou no chão, a pequena Merry voando de seus braços. De rosto na terra, levantou os olhos e viu seu irmão a seis metros de distância apontando o fuzil para ela. Atire em mim, pensou Dee. O que quer que vá acontecer, não quero isso. Uma oração da infância encontrou seus lábios e ela fechou os olhos murmurando-a rapidamente, contra a poeira.

Um tiro. Atrás dela algo caiu com um grunhido animal. Antes que sua mente conseguisse processar isso, Cruk a estava puxando, sua boca movendo-se incompreensivelmente, dizendo palavras que ela não conseguia decifrar. O fuzil dele havia sumido, tudo o que restava era a pistola, Abigail. Por que um homem daria o nome de Abigail a uma arma? Por que daria um nome, qualquer que fosse? Algo devia ter acontecido com sua cabeça, percebeu, porque ali estava ela, preocupada com a arma de Cruk, enquanto todo mundo morria. Outros pensamentos lhe vieram, coisas estranhas, coisas medonhas. Como seria a sensação de ser rasgada ao meio, como Ali Dodd. Suas filhas, no campo, e o que estava acontecendo com elas agora. Que terrível, pensou, viver um segundo a mais do que seus próprios bebês. Num mundo de coisas terríveis, certamente essa era a mais terrível de todas. Cruk a arrastava para a porta. Estava fazendo o

que achava que ela queria, mas não era, de jeito nenhum – ela na verdade não conseguiria morrer suficientemente rápido –, e com um jorro de força Dee se soltou dele, correndo para a plantação e chamando as filhas.

Vorhees podia ouvir suas filhas rindo na plantação. Eram pequenas demais para ter medo, ele sabia. Tinham se esgueirado para fazer exatamente o que haviam recebido ordem de não fazer e aquilo tudo era uma espécie de jogo para elas, essa coisa engraçada com a luz. Vorhees correu pelas fileiras de pés de milho, gritando o nome delas, arfando de pânico, tentando se orientar pelas vozes. O som estava atrás, estava à frente, estava dos dois lados. Parecia vir de toda parte, até de dentro de sua cabeça.

– Nit! Siri! Cadê vocês?

Então surgiu uma mulher. Estava parada no meio da fileira. Vestia uma capa escura, como alguém de um conto de fadas, algum habitante da floresta. A cabeça era coberta por um capuz; os olhos, por óculos escuros que escondiam a parte superior do rosto. A surpresa de Vorhees foi tão completa que por um momento ele pensou que podia estar imaginando.

– Elas são suas filhas?

Quem era ela, aquela mulher do milharal?

– Onde elas estão? – ofegou ele. – Sabe onde elas estão?

Com um gesto lânguido ela tirou os óculos, revelando um rosto sensualmente liso e de uma beleza juvenil, olhos que brilhavam nas órbitas como diamantes. Ele sentiu um jorro de náusea.

– Você está cansado – disse ela.

De repente ele estava. Curtis Vorhees nunca estivera tão cansado na vida. Sua cabeça parecia uma bigorna, pesava mil quilos. Era necessário cada grama de vontade para permanecer de pé.

– Eu tenho uma filha. Uma filha muito linda.

Atrás de si, ele ouviu os últimos estalos aleatórios de tiros em pânico. O campo e o céu haviam mergulhado numa escuridão fantasmagórica. Sentiu uma ânsia de choro, mas até mesmo isso pareceu fora de seu comando. Tinha caído de joelhos, e logo iria tombar.

– Por favor – sufocou ele.

– Venham a mim, crianças lindas. Venham a mim na escuridão.

Uma força titânica o fez ficar de pé: Tifty. O rosto dele estava muito próximo. Vorhees mal podia focalizá-lo. Tifty o estava puxando pelo braço.

– Vor, venha!

– A mulher... – A língua dele estava grossa na boca.

– O que você está falando?

– Ela estava...

– Não tem ninguém! – gritou Tifty. – Precisamos chegar à torre!

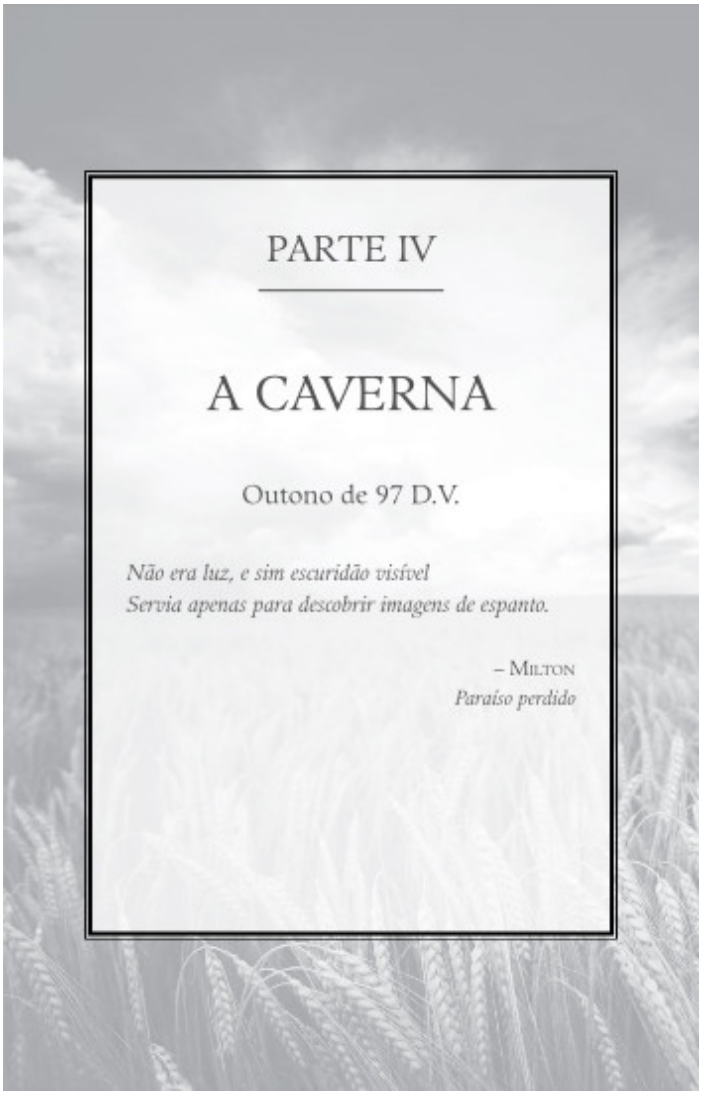
Vorhees não queria; com o resto das forças, soltou-se.

– Preciso encontrá-las!

Foi a coronha do fuzil de Tifty que fez tudo parar. Um único golpe na cabeça, dado com habilidade, e a visão de Vorhees se encheu de estrelas. Então o mundo virou de cabeça para baixo enquanto Tifty o agarrava pela cintura, lançava-o ao ombro e começava a correr. Folhas grossas estavam passando, batendo em seu rosto. Vorhees gritava: – Nit! Siri! Voltem!

Mas não tinha forças para resistir. Sua família estava morta, ele sabia: Tifty não teria vindo pegá-lo se elas ainda estivessem vivas. Mais tiros, gritos dos que morriam ao redor. As casas-fortes, disse uma voz. Eles vieram das casas-fortes. Quem sobreviveria a esse dia? E Vorhees sabia, para sua tristeza infinita, que de novo seria o sortudo.

Irromperam do milharal no terreno aberto. O abrigo estava destroçado, a lona arrancada, tudo espalhado. Corpos largados em toda parte, mas ele não viu nenhuma criança. *Venham a mim, crianças lindas. Venham a mim na escuridão.* E enquanto a porta da torre batia atrás deles e ele tombava no chão, finalmente caindo numa inconsciência misericordiosa, seu último pensamento foi: Por que tinha de ser o Tifty?



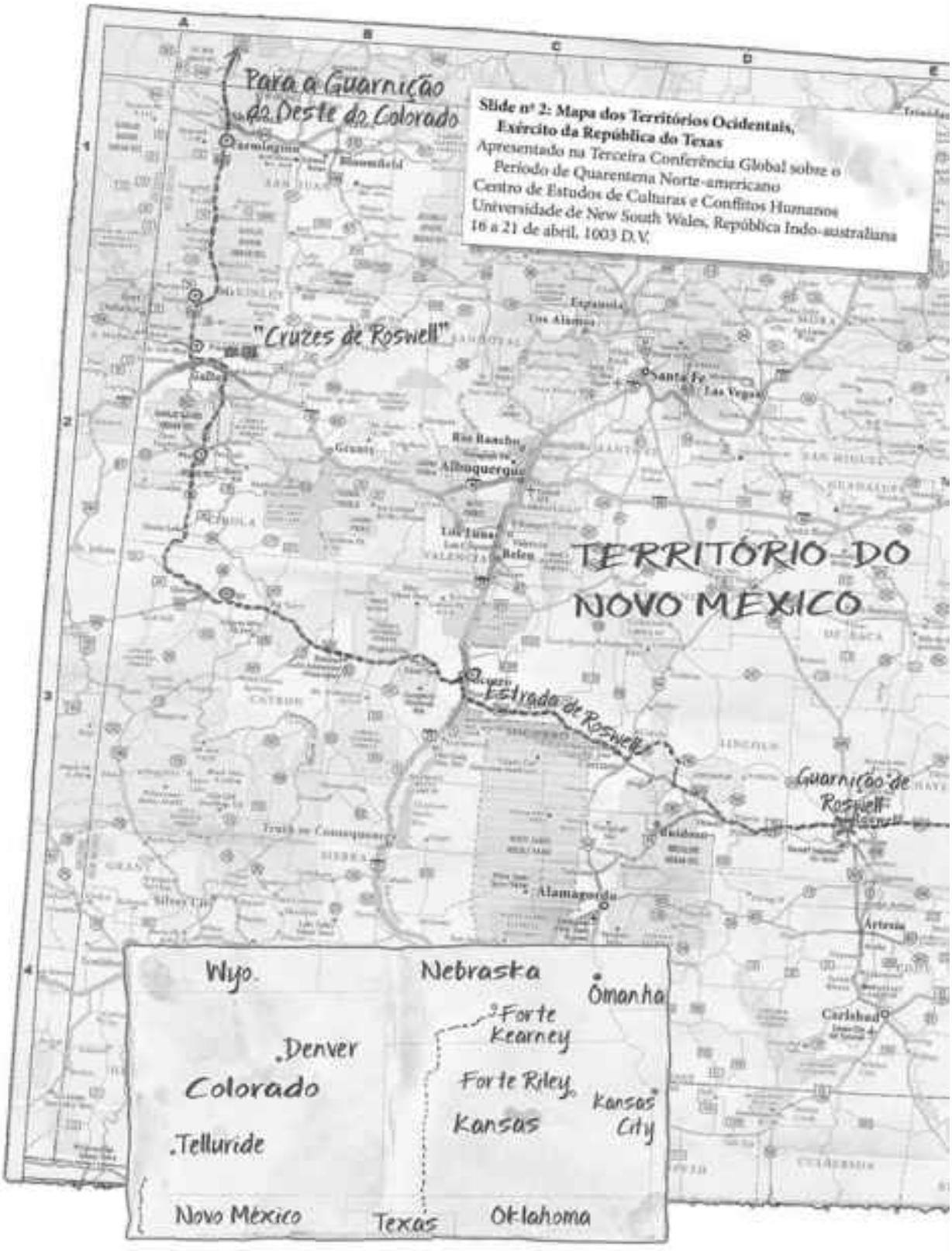
PARTE IV

A CAVERNA

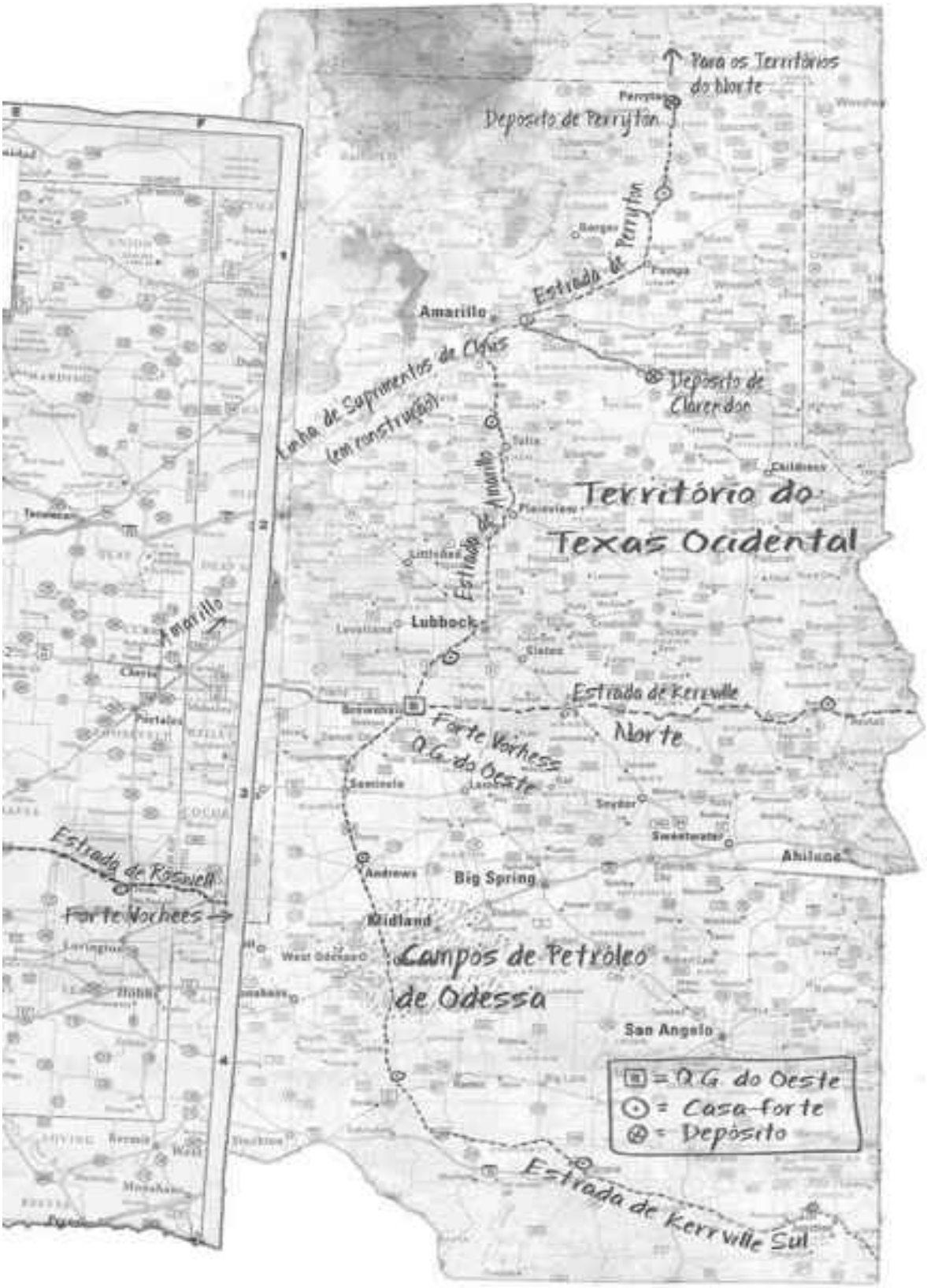
Outono de 97 D.V.

Não era luz, e sim escuridão visível
Servia apenas para descobrir imagens de espanto.

– Milton
Paraíso perdido



Slide nº 2: Mapa dos Territórios Ocidentais, Exército da República do Texas
Apresentado na Terceira Conferência Global sobre o Período de Quarentena Norte-americano
Centro de Estudos de Culturas e Conflitos Humanos
Universidade de New South Wales, República Indo-australiana
16 a 21 de abril, 1003 D.V.


↑ Para os Territórios do Norte
Depósito de Perryton
Perryton
Borger
Panhandle
Estrada de Perryton
Amarillo
Linha de Suprimentos de Clovis (em construção)
Depósito de Clarendon
Clarendon
Tulia
Plainview
Estrada de Amarillo
Território do Texas Ocidental
Littlefield
Lubbock
Levelland
Slaton
Estrada de Kerrville Norte
Seminole
Forte Worthless Q.G. do Oeste
Snyder
Sweetwater
Abilene
Andrews
Big Spring
Midland
Campos de Petróleo de Odessa
San Angelo
Estrada de Kerrville Sul
Estrada de Roswell
Forte Nochees →
Amarillo
Clovis
Portales
Lovington
Hobbs
Roswell
Artesia
Carlsbad
Monahans
Pecos
Stanton
= Q.G. do Oeste
= Casa-forte
= Depósito

VINTE E QUATRO

Finalmente Wolgast havia chegado até Amy. Tinha chegado a ela em sonhos.

Às vezes os sonhos se passavam em um lugar e às vezes em outro. Eram histórias de coisas que haviam acontecido, eventos e sentimentos do passado; eram uma confusão, um pastiche, uma sobreposição de imagens que em sua reconfiguração pareciam totalmente novas. Eram a vida dela, o passado e o presente se misturando, e ocupavam a consciência com tamanha totalidade que, depois de acordar, Amy se espantava ao se descobrir existindo numa realidade simples feita de objetos firmes e tempo ordenado. Era como se o mundo de vigília e o mundo do sono tivessem trocado de posição, este último possuindo uma nitidez maior que não diminuía à medida que ela se movia para as trajetórias de seu dia. Ela estava derramando água de um pote, lendo para as crianças em círculo ou lavando folhas no pátio e, do nada, sua mente se afogava em sensações, como se tivesse penetrado a superfície do mundo visível até chegar às correntes de um rio subterrâneo.

Um carrossel, com as luzes girando e música tilintando, como de sinos. Um gosto de leite frio e a poeira de açúcar nos lábios. Um quarto de luz azul, a mente flutuando com febre e o som de uma voz – a voz de Wolgast – guiando-a gentilmente para fora da escuridão.

Volte para mim, Amy, volte.

O mais poderoso de todos era o sonho do quarto – roupas sujas, fedendo a ranço, espalhadas em pilhas, embalagens de comida velha em cada superfície, uma televisão no canto alardeando crueldade sem sentido, e a mulher que Amy sabia que era sua mãe – experimentava essa percepção com um jorro de saudade sem esperança – movendo-se pelo espaço apinhado com a energia do pânico, pegando coisas no chão, jogando-as em sacos. *Venha, querida, acorde. Precisamos ir.* Estavam indo embora, sua mãe estava indo embora, o mundo havia se partido em dois, com Amy de um lado e a mãe do outro, o momento e seus sentimentos de

separação prolongados de um modo não natural, como se ela estivesse olhando a mãe da popa de um barco que se afastava do píer. Sabia que era ali, naquele quarto, que sua vida havia começado. Que estava testemunhando uma espécie de nascimento.

Mas não eram só as duas. Wolgast também estava ali. Isso não fazia sentido: Wolgast havia entrado em sua vida mais tarde. No entanto a lógica do sonho era tamanha que sua presença era intrinsecamente pouco notável – Wolgast estava ali porque estava. A princípio Amy experimentava a presença dele não como uma realidade corpórea, e sim como um brilho vaporoso de emoção pairando sobre a cena. Quanto mais sentia a mãe se afastando dela, indo para uma urgência particular que Amy não compartilhava nem compreendia – algo terrível havia acontecido –, mais nítida se tornava sua noção da presença dele. Uma calma profunda a invadia: ela olhava com uma sensação de distanciamento, sabendo que aqueles fatos, que pareciam acontecer num presente vívido, na verdade tinham ocorrido muito antes. Estava experimentando-os pela primeira vez ao mesmo tempo que se lembrava deles – era ao mesmo tempo agente e observadora – com a anomalia de Wolgast, que – agora ela descobria – estava sentado na beira da cama, enquanto a mãe não era vista em lugar nenhum. Ele usava terno escuro e gravata, seus pés estavam descalços. Olhava distraidamente para as mãos, que mantinha diante do corpo com as pontas dos dedos se tocando. *Aqui está a igreja*, entoou ele, trançando todos os dedos menos os indicadores, *e aqui está a torre do sino. Abra a porta* – seus polegares se separavam para revelar os outros dedos se mexendo – *e veja todas as pessoas. Olá, Amy.*

– Olá – disse ela.

Desculpe, eu estive longe. Senti saudade de você.

– Senti saudade de você também.

O espaço ao redor deles tinha se alterado: o quarto havia se dispersado numa escuridão em que só os dois existiam, como uma dupla de atores num palco iluminado por um refletor.

Alguma coisa está mudando.

– É, acho que está.

Você terá de ir até ele, Amy.

– Ele quem? Até quem eu devo ir?

Ele é diferente dos outros. Percebi isso na primeira vez que pus os olhos nele. Um copo de chá gelado. Era só isso que ele queria, para se refrescar no calor. Ele amava aquela mulher de todo o coração. Mas você também sabe disso, não é, Amy?

– Sei.

Um oceano de tempo, foi o que eu disse a ele. É o que eu posso lhe dar, Anthony, um oceano de tempo. Uma amargura súbita surgiu no rosto dele. *Sempre odiei o Texas, você sabe.*

Ele ainda não tinha olhado para ela; Amy sentiu que a conversa não exigia e nem mesmo permitia isso. Depois:

Eu estava pensando agora mesmo no acampamento. Nós dois, lendo juntos, jogando Banco Imobiliário. Você comprando Park Place, Boardwalk, Marvin Gardens. Sempre ganhava de mim.

– Acho que você deixava.

Ele deu um risinho. *Não, era sempre você, com justiça. E Jacob Marley.* Um conto de Natal, *era o seu predileto. Acho que você decorou o livro inteiro. Lembra?*

– Lembro de tudo. O dia em que nevou. Lembro de fazer os anjos de neve.

Ele estava preso pelas correntes que forjara em vida. Wolgast franziu a testa numa perplexidade súbita. *Foi uma história muito triste.*

Ali estava o rio, pensou Amy. O grande rio do passado.

Eu poderia ter continuado desse modo para sempre. Wolgast virou os olhos para cima, dirigindo-se à escuridão. *Lila, você não vê? Era isso que eu queria. Era só isso que eu queria.* Depois: *Você... conhece esse lugar, Amy?*

– Acho que não é lugar nenhum. Acho que estou dormindo.

Ele pensou nessas palavras e assentiu levemente. *Bom. Isso me parece certo. Agora que você diz, faz muito sentido.* Respirou fundo e deixou o ar sair lentamente. *É estranho. Há muita coisa que não consigo lembrar. É assim, você sabe. Como se só houvesse um pedacinho da gente que a gente tem de guardar. Mas agora as coisas estão vindo com mais clareza.*

– Sinto saudade de você, papai.

Sei que sente. Sinto saudade de você também, querida, mais do que você jamais vai imaginar. Acho que nunca fui mais feliz do que quando estava com você. Queria ter podido salvar você, Amy.

– Mas você me salvou.

Você era só uma garotinha sozinha no mundo. Eu nunca deveria ter deixado que eles a pegassem. Tentei, mas não o suficiente. Esse é o teste verdadeiro, sabe? Essa é a verdadeira medida da vida de um homem. Eu estava sempre com medo demais. Espero que você possa me perdoar.

Uma onda de tristeza assomou dentro dela. Como ansiava por consolá-lo, abraçá-lo. Mas sabia que, se tentasse, se desse ao menos um passo mais para perto, o sonho iria se dissolver e ela ficaria sozinha outra vez.

– Sim. Claro que sim. Não há o que perdoar.

Tem muita coisa que eu jamais contei a você. Ele estava olhando atentamente para as mãos. *Sobre Lila, sobre Eva. Nossa menininha. Você era muito parecida com ela.*

– Não precisa, papai. Eu sabia, eu sabia. Eu sempre soube.

Você encheu meu coração, Amy. Foi o que você fez por mim. Encheu o lugar onde Eva esteve antes. Mas eu não pude salvar você, assim como não pude salvá-la.

Como se as palavras tivessem forçado isso, a imagem do quarto começou a recuar, o espaço entre os dois se alongando como um corredor. Um desespero súbito a agarrou.

É bom lembrar essas coisas com você, Amy. Se não for problema, acho que vou ficar aqui um pouco.

Ele estava deixando-a, estava indo para uma distância telescópica.

– Papai, por favor, não vá.

Minha menina corajosa. Minha Amy corajosa. Ele está esperando por você. Esteve esperando esse tempo todo, no navio. As respostas estão lá. Você precisa ir até ele quando chegar a hora.

– Que navio? Não sei de navio nenhum.

Mas seus pedidos não adiantaram: o sonho estava se esvaindo, Wolgast havia praticamente ido embora. Estava parado na borda da escuridão que abarcava tudo.

– Por favor, papai – gritou ela. – Não me deixe. Não sei o que fazer.

Finalmente ele virou o rosto para ela e seus olhos a encontraram. Brilhantes, reluzentes, furando o coração da mesma.

Ah, acho que nunca vou deixar você, Amy.

VINTE E CINCO

Acampamento Vorhees, Texas Ocidental
QG Ocidental dos Expedicionários

Ainda que o tenente Peter Jaxon fosse um oficial condecorado, veterano de três campanhas e um homem sobre quem se contavam histórias, às vezes ele se sentia como se sua vida tivesse parado.

Esperava pelas ordens; esperava pela comida; esperava pela latrina. Esperava pela melhora do tempo e, quando isso não acontecia, esperava mais um pouco. Ferramentas, armas, suprimentos, notícias – tudo isso eram coisas pelas quais esperava. Durante dias e semanas – e às vezes até mesmo por meses – ele esperava, como se seu tempo na Terra tivesse sido consagrado ao ato de esperar, como se ele fosse uma máquina de espera do tamanho de um homem.

Estava esperando agora.

Algo importante acontecia na tenda de comando, não restava dúvida em sua mente. Durante toda a manhã Apgar e os outros haviam ficado trancados. Peter começara a temer o pior. Durante quatro meses todos tinham ouvido os boatos, como um ribombar nos morros acima: se a Força-tarefa não matasse um logo, a caçada seria abandonada.

Fazia cinco anos desde que subira a montanha com Amy. Cinco anos caçando os Doze. Cinco anos sem nada para mostrar.

Houston, lar de Anthony Carter, cobaia número 12, teria sido o lugar lógico para começar, se o local não fosse um pântano impenetrável. O mesmo acontecia com Nova Orleans, lar do número 5, Thaddeus Turrell. Tulsa, Oklahoma, área de Rupert Sosa, fora nada mais do que um desastre; a cidade era uma grande ruína, com dracs em toda parte, e eles haviam perdido 16 homens antes de escapar.

Havia outras. Jefferson City, Missouri. Oglala, Dakota do Sul. Everett, Washington. Bloomington, Minnesota. Orlando, Flórida. Black Creek, Kentucky. Niagara Falls, Nova York. Todas distantes e

inalcançáveis, a muitos quilômetros e anos de distância. Colado na parte interna da tampa de seu baú Peter mantinha um mapa com cada uma dessas cidades marcada por um círculo de tinta. Os locais dos Doze. Matar um dos Doze era matar seus descendentes, libertar as mentes deles para a jornada até a morte. Era isso que Lacey havia lhe ensinado quando explodiu a bomba que matou Babcock, a cobaia número 1; o que Amy havia lhe mostrado, saindo da cabana de Lacey para o campo nevado, onde os Muitos haviam se deitado ao sol para morrer.

Você é Smith, você é Tate, você é Erie Ramos Cho Ward Singh Atkinson Johnson Montefusco Cohen Murrey Nguyen Elberson Lazaro Torres...

Na época eles formavam um grupo de 10. Agora eram seis. O irmão de Peter se fora, e Maus, e Sara também. Dos cinco que tinham feito a viagem à Guarnição de Roswell, apenas Hollis e Caleb haviam sobrevivido – o "bebê Caleb", se bem que não era mais um bebê, agora estava no orfanato em Kerrville, sendo criado pelas irmãs. Quando os virais romperam o perímetro da Guarnição de Roswell, Hollis havia fugido com Caleb para uma das casas-fortes. Theo e Maus já estavam mortos. Ninguém sabia o que fora feito de Sara; tinha desaparecido na confusão. Hollis havia procurado seu corpo depois, mas não encontrou nada. A única explicação era que tinha sido tomada.

Os anos haviam espalhado os outros como o vento. Michael estava na refinaria em Freeport, era um petroleiro classe 1. Greer, que havia se juntado a eles no Colorado, estava na cadeia, condenado a seis anos por abandonar seu comando. E quem sabia por onde Hollis andava? O homem que eles haviam conhecido e amado como um irmão tinha se dobrado sob o peso da morte de Sara, seu sofrimento lançando-o nos subterrâneos da cidade, no mundo do comércio. Peter ouvira dizer que ele havia ascendido nas fileiras até se tornar um dos principais ajudantes de Tifty. Do grupo original, somente Peter e Alicia haviam se juntado à caçada.

E Amy. O que se passava com Amy?

Peter pensava nela com frequência. Ela mantinha praticamente a mesma aparência de sempre – como uma garota de 14 anos, não

como a mulher de 103 que era de fato –, porém muita coisa havia mudado desde que tinham se conhecido. A Garota de Lugar Nenhum, que só falava por enigmas, quando falava, não existia mais. Em seu lugar havia uma pessoa muito mais presente, mais *humana*. Falava frequentemente de seu passado, não somente dos anos solitários vagueando, mas das lembranças mais antigas do Tempo de Antes: de sua mãe, de Lacey, de um acampamento nas montanhas e do homem que a havia salvado, Brad Wolgast. Não era seu pai de verdade, dizia Amy, ela jamais soubera quem era seu pai biológico, mas mesmo assim era um pai. Sempre que falava dele, o sofrimento surgia em seus olhos. Peter sabia, sem perguntar, que ele havia morrido para protegê-la e que essa era uma dívida que ela jamais conseguiria pagar, mesmo que pudesse passar a vida – aquele tempo infinito, impossível de ser conhecido – tentando fazer exatamente isso.

Agora ela estava com Caleb, entre as irmãs, depois de assumir o hábito cinza da Ordem. Peter não achava que Amy compartilhasse das crenças delas – as irmãs eram um grupo austero, que professava uma castidade filosófica e física para refletir sua convicção de que esses eram os últimos dias da humanidade –, mas era um disfarce mais do que adequado, um disfarce que Amy podia usar com facilidade. Baseados no que acontecera na Colônia, todos haviam concordado que a identidade verdadeira de Amy e o poder que ela carregava eram algo que ninguém fora do grupo de liderança deveria conhecer.

Peter foi até o refeitório, onde passou uma hora vazia. Seu pelotão, 24 homens, tinha acabado de retornar de uma varredura de reconhecimento até Lubbock, para procurar provisões; a sorte estivera do seu lado e eles haviam completado a missão sem incidentes. O maior prêmio fora um depósito de pneus velhos. Em um ou dois dias eles retornariam com um caminhão para pegar o máximo que pudessem carregar para Kerrville.

Os oficiais superiores estavam na barraca havia horas. O que poderiam estar conversando?

Sua mente vagueou até a Colônia. Era estranho o fato de que não pensava nela durante semanas ou até meses seguidos e então, do

nada, as lembranças saltavam para a mente. Os acontecimentos que haviam precipitado sua partida pareciam ter ocorrido com outra pessoa – não com o tenente Peter Jaxon dos Expedicionários ou mesmo com Peter Jaxon, vigia pleno, e sim com uma espécie de menino-homem, com a imaginação circunscrita ao trecho minúsculo de terreno que abarcava toda a sua vida. Quanta energia fora dedicada a alimentar seus próprios sentimentos de inadequação, manifestados na rivalidade mesquinha com o irmão, Theo? Pensava com orgulho meditativo no que seu pai, o Grande Demetrius Jaxon, Guardião-chefe, Capitão das Longas Cavalgadas, teria dito a ele agora. *Você se saiu bem. Você levou a luta até eles. Tenho orgulho de chamá-lo de filho.* No entanto Peter teria recusado tudo isso em troca de apenas mais uma hora na companhia de Theo.

E, sempre que olhava para Caleb, era seu irmão que via.

Satch Dodd se juntou a ele na mesa. Oficial como Peter, Satch era apenas um menininho, o sobrevivente mais novo, quando sua família foi morta no Massacre da Plantação. Pelo que Peter sabia, Satch nunca falava nada sobre isso, mas a história era bem conhecida.

– Tem alguma ideia do que se trata? – perguntou Satch. Ele tinha um rosto redondo, infantil, que o fazia parecer completamente sério o tempo todo.

Peter balançou a cabeça.

– Foi uma boa descoberta, em Lubbock.

– Eram só pneus.

A mente dos dois voava em outro lugar; estavam simplesmente matando o tempo.

– Pneus são pneus. Não podemos fazer muita coisa sem eles.

O esquadrão de Satch partiria de manhã para fazer uma varredura de 150 quilômetros na direção de Midland. Era um trabalho ruim: a área era uma fossa de óleo borbulhando de poços antigos que nunca tinham sido tampados.

– Vou contar uma coisa que ouvi – disse Satch. – A Autoridade Civil está querendo saber se algum daqueles poços antigos ainda pode ser operado, para quando os tanques secarem. Talvez a gente tenha de montar guarda lá em pouco tempo.

Peter ficou espantado: nunca pensara nessa possibilidade.

– Achei que havia óleo suficiente em Freeport para durar para sempre.

– Existe o para sempre e o para sempre. Em teoria, sim, há bastante óleo por lá. Mas cedo ou tarde tudo acaba. – Satch o encarou. – Você não tem um amigo que é petroleiro? Um cara da sua turma da Califórnia, não é?

– Michael.

Satch balançou a cabeça, achando divertido.

– Andar desde a Califórnia. Ainda é a história mais maluca que já ouvi. – Ele pôs as palmas das mãos na mesa e se levantou. – Se tiver alguma notícia lá de cima, me avise. Se eu precisasse apostar, diria que eles vão mandar todos nós a Midland daqui a pouco para chapinhar no óleo.

Deixou Peter sozinho. As palavras de Satch não tinham servido nem um pouco para animá-lo; longe disso. Meia dúzia de alistados entrou no refeitório, conversando com a familiaridade áspera, cheia de palavrões, de homens que procuravam comida. Peter não se incomodaria em ter um pouco de companhia para afastar a mente das preocupações, mas, enquanto eles saíam da fila procurando uma mesa, ninguém olhou em sua direção; a divisa de prata oxidada em seu colarinho e o desânimo que ele irradiava evidentemente bastavam para afastá-los.

O que os oficiais superiores poderiam estar conversando?

Abandonar a caçada: Peter não podia imaginar isso. Durante cinco anos havia pensado em pouca coisa além disso. Tinha se alistado nos Expedicionários depois de Roswell; um monte de homens tinha feito isso. Para cada pessoa que havia perecido naquela noite existia um amigo, irmão ou filho que tomara seu lugar. Os que eram motivados apenas pela necessidade de vingança tendiam a cair fora cedo ou ser mortos – era preciso ter um motivo melhor – e Peter não tinha ilusões quanto a si mesmo. A vingança era um fator. Mas as raízes de seu desejo eram mais profundas. Durante toda a sua vida, desde os dias das Longas Cavalgadas, ansiara por fazer parte de alguma coisa, uma causa maior do que ele próprio. Tinha sentido isto no momento em que fizera o juramento que o ligava aos colegas: sua causa, seu destino, sua pessoa, tudo estava ligado aos deles.

Tinha imaginado se de algum modo ele seria menos ele próprio, com a identidade submetida ao coletivo, mas a verdade era o oposto. Não era uma coisa da qual pudesse falar, principalmente depois que Theo e os outros tinham partido, mas entrar para os Expedicionários o fizera sentir-se vivo de um modo que jamais acontecera antes. Olhando os soldados enquanto comiam – rindo, fazendo piadas e enfiando feijão na boca como se aquela fosse a última refeição de suas vidas –, lembrou-se com inveja daqueles primeiros dias.

Porque em algum ponto do caminho o sentimento o abandonara. Enquanto campanhas eram travadas, homens morriam e territórios eram tomados e perdidos, e nada disso parecia resultar em alguma coisa, aquilo foi se esvaindo lentamente. Sua ligação com os homens continuava, uma força tão permanente quanto a gravidade, e ele teria se sacrificado por qualquer um deles sem a mínima hesitação, assim como acreditava que eles fariam por ele. Mas faltava alguma coisa, não sabia exatamente o quê. Sabia o que Alicia teria lhe dito. *Você só está cansado. Isso é uma caminhada estafante. Acontece com todo mundo, seja paciente.* Não estava errado, mas também não era toda a história.

Finalmente Peter não conseguiu mais aguentar. Saiu da barraca e marchou pelo complexo. Só precisava de algum pretexto para bater; com alguma sorte, iriam deixá-lo entrar e ele poderia ter alguma ideia do que estavam tramando.

Não precisaria ter se incomodado. Enquanto se aproximava, a porta se abriu: era o major Henneman, ajudante do coronel. Magro, cabelos louros espetados, dentes ligeiramente tortos que só apareciam quando ele sorria, ou seja, nunca.

– Jaxon. Eu ia procurar você. Entre.

Peter entrou na sombra da barraca, parando à porta para deixar os olhos se acostumarem. Sentados ao redor da mesa grande estavam todos os oficiais superiores – os majores Lewis e Hooper, os capitães Rich, Perez e Childs e o coronel Apgar, oficial à frente da Força-tarefa – além de mais uma pessoa.

– Oi, Peter.

Alicia.

– Consegui encontrar duas entradas, aqui e aqui.

Alicia estava direcionando a atenção de todo mundo para um mapa aberto na mesa: levantamento geológico dos eua, sul do novo méxico. Ao lado havia um segundo mapa, menor e desbotado pelo tempo: serviço de parques nacionais, cavernas de carlsbad.

– A abertura principal da caverna tem uns 300 metros de largura. Não podemos lacrá-la nem mesmo com nosso maior artefato explosivo, e o terreno é difícil demais para arrastar uma carga até lá, de qualquer modo.

– Então o que você propõe? – perguntou Apgar.

– Vamos encaixotá-lo lá dentro. – Ela apontou para o mapa de novo. – Encontrei outra entrada, a cerca de 400 metros dali. É um velho poço de elevador. Martínez tem de estar em algum ponto entre essas duas entradas. Mandamos um pacote de H2 para a entrada principal, dentro do túnel que conduz ao poço. Isso deve levá-lo para a base do elevador, onde posicionaremos um único homem para recebê-lo na saída.

– Um único homem – repetiu Apgar. – Quer dizer, você.

Alicia assentiu.

O coronel se recostou na cadeira. Todo mundo esperou.

– Não me entenda mal, tenente. Sei do que você é capaz. Todos sabemos. Mas se essa coisa é parecida com o que você viu em Nevada, deve ser uma viagem só de ida.

– Se houver mais alguém, só vai me deixar mais lenta.

Ele estava franzindo a testa com ceticismo.

– E você tem certeza de que Martínez está lá embaixo.

– Faz sentido, senhor. Babcock usava uma caverna também. E El Paso fica só a 150 quilômetros de Carlsbad. É a região onde ele nasceu.

Apgar pensou um momento.

– Concordo, o padrão se encaixa, mas como você pode ter tanta certeza?

Alicia hesitou.

– Não posso explicar de verdade, coronel. Simplesmente sei.

Peter estava sentado na outra extremidade da mesa.

– Permissão para falar, senhor.

Apgar protestou com o olhar.

– Ótimo, Jaxon, vá em frente e diga o que todos sabemos que você vai dizer.

– Eu sou a única outra pessoa que já viu uma dessas coisas. Confio na tenente Donadio. Se ela diz que Martínez está lá embaixo, ele está.

– Todos sabemos de sua história, tenente. Isso não muda o fato de que aqui só temos uma intuição. Não vejo sentido em arriscarmos alguém a menos que tenhamos certeza.

– Então talvez haja outro modo. Todas as cobaias originais receberam chips, como Amy. Podemos usar o sinal para localizá-lo.

– Já pensei nisso. Só há um problema. As ondas de rádio não passam pelas rochas. Como você propõe conseguir um sinal emitido 300 metros abaixo do solo?

– Não vamos captá-lo na superfície. Vamos captá-lo dentro da caverna.

Peter atraiu a atenção deles de novo para o diagrama.

– Faremos o que Alicia diz, posicionando um pacote de H2 no túnel que leva da entrada principal à outra câmara. Os Doze são grandes, mas em locais apertados isso deve bastar para atrair a atenção de Martínez. O pacote estará ligado por um fio à base da entrada principal, onde se conectará à superfície por um detonador via rádio, de modo que possamos explodir de uma distância segura. Chamemos isso de Esquadrão Azul.

Apgar assentiu.

– Até aí estou acompanhando.

– Certo, mas não mandamos só um homem pelo poço do elevador para encontrar Martínez na saída. Mandamos dois, com um detector de sinal de rádio. Chamemos isso de Esquadrão Vermelho. A primeira coisa que o Esquadrão Vermelho faz é plantar um segundo pacote de H2 perto da base do poço. Colocamos com temporizador curto, digamos 15 segundos. O homem número 1 continua penetrando na caverna, usando o detector de sinal de rádio para localizar Martínez, mas o homem número 2 mantém posição no elevador. O truque será estabelecer linhas de visão para manter o contato de rádio com a superfície, de modo que esse é o serviço do

segundo homem. Ele é o intermediário. Basicamente usamos um sistema de corrente. O homem 1 está ligado pelo rádio ao homem 2, que está conectado a quem estiver posicionado no topo do poço, podemos chamá-lo de homem 3, que está conectado com o Esquadrão Azul. Desse modo podemos coordenar todos os elementos da operação. Sem ter de ficar adivinhando.

– É justo, mas já estou vendo os problemas, tenente. Lá embaixo é um labirinto. E se o homem 1 e o 2 perderem contato? A coisa toda desmorona.

– É um risco, mas não há motivo para isso acontecer, desde que o primeiro homem não passe além dessas três bifurcações. – Peter mostrou no mapa. – Isso não vai nos dar uma visão integral da caverna, mas devemos ser capazes de examinar a maior parte dela.

– Continue.

– Bom. Mandamos dois pacotes, o homem 1 vai procurar Martínez, o homem 2 espera para ouvir. Depois disso é só uma questão de acertar o tempo. Assim que o homem 1 localizar Martínez, ele sinaliza por rádio para o homem 2, que contata a superfície. O Esquadrão Azul explode o buraco. Martínez fica puto. O homem 1 volta correndo ao poço, atraindo-o para o elevador. O homem 2 liga o temporizador. Eles sobem, o segundo pacote explode, Martínez vira história. – Ele bateu palmas. – Simples.

Apgar pensou um momento.

– Não há muita margem para erro aí. Sei que Donadio é rápida, mas 15 segundos não vão ser suficientes para se afastar da explosão. Não sei se podemos trazer alguém com o guincho tão depressa.

– Não teremos de fazer isso. O poço em si vai oferecer proteção suficiente. Cinco metros já devem bastar.

– Só para esclarecer, você está falando em usar o homem 1 como isca.

– Correto, senhor.

– Parece que você já fez isso antes.

– Eu, não. A irmã Lacey.

– Sua freira mística.

– Lacey era muito mais do que isso, coronel.

Apgar juntou as pontas dos dedos, olhou o mapa, depois levantou o olhar para o rosto de Peter.

– O homem 1 é Donadio, obviamente. Alguma ideia de quem poderia ser essa segunda figura suicida?

– Sim, senhor. Eu gostaria de me oferecer.

– E por que será que não estou surpreso? – Apgar se virou para os outros. – Mais alguém quer falar alguma coisa? Hooper? Lewis?

Os dois concordaram.

– Donadio?

Ela olhou para Peter – *você tem certeza disso?* –, depois assentiu rigidamente.

– Para mim está bom, coronel.

Houve uma pausa breve, seguida por um suspiro de rendição.

– Certo, tenentes, este show é de vocês. Henneman, você acha que dois esquadrões vão bastar?

– Creio que sim, coronel.

– Informem ao tenente Dodd e organizem um destacamento para montar os portáteis. E vejamos o tal detector de sinal de rádio. Eu gostaria de pôr isso em movimento em menos de 48 horas. – Apgar olhou para Peter de novo. – Última chance de mudar de ideia, tenente.

– Não, senhor.

Apgar pareceu se permitir o breve luxo de um sorriso.

– Foi o que pensei. – Ele levantou o olhar para os outros. – Certo, pessoal. Vamos mostrar ao comando de que somos feitos e matar esse sacana.

Duas noites depois eles montaram acampamento na base da montanha. Um par de portáteis e 24 homens dormindo em estrados. Acordaram ao amanhecer para preparar a subida. O terreno ao redor dos portáteis estava cheio de rastros na poeira, os visitantes noturnos, atraídos pelo cheiro de duas dúzias de homens cochilando, um grande festim negado por paredes de aço. A montanha era íngreme demais para veículos e o caminho era sinuoso. Qualquer coisa que trouxessem teria de ser carregada às costas. Sem os portáteis para protegê-los no topo da montanha, não haveria uma

segunda chance. À luz clara da manhã os termos da missão estavam definidos nitidamente. Encontrar Martínez e matá-lo ou morrer na escuridão.

Henneman era o oficial no comando – algo incomum. Raramente ele saía dos muros da guarnição. Mas tinha chegado a essa posição de segurança relativa com o passar dos anos fazendo exatamente o oposto. Tulsa, Nova Orleans, Kearney, Roswell – Henneman havia subido de posto numa escada feita de batalhas e sangue. Ninguém duvidava de sua capacidade, e sua presença era importante. Peter comandaria um esquadrão, Dodd o outro. Alicia era Alicia: a atiradora de elite, o guerreiro solitário, a que não se encaixava e parecia, em grande medida, não prestar contas a ninguém. Todo mundo sabia do que ela era capaz, no entanto seu status era uma fonte de incômodo para os homens. Que Peter soubesse, ninguém jamais dizia nada – se falavam de suas preocupações, não era com ele –, mas o desconforto era evidente no modo como mantinham distância, nos olhares cautelosos que lançavam a ela, como se não pudessem se obrigar a encará-la. Ela era uma ponte entre os humanos e os virais, situada em algum ponto intermediário: onde ela se encaixava?

Partiram logo depois do alvorecer. Agora era uma corrida contra o tempo. Precisariam colocar as cargas e estar com todo mundo posicionado antes do pôr do sol. A noite fria do deserto tinha dado lugar a um sol escaldante, cujos raios implacáveis batiam nas costas, depois nos ombros, depois no topo da cabeça. Não havia tempo para descansar; as rações eram passadas pelas fileiras enquanto eles subiam, Alicia à frente, ocasionalmente voltando para conferenciar com Henneman e os outros. Quando chegaram à entrada da caverna era fim da tarde.

– Meu Deus, você não estava brincando – disse Henneman.

Estavam na boca da caverna. O sol no oeste iluminava o interior, mas seus raios só iam até uma pequena distância; depois dela havia uma bocarra de escuridão. O anfiteatro, com seus bancos curvos de pedra e os espaços no meio atulhados de folhas secas e outros detritos, era inexplicável; se uma plateia se sentava ali, era para assistir a quê? Corrimãos de metal emolduravam uma trilha curva

que descia em zigue-zague para a caverna. Ainda restavam três horas úteis de luz do dia.

Revisaram o plano uma última vez. O esquadrão de Dodd colocaria as cargas na entrada da caverna. Segundo o mapa de Alicia, o caminho em zigue-zague terminava 60 metros abaixo do solo, onde um túnel estreito descia mais 60 metros até a primeira de várias câmaras grandes. As cargas seriam postas dentro desse túnel, conectadas por fio a um detonador de rádio com linha de visão limpa até a boca da caverna. A explosão lançaria uma onda de compressão pelo túnel, com a força destrutiva ampliada exponencialmente pela viagem através daquele espaço estreito – em teoria, fazendo qualquer coisa que estivesse ali dentro correr para o poço do elevador. Assim que as cargas estivessem posicionadas e os homens de Dodd houvessem voltado à superfície, Peter e Alicia começariam a descer. A gaiola do elevador estava no fundo, 200 metros abaixo da superfície, mantida no lugar por seus contrapesos alojados no topo. Um guincho mecânico baixaria Peter e Alicia por uma corda até a base do túnel e iria puxá-los de volta quando fugissem.

Dodd e sua equipe partiram. Quinze minutos depois ele avisou pelo rádio: tinham chegado à boca do túnel.

– Aqui embaixo é assustador – disse Dodd. – Vocês precisam ver.

Eles veriam, em breve. O esquadrão de Dodd tinha 100 metros de cabo para ligar o detonador ao pacote. Seguiram-se cinco minutos de silêncio, e então a voz de Dodd retornou. A bomba e o cabo estavam colocados; sua equipe havia começado a subida. Peter e Alicia estavam esperando no topo do poço do elevador, localizado a 400 metros dali, numa estrutura que antigamente abrigava os escritórios do parque. O guincho estava posicionado. Eram 17h; o tempo era escasso.

A voz de Dodd pelo rádio:

– Esquadrão Azul, pode ir.

Alicia e Peter prenderam os arneses; Henneman desejou boa sorte. Eles se equilibraram na beira do poço e se soltaram, descendo na escuridão como moedas num poço dos desejos. Luzes fluorescentes portáteis presas aos coletes banhavam as paredes de

um brilho amarelado. A mente de Peter estava límpida, os sentidos aguçados. Existe uma espécie de medo que aprofundava a percepção, trazendo foco à mente; o dele era assim. A temperatura baixava rapidamente, eriçando os pelos de seus braços. Trinta metros, 60, 100, a descida era rápida, o peso dos dois suspenso pelos arneses, como se estivessem descendo em duas mãos em concha. Os cabos do elevador – um grosso tronco de aço torcido e duas linhas mais finas envoltas em plástico – passavam com velocidade. Uma forma escura emergiu embaixo: o topo do elevador. Os cabos estavam aparafusados a uma placa no teto. Eles pousaram com uma pancada suave.

– Esquadrão Vermelho embaixo.

Alicia abriu a escotilha e eles desceram para dentro. A porta estava aberta. Do outro lado havia uma sensação de espaço imensurável: era como se estivessem na entrada de uma catedral. O ar era úmido e frio, com um forte cheiro de terra, vagamente sugerindo ureia. Examinaram o espaço com as luzes dos fuzis, os fachos percorrendo o negrume imenso. A toda a volta havia formas estranhas, de aparência orgânica, como se as paredes fossem feitas de carne esmagada.

– Por todos os voadores, saca só este lugar – disse Alicia.

Alicia tirou os óculos; agora estava em seu ambiente, uma zona de noite eterna. À luz das lâmpadas fluorescentes ajoelhou-se e tirou dois objetos da mochila. O primeiro era o pacote de explosivos – oito bananas de explosivo plástico ligadas a um temporizador mecânico. Colocou-o cuidadosamente no piso da caverna. O segundo era o detector de sinal de rádio, um pequeno objeto com uma antena direcional e um medidor para registrar a força de um sinal a 1.432 mega-hertz. Ligou o interruptor e saiu da gaiola, segurando o DSR à frente para fazer uma varredura do espaço. O aparelho começou a emitir um bipe fraco mas regular, como uma pulsação. O medidor se moveu um pouco.

– Peguei você.

Peter avisou pelo rádio à superfície: o alvo estava presente. Não tivera motivo para duvidar da afirmação de Alicia, mas de repente a situação havia adquirido uma realidade mais poderosa. Em algum

lugar naquelas cavernas imensuráveis, Julio Martínez, o Décimo dos Doze, estava esperando.

– Diga a Dodd para ficar preparado e esperar meu sinal – disse Peter a Henneman.

– Positivo. Atenção total, tenentes.

O momento havia chegado. Peter e Alicia trocaram um último olhar cheio de significado. De novo ali estavam, ambos juntos à beira do precipício. Não havia necessidade de reconhecer isso através de palavras; tudo fora dito. Nenhum dos dois conseguiria existir sem o outro, mas a distância entre eles jamais poderia ser atravessada. Eles eram quem eram, soldados em guerra. Esse era um elo que transcendia todos os outros, a não ser um, a única coisa que eles não poderiam ter. Alicia estava usando, como sempre, suas bandoleiras características, mas havia trocado a besta por um fuzil M-4 com o tubo grosso de um lançador de granadas fixado embaixo do cano. Martínez não teria misericórdia da parte dela, nenhuma bênção final.

– Vejo você daqui a pouco.

E foi sumindo na escuridão.

Na boca da caverna, o esquadrão de Satch Dodd havia formado uma linha de tiro ao longo da fileira de bancos mais baixa do anfiteatro. O céu havia começado a escurecer perceptivelmente, um enriquecimento das cores enquanto o dia se derramava na direção da noite. Dodd estava segurando o detonador. O sinal, transmitido para o receptor na base da caverna, fecharia um circuito elétrico simples, lançando um jorro de corrente pelo fio até a bomba.

Mesmo a essa distância, faria um estrondo infernal.

Ainda que não fosse uma coisa que ele poderia demonstrar aos seus homens, a viagem ao fundo da caverna o havia abalado. Dodd jamais havia experimentado um lugar assim – um mundo fantasmagórico de formas alienígenas, cores estranhas e dimensões distorcidas, bolsões de escuridão em toda parte para onde olhava, espiralando-se e descendo para o nada. A viagem pelo túnel parecera um arrastar-se para a própria sepultura. No orfanato Dodd havia aprendido sobre o inferno, um reino de escuridão eterna onde

as almas dos maus se retorciam para sempre em agonia. Ainda que inicialmente essa ideia o aterrorizasse, algo nela lhe parecia, mesmo na época, ligeiramente inacreditável. Mesmo sendo só um menino, de algum modo sentia que o inferno não passava de uma história que as irmãs haviam inventado para manter as crianças na linha, em nada diferente das fábulas que elas liam para ensinar lições simples de moral. O status de Dodd como o mais jovem sobrevivente do Massacre da Plantação sempre lhe garantira um posto ligeiramente elevado entre as crianças, como se essa experiência o tivesse tornado mais sábio, de algum modo. Isso, claro, era totalmente equivocado – não tendo conhecido os pais, ele não sentia sua perda e não se lembrava de nada daquele dia –, mas, sob o feitiço da admiração dos colegas pelo manto imaginário de seu sofrimento, Dodd passou a se ver como um garoto com poderes especiais de percepção, principalmente com relação às proclamações místicas das irmãs. Quanto a Deus, tudo bem, Dodd aceitava isso, fazia algum sentido. O céu era uma ideia agradável e ele se sentia feliz em concordar com ela, já que não custava nada acreditar. Mas era só até aí que estava disposto a ir. O inferno era puro absurdo.

Agora, parado na boca da caverna com o detonador na mão, Dodd não tinha tanta certeza.

A espera nunca era fácil. Assim que o tiroteio começava, um sentimento de clareza sempre tomava conta. Você morreria ou não, mataria ou seria morto, era uma coisa ou outra, sem nada no meio. Você sabia onde estava, e durante aqueles momentos de violência e coração batendo forte Dodd sentia-se erguido numa onda de adrenalina que erradicava praticamente tudo o que fosse ao menos vagamente pessoal. No caos do combate, o homem conhecido como Satch Dodd deixava de existir, até para si mesmo, e, quando a poeira baixava e ele se pegava ainda de pé, experimentava um jorro de existência crua, como se tivesse sido lançado por um canhão de volta ao mundo.

Era na espera que a pessoa experimentava uma dose grande demais de si mesma. Lembranças, dúvidas, arrependimentos, ansiedades, toda a gama de possibilidades que o futuro continha, tudo misturado na mente como uma sopa. Enquanto metade dos

pensamentos de Dodd se focalizava intensamente na situação atual – o detonador em sua mão, a presença de seus homens em volta e o walkie-talkie preso no ombro, através do qual viria o comando de Henneman para explodir o buraco –, a outra metade ricocheteava pelas câmaras de seu eu particular, ao mesmo tempo que parecia observar sua pessoa física a distância. Só quando Henneman desse o sinal para detonar a bomba, esse sentimento, uma espécie de náusea psicológica no corpo inteiro, cederia, acendendo sua capacidade de agir.

A voz do major estalou no rádio.

– Esquadrão Azul, atenção. Donadio está descendo.

Algo se retesou dentro dele; sentiu-se retornando a si.

– Positivo.

A coisa aconteceria logo.

Duzentos metros abaixo, nas cavernas sem luz deixadas para trás quando as águas ricas em sulfetos vazaram para cima penetrando nos depósitos de calcário fissurados de um antigo recife, Alicia Donadio avançava na direção do sinal. Não tinha dúvida de que esse sinal emanava do chip implantado no pescoço de Julio Martínez, um dos 12 prisioneiros do corredor da morte infectados com o vírus do tipo CV criado pelo Projeto Noé no alvorecer da era atual.

Louise, pensou, *Louise*.

No momento em que haviam tocado o chão da caverna esse nome tomara conta de sua mente. Não tinha dúvida de quem era aquela pessoa. Segundo os registros que conseguiram pegar do Projeto Noé, Martínez fora condenado à morte pelo assassinato de um policial, não por estupro e assassinato de uma mulher. Talvez a morte dela não tivesse sido registrada ou então nunca fora relacionada a ele. O assassinato do policial também estava ali, um clarão de violência parecendo uma fagulha incandescente, mas dentro de cada um dos Doze havia uma história singular – a história que era a verdadeira essência, o cerne de quem eles eram. Para Martínez a história era Louise.

Segundo o mapa, dois túneis levavam do elevador para cavernas separadas, marcadas com nomes que sugeriam sua grandiosidade.

Palácio do Rei. Salão dos Gigantes. Câmara da Rainha. E, simplesmente, O Salão. Para manter uma linha de visão com Peter, e com isso estabelecer comunicação com a superfície, Alicia não poderia ir mais longe do que os entroncamentos na outra extremidade de cada passagem. Para além disso estaria sozinha.

Palácio do Rei, pensou. De algum modo isso parecia combinar com ele.

– Vou para a esquerda.

Enquanto seguia pela passagem, o medidor do DSR saltou, o bipe acelerando também. Ela havia apostado certo. As paredes se comprimiam ao redor, com lascas de alguma substância brilhante incrustadas na superfície, reluzindo sob o facho de seu fuzil. Havia virais ali, uma grande horda, como um tesouro escondido, presididos por Martínez. Agora Alicia podia senti-lo de forma clara: a imagem se aprofundava em sua mente a cada passo. Louise, com a corda enrolada no pescoço e se apertando, os olhos arregalados de terror atônito, mas algo havia mudado. Agora Alicia estava experimentando esse acontecimento em duas direções simultaneamente. Estava olhando para Louise e ao mesmo tempo olhando *a partir* dela. Como era possível? Quando havia adquirido essa ligação com o mundo invisível? Através dos olhos de Louise via o rosto de Martínez. Um homem arrumado, com feições bem delineadas, cabelo prateado puxado para trás formando um delicado bico na linha das raízes. Um rosto humano, ainda que não exatamente: não havia nada que pudesse ser chamado de gente atrás daqueles olhos, apenas um vazio sem alma. O prazer que ele estava sentindo era animalesco. Para ele Louise não era nada. Era uma organização de superfícies quentes criada apenas para seu desejo e para ser despachada. Seu nome estava escrito claramente na blusa, no entanto a mente dele não podia conectar aquele nome com a pessoa humana que ele estava estrangulando durante o estupro, porque a única coisa real para ele era ele próprio. Alicia sentiu o terror de Louise, e sua dor, e então o momento sombrio em que a mulher entendeu que a morte era iminente, que sua vida estava terminando, que morreria sem qualquer conhecimento do universo em que ela existira, e a última

coisa que sentiria enquanto partia do mundo era Martínez, estuprando-a.

Alicia tinha chegado ao entroncamento, um lugar chamado Pátio dos Ossos. Um cheiro forte de urina ardia em suas narinas, cobrindo as mucosas da boca e da garganta. No ar úmido sua respiração saía numa nuvem gélida. O bipe do DSR, acelerando constantemente, havia se tornado um fluxo contínuo de som.

Ela sabia o que pretendia fazer. Tinha pretendido isso o tempo todo. O plano era um disfarce, um ardil elaborado para esconder seu objetivo.

Queria matar Martínez pessoalmente. Queria senti-lo morrer.

Junto ao elevador, Peter percebeu que algo estava errado apenas alguns segundos antes de Alicia sumir de sua linha de visão. Não havia uma explicação racional para esse conhecimento; simplesmente lhe veio do nada, um sentimento sísmico no fundo dos ossos.

– Lish, câmbio.

Não houve resposta.

– Lish, está ouvindo?

Um sibilo de estática e depois:

– Fique aí.

Havia algo inquietante na voz dela. Um sentimento de resignação, como se estivesse cortando a corda que a segurava sobre um abismo. Antes que ele pudesse responder, a voz dela retornou:

– Sério, Peter.

Em seguida ela sumiu.

Peter falou pelo rádio com a superfície.

– Tem algo errado. Eu perdi Alicia.

– Mantenha posição, Jaxon.

Ela havia falado que era o túnel da esquerda? É, o da esquerda.

– Vou atrás dela – disse a Henneman.

– Negativo. Fique...

Mas Peter não ouviu o resto da mensagem de Henneman. Já estava se afastando.

Ao mesmo tempo o tenente Dodd havia começado uma corrida louca, descendo a trilha em zigue-zague para dentro da caverna. Não tinha conhecimento que a rede de transmissão de rádio fora cortada e que nem Peter nem Alicia sabiam que a bomba na entrada principal havia se desarmado – a primeira falha numa cascata de acontecimentos que jamais seria totalmente refeita de modo a satisfazer o comando. De algum modo – um curto, um defeito mecânico, um capricho do destino – o receptor na entrada da caverna perdera contato com a superfície. Uma cagada de primeira classe, a maior que já houvera, e agora Dodd estava correndo para a boca do inferno.

Sua primeira descida havia levado 15 minutos; correndo loucamente pelo caminho traiçoeiro e cheio de curvas bruscas, Dodd chegou ao fundo em menos de cinco. Na periferia da visão percebeu algo se mexendo acima, seguido por um guincho agudo, mas na pressa não conseguiu processar o que era; se viesse a ordem de explodir o pacote antes que ele tivesse retornado, sua equipe iria dispará-lo de qualquer modo, matando-o na explosão. A única coisa em sua mente era chegar ao fundo, consertar o detonador e sair.

Ali estava. O receptor. Dodd o havia deixado numa pedra lisa parecida com uma mesa, situada na boca do túnel. Agora estava no chão, caído de lado. Que força o havia derrubado? Dodd se ajoelhou, com o peito arfando. Rios de suor escorriam pelo rosto. Havia um fedor medonho no ar. Cuidadosamente pegou o dispositivo. O receptor tinha dois interruptores, um para armar o detonador e outro para fechar o circuito e disparar a bomba. Por que não estava funcionando? Mas então percebeu que a antena havia se soltado, entortando-se na queda. Pegou uma chave de fenda na mochila.

O teto tinha começado a se mexer.

Alicia notou primeiro os ossos. Os ossos e o cheiro, um fedor insuportável – forte, biológico, como gás de sepultura engarrafado. Deu um passo à frente. Quando sua bota encostou no chão ela sentiu, depois ouviu, o estalo de um osso. O esqueleto de alguma coisa pequena. O crânio minúsculo, com o riso zombeteiro de

dentes: alguma espécie de roedor? Seu campo de visão se alargou. O piso era atapetado pelos restos quebradiços, em muitos lugares empilhados até a altura dos joelhos ou mesmo da cintura, como montes de neve.

Onde você está?, pensou. *Apareça, seu sacana. Tenho um recado de Louise.*

Martínez estava perto, muito perto. Ela se encontrava praticamente em cima dele. Pela primeira vez em muitos anos Alicia conheceu o gosto do medo, porém foi mais do que isso: conheceu o ódio. Uma força pura, agarrando e preenchendo cada parte dela. Toda a sua vida parecera uma convocação para esse momento. Martínez era o grande sofrimento do mundo. Não era glória que ela buscava, nem mesmo justiça. Era vingança. Não a morte, mas o ato de matar. Dizer: *Isto é por Louise*. Sentir a vida deixando-o sob sua mão.

Venha a mim. Venha a mim.

Uma forma se destacou do negrume, um clarão de pele branca no facho de seu fuzil. Alicia se imobilizou. Que diabo...? Deu um passo adiante, depois outro.

Era um homem.

Arruinado e frouxo, velho, mais do que velho, a figura emaciada, um esboço de ossos; a pele desprovida de toda a cor, quase translúcida. Estava encolhido nu, no piso da caverna. Enquanto a luz de seu fuzil passava sobre o rosto dele, o sujeito não se mexeu. Os olhos eram como pedras, inertes de cegueira. Havia um morcego se retorcendo nas suas mãos. As asas longas, parecidas com uma pipa, as membranas finíssimas esticadas sobre o leque atenuado dos ossos dos dedos, balançavam-se impotentes. O homem levou o morcego ao rosto e, com uma energia chocante, envolveu a cabeça delicada com a boca. Houve um último guincho abafado e um tremor das asas da criatura, e em seguida um estalo; o homem torceu o corpo e cuspiu a cabeça no chão. Encostou o corpo nos lábios e começou a sugar vigorosamente, balançando-se com o ritmo das inalações, um arrulho débil, quase infantil, pulsando na base da garganta.

A voz de Alicia soou desajeitadamente forte no espaço amplo, como se fosse uma violação romper um silêncio de décadas.

– Quem, diabos, é você?

O homem apontou o rosto cego e rígido na direção da fonte do som. Tinha sangue nos lábios e no queixo. Alicia notou pela primeira vez uma imagem azulada subindo pela lateral do pescoço: a figura de uma cobra.

– Responda.

Um leve sopro, mais ar do que fala.

– Ig... Ig...

– Ig? Esse é o seu nome? Ig?

– ...nacio. – Sua testa se franziu. – Ignacio!

De trás dela veio o som de passos esmagando ossos; quando Alicia se virou, o facho do fuzil de Peter varreu seu rosto.

– Eu disse para você esperar.

O rosto de Peter estava vazio, hipnotizado pela imagem do homem encolhido no chão.

Alicia apertou o cano do fuzil na testa do homem.

– Onde ele está? Cadê o Martínez?

Lágrimas cresceram nos olhos sem visão.

– Ele nos abandonou. – Sua voz era como um gemido de dor. – Por que ele nos abandonou?

– Como assim, ele abandonou vocês?

Com um gesto de busca, o homem levou uma das mãos ao cano do fuzil de Alicia, envolveu-o com os dedos e puxou o cano contra a testa.

– Por favor – disse. – Me mate.

Havia morcegos. Morcegos às centenas, aos milhares, aos milhões. Explodiram do teto do túnel e a toda a volta, uma massa sólida voando, inundando os sentidos de Dodd com seu calor, seu peso, seu som e seu cheiro. Acertaram-no como uma onda, lacrando-o dentro de um vórtice de puro frenesi animal. Ele estava balançando os braços feito louco, tentando afastá-los do rosto e dos olhos; sentia mas ainda não experimentava totalmente a ardência dos dentes cravando-se na carne, como uma série de alfinetadas distantes. Eles vão despedaçá-lo, dizia sua mente, é assim que isso vai terminar, seu destino medonho é morrer nesta caverna, despedaçado por

morcegos. Dodd gritou, e quando gritou sua cons-ciência da dor se tornou a dor em si, chegando às dimensões plenas, a mente e o corpo alcançando instantaneamente uma unidade de pura agonia aniquiladora, e quando tombou na direção do detonador com suas luzes e interruptores reluzentes – seu corpo físico assumindo naquele instante alongado as propriedades de um martelo caindo – seu único pensamento foi *ah, merda...* e também foi o último.

A onda de choque do primeiro pacote detonado prematuramente, disparando do túnel para o complexo de corredores e cavidades da caverna com a energia de uma locomotiva descarrilada, chegou ao Palácio do Rei como um estrondo terrível, sobreposto por um estalo de pressão e um profundo tremor subterrâneo. Isso foi seguido por uma segunda sacudida do chão, como o convés de um barco agitado por uma onda gigantesca. Era um acontecimento ao mesmo tempo atmosférico, auditivo, calórico e sísmico; tinha o poder de acordar o próprio âmago da Terra.

Eles eram conhecidos como pendurados: virais adormecidos que, tendo os processos metabólicos suprimidos, existiam num estado de hibernação suspensa. Nessa condição poderiam durar anos ou mesmo décadas, e preferiam, por motivos desconhecidos – talvez como uma expressão de seu parentesco biológico com os morcegos, uma lembrança enterrada de sua raça –, ficar pendurados de cabeça para baixo em qualquer superfície, os braços curvados sobre o peito numa arrumação curiosa, como múmias em seus sarcófagos. Nas várias câmaras das Cavernas de Carlsbad (se bem que não no Palácio do Rei; ali estava somente Ignacio) eles esperavam, como um armazém de estalactites biológicas adormecidas, um sonolento exército de pingentes de gelo trazidos à consciência pela detonação da bomba. Como qualquer espécie, eles perceberam esse ajuste de seu ambiente como uma ameaça mortal; sendo virais, ligaram-se instantaneamente ao cheiro de sangue humano ali perto.

Peter e Alicia começaram a correr.

Se estivesse sozinha, Alicia poderia manter a posição. Ainda que fosse engolida pela horda, lutar era algo tão entranhado em sua natureza que essa tarefa impossível pareceria estranhamente

satisfatória: uma coisa do destino e uma saída honrosa do mundo. Mas Peter estava com ela. Era o sangue dele, não o dela, que os virais queriam. As criaturas se afunilavam na direção deles, preenchendo os canais subterrâneos da caverna como as águas liberadas de uma represa. A distância até o elevador, cerca de 100 metros, transmitia a sensação de quilômetros. Os virais vinham rugindo atrás deles. Os dois chegaram correndo ao elevador. Não havia tempo para acionar o explosivo; agora a estratégia inicial fora para o espaço. Alicia pegou o pacote no chão do elevador, segurou Peter pelo pulso, empurrou-o pela escotilha e se lançou atrás, caindo com um som metálico.

– Agarre um cabo! – gritou ela.

Um momento de incompreensão.

– Agarre e fique firme!

Será que ele entendia o que ela estava pensando? Não importava; Peter obedeceu. Alicia largou o pacote no teto do elevador, apontou o fuzil para baixo, na direção da placa do cabo, e puxou o gatilho.

Liberados da massa da gaiola do elevador, os contrapesos mergulharam para baixo. Houve um puxão forte e então uma força que se acelerava maciçamente os lançou para o alto: Peter experimentou a ascensão como algo turvo, uma sensação de movimento puro que se concentrava nas mãos, sua única ligação com a vida. Teria perdido completamente a capacidade de segurar se não fosse Alicia, que, atrás dele, agarrada com uma força inabalável e agindo como um batente, o impedia de escorregar pelo cabo e mergulhar na bocarra do poço. Estavam numa confusão de braços e pernas, girando loucamente, um bombardeio de dados físicos que estava além da capacidade de Peter de computar; não via os virais saltando pelo poço atrás deles, ricocheteando de uma parede a outra, cada jorro de movimento impelindo-os para cima, diminuindo a distância.

Mas Alicia via. Diferentemente de Peter, cujos sentidos eram meramente humanos, os dela possuíam os mesmos giroscópios internos dos seus perseguidores; sua percepção de tempo, espaço e movimento era capaz de recalcular constantemente, permitindo-lhe não apenas manter-se agarrada, mas também apontar o fuzil para

baixo. Era o lançador de granadas que ela pretendia usar; seu alvo era o pacote no teto do elevador.

Disparou.

VINTE E SEIS

Cadeia Federal, Kerrville, Texas

O major Lucius Greer, que já fora do Segundo Expedicionário, agora conhecido somente como prisioneiro nº 62 da Cadeia Federal da República do Texas – Lucius, o Fiel, Aquele Que Acreditava –, estava esperando que alguém viesse.

A cela onde ele vivia era um quadrado com três metros de lado, tendo apenas uma cama, um vaso sanitário, uma pia e uma mesinha com cadeira. A única iluminação do cômodo vinha de uma pequena janela de vidro reforçado no alto da parede. Esse era o cômodo onde Lucius havia passado os últimos quatro anos, nove meses e 11 dias de sua vida. A acusação era de deserção – o que não era completamente justo, na avaliação de Lucius. Seria possível dizer que ao abandonar seu comando e seguir Amy, subindo a montanha para enfrentar Babcock, ele simplesmente seguira ordens de um tipo mais profundo, diferente. Mas Lucius era um soldado, com sentimento de dever de soldado; tinha aceitado sua sentença sem questionar.

Passava os dias em contemplação – uma necessidade, se bem que Lucius sabia que havia homens que jamais conseguiam isso, aqueles cujos uivos de solidão ele escutava à noite. A prisão tinha um pátio pequeno; uma vez por semana os internos podiam sair, mas somente um de cada vez, e somente por uma hora. O próprio Lucius havia passado os primeiros seis meses do encarceramento convencido de que iria enlouquecer. Só havia uma certa quantidade de flexões de braço que uma pessoa podia fazer, só havia uma certa quantidade de sono para dormir, e mal havia se passado um mês de prisão antes que Lucius começasse a falar consigo mesmo: monólogos sem fim sobre tudo e nada, sobre o tempo e as refeições, seus pensamentos e lembranças, o mundo fora dos muros da cadeia e o que estaria acontecendo lá, agora. Seria verão? Teria chovido? Haveria biscoitos no jantar esta noite? À medida que os meses passavam, essas conversas haviam se concentrado cada vez mais

nos carcereiros, que ele estava convencido de que o espionavam e – depois, à medida que a paranoia se aprofundava – pretendiam matá-lo. Parou de dormir, depois parou de comer; recusava-se a fazer exercícios, até mesmo a sair da cela. Durante toda a noite ficava agachado na beira da cama, olhando a porta, o portal de seus assassinos.

Depois de um certo período nessa situação torturada, decidiu que não suportava mais. Apenas um minúsculo vestígio de seu eu racional permanecia; logo se perderia por completo. Morrer sem uma mente, com seus padrões de experiência, memória, personalidade – a perspectiva era insuportável. Matar-se na cela não era fácil, mas isso poderia ser feito. De pé na mesa, um suicida determinado poderia apertar a cabeça contra o peito, tombar para a frente e quebrar o pescoço na queda.

Lucius tentou isso três vezes; nas três fracassou. Começou a rezar: uma oração simples, composta de uma frase, buscando a cooperação de Deus. *Me ajude a morrer.* Sua cabeça estava ressoando devido aos múltiplos impactos no chão de cimento; ele havia quebrado um dente. Mais uma vez subiu na mesa, calibrou o ângulo da queda e se lançou nos braços da gravidade.

Voltou à consciência depois de um intervalo desconhecido. Estava caído de costas no cimento frio. De novo o Universo o havia recusado. A morte era uma porta que ele não podia abrir. O desespero o dominou por completo, com lágrimas subindo aos olhos.

Lucius, por que me abandonou?

Não eram palavras que ele escutava. Não era nada tão simples, tão lugar-comum, assim. Era o *sentimento* de uma voz – uma presença suave, orientadora, que vivia por baixo da superfície do mundo.

Não sabe que só eu posso tirar isso de você? Que a morte é somente minha, só eu posso fazê-la?

Era como se sua mente tivesse se aberto como a capa de um livro, revelando uma realidade oculta. Ele estava caído no chão, o corpo ocupando um ponto fixo no espaço e no tempo, no entanto sentia a consciência se expandindo, juntando-se a uma vastidão que ele não podia expressar. Aquilo estava em toda parte e em lugar nenhum;

existia num plano invisível que a mente podia ver mas não os olhos, distraídos pelas coisas comuns – esta cama, aquele vaso sanitário, estas paredes. Mergulhou numa paz que fluiu por seu ser em ondas de luz.

O trabalho da sua vida não está terminado, Lucius.

E assim, de uma hora para outra, seu encarceramento estava terminado. As paredes da cela eram um tecido finíssimo, um ardil da matéria. Dia a dia suas contemplações se aprofundavam, a mente se fundindo com a força da paz, do perdão e da sabedoria que tinha descoberto. Aquilo era Deus, claro, ou poderia ser chamado de Deus. Mas até mesmo isso parecia pequeno demais, uma palavra feita por homens para aquilo que não tinha nome. O mundo não era o mundo, era uma expressão de uma realidade mais profunda, assim como a pintura na tela era uma expressão dos pensamentos do artista. E com essa percepção veio o conhecimento de que a jornada de sua vida não estava completa, de que seu verdadeiro propósito ainda estava para ser revelado.

Outra coisa: parecia que Deus era uma mulher.

Ele fora criado no orfanato, entre as irmãs; não tinha lembranças dos pais, de qualquer outra vida. Aos 16 anos havia se alistado na Segurança Doméstica, como faziam quase todos os garotos do orfanato naquela época. Quando pediram voluntários para se juntar ao Segundo Expedicionário, Lucius foi um dos primeiros. Isso foi logo depois do evento conhecido como Massacre da Plantação – 11 famílias emboscadas num piquenique, 28 pessoas mortas ou tomadas, entre elas 12 crianças – e muitos dos homens que tinham sobrevivido àquele dia também haviam se alistado. Mas os motivos de Lucius eram menos decisivos. Mesmo quando era menino jamais fora atraído pelas histórias do grande Coronel Coffee, cujos atos heroicos pareciam transparentemente impossíveis. Quem, com a cabeça no lugar, *caçaria* os dracs? Mas Lucius era jovem, inquieto como todos os jovens, e estava cansado de suas tarefas: montar guarda nos muros da cidade, fazer varredura nas plantações, perseguir crianças que violavam o toque de recolher. Claro que sempre havia patetas por perto (acertar neles estando nas

plataformas de observação, ainda que fosse considerado um desperdício de munição, geralmente era permitido, contanto que não se exagerasse) e a distração de uma ou outra briga de bar na Cidade-H para dar uma folga. Mas essas coisas, por mais que fossem divertidas, não podiam compensar o peso do tédio. Se o alistamento para fazer parte de um punhado de lunáticos amantes da morte era a única outra opção para Lucius Greer, tudo bem.

No entanto foi nos Expedicionários que Lucius encontrou exatamente aquilo de que precisava, o que estivera ausente em sua vida: uma família. Em seu primeiro destacamento fora designado para a estrada de Roswell, escoltando comboios de homens e suprimentos para a guarnição – na época o lugar não passava de um posto avançado precário. Em sua unidade havia dois recrutas novos: Nathan Crukshank e Curtis Vorhees. Como Lucius, Cruk havia se alistado saindo direto da Segurança Doméstica, mas Vorhees era, ou havia sido, agricultor; pelo que Lucius sabia, o sujeito jamais disparara uma arma. Mas tinha perdido a mulher e duas meninas na plantação, e nessas circunstâncias ninguém recusaria seu pedido. Os caminhões sempre viajavam sem parar à noite, e na viagem de volta a Kerrville o comboio deles fora emboscado. O ataque veio uma hora antes do alvorecer. Lucius estava com Cruk e Vor num Humvee atrás do primeiro caminhão-tanque. Quando os virais chegaram, Lucius pensou: é isto, estamos ferrados. De jeito nenhum vou sair vivo dessa. Mas Crukshank, ao volante, não concordou com isso ou não se importou. Acelerou, ao mesmo tempo que Vorhees, com a calibre 50, começava a acertá-los. Eles não sabiam que o motorista do caminhão-tanque, atacado através do para-brisa, já estava morto. Enquanto corriam lado a lado, o caminhão virou para a esquerda, batendo na frente do Humvee. Lucius devia ter apagado, porque depois disso só se lembrava de Cruk arrastando-o dos destroços. O caminhão estava em chamas. O resto do comboio havia sumido, afastando-se pela estrada de Roswell.

Tinham sido deixados para trás.

A hora que se seguiu foi ao mesmo tempo a mais curta e a mais longa da vida de Lucius. Repetidamente os virais chegavam. Repetidamente os três homens conseguiam repeli-los, guardando as

balas até o último instante, quando as criaturas estavam a apenas alguns passos de distância. Podiam ter tentado fugir correndo, mas o Humvee tombado era a melhor proteção que tinham, e Lucius, que quebrara o tornozelo, não podia se mexer.

Quando a patrulha os encontrou, sentados na estrada junto ao Humvee tombado, eles estavam rindo até as lágrimas escorrerem pelo rosto. Lucius sabia que jamais se sentira tão próximo de alguém como dos dois homens que tinham caminhado com ele pelo escuro corredor daquela noite.

Roswell, Laredo, Texarkana; Lubbock, Shreveport, Kearney, Colorado. Anos inteiros se passaram sem que Lucius visse Kerrville, seu porto seguro de paredes e luzes. Agora seu lar era longe dali. Seu lar eram os Expedicionários.

Até que conheceu Amy, a Garota de Lugar Nenhum, e tudo mudou.

Ele receberia três visitas.

A primeira chegou cedo numa manhã de setembro. Greer já havia terminado seu desjejum de mingau aguado e os exercícios matinais – 500 abdominais e flexões de braço, seguidas por um número equivalente de agachamentos e levantamentos. Suspenso no cano que passava junto ao teto da cela, fez 50 barras em séries de 10, de frente e de costas, como Deus ordenava. Ao terminar, sentou-se na beira da cama, acalmando a mente para começar sua jornada invisível.

Sempre iniciava com uma oração decorada, aprendida com as irmãs. Não eram as palavras que importavam, e sim o ritmo delas; eram como o alongamento antes do exercício, preparando a mente para o salto que estava por vir.

Mal havia começado quando seus pensamentos foram interrompidos pelo som da fechadura. A porta da cela se abriu.

– Alguém veio ver você, 62.

Lucius se levantou enquanto uma mulher entrava – magra, com cabelo preto riscado por fios grisalhos e olhos pequenos e escuros que irradiavam uma autoridade inegável. Uma mulher a quem você não podia deixar de se revelar, para quem todos os seus segredos

eram um livro aberto. Ela segurava uma pequena pasta embaixo do braço.

– Major Greer.

– Senhora presidente.

Ela se virou para o guarda, um homem pesadão, de 50 e poucos anos.

– Obrigada, sargento. Pode nos deixar.

O guarda se chamava Coolidge. Era preciso conhecer os carcereiros, e ele e Lucius se conheciam bem, ainda que Coolidge não parecesse ter qualquer ideia do que pensar das devoções de Lucius. Era um homem prático, comum, de mente séria porém lenta, com dois filhos adultos, ambos da Segurança Doméstica como ele.

– Tem certeza?

– Sim, obrigada, sargento. É só isso.

O homem saiu, fechando a porta em seguida. A presidente deu mais um passo para dentro e olhou o cômodo pequeno.

– Extraordinário. – Ela virou o olhar para Lucius. – Dizem que você nunca sai.

– Não vejo motivo para isso.

– Mas o que faz durante o dia inteiro?

Lucius ofereceu um sorriso.

– O que estava fazendo quando a senhora chegou. Fico pensando.

– Pensando – repetiu a presidente. – Em quê?

– Apenas pensando. Tendo meus pensamentos.

A presidente conteve qualquer reação e sentou-se na cadeira. Lucius a acompanhou, sentando-se na beira da cama, de modo que os dois ficassem cara a cara.

– A primeira coisa a dizer é que eu não estou aqui. Isto é *oficial*. Extraoficialmente direi que estou aqui para pedir sua ajuda num assunto de crucial importância. Você tem sido tema de muitas discussões e conto com sua discrição. Ninguém deve saber de nossa conversa. Está claro?

– Certo.

Ela abriu a pasta, pegou uma folha amarelada e a entregou a Lucius.

– Reconhece isso?

Era um mapa desenhado a carvão: a linha de um rio, uma estrada riscada às pressas e linhas pontilhadas marcando as bordas de um complexo. Não somente um complexo, toda uma cidade.

– Onde a senhora encontrou?

– Isso não importa. Você reconhece?

– Deveria reconhecer.

– Por quê?

– Porque fui eu que desenhei.

A resposta era esperada – Lucius discerniu isso no rosto da mulher.

– Respondendo à sua pergunta, ele estava nos arquivos pessoais do general Vorhees na Divisão. Foi necessário um pouco de pesquisa para descobrir quem mais estava com ele. Você, Crukshank e um jovem recruta chamado Tifty Lamont.

Tifty. Quantos anos fazia que Lucius não escutava esse nome? Se bem que, claro, todo mundo em Kerrville soubesse sobre Tifty Lamont. E Crukshank: Lucius sentiu uma pontada de tristeza pelo amigo perdido, morto quando a Guarnição de Roswell fora dominada, cinco anos antes.

– Esse lugar no mapa, você acha que pode encontrá-lo de novo?

– Não sei. Foi há muito tempo.

– Você já contou a alguém sobre isso?

– Quando demos o informe à Divisão, disseram com total firmeza que não deveríamos falar a respeito.

– Você se lembra de onde se originou a ordem?

Lucius balançou a cabeça.

– Eu nunca soube. Crukshank era o oficial que comandava o destacamento, Vorhees era o segundo. Tifty era da equipe de inteligência e segurança.

– Por que Tifty?

– Pela minha experiência, ninguém era capaz de rastrear como Tifty Lamont.

A presidente franziu a testa de novo diante da menção do nome: o grande gângster Tifty Lamont, chefe do comércio, o criminoso mais procurado da cidade.

– Quantas pessoas você acha que havia lá?

– É difícil dizer. Muitas. O lugar tinha pelo menos o dobro do tamanho de Kerrville. Pelo que pudemos ver, também estavam bem armados.

– Eles tinham eletricidade?

– Tinham, mas não acho que estivessem usando petróleo. Mais provavelmente era energia hidrelétrica e biodiesel para os veículos. Os complexos agrícolas e de manufatura eram imensos. Alojamentos. Três grandes estruturas, uma no centro, uma espécie de cúpula, e uma segunda ao sul, que parecia um antigo estádio de futebol. A terceira ficava no lado oeste do rio, não tivemos certeza do que era. Eles estavam trabalhando naquilo dia e noite.

– E vocês não fizeram contato?

– Não.

A presidente direcionou a atenção de Lucius para o perímetro.

– Isso aqui...

– Fortificações. Uma cerca. Nem um pouco insignificante, mas não era suficiente para manter os dracs afastados.

– Então para que você acha que era?

– Não dava para saber. Mas Crukshank tinha uma teoria.

– Qual?

– Para manter as pessoas dentro.

A presidente olhou o mapa, depois de volta para Lucius.

– E você nunca falou sobre isso? Com ninguém?

– Não, senhora. Até este momento.

Fez-se silêncio. Lucius teve a impressão de que não viriam mais perguntas; a presidente havia recebido o que viera buscar. Ela recolocou o mapa na pasta, levantando-se da cadeira. Lucius disse:

– Se é que posso perguntar, senhora presidente, por que está indagando isso agora, depois de todos esses anos.

A presidente foi até a porta e bateu duas vezes. Enquanto a fechadura era aberta, ela se virou de volta para Lucius.

– Dizem que você se tornou um homem de orações.

Lucius assentiu.

– Então talvez deva rezar para eu estar errada.

VINTE E SETE

Fazia 10 dias que Peter estava na enfermaria. Três costelas quebradas, um ombro deslocado, queimaduras nas pernas e nos pés, as mãos esfoladas como pedaços de carne, hematomas, talhos e arranhões por todo o corpo, um número grande demais para contar. Tinha apagado, mas aparentemente não conseguira rachar o crânio. Seu corpo inteiro doía, até para respirar.

– Pelo que ouvi, você tem uma tremenda sorte em estar vivo – disse o médico, um homem de cerca de 60 anos com nariz bulboso, cheio de veias devido a anos de alc, e uma voz tão áspera que parecia arrastada. Seus modos à beira do leito eram mais ou menos os de alguém diante de um cão desobediente demais. – Fique deitado, tenente. Você é meu até eu dizer o contrário.

Henneman o interrogara no dia em que a equipe retornou à guarnição. Peter ainda estava meio apagado, dopado por analgésicos. As perguntas do major deslizavam sobre seu cérebro com os contornos dissociados de uma conversa que ocorresse em outro cômodo com pessoas que ele só conhecesse vagamente. Um homem, um homem muito velho, com a imagem de uma cobra no pescoço. Sim, confirmou Peter, assentindo pesadamente de encontro ao travesseiro, era isso que tinham visto. Ele disse quem era? Ignacio, respondeu Peter. Disse que se chamava Ignacio. O major obviamente não tinha ideia do que pensar dessas respostas – nem Peter. Henneman parecia estar fazendo as mesmas perguntas repetidamente, a cada vez com sutis alterações; em determinado ponto Peter apagou. Quando abriu os olhos de novo – como logo descobriria, um dia e uma noite haviam se passado – estava sozinho.

Não viu ninguém além do médico até a tarde do quarto dia, quando Alicia apareceu ao lado da cama. A essa altura Peter estava sentado, o braço esquerdo numa tipoia para manter a clavícula no lugar. Naquela tarde tinha feito a primeira caminhada à latrina, uma tremenda conquista, mas a viagem de apenas alguns passos

arrastados o deixara cheio de irritação e agora estava diante do problema de tentar se alimentar com as mãos envoltas em bandagens que pareciam luvas.

– Por todos os voadores, você está péssimo, tenente.

A luz na barraca era suficientemente fraca para ela ter tirado os óculos. A cor laranja dos olhos era algo a que Peter estava acostumado, mas ela raramente deixava que outras pessoas vissem. Sentou-se numa cadeira junto à cama e fez um gesto para a tigela de mingau de milho que ele, sem muito sucesso, estava tentando pôr na boca.

– Quer uma ajudinha com isso?

– Nem pense.

Ela lançou um sorriso.

– É bom ver que ainda tem seu orgulho. Henneman pegou no seu pé?

– Nem lembro direito. Acho que ele não gostou muito das respostas.

A colher se soltou de sua mão, jogando um bocado da pasta grudenta na camisa.

– Merda.

– Deixe comigo – disse ela.

Agora ele estava tentando prender a colher entre o polegar e a borda da tigela para firmá-la na palma da mão.

– Eu já disse que me viro.

– Quer parar com isso?

Ele deixou a colher cair na bandeja. Alicia a enfiou na tigela e a apontou em direção à boca de Peter: – Abra para a mamãe.

– Sabe, você nunca me pareceu do tipo maternal.

– No seu caso, estou disposta a fazer uma exceção. Coma.

Pouco a pouco a tigela se esvaziou. Quando terminou de alimentá-lo, Alicia pegou um pano e limpou seu queixo.

– Eu consigo fazer isso sozinho, sabe?

– Na-na-ni-na-não. Faz parte do serviço. – Ela afastou o rosto. – Pronto, novinho em folha. – E guardou o pano. – Fizemos o serviço fúnebre de Satch hoje cedo. Foi legal. Henneman e Apgar falaram.

Ainda que Satch tivesse sido considerado morto na explosão, Henneman havia levado um esquadrão de volta para a montanha com o objetivo de procurá-lo. O gesto era simbólico; mesmo assim precisava ser feito. Mas não acharam nada. Jamais saberiam o que acontecera na caverna.

– Então é isso, eu acho.

– Satch era um bom sujeito. Todo mundo gostava dele.

– Nós sempre dizemos isso.

Alicia deu de ombros.

Peter sabia que os dois estavam pensando a mesma coisa: o plano havia sido deles e agora Satch estava morto.

– Já que você está alimentado, eu deveria ir embora. Apgar vai me mandar para o sul, para fazer o reconhecimento daqueles campos de petróleo.

– Lish, como você sabia que havia alguma coisa lá embaixo?

A pergunta pareceu pegá-la desprevenida.

– Na verdade não tenho resposta, Peter. Foi só... uma sensação.

– Uma sensação.

Ela estava olhando para além dele.

– Na verdade não sei como colocar em palavras.

– Eu pensava que só Amy podia fazer isso.

Alicia deu de ombros, deixando o assunto de lado: *não pressione.*

– Acho que lhe devo uma por ter entrado numa encrenca daquelas por mim. É bom ter um pouco de companhia numa furada, pelo menos.

– Essa coisa toda chegou ao limite, não foi? – disse ele, carrancudo.

– Apgar vai fazer o que tiver de ser feito. Não sei ler pensamentos.

– Você acha que ele acredita em nós?

– Por que não acreditaria?

– Você tem de admitir que é bem estranho.

Alicia não disse nada. Seus olhos haviam se afastado de novo. Então, com uma expressão interrogativa: – Peter, você se lembra daquele filme, *Drácula*?

A memória o levou cinco anos para trás. Peter estava assistindo ao filme com os homens de Vorhees na Guarnição do Colorado na

noite em que Alicia voltou da missão que encontrou o ninho de virais numa velha mina de cobre. A noite em que o soldado Muncey, que fora infectado, fez a viagem pelas mãos de Alicia e em que Peter soube de uma vez por todas que ela era expedicionária, de cabo a rabo. Ainda que ele não tivesse percebido na ocasião, também foi a noite em que soube que iria segui-la.

– Eu não sabia que você tinha visto.

– Vi? Diabos, eu *estudei* o filme. Aquilo é como um manual do proprietário do viral. Deixe de lado a capa, o castelo e toda aquela bobagem. É o resto que se encaixa. Um ser humano cuja vida foi "prolongada de modo não natural". Usar a estaca no coração para matá-lo. O modo como ele precisa dormir em seu solo nativo. A coisa toda com os espelhos...

– Como as panelas em Las Vegas – interveio Peter. – Eu pensei a mesma coisa.

– É como se o reflexo deles, não sei, os perturbasse de algum modo. O filme inteiro é assim.

– Lish, aonde você quer chegar com isso?

Ela hesitou.

– Tem uma coisa que sempre me deixou incomodada, uma peça que eu não conseguia encaixar. Drácula tem uma espécie de ajudante. Alguém que ainda parece ser humano.

Peter pensou um momento.

– O maluco que come aranhas.

– Esse mesmo. Renfield. Drácula o infecta mas ele não se transforma, pelo menos não completamente. É mais como alguém nos primeiros estágios da infecção. Isso me fez pensar: e se todos eles tiverem alguém assim? – Agora ela o estava olhando atentamente. – Você se lembra do que Olson disse sobre Jude?

Olson era o líder da comunidade que eles haviam encontrado em Nevada, o Refúgio: uma cidade de pessoas que sacrificavam membros do grupo a Babcock, o Primeiro dos Doze. Olson estava nominalmente no comando, mas ficou claro que quem realmente comandava o lugar era Jude. Ele tinha algum tipo de relacionamento especial com Babcock, ainda que a natureza disso não houvesse sido explicada.

– “Ele era um... familiar” – citou Peter. – Nunca entendi o que Olson queria dizer. Não fazia sentido. E você *estava* apontando uma arma para a cabeça dele.

– Estava mesmo. E acredite, há dias em que desejaria ter ido em frente e puxado o gatilho. Mas acho que não era uma conversa sem sentido. Procurei a palavra na biblioteca em Kerrville. O dicionário falava de um sentido arcaico, por isso tive de procurar o que era “arcaico” também, e basicamente significa velho. Dizia que um familiar era uma espécie de demônio ajudante, como um gato de bruxa. Uma espécie de assistente. Talvez fosse disso que Olson estivesse falando.

Peter se permitiu vários segundos para processar a informação.

– Então o que você está dizendo é que Ignacio era... o familiar de Martínez.

Alicia deu de ombros.

– Certo, é um chute. Estou meio que juntando as coisas aqui. Mas a outra coisa a considerar é o sinal. Ignacio tinha um chip, como Amy e os Doze. Isso significa que era ligado ao Projeto Noé. Ele estava lá no início, naquela montanha, há 97 anos.

– Você não contou nada disso a Apgar?

Ela balançou a cabeça.

– Fala sério! Já estou suficientemente encrencada com isso.

Peter não duvidou. Nem duvidou que qualquer culpa que ela tivesse pelo ataque fracassado na caverna também era dele.

Alicia se levantou para sair.

– De qualquer modo, saberemos melhor em que pé estamos quando eu voltar de Odessa. Por enquanto não adianta ficarmos preocupados. Sei que você se considera indispensável, mas podemos prosseguir sem sua ajuda por alguns dias.

– Você não está fazendo com que eu me sinta melhor.

Ela sorriu.

– Só não espere que eu volte para lhe dar comida de novo, tenente. Só se ganha isso uma vez.

Enquanto ela ia para a porta, Peter disse:

– Lish, espere um segundo.

Ela girou para olhá-lo.

– O que Ignacio disse: “Ele nos abandonou.”

Alicia esperou.

– O que você acha que significa? – perguntou Peter.

– Não tenho resposta para isso. Só sei que ele deveria estar lá.

– Aonde você acha que ele foi?

Ela não respondeu de imediato. Uma espécie de sombra se moveu por seu rosto, uma escuridão que vinha de dentro. Não era algo que Peter tivesse visto antes. Mesmo nas circunstâncias mais perigosas, a compostura dela era total. Alicia era uma mulher de foco absoluto, sempre dando atenção à tarefa a ser realizada. Isso agora era semelhante, mas a energia não era a mesma. Parecia vir de um lugar mais fundo.

– Eu gostaria de saber – respondeu ela, e pôs os óculos. – Acredite.

Então foi embora, as abas da tenda balançando com sua saída. Peter sentiu sua ausência imediatamente, como sempre. Era verdade: eles viviam abandonando um ao outro.

Peter não a viu de novo. Seis dias depois recebeu alta. As costelas demorariam mais para se curar e ele teria de pegar leve durante algumas semanas, mas pelo menos estava fora da cama. Enquanto atravessava a guarnição para se apresentar ao serviço, uma lembrança dava leveza aos seus passos: imagens de um tempo, muitos anos antes, quando era só um garoto e tinha ficado doente com febre alta e, quando a febre passou, simplesmente estar de pé fazia com que até as coisas comuns parecessem carregadas de uma nova vitalidade.

Porém algo mais estava diferente, Peter podia sentir. Tudo parecia normal – os soldados nos piquetes, o rugido dos geradores, os movimentos organizados da atividade militar ao redor –, no entanto ele sentia uma alteração, uma diminuição perceptível de intensidade.

Entrou na tenda de comando e encontrou Apgar de pé atrás de sua mesa de metal amassado, fazendo careta para uma pilha de papéis.

– Jaxon. Só esperava você daqui a alguns dias. Como está se sentindo?

A pergunta pareceu pessoal, de um modo pouco característico do coronel.

– Bem, senhor. Obrigado por perguntar.

– Sente-se, por favor.

Durante um tempo Apgar continuou a folhear os papéis. Mesmo não sendo um homem grande – Peter era pelo menos dois palmos mais alto –, o coronel emanava uma presença física forte, com movimentos precisos, nada desperdiçado. Depois de dois minutos inteiros ele pareceu alcançar uma organização satisfatória nos documentos e sentou-se na cadeira para encarar Peter do outro lado da mesa.

– Tenho novas ordens para você. Chegaram esta manhã no malote de Kerrville. Antes que você diga qualquer coisa, quero que saiba que isso não tem nada a ver com o que aconteceu em Carlsbad. Na verdade eu vinha esperando isso há algum tempo.

A última esperança de Peter afundou sob as ondas. Foi-se.

– Vamos abandonar a caçada, não é?

– Abandonar seria uma palavra muito forte. Colocar sob revisão. Há no comando um sentimento de que alguns dos nossos recursos precisam ser realocados. Por enquanto você está sendo transferido para a estrada do Petróleo.

Era pior do que Peter pensava.

– Isso é serviço da Segurança Doméstica.

– Em termos gerais, sim. Mas não deixa de ter precedentes e vem da presidente. Parece que ela acha que a segurança dos transportes de petróleo tem sido frouxa demais e quer que o Exército assuma esse papel. Um transporte sai no fim de semana para Kerrville e quero você nele. A partir de lá você vai se apresentar à Segurança Doméstica em Freeport.

Apesar do que Apgar dissera, Peter sabia que a decisão tinha tudo a ver com Carlsbad. Apgar poderia ter mandado qualquer um. Ele estava sendo rebaixado – se não de patente, pelo menos de responsabilidade.

– O senhor não pode fazer isso.

Um levantar de sobrancelhas, nada mais.

– Talvez eu tenha ouvido mal, tenente. Poderia jurar que você acaba de dizer o que eu posso ou não posso fazer.

Peter sentiu o rosto esquentar.

– Desculpe, coronel. Não foi o que eu quis dizer.

Apgar estudou Peter um momento.

– Olhe, entendi, Jaxon. Diga uma coisa. Há quanto tempo você está aqui?

Claro que o coronel sabia a resposta, só estava perguntando para fundamentar um argumento.

– Dezesseis meses.

– É muito, nesse serviço. Você deveria ter feito rotação há um tempo. O único motivo para isso não ter acontecido é que você sempre fazia um pedido para ficar. Deixei porque sei o que a caçada significa para você. De certo modo você é o motivo para todos nós estarmos aqui.

– Não existe outro lugar onde eu queira estar, senhor.

– E você deixou isso suficientemente claro. Mas você é apenas humano, tenente. E, francamente, precisa de uma folga. Vou voltar a Kerrville depois de encerrarmos as coisas aqui e, assim que puder, vou fazer um pedido à Divisão para mandá-lo de volta ao território. Não tenho o hábito de fazer acordos, portanto sugiro que você aceite este.

Não havia o que fazer, a não ser concordar.

– Se é que posso perguntar, coronel, e a tenente Donadio?

– Ela também tem novas ordens. Isso não é só com você. Assim que ela retornar dos pântanos, vai para Kearney, no norte.

O Forte Kearney era o posto avançado dos Expedicionários mais ao norte. Com uma linha de suprimentos que se estendia desde Amarillo, o lugar era normalmente fechado antes da primeira nevasca.

– Por que lá? Só faltam dois meses para o inverno.

– O comando não me conta tudo, mas pelo que ouvi dizer a coisa ficou bem feia por lá. Dados os talentos dela, acho que querem um perito em inteligência e segurança para ajudar a fazer uma limpeza nos elementos hostis antes de evacuarem.

A explicação parecia fraca, mas Peter sabia que não deveria pressionar.

– Lamento pelo Satch – continuou Apgar. – Ele era um bom oficial. Sei que vocês eram amigos.

– Obrigado, senhor.

– Está dispensado, tenente.

Peter passou o resto da semana em estado de suspensão, sem nada mais para ocupar seu tempo no alojamento. O mapa na parte de dentro da tampa do baú, que antes havia sido uma declaração de objetivo, agora parecia uma piada ruim. Talvez houvesse algo na teoria de Alicia, talvez não. Parecia provável que eles jamais descobrissem. Pensou no tempo antes de entrar para os Expedicionários, imaginando se teria cometido um erro ao se alistar. Na época a luta era apenas sua. Agora ela fora absorvida num empreendimento maior, com regras, protocolos e cadeias de comando em que ele tinha pouco a dizer, se é que tinha alguma coisa. Tinha aberto mão da liberdade para se tornar apenas um oficial subalterno sobre quem as pessoas diriam um dia: “Era um bom sujeito.”

A manhã da partida chegou. Peter levou seu baú para a área de parada, onde o transporte esperava, um caminhão-baú carregado com os pneus que o esquadrão de Peter havia trazido de Lubbock. Colocou sua bagagem no compartimento de carga do veículo de escolta e subiu no banco do carona.

– É bom ir para casa, senhor?

Peter não respondeu, apenas assentiu. Qualquer coisa que dissesse pareceria picuinha, e o motorista, um cabo do esquadrão de Satch, não merecia ser alvo de seu mau humor.

– Vou contar a primeira coisa que farei depois de receber meu pagamento – disse o cabo com exuberância malcontida. – Vou direto para a Cidade-H gastar metade em alc e a outra metade num puteiro. – Subitamente sem graça, ele olhou para Peter com o rosto vermelho. – Ah, desculpe, senhor.

– Tudo bem, cabo.

– Tem alguém esperando o senhor em casa, tenente? Se não se incomoda com a pergunta.

A resposta era complicada demais até mesmo para começar a dizer.

– De certa forma.

O cabo deu um sorriso de quem sabia das coisas.

– Bom, quem quer que ela seja, tenho certeza de que vai ficar feliz em ver o senhor.

A ordem foi dada e, com uma descarga de fumaça de óleo diesel, o comboio começou a se afastar. Peter já estava se acomodando no estado de transe que esperava manter durante os próximos três dias quando ouviu alguém gritando acima do ruído dos motores.

– Espere no portão!

Alicia estava correndo para o Humvee. Peter baixou a janela.

– Só voltei há uma hora – disse ela. – Quem você acha que é, indo embora sem se despedir?

O rosto dela era uma máscara de sujeira oleosa e ela exalava um leve odor de petróleo. Mas o que atraiu o olhar dele foi um brilho de metal no colarinho: um par de divisas de capitão.

– Ora, olhe só isso – disse Peter, conseguindo dar um riso torto que ele esperava ser capaz de mascarar sua inveja. – Acho que terei de começar a chamar você de “senhor”.

– Gosto disso. Já não era sem tempo, se você quer saber.

– Apgar me tirou de circulação.

– Eu sei. Para a estrada do Petróleo. – Não havia motivo para entrar em detalhes. – É um serviço fácil, Peter. Você mereceu.

– Foi o que me disseram.

– Diga “oi” ao Circuito por mim. E ao Greer, se você o encontrar.

Peter assentiu. Não podiam falar muita coisa na presença do motorista.

– Quando você vai para Kearney?

– Daqui a dois dias.

– Atenção máxima por lá. Apgar disse que a coisa ficou bem feia.

– Você também. – Ela olhou para o motorista, que estava examinando o volante, depois se virou de volta para Peter. – Não se preocupe. Aquilo que nós conversamos... não acabou, certo?

Ele sentiu naquelas palavras a pressão de algo não declarado. De trás dele veio um rugido impaciente de motores. Todo mundo estava esperando.

– Senhor, precisamos mesmo ir – disse o motorista.

– Tudo bem, já terminamos. – Alicia olhou Peter uma última vez. – Sério, Peter. Vai dar tudo certo. Vá ver o seu garoto.

VINTE E OITO

A primeira dor chegou, como um trem atrasado entrando na estação, numa tarde de fim de setembro de sol forte e céu azul no Texas. Amy estava no pátio, olhando as crianças brincarem. Dentro de mais alguns minutos o sino tocaria, chamando-as para dentro, para terminar as lições, e Amy voltaria à cozinha para ajudar com o jantar. Uma ilha de descanso no meio do ritmo interminável de tarefas do dia, coisas a serem feitas e desfeitas com igual rapidez – sempre que o almoço terminava, retiravam-se os pratos e as crianças eram soltas para queimar a impaciência acumulada na manhã, Amy as seguia para fora e assumia posição na beira do pátio, suficientemente perto para desfrutar da energia luminosa das atividades mas nem tanto a ponto de permitir que as crianças a atraíssem. Esses eram seus 30 minutos favoritos no dia e Amy havia acabado de fechar os olhos e inclinar o rosto para receber os raios quentes do sol do início de outono do Texas quando a dor chegou: um aperto violento no meio do corpo que a fez se dobrar na cintura com força, cambalear para a frente e soltar um grito baixo de choque, que mesmo no burburinho do pátio não deixou de ser notado.

– Amy? Você está bem?

A imagem da irmã Catherine – pálida, de rosto comprido, íris azuis como centáureas – entrou em foco. O suor estava escorrendo; as mãos e os pés tinham virado geleia fria. Tudo abaixo da cintura parecia ter perdido alguma densidade essencial; em mais um instante Amy literalmente derreteria no chão. Parte dela queria vomitar e outra parte se recusava, criando um impasse interno que a deixava incapaz de falar.

– Talvez seja melhor você se sentar. Está pálida feito um fantasma.

A irmã Catherine a levou até um banco encostado no muro do orfanato – uma distância de seis metros que pareceu um quilômetro. Quando chegou, Amy não poderia ter dado nem mais um passo sem desmaiar. Com uma agitação preocupada, a irmã a deixou, voltando

com um copo d'água, que pôs na mão de Amy. A atividade no pátio parecia ter continuado sem interrupção, mas Amy podia sentir o olhar de algumas crianças sobre ela. A dor havia se dissipado numa náusea mais geral, mas não o sentimento de fraqueza. Sentia-se quente e fria ao mesmo tempo. Mais irmãs haviam se apinhado ao redor, todas falando em voz baixa, séria, perguntando à irmã Catherine o que havia acontecido. Amy não queria a água – temia que ela simplesmente voltasse para fora –, mas todo mundo insistia. Tomou um gole pequeno.

– Desculpe – conseguiu dizer. – Num minuto eu estava perfeitamente bem...

– Aqui, irmã – disse Catherine, acenando na direção da porta do orfanato. – Venha depressa.

A pequena multidão se abriu enquanto a irmã Peg avançava. A velha examinou Amy com uma expressão franzida que conseguia parecer ao mesmo tempo preocupada e irritada. Ela se virou para as outras.

– E então? Alguém vai me dizer o que aconteceu ou terei de adivinhar?

– Não sei – disse a irmã Catherine. – Ela simplesmente... desmoronou.

O pátio havia parado. Agora todas as crianças olhavam para ela. Amy procurou Caleb, mas sua visão estava bloqueada pela irmã Peg. Amy não conseguia se lembrar de uma ocasião em que tivesse se sentido mal; entendia o princípio mas nunca experimentara a realidade, até agora. Quase pior do que a dor era o sentimento de humilhação, de ter o próprio corpo se virando contra ela. Isso lhe dava vontade de dizer alguma coisa, qualquer coisa, fazer com que todos parassem de olhar para ela.

– Amy? Foi isso que aconteceu?

– Só fiquei tonta. Minha barriga doeu. Não sei o que houve.

A velha pôs a palma da mão na testa de Amy.

– Bom, acho que você não está com febre.

– Na certa foi algo que eu comi. Tenho certeza de que, se ficar sentada mais um minuto, vou ficar bem.

– Ela não parece estar bem – exclamou a irmã Catherine, e as outras assentiram. – Honestamente, Amy, achei que você ia desmaiar.

Seguiram-se murmúrios generalizados. Não, ela não parecia estar bem, nem um pouco. Poderia ser gripe? Alguma coisa pior? Se era algo que a garota havia comido, será que todas adoeceriam também? A essa altura Amy acreditava que conseguiria ficar de pé se tentasse, mas, diante da maré de preocupação do grupo, a mera tentativa parecia não somente impossível, mas desleal, de algum modo.

A irmã Peg deixou o grupo ter seu momento de conjecturas, depois silenciou todas levantando a mão.

– Não vejo motivo para correr riscos. Para a cama, Amy.

– Mas eu estou me sentindo muito melhor. Tenho certeza de que vou ficar bem.

– Deixe que eu julgue isso, por favor. Irmã Catherine, pode ajudá-la a ir para o dormitório?

Catherine a ajudou a se levantar. Amy sentia-se meio insegura, e quente, e seu estômago não estava como deveria. Mas o pior havia passado. Catherine a levou para o prédio e subiram a escada até o quarto onde todas as irmãs dormiam, menos a irmã Peg, que, por estar no comando, tinha um aposento próprio. Amy se despiu e subiu na cama.

– Posso fazer mais alguma coisa? – A irmã Catherine estava fechando as cortinas.

– Estou bem. – Amy fez o máximo para sorrir. – Acho que só preciso descansar um pouco.

Parada ao pé da cama, Catherine a observou por um momento.

– Você sabe o que isso pode ser, não sabe? Uma garota da sua idade.

Sua idade. Se a irmã ao menos soubesse, pensou Amy. Mas Amy também entendia o que a mulher estava sugerindo. A ideia a pegou de surpresa.

A irmã Catherine sorriu com simpatia.

– Bom, se for, você vai saber logo. Acredite, todas passamos por isso.

Fazendo Amy prometer que chamaria caso precisasse de alguma coisa, a irmã saiu. Amy se deitou na cama e fechou os olhos. O sino da tarde havia tocado; lá embaixo as crianças estariam entrando para as aulas, com cheiro de sol e suor e ar puro da tarde, algumas talvez imaginando o que teria sido toda aquela agitação no pátio. Certamente Caleb estaria preocupado com ela – Amy deveria ter dito à irmã Catherine para falar alguma coisa com o garoto. *Ela só está cansada. Sentiu-se um pouco mal. Num instante vai ficar boazinha, você vai ver.*

E no entanto: *Uma garota da sua idade.* Seria possível? Todas as irmãs reclamavam da "provação", como chamavam, era uma piada comum no orfanato: vivendo num espaço tão apertado, todo mundo menstruava ao mesmo tempo, fazendo com que uma semana em cada quatro fosse um pesadelo de panos sangrentos e humores explosivos. Durante 100 anos Amy vivera numa total inocência desses fatos básicos; agora mesmo não poderia dizer que entendia completamente esse fenômeno, mas captava o sentido geral. Você sangrava, não muito, mas um pouco, e isso era desconfortável, estendendo-se por um período de dias. Durante um tempo Amy pensara nessa perspectiva com horror, mas com o passar dos anos esse sentimento cedera lugar a um desejo feroz, quase biológico, e ao medo de que nada disso jamais acontecesse com ela, que essa porta para a condição humana sempre permanecesse fechada e ela vivesse para sempre num corpo de criança.

Verificou: não, não estava sangrando. Isso era bom ou ruim? Se a irmã Catherine estivesse certa, quanto tempo faltava para começar? Desejou ter aproveitado a oportunidade para perguntar mais à irmã. Quanto sangue haveria, quanta dor, como ela se sentiria diferente? Mas em seu caso, pensou Amy, nada seria totalmente igual. Talvez fosse pior, talvez fosse melhor, talvez nunca acontecesse.

Gostaria de ser mulher. De ver isso refletido nos olhos dos outros. Que seu corpo conhecesse o que seu coração já conhecia.

Um miado áspero interrompeu seus pensamentos. Claro que Mouser viria olhar como ela estava. O velho gato cinzento veio para perto da cama. Era uma visão digna de pena – olhos nublados de

catarata, pelo embolado e pegajoso, o rabo se arrastando devido à idade.

– Veio me ver? Foi, garoto? Bom, venha cá. – Amy o tirou do chão, se recostou de volta na cama e o equilibrou no peito, passando as mãos nos pelos. Ele reagiu à altura, apertando a cabeça contra o pescoço dela. *Você está bem? Tem sol lá fora, por que está na cama?* Girou três vezes antes de se acomodar no peito dela, ronronando alto. *Tudo bem. Se você dormir, eu estarei bem aqui.*

Amy fechou os olhos.

Então era noite e Amy estava do lado de fora.

Como havia saído?

Continuava de camisola e seus pés estavam descalços e úmidos de orvalho. Era impossível saber as horas, mas parecia tarde. Será que estava dormindo? Mas, se ainda dormia, por que tudo parecia tão real? Avaliou o ambiente ao redor. Estava perto da represa, rio acima. O ar era fresco e úmido. Sentiu uma urgência latente, como se tivesse acordado de um sonho em que era perseguida. Por que estava ali? Estaria tendo um ataque de sonambulismo?

Algo roçou em sua perna, dando-lhe um susto. Olhou para baixo e viu Mouser, espiando-a com seus olhos nublados. Ele começou a miar alto, depois trotou na direção da represa, parando a poucos metros para olhá-la de novo.

O significado era claro; Amy foi atrás. O velho gato a levou para uma pequena estrutura de concreto na base da represa, lacrada com uma porta com tranca pesada – velha, enferrujada, dando a impressão de não ter sido aberta durante anos. Alguma coisa mecânica? Mouser estava parado junto à porta, miando.

Ela abriu e entrou. A escuridão era total – como encontraria o caminho? Tateou ao longo da parede, procurando um interruptor. Pronto. Uma fileira de luzes piscou, acendendo-se. No centro da pequena sala havia um corrimão de metal guardando uma escada circular. Mouser estava parado no degrau de cima. Ele se virou para olhá-la, deu um miado mais insistente e desceu.

A escada descia em espiral para a escuridão. Na base ela se viu de novo em meio ao negrume. Outra procura desajeitada por um

interruptor de luz, então viu onde estava. Era um tubo largo, que ia somente numa direção. Mouser já estava bem à frente dela, arrastando sombras alongadas pelas paredes. Sua urgência era contagiosa, atraindo-a mais para o fundo desse mundo subterrâneo. Chegaram a uma segunda escotilha, fechada com um volante. Havia um pedaço de cano no chão ao lado. Amy o enfiou entre os raios da roda e girou. A porta se abriu, revelando uma escada que levava mais para baixo. Virou-se para olhar Mouser, que a encarou com expressão cética.

Isso não é para mim. Agora você está por conta própria.

Amy desceu. Algo a esperava – ela sentiu a presença no fundo dos ossos. Algo terrível, triste e cheio de saudade. Seus pés tocaram o chão. Outro túnel, mais largo do que o primeiro. Um fio d'água escorria pelo chão. Na outra extremidade viu um círculo de luz. Agora sabia onde estava: num dos tubos do vertedouro. Era o luar que ela estava enxergando. Moveu-se na direção do brilho opaco no instante em que uma sombra se moveu diante dele. Não era uma sombra: uma figura.

Ela sabia.

Amy, Amy, filha do meu coração.

– Pai.

Amy, estou aqui.

Ele estava estendendo a mão entre as barras: uma mão comprida, os dedos distendidos, com garras curvas nas pontas. Avançando, ela levantou a sua de modo que as duas se encontrassem. Os dedos dele primeiro se cruzaram com os dela, depois os envolveram. A visão de Amy ficou turva com as lágrimas.

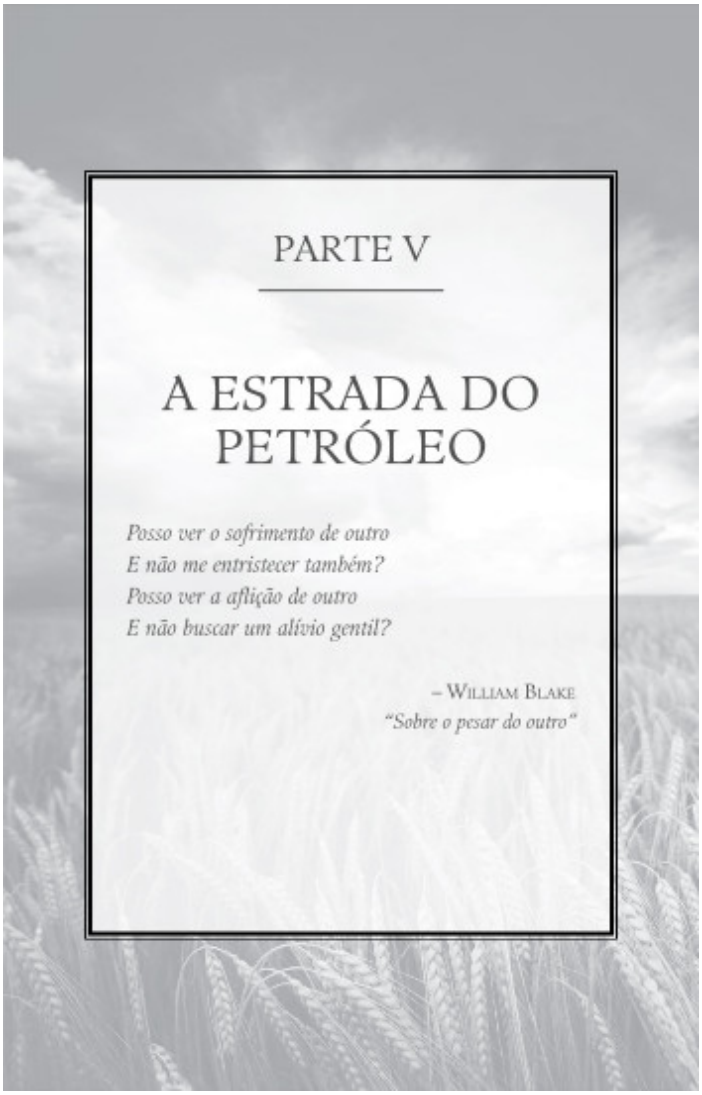
Amy, eu me lembro. Eu me lembro de tudo.

– Pai, o que está acontecendo? Por favor, diga.

Minha corajosa Amy. A única Amy em todo o mundo. Todas as suas perguntas serão respondidas. Ele está esperando você no navio. Vou mostrar o caminho quando chegar a hora.

– Quando? Quando será?

Em breve, disse Wolgast. *Muito em breve.*

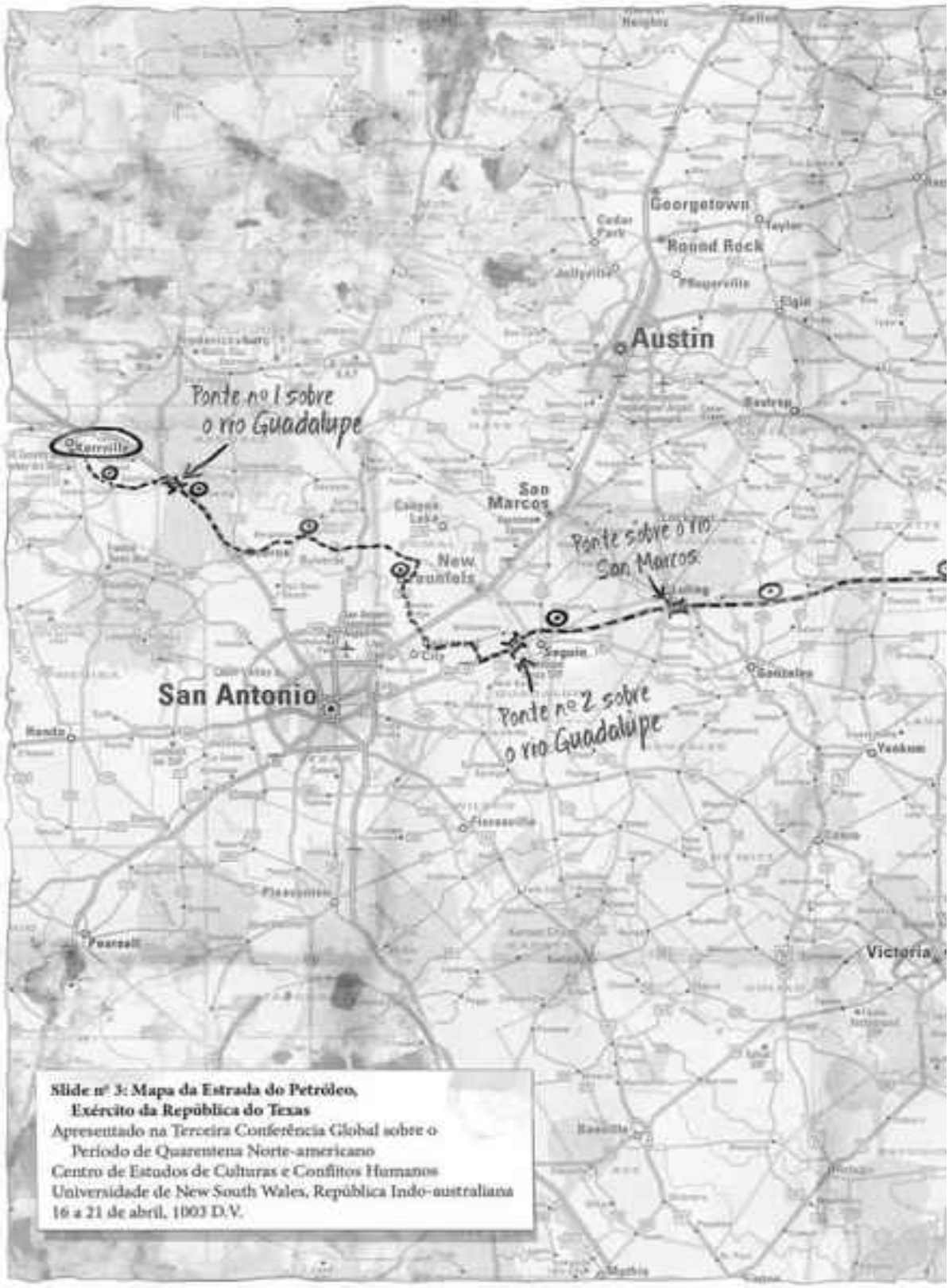


PARTE V

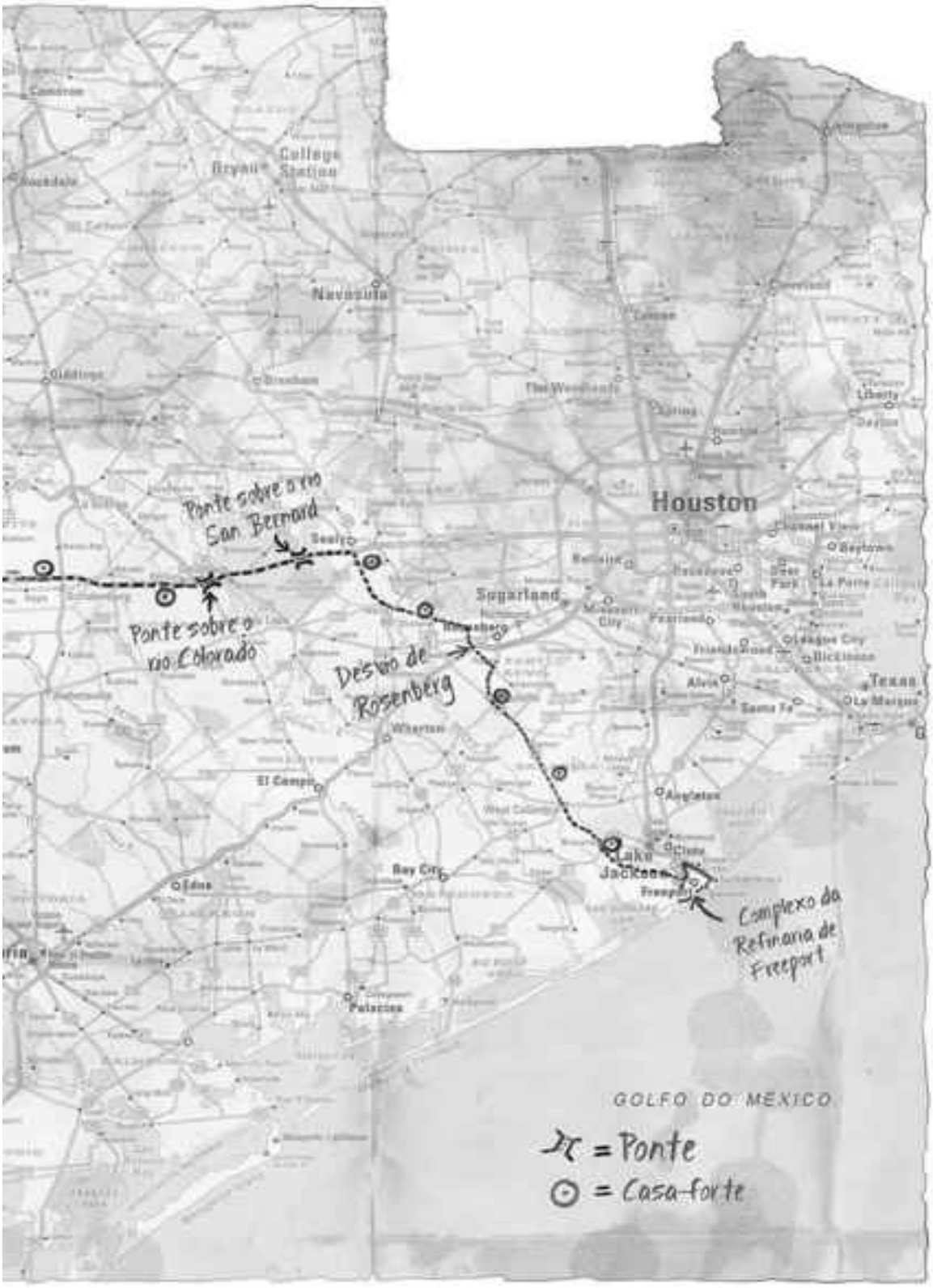
A ESTRADA DO PETRÓLEO

Posso ver o sofrimento de outro
E não me entristecer também?
Posso ver a aflição de outro
E não buscar um alívio gentil?

– William Blake
"Sobre o pesar do outro"



Slide nº 3: Mapa da Estrada do Petróleo, Exército da República do Texas
Apresentado na Terceira Conferência Global sobre o Período de Quarentena Norte-americano
Centro de Estudos de Culturas e Conflitos Humanos
Universidade de New South Wales, República Indo-australiana
16 a 21 de abril, 1003 D.V.


Ponte sobre o rio San Bernard
Ponte sobre o rio Colorado
Desvio de Rosenberg
Complexo da Refinaria de Freeport
Houston
Sugarland
College Station
Navasota
El Campo
Bay City
Edna
Palacios
Lake Jackson
GOLFO DO MEXICO
= Ponte
= Casa-forte

VINTE E NOVE

Complexo da Refinaria, Freeport, Texas

Michael Fisher, petroleiro classe 1 – Michael, o Inteligente, Aquele que Une os Mundos –, acordou de um sono profundo e sem sonhos para a sensação inconfundível de que alguém estava trepando com ele.

Abriu os olhos. Lore estava montada nele, a coluna encurvada para trás, a testa coberta por um suor brilhante, disparado pelo sexo. Por todos os voadores, pensou, eles não tinham acabado de fazer isso? Na verdade, não tinham feito durante a maior parte da noite? Enormemente, hilariamente, em todas as posições permitidas à fisiologia humana num beliche que tinha as dimensões aproximadas de um caixão?

– Bom dia – anunciou ela com um riso. – Espero que não se importe por eu ter começado sem você.

Bom, que seja, pensou Michael. Certamente havia modos piores de começar o dia. Pela cor das bochechas dela, dava para ver que Lore ia bem adiantada – e, pensando bem, ele não estava muito atrás. Ela havia começado a balançar os quadris, com o peso do sexo batendo contra ele como ondas numa praia. As ondas vinham e iam.

– Não tão depressa, moço.

– Pelo amor de Deus, façam menos barulho! – rosnou uma voz acima.

– Cala a boca, Ceps – respondeu Lore. – Estou trabalhando aqui.

– Vocês estão me deixando com tesão! Isso é nojento!

Para Michael essa conversa parecia estar acontecendo em alguma órbita distante. Com todo mundo alojado junto, tendo apenas cortinas finas para dar privacidade, as pessoas aprendiam a se desligar das coisas. Mas o sentimento era mais do que isso. Enquanto seus sentidos navegavam para longe penetrando na pura percepção física, algo que tinha a ver com sexo – seus ritmos hipnóticos – o colocava numa espécie de dissociação. Era como se sua mente se

arrastasse três passos atrás do corpo, passeando através de uma paisagem de várias preocupações, tristezas e imagens emocionalmente neutras que pareciam subir diante dele como bolhas de gás se expandindo na caldeira. Uma gaxeta velha que precisava ser consertada. A programação de entrega de novo óleo cru vindo do depósito. Lembranças da Colônia, em que, de outro modo, ele jamais pensava. Acima dele, Lore continuava a jornada, enquanto Michael pairava nessa corrente de deslealdade mental, tentando forçar as atenções a se alinharem com as dela. Parecia ser o mínimo que poderia fazer.

E no fim conseguiu. A paixão acelerada de Lore foi vitoriosa. Quando eles puxaram a cortina, Ceps havia saído. O relógio acima da porta marcava 6h30.

– Merda.

Michael pôs os pés no chão e começou a vestir o macacão. Lore, atrás dele, envolveu seu peito com os braços.

– Fique. Vou fazer com que valha a pena.

– Estou no primeiro turno. Se me atrasar de novo, Karlovic vai comer meus olhos no café da manhã. – Ele enfiou os pés nas botas e se virou para beijá-la: um gosto de sal e de sexo, e de algo totalmente dela. Michael não diria que era amor o que havia entre eles, exatamente. O sexo era um modo de passar o tempo, mas com o escoar dos meses o relacionamento havia evoluído, pouco a pouco, até virar algo mais do que hábito.

– Você estava pensando de novo, não estava?

– Quem, eu?

– Não minta. – O tom dela não era amargo, mas meramente corretivo. – Sabe, um dia vou comer você até arrancar todas as preocupações. – Ela suspirou e relaxou o aperto dos braços. – Tudo bem. Vá.

Ele se levantou do beliche e pegou o capacete e as luvas no poste.

– Vejo você mais tarde?

Ela já havia se deitado de volta na cama.

– Com certeza.

Quando Michael saiu do alojamento, o sol estava começando a se erguer sobre o golfo, fazendo a superfície tremeluzir como uma folha de metal martelado. Podia ser a primeira semana de outubro, mas o calor já ia aumentando, o ar do oceano azedo como sempre, com sal e o fedor sulfuroso do butano sendo queimado. Com o estômago roncando – a comida teria de esperar – ele caminhou a passos largos pelo complexo, passando pelo comissariado, pelas gaiolas de pesagem e pelo alojamento da Segurança Doméstica até o galpão metálico onde os trabalhadores do turno da manhã haviam se reunido. Karlovic, o engenheiro-chefe, estava anunciando as tarefas da lista. Ele lançou um olhar frio para Michael.

– Estamos interrompendo seu sono de beleza, Fisher? Que pena.

– Certo. – Michael estava fechando o zíper do macacão. – Sinto muito.

– Pois vai sentir mais ainda. Você é que vai acionar a Bomba. Ceps vai ser seu ajudante. Tente não explodir sua equipe.

A Torre de Refino 1, conhecida como a Bomba, era a mais velha de todas, enferrujada e mantida no lugar por meio de uma combinação de remendos com soldas, arame e orações. Todo mundo dizia que era questão de tempo até que ela fosse tirada de serviço ou lançasse uma equipe de trabalho até Marte.

– Obrigado, chefe. É muita gentileza sua.

– Nem precisa agradecer. – Karlovic passou o olhar pelo grupo. – Certo, pessoal. Faltam sete dias até embarcarmos. Quero os caminhões-tanque cheios. E, Fisher, espere aí um minuto. Quero trocar uma palavrinha com você.

As equipes se dispersaram para as torres. Michael acompanhou Karlovic para dentro do galpão. Meu Deus, e agora? Ele não havia se atrasado mais do que dois minutos, nem valia uma bronca.

– Escute, Dan, desculpe esta manhã...

Karlovic não deixou que ele terminasse.

– Esqueça, não é sobre isso que eu quero falar. – Repuxando as calças, ele sentou o corpanzil na cadeira atrás da mesa. Karlovic era pesado no sentido mais puro: não era gordo, e sim grande em todos os aspectos, um homem de peso. Grudadas na parede acima de sua cabeça havia dúzias de papéis – listas de tarefas, fluxogramas,

programações de entregas. – Eu ia colocar você na Bomba, de qualquer modo. Você e Ceps são os melhores que tenho para trabalhos difíceis. Receba como um elogio o fato de eu estar colocando os dois naquela puta velha mal-humorada. Por mim, aquela coisa estaria no ferro-velho.

Michael não duvidava disso; por outro lado, sabia quando recebia um elogio estrategicamente colocado.

– E?

– E isto.

Karlovic empurrou uma folha de papel sobre a mesa. O olhar de Michael caiu rapidamente na ornamentada assinatura embaixo: Victoria Sanchez, presidente, República do Texas. Examinou rapidamente os três parágrafos curtos da carta. *Ora veja*, pensou.

– Tem alguma ideia do que se trata?

– Por que você acha que eu teria?

– Você foi o último chefe de equipe encarregado da entrega. Talvez tenha ouvido alguma coisa enquanto estava por lá. Algum papo no depósito, militares extras andando por lá, qualquer coisa.

– Nada que eu me lembre. – Ele deu de ombros. – Você falou com Stark? Talvez ele saiba.

Stark era o chefe da segurança. Era meio tagarela e gostava demais de alc, mas de modo geral era respeitado tanto pelos petroleiros quanto pelos homens da Segurança Doméstica, no mínimo devido à sua habilidade na mesa de pôquer. Sua esperteza com as cartas custara uma grana a Michael; não que o salário fosse uma grande perda – com as cercas da refinaria, não havia nada em que gastá-lo.

– Ainda não. Mas isso não vai bater bem para ele. – Karlovic examinou Michael por um momento. – Vocês não são amigos? Aquele negócio todo da Califórnia.

– Eu o conheço, sim.

– Então talvez você possa lubrificar as coisas um pouco. Agir como uma espécie de... sei lá, elemento de ligação não oficial entre a Segurança Doméstica e os militares.

Michael se permitiu um momento para sondar suas emoções. Estava feliz em ver alguém dos velhos tempos, mas ao mesmo

tempo tinha consciência de uma perturbação interna, um sentimento de exposição. Em muitos sentidos a vida contida de um petroleiro o resgatara do sofrimento de ter perdido a irmã, ocupando o espaço em sua mente que ela deixara. Uma parte dele sabia que estava se escondendo, mas o resto não se importava.

– Não deve ser problema.

– Bom, vou considerar como um favor. Cuide disso como quiser. – Karlovic virou a cabeça para a porta. – Agora saia daqui, você tem óleo para refinar. E eu falei sério. Tome cuidado com aquela coisa.

Michael chegou à torre de destilação e encontrou sua equipe, uma dúzia de grosseirões parados por ali com expressões de perplexidade. O caminhão-tanque com sua carga de óleo cru vindo da reserva estava parado em ponto morto. Ceps não estava à vista.

– Certo, vou engolir essa. Por que vocês não estão enchendo essa coisa?

Ceps se arrastou de baixo do sistema de aquecimento na base da torre. Suas mãos e os braços nus estavam encharcados de gosma preta.

– Precisamos esvaziá-la primeiro. Tem pelo menos dois metros de resíduo na base.

Michael sentiu um clarão de raiva.

– Puta que o pariu, isso vai demorar a manhã inteira. Quem foi o último chefe de equipe?

– Essa coisa não é posta para funcionar há meses. Você vai ter de perguntar ao Karlovic.

– Quanto óleo cru vamos ter de drenar?

– Uns 200 barris, pelo menos.

Trinta mil litros de petróleo parcialmente refinado que estavam parados ali ninguém sabia há quanto tempo: precisariam de um grande caminhão-tanque, talvez dois, depois um caminhão-bomba e mangueiras de vapor de alta pressão para limpar a torre. Estavam diante de 12 horas de trabalho, no mínimo, mais 16 para enchê-la de novo e religar o sistema de aquecimento e outras 24 horas antes que a primeira gota saísse pelo tubo. Karlovic estouraria um aneurisma.

– Bom, é melhor a gente começar. Vou fazer o pedido, vocês preparem as mangueiras. – Michael balançou a cabeça. – Se eu descobrir quem fez isso, vou chutar o rabo dele.

O esvaziamento demorou o resto da manhã. Michael atestou que o óleo tirado não podia ser usado e mandou o caminhão para os poços de despejo, para o óleo ser queimado. Tirar o lixo era a parte fácil; limpar o tanque era o serviço que todo mundo temia. A água injetada no topo da torre limparia a maior parte do resíduo – o resíduo pegajoso e tóxico do processo de refino – mas não todo. Três homens teriam de se preparar e entrar para varrer a base e limpar o dreno do fundo. A única entrada era uma passagem cega, com um metro de largura, pela qual teriam de se arrastar de quatro. A expressão para isso era “entrar pela culatra”, o que não era uma descrição pouco exata, na opinião de Michael. Ele seria um dos três – não havia regra com relação a isso, era simplesmente o seu hábito, um gesto para ajudar no moral. Para os outros dois, o costume era tirar a sorte no palitinho.

O primeiro a pegar o palito mais curto foi Ed Pope – o mais velho da equipe. Ed havia treinado Michael, mostrara como as coisas funcionavam. Três décadas nas refinarias haviam cobrado seu preço: o corpo do sujeito parecia um livro de anotações de catástrofes. Três dedos cortados pela lâmina de um cortador de aço. Um lado da cabeça e do pescoço queimado até virar uma casca rosa e sem pelos por causa de uma explosão de propano que matou nove homens. Era surdo de um ouvido. Os joelhos estavam tão ferrados que bastava vê-lo se curvar para Michael ficar assustado. Pensou em dispensá-lo, mas sabia que Ed era orgulhoso demais para aceitar isso, e ficou olhando o sujeito ir para o galpão vestir a roupa especial.

O segundo palito curto foi para Ceps.

– Esqueça, preciso de você aqui nas bombas – disse Michael.

Ceps balançou a cabeça. Aquele dia deixara todos impacientes e esgotados.

– Para o diabo. Vamos fazer isso logo.

Enfiaram-se nos macacões especiais, puseram os tanques de oxigênio e juntaram os equipamentos: vassouras pesadas, baldes de

solvente, tubos de alta pressão que seriam ligados a um compressor. Michael baixou a máscara sobre o rosto, fechou os lacres sobre as luvas e verificou o oxigênio. Apesar de terem ventilado a torre, o ar lá dentro ainda era tremendamente letal – uma sopa de vapores de petróleo e sulfetos que poderia rasgar os pulmões. Michael sentiu um estalo e a pressão dentro da máscara, acendeu a lâmpada na testa e se ajoelhou para desaparafusar a entrada do tubo.

– Vamos lá, *hombres*.

Enfiou-se e ficou de quatro, apoiando-se em oito centímetros de gosma. Ed e Ceps engatinharam atrás dele.

– Que sujeira.

Michael enfiou a mão no óleo denso e abriu o dreno do fundo. Os três começaram a varrer o resíduo na direção dele. A temperatura dentro da torre era de pelo menos 38 graus – o suor escorria, a umidade da respiração nublava as máscaras. Assim que limparam a maior parte, derramaram o solvente, encaixaram as mangueiras e começaram a jogar água nas paredes e no piso.

Dentro dos macacões, e ainda por cima com o rugido do compressor, era praticamente impossível conversar. A única coisa em que pensar era terminar o serviço e sair. Estavam fazendo isso havia apenas alguns minutos quando Michael sentiu um tapinha no ombro. Virou-se e viu Ceps apontando para Ed. O sujeito estava simplesmente parado, virado para a parede como uma estátua, o bico da mangueira frouxo ao lado do corpo. Enquanto Michael olhava, a mangueira escorregou da mão dele, mas Ed pareceu não notar.

– Tem alguma coisa errada com ele! – gritou Ceps acima do barulho.

Michael avançou e virou Ed pelos ombros, para encará-lo. Tudo que conseguiu de volta foi um olhar vazio.

– Ed, você está bem?

O rosto do sujeito voltou bruscamente à vida.

– Ah, ei, Michael – disse ele, animado demais. – Ei, ei, ei, ei. Uau, uau.

– O que ele está dizendo? – gritou Ceps.

Michael passou um dedo sobre a garganta, indicando a Ceps que desligasse o compressor. Olhou direto para Ed.

– Fale comigo, meu chapa.

Um risinho de menina escapou dos lábios do sujeito. Ele estava com dificuldade para respirar, uma das mãos indo para a máscara.

– Asblass. Minfs. Minfs!

Michael viu o que ia acontecer. Quando Ed levou a mão à máscara, ele o segurou pelos braços. O sujeito não era nenhuma criança, mas também não era fraco. Estava se retorcendo ferozmente, seguro por Michael, tentando se soltar, o rosto azul de pânico. Não era pânico, percebeu Michael, e sim falta de ar. Seu corpo foi convulsionado por um repelão enorme, os joelhos se dissolvendo, o peso inteiro se chocando contra os braços de Michael.

– Ceps, me ajude a tirá-lo daqui!

Ceps segurou o sujeito pelos pés. O corpo dele havia ficado frouxo. Juntos levaram-no para a passagem.

– Alguém pegue ele! – gritou Michael.

Mãos apareceram para puxar do outro lado, enquanto Michael e Ceps empurravam o corpo de Ed. Michael se enfiou na passagem, arrancando a máscara e as luvas no momento em que chegou ao ar puro. Ed estava deitado de rosto para cima no chão; alguém havia tirado sua máscara e a mochila. Michael se ajoelhou ao lado do corpo. Uma imobilidade agourenta: o sujeito não estava respirando. Michael pôs a mão direita no centro do peito dele, posicionou a esquerda em cima, cruzou os dedos e empurrou. Nada. Empurrou de novo e de novo, contando até 30, como aprendera a fazer, depois enfiou a mão embaixo do pescoço de Ed para liberar as vias aéreas, apertou o nariz dele e comprimiu a boca contra os lábios azuis do sujeito. Uma respiração, duas, três. A mente de Michael estava totalmente límpida, os pensamentos fixos em um único objetivo. Tudo parecia perdido, quando sentiu uma contração forte do diafragma: o peito de Ed se inflava, recebendo um grande volume de ar. Ele virou o rosto para o lado, ofegando e tossindo.

Michael se balançou para trás nos calcanhares, caindo de bunda na poeira. Sua pulsação estava martelando com adrenalina. Alguém lhe entregou um cantil: Ceps.

– Está legal, meu chapa?

A pergunta nem fazia sentido. Michael tomou um gole comprido, bochechou a água e cuspiu-a.

– Estou.

Depois de um tempo alguém ajudou Ed a se levantar. Michael e Ceps o acompanharam até o galpão e fizeram com que se sentasse num banco.

– Como está se sentindo? – perguntou Michael.

Um pouco de cor havia retornado ao rosto dele, mas a pele estava úmida e macilenta. Ele balançou a cabeça, arrasado.

– Não sei o que aconteceu. Eu podia jurar que verifiquei meu oxigênio.

Michael já havia olhado: os tanques estavam vazios.

– Talvez seja hora, Ed.

– Meu Deus, Michael, você está me demitindo?

– Não. A escolha é sua. Só estou dizendo que não é uma desgraça parar de trabalhar. – Como Ed não respondeu, Michael se levantou. – Apenas pense um pouco. Eu apoio o que você decidir. Quer uma carona até o alojamento?

Ed estava olhando desconsolado para o vazio. Michael podia ler a verdade no rosto dele: o sujeito não tinha nada na vida além daquilo.

– Acho que só vou ficar sentado aqui um pouco. Recuperando as forças.

Michael saiu do galpão e encontrou o resto da equipe esperando na porta.

– Por que diabos vocês estão parados aqui?

– O turno acabou, chefe.

Michael olhou o relógio: era verdade.

– Para nós, não. O show acabou, pessoal. Vamos levar esses rabos preguiçosos de volta para o trabalho.

Passava da meia-noite quando Lore disse:

– Foi uma sorte o que aconteceu com o Ed.

Os dois estavam enrolados no beliche de Michael. Apesar dos esforços de Lore, a mente dele não pôde se afastar dos acontecimentos do dia. Tudo o que enxergava ao fechar os olhos era

a expressão de Ed no galpão, como alguém sendo levado para o cadafalso.

– Como assim, uma sorte?

– Você estar lá. O negócio que você fez.

– Não foi nada.

– Foi, sim. Ele podia ter morrido. Como você sabia o que fazer?

O passado se ergueu dentro dele, uma onda de dor.

– Minha irmã me ensinou. Ela era enfermeira.

TRINTA

A Cidade: Kerrville, Texas

Chegaram atrás da chuva. Primeiro os campos, encharcados de umidade, o ar impregnado do cheiro de terra, depois, enquanto subiam para fora do vale, os muros da cidade, erguendo-se com a altura de oito andares contra os morros marrons do Texas. No portão viram-se numa longa fila de tráfego – transportes, máquinas pesadas, picapes da Segurança Doméstica apinhadas de homens com suas pesadas roupas acolchoadas. Peter desceu, pediu ao motorista que colocasse seu baú no alojamento, e no túnel de pedestres mostrou suas ordens ao guarda, que o fez passar.

– Bem-vindo ao lar, senhor.

Depois de 17 meses nos territórios, os sentidos de Peter foram atacados instantaneamente pela humanidade vasta e avassaladora do lugar. Tinha passado pouco tempo na cidade, não o bastante para se acostumar com sua massa claustrofóbica de sons, cheiros e a enxurrada de rostos. A Colônia jamais tivera mais de 100 almas; ali o número era superior a 40 mil.

Peter foi até o intendente pegar seu pagamento. Na verdade nunca havia se acostumado com a ideia de dinheiro, também. A "cota igualitária", a unidade econômica que governava a Colônia, fazia sentido para ele. Você tinha a sua parte e a usava como quisesse, mas era o mesmo que todo mundo, nunca mais nem menos. Como esses pedaços de papel impresso – chamavam-se "austins", por causa do homem cuja imagem, com sua testa alta parecendo uma cúpula, o nariz adunco e o arranjo espantoso de roupas, adornava cada nota – correspondiam de fato ao valor do trabalho de uma pessoa?

O funcionário, um civil, pegou o salário no cofre, batendo com as notas no balcão, e empurrou uma prancheta na direção dele, através da grade, tudo isso sem encará-lo ao menos uma vez.

– Assine aqui.

O dinheiro, um maço gordo, pareceu estranho no bolso de Peter. Enquanto saía de volta para a tarde que clareava, já estava tramando como se livrar dele. Restavam seis horas para o toque de recolher – mal haveria tempo de visitar o orfanato e a cadeia antes de se apresentar ao alojamento. Aquela tarde era tudo o que ele tinha: o transporte para a refinaria partiria às seis da manhã.

Primeiro seria Greer – desse modo Peter não teria de desapontar Caleb saindo antes do toque. A cadeia ficava na antiga delegacia no extremo oeste do centro da cidade. Assinou o livro na entrada – em Kerrville você vivia assinando coisas, outra estranheza –, entregou a faca e a arma e já ia prosseguir quando o guarda o fez parar.

– Preciso revistá-lo, tenente.

Sendo membro dos Expedicionários, Peter estava acostumado a um certo respeito automático – principalmente por parte de um doméstico de nível inferior, que não teria mais de 20 anos.

– Isso é mesmo necessário?

– Desculpe. Eu não faço as regras, senhor.

Era irritante, mas Peter não tinha tempo para discutir.

– Só seja rápido.

O guarda passou as mãos para cima e para baixo pelos braços e as pernas de Peter, depois pegou um molho de chaves embaixo da mesa e o levou para a área das celas, um longo corredor com pesadas portas de aço, cada uma com uma minúscula janela de vidro reforçado. O ar era denso e tinha odor de homens. Chegaram à cela marcada com o número 62.

– Engraçado – observou o guarda, procurando a chave certa –, Greer não via ninguém há quase três anos e agora teve duas visitas em apenas um mês.

– Quem mais esteve aqui?

– Eu não estava de serviço. O senhor terá de perguntar a ele.

O guarda achou a chave, enfiou-a na fechadura e abriu a porta, que rangeu. Greer, descalço, vestindo apenas uma calça de lona áspera amarrada à cintura, estava sentado na beira da cama. Seu peito largo brilhava de suor, as mãos estavam dobradas serenamente no colo. O cabelo, de um branco prateado, estava puxado para trás, caindo nos ombros largos, enquanto uma grande

barba emaranhada – a barba de um profeta, de um andarilho no ermo – cobria-lhe até a metade as faces. Uma imobilidade profunda emanava dele; a impressão era de compostura, como se tivesse reduzido a mente e o corpo às suas essências. Durante um momento incômodo não deu qualquer indicação de que percebia as duas figuras paradas na porta, levando Peter a imaginar se o isolamento teria feito algo com sua mente. Mas então levantou os olhos, com o rosto se iluminando.

– Peter, aí está você.

– Major Greer. É bom vê-lo.

Ele riu ironicamente, a voz grossa pela falta de uso.

– Ninguém me chama assim há um bom tempo. Agora sou apenas Lucius. Ou 62, se você quiser. A maioria das pessoas parece preferir isso. – Greer se dirigiu ao guarda: – Dê-nos alguns minutos, está bem, Sanders?

– Eu não deveria deixar ninguém sozinho com um prisioneiro.

– Acho que posso cuidar de mim mesmo – disse Peter.

Houve um momento de hesitação, depois ele cedeu.

– Bom, já que é o senhor, acho que 10 minutos devem bastar. Mas depois disso meu turno acaba. Não quero arranjar encrenca.

Peter franziu a testa.

– Nós nos conhecemos?

– Eu vi a sua assinatura. Todo mundo sabe quem o senhor é. É o cara da Califórnia. É tipo uma lenda. – Todo o fingimento de autoridade havia sumido. De repente ele era só um garoto diante de um ídolo, o rosto reluzindo de admiração. – Como foi? Quero dizer, vir de tão longe.

Peter não soube bem como responder.

– Foi uma longa caminhada.

Sanders balançou a cabeça, espantado.

– Não sei como o senhor conseguiu. Eu teria me cagado de medo.

– Acredite no que eu digo – garantiu Peter –, grande parte da coisa foi assim.

Sanders os deixou a sós. Peter ocupou a cadeira, montando nela de trás para a frente, diante de Greer.

– Parece que você causou uma tremenda impressão no nosso garoto aí. Eu lhe disse: seria uma história difícil de manter em segredo.

– Ainda é estranho ouvi-la – disse Peter. – Como você está?

Greer deu de ombros.

– Ah, eu me viro. E você? Você parece bem, Peter. O uniforme lhe cai bem.

– Lish mandou lembranças. Foi promovida a capitã.

Greer assentiu, afável.

– É uma garota notável, a nossa Lish. Eu diria que foi destinada a grandes feitos. E como vai a luta? Ou será que não preciso perguntar?

– Não muito bem. Estamos numa pausa agora. O negócio do Martínez foi uma catástrofe. Agora parece que o comando está em dúvida.

– É nisso que eles sempre foram bons. Não se preocupe, os ventos vão mudar. Uma coisa que a gente aprende aqui é a ter paciência.

– Sem você não é a mesma coisa. Não consigo parar de pensar que seria diferente se você estivesse lá.

– Ah, duvido muito. Esse show sempre foi seu. Eu soube no momento em que conheci vocês. Foram apanhados de cabeça para baixo numa armadilha giratória, não foi?

Peter riu da lembrança.

– Michael vomitou em cima de nós.

– Isso mesmo, agora lembro. Como ele está? Imagino que não seja o mesmo garoto que eu conheci naquela época. Sempre tinha resposta para tudo.

– Duvido que tenha mudado muito. De qualquer modo, vou descobrir amanhã. Eles me puseram na refinaria.

Greer franziu a testa.

– Por quê?

– Alguma nova iniciativa para dar segurança à estrada do Petróleo.

– A Segurança Doméstica vai adorar isso. Eu diria que você vai ficar com as mãos ocupadas. – Ele deu um tapa nos joelhos para mudar de assunto. – E Hollis, teve notícias dele?

– Nada de bom. A morte de Sara foi ruim para ele. Dizem que entrou para o comércio.

Greer pensou nessa notícia por um momento.

– No geral, não posso dizer que o culpo. Pode parecer estranho, conhecendo Hollis, mas nessas circunstâncias mais de um homem seguiu esse caminho. Imagino que ele supere, cedo ou tarde. Ele tem uma cabeça boa.

– E você? Você vai sair logo. Se quiser, posso dar uma palavrinha com o comando. Talvez eles deixem você se realistar.

Mas Greer balançou a cabeça.

– Acho que esse tempo acabou para mim, Peter. Não esqueça, sou um desertor. Mesmo que eles me aceitassem, quando a gente cruza essa linha, não há como voltar.

– O que você vai fazer?

Greer deu um sorriso misterioso.

– Imagino que vá surgir alguma coisa. Sempre surge.

Durante um tempo falaram sobre os outros, trocaram notícias, histórias do passado. Ali, com Greer, Peter sentiu um contentamento caloroso, mas junto com isso veio um sentimento de perda. O major havia entrado em sua vida justo quando Peter precisava dele – a presença firme de Greer lhe dera a vontade para ir adiante nos dias em que sua decisão falhava. Era uma dívida que Peter jamais poderia pagar: a dívida da coragem emprestada. Na presença dele, Peter sentia que o encarceramento de Greer o havia mudado. Ele ainda era o mesmo homem, mas algo por dentro corria mais fundo, um rio de calma interior. Ele parecia ter tirado forças do isolamento.

Quando o fim dos 10 minutos foi se aproximando, Peter contou ao major sobre a caverna e o homem estranho, Ignacio, e a teoria de Alicia sobre o que ele era. Enquanto falava, percebeu como a ideia ainda parecia absurda; no entanto sentia que estava correta. No mínimo sua convicção de que a informação era importante havia crescido com o passar dos dias.

– Pode haver alguma coisa aí – concordou Greer. – Ele disse “ele nos abandonou”?

– Foram essas as palavras.

Greer ficou quieto um momento, acariciando a barba comprida.

– A questão, claro, é para onde Martínez foi. Alicia tinha alguma ideia sobre isso?

– Não que tenha me contado.

– E o que você acha?

– Acho que vai ser mais complicado achá-los do que a gente pensava. – Esperou, observando o rosto de Greer. Como o major não respondeu, disse: – Minha oferta continua de pé. Seria realmente bom ter você.

– Você me superestima, Peter. Eu só estava acompanhando a viagem.

– Para mim, não. Alicia diria a mesma coisa. Todos nós diríamos.

– Aceito o elogio. Mas isso não muda nada. O que passou passou.

– Ainda não parece certo você estar aqui.

Greer deu de ombros de leve.

– Talvez seja, talvez não. Acredite, eu pensei muito nesse assunto. Os Expedicionários eram a minha vida, e sinto falta disso. Mas fiz o que achei certo no momento. No fim, é só isso que a gente tem para medir a vida. E é o suficiente. – Seus olhos se estreitaram encarando Peter. – Não preciso dizer isso a você, não é?

O major o havia apanhado direitinho.

– Acho que não.

– Você é um bom soldado, Peter. Sempre foi, e eu não estava mentindo quando falei do uniforme. Cai bem em você. A questão é: você cabe dentro dele?

A pergunta não era uma acusação – no mínimo era o oposto.

– Tem dias que fico em dúvida – confessou Peter.

– Você e todo mundo. A vida militar é o que é. Não se pode nem mesmo ir à latrina sem preencher um formulário em três vias. Mas no seu caso eu diria que a questão é mais profunda. O homem que eu conheci pendurado de cabeça para baixo naquela armadilha não estava seguindo as ordens de ninguém, só as dele próprio. Acho que ele nem saberia como fazer isso. Agora aí está você, cinco anos depois, dizendo que o comando quer parar com a caçada. Diga: eles estão certos?

– Claro que não.

– E você pode fazer com que eles entendam isso? Que mudem de ideia?

– Sou apenas um oficial subalterno. Eles não vão me ouvir.

Greer assentiu.

– Eu concordo. Portanto aqui estamos.

Seguiu-se um silêncio. Então Greer disse:

– Talvez isto ajude: você se lembra do que eu lhe disse naquela noite em Utah?

– Houve um monte de noites, Lucius. Muitas coisas foram ditas.

– Foram mesmo. Mas essa em particular... não lembro bem onde estávamos exatamente. A uns dois dias da fazenda, de qualquer modo. Estávamos abrigados embaixo de uma ponte. Com pedras de aparência estranha a toda a volta. Lembro dessa parte pelo modo como a luz batia nelas ao pôr do sol, como se fossem iluminadas por dentro. Você ficou no primeiro turno de vigia e eu fui rendê-lo, e nós dois começamos a conversar. Foi a noite em que eu perguntei o que você pretendia fazer com os frascos que Lacey tinha lhe dado.

Tudo estava retornando. As pedras vermelhas, o silêncio profundo da paisagem, o fluxo tranquilo da conversa, com os dois sentados junto à fogueira. Era como se a memória tivesse flutuado na mente de Peter durante cinco anos, jamais tocando a superfície até agora.

– Eu lembro.

Greer aquiesceu.

– Achei que lembraria. E me deixe dizer: quando você se ofereceu para ser inoculado com o vírus, foi, no duro, a coisa mais corajosa que já vi, e já vi um bocado de coisas corajosas. Não era algo que eu poderia ter feito. Antes disso eu sentia bastante respeito por você, mas depois... – Ele fez uma pausa. – Naquela noite eu disse uma coisa a você: “Tudo o que aconteceu parece mais do que coincidência.” Na verdade eu estava falando comigo mesmo, tentando colocar em palavras uma coisa que eu não conseguia deduzir, mas pensei um bocado no assunto. Você ter encontrado Amy, eu ter encontrado vocês, Lacey, Babcock, tudo o que ocorreu na montanha. Os acontecimentos podem parecer aleatórios enquanto a gente passa por eles, mas, quando olha para trás, o que você vê? Uma cadeia de coincidências? Pura sorte? Ou algo mais?

Vou dizer o que eu vejo, Peter. Um caminho claro. Mais do que isso. Um caminho *verdadeiro*. Quais são as chances de essas coisas terem acontecido sozinhas? Cada peça caindo no lugar exatamente quando a gente precisava? Há uma força atuando aqui, meu amigo, algo além da nossa compreensão. Chame como quiser. A coisa não precisa de nome, porque ela sabe o seu, meu amigo. Então você se pergunta o que eu faço aqui o dia inteiro e a resposta é muito simples. Estou esperando para ver o que acontece em seguida. Confiando no plano de Deus.

Ele deu a Peter um sorriso enigmático. Uma película de suor cobria seu rosto e o peito nu e musculoso, deixando pungente o ar da cela.

– Parece estranho me ouvir dizendo isso? Provavelmente está pensando: *Coitado, totalmente sozinho nesta caixa, deve ter perdido a razão.* Você não seria o primeiro.

Peter demorou um momento para responder.

– Na verdade, não. Eu estava pensando em como você me faz lembrar de alguém.

– Quem?

– Nós a chamávamos de Titia.

Então foi a vez de Greer se lembrar.

– Claro – disse ele, assentindo. – A mulher que nós enterramos quando voltamos à Colônia. Você nunca me contou nada sobre ela, e eu fiquei pensando. Mas não queria me intrometer.

– Você poderia. Pode-se dizer que nós éramos chegados, se bem que, com Titia, isso era difícil de dizer. Durante metade do tempo acho que ela pensava que eu era outra pessoa. Eu costumava ir ver como ela estava. Ela gostava de falar sobre Deus, também.

– É mesmo? – Greer pareceu satisfeito. – E o que ela dizia?

Que estranho, pensou Peter, pegar-se pensando em Titia depois de tantos anos. Como a história de Greer sobre aquela noite em Utah, sua lembrança da velha e do tempo que haviam passado juntos emergia na mente como se fosse ontem. A cozinha superaquecida, as xícaras de chá medonho; o arranjo exato, até mesmo reverente, dos objetos na casa atulhada, móveis, livros, quadros e lembranças; os pés velhos e nodosos, sempre descalços,

a boca franzida, sem dentes e o tufo de cabelos brancos e vaporosos que pareciam pairar no ar ao redor da cabeça, sem estar ligados a coisa alguma. O modo como a própria Titia era desligada: sozinha em sua cabana no limite da clareira, a mulher parecia existir num reino totalmente diverso, um bolsão de memória humana acumulada, fora do tempo. Ao pensar nisso, Peter percebeu que provavelmente era isso que o atraía para ela. Na presença de Titia as lutas cotidianas de sua vida sempre pareciam mais leves.

– Mais ou menos a mesma coisa. Ela não era uma mulher fácil de se entender. – Uma lembrança específica borbulhou à superfície. – Há uma coisa. Foi na mesma noite em que Amy apareceu do lado de fora do portão.

– É?

– Ela disse: “O Deus que eu conheço não nos deixaria sem uma esperança.”

Greer olhava para ele com uma intensidade estudada.

– Ela disse isso?

Peter assentiu. Ainda estava um pouco surpreso com a clareza da lembrança.

– Na época eu só pensei que era... você sabe, coisa de Titia.

Greer mudou o clima com um sorriso súbito, reluzente.

– Bom – disse ele. – Parece que a mulher sabia de uma ou duas coisas. Uma pena eu não tê-la conhecido. Aposto que nos daríamos muito bem.

Peter riu.

– Sabe, acho que se dariam, sim.

Um momento escorreu para longe, com o olhar de Greer grudado no rosto de Peter.

– Então talvez seja hora de você confiar um pouco mais, Peter. Na verdade é isso que estou dizendo. Deixe as coisas virem a você.

– Quer dizer, como o Martínez.

– Talvez sim, talvez não. Não há como saber, até você saber. Nunca perguntei em que você acredita, Peter, e não vou perguntar. Todo mundo precisa decidir isso sozinho. E não me entenda mal, também sou um soldado, ou pelo menos era. O mundo precisa de seus guerreiros e chegará o dia em que muito pouco além disso irá

importar. Você estará lá para a luta, não tenho dúvida. Mas há mais coisas neste mundo além do que os olhos enxergam. Não tenho todas as respostas, mas disso eu sei.

– Eu gostaria de ter sua confiança.

O major descartou a ideia:

– Ah, você só está tentando deduzir as coisas, como o resto de nós. Quando eu estava crescendo no orfanato, as irmãs sempre nos ensinavam que uma pessoa de fé é alguém que acredita em algo que não pode provar. Não discordo, mas isso é só metade da história. É o fim, e não os meios. Há 100 anos a humanidade praticamente se destruiu. Seria fácil achar que Deus não gosta muito da gente. Ou que *não existe* Deus, que não há motivo para nada e a gente poderia muito bem pendurar as chuteiras de vez. Obrigado, planeta Terra, foi bom conhecer você. Mas você não é assim, Peter. Para você, caçar os Doze não é uma resposta. É uma pergunta. Alguém por aí se importa? Vale a pena nos salvar? O que Deus quer de mim, se é que existe um Deus? A maior fé é a disposição de perguntar, para começo de conversa, mesmo contra todas as evidências. Fé não somente em Deus, mas em todos nós. O lugar onde você está é duro, e acho que você ficará nele por um tempo. Mas é o lugar certo e é seu.

Foi então que Peter entendeu o que estava vendo. Greer era livre, era um homem livre. As paredes da cela não tinham nenhum significado para ele: sua vida, seu ser, estava totalmente em outro lugar, sem amarras físicas. Que surpreendente invejar um homem cuja vida inteira acontecia numa cela de prisão que não era maior do que uma latrina de bom tamanho!

O som da fechadura: o tempo deles havia acabado. Enquanto Sanders entrava na cela, os dois se levantaram.

– Então – disse Greer, e bateu palmas concluindo. – Um tempinho de descanso em Freeport, cortesia do comando. O cheiro não é dos melhores, mas a vista é boa. É um bom lugar para pensar um pouco. Você certamente mereceu.

– Foi o que o coronel Apgar disse.

– Sujeito inteligente, o Apgar. – Greer estendeu a mão. – Foi bom ver você, amigo.

Os dois se apertaram as mãos.

– Cuide-se, está bem?

Greer riu através da barba.

– Você sabe o que dizem: três refeições e uma cama. Não é uma vida muito ruim quando a gente aceita. Quanto ao resto, eu conheço você, Peter. Você vai deduzir as coisas na hora certa. Na verdade essa é uma lição que você me ensinou.

Sanders o acompanhou até o corredor. Só então ocorreu a Peter que havia se esquecido de perguntar sobre o outro visitante. E outra coisa: o major não havia perguntado por Amy.

– Escute – disse Sanders enquanto passavam pela segunda porta. – Espero que não se incomode por eu perguntar, mas o senhor poderia me dar um autógrafo?

Ele estava segurando um pedaço de papel e um toco de lápis.

– É para a minha mulher – explicou. – Para provar que eu conheci o senhor.

Sem graça, Peter pegou o papel, rabiscou o nome e devolveu. Por um momento Sanders apenas ficou olhando para aquilo.

– Uau – disse ele.

– Tio Peter!

Caleb se afastou das outras crianças e voou pelo pátio na direção dele. No último instante deu três saltos e se catapultou para o colo de Peter, quase derrubando-o.

– Epa, vá com calma!

O rosto do menino estava iluminado de júbilo.

– Amy disse que você vinha!

Peter se perguntou como ela sabia. Mas se corrigiu rapidamente: Amy simplesmente parecia saber das coisas, como se sua mente estivesse afinada com os ritmos ocultos do mundo. Segurando Caleb no colo, foi tomado pela nítida presença física do menino: seu peso de criança e sua temperatura; o calor de sua respiração; o cheiro leitoso do cabelo e da pele úmidos pelo esforço, misturado com o cheiro químico do áspero sabão de lixívia que as irmãs usavam. Do outro lado do pátio as outras crianças estavam olhando. Peter captou um vislumbre da irmã Peg espiando-o com frieza, perto do trepa-

trepa, como se a presença não anunciada fosse uma interrupção de sua amada rotina.

– Deixe-me dar uma boa olhada em você.

Pôs Caleb de pé. Como sempre, Peter ficou pasmo com a espantosa semelhança do menino com seu irmão. Sentiu uma pontada de arrependimento pelo tempo que deixara passar descuidadamente.

– Você está ficando muito grande. Nem consigo acreditar.

O peito do menino se estufou de orgulho.

– Onde você estava, o que você viu?

– Um monte de coisas. Estive no Novo México.

– Novo México! – A expressão de espanto no rosto dele era total; era como se Peter tivesse dito que tinha visitado a Lua. Ainda que o costume prevalecente em Kerrville não fosse proteger as crianças do conhecimento dos virais, como era feito na Colônia, sua mente infantil ainda não havia absorvido as ramificações disso. Para Caleb, os Expedicionários eram uma grande aventura, como piratas atravessando os mares ou os contos dos cavaleiros antigos que as irmãs liam nos livros de histórias. – Quanto tempo você pode ficar? – implorou o menino.

– Acho que não vai ser muito. Mas a gente tem o resto da tarde. E eu volto logo, provavelmente daqui a uma semana, mais ou menos. O que você gostaria de fazer?

A resposta de Caleb foi instantânea:

– Ir à represa.

– Por quê?

– De lá dá para ver tudo!

Peter se pegou sorrindo. Nesses momentos percebia algo de si mesmo no sobrinho, a mesma força inegável de curiosidade que governara sua vida.

– Então vamos à represa.

A irmã Peg surgiu atrás do menino. Pequena como um passarinho, mesmo assim era uma figura intimidante, os olhos escuros capazes de encolher as entranhas dos outros com um único olhar de censura. Os colegas de Peter que haviam sido criados no orfanato – homens que suportavam condições horríveis e perigo constante – falavam

dela com um espanto que beirava o terror. *Meu Deus*, diziam todos, *aquela mulher fazia a gente se cagar de medo.*

– Olá, irmã.

O rosto dela, uma topografia gasta feita de fendas profundas e planos áridos, tinha a imobilidade do julgamento adiado momentaneamente. Ela havia se posicionado a uma distância pouco maior do que o espaço normal para uma conversa, uma alteração pequena mas significativa que ampliava sua presença impositiva. Seus dentes eram manchados de um marrom amarelado de tanto fumar cigarros feitos de palha – um vício incompreensível, disseminado na Cidade, que Peter via com uma combinação de espanto e repulsa.

– Tenente Jaxon, eu não o esperava.

– Desculpe, tudo foi muito repentino. A senhora se importa se eu levá-lo para passar o dia comigo?

– Teria sido melhor se o senhor tivesse avisado. As coisas aqui são feitas de um modo específico.

O corpo de Caleb estava ressoando de energia.

– Por favor, irmã!

O olhar imperioso dela baixou para o menino, avaliando. Rugas em forma de leque se aprofundaram nos cantos da boca enquanto ela sugava as bochechas.

– Acho que, nas circunstâncias, está bem. É uma exceção, você entende, e fique atento ao toque da trombeta, tenente. Sei que vocês, Expedicionários, sentem que estão acima das regras, mas não posso permitir isso.

Peter deixou a alfinetada passar – afinal de contas ela possuía seu grau de verdade.

– Estarei de volta com ele às seis horas. – Sob o olhar fulminante da mulher, ele se pegou tentando parecer curiosamente sem graça com a próxima pergunta: – Amy está por aí? Eu gostaria de visitá-la antes de irmos.

– Ela foi ao mercado. Vocês se desencontraram por pouco. – Essa declaração foi seguida por um suspiro irritado: – Acho que você vai querer ficar para o jantar.

– Obrigado, irmã. É gentileza sua.

Entediado com essas formalidades, Caleb estava puxando a mão dele.

– Por favor, tio Peter. Eu quero *ir*.

Durante um tempo que não passou de meio segundo, a expressão séria da mulher pareceu se romper. Uma ternura quase maternal brilhou em seus olhos. Mas desapareceu com igual rapidez e Peter ficou pensando se teria imaginado aquilo.

– Preste atenção ao relógio, tenente. Vou estar vigiando.

Em muitos sentidos a represa era o coração da cidade e de seus mecanismos. Junto com o óleo que alimentava os geradores, o domínio de Kerrville sobre o rio Guadalupe (que fornecia água para irrigação e uma barreira parcial ao sul e a oeste – ninguém jamais testemunhara um viral ao menos tentando nadar; havia a crença generalizada de que eles possuíam fobia de água ou simplesmente não conseguiam flutuar) era o motivo de sua longevidade. O rio em si fora algo de dimensões modestas nos tempos antigos, estreito e desimportante, diminuindo até pouco mais do que um regato no verão. Mas uma enchente devastadora na primavera de 22, anunciando uma mudança meteorológica que elevaria o rio permanentemente em cerca de três metros, exigira que ele fosse domado. Segundo qualquer avaliação, era um projeto enorme, exigindo o desvio temporário da corrente e a movimentação de uma quantidade gigantesca de terra e calcário para cavar a depressão em forma de tigela que formaria o lago, seguidos pela construção da represa propriamente dita, um feito de engenharia numa escala que Peter sempre associara ao Tempo de Antes, e não ao mundo que ele conhecia. O dia da primeira liberação da água era visto como um marco fundador na história da República. Mais do que qualquer outra coisa em Kerrville, o controle das forças naturais o fazia se impressionar com a fragilidade da Colônia, em comparação. Eles haviam tido sorte em aguentar tanto tempo.

Uma escada cercada por grades ia até o topo. Caleb subiu correndo, mesmo com os gritos de protesto de Peter para ir mais devagar. Quando Peter fez a última curva Caleb já estava olhando por cima da água na direção dos morros ondulados no horizonte.

Dez metros abaixo, a face do lago possuía uma clareza espantosa. Peter até conseguia ver peixes ali, formas brancas nadando preguiçosamente na água vítrea.

– O que tem lá? – perguntou o menino.

– Bom, principalmente tem mais Texas. Aquelas montanhas que você está vendo ficam só a alguns quilômetros.

– Onde fica o Novo México?

Peter apontou para oeste.

– Mas é muito, muito longe. Três dias viajando de transporte, e isso sem parar.

O menino estava mordendo o lábio inferior.

– Eu quero ver.

– Talvez um dia você veja.

Caminharam pelo topo curvo da represa até o vertedouro oeste. Uma série de aberturas liberava a água a intervalos regulares numa piscina ampla, de onde bombas de gravidade a levavam por tubos até o complexo agrícola, para irrigação. Erguendo-se a distância, torres espaçadas regularmente marcavam o início da Zona Laranja. Os dois pararam de novo, absorvendo a paisagem. Peter ficou pasmo outra vez ao ver como tudo aquilo era elaborado. Era como se neste único lugar a história humana ainda fluísse numa continuidade não interrompida, imperturbada pela nítida separação de eras que os virais haviam trazido para o mundo.

– Você se parece com ele.

Peter se virou e viu Caleb franzindo os olhos, com expressão pensativa.

– Como assim?

– Com Theo. O meu pai.

Essa declaração o pegou de surpresa. Como o menino poderia saber qual era a aparência de Theo? Claro que não podia, mas não era esse o ponto. A afirmação de Caleb era uma espécie de desejo, ele entendia. Era um modo de manter o pai vivo.

– É o que todo mundo dizia. Eu vejo muita coisa dele em você, sabe?

– Você sente falta dele?

– Todos os dias. – Passou-se um momento de silêncio sombrio, e então Peter disse: – Mas vou lhe contar uma coisa. Enquanto a gente se lembra de uma pessoa, ela não vai embora de verdade. Os pensamentos, os sentimentos, as lembranças dela viram parte de nós. E, mesmo se você achar que não lembra dos seus pais, lembra. Eles estão dentro de você, como os meus estão dentro de mim.

– Mas eu era só um neném.

– Principalmente os nenéns. – Um pensamento lhe ocorreu. – Você sabe alguma coisa sobre a fazenda?

– Onde eu nasci?

Peter confirmou com a cabeça.

– Isso mesmo. Havia uma coisa especial nela. Era como se ali a gente ficasse sempre em segurança, como se alguma coisa estivesse cuidando de nós. – Ele olhou um momento para o menino. – Seu pai achava que era um fantasma, sabe?

Os olhos do menino se arregalaram.

– E você?

– Não sei. Pensei muito nisso ao longo dos anos. Talvez fosse. Ou pelo menos uma espécie de fantasma. Talvez os lugares também tenham lembranças. – Ele pôs a mão no ombro do menino. – Só sei que o mundo queria que você nascesse, Caleb.

O menino ficou quieto um momento. Depois, o rosto se abriu com o riso malicioso de um plano se revelando.

– Sabe o que eu quero fazer depois?

– Diga.

– Nadar.

Passava pouco das quatro horas quando chegaram à base do vertedouro. Parados na beira da piscina, tiraram a roupa e ficaram só de short. Enquanto Peter olhava para as pedras, virou-se e encontrou Caleb imobilizado na borda.

– Qual é o problema?

– Não sei nadar.

De algum modo Peter não tinha previsto isso. Ofereceu a mão ao garoto.

– Venha, eu ensino.

A água estava tremendamente fria, com um nítido gosto mineral. A princípio Caleb estava com medo, mas, depois de 30 minutos brincando nela, sua confiança cresceu. Mais 10 minutos e ele estava se movendo por conta própria, nadando em estilo cachorrinho pela superfície.

– Olhe o que eu estou fazendo!

Peter nunca o tinha visto tão feliz.

– Suba nas minha costas – disse.

O menino subiu, agarrando Peter pelos ombros.

– O que a gente vai fazer?

– Respire fundo e prenda o ar.

Desceram juntos. Peter liberou ar dos pulmões, estendeu os braços à frente e, com um arranco forte, deslizou pelo fundo pedregoso, com o garoto agarrado com força, o corpo puxado como se fosse uma capa. A água era límpida como vidro. As lembranças da infância, de quando nadava na gruta, encheram a mente de Peter. Tinha feito a mesma coisa com seu pai.

Mais três batidas de pernas e subiram, irrompendo na luz.

– O que achou? – perguntou Peter.

– Eu vi peixes!

– Eu não disse?

Mergulharam de novo e de novo, e o prazer do menino era inesgotável. Passava das cinco e meia e as sombras se alongavam quando Peter declarou que era o fim. Subiram cautelosamente nas pedras e se vestiram.

– Mal posso esperar para contar à irmã que a gente veio aqui – riu Caleb.

– Provavelmente seria melhor não contar. Vamos guardar isso entre nós, certo?

– Um segredo? – O garoto falou a palavra com um prazer ilícito; agora faziam parte de uma conspiração.

– Exatamente.

Em mais alguns minutos a trombeta soaria.

O garoto pôs a mão pequena e úmida na de Peter enquanto subiam até o portão hidráulico. O sentimento lhe veio como um jorro de amor: *É por isso que estou aqui.*

Encontrou-a na cozinha, parada diante de um fogão enorme coberto de panelas fervendo. O cômodo rugia de calor e barulho – pratos batendo, irmãs correndo de um lado para outro, o estardalhaço acumulado de vozes empolgadas enquanto crianças se juntavam no refeitório, do lado de fora. As costas de Amy estavam viradas para ele. Seu cabelo, iridescente e escuro, descia numa trança grossa até a cintura. Ele hesitou junto à porta, observando-a. Ela parecia totalmente absorta no trabalho, mexendo o conteúdo da panela mais próxima com uma comprida colher de pau, provando e corrigindo o tempero, depois indo até um dos vários fornos de tijolos vermelhos para tirar, numa pá comprida, meia dúzia de pães fresquinhos.

– Amy.

Ela se virou. Encontraram-se no meio da cozinha agitada. Houve um momento de incerteza, depois se abraçaram.

– A irmã me disse que você esteve aqui.

Ele deu um passo para trás. Sentira no toque dela: havia algo novo em Amy. A criança abandonada, sem voz e traumatizada, com cabelos desgrenhados e roupas apanhadas ao acaso, havia sumido muito antes. O processo de envelhecimento nela parecia ocorrer aos trancos, não tanto como uma questão de crescimento físico quanto como um aprofundamento da segurança, como se ela estivesse tomando posse da própria vida. E sempre o paradoxo: a pessoa parada diante dele, ainda que segundo todas as aparências fosse uma jovem adolescente, era na realidade o ser humano mais velho na Terra. A longa ausência de Peter, que para Caleb parecia de séculos, para Amy era apenas um piscar de olhos.

– Quanto tempo você pode ficar? – O olhar dela não se afastou do rosto dele.

– Só esta noite. Parto amanhã.

– Amy – chamou uma das irmãs que estava junto ao fogão –, essa sopa está pronta? Eles estão fazendo uma algazarra lá fora.

Amy falou rapidamente por cima do ombro:

– Só um segundo. – E depois, para Peter: – Parece que não sou tão ruim como cozinheira. Guarde um lugar para mim. – Ela apertou a mão dele rapidamente. – É muito bom mesmo ver você.

Peter foi para o refeitório, onde todas as crianças haviam se reunido em volta das mesas compridas, separadas por idade. O barulho era intenso, uma energia de corpos e vozes fluindo livre como o ruído de um motor imenso. Sentou-se na ponta de um banco ao lado de Caleb no instante em que a irmã Peg apareceu na frente do salão e bateu palmas.

O efeito foi como um relâmpago; o silêncio fez o salão ficar tenso. As crianças se deram as mãos ao redor de todas as mesas e baixaram a cabeça. Peter se pegou juntando-se ao círculo, Caleb de um lado, do outro uma menininha de cabelos castanhos que estava sentada diante dele.

– Pai Celestial – entoou a mulher, com os olhos fechados com força –, agradecemos por esta refeição e por estarmos juntos, e pela bênção de Seu amor e da atenção que o Senhor nos dedica em Sua misericórdia. Agradecemos pela riqueza da terra e dos céus e por Sua proteção até encontrarmos a vida que virá. E finalmente agradecemos pela companhia de nosso convidado especial, que viajou uma distância perigosa para estar conosco esta noite. Rezamos para que o Senhor o mantenha, junto com seus companheiros, em segurança em suas viagens. Amém.

Um coro de vozes:

– AMÉM.

Bem, talvez a irmã Peg não estivesse tão chateada com sua presença. Ele se sentiu genuinamente tocado. A comida apareceu: panelões de sopa, pão cortado em fatias grossas e fumegantes, jarras de água e leite. Na cabeceira de cada mesa uma das irmãs servia a sopa em tigelas e passava adiante enquanto as jarras circulavam. Amy sentou no banco ao lado de Peter.

– Diga o que acha da sopa – pediu ela.

Estava deliciosa – a melhor coisa que ele comera em meses. O pão, macio e quente na boca, quase o fez gemer. Durante alguns segundos Peter silenciou a ânsia de pedir, achando que seria grosseiro, mas no momento em que sua tigela ficou vazia uma das irmãs apareceu com outra, colocando-a diante dele.

– Não é comum termos companhia – explicou ela, com o rosto rosado de embaraço, e se afastou depressa.

Falaram sobre o orfanato e os serviços de Amy – a cozinha, mas também ensinar as crianças menores a ler e, nas palavras dela, “qualquer outra coisa que precise ser feita” – e as notícias de Peter sobre os outros, se bem que ele dava essas informações em termos genéricos; somente depois que as crianças fossem para a cama os dois poderiam conversar de verdade. Ao lado dele Caleb estava conversando com outro menino, um assunto animado que Peter só conseguia acompanhar de passagem, algo sobre cavalos, rainhas e peões. Quando o colega dele saiu da mesa, Peter perguntou a Caleb de que se tratava aquilo.

– É xadrez.

– Xadrez?

Caleb revirou os olhos.

– É um jogo. Posso ensinar, se você quiser.

Peter olhou para Amy, que riu.

– Você vai perder.

Depois de jantar e de lavar os pratos, os três foram para a sala comunitária, onde Caleb montou o tabuleiro e explicou o nome das várias peças e os movimentos que elas faziam. Quando chegou ao cavalo, a cabeça de Peter estava girando.

– Você consegue manter tudo isso na mente? Quanto tempo você demorou para aprender a jogar?

Caleb deu de ombros com inocência.

– Não muito. É bem simples.

– Não parece simples. – Peter se virou para Amy, que estava com um sorriso maroto.

– Não olhe para mim – protestou ela. – Você está sozinho nisso.

Caleb indicou o tabuleiro.

– Você pode começar.

A batalha teve início. Peter havia pensado em pegar leve com o garoto – afinal de contas era um jogo de crianças, e sem dúvida pegaria logo o jeito –, mas descobriu num instante que havia subestimado o oponente. Caleb parecia prever cada tática sua, reagindo sem hesitar, com movimentos nítidos e seguros. Num desespero crescente Peter decidiu atacar, usando seu cavalo para tomar um dos bispos de Caleb.

– Tem certeza de que quer fazer isso? – perguntou o garoto.

– Ah... não?

Caleb estava estudando o tabuleiro com o queixo pousado nas mãos. Peter podia sentir os movimentos complexos dos pensamentos dele: o menino estava montando uma estratégia, imaginando uma série de movimentos e respostas projetados adiante no tempo. Com 5 anos, pensou Peter. Incrível.

Caleb avançou uma torre por três casas, tomando seu cavalo que restava e que Peter inadvertidamente deixara indefeso.

– Olhe só – disse ele.

Depois de uma rápida troca de peças, o rei de Peter ficou encurralado.

– Xeque-mate – declarou o menino.

Peter estava olhando o tabuleiro, rendido.

– Como você fez isso tão depressa?

Ao lado dele, Amy riu – um som caloroso, contagiante.

– Eu avisei.

O riso de Caleb se alargou por um quilômetro. Peter entendeu o que havia acontecido: primeiro a natação, depois aquilo. Seu sobrinho havia lhe dado o troco sem esforço, mostrando a Peter do que era capaz.

– Você só precisa pensar adiante – disse Caleb. – Tente ver como se fosse uma história.

– Diga a verdade. Você é bom mesmo nisso?

Caleb deu de ombros, modesto.

– Uns garotos mais velhos costumavam me vencer. Agora, não.

Peter sentiu um jorro de orgulho. Nunca havia gostado muito de perder, na vida.

– É mesmo? Bom, monte o jogo de novo, meu jovem. Quero me vingar.

Caleb havia obtido sua terceira vitória seguida, cada qual mais implacavelmente decisiva do que a anterior, quando o sino tocou, chamando-o para o dormitório. O tempo havia passado depressa demais. Amy partiu para seu alojamento, deixando Peter para acompanhar o garoto até a cama. No quarto grande, Caleb trocou a roupa por uma camisola e se ajoelhou no chão de pedras ao lado da

cama, as mãos juntas, para rezar uma longa série de “Deus abençoe” que começava com “meus pais no céu” e terminava com “Peter”.

– Eu sempre guardo você para o fim – disse o menino, subindo na cama –, para você ficar em segurança.

– Quem é Mouser?

Mouser era o gato deles. Peter tinha visto a pobre criatura deitada num parapeito de janela da sala comunitária – uma coisa parecida com um trapo digno de pena, a carne pendendo dos ossos velhos e fracos como roupas num varal. Peter puxou o cobertor até o queixo de Caleb e se curvou para beijá-lo na testa. Irmãs se moviam para um lado e para outro pelas filas de camas, silenciando as outras crianças. As luzes do quarto já haviam sido apagadas.

– Quando você volta, tio Peter?

– Não sei bem. Logo, espero.

– Podemos ir nadar de novo?

Um sentimento caloroso se espalhou pelo corpo de Peter.

– Só se você prometer que podemos jogar mais xadrez. Acho que ainda não peguei o jeito. Seria bom receber umas dicas.

O garoto riu de orelha a orelha.

– Prometo.

Amy o esperava na sala comunitária, que estava vazia, com o gato focinhando em volta de seus pés. Peter precisava se apresentar no quartel às 21h; os dois só teriam alguns minutos juntos.

– Coitado – disse Peter. – Por que ninguém o sacrifica? Parece cruel.

Amy passou a mão pela coluna do animal. Um leve ronronar brotou enquanto ele arqueava as costas para receber o toque.

– Já passou do tempo, acho. Mas as crianças o adoram e as irmãs não acreditam nesse tipo de coisa. Só Deus pode tirar uma vida.

– Elas obviamente nunca estiveram no Novo México.

Era uma piada, mas não totalmente. Os dois estavam sentados a uma mesa pequena, um diante do outro. Amy olhou para ele com preocupação.

– Você parece perturbado, Peter.

– As coisas não estão indo muito bem nos territórios. Você quer saber?

Ela pensou na pergunta por um instante. Amy parecia meio pálida e Peter se perguntou se ela estaria se sentindo bem.

– Talvez outra hora. – Os olhos dela examinaram seu rosto. – Ele ama você, sabe? Fala sobre você o tempo todo.

– Você está me fazendo sentir culpa. Provavelmente eu mereço.

Ela levantou Mouser para acomodá-lo no colo.

– Caleb entende. Só estou dizendo para você saber como é importante para ele.

– E você? Está se saindo bem, aqui?

Ela assentiu.

– No geral, serve para mim. Gosto da companhia, das crianças, das irmãs. E, claro, há o Caleb. Talvez pela primeira vez na vida eu me sinta... não sei. Útil. É bom ser só uma pessoa comum.

Peter ficou pasmo com o fluxo franco e fácil da conversa. Alguma barreira entre eles havia caído.

– As outras irmãs sabem? Quero dizer, além da irmã Peg.

– Algumas. Mas talvez só suspeitem. Estou aqui há cinco anos e elas têm de notar que não estou envelhecendo. Acho que para a irmã Peg sou uma espécie de pequeno incômodo, uma coisa que não se encaixa de verdade no modo como ela enxerga as coisas. Mas ela não me diz nada sobre isso. – Amy sorriu. – Afinal de contas, eu faço uma tremenda sopa de cevada.

Muito rapidamente o momento da partida havia chegado. Amy o levou à porta, onde Peter pegou no bolso o maço de notas e estendeu para ela.

– Dê isso à irmã Peg, está bem?

Amy assentiu sem comentar e enfiou o soldo no bolso da saia. De novo puxou Peter para um abraço, desta vez com mais força.

– Senti realmente saudades de você. – Sua voz era suave de encontro ao peito dele. – Fique em segurança, está bem? Prometa que vai fazer isso.

Havia algo esgarçado na insistência dela, quase um sentimento de algo definitivo, de uma separação mais séria. O que ela não estava

dizendo? E outra coisa: seu corpo estava soltando um calor febril. Ele podia senti-lo pulsando através do tecido grosso do uniforme.

– Não precisa se preocupar comigo. Vou ficar bem.

– Sério, Peter. Se alguma coisa acontecer, eu não poderia... – Sua voz ficou no ar, como se puxada pelas correntes de um vento oculto. – Eu não conseguiria, só isso.

Agora ele tinha certeza: havia algo que Amy não estava dizendo. Examinou o rosto dela procurando o que seria. Uma leve película de suor brilhava na testa.

– Você está se sentindo bem?

Segurando a mão de Peter, ela a levantou, apertando a palma contra a dele de modo que as almofadas dos dedos ficassem apenas se tocando. Parecia um gesto com a mesma medida de união e afastamento, ligação e separação.

– Se lembra de quando beijei você?

Os dois nunca haviam falado disso – do beijo rápido, quase uma bicada de passarinho, no shopping, com os virais vindo na direção deles. Muita coisa havia acontecido, mas Peter não se esquecera. Como poderia?

– Sempre me perguntei sobre aquilo.

As mãos dos dois pareciam pairar no espaço escuro entre eles. Amy as observou atentamente. Era como se estivesse tentando adivinhar o significado que ela própria havia criado.

– Eu estava sozinha havia muito tempo. É uma coisa que nem posso descrever. Mas de repente você estava ali. Eu nem pude acreditar. – Então, como se arrancada de um transe, ela puxou a mão, com o rosto subitamente vermelho. – É só isso. É melhor você ir, vai acabar se atrasando.

Ele não queria. Tal qual o beijo, a sensação da mão dela contra a sua parecia ter um poder único de se demorar em seus sentidos, como se houvesse fixado residência permanente nas pontas dos dedos. Queria dizer mais, porém não conseguiu encontrar as palavras e o momento passou.

– Tem certeza de que você está bem? Estou preocupado.

O rosto dela mostrou um sorriso.

– Nunca estive melhor.

Ela parecia mesmo doente, pensou ele.

– Bom, eu volto em 10 dias.

Amy não disse nada.

– Vejo você então, certo? – Ele se perguntou por que estava indagando isso.

– Claro, Peter. Aonde eu iria?

Depois de Peter sair, Amy foi para a residência das irmãs, uma versão menor dos dormitórios onde as crianças ficavam. Todas as outras irmãs estavam dormindo, algumas das mais velhas roncando baixinho. Ela tirou a túnica e se deitou, esperando que a paz do sono viesse.

Algum tempo depois acordou com um susto. Um suor frio cobria seu corpo, encharcando a camisola. A turbulência de sonhos inquietos ainda rolava através dela.

Amy, ajude-o.

Ela se imobilizou.

Ele está esperando você, Amy. No navio.

– Pai?

Vá até ele vá até ele vá até ele...

Ela se levantou, tomada por uma objetividade súbita. O momento havia chegado.

Restava uma tarefa, uma última coisa a ser feita nesses últimos dias de uma vida que ela havia amado, ainda que brevemente: os dias de utilidade calma, de Caleb, das irmãs e das crianças, uma imersão em dias comuns em que ela não era diferente de mais ninguém. Seguiu pelos corredores silenciosos até a sala comunitária. Encontrou o gato onde o havia deixado, descansando no parapeito da janela. A exaustão irradiava dos olhos dele. Seus membros estavam frouxos, ele mal conseguia levantar a cabeça.

Por favor, diziam os olhos dele. *Estou sentindo dor. Tudo demorou demais.*

Gentilmente ela o levou ao peito. Passando a mão por suas costas, virou-se para que ele pudesse olhar a janela com a paisagem da noite estrelada.

– Está vendo o mundo bonito, Mouser? – murmurou ela perto do ouvido dele. – Está vendo as estrelas bonitas?

É... lindo.

O pescoço dele se partiu com um estalo, o corpo ficando frouxo em seu colo. Amy permaneceu assim por alguns minutos enquanto a presença do gato se esvaía, acariciando seu pelo, beijando sua cabeça e seu rosto. *Adeus, Mouser. Deus o acompanhe. As crianças amavam você, você vai estar com elas de novo.* Depois o levou até o barracão do jardim, para pegar uma pá.

TRINTA E UM

– Vamos ver o que o vento traz.

Um homem sujo de graxa havia mostrado a Peter o comissariado, onde ele encontrou Michael junto de um grupo de 12 homens e mulheres, enfiando punhados de feijão na boca com as mãos imundas. Michael pulou do banco e lhe deu um tapa no ombro.

– Peter Jaxon, ao vivo em carne e osso.

– Por todos os voadores, Michael. Você está enorme.

O peito do amigo parecia ter dobrado de tamanho, forçando o tecido do macacão; os braços eram nodosos de músculos. A barba loura começando a crescer densa deixava as faces ásperas.

– Para dizer a verdade, não há muita coisa a fazer aqui além de refinar petróleo e levantar peso. E, só como um conselho, ninguém usa essa expressão aqui. É só porra isso e porra aquilo. – Ele fez um gesto para a mesa. – Esta é a minha turma. Digam olá ao Peter, *hombres.*

Todos se apresentaram. Peter se esforçou para registrar os nomes na memória, mas sabia que eles sumiriam em minutos.

– Está com fome? – perguntou Michael. – A gororoba não é ruim se você respirar pela boca.

– Primeiro tenho de me apresentar ao chefe da Segurança Doméstica.

– Ele pode esperar. De qualquer modo, como passa da uma da tarde, há grandes chances de que Stark esteja apagado. É o Karlovic que você precisa mesmo ver, mas ele foi para a reserva. Deixe eu pegar um prato para você.

Contaram as novidades enquanto almoçavam, depois levaram as bandejas de volta à cozinha e saíram.

– O cheiro é sempre tão ruim assim? – perguntou Peter.

– Ah, hoje está bom. Quando o vento mudar você vai chorar. Ele sopra toda a merda do canal. Venha, vou mostrar tudo por aqui.

A primeira parada foi no alojamento, uma caixa de blocos de concreto com teto de zinco enferrujado. Beliches fechados com

cortinas ficavam junto às paredes. Um homem enorme, de rosto comprido, estava sentado à mesa no meio do cômodo, embaralhando e reembaralhando um maço de cartas.

– Este aqui é o Juan Sweeting, meu ajudante – disse Michael. – O apelido dele é Ceps.

Os dois se apertaram as mãos e o homem o cumprimentou com um grunhido.

– Como arranjou esse apelido, Ceps? – perguntou Peter. – Nunca ouvi antes.

O homem dobrou os braços, fazendo saltar um par de bíceps do tamanho de melões.

– Ah – disse Peter. – Sei.

– Não se preocupe – observou Michael. – Os modos dele não são os melhores e os lábios se mexem quando ele lê, mas ele se comporta razoavelmente desde que você não se esqueça de alimentá-lo.

Uma mulher saiu de um dos beliches, usando apenas roupa de baixo. Ela bocejou na mão fechada.

– Meu Deus, Michael, eu estava tentando dormir um pouco. – Para perplexidade de Peter, ela envolveu o pescoço de Michael com os braços, o rosto se iluminando com um sorriso cobiçoso. – A não ser, claro...

– Não é hora, *mi amiga*. – Michael se soltou gentilmente. – Para o caso de você não ter notado, temos companhia. Lore, Peter. Peter, Lore.

O corpo dela era magro e forte. O cabelo, descorado pelo sol, era curto. Era bonita mas de um modo não convencional, ligeiramente masculino, irradiando uma sensualidade franca, até mesmo carnívora.

– Você é o cara?

– Isso mesmo.

Ela deu um riso de entendimento.

– Bem, boa sorte, amigo.

– Lore é a quarta geração de petroleiras na família dela – disse Michael. – Ela praticamente bebe óleo.

– É um meio de vida – observou Lore. Depois, para Peter: – Então vocês dois se conhecem há um tempão, acho. Conte um segredo para uma garota. Como ele era?

– Praticamente o cara mais inteligente da área. Todo mundo o chamava de Circuito. Era o apelido dele.

– Um apelido idiota. Muito obrigado, Peter.

– Circuito – repetiu Lore, deliciando-se. – Sabe, acho que gosto disso.

À mesa, Ceps, que não tinha dito nada, deu um gemido feminino.

– *Ah, Circuito, ah, Circuito, faça com que eu me sinta mulher...*

– Calem a boca, vocês dois. – Michael estava se ruborizando de um modo que não combinava com sua musculatura nova, mas Peter podia ver que parte dele gostava daquela atenção. – Quantos anos vocês têm, 13? Venha, Peter – disse, guiando-o para a porta. – Vamos deixar essas crianças.

– Vejo você mais tarde, tenente – gritou Lore, animada, enquanto eles saíam. – Vou querer ouvir *histórias.*

No calor que aumentava durante a tarde, Michael deu as orientações sobre o local a Peter, levando-o a uma das torres e explicando o processo de refino.

– Parece bem perigoso – disse Peter.

– Acontecem problemas, é verdade.

– Onde fica a reserva? – Peter sabia que o petróleo vinha de um tanque encravado fundo no subsolo.

– Uns oito quilômetros ao norte daqui. Na verdade é um bolsão de sal natural, parte das antigas Reservas Estratégicas de Petróleo. O óleo flutua, de modo que a gente bombeia água do mar para dentro e ele sai.

Seu amigo havia adquirido um pouco do sotaque do Texas, notou Peter.

– Quanto ainda tem lá embaixo?

– Bom, uma porrada, basicamente. Segundo nossas estimativas é o bastante para encher as torres de destilação durante mais 50 anos.

– E quando acabar?

– Vamos procurar mais, acho. Há muitos tanques de reserva espalhados pelo canal de navegação de Houston. O lugar é uma

tremenda bagunça tóxica e está apinhado de patetas, mas pode nos garantir durante um tempo. O bolsão mais próximo fica em Port Arthur. Não seria fácil levar a operação para lá, mas com tempo suficiente a gente poderia fazer isso. – Ele deu de ombros, fatalista. – De qualquer modo, duvido que eu esteja por aí para me preocupar.

Michael então anunciou que tinha uma surpresa. Caminharam até o arsenal, onde ele apanhou uma espingarda, depois foram à garagem pegar uma picape. Michael prendeu a espingarda num suporte fixado ao piso da cabine e mandou Peter entrar.

– Aonde a gente vai?

Michael sorriu.

– Você vai ver.

Saíram do complexo, depois viraram para o sul numa estrada de asfalto rachado que seguia paralela à água. Um vento salgado soprava pelas janelas abertas do veículo, tirando o excesso de calor. Peter tinha visto o golfo apenas duas vezes; a antiga vastidão, grande demais para ser guardada na mente, sempre tirava seu fôlego. O mais fascinante eram as ondas, longos tubos que ganhavam tamanho e ímpeto enquanto se aproximavam, caindo num rolo de espuma marrom na beira da água. Ele não conseguia afastar os olhos daquilo. Peter sabia que seria capaz de ficar sentado durante horas, só olhando as ondas.

Trechos da praia estavam varridos e limpos, ao passo que outros ainda guardavam as provas de uma catástrofe em escala grandiosa: montanhas de metal enferrujado retorcido em formas incompreensíveis; navios de todo tamanho encalhados, os cascos descorados e furados ou então desnudos até as estruturas, inclinados na areia como costelas expostas; cordilheiras de entulho indiferenciado, empurrado pela maré.

– Você ficaria surpreso em ver quanta coisa ainda chega – disse Michael, sinalizando pela janela. – Boa parte vem pelo Mississippi, depois faz uma curva ao longo da costa. A maior parte do material pesado se foi, mas qualquer coisa de plástico parece durar.

Michael havia saído da estrada e agora estava dirigindo à beira da água. Peter olhava pela janela.

– Você costuma ver alguma coisa maior?

– De vez em quando. No ano passado uma barca ainda cheia de contêineres grandes apareceu. Esteve à deriva durante 100 anos. Nós todos ficamos bem empolgados.

– O que havia neles?

– Esqueletos humanos.

Chegaram a uma pequena enseada e viraram para oeste, seguindo a borda da baía tranquila. Adiante havia uma pequena estrutura de concreto empoleirada à beira da água. Enquanto Michael parava a picape, Peter viu que a construção era apenas uma casca, mas um cartaz na janela ainda dizia, em letras desbotadas: “Barraca de Caranguejos do Art”.

– Certo – disse Peter. – Qual é a surpresa?

Seu amigo deu um sorriso malicioso.

– Deixe esse trambolho aqui – disse ele, indicando a Browning presa à coxa de Peter. – Você não vai precisar.

Imaginando o que Michael teria em mente, Peter colocou a arma no porta-luvas, depois o acompanhou até os fundos da construção. Um pequeno cais montado em pilares de concreto, com uns 10 metros de comprimento, se projetava na água.

– O que estou vendo?

– Um barco, obviamente.

Um pequeno veleiro estava atracado na ponta do píer, balançando suavemente.

– Onde você conseguiu?

O rosto de Michael brilhou com orgulho.

– Em um monte de lugares, na verdade. Encontramos o casco numa garagem a uns 15 quilômetros terra adentro. O resto nós juntamos ou fizemos.

– Nós?

– Lore e eu. – Ele pigarreou, com o rosto subitamente vermelho. – Acho que é bem óbvio...

– Você não me deve nenhuma explicação, Michael.

– Só quero dizer que não é bem o que parece. Bom, talvez seja. Mas eu não diria que nós estamos juntos, exatamente. Lore só... bom, ela é assim.

Peter se pegou sentindo um prazer perverso com o embaraço do amigo.

– Ela parece bem legal. E obviamente *gosta* de você.

– É, bem... – Michael deu de ombros. – Legal não seria necessariamente a primeira palavra que eu escolheria, se é que você me entende. Para dizer a verdade, mal consigo acompanhar o pique dela.

Enquanto Michael subia a bordo, Peter percebeu subitamente como o barco parecia precário.

– Qual é o problema? – perguntou Michael.

– Nós vamos mesmo navegar nessa coisa?

Michael estava ocupado enrolando cabos e colocando-os no fundo do casco.

– Por que acha que eu trouxe você até aqui? Pare de se preocupar e entre.

Peter entrou cautelosamente. O casco se moveu de modo estranho embaixo dele, reagindo ao seu peso com um movimento vagaroso. Ele agarrou a amurada, desejando que o barco parasse.

– E você sabe mesmo fazer isso?

Seu amigo riu baixinho.

– Não seja um bebezão. Ajude aqui a içar a vela.

Michael ensinou rapidamente o básico: vela, leme, cana, escota. Soltou o cabo, foi para a popa, até a cana do leme, fez algo que encheu a vela abruptamente de ar e de repente estavam zarpando e correndo, afastando-se do cais a uma velocidade espantosa.

– E então, o que acha?

Peter olhou com nervosismo o litoral se afastando.

– Estou me acostumando.

– Eis uma coisa para você pensar – sugeriu Michael. – Pela primeira vez na vida você está num lugar onde um viral não pode matá-lo.

Peter demorou um momento para digerir essa ideia.

– Não havia pensado nisso.

– Nas próximas duas horas, meu amigo, você está desempregado.

Bordejaram pela baía. Enquanto passavam para águas mais fundas, a cor mudou de um verde-musgo para um intenso negro-

azulado, o sol ricocheteando nas irregularidades da superfície. Sob a tensão da vela, o barco possuía uma sensação mais sólida e Peter começou a relaxar, mas não completamente. Michael parecia saber o que estava fazendo, mas mesmo assim o oceano era o oceano.

– Até onde você já levou esta coisa? – perguntou.

Michael estava olhando à frente, franzindo os olhos por causa da luz.

– É difícil dizer. Pelo menos oito quilômetros.

– E a barreira?

Era de conhecimento geral que nos primeiros dias da epidemia as nações do mundo haviam se juntado para forçar o continente norte-americano a uma quarentena, colocando minas ao longo de todo o litoral e bombardeando qualquer embarcação que tentasse zarpar.

– Fica mais adiante, ainda não encontrei. – Michael deu de ombros. – Em parte acho que é conversa fiada, se você quer saber a verdade.

Peter olhou o amigo com cautela.

– Você não está procurando essa barreira, não é?

Michael não respondeu, o rosto dizendo a Peter que ele havia acertado em cheio.

– Isso é loucura.

– Também é loucura fazer o que você faz. E, mesmo que a barreira exista, quantas minas ainda podem estar flutuando por aí? Cem anos no oceano comeriam praticamente qualquer coisa. E, de qualquer modo, todos os destroços já teriam feito com que elas explodissem.

– Mesmo assim é uma imprudência. Você pode ser feito em pedacinhos.

– Talvez. E talvez amanhã uma dessas torres de destilação me lance no espaço sideral. Os padrões de segurança por aqui são bem baixos. – Ele deu de ombros. – Mas não é isso que importa. Não acho que a coisa esteja lá, para começo de conversa. O litoral inteiro? Se você incluir o México e o Canadá, são mais de 200 mil quilômetros. É impossível.

– E se você estiver errado?

– Então um dia, como você disse, talvez eu seja feito em pedacinhos.

Peter deixou para lá. Muita coisa havia mudado, mas Michael ainda era Michael, um homem de curiosidade insaciável. Estavam movendo-se da baía para o mar aberto; a brisa havia aumentado, lançando ondas de água transformada em joias por cima da proa. Algo afundou em seu estômago. Não era só o movimento do barco. Era água de mais, por toda parte.

– Talvez só desta vez você pudesse ficar perto da terra.

Michael ajustou a vela, fazendo força na cana do leme.

– Estou dizendo: lá fora a coisa é totalmente diferente, Peter. Nem consigo explicar. É como se todas as coisas ruins simplesmente deixassem de existir. Você realmente deveria ver por si mesmo.

– Eu preciso voltar. Vamos deixar para outra ocasião.

Michael olhou para o amigo e riu.

– Claro – disse. – Outra ocasião.

TRINTA E DOIS

Alicia viajava para o norte, penetrando na vastidão do interior, na área conhecida como “Cabo de Frigideira” do Texas. Era uma paisagem de planura sem limites que parecia um grande mar calmo, com o vento roçando o capim da pradaria, o céu imenso em seu azul outonal, o horizonte ao redor rompido apenas por ocasionais bosques de choupos, nogueiras-pecã ou salgueiros de braços compridos nas margens de riachos, com as copas melancólicas curvando-se em submissão enquanto ela passava. Os dias eram quentes, mas à noite a temperatura caía, fazendo o capim pesar com orvalho. Usando combustível de depósitos espalhados ao longo da rota, a jornada levaria quatro dias.

Chegou à Guarnição de Kearney na manhã de 6 de novembro. Era como o comando havia temido quando o comboio de suprimentos não retornou: não restava vivalma para recebê-la. A guarnição era uma sepultura aberta. Os ecos dos gritos dos soldados agonizantes pareciam pairar no ar, trancados no silêncio varrido pelo vento. Alicia passou dois dias colocando os restos dessecados de seus colegas na carroceria de um caminhão e levando-os para um lugar que havia escolhido, uma clareira às margens do rio Platte. Ali os arrumou numa fila comprida, para que ficassem juntos, jogou combustível e ateou fogo neles.

Foi na manhã seguinte que viu o cavalo.

Ele estava parado logo depois das barricadas. Era um garanhão, ruano-azulado, preto com manchas brancas assimétricas, o longo pescoço de macho curvado para pastar o capim grosso na borda da área de formatura – sua presença era inexplicável, como uma casa única que restasse intocada por um tornado. Media pelo menos 18 palmos. Com cuidado, Alicia se aproximou, as palmas das mãos viradas para cima. Por um momento o animal pareceu preparado para correr, as narinas se abrindo, as orelhas viradas para trás, um olho grande saltando na direção dela. Quem é esse novo ser estranho, dizia ele, o que ela pretende? Alicia avançou mais um

passo; mesmo assim o animal não se moveu. Ela podia sentir o ímpeto selvagem que percorria o sangue dele, sua explosiva força animal.

– Bom garoto – murmurava ela. – Bom garoto. Está vendo? Não sou muito má. Vamos ser amigos, nós dois, o que acha?

Quando a distância de um braço separava os dois, ela passou a palma da mão aberta sob o focinho dele. Os beiços do cavalo se repuxaram, revelando a parede amarela dos dentes. O olho era como uma grande bola de gude preta captando a visão dela. Era um momento de decisão, o corpo tenso e alerta. Então ele baixou a cabeça, enchendo a mão aberta com a umidade quente da respiração.

– Bom, acho que encontrei minha montaria.

Agora o animal estava focinhando sua mão, balançando a cabeça. Havia flocos de espuma nos cantos da boca. Ela acariciou o pescoço dele, o pelo brilhante, úmido de suor. O corpo parecia uma coisa cinzelada, dura e pura, mas eram os olhos que irradiavam toda a medida de sua força.

– Você precisa de um nome – disse Alicia. – Como vou chamá-lo?

Deu-lhe o nome de Soldado. Desde o instante em que o montou cada um pertenceu ao outro. Era como se fossem velhos amigos, separados havia muito tempo, que tivessem se reencontrado: companheiros de toda a vida que podiam contar ao outro histórias verdadeiras sobre si mesmos, mas que se quisessem também podiam não dizer absolutamente nada. Ela ficou mais dois dias na guarnição vazia, avaliando, planejando a jornada. Afiou suas facas até conseguir a ponta mais fina. Suas ordens estavam na bolsa. Para: Alicia Donadio, capitã dos Expedicionários. Assinado: Victoria Sanchez, presidente, República do Texas.

Na manhã do dia 12 partiram para o leste.

Uma ponte ainda se mantinha de pé sobre o rio Missouri, 60 quilômetros ao norte de Omaha, na cidade de Decatur. Chegaram a ela no sexto dia. As manhãs eram cobertas por uma película de geada, o inverno estava no ar. As árvores tinham desistido de sua timidez, mostrando os galhos nus. Enquanto se aproximava, Alicia

sentiu uma leve hesitação no passo de Soldado. O rio, é? Chegaram aos penhascos; abaixo deles a água borbulhava no curso amplo. Redemoinhos giravam na superfície escura como pedra. Quatrocentos metros ao norte a ponte atravessava o rio sobre enormes pilares de concreto, como se montasse o curso d'água com pernas gigantescas. É, disse Alicia. Verdade.

Em certos momentos sua decisão pareceu ter sido preciptada. Em alguns lugares o piso de concreto tinha caído, revelando as águas borbulhantes embaixo. Ela apeou e segurou Soldado pelas rédeas. Foram atravessando cuidadosamente, cada passo cheio da possibilidade de que a ponte desmoronasse embaixo deles. De quem havia sido essa ideia idiota?, parecia dizer Soldado. Ah, foi sua.

Pararam do outro lado. Era de tarde e o sol tinha começado a descer atrás dos penhascos. O ritmo de Alicia havia se alterado. A pé, estaria livre para dormir durante o dia e viajar à noite, que era seu hábito. Mas não a cavalo. Acendeu uma fogueira à margem do rio, encheu sua panela e colocou para ferver. Tirou o resto dos suprimentos da bolsa da sela: um punhado de feijão seco, patê enlatado, um pedaço de biscoito duro como pedra. Estava com ânimo de caçar, mas não queria deixar Soldado sozinho. Comeu a refeição escassa, lavou a panela no rio e se deitou no saco de dormir para olhar o céu. Tinha descoberto que, se olhasse por tempo suficiente, veria uma estrela cadente. Como se respondesse aos seus pensamentos, um risco brilhante atravessou o céu, em seguida mais dois, em rápida sucessão. Michael havia lhe contado uma vez, muitos anos antes, que algumas eram sobras de criações da humanidade, do Tempo de Antes, chamadas de satélites. Ele havia tentado explicar a função daquilo – tinha algo a ver com o clima –, mas Alicia esquecera o que ele tinha dito ou então descartara isso pensando que seria apenas mais uma vez em que Michael sabichão bancava o superior, espalhando inteligência sobre as outras pessoas. O que impressionava sua mente era um sentimento abstrato das estrelas cadentes, seu casamento de luz e força: objetos inexplicáveis, de objetivo impossível de ser conhecido, que giravam ao redor da Terra como pedras numa atiradeira, presos em

sua trajetória por influências de vontade e gravidade se contrabalançando até que, com uma espécie de exaustão, desistiam dos esforços e mergulhavam para a Terra num clarão de glória. Mais estrelas caíram. Alicia começou a contar. Quanto mais olhava, mais via 10, 15, 20. Ainda estava contando quando pegou no sono.

O dia nasceu fresco e límpido. Alicia pôs os óculos e se espreguiçou, com a energia prazerosa do descanso noturno fluindo pelos membros. O som do rio parecia mais alto no ar matinal. Tinha guardado o biscoito duro para o desjejum. Comeu metade e deu o resto a Soldado, depois continuou a viagem.

Agora estavam em Iowa, na metade da jornada. A paisagem mudou, subindo e descendo por morros de calcário argiloso com aparência encurvada, e entre eles vales de fundo chato, com solo preto e rico. Nuvens baixas haviam chegado do oeste, diminuindo a luz. Era o fim da tarde quando Alicia detectou movimento na crista de um morro e parou. No vento, um cheiro de animais. Soldado podia sentir, também. Forçando-se a ficar imóvel, Alicia esperou que a fonte se revelasse.

Ali. Uma família de cervos aparecendo em silhueta no topo do morro, 20 cabeças no total, no meio delas um único macho grande. Sua galhada era enorme, como uma árvore despida para o inverno. Ela teria de se aproximar contra o vento – era um espanto não a terem detectado ainda. Pôs o fuzil no suporte, pegou a besta e uma aljava de setas e apeou. Soldado a observava cauteloso.

– Bom, não me olhe com essa cara. Uma garota precisa comer. – Ela lhe deu um tapa no pescoço para tranquilizá-lo. – Não vá sair andando por aí, certo?

Deu a volta no morro, indo para o sul. Os cervos ainda pareciam não notar sua presença. Apoiada nos joelhos e nos cotovelos, começou a subir lentamente a encosta. Era rápida, mas eles eram mais rápidos ainda; um tiro da besta, talvez dois, era tudo o que poderia dar. Depois de longos minutos de subida paciente chegou ao cume. Os cervos haviam se espalhado em V ao longo do topo. O macho estava a 10 metros de distância. Ainda grudada no chão, Alicia pôs uma seta na besta.

Talvez tivesse sido um sopro de vento. Um momento de profunda percepção animal. Os cervos explodiram em movimento. Quando Alicia se levantou eles estavam descendo a encosta a toda a velocidade, afastando-se.

– Merda.

Jogou a besta no chão, pegou uma faca e partiu atrás deles. Agora seu pensamento estava firmemente concentrado na tarefa; nada iria impedi-la. Quinze metros encosta abaixo o terreno caía abruptamente e Alicia viu sua chance: uma convergência de linhas que sua mente captou com precisão absoluta. Enquanto o macho saltava por baixo do barranco, ela levantou a faca e se lançou no ar.

Caiu em cima dele como um falcão, brandindo a faca em arco, com o braço estendido, para cravá-la de baixo para cima na base da garganta. Houve um jorro de sangue e as pernas da frente se dobraram sob o animal. Tarde demais Alicia percebeu o que iria acontecer. Enquanto voava por cima do pescoço dele, seu corpo foi puxado pela gravidade e a próxima coisa que soube foi que estava dando cambalhotas morro abaixo.

Parou na base da encosta. Em algum momento seus óculos tinham sido arrancados. Rolou rapidamente de barriga para baixo, enterrando o rosto nos braços. Porra! Será que seria obrigada a ficar ali caída, totalmente desamparada, até escurecer? Liberou um dos braços e começou a tatear o chão ao redor. Nada.

A única coisa a fazer era abrir os olhos e espiar. Com o rosto ainda aninhado na dobra do braço, ergueu-se ajoelhada. Seu coração martelava nas costelas. Bom, pensou, aí vai nada.

A princípio percebeu apenas uma brancura – uma brancura que obliterava tudo, como se estivesse espiando o coração do Sol. O choque foi como uma agulha penetrando no crânio. Mas então, com uma rapidez inesperada, algo começou a mudar. Sua visão estava surgindo. Cores e formas emergiam como figuras saindo de uma névoa. Estava espiando através de fendas estreitíssimas; permitiu que os olhos se abrissem só um pouquinho mais. Pouco a pouco a claridade recuou e revelou mais do ambiente ao redor.

Depois de cinco longos anos na sombra, Alicia Donadio, capitã dos Expedicionários, via o mundo à luz do dia.

Só então percebeu onde estava.

Chamou o local de Campo dos Ossos. Mas não era um campo no sentido mais estrito, nem eram ossos exatamente. Eram mais os restos despedaçados, desgastados pelo sol, de uma multidão de virais, cobrindo o platô até um horizonte distante, como montes de neve. Quantos ela estaria vendo? Cem mil? Um milhão? Mais? Alicia avançou, ocupando seu lugar no meio deles. A cada passo subia uma nuvem de cinzas. O gosto estava no nariz e na garganta, pintando as paredes da boca como uma pasta. Lágrimas incontáveis subiram aos seus olhos. De tristeza? De alívio? Ou de simples espanto diante daquele acontecimento inexplicável? Não era culpa deles ser o que eram. Nunca fora culpa deles. Abaixando-se sobre um dos joelhos, ela tirou uma faca da bandoleira e a encostou, com reverência, na cabeça e no coração. Olhos fechados, baixou a cabeça e abriu a mente numa prece. *Eu os mando para casa, meus irmãos e irmãs, libero-os da prisão de sua existência. Vocês partiram da terra para descobrir a verdade do que há para além desta vida. Que sua força passe para mim de modo que eu possa enfrentar os dias que virão. Vão com Deus.*

Soldado estava onde ela o havia deixado. Seus olhos relampejaram com irritação quando ela se aproximou. Achei que tínhamos um acordo, diziam eles. Onde, diabos, você estava? Mas, à medida que ela se aproximava, o olhar dele se aprofundava, como se soubesse das coisas. Alicia acariciou sua cernelha, beijou sua cara comprida e sábia. A língua musculosa de Soldado lambeu as lágrimas dos olhos descobertos de Alicia. Você é meu bom garoto, disse ela. Meu bom garoto.

Gostaria de ir em frente, mas o prêmio não esperaria. Prendeu sua lona entre as árvores, sentou-se no chão e tirou a mochila. Dentro, enrolado num tecido impermeável, estava o fígado trêmulo e sangrento do cervo. Encostou-o no nariz e inalou profundamente, absorvendo seu cheiro delicioso, terroso, tingido de sangue. Esta noite não haveria fogueira para cozinhar; estava perfeito assim.

Algo estava mudando, o mundo estava mudando. Alicia podia sentir isso no fundo dos ossos. Uma mudança profunda – sísmica,

sazonal – como a Terra se inclinando no eixo. Mas teria tempo para se preocupar com isso mais tarde.

Agora, esta noite, iria comer.

TRINTA E TRÊS

Peter viu Michael poucas vezes nos três dias seguintes. A hora da partida estava chegando; todas as equipes de cozinha estavam fazendo turnos dobrados. Sem salário para gastar na mesa de jogo, o tempo de Peter era dedicado a dormir, fazer caminhadas inquietas pelo complexo e ficar à toa no comissariado. Gostava de Karlovic, mas Stark era outra coisa. A chegada de Peter provocara todo o ressentimento previsto por Greer. O sujeito mal falava com ele. Ótimo, pensou Peter, que ele ficasse fumegando. Eu não queria esse serviço mesmo.

O tempo mais interessante era passado com Lore. Seu apetite por informações sobre a Colônia, e sobre Michael em particular, era tão intenso quanto todo o resto nela. Entre os turnos ela o procurava no comissariado, levando-o até uma mesa vazia onde pudessem conversar sem ser ouvidos. Apesar do que Michael dissera, estava claro que, por baixo da fachada lasciva, a ligação dela com ele era séria. Suas indagações tinham um ar de sondagem, como se Michael fosse uma fechadura que ela não conseguisse abrir. Como ele era naquele tempo? Inteligente, sim, isso era óbvio para qualquer um que o conhecesse, mas o que mais? O que Peter podia contar sobre Sara? E os pais deles, qual era a história? Sobre a viagem deles desde a Califórnia ela só sabia o que era de conhecimento público: a falha na rede elétrica da Colônia, a partida deles para o leste em busca de outras pessoas, encontrando por puro acaso a Guarnição do Colorado. Sobre Amy e o que acontecera na montanha em Telluride ela não sabia absolutamente nada, e Peter deixou isso como estava.

A reviravolta mais surpreendente na conversa foi o interesse de Lore por Alicia. Evidentemente Michael havia falado muito sobre ela. Por baixo da superfície das perguntas Peter detectou uma rivalidade subterrânea, até mesmo ciúme, e pensando bem ele suspeitou que boa parte da discussão estivera circulando na direção desse assunto. Peter chegou ao ponto de garantir que ela não tinha com

que se preocupar. Michael e Alicia eram como óleo e água, disse. Você jamais encontraria duas pessoas mais diferentes na vida. Lore reagiu com um riso confiante. O que lhe deu a ideia de que eu estava preocupada? Uma mulher maluca dos Expedicionários, completamente fora da real? Acredite, disse ela, descartando a ideia, essa é a última coisa que está na minha cabeça.

Peter passou o último dia conferenciando com Karlovic e Stark, repassando os detalhes da viagem. Dez caminhões-tanque cheios de combustível, distribuídos igualmente entre diesel e gasolina de alta octanagem, estavam parados junto ao portão. Haveria ainda mais dois antes do amanhecer. O comboio viajaria com uma escolta de seis veículos de segurança, Humvees e 4x4 com metralhadoras calibre 50 montadas nas carrocerias. A distância era de 500 quilômetros: seguiriam em direção ao norte, a partir de Freeport, pela rota 36, para oeste pela I-10 até Sealy, e continuariam reto até os arredores de San Antonio, onde contornariam a cidade passando por rodovias rurais, depois voltariam à I-10 para os últimos 80 quilômetros. Havia casas-fortes espalhadas a intervalos regulares ao longo da rota, mas a prática era viajar sem parar. A uma média de 30 quilômetros por hora, chegariam a Kerrville pouco depois da meia-noite.

A atenção de Peter foi atraída para cinco pontos problemáticos na rota: uma ponte sobre o rio San Bernardo a oeste de Sealy, outra em Columbus, onde cruzariam o Colorado, uma terceira em Lulling, atravessando o rio San Marcos e mais duas, cruzando o rio Guadalupe, a primeia a oeste de Seguin, a segunda na cidade de Comfort. As três primeiras eram pouco preocupantes – o comboio as atravessaria durante o dia –, mas só chegariam a Seguin depois do pôr do sol. Era sabido que os virais se moviam ao longo do rio para caçar, e o som de motores a diesel era conhecido por atraí-los. Para piorar as coisas, a ponte estava em condições tão ruins que só um caminhão-tanque poderia atravessar de cada vez. Espalhar sinalizadores na área forneceria alguma proteção, mas o comboio ficaria dividido durante certo tempo.

Todo mundo se juntou ao redor dos caminhões, na escuridão antes do alvorecer. O ar estava úmido e frio. Para quase todos a viagem

era um costume antigo. Haviam se tornado imunes a ela, pareciam até mesmo com um pouco de tédio. Copos de café de chicória eram passados. Como petroleiro classe 1, Michael viajaria no primeiro Humvee, com Peter. Ceps dirigiria o primeiro caminhão e Lore, o segundo. Peter havia planejado que Stark viajasse na frente, nem que fosse como um gesto de boa vontade, mas, para seu alívio, o sujeito havia recusado, escolhendo permanecer na refinaria com o resto do destacamento da Segurança Doméstica.

Aos primeiros raios de luz o portão foi aberto. Uma dúzia de grandes motores a diesel rugiu, nuvens de fumaça densa e preta brotaram dos canos de descarga. Michael veio andando desde o fim da fila, distribuindo os walkie-talkies e conferenciando com cada um dos motoristas pela última vez. Ocupou seu lugar ao volante do Humvee e se comunicou pelo rádio com cada um deles.

– Caminhão 1.

– Pronto para ir.

– Caminhão 2.

– Pronto para ir.

– Caminhão 3...

E assim por diante. Michael entregou o rádio a Peter e engrenou o Humvee.

– Você vai ver – disse ele. – Isso tudo é um tédio enorme. Uma vez eu dormi a maior parte do caminho.

Partiram quando o dia acordava.

No fim da manhã tinham deixado para trás o desvio Rosenberg e viraram para oeste na direção da I-10. As rodovias estaduais eram uma série infinita de buracos, o que obrigava os caminhões a seguir lentamente, mas assim que pegassem a interestadual a velocidade melhoraria.

A voz de Ceps veio pelo rádio:

– Michael, estou com um problema aqui.

Peter girou no banco. O comboio havia parado atrás deles. Michael freou o Humvee e deu marcha a ré. Ceps havia saído da cabine do caminhão e estava junto ao para-choque da frente, mexendo no capô.

– Qual é o problema? – gritou Michael.

Ceps estava batendo com um trapo no motor, empurrando o vapor para longe.

– Acho que é a bomba de arrefecimento. Pode demorar um tempo para consertar. Pelo menos duas horas.

Havia duas opções: esperar o fim do conserto ou deixar o caminhão para trás. Para complicar a situação, o terreno dos dois lados era uma floresta impenetrável. O desvio mais próximo ficava 10 quilômetros atrás. Eles teriam de voltar com o comboio até Wallis, o que significava levar os caminhões em marcha a ré por sobre a ponte do Brazos.

– Ele consegue consertar? – perguntou Peter.

– Nós temos as peças. Não tem por que não conseguir.

Peter deu a autorização. Michael pegou o walkie-talkie de novo.

– Certo, pessoal. Vamos desligar.

– Está falando sério? – respondeu Lore pelo rádio. – Diga ao Ceps para tirar esse monte de lixo do caminho.

– É, estou falando sério. Desliguem os motores, pessoal.

Peter posicionou a equipe de segurança dos dois lados do comboio, com as armas apontadas para a parede de árvores e arbustos. Era tremendamente improvável que algo acontecesse no meio do dia, mas um emaranhado daqueles era uma cobertura perfeita para virais. Ceps e Lore começaram a trabalhar no motor. A maioria dos motoristas havia descido das cabines. Os baralhos surgiram enquanto os minutos passavam.

Quando Ceps declarou que o sistema de arrefecimento estava consertado, passava das três horas. O conserto havia demorado quase quatro. Kerrville ainda estava a 12 horas de distância – mais, já que estariam viajando no escuro.

– Não é tarde demais para voltar – disse Michael. – Podemos usar a saída de Columbus na interestadual para dar meia-volta. As rampas estão em bom estado.

– O que você sugere?

Estavam parados junto ao Humvee, longe dos outros.

– Se você me perguntar, acho que devemos ir em frente. Mais algumas horas no escuro, qual é a diferença? Não é como se isso

nunca tivesse acontecido antes. E há pistas largas até Seguin. – Michael deu de ombros. – Na verdade, a decisão é sua.

Peter pensou por um momento. Era um risco, mas o que não era? E a lógica de Michael parecia boa.

Assentiu.

– Vamos.

– Esse é o espírito. Olhos abertos, irmão.

Placas indicativas das saídas da rodovia, furadas e cheias de ferrugem, inclinadas como bêbados; a antiga autoestrada com as muretas meio tombadas, chamando-os à frente; os restaurantes, postos de gasolina e motéis esburacados, alguns prédios com as placas ainda de pé contra o vento, declarando nomes incompreensíveis. McDonald's, Exxon, Whataburger, Holiday Inn Express. Peter olhava a paisagem passar. Estavam indo mais rápido, mas isso não duraria. A escuridão vinha chegando.

A luz acabou em Flatonia. Estavam 30 quilômetros a leste da segunda ponte, seguindo a constantes 40 por hora. O rádio, que havia estalado o dia inteiro com brincadeiras entre os veículos, ficou em silêncio. Enquanto se aproximavam da cidade de Lulling, apareceu, nos cones de luz dos faróis do Humvee, uma placa de saída marcada com um "X" vermelho. Indicava uma casa-forte. A próxima estaria a 80 quilômetros dali, ao norte de San Antonio. Peter olhou para Michael, para ver se havia alguma mudança no rosto dele, mas não detectou nada. Iriam em frente.

Estavam se aproximando da ponte quando de repente Michael se inclinou para a frente no banco. Seus olhos perscrutavam atentos por cima do volante.

– Que diabo...?

Peter se firmou no painel quando Michael pisou no freio. A cabine se encheu de luz quando o segundo Humvee quase os acertou por trás, freando bem a tempo. Pararam derrapando.

Michael estava olhando pelo para-brisa.

– Estou vendo coisas?

A voz de Lore estalou no rádio.

– O que está acontecendo? Por que paramos?

Peter pegou o rádio no painel.

– Agentes 3 e 4, venham para a frente, depressa. Agentes 1 e 2, mantenham posição. Todos os outros fiquem nas cabines.

Havia uma figura imóvel na estrada. Não era um viral: era humana. Parecia uma mulher, de cabeça baixa, usando uma espécie de capa.

– O que ela está fazendo? – perguntou Michael. – Só está ali parada.

– Espere aqui.

Peter desceu da cabine. A mulher ainda não tinha se mexido nem dado sinal de reconhecer a existência deles. Os dois veículos mais leves da Segurança Doméstica, dois 4x4, haviam se posicionado ao lado dos Humvees. Sacando a pistola, Peter avançou cautelosamente.

– Identifique-se.

A mulher estava parada junto à ponte. As estruturas de ferro escavavam linhas de escuridão contra o céu. Peter levantou a arma, aproximando-se devagar. Ela segurava alguma coisa.

– Ei – disse ele. – Estou falando com você.

A mulher levantou a cabeça. Seu rosto se encheu com a luz dos faróis dos caminhões. Peter não poderia dizer o que estava vendo. Mulher? Menina? Velha? A imagem do rosto parecia tremular em sua mente, formando-se e reformando-se como algo visto através de água em rápido movimento. Sentiu um repelão de náusea.

– Nós sabemos onde vocês estão. – Sua voz era etérea como gaze. – É só questão de tempo.

Peter engatilhou a arma e apontou para a cabeça dela.

– Responda.

Os olhos dela brilhavam com um azul intenso, tremeluzente. Enquanto se fixavam nos dele, Peter percebeu que o que estava vendo era uma mulher linda, talvez a mais linda que já vira. Os lábios grossos, macios. O nariz delicadamente arrebitado. O arranjo proporcional dos ossos do rosto e a pele brilhante das faces. Olhá-la era ser varrido para uma corrente de sensualidade quase insuportável. Sua boca ficou seca de repente.

– Você está cansado – disse ela.

Essa declaração, ainda que espantosa, o sacudiu do estupor. Ele estava o quê?

– Eu disse que você está cansado – repetiu a mulher.

– Não sei do que você está falando.

O rosto dela demonstrou perplexidade; parecia que ele a havia desapontado. Os olhos da mulher baixaram para o objeto que trazia na mão. Era uma caixa de metal. Com a mão livre ela puxou uma longa haste metálica da lateral.

Peter sabia o que era aquilo.

Saltou para ela enquanto o dedo da mulher encontrava o interruptor. Uma barreira de luz e um jorro de calor escaldante o lançaram para trás. A ponte, pensou Peter. Quem quer que ela fosse, essa mulher havia explodido a ponte. Peter estava caído de costas, piscando para o céu. O tempo havia se soltado brevemente das amarras. Alguma coisa grande, pegando fogo, descia do céu para ele num arco lânguido.

O dormente em chamas despencou no chão a pouco mais de um metro de sua cabeça. Enquanto Peter rolava para longe, sentiu as mãos de alguém sobre ele e de repente estava de pé outra vez: Michael o estava puxando na direção do Humvee.

– Para trás! – Com um braço segurando a cintura de Peter, Michael gritava ao walkie-talkie. – Todo mundo para trás, agora!

Luzes apontavam para eles de todas as direções. Antes que Peter pudesse processar totalmente a informação, uma picape saiu a toda a velocidade do meio do mato, com os grandes pneus enlameados saltando por cima da valeta. O veículo girou e parou diante deles, de lado. Quatro figuras se erguiam como aparições escuras na carroceria, levantando simultaneamente longos objetos cilíndricos nos ombros.

– Ah, merda – disse Michael.

Eles se jogaram no chão enquanto os foguetes, num jorro branco, saltavam dos tubos. Atrás deles o som de tiros foi engolido instantaneamente pela detonação dos veículos da Segurança Doméstica. Entulho em chamas voava chiando sobre as cabeças.

– Ceps – gritou Michael no walkie-talkie –, saia daí!

As figuras na picape haviam parado para recarregar. O caminhão de Ceps seria o próximo. Peter tentou sacar sua arma mas ela havia sumido; perdera-a na primeira explosão. Da retaguarda do comboio veio outro estrondo tremendo. Os petroleiros estavam saltando dos caminhões, correndo, gritando. Agora o ataque vinha das duas pontas do comboio. Eles estavam presos entre o rio e o que quer que vinha se aproximando de trás, presumivelmente mais picapes com lançadores de granadas. O combustível estava perdido. A única coisa a fazer era fugir. Peter e Michael partiram para o primeiro caminhão enquanto Ceps saltava da cabine, jogando um fuzil para Peter. Ele o pegou no ar, girou, mirou uma picape e disparou uma saraivada, fazendo as figuras mergulharem em busca de cobertura. Tinha ganhado algum tempo, mas só isso. Michael agarrou Lore pelo pulso quando ela saía de sua cabine e a puxou para o chão. Estava gritando, acenando na direção do final do comboio.

– Fiquem longe dos caminhões!

As figuras fantasmagóricas se levantaram de novo. Bastaria um tiro direto contra o primeiro caminhão e tudo acabaria. Onze mil litros em cada caminhão, 132 mil no total. Todo o comboio iria pelos ares, detonado como bananas de dinamite enfileiradas. Ele levantou o fuzil de novo e apertou o gatilho, mas ouviu o estalo de uma câmara vazia.

A mulher levantou os braços e os abriu.

No final do comboio, um tipo de veículo totalmente diferente havia aparecido. Veio pela pista em alta velocidade, o motor rugindo, com fileiras de luzes de vapor de sódio chamejando no teto da cabine. Era uma carreta de seis rodas. Presas atrás, em fila, havia duas grandes caixas de carga construídas de metal galvanizado polido até que o acabamento refletisse. Nas semanas seguintes esse aspecto curioso – pareciam duas caixas espelhadas andando pela rodovia – ganharia importância, uma pista numa cadeia de pistas; mas, no momento da chegada do veículo com o som de freios pneumáticos, ninguém prestou muita atenção a isso. Alguns petroleiros em fuga, com o cérebro em pânico desprovido de qualquer lógica, e sem notar que os veículos menores que haviam dizimado a retaguarda tinham

convenientemente desaparecido no mato baixo, até se permitiram sentir a esperança de serem salvos. Estavam sob ataque. O ataque, misericordiosamente perturbador, viera de lugar nenhum. As caixas, com sua aparência fortificada e seu volume brilhante, pareciam portáteis.

E eram. Mas levavam uma carga totalmente diferente.

Um que viu isso foi o petroleiro Juan Sweeting. Apesar de seus modos agressivos e musculatura intimidante, Ceps era um homem com alma de poeta. Sozinho em seu beliche no fim de cada dia levava a pena ao papel, colocando seus pensamentos mais profundos em versos de sensibilidade e musicalidade verbal incomuns. Apesar dos sofrimentos da vida, ele acreditava com firmeza que o mundo era um lugar belo, tocado por Deus, digno da esperança humana. Escrevia um bocado sobre o mar, cuja companhia adorava. Apesar de nunca ter mostrado esses poemas, eles formavam o âmago de sua vida, como uma amante secreta. Às vezes, enquanto raspava gosma oleosa de uma torre de destilação ou jogava um pedaço de ferro por cima da cabeça nas gaiolas de pesagem, Ceps ficava tão inflamado pelo desejo de escrever um poema que mal conseguia não abandonar a tarefa e correr de volta ao beliche para celebrar a magnificência da criação.

A chegada da carreta luminosa e reflexiva coincidiu com sua suspeita crescente, como a de Peter, de que nem tudo era o que parecia ser. De fato, nada no ataque fazia sentido. Por que seres humanos atacariam outros seres humanos desse modo? Eles não possuíam um inimigo comum? Por que destruir uma fonte de energia que mantinha a própria existência de sua espécie? A ideia que tomava forma em sua mente era correta, de que os agressores não eram conectados aos seus iguais, e, enquanto os dois primeiros compartimentos brilhantes liberavam sua carga, a suspeita virou certeza, mas a essa altura era tarde demais; sempre fora tarde demais.

Os virais partiram para cima do comboio. Eram centenas. Mas no momento seguinte Ceps percebeu que na verdade os virais não estavam matando todo mundo. Algumas pessoas estavam sendo destroçadas com uma rapidez implacável, espirrando sangue, mas

outras eram levadas inteiras, sacudindo-se e gritando enquanto os virais as agarravam pela cintura e saltavam para longe.

Um destino muito pior, ser tomado. Ser tomado.

Decidiu rapidamente.

A carreta havia parado a menos de 20 metros do último caminhão da coluna. Ceps já vira um caminhão-tanque explodir. A destruição fora instantânea e total, uma pancada enorme e feroz, mas no décimo de segundo anterior algo interessante acontecera: procurando o ponto mais fraco da estrutura, o combustível em expansão havia arremessado as placas da traseira do veículo, como rolhas saindo de uma garrafa. Em essência, antes de ser uma bomba, um caminhão-tanque explodindo era um canhão. Agora Ceps havia alcançado o último caminhão. A carreta prateada estava parada 20 metros atrás dele. Com seus braços enormes Ceps desatarraxou a tampa da saída de combustível e abriu a válvula. A gasolina jorrou do tubo num fluxo brilhante, encharcando sua roupa. Ele encheu as mãos e encharcou o cabelo. Esse mundo arrebatador, pensou, os sentidos se enchendo com o cheiro daquilo, como fogo engarrafado. Esse mundo agridoce e arrebatador. Talvez alguém encontrasse seu maço de poemas enfiado embaixo do colchão e lesse nas páginas as verdades escondidas de seu coração. As palavras de um poema que ele amava lhe voltaram. Emily Dickinson – quando era um menino de 8 anos ele encontrara um livro de poemas dela na biblioteca de Kerrville, numa sala aonde ninguém nunca ia. Como parecia que ninguém tinha utilidade para ele, e num estado de simpatia antropomórfica por sua solidão na estante, Ceps o havia enfiado no casaco e roubado, levando-o para um beco, onde, sentado numa lata de lixo, descobriu uma voz que partira da terra muito antes, uma voz do céu que parecia golpear em cheio seu eu mais secreto. Agora, parado no caminho do fluxo que jorrava do tubo, fechou os olhos para deixar que as palavras, gravadas na memória, o atravessassem pela última vez:

A beleza me esmaga até que eu morra
Beleza, tenha piedade de mim
Mas se hoje eu expirar
Que seja diante de ti...

Tirou o isqueiro do bolso, o abriu e passou o dedo rapidamente na pedra.

A 100 metros dali, na cabine do terceiro caminhão, Peter estava tentando engrenar a marcha. A alavanca de câmbio, com as marcas gastas havia muito tempo, não lhe dizia nada. Cada tentativa era recebida com um rangido.

– Vá para o outro banco.

A porta se abriu e Michael entrou, com Lore atrás. Peter deslizou pelo banco e deixou que ele assumisse o volante.

– Nosso plano é? – perguntou Michael.

– Não temos plano.

Michael olhou pelo retrovisor lateral. Seus olhos se arregalaram.

– Agora temos.

Engrenou a primeira, girou o volante totalmente para a esquerda e bateu na traseira do segundo caminhão. De trás veio um estrondo ensurdecedor, depois outro. Em vez de dar marcha a ré, Michael pisou no acelerador de novo. Houve um guincho de metal e de repente estavam livres, como um míssil de 25 toneladas sobre rodas quicando no mato baixo.

Atrás deles o mundo explodiu.

O caminhão disparou como um foguete; Peter foi jogado para trás no banco. A traseira se levantou, oscilou e depois, de algum modo, conseguiu tração de novo. A cabine estava ricocheteando com tamanha ferocidade que parecia certo que iriam se despedaçar. Michael trocava de marcha, ainda acelerando. O mato passava sobre o para-brisa; estavam indo às cegas, como morcegos. Ele girou o volante para a esquerda de novo, guiando-os num arco longo pelo campo cheio de mato, e então, com uma segunda sacudida, estavam de novo na estrada, indo a toda a velocidade para o leste.

Sua fuga não havia escapado à atenção. Pelo retrovisor Peter viu uma parede de luzes verdes se juntando atrás deles.

– Não podemos ir mais rápido do que eles nesta coisa – disse Michael. – A única chance é a casa-forte.

Peter estava enfiando um pente em seu fuzil.

– O que você tem? – perguntou a Lore, e ela mostrou uma pistola.

– Esse não é o único problema – disse Michael. – Nós perdemos o engate do freio da carroceria.

– O que isso quer dizer?

– Que não posso diminuir a velocidade, senão o caminhão se dobrará como um canivete. Vamos ter de pular.

Os virais estavam se aproximando. Peter achou que estariam a 200 metros, talvez menos.

– Podemos chegar à rampa de saída?

– Nesta velocidade não há como fazer a curva na passagem superior. São 90 graus.

– Qual é a distância do topo da rampa até a casa-forte?

– Cem metros indo direto para o sul.

Não haveria como chegar lá se saltassem na base da rampa. Cem metros seria muito, e isso presumindo que escapassem da queda sem se ferir.

O indicador da casa-forte apareceu nos faróis. Lore subiu no banco e ocupou um lugar perto da porta enquanto Michael reduzia a marcha, diminuindo a velocidade para 50 por hora e virando para a direita, levando-os pela rampa. Eles escancararam as portas, enchendo a cabine com o vento em redemoinho.

– Vamos lá.

Quando chegaram ao topo da rampa, Michael e Lore saltaram da cabine, com Peter logo atrás. Ele bateu no chão de pé, os joelhos flexionados para absorver o impacto, depois rolou dando cambalhotas no pavimento. O ar saiu com força de seu peito. Parou bem a tempo de ver as luzes de ré do caminhão atravessando a mureta. Por um instante minúsculo o veículo, todas as 25 toneladas, pareceu a ponto de decolar. Mas então afundou, sumindo de vista, seguido por mais uma explosão titânica numa noite cheia delas, uma nuvem se revolvendo com um centro incandescente que iluminou a cena como um sinalizador gigantesco.

Da esquerda veio a voz de Lore:

– Peter, me ajude!

Michael estava inconsciente. O cabelo escorregadio de sangue, o braço torcido de um modo que parecia quebrado. Os primeiros virais estavam ao pé da rampa. Peter levantou Michael sobre o ombro.

Meu Deus, pensou, com os joelhos se dobrando sob o peso, isso teria sido mais fácil há alguns anos. A bandeira da casa-forte era uma silhueta escura sob a luz das estrelas.

Correram.

TRINTA E QUATRO

Ela apareceu junto à porta enquanto Lucius terminava as orações da noite. De sua mão pendia um molho de chaves tilintando. A túnica cinza simples e a postura tranquila não serviam nem um pouco para comunicar a impressão de alguém que estava no meio de uma fuga da cadeia, mas Lucius notou um brilho de suor no rosto dela, apesar do frio da noite.

– Major. É bom ver você.

Seu coração estava cheio de uma sensação de eventos postos em ação, círculos se fechando, um destino revelado. Parecia que durante toda a vida estivera prevendo esse momento.

– Alguma coisa está acontecendo, não é?

Amy assentiu tranquilamente.

– Acho que está.

– Eu rezei por isso. Rezei por *você*.

Amy assentiu.

– Temos de agir depressa.

Saíram da cela e seguiram pelo corredor escuro. Sanders estava dormindo junto a sua mesa na sala externa, o rosto de lado sobre os braços bem dobrados. O segundo guarda, Coolidge, roncava no chão.

– Eles vão demorar um tempo para acordar – explicou Amy. – E quando acordarem não terão lembrança disso. Você simplesmente terá sumido.

Lucius se abaixou para pegar a pistola de Sanders no coldre, depois levantou os olhos e viu Amy olhando-o com expressão cautelosa.

– Apenas se lembre – alertou ela. – Carter está conosco.

Lucius pôs uma bala na câmara, travou a arma e a enfiou na cintura.

– Entendido.

Lá fora caminharam com rapidez comedida em direção ao túnel de pedestres, mantendo-se nas sombras. Junto ao portal, três agentes

da Segurança Doméstica estavam parados preguiçosamente ao redor de uma lata de lixo com fogo dentro, esquentando as mãos.

– Boa noite, senhores – disse Amy.

Eles tombaram de joelhos, com um ar de leve surpresa estampado no rosto. Lucius e Amy deitaram seus corpos no chão.

Do outro lado do túnel um par de cavalos selados esperava. Lucius ajudou Amy a subir e montou no outro cavalo, segurando as rédeas frouxamente.

– Preciso perguntar uma coisa – disse ele. – Por que eu?

Amy pensou um momento.

– Cada um de nós tem um, Lucius.

– E Carter? Quem ele tem?

Uma expressão inescrutável surgiu nos olhos dela, como se seus pensamentos estivessem levando-a para longe.

– Ele é diferente do resto. Carrega o familiar dentro dele.

– A mulher na água.

Amy assentiu.

– Ele a amava mais do que a vida, mas não pôde salvá-la. Ela é o coração dele.

– E os patetas?

– São os Muitos dele, sua linha viral. Só matam porque precisam. É difícil para eles. Eles pensam o que ele pensa, sonham o que ele sonha. Eles sonham com ela.

Os cavalos estavam batendo os cascos no chão. Passava da meia-noite, um céu sem lua era a única testemunha da partida dos dois.

– Assim como eu sonho com você – disse Lucius Greer. – Assim como eu sonho com você.

E prosseguiram pela escuridão.

TRINTA E CINCO

Irmãos, irmãos.

E para longe, na noite. Julio Martínez, o Décimo dos Doze, tendo descartado suas legiões, lançadas ao vento. Julio Martínez, respondendo ao chamado do Zero.

É hora. Chegou o momento da reconstrução. Vocês refarão o mundo, vocês se tornarão os verdadeiros senhores da Terra, controladores não somente da morte, mas da vida. Vocês são as estações. Vocês são a terra girando. Vocês são o círculo dentro do círculo dentro do círculo. Vocês são o próprio tempo, meus irmãos no sangue.

Em vida ele fora advogado, um homem da lei. Havia se apresentado diante de juízes, feito defesas perante júris formados por seus pares. Os casos do corredor da morte eram sua especialidade, sua linha profissional. Ele adquirira um tipo especial de fama. Os telefonemas vinham de toda parte: será que o grande Julio Martínez viria ajudar fulano de tal? Será que poderia ser convencido a agir? O astro do rock que havia arrebentado o cérebro da namorada com um abajur. O senador com sangue da prostituta morta nas mãos. A mãe suburbana que havia afogado os trigêmeos recém-nascidos na banheira. Martínez aceitava todos. Sendo loucos ou não; afirmando inocência ou não; iam para a injeção letal, a cela minúscula ou eram soltos. O resultado era irrelevante para Julio Martínez; o que ele amava era o drama. Saber que alguém ia morrer e no entanto lutar contra a inevitabilidade – esse era o fascínio. Uma vez, quando criança, no campo atrás de casa, encontrou um coelho numa armadilha, do tipo com uma mola e dentes. As mandíbulas de ferro haviam prendido as patas traseiras do animal, cortando a carne até o osso. Os pequenos olhos escuros da criatura, como gotas de óleo, estavam cheios da sabedoria da morte. A vida escorria numa série de agitações espasmódicas. O menino Martínez poderia assistir àquilo durante horas e fez exatamente isso. Quando chegou o anoitecer e o coelho não morreu, levou o bicho para o celeiro, voltou

à casa, jantou e foi para a cama no quarto cheio de brinquedos e troféus, esperando a manhã, quando poderia olhar mais um pouco o coelho morrer.

Isso demorou três dias. Três dias gloriosos.

Assim foi sua vida de investigações sombrias. Martínez tinha seus motivos. Tinha sua explicação racional. Tinha seu método particular – o trapo encharcado em álcool, o cordão leal e a fita de alta aderência infinitamente flexível, os compartimentos úmidos, não vistos, da execução. Escolhia mulheres inferiores, que não tivessem estudo ou cultura, não porque as desprezasse ou as desejasse secretamente, mas porque eram fáceis de agarrar. Não eram páreo para seus ternos bonitos, o cabelo de astro do cinema e a lábia, feita para os tribunais. Eram corpos sem nome, história ou personalidade, e quando se aproximava o momento do transporte elas não ofereciam distração. O sentido de tempo era tudo, a liberação orquestrada, simultânea. O velho coro de sexo e morte cantando.

Uma certa quantidade de treino fora necessária. Houve erros. Houve, ele era forçado a admitir, uma certa quantidade de comédia acidental. A primeira havia morrido bem, mas depressa demais; a segunda havia provocado uma balbúrdia tão grande que a coisa toda se dissolveu em farsa; a terceira havia chorado de modo tão digno de pena que ele mal conseguiu prestar atenção. Mas depois: Louise. Louise, com seu uniforme cafona de garçonete, os sapatos sensatos de garçonete e o sutiã de garçonete, sem sensualidade. Com que beleza ela havia saído da vida! Com aquele fascínio exótico! Era como uma porta se abrindo para o grande além impossível de ser conhecido, um portal para o negrume absoluto do não ser. Ele fora erradicado, pulverizado; os ventos da eternidade haviam soprado através dele, batendo nele até limpá-lo. Era tudo que ele havia imaginado, e mais ainda.

Depois disso, francamente, não conseguia se fartar.

Quanto ao guarda rodoviário, o Universo não era desprovido de ironias. Dava e tomava. Prova disso eram o Jaguar com luz de ré quebrada e Martínez com o corpo da mulher ensacado no porta-malas. O passo lento do policial na direção do carro, a mão pousada masculinamente no cabo da pistola, a janela do motorista descendo.

O rosto do policial bem perto, com um riso superior e entediado de quem se acha coberto de razão, os lábios dizendo as palavras costumeiras – *Senhor, será que posso ver...?* – e jamais terminando. Em seguida, com pressa, Martínez conseguira se livrar do corpo, e assim suas práticas noturnas permaneceram desconhecidas para sempre, desligadas de seu destino. Mas um policial morto ao lado da rodovia, tudo gravado pela câmera de vídeo no painel, bom... No fim a única coisa a fazer, como dizia o ditado, era o grande Julio Martínez, defensor dos desprezivelmente indefensáveis, servir-se de um copo de uísque 30 anos e jogá-lo na boca, enquanto as janelas da casa refletiam as luzes giratórias da justiça, e sair com as mãos obedientemente levantadas.

O que, dado o modo como as coisas resultaram, não acabou sendo uma reviravolta tão desafortunada, na verdade.

Martínez não podia dizer que se importava muito com os Outros. Com exceção de Carter, que lhe parecia puramente digno de pena – o sujeito nem parecia saber o que era nem o que havia feito –, eles não passavam de criminosos comuns, cujos feitos eram aleatórios e banais. Homicídio no trânsito. Assalto à mão armada que deu errado. Brigas de bar resultando num corpo no chão. Um século mergulhado em seus próprios dejetos psicológicos não fizera nem um pouco para melhorá-los. O jamais estar totalmente sozinho. A fome interminável sempre precisando ser aplacada. A fala-fala-fala incessante na cabeça, não somente dos irmãos mas também do Zero. E Ignacio: aquele era uma figura. O sujeito era uma ladainha de desculpas e autocomiseração. *Eu não pretendia fazer metade daquelas coisas. Só que fui feito assim.* Depois de 100 anos ouvindo as lamúrias do sujeito, Martínez não sentiria nem um pouco a falta dele.

Mas houvera algo agradavelmente furioso em Babcock. Era preciso admitir que o sujeito tinha um dom para as metáforas. Arrancar a laringe da mãe com uma faca de cozinha: em outra vida ele certamente teria sido um poeta. Com o passar das décadas Martínez se sentara mentalmente um milhão de vezes naquela cozinha imunda, e era verdade: a mulher *não* calava a boca. Havia um tipo de pessoa neste mundo que merecia estar em um quadro, e a mãe de Babcock era uma dessas.

E um dia ele simplesmente se foi, seu sinal silenciou, como um canal de TV saindo do ar. O canto da mente de Martínez onde Babcock estava, interminavelmente arrancando a protuberância da caixa vocal de sua mãe, ficou vazio. Todos eles sabiam o que acontecera – sua existência coletiva, nascida do sangue, ordenava isso. Um dos irmãos havia caído.

Deus o abençoe e o tenha, Giles Babcock. Que você encontre na morte a paz que lhe escapou na vida e no que veio depois.

E assim, dos Doze, restavam Onze. Uma perda, um amassado na armadura, mas em última instância uma questão de importância menor no período vital que viria. Tinha sido um bom século, no todo, para Julio Martínez. Ele se lembrava dos primeiros dias com um carinho pungente. Os dias de sangue, tumulto e da grande liberação de sua espécie na terra. Matar era uma coisa, uma coisa gloriosa. Tomar era outra, um banquete ainda mais rico de satisfação. Em cada um Martínez tinha dado uma mordida saborosa na alma, atraindo-o para o covil, expandindo seu domínio em corpo e mente. Seus Muitos não eram meramente *parte* dele, *extensão* dele: *eram* ele. Assim como ele, Julio Martínez, era um dos Doze e também o Zero, concomitante e coextensivo, cada um unido ao outro e à escuridão em que residiam permanentemente.

Irmãos, irmãos, é hora. Irmãos, irmãos, a hora chegou.

Porque era inevitável; eles haviam construído uma raça de pura avidez. Seus Muitos, criados para protegê-los, tinham devorado a terra como gafanhotos, não deixando nada no caminho. O festim dera lugar à fome, a riqueza do verão à escassez do inverno. Eles precisariam de um lar, uma zona de proteção, de descanso. Para sonhar seus sonhos. Para sonhar com Louise.

Irmãos, seu novo lar está esperando. Eles vão se curvar diante de vocês; vocês viverão como reis.

Martínez gostava dessa ideia.

Descartou-os sem cerimônia. Seus Muitos, milhões. Convocou-os de todos os lugares escondidos e lhes disse: *morram.* O alvorecer estava estendendo sua mão de dedos vermelhos por cima do horizonte. Eles apontaram o rosto cegamente naquela direção. Não

hesitaram; tudo o que ele ordenava eles faziam. O sol estava indo na direção deles como uma lâmina de luz sobre a terra. *Deitem-se, meus filhos e filhas; deitem-se ao sol e morram.*

Seguiu-se uma certa quantidade de gritos.

Noite a noite ele ia para o leste, por sobre a terra exaurida. Seus instintos eram aguçados. O mundo ondulava em sensualidade, acariciando-o com seus sons e cheiros. O capim. O vento. Os movimentos sutilíssimos das árvores. Ele se demorava, sentindo o gosto de tudo. Estivera longe por tempo de mais. Chamou seus companheiros, as vozes se trançando com a escuridão enquanto saíam de cada canto para o local onde se renovariam.

– Somos Morrison-Chávez-Baffes-Turrell-Winston-Sosa-Echols-Lambright-Martínez-Reinhardt-Carter. Onze de Doze, um irmão perdido.

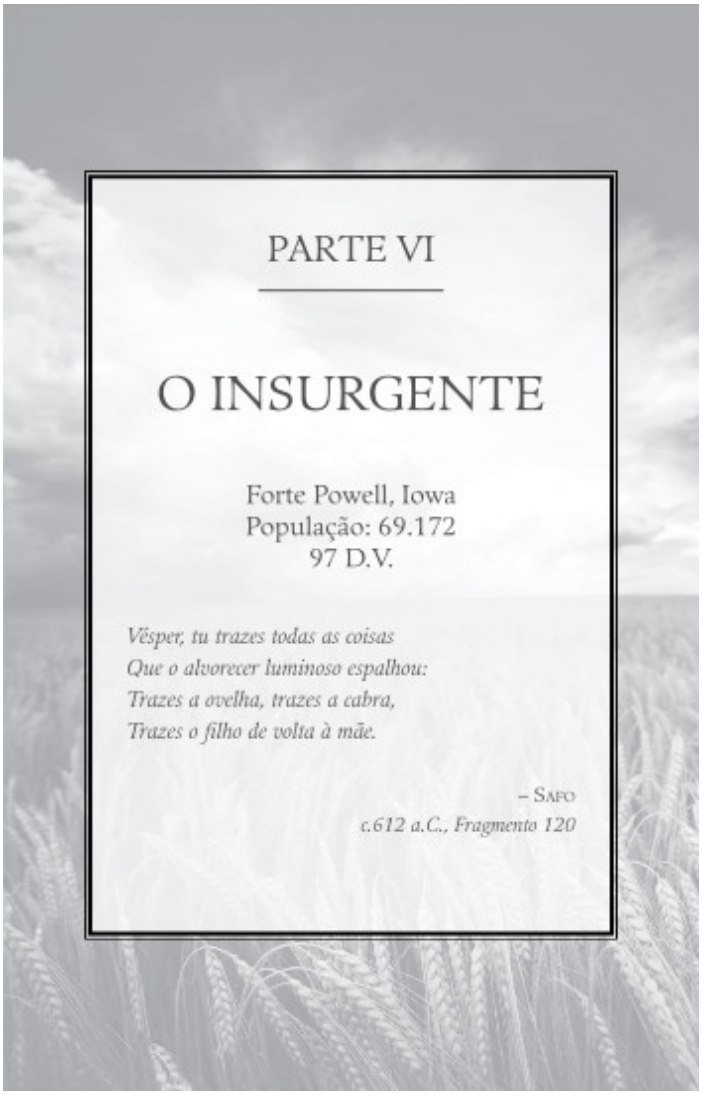
E o Zero respondeu:

Ah, irmãos, minha dor é tão grande quanto a de vocês. Mas vocês serão Doze de novo. Porque fiz outro, um para observar e mantê-los em seu lugar de descanso.

– Quem? – perguntaram eles, cada um como um e depois juntos. – Quem é o outro que você fez?

E o Zero falou a partir da escuridão:

Nossa irmã.



PARTE VI

O INSURGENTE

Forte Powell, Iowa
População: 69.172
97 D.V.

Vésper, tu trazes todas as coisas
Que o alvorecer luminoso espalhou:
Trazes a ovelha, trazes a cabra,
Trazes o filho de volta à mãe.

– Safo
c.612 a.C., Fragmento 120

ATENÇÃO

MENSAGEM DO DIRETOR

Cidadãos da Pátria! Existem traidores entre nós!

Os métodos abomináveis da chamada "insurgência" chegaram a novos níveis de baixeza. Dezenas de companheiros cidadãos, inclusive mulheres e crianças inocentes, foram assassinados a sangue-frio por esses conspiradores covardes que agem sem piedade.

Precisamos nos defender!
Apoiem seu Diretor!
Terminem com a praga da violência!

Convocamos todos os cidadãos a ajudar a levar esses traidores desprezíveis à justiça. A segurança de nossa Pátria está em risco.

Todos devem fazer sua parte!

* Seja vigilante. A pessoa ao seu lado pode neste momento estar tramando a morte de centenas.
* Informe imediatamente qualquer atividade suspeita aos Agentes de Recursos Humanos.
* Mantenha a disciplina em seu alojamento e em seu local de trabalho.
* Esteja preparado. A qualquer momento você pode ser convocado para ajudar na defesa.
* Qualquer pessoa que ofereça ajuda à insurgência ou que interfira com os trabalhos da Autoridade da Pátria será considerada **inimiga** do Estado.

Veja! Ouça! Fique em guarda!
Juntos podemos restaurar a paz e a segurança de nossa Pátria amada!

TRINTA E SEIS

Em toda parte as pessoas sussurravam: outra bomba havia explodido no mercado.

A manhã de novembro nasceu cinza e fria, com o gosto do inverno vindouro. Sara acordou com o som da trombeta, seguido por um coro de tosses, gargantas pigarreando, ossos estalando de modo relutante com o despertar. Seus olhos e sua boca estavam secos como papel. O alojamento tinha odor de pele não lavada, respiração rançosa e pó para piolhos, o vapor biológico de decadência humana, ainda que Sara mal notasse. Parte do cheiro, sabia, vinha dela mesma.

Outro nascer do sol implacável, pensou. Outra manhã como cidadã da Pátria.

Tinha aprendido a não se demorar em seu catre. Se chegasse um minuto atrasada à fila da ração, poderia acabar se arrastando pelo dia sem ao menos uma migalha no estômago. Uma tigela de papa de milho era sempre melhor do que alguns poucos minutos de semissono atormentado. Com o estômago roncando, desenrolou o cobertor puído e girou o corpo, baixando a cabeça, até colocar os pés calçados com tênis nas tábuas do piso. Sempre dormia de tênis, se é que podiam ser chamados assim – um par de Reebok herdado de um colega de beliche que havia morrido –, porque eles viviam sendo roubados. *Quem pegou meus sapatos?*, gritava uma voz, e a vítima, ele ou ela, partia pelo alojamento, implorando, acusando e eventualmente desmoronando no chão em lágrimas desesperançadas. *Sem eles eu vou morrer! Alguém me ajude, por favor!* Era verdade: sem sapatos a pessoa morreria.

Ainda que trabalhasse na usina de biodiesel, na planície corria o boato de que Sara havia sido enfermeira. Tinha visto os cotocos enegrecidos de dedos congelados, com cascas dos vermes enterrados dentro; tinha encostado o ouvido nos peitos fundos e escutado o chacoalhar de pulmões que se afogavam lentamente na pneumonia; tinha sentido sob as pontas dos dedos as barrigas

retesadas como tambores das apendicites, ou de tumores, ou da simples fome; tinha encostado a palma da mão em testas ardendo de febre e enrolado os ferimentos úmidos que devorariam o corpo com a podridão. E a cada um Sara dizia com o gosto de mentira na boca: Você vai ficar bem. Não se preocupe. Dentro de mais alguns dias você vai estar ótimo, prometo. Não era atendimento médico o que ela estava oferecendo; era uma espécie de bênção. Você vai morrer, e isso vai doer, mas você fará isso aqui, no meio de sua própria espécie, e o último toque que sentirá será de gentileza, porque será meu.

Porque você não iria querer que os colas descobrissem que estava doente, quanto mais os olhos-vermelhos. Nada jamais era dito em voz alta, mas as pessoas da planície tinham poucas ilusões quanto à função do hospital. Homem ou mulher, velho ou jovem, não importava: se você passasse por aquelas portas, ninguém mais iria vê-lo. Você estava a caminho do centro de alimentação.

Cada beliche tinha quatro camas, 20 beliches em cada fileira, 10 fileiras: 800 almas apinhadas como carga num alojamento com o tamanho aproximado de um curral. As pessoas estavam se levantando, enfiando a cabeça dos filhos em chapéus, murmurando sozinhas, os membros se movendo com a pesada docilidade do gado enquanto arrastavam os pés até a porta. Examinando rapidamente o alojamento para garantir que não era observada, Sara se ajoelhou perto do beliche, levantando o colchão com uma das mãos enquanto enfiava a outra embaixo. Tirou do esconderijo o pedaço de papel cuidadosamente dobrado e o escondeu no bolso da túnica. Depois se levantou.

– Jackie – disse baixinho –, acorde.

A velha estava enrolada em posição fetal com o cobertor puxado até o queixo. Seus olhos remelentos espiavam opacos o cinza que baixava das janelas altas do alojamento. Sara tinha ouvido sua tosse a noite toda.

– A luz – disse Jackie. – Parece inverno.

Sara sentiu a testa dela. Nenhum traço de febre, no mínimo a mulher sentia frio. Era difícil dizer a idade de Jackie. Ela nascera na planície, mas seus pais tinham vindo de outro lugar. Jackie não era

de falar do passado, mas Sara sabia que ela sobrevivera a três filhos e um marido, este último mandado para o centro de alimentação pelo crime de ter ajudado um amigo que estava sendo arrochado por um cola.

O alojamento ia se esvaziando rapidamente.

– Jackie, por favor. – Sara a sacudiu pelo ombro. – Sei que você está cansada, mas precisamos ir.

Os olhos da mulher focalizaram Sara. Ela tremeu com uma tosse seca.

– Desculpe, querida – disse quando o espasmo passou. – Não quero atrapalhar.

– Só não quero perder o desjejum. Você precisa comer.

– Lá vai você, cuidando de mim como sempre. Ajude uma velha a sair da cama, está bem?

Sara deu o ombro para Jackie se equilibrar e a ajudou a descer. Seu corpo era praticamente sem peso, uma forma feita de gravetos e ar. Outra tosse sacudiu seu peito, um som parecido com o de pedrinhas sendo balançadas num saco. Ela ergueu lentamente as costas.

– Pronto. – Jackie demorou um momento engolindo a saliva. Seu rosto estava vermelho e gotas de umidade haviam surgido na testa. – Assim está melhor.

Sara pegou o cobertor no catre e o enrolou nos ombros da mulher.

– O dia vai ser frio. Fique perto de mim, certo?

Os lábios dela se esticaram num sorriso desdentado.

– Aonde mais eu iria, querida?

Sara guardava apenas imagens fugazes de sua captura. Um sentimento de morte certa, de tudo acabado, e depois uma força enorme, implacável, levantando seu corpo. Um vislumbre do chão se afastando enquanto o viral a lançava no ar – por que ele simplesmente não a havia matado? – e depois outra sacudida enorme quando foi apanhada de novo, arrancada do ar pelo segundo viral, e depois o terceiro, e assim por diante, cada voo catapultando-a mais para longe dos muros e das luzes da guarnição e entrando no negrume que envolvia tudo, sua pessoa passada de uma mão

voando para outra, como uma bola num jogo infantil, tudo isso para além das fronteiras de sua compreensão; e depois o último impacto, de sacudir o cérebro, quando foi jogada no caminhão. O terrível retorno à consciência, como se subisse uma escada indo do inferno ao inferno. Dias sem água, sem comida. As horas intermináveis batendo queixo, e as perguntas sussurradas, impossíveis de serem respondidas. Aonde estavam indo? O que estava acontecendo com eles? Quase todos os cativos eram mulheres, parte da equipe civil estacionada em Roswell, mas havia entre eles um punhado de soldados. Os gritos dos feridos e apavorados. A escuridão que abafava tudo.

A mente de Sara só retornou à plena consciência quando chegaram. Era como se o tempo tivesse se esticado durante a viagem, encolhendo de volta à forma normal quando a porta se abriu para um clarão desorientador de luz do dia. Revelando... o quê? Mais de metade da carga humana do caminhão havia perecido – alguns morreram logo no início e tinham enchido o compartimento com um fedor de podridão cinza, outros com os de ferimentos sofridos durante a captura, o resto com o de alguma combinação de fome, sede e desesperança sufocante. Sara estava caída no chão como todos os outros, tanto os vivos quanto os mortos, com os membros inertes e a língua densa, as costas apoiadas na parede brilhante do compartimento, olhos apertados por causa da claridade inabitual, como um bebê tirado subitamente do útero. Parecia ter ocorrido uma inversão de suas proporções físicas, de modo que a maior parte de sua massa tivesse se alojado na cabeça. Tinha visto muitas pessoas morrerem; ficar deitada no meio delas era a primeira vez. A fronteira que a separava delas parecia uma membrana tão permeável quanto gaze. Através das fendas dos olhos que ardiam viu quando meia dúzia de homens sem expressão, com roupas cáqui velhas e botas pesadas batendo com força no chão, entraram no compartimento e começaram a tirar os mortos despreocupadamente. Percebeu que o peso desestruturado de um cadáver era algo a que aqueles homens estavam acostumados, sua associação sem finalidade de partes não merecendo mais consideração do que qualquer outro objeto desajeitado que uma pessoa fosse obrigada a

carregar. Corpo após corpo, jogado para fora sem cerimônia. Quando chegaram a ela, Sara levantou uma das mãos em protesto. Teria dito algo como “por favor”, “espere” ou “você não pode fazer isso”. Mas esses esforços escassos foram silenciados instantaneamente por um tapa quente no rosto, seguido pelo chute de uma bota que a teria acertado na cintura caso Sara não tivesse se dobrado para se proteger.

– Cala... a porra... da... boca.

Ela fez isso. Calou a porra da boca. O homem que a havia chutado era um cola que Sara passaria a conhecer como Sacana. Dentre os cidadãos da planície, todos os colas tinham apelidos. Sacana era Sacana porque gostava de estuprar pessoas. Um monte deles gostava disso. Era como um jogo, mas Sacana se distinguia pela amplitude de seus apetites. Mulheres, homens, crianças, animais. Sacana estupraria o vento se ele tivesse um buraco.

A vez de Sara no barracão chegaria: breve, brutal, e pronto. A curto prazo, a dor dos golpes dele teve o efeito inesperado de restaurar seus sentidos. Estratégias começaram a se formar, prioridades entraram em fila. Pensando bem, era desejável estar viva e calar a porra da boca parecia ser o melhor modo de conseguir isso. Fique quieta, disse a si mesma. Misture-se. Veja o que pode ver sem que pareça estar olhando. Se eles quiserem matá-la, vão fazer isso de qualquer jeito.

Não mencione o bebê.

Os porretes surgiram, cutucando e empurrando enquanto os prisioneiros marchavam ao sol. Estavam num lugar verde. A vegetação luxuriante zombava dela, era a piada mais cruel de todas. O caminhão havia parado numa espécie de área de triagem, um complexo cercado de arame com construções baixas de concreto e tetos de metal reluzente. Adiante, a uma distância de várias centenas de metros, havia uma enorme estrutura em camadas, diferente de qualquer coisa que ela já vira. Parecia uma banheira enorme. Altas fileiras de luzes se destacavam das paredes curvas, erguendo-se dezenas de metros no ar. Enquanto Sara olhava, uma carreta prateada e brilhante, idêntica à que eles haviam acabado de deixar, chegou à base do prédio. Homens corriam ao lado dela, segurando

fuzis. Usavam roupas acolchoadas e volumosas; máscaras que pareciam gaiolas cobriam seus rostos. Enquanto o caminhão se aproximava da parede ele pareceu afundar no chão – era uma rampa, percebeu Sara, que o levava abaixo do solo. Um portão foi aberto e ele sumiu.

– Olhos abaixados. Nada de falar. Duas filas, mulheres à esquerda, homens à direita.

Dentro de um dos galpões elas receberam ordem de se despirem e colocarem as roupas numa pilha. Nuas, 23 mulheres em posturas identicamente encolhidas de autoproteção, um dos braços mantido horizontalmente para proteger os seios, o outro estendido para baixo cobrindo a genitália. Três dos homens uniformizados olhavam, balançando-se nos calcanhares, alternando risinhos descarados com caretas de nojo e gargalhadas. Havia valas no chão, drenos. Raios de luz desciam de uma série de janelas gradeadas junto ao teto. Vinte e três mulheres nuas olhando para o chão em silêncio, a maioria em lágrimas: falar seria violar algum contrato implícito para continuarem vivas. O que quer que estivesse para chegar parecia estar demorando.

Depois a mangueira.

A água as golpeou como um jato de gelo. Água como arma; água como um punho dando um soco. Todo mundo estava gritando, mulheres caíam, corpos escorregavam no chão. O operador da mangueira se divertia espetacularmente, uivando como um cavaleiro a galope. Ele escolhia uma e depois outra. Varria-as em linha, ziguezagueava com sua sonda violenta descendo do rosto para os seios e mais abaixo. A água acertava e parava, depois acertava de novo. Não havia para onde fugir, onde se esconder, era preciso suportar.

Até que parou.

– Todo mundo de pé.

Foram levadas de novo para fora, em sua nudez trêmula. A água descia pelos rostos, escorrendo dos cabelos. A pele se arrepiava com a evaporação. Uma única cadeira fora posta no meio do complexo. Um dos guardas, atarracado e com nariz de porco, estava ao lado dela, afiando languidamente uma navalha numa tira de

couro. Mais quatro se aproximaram, cada um segurando um grande tubo de plástico.

– Vistam-se.

Jogaram roupas para elas – calças frouxas com cadarços na cintura, túnicas de mangas compridas que iam até abaixo do quadril, tudo feito de lã áspera com um forte cheiro químico –, seguidas por uma variedade aleatória de calçados: tênis, sandálias de plástico, botas com solas rasgadas. Sara encontrou os pés nadando num par de sapatos sociais de couro.

– Você, avance.

O homem da navalha estava apontando para Sara. As outras mulheres se afastaram dela. Havia algo desleal nisso, mas Sara não as culpava; poderia ter feito a mesma coisa. Com a perdição pesando no peito, aproximou-se da cadeira e sentou-se. Agora estava virada para as outras mulheres. O que quer que estivesse para acontecer, Sara veria primeiro nos olhos delas. O homem segurou seus cabelos e os puxou com força. Bastou um corte e praticamente tudo se foi. Ele começou a cortar indiscriminadamente o resto, raspando junto ao couro cabeludo. Não havia padrão em seus movimentos, era como se estivesse abrindo caminho numa floresta. O cabelo de Sara caía a seus pés em fitas douradas.

– Vá ficar com as outras.

Ela retornou ao grupo. Quando tocou a cabeça seus dedos voltaram pegajosos de sangue. Olhou para aquilo, estudou a textura com as pontas dos dedos: parecia significar alguma coisa. *Este é o meu sangue*, pensou. *Como é meu sangue, significa que estou viva.* A segunda mulher estava na cadeira. Sara achou que o nome dela era Caroline. Tinha conhecido-a rapidamente na enfermaria da Guarnição de Roswell; como Sara, ela era enfermeira. Era uma jovem alta, de ossos grandes e impressionantes, que irradiava saúde, bom humor, competência. Ela chorava apoiada nas mãos enquanto o barbeiro retalhava seus cabelos.

Uma a uma foram tosquiadas. Deixá-las carecas significava muita coisa, percebeu Sara. Ao desfigurá-las tirando seus cabelos, algo particular fora roubado, fundindo-as num coletivo indistinguível, como animais num rebanho. Estava tão tonta de fome que não sabia como

continuar de pé. Nenhuma delas comera ainda, sem dúvida para mantê-las submissas, de modo que ficassem gratas aos captores quando a comida fosse oferecida.

Quando o corte de cabelos terminou, elas receberam ordem de marchar pela área cercada até uma segunda construção de concreto, para algo chamado de “triagem”. Foram postas em fila diante de uma mesa comprida, atrás da qual um dos guardas, com expressão irritada no rosto e irradiando o status de quem está no comando, punha uma ficha numa prancheta enquanto cada uma era chamada.

– Nome?

– Sara Fisher.

– Idade?

– Vinte e um.

Ele a olhou de cima a baixo.

– Sabe ler?

– Sei ler, sim.

– Alguma habilidade especial?

Ela hesitou.

– Sei montar.

– Montar?

– A cavalo.

Os olhos dele se reviraram um pouco.

– Alguma coisa útil?

– Não sei. – Ela tentou pensar em alguma coisa segura. – Costurar?

Ele bocejou. Seus dentes eram tão ruins que pareciam balançar na boca. Anotou alguma coisa na prancheta e rasgou a metade inferior da página. Em uma caixa embaixo da mesa pegou um cobertor puído, uma placa de metal, um copo velho e uma colher. Entregou tudo a ela, com o papel equilibrado em cima. Sara o leu rapidamente: seu nome, um número de cinco algarismos, “alojamento 216” e, abaixo disso, “biodiesel 3”. A letra parecia de criança.

– Próxima!

Um dos guardas a pegou pelo braço e a levou por um corredor com portas lacradas. Uma sala minúscula e outra cadeira, se bem

que não era como nenhuma cadeira que Sara já tivesse visto. Era uma geringonça ameaçadora feita de couro vermelho rachado e aço, o encosto reclinado num ângulo de 45 graus, com tiras para o peito, os pés e os pulsos. Pairando acima, como as patas de uma aranha descendo em seu fio de seda, havia uma armação com instrumentos de metal brilhantes. O guarda a empurrou para lá.

– Sente-se.

Prendeu-a à cadeira e saiu. De fora da sala, abafado pelas paredes grossas, veio um som agourentamente agudo. Seria um grito? Sara pensou que poderia vomitar. Faria isso, se houvesse alguma coisa no estômago para sair. Os restos de suas defesas estavam desmoronando. Ela imploraria. Rogaria. Não tinha forças para resistir.

A porta atrás dela se abriu. Um homem entrou em seu campo de visão, vestindo um jaleco cinza. Tinha uma barriguinha redonda, óculos opacos empoleirados na ponta do nariz e sobrancelhas fartas cujas pontas se enrolavam como asas. Algo no rosto dele era gentil, quase parecendo um avô. Como o guarda à mesa, ele estava olhando para uma prancheta. Levantou os olhos e sorriu.

– Sara, não é?

Ela assentiu, com gosto de bile na boca.

– Sou o Dr. Verlyn. – Ele olhou para as tiras, franzindo a testa enquanto balançava a cabeça. – Essas pessoas são idiotas. São capangas comuns, se quer saber. Aposto que está faminta. Vamos ver se podemos tirá-la daqui.

Ela experimentou um clarão de esperança de que ele pretendesse soltá-la, mas enquanto o homem puxava um banquinho para perto, calçando um par de luvas de borracha, Sara percebeu que ele pretendia outra coisa. Pôs a mão sob seu queixo para abrir sua boca. Olhou dentro, depois levantou dois dedos diante de seu rosto.

– Acompanhe com os olhos, por favor.

Sara acompanhou os dedos dele fazendo um número 8 e depois se afastando. Ele mediu sua pulsação, depois pegou um estetoscópio no bolso do jaleco e ouviu seu coração. Sentou-se empertigado e voltou a atenção à prancheta, franzindo os olhos.

– Algum problema de saúde, que você saiba? Parasitas, infecção, suores noturnos, dificuldade para urinar?

Sara balançou a cabeça.

– E a menstruação? – Ele estava fazendo marcas em quadrados. – Algum problema? Sangramento excessivo, por exemplo.

– Não.

– Diz aqui que você tem... – Ele parou, folheou as páginas. – Vinte e um anos. Correto?

– Correto.

– Já esteve grávida?

Algo se apertou dentro dela.

– É uma pergunta simples.

Sara balançou a cabeça.

– Não.

Se ele detectou sua mentira, não deu sinal. Deixou a prancheta cair no colo.

– Bom, parece que você está com a saúde perfeita. Dentes maravilhosos, se não se importa que eu diga. Não há nada para ser feito aí.

Será que ela deveria agradecer? A aranha continuava acima de seu rosto, brilhando de modo agourento.

– Bom, vejamos se podemos terminar depressa e mandá-la embora.

De repente alguma coisa mudou. Sara sentiu isso num endurecimento rápido das feições dele, mas não somente ali: era como se o ar na sala tivesse sofrido alguma alteração sutil. O doutor começou a pisar vigorosamente num pedal embaixo da cadeira, provocando um zumbido, depois estendeu a mão sobre o rosto dela para puxar uma das patas da aranha. Na ponta, girando no ritmo das pedaladas, havia uma broca zumbindo.

– Isso vai ser mais fácil se você não se mexer.

Alguns minutos mais tarde Sara se descobriu parada do lado de fora, ao sol de primavera, apertando os magros pertences contra o peito. Quando tinha começado a gritar, o doutor lhe dera uma tira de couro para morder. Na pele clara da parte interna do antebraço, primeiro

cortada e depois cauterizada, havia uma placa de metal brilhante, gravada com o mesmo número que ela vira no papel: 94801. É quem você é agora, explicou o doutor, pegando a tira de couro com a impressão de seus dentes gravada. Ele descalçou as luvas e foi até a pia lavar as mãos. Quem quer que você pensasse que era, não é mais. Você é a planiciana número 94801.

A carreta havia sumido, substituída por um caminhão de cinco toneladas com a carroceria aberta. Sara viu as palavras “Guarda Nacional de Iowa” num brasão circular na porta do motorista – a primeira evidência de onde estava. Um guarda sinalizou para ela subir a bordo; um segundo guarda estava parado na frente da carroceria, com as costas apoiadas na cabine, girando preguiçosamente seu cassetete com a tira de couro. Algumas mulheres já estavam ali e uns poucos homens também. Todos encurvados nos bancos, o rosto carregando o peso atordoado de tudo o que acontecera.

Ela ocupou um lugar ao lado de um homem, um jovem oficial que conhecia como tenente Eustace. Ele fora o batedor que os levara para Roswell. Enquanto Sara se sentava no banco, ele inclinou a cabeça raspada para perto dela.

– Que diabos é esse lugar? – sussurrou.

Antes que Sara pudesse responder, o guarda se eriçou, atento.

– Você – rosnou, indicando Eustace com a ponta do cassetete. – Nada de falar.

– Quem são vocês? Por que não dizem nada à gente?

– Eu mandei ficar quieto.

Sara percebeu o que ia acontecer. Era inevitável: o clímax implícito do desígnio do dia, a única demonstração da impotência deles que ainda não fora dada.

– É? – O rosto de Eustace se iluminou em desafio, com o resto da energia saltando dos lábios. Ele sabia o que estava pedindo, não se importava. – Vão para o inferno, todos vocês.

O guarda deu um passo largo e, com ar de tédio absoluto, baixou o cassetete com força contra os joelhos de Eustace, fazendo-o jogar o corpo para a frente, trincando os dentes numa agonia mal contida.

Ninguém moveu um músculo, todo mundo estava olhando atento para o chão.

– Filho... *da puta* – ofegou Eustace.

O guarda girou o cassetete e acertou a ponta pesada no nariz de Eustace. Houve um úmido estalo de osso, como o som de um inseto sendo esmagado com o pé; um jato vermelho espirrou no ar, batendo no rosto de Sara. A cabeça de Eustace virou bruscamente para trás, os olhos estremecendo nas órbitas. Ele passou a língua na parte interna do lábio superior e cuspiu uma lasca de dente.

– Eu disse... *foda... se.*

Um golpe depois do outro: no rosto, na cabeça, nas juntas dos ossos das mãos. Quando Eustace se dobrou ao meio, com os olhos revirados para trás e as feições esmagadas numa polpa, o sangue havia chovido sobre todos os outros.

– Acostumem-se com isso. – O guarda parou para enxugar o cassetete na perna da calça e arrastou o olhar pelo grupo. – É assim que fazemos as coisas.

Enquanto o caminhão se afastava, Sara puxou Eustace para aninhar no colo seu rosto arruinado. O sujeito estava quase inconsciente, a respiração gorgolejando na garganta. Talvez fosse morrer; parecia provável. No entanto havia um sentimento de vitória no que ele havia feito. Ela curvou o pescoço e sussurrou no ouvido dele:

– Obrigada.

Assim, com sangue, tudo começou.

– Um povo! Um Diretor! Uma Pátria!

Quantas vezes Sara fora obrigada a gritar essas palavras? Depois da chamada matinal e de cantarem o hino, todo mundo se dispersava para os transportes designados. Sara ajudou Jackie a subir e depois embarcou. Viu um rosto novo, um rosto que reconheceu: Constance Chou, a mulher do Velho Chou. As duas se cumprimentaram com um curto movimento de cabeça, mas foi só isso. Sara fora descobrindo aos poucos, com o passar dos anos, o que havia acontecido na Colônia. As histórias não eram diferentes das que tinha ouvido, e diferiam dos acontecimentos em Roswell

apenas em grau. Em muitos sentidos o maior choque fora saber que tantas outras ilhas de humanidade haviam existido. Quando Sara chegou, os sobreviventes da Colônia já haviam se dispersado na planície. O número que Sara ouviu foi 56. Como era fácil 56 pessoas se fundirem às massas! Com as cabeças raspadas e as túnicas idênticas, todo mundo parecia igual. Mas de vez em quando um rosto familiar se destacava. Tinha vislumbrado uma mulher que pensou ser Penny Darrell, e outra que jurou ser Belle Ramirez, mulher de Rey, mas ao chamar seu nome a mulher não respondeu. Uma manhã, na fila da ração, sua tigela foi enchida por um homem que ela vira muitas vezes sem reconhecer e que era Russel Curtis, seu primo. Ele parecia tão mais velho que, quando os olhares dos dois se encontraram, Sara demorou um momento para situá-lo. Durante quase um ano estivera no mesmo alojamento de Karen Molyneau, viúva de Jimmy, e suas duas filhas, Alice e Avery. Foi com Karen que Sara conseguiu mais informações, inclusive o nome dos mortos. Ian Patal, que fora morto defendendo a usina. A cunhada de Hollis, Leigh, e seu bebê, Dora, que haviam perecido na viagem para a Pátria; a outra Sandy, que havia morrido pouco depois de chegar, Karen não sabia direito como; Gloria e Sanjay Patal. Por mais que essas notícias fossem sombrias, Sara ainda via o ano que passara com Karen e as meninas como um breve adiamento da pena, um período em que se sentia conectada ao passado. Mas eles viviam transferindo as pessoas entre os alojamentos, e um dia as três foram embora, e estranhos dormiam nos catres onde elas haviam repousado a cabeça durante um ano. Desde então Sara não as tinha visto.

A viagem à usina de biodiesel os levou ao longo do rio, através de um labirinto de alojamentos esquálidos, até a zona industrial na borda norte da planície. O dia não fazia qualquer promessa de melhora: um vento forte soprava retalhos de chuva no rosto. O ar estava pesado com os fedores da planície, de dejetos animais empoçados e uma humanidade comprimida e imunda e, atrás disso, como uma cortina, o cheiro terroso e escuro do rio. Passaram por uma infinidade de barreiras e cercas sendo abertas e fechadas, tendo os colas, com suas pranchetas, lápis e o apetite inexaurível

pela papelada e pelas estruturas de autoridade, fazendo-os passar. O outro lado do rio dava lugar à planície aluvial, desnuda e sem cor, com as plantações colhidas muito antes, para o inverno. A leste, subindo em degraus acima do rio, erguiam-se as bem cuidadas construções de calcário e os conjuntos de apartamentos reformados conhecidos como a Colina, onde viviam todos os olhos-vermelhos. No ponto mais alto, coberta por sua coroa de ouro, a Cúpula do Capitólio. Diziam que essa estrutura e as outras ao redor tinham sido uma universidade, que era uma espécie de escola; mas, tendo apenas o Abrigo como comparação, Sara achava difícil entender isso. Nunca tinha ido à Colina, quanto mais à Cúpula. Alguns trabalhadores tinham permissão de entrar – jardineiros, encanadores e funcionários da cozinha e, claro, as atendentes, que eram mulheres selecionadas para servir ao Diretor e seus funcionários olhos-vermelhos. Todo mundo dizia que as atendentes tinham sorte, que viviam no luxo, com comida boa, água quente e camas macias para dormir, mas todas as informações eram de segunda mão. Nenhuma atendente jamais havia retornado à planície: assim que entravam, a Cúpula era sua vida.

– Dê uma olhada naquilo – murmurou Jackie.

Os pensamentos de Sara haviam se desviado, a percepção embotada pela friagem. Estavam se afastando do rio, pela estrada de acesso. Ao norte, para além dos limites da Pátria, Sara pôde identificar a forma das gruas atravessando a copa das árvores como um par de gigantescos pássaros esqueléticos. O Projeto, era como aquilo se chamava: um empreendimento de décadas para erguer uma enorme estrutura de aço e concreto cujo objetivo era desconhecido. Os planicianos que trabalhavam lá, quase todos homens, eram revistados todo dia ao ir e vir do local. Falar o que quer que fosse sobre o que faziam era considerado traição e podia mandar a pessoa para o centro de alimentação, mas os boatos eram abundantes. Cada teoria durava um tempo até ser substituída por outra e depois uma terceira, a primeira emergindo de novo, eventualmente, para recomeçar o ciclo. Nem mesmo os homens que trabalhavam lá, quando podiam ser convencidos a falar a respeito, pareciam saber o que estavam construindo. Falava-se de corredores

labirínticos, vastas câmaras, portas com 30 centímetros de espessura feitas de aço sólido. Alguns afirmavam que era um monumento ao Diretor, outros que era uma fábrica. Uns poucos garantiam que não era nada, seria meramente uma distração inventada pelos olhos-vermelhos para manter os planicianos ocupados. Uma quarta hipótese, ventilada nos últimos meses, era que o Projeto seria um bunker de emergência. Caso o misterioso poder do Diretor de manter os virais a distância falhasse, a estrutura serviria como refúgio para a população. O que quer que fosse, o trabalho parecia estar chegando ao fim: um número cada vez menor de homens pegava os transportes para o local a cada manhã, e todos eram mais velhos, a maioria tendo trabalhado lá durante anos.

Mas as gruas não eram o objeto da atenção de Jackie. Enquanto o caminhão se aproximava da última guarita, Sara viu duas palavras no muro do perímetro, feitas com largas pinceladas de tinta branca escorrendo.

SÉRGIO VIVE!

Dois planicianos estavam molhando vassouras de cabo comprido em baldes de água com sabão, preparando-se para lavar aquilo. Um cola estava ao lado deles com um fuzil aninhado no peito, o que era incomum – na maior parte os colas só carregavam cassetetes. Ele olhou irritado enquanto o transporte passava, encarando Sara por um instante gélido. Ela desviou o olhar.

– Fisher, viu alguma coisa interessante?

A voz pertencia a um dos dois colas que viajavam na carroceria do caminhão, um homem baixo, de cerca de 25 anos, que atendia pelo nome de Vale.

– Não, senhor.

Nos últimos cinco minutos da viagem ela manteve o olhar grudado no chão. Sérgio, pensou Sara. Quem era Sérgio? O nome, raramente falado às claras, tinha um poder quase enfeitiçante: Sérgio, líder da insurgência, que explodia bombas nos mercados, delegacias de polícia e guaritas, que, com seus amigos invisíveis, parecia deslizar como um fantasma através da Pátria para acender suas armas destruidoras. Sara sabia que as palavras no muro eram

uma espécie de provocação. *Estamos aqui*, diziam elas, *estivemos bem onde você está agora, estamos em toda parte entre vocês.* Os métodos de Sérgio eram marcados por uma crueldade quase incompreensível. Seus alvos eram qualquer local onde os colas pudessem se juntar, causando mortes e desordem, mas, se você estivesse no lugar errado na hora errada, sua presença não importava. Um homem, uma mulher ou mesmo, como fora informado mais de uma vez, uma criança de 10 anos abria o casaco revelando as fileiras de dinamite amarradas ao peito, e seria o seu fim. E sempre, no instante final, enquanto o polegar encontrava o gatilho do detonador, lançando-se e a todos ao redor para o esquecimento, eles pronunciavam as duas palavras: Sérgio vive.

Chegaram à usina e desembarcaram. Um odor de fermento pairava no ar. Mais quatro caminhões de trabalhadores chegaram atrás deles. Sara e Jackie iam para os moinhos, como a maioria das mulheres. Por que era assim, Sara jamais soubera – o serviço não era mais nem menos árduo do que qualquer outro. O milho era moído e depois fervido com enzimas de fungos e fermentado para fazer combustível. O cheiro era tão forte que parecia fazer parte da própria pele de Sara, mas ela precisava admitir que existiam serviços muito piores – cuidar dos porcos, trabalhar na usina de tratamento de dejetos ou nos currais imundos.

Entraram em fila para se apresentarem ao capataz, amarraram os lenços no rosto, depois seguiram pelo espaço gigantesco até os postos de trabalho. O milho era guardado em grandes reservatórios com bicos na parte de baixo; dessas aberturas elas tiravam um alqueire por vez e punham nos moinhos, onde pás rotativas socavam os grãos. Enquanto a umidade do milho era liberada, ele formava uma pasta grudenta, que aderia às paredes internas do moinho. Era trabalho do operador soltá-la, uma tarefa que exigia grande habilidade e rapidez, já que as pás não paravam de girar. A dificuldade era aumentada pelo frio, que fazia com que até mesmo o movimento mais simples pudesse ficar vagaroso e impreciso.

Sara começou a trabalhar. O dia passaria numa espécie de transe. Era uma habilidade que ela adquirira à medida que os meses e depois os anos passavam, empregando os ritmos hipnóticos do

trabalho para afastar a mente dos pensamentos. Não pensar, esse era o objetivo. Ocupar um estado puramente biológico, os sentidos absorvendo apenas os dados físicos mais imediatos: o zumbido das pás do moinho, o fedor do milho fermentando, o vazio gélido na barriga onde a miserável tigela de mingau aguado que passava por desjejum fora absorvida muito antes. Durante essas 12 horas ela era a planiciana número 94801, nem mais nem menos. A verdadeira Sara, a que pensava, sentia e recordava – Sara Fisher, Enfermeira Primeira da Colônia, filha de Joe e Kate Fisher e irmã de Michael, amada de Hollis, amiga de muitos, mãe de uma menina –, estava escondida num pedaço de papel dobrado, enfiado como um talismã no bolso.

Esforçava-se ao máximo para ficar de olho em Jackie. A mulher a estava preocupando: uma tosse como a dela não era nada boa. Na planície ninguém tinha amigos de verdade, não como Sara concebia a amizade. Havia rostos que você conhecia e pessoas em quem você confiava mais do que em outras, mas era só isso. Você não falava de si mesma, porque na verdade você não era ninguém, nem de suas esperanças, porque não tinha nenhuma. Mas com Jackie ela permitira que as defesas baixassem. As duas haviam feito um pacto, uma promessa não declarada de vigiar uma à outra.

Ao meio-dia tinham uma pausa de 15 minutos, tempo suficiente apenas para correr até a latrina – uma plataforma de madeira suspensa sobre uma vala, com buracos onde se agachar – e pegar outra tigela de mingau. Não havia onde sentar, por isso comiam de pé ou sentadas no chão, usando os dedos como colher, depois entravam numa segunda fila para a água, que era distribuída com uma concha que todas as mulheres compartilhavam. O tempo todo eram vigiadas pelos colas, que ficavam de lado, girando os cassetetes. O título oficial deles era Agentes de Recursos Humanos, mas ninguém os chamava assim na planície. A palavra para eles era uma redução de “colaboradores”. Quase todos eram homens, mas havia algumas mulheres, frequentemente as mais cruéis. Uma cola, a quem chamavam de Apito por causa da fenda profunda no lábio superior, uma deformidade congênita que dava à sua voz um som característico de assobio, parecia sentir um prazer especial em

inventar modos novos e sutis de infligir desconforto. Seu hábito era escolher uma pessoa, em geral uma mulher, como se estivesse fazendo uma experiência. Apito punha os olhos em você e a próxima coisa que você sabia era que seria tirada da fila da latrina para ser revistada justo quando era a sua vez, ou colocava você numa equipe diferente justo quando chegava a hora da sua pausa. A única coisa a fazer era aceitar, trincando os dentes com a bexiga doendo, o estômago vazio ou os membros exaustos, sabendo que logo a atenção de Apito passaria para outra, o que só piorava as coisas – e esse parecia ser o objetivo de todo o exercício: você se pegava desejando que o sofrimento caísse em outra pessoa e assim se tornava cúmplice, parte do sistema, uma roda numa engrenagem de tormento que jamais parava de girar.

Sara procurou Jackie na hora da pausa, mas ela não estava em lugar nenhum. Percorreu rapidamente os postos de moagem em busca da amiga. O apito do capataz soaria a qualquer momento, mandando-as de volta ao serviço. Estava quase desistindo quando virou a esquina e encontrou Jackie sentada no chão, o rosto úmido de suor, o lenço apertado na boca.

– Desculpe – balbuciou. – Não consegui parar de tossir.

O pano estava sujo de sangue. Sara entendeu o que estava acontecendo; tinha visto isso antes, os efeitos de anos de pó nos pulmões. Num minuto a pessoa estava boa, no outro se afogava naquilo.

– Temos de tirar você daqui.

Pôs a mulher de pé no instante em que o apito soou. Sara passou uma das mãos em volta da cintura de Jackie e a guiou para a saída. Seu objetivo era sair antes que alguém notasse; o que aconteceria depois disso, não fazia ideia. Vale era o cola encarregado. Não era o melhor, mas também não era o pior. Mais de uma vez Sara o havia apanhado olhando-a de modo a parecer que tinha algo em mente para ela, algo pessoal, embora ele nunca tivesse levado isso adiante. Talvez agora fosse o momento. Um tremor de náusea a atravessou ao pensar nisso, mas sabia que era capaz. Faria o que fosse necessário.

Tinham quase chegado à saída quando uma figura parou em seu caminho.

– Aonde vocês acham que vão?

Não era Vale, era Sacana. Iluminado por trás pela porta aberta, ele se erguia diante delas. O estômago de Sara se encolheu.

– Ela só precisa de um pouco de ar. A poeira...

– É mesmo, velha? A poeira está incomodando? – Ele bateu no peito de Jackie com a ponta do cassetete, o que provocou uma tosse estrangulada. – Volte ao trabalho.

– Tudo bem, Sara – disse Jackie num chiado, soltando-se do braço de Sara. – Vou ficar bem.

– Jackie...

– Sério. – Jackie olhou para Sara, seus olhos dizendo *não*. – Ela é só uma intrometida, só isso. Acha que sabe o que é melhor para mim.

Os olhos de Sacana percorreram toda a extensão do corpo de Sara.

– É, ouvi falar isso de você. Acha que é uma espécie de médica, é?

– Eu nunca disse isso.

– Claro que não. – Com a mão livre Sacana envolveu a genitália, balançando os quadris para a frente. – Ei, doutora, estou sentindo uma dor aqui. O que acha de dar uma olhadinha mais de perto?

O momento se alongou. Sara pensou em Eustace, no caminhão. O sangue no rosto dele, as mãos e os dentes despedaçados. O sorriso partido, triunfante. Parada diante de Sacana, sentiu vontade de dizer as palavras, pronunciar a maldição que iria fazê-lo partir para cima dela. Era tudo tão simples, tão nítido! Podia ver a cena se desdobrando na mente. Apenas duas palavras, o clarão de raiva nos olhos de Sacana e depois o estalo do cassetete. Esses eram os termos da vida dela, um milhão de humilhações que aconteciam diariamente. Eles lhe haviam tirado tudo. Aceitar o pior – não, abraçá-lo – era a única resistência.

– Sara, *por favor*. – Jackie a encarava, implorando com os olhos. *Assim, não. Não por mim.*

Sara engoliu em seco. Todo mundo olhava para ela.

– Certo – disse.

Virou-se e foi andando. O lugar havia ficado num silêncio estranho. Tudo que ela conseguia ouvir era o próprio coração.

– Não se preocupe, Fisher – gritou Sacana atrás dela, e deu uma gargalhada de desprezo. – Sei onde achar você. Vai ser tão bom quanto da última vez, prometo.

Só mais tarde, deitada em seu catre, Sara se permitiu avaliar toda a extensão daqueles acontecimentos. Algo havia mudado dentro dela. Estava na borda, era uma figura parada diante do precipício, esperando para pular. Cinco longos anos: pareciam mil. O passado estava desaparecendo dentro dela, lavado pelo tempo, pelo frio amargo no coração, pela mesmice dos dias. Havia mergulhado em si mesma por um tempo longo demais. O inverno estava chegando. Luz de inverno.

De algum modo havia conseguido fazer Jackie suportar o dia. Agora a velha dormia acima dela, as tiras do catre afundando com seus movimentos inquietos. A morte de Jackie, quando viesse, seria ruim, em longas horas de agonia, um estrangulamento por dentro, antes da imobilidade final. Será que esse seria o destino de Sara? Tropeçar às cegas pelos anos, um ser sem propósito nem conexão, uma casca vazia feita de nada?

Sara não havia recolocado o envelope no esconderijo embaixo do colchão. Tomada por uma solidão repentina, pegou-o sob os trapos que serviam como travesseiro. Aquilo lhe fora dado pela ajudante de parteira na enfermaria dos nascimentos – a mesma mulher que havia lhe dito que o bebê, chegando cedo num jorro de sangue, não tinha sobrevivido. Era uma menina, disse a mulher. Sinto muito. Depois ela colocou o envelope na mão de Sara e se foi. Através da névoa de sofrimento e dor, Sara ansiou por segurar a filha, mas isso não aconteceu; a criança foi levada embora. Nunca mais viu a mulher.

Com cuidado desdobrou o pacote de papel quebradiço com as pontas dos dedos. Dentro havia uma mecha de cabelo enrolada, um cacho do bebê. O alojamento estava afundado na escuridão, no entanto um dourado pálido brilhava vívido em seus olhos. Levou a mecha ao rosto, inalando fundo, tentando capturar o cheiro. Sara

jamais teria outro filho; Kate era a única. Este era o nome que ela havia lhe dado: Kate. Como desejava ter contado a Hollis! Quisera guardar a notícia, escolher o momento perfeito para lhe dar o presente dos dois unidos. Como tinha sido boba! Pensou: sei que você está melhor, querida. Onde quer que esteja agora, espero que seja um lugar de luz, céu e amor. Se ao menos eu pudesse tê-la segurado, só uma vez, para dizer o quanto eu a amava!

TRINTA E SETE

Esse negócio do Sérgio simplesmente havia durado demais.

Não que não tivessem existido levantes anteriormente. No ano 31, não foi? E de novo em 68? Para não falar da centena de pequenos incêndios propositais apagados no correr dos anos. E não era verdade que o problema inevitavelmente se resumia a um único indivíduo, um renegado solitário, que simplesmente se recusava a *entender*? Que quando esse homem fosse apanhado (era sempre um homem) as chamas da resistência, privadas de seu oxigênio essencial, iriam se extinguir sozinhas?

No entanto esse tal de Sérgio não se parecia com os outros. Parado junto à janela na base da Cúpula, com o olhar direcionado para a mancha suja da planície e os campos descoloridos, invernais, mais além, o Diretor Horace Guilder avaliava. Para começar, os métodos do sujeito eram diferentes não apenas em quantidade, mas em característica. Pessoas se explodindo! Amarrando no peito bananas de dinamite ou bombas feitas de canos cheios de cacos de vidro e parafusos quebrados, e conseguindo juntar a vontade de se explodir e transformar todos ao redor numa névoa sangrenta! Isso ia além da loucura, era uma psicose completa que só podia significar que esse tal de Sérgio, quem quer que fosse, tinha um domínio psicológico mais profundo sobre seus seguidores do que qualquer um que tivesse vindo antes. Os planicianos tinham segurança, tinham comida para esquentar a barriga, dormiam em camas à noite sem medo dos virais. Em outras palavras, tinham permissão de viver, e era assim que agradeciam? Não podiam ver tudo o que ele fizera, tudo o que fizera por eles? Que havia construído um lar para a humanidade de modo que ela pudesse continuar, mesmo contra os ventos prevalecentes da história?

Certo, havia uma... injustiça nas coisas. Uma distribuição desigual dos recursos, seria possível dizer, uma separação entre a administração e a mão de obra, entre os que tinham e os que não tinham, entre nós e eles. Um uso desagradável da capacidade

humana de puxar a escada para cima enquanto subia e de práticas de submissão que se tornaram comuns ao longo do tempo – chuveiros gelados, filas intermináveis, emprego excessivo de sobrenomes, alto-falantes alardeando um jorro constante de imbecilidades, *etc.* “Um Povo! Uma Pátria! Um Diretor!” As palavras o faziam se encolher, mas uma certa quantidade de demagogia teatral fazia parte da coisa. Não era nada realmente novo. Em outras palavras, tudo era justificado nos termos da era atual. Mas às vezes, como agora, nessa gélida manhã em Iowa, com a primeira frente ártica da estação caindo sobre eles como um trem descarrilado cheio de um frio que martelava, Guilder tinha dificuldade para manter o entusiasmo.

O amplo conjunto de salas de trabalho, que também servia como moradia, servira, em vários momentos em sua história de 200 anos, como escritório do governador do território de Iowa, do presidente do museu histórico do estado e como depósito. Seu último ocupante no mundo antigo fora o reitor da Universidade Estadual do Meio-Oeste, um homem chamado August Frye (pelo menos era o que diziam os papéis timbrados do sujeito), que, de suas janelas generosas, sem dúvida passara muitas horas felizes absorvendo a visão calorosa de alegres estudantes alimentados por milho flertando como loucos enquanto caminhavam para as salas de aula sobre os gramados impecáveis de Iowa. No dia em que Guilder fixara residência ali, ficou surpreso ao descobrir que o reitor August Frye havia decorado o lugar com um tema náutico: navios em garrafas, mapas com serpentes, elaboradas pinturas de faróis e marinhas, uma âncora. Uma escolha espantosamente incongruente, já que aquele estado do Meio-Oeste ficava praticamente no lugar mais encravado em terra no planeta. Depois de quase 100 anos, o que Guilder não teria dado por um pouquinho de paisagem!

Esse era o maior problema da imortalidade, afora a dieta peculiar. Tudo começava a virar um tédio.

Em momentos assim, a única coisa que o animava era avaliar suas realizações. Que não eram insignificantes: havia construído uma cidade literalmente a partir do nada. Que empolgação sentira nos primeiros dias! O ressoar incessante dos martelos. Os

caminhões voltando das jornadas por um continente desabitado, quase explodindo com os tesouros abandonados do mundo antigo. As centenas de decisões táticas tomadas diariamente e a tremenda energia do pessoal – homens escolhidos a dedo a partir dos sobreviventes, devido às suas especialidades. Resumindo, eles haviam construído um verdadeiro caldeirão de cérebros a partir dos restos humanos da catástrofe. Químicos. Engenheiros. Urbanistas. Cientistas agrícolas. Até um astrônomo (que fora surpreendentemente útil) e um historiador da arte, que aconselhara Guilder (que, para ser perfeitamente honesto, não sabia a diferença entre os nenúfares de Monet e cachorros jogando pôquer) sobre a preservação adequada e a exposição de um grande número de obras-primas do Instituto de Arte de Chicago, que agora decoravam as paredes da Cúpula, inclusive o escritório de Guilder. Como haviam se divertido! Verdade, havia uma certa mentalidade de república estudantil no modo como se comportavam – sem as estripulias sexuais, claro. (O vírus praticamente estripava essa parte do cérebro como se fosse uma truta; a maioria dos homens nem conseguia se obrigar a olhar para uma mulher sem fazer careta.) Mas, no geral, o decoro e o profissionalismo é que mandavam.

Lembranças tão felizes! E agora: Sérgio. Agora: bombas feitas de canos. Agora: a névoa de sangue.

Os pensamentos de Guilder foram interrompidos por uma batida à porta. Deu um suspiro. Outro dia de formulários a preencher, tarefas a serem distribuídas, éditos a serem emitidos das alturas. Ocupando uma cadeira atrás de sua escrivaninha, uma peça do século XVIII feita de mogno polido e com as dimensões aproximadas de uma mesa de pingue-pongue, Guilder se preparou para outra manhã de necessidades vorazes de suas opiniões – um pensamento que deu origem quase instantaneamente aos primeiros toques de um apetite de natureza mais física e premente, um borbulhar de vazio ácido que subia das entranhas. Tão cedo? Já estaria na época do mês? A única coisa pior do que os arrotos eram os peidos que vinham depois, jatos de gás capazes de encher a sala com um cheiro acebolado que nem mesmo quem peidava conseguia suportar.

– Entre.

Enquanto a porta se abria, Guilder apertou a gravata e se apressou em parecer ocupado, remexendo documentos na mesa com uma concentração forjada. Escolheu um deles arbitrariamente – por acaso era um relatório sobre consertos na usina de tratamento de esgoto, uma página que falava literalmente sobre merda – e fingiu estudá-lo durante 30 segundos inteiros antes de levantar os olhos fatigados na direção da figura de terno escuro que esperava junto à porta, segurando uma prancheta gorda de papéis.

– Tem um segundo?

O chefe do estado-maior de Guilder, cujo nome era Fred Wilkes, entrou na sala. Como todos os residentes da Colina, seus olhos tinham o aspecto injetado de um fumante crônico de maconha. Também possuía a aparência esguia e reluzente de alguém de 20 anos – muito distante do magro septuagenário que Guilder conhecera. Wilkes fora o primeiro a subir a bordo; Guilder descobrira o sujeito escondido num dos dormitórios da faculdade nos primeiros dias depois do ataque. Ele estava segurando – na verdade abraçando – o corpo da esposa falecida, cujas fartas proporções não haviam sido melhoradas pelos três dias de decomposição gasosa no calor de Iowa. Segundo o relato de Wilkes, o casal havia fugido do Centro de Triagem de Refugiados a pé quando os ônibus não chegaram; haviam percorrido cinco quilômetros escaldantes antes que a esposa apertasse o peito, revirasse os olhos para o céu e tombasse, morta por um ataque cardíaco. Incapaz de deixá-la para trás, Wilkes arranjou um carrinho de mão e levou sua forma paquidérmica até a faculdade, onde se refugiou tendo por companhia apenas o cadáver e as lembranças de toda uma vida compartilhada. Apesar do cheiro horrendo, que Wilkes não notava ou com o qual não se importava, os dois eram uma visão genuinamente de partir o coração, que poderia ter levado Guilder às lágrimas se ele fosse certo tipo de homem – o que ele talvez houvesse sido um dia, mas não era mais.

– Escute – dissera Guilder, ajoelhando-se com ar consolador diante dele. – Gostaria de lhe fazer uma proposta.

E assim a coisa havia começado. Foi naquele dia, na verdade naquela hora, enquanto olhava Wilkes dar seu primeiro gole enojado,

que Guilder escutou à Voz. Pelo que sabia, ele ainda era o único; nenhum dos outros auxiliares dava ao menos o ar de experimentar a presença mental do Zero, e quanto à mulher, quem sabia o que estava acontecendo dentro da cabeça dela? Ela servia a um propósito, certamente.

Agora, depois do equivalente a uma vida humana e meia, com seu grande projeto chegando à realização e o resto da humanidade tendo sido reunida aos seus pés (o negócio de Kerrville, como o negócio do Sérgio, era apenas uma irritação pequena mas significativa, uma ervilha sob o colchão do Grande Plano), ali estava Wilkes com sua prancheta onipresente e uma expressão que evidentemente não era de boas-novas.

– Só achei que você deveria saber que a equipe de coleta voltou. O que... bom... o que resta dela.

Com essa introdução desconcertante, Wilkes pegou a folha de cima da prancheta, pôs sobre a mesa de Guilder e recuou, como se estivesse feliz em se livrar daquilo.

Guilder a examinou rapidamente.

– Que diabos, Fred.

– Acho que se poderia dizer que as coisas não aconteceram exatamente de acordo com os planos.

– *Ninguém*? Nenhum deles? O que há de *errado* com essas pessoas?

Wilkes fez um gesto para o papel.

– O transporte de óleo foi interrompido pelo menos temporariamente. Isso é um ponto positivo. Abre um monte de portas.

Mas Guilder não podia ser consolado. Primeiro Kearney, agora isso. Houvera um tempo em que recolher sobreviventes tinha sido uma tarefa relativamente fácil. A mulher aparecia, os portões se abriam, a roda da guarita começava a girar, a ponte levadiça baixava sobre o fosso, a mulher fazia seu número, como uma domadora de leões no circo, e no momento seguinte tudo o que você sabia era que os caminhões estavam galopando de volta para Iowa, apinhados de carga humana. As cavernas do Kentucky. Aquela ilha no lago Michigan. Os silos de mísseis abandonados na Dakota do Norte.

Mais recentemente, o ataque na Califórnia que fora um lucro inesperado, 56 sobreviventes tomados, a maioria marchando como cordeiros para o caminhão assim que a eletricidade foi cortada e os termos estabelecidos. (Entrem ou virarão comida.) A taxa usual de baixas, alguns que haviam morridos no caminho, outros que não tinham conseguido se adaptar às novas circunstâncias, mas mesmo assim era uma colheita respeitável.

Desde então fora um banho de sangue descontrolado depois do outro, começando com Roswell.

– Aparentemente não houve uma fase de negociação muito grande. O comboio estava muito bem armado.

– Não me importa se eles tinham um míssil nuclear. Nós sabíamos disso antes de ir. Esses são *texanos*.

– De certo modo, isso é verdade.

– Nós estamos em vias de iniciar o negócio aqui, e é isso que você me diz? Precisamos de corpos, Fred. Corpos vivos, respirando. Ela não consegue mais controlar essas coisas?

– Nós poderíamos ir do jeito antigo. Eu disse isso desde o começo. Teríamos algumas baixas, mas, se continuarmos atacando o suprimento de petróleo, cedo ou tarde as defesas deles vão enfraquecer.

– Nós *coletamos* pessoas, Fred. Não as perdemos. Será que não fui claro? Você não consegue fazer as contas básicas? O *objetivo* são as pessoas.

Wilkes deu de ombros, na defensiva.

– Quer falar com ela?

Guilder esfregou os olhos. Achava que deveria fazer esse gesto, mas falar com Lila era como jogar uma bola contra uma parede: ela voltava direto, não importando com que força você jogasse. Uma das piores irritações do cargo era lidar com as fantasias peculiares daquela mulher, um muro de ilusão em que Guilder só conseguia penetrar usando o tipo de insistência mais duro. De todos os especialistas que havia colhido com o passar dos anos, por que não pensara em conseguir um psiquiatra? Mantê-la com bebês fazia com que ela permanecesse calma; o talento especial da mulher era uma mercadoria indispensável que precisava ser administrada com

cuidado. Mas ela era praticamente inalcançável nos estertores da maternidade e Guilder se preocupava com a hipótese de prejudicar mais ainda sua frágil psique.

Porque essa era a coisa de Lila. De todo mundo que havia provado o sangue, somente ela era dotada da capacidade de controlar os virais.

Mais do que controlar: na presença de Lila eles viravam bichinhos de estimação, dóceis e até afetuosos. O sentimento era de mão dupla: bastava colocar a mulher a menos de 200 metros do centro de alimentação e ela se transformava numa gata ronronando com uma ninhada de gatinhos. O efeito não era algo que Guilder pudera reproduzir, mas Deus sabia que ele havia tentado. Nos primeiros tempos ficara totalmente obcecado por isso. Repetidamente havia colocado a roupa protetora e entrado na área cercada, pensando que, se pudesse encontrar o truque mental certo, conseguir a linguagem corporal ou o tom de voz tranquilizador, eles cairiam a seus pés como faziam com ela, como cães esperando que as orelhas fossem coçadas. Mas isso jamais acontecia. Eles toleravam sua presença durante espantosos três segundos antes de jogá-lo no ar – ele não era percebido como comida, era mais como um brinquedo do tamanho de um homem – e a próxima coisa que Guilder sabia era que estava voando pelo lugar até que alguém acendesse as luzes para tirá-lo.

Fazia muito tempo que tinha parado de tentar, claro. A visão de Horace Guilder, Diretor da Pátria, sendo jogado de um lado para outro como uma bola de praia não era exatamente o tipo de imagem inspiradora de confiança que ele queria transmitir. E ninguém da equipe médica podia explicar a contento o que tornava Lila diferente. Seu timo possuía um ciclo mais rápido, precisando de sangue a cada sete dias, e seus olhos pareciam diferentes, não mostrando nada da mancha retiniana que marcava o pessoal de nível superior. Mas sua sensibilidade à luz era igualmente pronunciada e, pelo que Suresh sabia, o vírus em seu sangue era igual. No fim, o sujeito desistiu e atribuiu suas capacidades ao fato menos do que sutil de que Lila era mulher – era a única mulher do grupo, e Guilder queria que isso permanecesse assim.

Talvez seja só isso, disse Suresh. *Talvez eles só pensem que ela é mãe deles.*

Guilder percebeu que Wilkes estava olhando para ele. Sobre o que estavam falando? Lila? Não, sobre o Texas. Mas Wilkes tinha dito que havia outra coisa.

– O que me traz... bom... ao segundo assunto. – E foi então que Wilkes contou a Guilder sobre a explosão no mercado.

Porra! Porra, porra, porra!

– Eu sei, eu sei – disse Wilkes, balançando a cabeça do seu jeito wilkesiano. – Não é a melhor reviravolta nos fatos.

– Ele é um homem. Um!

O rosto de Guilder, seu corpo inteiro, pinicava com fúria indignada. Outro arroto enorme brotou. Queria vingança. Queria que as coisas se ajustassem, diabos. Queria esse Sérgio, quem quer que fosse, com a cabeça espetada numa *vara*.

– Temos pessoas trabalhando nisso. O RH está fazendo perguntas e nós oferecemos rações duplas para quem der uma pista sólida. Nem todo mundo abaixo da Colina está tão fascinado.

– E alguém, por favor, me conte como ele está se movendo pela planície como se ela fosse uma porcaria de via expressa. Não temos patrulhas? Não temos barreiras? Será que alguém, por favor, pode lançar alguma luz sobre esse detalhe?

– Temos uma teoria sobre isso. As evidências apontam para uma organização celular clássica. Grupos de poucos indivíduos atuando numa estrutura operacional descentralizada.

– Sei perfeitamente o que é uma célula terrorista, Fred.

Seu chefe do estado-maior fez um gesto desamparado com as mãos.

– Estou dizendo simplesmente que a resposta talvez não seja procurar um homem. Que estamos contra a *ideia* de Sérgio, e não contra o Sérgio em si. Se é que você me entende.

Guilder entendia – e esse não era um pensamento animador. Ele já estivera nessa estrada, primeiro no Iraque e no Afeganistão, em seguida na Arábia Saudita, depois do golpe. Você cortava a cabeça mas o corpo não morria; simplesmente fazia brotar outra cabeça. A

única estratégia útil nessas situações era a psicológica. Matar o corpo jamais bastava. Era preciso matar o espírito.

– Quantos temos sob custódia?

Mais papéis. Guilder leu o relatório completo. Segundo testemunhas oculares, a pessoa que explodira a bomba no mercado era uma trabalhadora agrícola de 30 e poucos anos. Nunca houvera nenhum problema com ela; segundo todos os relatos era humilde como um cordeiro, qualidade que, de modo desconcertante, combinava com o perfil de outros terroristas suicidas. Não tinha parentes vivos, a não ser uma irmã; o marido e o filho tinham morrido seis anos antes durante um surto de salmonela. Aparentemente passara pelas barreiras disfarçada com um uniforme de cola (o corpo da dona original fora encontrado na lixeira, com a garganta cortada, um braço misteriosamente decepado no cotovelo), mas ninguém sabia onde ela conseguira os explosivos. Não houvera nenhum informe de explosivos sumindo do arsenal ou do depósito de construção, mas um inventário completo ainda precisava ser feito. Nove de seus colegas de alojamento, mais a família da irmã, inclusive duas crianças pequenas, tinham sido detidos para interrogatório.

– Ninguém parece saber de nada – disse Wilkes balançando a mão. Ele havia se sentado do outro lado da mesa enquanto Guilder lia. – Afora a irmã, é como se mal a conhecessem. Podemos apertá-los mais um pouco, mas não creio que isso vá produzir alguma informação útil. Essas pessoas já teriam cedido.

Guilder pôs o papel de lado, junto com muitos outros. Os arrotos, que continua-vam sem parar, tinham pintado as paredes de sua boca com um gosto horrível de podridão animal, que não era muito diferente do cadáver decomposto da Sra. Wilkes. Um fato que – se o ar de aversão olfativa mal disfarçado no rosto liso e juvenil de seu chefe do estado-maior servisse como indicação – não escapara à atenção do sujeito.

– Não precisa – disse Guilder.

Wilkes franziu a testa, em dúvida.

– Quer que nós os soltemos? Não acho sensato. Pelo menos vamos deixar que esfriem os pés mais alguns dias. Vamos sacudir

algumas correntes, ver aonde isso nos leva.

– Você mesmo disse que, se eles soubessem alguma coisa, já teriam falado.

Guilder fez uma pausa, sabendo estar prestes a ultrapassar um limite. Os 13 planicianos que estavam no centro de detenção eram pessoas, afinal de contas, seres humanos, provavelmente sem qualquer culpa. Mais ainda, eram bens físicos tangíveis numa economia de escassez. Mas, dada a frustrante intratabilidade da situação de Sérgio, o fracasso no Texas e a natureza dos grandes desígnios de Guilder, que finalmente estavam chegando à realização completa e dependiam de uma noção exata de tempo – e nas garras de sua necessidade física que ia crescendo rapidamente, um imperativo biológico titânico que, enquanto olhava Wilkes do outro lado da polida pradaria de sua mesa enorme, brotava dentro dele como uma flor num vídeo acelerado –, ele não pensou muito. Chegou até o limite, olhou para ele rapidamente e o ultrapassou.

– Parece – disse o Diretor Horace Guilder – que chegou a hora de vender essa coisa.

Depois que Wilkes saiu, Guilder esperou alguns minutos para organizar a própria saída. Como havia lembrado a si mesmo muitas vezes, boa parte de sua autoridade dependia de um sentimento de dignidade e objetividade nos movimentos públicos, e era melhor que as pessoas não o vissem num estado de tamanha agitação. Era estranho como a fome havia chegado tão depressa. Geralmente ela se esgueirava para ele num período de dias, não de minutos. Da base da Cúpula, uma escada circular descia ao térreo, flanqueada por retratos de vários duques, generais, barões e príncipes do reino, um desfile de rostos desaprovadores, de queixo pesado, com roupas de época. (Pelo menos ele não havia mandado fazer seu retrato, mas, pensando bem, por que não?) Espiou por cima do corrimão. Quinze metros abaixo estavam as minúsculas figuras uniformizadas dos seguranças e membros da liderança em seus ternos escuros e gravatas, andando rapidamente para um lado e para outro com suas pastas e pranchetas, e até mesmo duas atendentes, fluindo diáfanas pelo piso de pedra polida com roupas de estilo monástico, parecendo

um par de barquinhos de papel. Era Wilkes que ele procurava, e ali estava ele. Perto da enorme porta da frente com seus relevos campestres de mau gosto (um punho segurando trigo, um arado cortando o rico solo de Iowa), seu leal chefe do estado-maior havia parado para conferenciar com dois membros da liderança, os ministros Hoppel e Chee. Guilder supôs que Wilkes já estaria colocando em movimento as ordens do dia, passando as últimas informações, mas essa suposição foi negada quando Hoppel inclinou a cabeça para trás, bateu palmas e soltou uma gargalhada que ricocheteou no espaço forrado de mármore como uma bala num submarino. Guilder se perguntou que porra seria tão engraçada.

Deu as costas para o corrimão e foi para a segunda escada, mais convencional e pouco observável, que só ele podia usar. Nessa altura suas entranhas estavam rugindo. Mal conseguia se controlar para não descer de três em três degraus, o que em sua condição atual provavelmente resultaria numa cambalhota de quebrar os ossos, ferimentos que se curariam em horas mas que ainda assim doeriam como o diabo. Portando-se como um cálice de cristal que pudesse a qualquer momento derramar o conteúdo, Guilder desceu um degrau cauteloso de cada vez. A salivação havia começado, uma verdadeira catarata que ele precisava sugar entre os dentes. Babadores de vampiro dariam uma grana preta, pensou ironicamente.

Finalmente o porão, com sua porta pesada, parecendo de cofre. Guilder pegou as chaves no bolso do paletó. Com as mãos tremendo de ansiedade, enfiou a chave na porta, girou o volante pesado e a empurrou com o ombro.

Quando chegou à metade do corredor havia se despido até a cintura e estava chutando os sapatos. Agora cavalgava aquela sensação num pique total, era um surfista descendo pela onda. Porta depois de porta ia passando. Guilder podia ouvir os gritos abafados dos condenados, que vinham de dentro, um som que havia muito deixara de provocar ao menos um grão de pena dentro dele, se é que já provocara. Passou rapidamente pelas placas de alerta – éter presente, não acender fogo –, chegou correndo ao frigorífico, virou a

última esquina e por pouco deixou de colidir com um técnico usando jaleco.

– Diretor Guilder! – ofegou ele. – Nós não sabíamos...!

Mas essas palavras foram interrompidas quando Guilder, com mais violência do que era necessário, aplicou todo o peso de seu antebraço na lateral da cabeça do sujeito, lançando-o contra a parede.

Era sangue que ele queria, e não era qualquer sangue. Havia sangue e havia *sangue*.

Chegou à última porta e parou derrapando. Com as mãos trêmulas tirou a calça e jogou longe, depois enfiou a chave na porta e a abriu.

– Olá, Lawrence.

TRINTA E OITO

De manhã Jackie havia sumido.

Sara acordou e encontrou o catre dela vazio. Tomada pelo pânico, correu pelo alojamento, xingando-se por ter dormido tão profundamente. A velha que dormia na segunda fileira? Alguém tinha visto? Mas ninguém tinha, pelo menos era o que diziam. Na chamada matinal Sara detectou apenas um silêncio minúsculo no espaço onde o número de Jackie deveria estar. Todo mundo estava olhando para baixo. Assim, de uma hora para outra, as águas haviam se fechado sobre sua amiga. Era como se ela nunca tivesse existido.

Moveu-se através do dia numa névoa, a mente oscilando no cume da navalha entre a esperança desesperada e o desespero absoluto. Provavelmente não havia nada a ser feito. As pessoas desapareciam, as coisas eram assim. No entanto Sara não conseguia afastar a ideia de que, se a mulher ainda estivesse no hospital, se não tivesse sido levada para o centro de alimentação, poderia haver uma chance. Mas como Jackie podia ter sido tirada debaixo do nariz de Sara? Ela não teria ouvido alguma coisa? A mulher não teria protestado? Simplesmente não fazia sentido.

Foi então que deduziu. Não tinha ouvido nada porque não houvera nada para ouvir. *Assim, não. Não por mim.* Jackie havia saído do alojamento por vontade própria.

Tinha feito isso para proteger Sara.

No meio da tarde soube que precisava fazer alguma coisa. Sua culpa era insuportável. Nunca deveria ter tentado tirar Jackie da usina, jamais deveria ter confrontado Sacana daquele jeito. Tinha praticamente pintado um alvo nas costas da amiga. Os minutos estavam passando. Os virais no centro de alimentação comiam logo depois do crepúsculo; Sara tinha visto os caminhões. Transportes de gado atulhados de vacas mugindo, mas também os furgões sem janelas usados para levar prisioneiros do centro de detenção. Um

ficava sempre estacionado nos fundos do hospital, um significado claro para quem quisesse pensar.

Os colas que supervisionavam as equipes de moagem eram Vale e Apito. Ela achava que poderia lidar com Vale, mas, com Apito vigiando, Sara não via como. Só conseguiu pensar numa solução. Esvaziou o cesto de carregar milho, levantou-o do chão, deu três passos na direção do moinho e parou.

– Ai! – gritou. Deixou o cesto cair, apertando a barriga com força. – Ai. Ai.

Desmoronou de joelhos, gemendo. Por um momento pareceu que, no meio do barulho dos moinhos, sua demonstração passara despercebida. Amplificou os gritos, dobrando as pernas até o peito, abraçando o diafragma.

– Sara, o que é? – Uma das outras mulheres, Constance Chou, estava agachada perto dela.

– Está doendo! Está doendo!

– Levante-se ou eles vão ver você!

Outra voz foi ouvida: a de Vale.

– O que está acontecendo aqui?

Constance recuou.

– Não sei, senhor. Ela só... desabou.

– Fisher? O que há de errado com você?

Sara não respondeu, só continuou gemendo, balançando-se e dando alguns chutes espasmódicos, para completar. Um círculo de observadores tinha se formado ao redor.

– Apêndice – disse ela.

– O quê?

Ela franziu o rosto com dor forjada.

– Acho... que é... apêndice.

Apito atravessou a multidão como um raio, empurrando os espectadores com seu cassetete.

– Qual é o problema dela?

Vale estava coçando a cabeça.

– Ela disse que tem algo errado com a pêndis dela.

– O que vocês estão olhando? – rosnou Apito. – Voltem ao trabalho. – E depois, para Vale: – O que você quer fazer com ela?

– Fisher, você consegue andar?

– Por favor – ofegou ela. – Preciso de um médico.

– Ela diz que precisa de um médico – informou Vale.

– É, eu escutei isso, Vale. – A mulher soltou um suspiro irritado. – Certo, vamos tirá-la daqui.

Ajudaram-na a ir até uma picape estacionada atrás da usina e a colocaram na carroceria. Sara continuou se balançando e gemendo. Seguiu-se uma negociação breve: um deles deveria levá-la ou deveriam chamar um motorista?

– Foda-se, eu levo – disse Apito. – Conhecendo você, ia demorar o dia inteiro.

A viagem ao hospital demorou 10 minutos; Sara os usou para formular um plano. Até então só havia pensado em ir ao hospital para encontrar Jackie antes que o furgão a levasse embora, não tinha considerado o próximo passo. Agora parecia que tinha apenas duas cartas boas. Primeiro, não estava doente de verdade. Assim que passasse por uma recuperação milagrosa, não parecia provável que eles mandassem uma mulher perfeitamente saudável para o centro de alimentação. Segundo, ela era enfermeira. Sara não sabia como poderia usar esse fato – teria de improvisar –, mas poderia se valer de seu conhecimento médico para convencer a pessoa encarregada de que Jackie não estava tão doente quanto parecia.

Ou talvez nada que ela fizesse importasse. Talvez, assim que passasse pela porta do hospital, jamais saísse de novo. Uma perspectiva que, avaliando bem, não parecia totalmente ruim, o que lhe dava uma terceira carta para jogar: a carta do não se importar mais se viveria ou morreria.

Apito parou junto à entrada do hospital, foi até a carroceria e baixou a traseira.

– Saia daí. Vamos.

– Acho que não consigo andar.

– Bom, vai ter de tentar, porque não vou carregar você.

Sara se apoiou nos cotovelos. O sol havia espiado por trás das nuvens, tornando a cena mais nítida com seu brilho frio. O hospital era um prédio de tijolos com três andares, parte de um grupo de estruturas baixas e comuns na borda sul da planície. A uma distância

de 20 metros ficava uma das três principais subestações do RH. Uma dúzia de colas vigiava a entrada, flanqueada por barricadas de concreto.

– Será que estou falando sozinha?

Estava. Sara mal ouvia. Estava focalizada no carro, um pequeno sedã do tipo que os colas usavam para se mover entre os alojamentos. Vinha na direção deles em alta velocidade. Arrastando uma nuvem de fumaça. Sara desceu da carroceria. Simultaneamente sentiu uma figura correndo para ela, vinda de trás. O carro continuava sem diminuir a velocidade. Havia algo estranho nele, e não era só a velocidade louca. As janelas estavam enegrecidas, escondendo o motorista, e havia algo escrito no capô, as letras rabiscadas com tinta branca.

SÉRGIO VIVE.

Enquanto o veículo seguia na direção da barricada, alguém acertou Sara por trás. No instante seguinte ela estava caída no chão, o corpo espremido, enquanto a picape explodia com um estrondo e uma onda de pressão superaquecida que ela não acreditava que pudesse existir no mundo. O ar foi sugado de seus pulmões. Coisas estavam caindo. Coisas pesadas voavam e caíam como meteoros ao redor dela, pegando fogo. Houve um som agudo de metal, uma nuvem de vidro tilintando. O mundo era barulho, calor e o peso de um corpo em cima dela, e em seguida um silêncio súbito, uma respiração quente perto de seu ouvido e uma voz dizendo: – Venha comigo. Faça exatamente o que eu disser.

Sara estava de pé. Uma mulher, alguém que ela não conhecia, a estava puxando pela mão, contra a inércia de seu espanto. Parecia ter perdido a audição. A cena ao redor estava banhada numa irrealidade leitosa. A subestação era uma cratera fumegante. A picape havia sumido; estava caída de lado onde antes ficava a entrada do hospital. Havia algo nas mãos e no rosto de Sara. Sangue. Estava coberta de sangue. E coisas pegajosas, coisas biológicas, e um pó fino, parecendo joia, que ela percebeu ser composto de pedaços minúsculos de vidro. Que incrível, estava pensando, como tudo era espantoso, sobretudo o que acontecera com Apito! Era notável a aparência de um corpo quando não era

mais uma coisa, fora dispersado em pedaços reconhecivelmente humanos numa vasta área. Quem imaginaria que, quando um corpo explodia em pedacinhos, como sem dúvida acontecera, ele realmente fazia isso: explodia em pedacinhos.

Despertou, primeiro a visão e depois o resto. A mulher estava correndo e ela também, correndo e ao mesmo tempo sendo arrastada, a energia da salvadora – Sara percebia que a mulher a salvara da explosão – passando para seu corpo pelas mãos unidas com força. Atrás delas, o silêncio dera lugar a um coro de gritos, um som estranhamente musical, e agora a mulher havia parado bruscamente atrás de um prédio, que de algum modo ainda estava de pé (todos os prédios do mundo não tinham acabado de explodir?), e se abaixado. Em sua mão havia uma espécie de gancho e ela o usou para puxar a tampa do bueiro.

– Entre.

Sara entrou. Enfiou-se no buraco, onde uma escada esperava. Algo cheirava mal. Algo cheirava a merda, porque era merda. Quando os pés de Sara tocaram o fundo, seus tênis se enchendo com aquela água horrível, a mulher levantou a mão e fechou de novo o bueiro com um estalo, mergulhando Sara em completa escuridão. Só então lhe ocorreu plenamente que estivera numa explosão de muitas mortes e muita destruição e que, logo depois, num intervalo de provavelmente menos de um minuto, havia se entregado totalmente a uma mulher desconhecida e que essa mulher a havia levado para uma espécie de não existência: que Sara, de fato, havia desaparecido.

– Espere.

O brilho de uma pequena chama azulada se acendeu: a mulher estava segurando um isqueiro e encostando-o numa tocha. O fogo saltou, iluminando seu rosto. Teria 20 e poucos anos, o pescoço era comprido e os olhos, pequenos e escuros, cheios de intensidade. Havia algo familiar nela, mas Sara não conseguia fixar a mente no que seria.

– Chega de falar. Você consegue correr?

Sara assentiu.

– Venha.

A mulher começou a correr devagar pelo tubo de esgoto, com Sara atrás. Isso continuou durante um tempo. Em cada uma de muitas interseções a mulher escolhia uma direção decididamente. Sara tinha começado a avaliar o próprio corpo. A explosão não ocorrera sem efeitos. Havia uma variedade de dores, algumas bem agudas, outras mais parecendo um latejar disperso. Mas nenhuma era séria a ponto de impedi-la de acompanhar a mulher. Depois de mais algum tempo Sara percebeu que a distância percorrida certamente as tinha colocado fora dos limites cercados da Pátria. Estavam escapando! Estavam livres! Um círculo de luz apareceu diante delas: uma saída. Para além ficava o mundo – um mundo perigoso, um mundo mortal onde os virais andavam sem controle, mas que mesmo assim surgia como uma promessa dourada, e ela saiu para a luz.

– Desculpe por isso.

A mulher estava atrás dela. Havia estendido uma das mãos em volta da cintura de Sara, fazendo-a parar; a outra mão, segurando um pano, subiu para o rosto de Sara. Que diabo...? Mas, antes que Sara pudesse emitir um único som de protesto, o pano estava cobrindo sua boca e seu nariz, inundando seus sentidos com um cheiro químico medonho que a fez engasgar. Um milhão de estrelas minúsculas se apagaram dentro de sua cabeça e foi o fim.

TRINTA E NOVE

Lila Kyle. Seu nome era Lila Kyle.

Mas ela sabia, claro, que aquele rosto no espelho tinha outros nomes. A Rainha dos Loucos. Sua Majestade Pirada. Sua Alteza Desmiolada. Ah, sim, Lila tinha ouvido todos eles. Seria preciso ser realmente esperto para enganar Lila Kyle. O que vem de baixo não me atinge, dizia sempre (seu pai dizia sempre), o que vem de baixo não me atinge, mas o que a irritava, na verdade, eram os sussurros. As pessoas viviam sussurrando! Como se elas fossem os adultos e Lila a criança, como se ela fosse uma bomba capaz de explodir a qualquer segundo. Que estranho! Estranho e bastante desrespeitoso, porque, em primeiro lugar, ela não era louca, quanto a isso eles estavam 100% errados; e em segundo, mesmo que fosse, mesmo que, só para dar exemplo, ela gostasse de ficar nua ao luar e uivar como um lobo (coitado do Roscoe), isso não era da conta deles. Até que ponto ela era louca ou não? (Mesmo tendo de confessar que havia dias, certos dias difíceis, em que seus pensamentos não cooperavam, como uma braçada de folhas de outono que ela estivesse tentando enfiar num saco.) Não era *legal*. Não era nem um pouco legal. Falar da pessoa pelas costas, fazer insinuações tão vis – estava fora dos limites da decência. O que ela fizera para merecer esse tipo de tratamento? Ficava na dela, nunca pedia nada, era quieta como um camundongo; ficava totalmente satisfeita em passar o tempo no quarto com suas coisinhas lindas, seus frascos, pentes, escovas e a penteadeira diante da qual estava agora – parecia que estava ali havia algum tempo – escovando o cabelo.

O cabelo. Enquanto voltava a atenção para o rosto no espelho, uma onda de reconhecimento caloroso a atravessou. A visão sempre parecia pegá-la de surpresa: a pele rosada, sem poros expostos, o brilho de orvalho nos olhos, a maciez úmida das faces, a proporção delicada das feições. Ela estava... incrível! E o mais bonito de tudo era sempre o cabelo. Como era lustroso, abundante ao toque, como

era intenso com sua densidade macia, de melado. Melado, não: chocolate. Um excelente chocolate escuro vindo de algum lugar maravilhoso e especial, da Suíça, talvez, ou de um daqueles outros países, como os que seu pai sempre mantinha na mesa de trabalho e se ela fosse boazinha, *muito* boazinha, ou algumas vezes sem qualquer motivo, simplesmente porque ele a amava e queria que ela soubesse. Ele a chamava ao templo sagrado de seu escritório com cheiros masculinos, onde ele escrevia seus artigos importantes, lia seus livros inescrutáveis e realizava seus misteriosos negócios de pai, para lhe dar o símbolo de seu amor. *Só um agora*, dizia ele, a unidade amplificando o que havia de especial porque implicava um futuro em que aconteceriam outras visitas ao escritório. A caixa dourada, a tampa se levantando, o momento de suspense: a mãozinha dela pairando sobre o rico botim do conteúdo como um mergulhador parado na beira de um lago, calculando o ângulo perfeito para o mergulho. Havia os de chocolate, os com nozes e os com recheio de cereja (os únicos dos quais ela não gostava; cuspia num lenço de papel). Mas os melhores de todos eram os sem nada, os de chocolate puro. Era esses que ela desejava. O tesouro singular daquela doçura leitosa derretendo e ela tentando diferenciar cada um entre os companheiros. Esse? Esse?

– Yolanda!

Silêncio.

– *Yolanda!*

Num tumulto de saias, véus e tecido diáfano a mulher entrou correndo na sala. Que coisa, pensou Lila, que fantasia ridícula! Quantas vezes a havia instruído sobre se vestir de modo mais prático?

– Yolanda, onde você estava? Eu chamei duas vezes.

Ela estava olhando para Lila como se tivesse enlouquecido. Será que eles haviam pegado no pé de Yolanda também?

– Yolanda, senhora?

– Quem mais eu chamaria? – Lila deu um suspiro exorbitante. A mulher às vezes era completamente tapada. Mas seu inglês não era dos melhores. – Eu gostaria... de alguma coisa. Por obséquio. *Por favor*.

– Sim, senhora. Claro. Gostaria que eu lesse para a senhora?

– Ler? Não. – Se bem que subitamente a ideia fosse interessante; um pouco de Beatrix Potter poderia ser a coisa certa para acalmar os nervos. O Coelho Peter com seu paletozinho azul. O esquilo Nitkin e seu irmão Twinkleberry. Os dois podiam aprontar tantas travessuras! Então se lembrou.

– Chocolate. Nós temos algum chocolate?

A mulher ainda parecia totalmente fora da real. Talvez tivesse começado a beber.

– Chocolate, senhora?

– Algum que tenha sobrado do Halloween, talvez? Tenho certeza de que temos um pouco em algum lugar. Qualquer coisa serve. Hershey's Kisses. Almond Joy. Um Kit-Kat. Qualquer um serve.

– Bom...

– *Si?* Um pouquito de cho-co-LA-te? Olhe no armário em cima da pia.

– Sinto muito, não sei o que a senhora está pedindo.

Ora, isso era irritante. A mulher fingia não saber o que era chocolate!

– Não entendo qual é o problema, Yolanda. Devo dizer que sua atitude está começando a me incomodar. A me incomodar um bocado, de verdade.

– Por favor, não fique com raiva. Se eu soubesse o que é, teria o maior prazer em pegar para a senhora. Talvez Jenny saiba.

– É isso que eu digo, veja só. É exatamente isso que eu estava dizendo. – Lila deu um suspiro fundo. Era uma pena, mas realmente não restava nada a ser feito. Melhor arrancar o band-aid de vez e não embromar.

– Infelizmente, Yolanda, acho que terei de dispensá-la.

– Dispensar?

– Dispensar, si. *No más*. Não precisamos mais dos seus serviços, infelizmente.

Os olhos da mulher pareceram praticamente saltar da cabeça.

– A senhora não pode fazer isso!

– Lamento de verdade. Eu gostaria que as coisas tivessem dado certo. Mas nessas circunstâncias você não me deixa mesmo

alternativa.

A mulher havia se lançado aos pés de Lila.

– Por favor! Eu faço qualquer coisa!

– Comporte-se, Yolanda.

– Estou implorando – balbuciou a mulher, agarrada a sua saia. – A senhora sabe o que eles vão fazer. Eu me empenho mais, eu juro!

Lila havia esperado que ela recebesse mal a notícia, mas essa demonstração pouco digna era totalmente inesperada. Era definitivamente embaraçosa. A ânsia de oferecer algum toque consolador era forte, mas Lila resistiu, para não prolongar a situação, e deixou as mãos pairando desajeitadas no ar. Talvez devesse ter esperado até que David chegasse em casa. Ele era sempre melhor com essas coisas.

– Nós vamos lhe dar uma carta de recomendação, claro. E duas semanas de salário. Você não deveria reagir tão mal.

– É uma sentença de morte! – Ela estava abraçando os joelhos de Lila como se fosse um barco salva-vidas. – Eles vão me mandar para o porão!

– Não acho que isso signifique uma sentença de morte. Você está reagindo com exagero desmedido.

Mas a mulher não entendia os apelos à razão. Incapaz de formar palavras através da tempestade de soluços incontroláveis, ela desistira de implorar, encharcando a saia de Lila com lágrimas misturadas a muco. A única coisa na mente de Lila era se livrar daquela situação o mais rapidamente possível. Odiava coisas assim, *odiava.*

– O que está acontecendo aqui?

Lila ergueu os olhos para a figura parada junto à porta, soltando imediatamente um suspiro de alívio.

– David! Graças a Deus. Parece que temos um probleminha aqui. A Yolanda, bem... ela está meio perturbada. Eu decidi dispensá-la e ela está recebendo muito mal a notícia.

– Meu Deus, mais uma? Qual é o seu problema?

Ah, era típico! Era a cara do David.

– Para você é fácil, você fica fora o dia inteiro e me deixa presa em casa. Pensei que me apoiaria.

– Por favor, não faça isso – gemeu Yolanda.

Lila fez um gesto como se dissesse “tire essa mulher de cima de mim”.

– Pode dar uma ajudinha aqui?

O que não foi tão fácil como poderia ter sido. Enquanto David (não David) se curvava para arrancar a soluçante Yolanda (não Yolanda) dos joelhos de Lila, a mulher redobrou o aperto e começou, inacreditavelmente, a berrar. Que escândalo! Pelo amor de Deus, seria de pensar que ser demitida de um serviço de faxineira era *mesmo* uma sentença de morte, pelo modo como ela estava agindo. Com um puxão forte pela cintura, David a soltou, erguendo-a no ar. A mulher estava chutando e gritando nos braços dele, sacudindo-se como uma louca. Somente com sua força superior ele conseguiu contê-la. Uma coisa era preciso dizer sobre o David, ele se mantinha em forma.

– Sinto muito, Yolanda! – gritou Lila enquanto ele a levava para a saída. – Vou mandar um cheque pelo correio!

A porta bateu com força atrás deles. Lila soltou o ar ao perceber que estava prendendo a respiração. Bom, não era incrível? Não era o negócio mais desagradável que ela já tivera de suportar? Sentia-se totalmente abalada e com um bocado de culpa. Yolanda estava com eles havia anos e tudo terminara de um modo tão ruim! Aquilo deixou um gosto azedo na boca de Lila. Mas, pensando bem, Yolanda nunca fora a melhor empregada do mundo e recentemente vinha deixando a desejar. Provavelmente passava por dificuldades pessoais. Mas Lila nunca fora à casa dela, não sabia nada sobre sua vida. Não era curioso? Depois de tantos anos, Yolanda indo e vindo, e era como se Lila não a conhecesse nem um pouco.

– Bom, ela se foi. Parabéns.

Lila, que tinha voltado a pentear o cabelo, examinou David friamente pelo espelho, quando ele parou junto à porta para ajeitar a gravata.

– E por que isso é minha culpa? Você a viu. Estava totalmente descontrolada.

– Esta é a sexta este ano. Boas atendentes não crescem em árvores.

Ela deu uma escovada longa, luxuriante.

– Então ligue para a agência. Não é grande coisa, você sabe.

David não disse mais nada, sem dúvida estava contente em deixar o assunto de lado. Foi até o divã, puxando as pernas da calça do terno para se sentar.

– Precisamos conversar.

– Não vê que estou ocupada? Não estão precisando de você no hospital ou sei lá o quê?

– Não trabalho num hospital. Nós já falamos isso um milhão de vezes.

Falamos? Às vezes os pensamentos dela eram como folhas de outono, às vezes como besouros num vidro, coisinhas que zumbiam girando e girando.

– O que aconteceu no Texas, Lila?

– No Texas?

Ele deu um suspiro carrancudo.

– O comboio. A estrada do Petróleo. Achei que minhas instruções eram claras.

– Não faço a mínima ideia do que você está falando. Nunca estive no Texas. – Ela parou de escovar, encontrando os olhos de David no espelho. – Brad sempre odiou o Texas. Mas provavelmente você não quer ouvir nada disso.

Ela viu que suas palavras tinham acertado o alvo. Falar de Brad era sempre sua arma secreta. Mesmo sabendo que não deveria, sentia um deleite perverso na expressão do rosto de David sempre que dizia o nome – o vazio desinflado de um homem que sabia que jamais estaria à altura de outro.

– Não peço muito de você. O que estou começando a me perguntar é se você ainda consegue controlar essas coisas.

– É, bom.

Zunido, zunido.

– Está ouvindo? Não podemos mais ter desastres assim. Principalmente quando estamos tão perto.

– Não sei por que você está tão chateado. E, para ser totalmente honesta, não gosto de como está falando comigo.

– Que droga, largue a *porra* dessa escova!

Mas antes que ela pudesse fazer isso ele a arrancou de sua mão e a jogou girando pelo quarto. Em seguida agarrou Lila pelos cabelos, puxando sua cabeça para trás, e pôs o rosto tão perto do dela que nem era um rosto, e sim uma *coisa*, uma coisa monstruosa e distorcida como uma lesma, banhando-a com seu hálito podre e bacteriano.

– Já estou cheio das suas besteiras. – O cuspe bateu nas faces dela, nos olhos; saltou de modo repugnante da boca de David para a dela. As bordas dos dentes dele estavam marcadas por uma substância escura, que lhes dava uma nitidez terrível. Sangue. Os dentes dele estavam manchados de sangue. – Essa sua *representação*. Esse jogo idiota.

– Por favor – ofegou ela. – Você está me machucando.

– Estou?

Ele torceu seu cabelo com força. Mil agonias finas gritavam no couro cabeludo.

– David – implorou ela, com as lágrimas afogando a visão. – Eu imploro. Pense no que você está fazendo.

O rosto de lesma rugiu de fúria.

– Eu não sou David! Sou Horace! Meu nome é Horace Guilder! – Outro puxão torcendo. – Diga!

– Não sei, não sei! Você está me confundindo.

– Diga! Diga o meu nome!

Foi a dor que provocou o resultado. Num jorro de ciclone, sua consciência desmoronou sobre si mesma.

– Você é Horace! Por favor, pare!

– De novo! Inteiro!

– Horace Guilder! Você é Horace Guilder, Diretor da Pátria!

Guilder a soltou, afastando-se um passo.

Ela estava deitada sobre a penteadeira, sacudindo-se com soluços. Se ao menos pudesse voltar!, pensou, apertando os olhos com força para esconder esse homem horroroso, esse Horace Guilder, de sua visão. *Lila, volte. Salte para longe de novo.* Ela estremeceu com uma náusea que subia de um lugar tão fundo que não tinha nome, um enjoo que não era do corpo e sim da alma, o cerne metafísico de seu eu fraturado, e então estava de joelhos,

vomitando, ofegando e sufocando, espalhando o sangue vil que ela própria havia bebido naquela manhã mesmo.

– Então está certo – disse Guilder, enxugando as mãos no paletó. – Só para ficar claro.

Lila não disse nada. Era tão poderosa sua vontade de sumir que não poderia articular palavras, nem se tentasse.

– Temos grandes dias pela frente, Lila. Preciso saber que você está a bordo. Chega dessa sua bobagem. Estou falando de ordens que vêm do nível mais alto.

Lila conseguiu assentir.

– E, por favor, tente não demitir mais nenhuma atendente. Essas garotas não crescem em árvores.

Com as costas da mão ela enxugou o cuspe rançoso do queixo.

– Você já disse isso.

– O quê?

– Eu disse que você já disse isso. – A voz nem parecia a dela. – Sobre as atendentes não crescerem em árvores.

– Disse? – Ele deu um risinho. – Pois é. É engraçado quando a gente pensa nisso. Algo nesse sentido realmente seria útil, dadas as exigências da cadeia alimentar e coisa e tal. Tenho certeza de que seu colega Lawrence concordaria. Vou lhe contar, aquele cara consegue *comer*. – Ele fez uma pausa, desfrutando esse pensamento, antes que seus olhos se endurecessem de novo. – Agora limpe-se. Sem ofensa, Lila, mas você está com vômito no cabelo.

QUARENTA

– Sara? Está ouvindo?

Uma voz flutuava até ela. Uma voz e também um rosto, um rosto que ela conhecia mas não conseguia situar. Um rosto vindo de um sonho, que ela tinha certeza de que estava tendo: um sonho inquietante em que ela corria e a toda a volta havia corpos e pedaços de corpos e tudo pegava fogo.

– Ela ainda está completamente fora da realidade – disse a voz, que parecia chegar atravessando uma distância impossível. Um continente. Um oceano. Parecia vir das estrelas. – Quanto você usou?

– Três gotas. Bom, talvez quatro.

– *Quatro?* Você estava tentando *matá-la*?

– A coisa foi feita com pressa, está bem? Você disse que queria tirá-la. Pronto, ela foi tirada.

– Se vamos inseri-la, temos de colocá-la de volta até as 18 horas. – Um suspiro fundo. – Pegue um balde para mim.

Um balde, pensou Sara, o que aquelas vozes queriam com um balde? O que um balde teria a ver com qualquer coisa? Mas nem bem pensou nisso e uma força de umidade fria se chocou com seu rosto, lançando-a violentamente na consciência. Estava engasgando, afogando-se, balançando os braços em pânico, o nariz e a garganta se enchendo com a água gelada.

– Calma agora, Sara.

Ela sentou-se empertigada, depressa demais; seu cérebro chacoalhou na caixa craniana, fazendo a visão girar num redemoinho.

– Aaai – gemeu ela. – Aaai.

– A dor de cabeça é ruim, mas não vai durar. Só respire.

Ela piscou para tirar a água dos olhos. Eustace?

Era. Os dentes superiores da frente tinham sumido, cortados junto à raiz; o olho direito era nublado pela cegueira. Com a mão nodosa ele estava estendendo um copo de metal.

– É bom ver você de novo, Sara. Você já conheceu a Nina. Diga olá, Nina.

Parada atrás dele estava a mulher do esgoto. Tinha um fuzil atravessado diante do peito, os braços cruzados casualmente por cima dele.

– Olá, Sara.

– Não se preocupe – disse Eustace. – Sei que você tem muitas perguntas e vamos chegar a elas. Apenas beba.

Sara pegou o copo com ele e engoliu a água. Estava espantosamente fria e tinha um gosto vagamente metálico, como se ela estivesse lambendo uma barra de ferro.

– Achei que você estivesse...

– Morto? – Eustace riu, mostrando os dentes arruinados. – Na verdade todo mundo aqui está morto. Nina, lembre-me: como, exatamente, você morreu?

– Acho que foi pneumonia, senhor. Foi isso ou então uma coisa muito pesada caiu em cima de mim. Nunca me lembro de como fizemos a papelada.

A explosão, a fuga pelo esgoto, tudo estava retornando agora. Ela engoliu a água e demorou um momento inspecionando o ambiente ao redor. A única iluminação da sala vinha de algumas tochas tremeluzentes. A mesa em que estava sentada fora posicionada no centro do espaço enorme, sugerindo que servia à única função da sala. Imediatamente Sara soube quem eram aquelas pessoas – não poderia haver outra explicação.

– Onde estamos?

– Em algum lugar onde os olhos-vermelhos não podem nos achar. – Ele tinha um jeito de olhar para ela, virando o rosto para mirar com o olho bom, que de algum modo fazia aumentar a seriedade penetrante do olhar. – Mais do que isso não posso dizer. O importante é que aqui você está em segurança.

– Você é... Sérgio?

Outro sorriso de dentes quebrados.

– Fico lisonjeado por você pensar assim. Mas não. Não existe Sérgio. Não como você pensa.

– Mas eu achei...

– E deveria achar mesmo. O nome é como uma redução de “insurgência”. Nina, se não me engano foi ideia sua, não foi?

– Acho que sim.

– As pessoas precisavam de um nome. Algo em que focalizar, um rosto para ligar à ideia. Esse é o nosso rosto. Sérgio.

Ela olhou para a mulher, que a estava observando friamente, depois olhou de volta para Eustace.

– A explosão. Foram vocês, não foram?

Eustace assentiu.

– Nossos primeiros informes indicam que sete colas morreram, inclusive sua amiga Apito, e dois membros da chefia que estavam fazendo uma visita de inspeção. Não foi um dia de trabalho ruim, eu diria. Mas esse não é o prêmio verdadeiro.

– Não?

– Não. O verdadeiro prêmio é você, Sara.

Agora Eustace estava olhando-a atentamente. Os dois estavam. Ela estremeceu de frio. Uma mudança havia ocorrido, uma inversão das energias da conversa: ele estava tentando atraí-la. Será que podiam confiar nela? Mais ainda, será que ela poderia confiar neles?

– Esta é a hora em que você me pergunta por quê.

Não querendo dar o braço a torcer, Sara apenas assentiu:

– Certo.

– A partir desta manhã não existe mais Sara Fisher. Sara Fisher, planiciana número 94801, foi morta num atentado suicida que tirou a vida de 19 leais agentes de segurança da Pátria Amada. A única parte reconhecível de Sara Fisher que permanece intacta é, de modo conveniente, um braço com sua etiqueta metálica – que foi tirado de uma cola que, há menos de 24 horas, estava usando-o para espancar mulheres e crianças na leiteria da fazenda. Achamos que, nessas circunstâncias, ele teria uma utilidade melhor, mas ela pareceu não concordar. Lutou um bocado, Nina, não foi?

– A mulher era uma guerreira. Isso tenho de admitir.

Ele olhou de novo para Sara.

– Vejo na sua expressão que nossos métodos parecem um tanto chocantes. Não deveriam.

Tudo estava chegando depressa demais para ela.

– Vocês matam pessoas. Não só os colas. Pessoas inocentes que estão por perto.

Eustace assentiu. Seu rosto era indecifrável, quase sem emoção.

– Verdade. Menos do que o nosso glorioso Diretor quer que você acredite, mas essas coisas nunca vêm sem custo.

Ela estava pasma com o tom casual.

– Isso não justifica.

– Ah, acho que justifica. Deixe-me perguntar uma coisa. O que você acha que os olhos-vermelhos vão fazer depois do ataque de hoje?

Sara não disse nada.

– Então vou dizer. Represálias. Vão cair em cima com tudo. Não vai ser bonito.

Ela olhou para Eustace, depois para Nina, depois de novo para Eustace.

– Mas por que vocês iriam querer isso?

Eustace respirou fundo.

– Vou colocar do modo mais simples que consigo. Isto é uma guerra, Sara. Nem mais nem menos. E nesta guerra nós estamos em número tremendamente inferior. Conseguimos nos infiltrar em praticamente todos os níveis das operações deles, mas os números ainda são favoráveis a eles. Nunca poderíamos derrotá-los se os enfrentássemos diretamente. Nosso teatro de operações é psicológico. Sacudir a liderança. Atraí-la para fora. Cada pessoa que é levada para a detenção é pai de alguém, mulher de alguém, filho ou filha de alguém. Para cada pessoa que os olhos-vermelhos mandarem para o centro de alimentação, mais duas vão se juntar a nós. Pode parecer brutal. Mas aí está. – Ele parou, permitindo que suas palavras se assentassem. – Talvez isso não faça sentido para você. Mas logo fará, se minha intuição a seu respeito estiver correta. De qualquer modo, o ponto positivo do ataque desta tarde é que você não existe mais. E isso a torna extremamente valiosa para nós.

– Está dizendo que vocês planejaram tudo?

Ele deu de ombros, sugerindo que a pergunta era mais complexa do que ela havia pretendido.

– Existem planos e planos. Muito do que fazemos é questão de momento e sorte. Mas no seu caso dedicamos muito pensamento à extração. Estamos vigiando-a há algum tempo, esperando o momento certo. Foi Jackie que juntou as peças e deu o sinal para irmos adiante. O episódio na usina de biodiesel foi armado, assim como o súbito desaparecimento dela do alojamento na noite passada. Ela sabia que você iria procurá-la no hospital. Francamente, achei a coisa toda um tanto elaborada e tive minhas dúvidas, mas a confiança que Jackie tinha em você foi vitoriosa. E fico satisfeito em dizer que ela estava certa.

A mente de Sara estava nadando em incredulidade. Não: estava se afogando.

– Jackie é... uma de vocês?

Eustace assentiu.

– Ela estava conosco desde o início, era uma agente de alto nível. Nem posso dizer quantos ataques ela arquitetou. Sua última missão foi trazer você.

Sara procurou palavras e não encontrou. Simplesmente não podia reconhecer a mulher que Eustace estava descrevendo naquela que ela conhecia. Jackie? Membro da insurgência? Durante mais de um ano a mulher mal havia saído das vistas de Sara. Dormiam a um metro da outra, trabalhavam lado a lado, comiam todas as refeições na companhia uma da outra. Contavam tudo uma à outra. Não fazia sentido, não era possível. E depois:

– O que você quis dizer com “última”?

Algo mudou no ar. Eustace olhou para Nina, depois de volta para Sara.

– Sinto muito – disse ele. – Jackie morreu.

As palavras dele a abalaram.

– Não pode ser!

– Infelizmente é verdade. Sei que ela significava muito para você.

– Eles só tiram as pessoas do hospital depois que anoitece! Eu vi o furgão! Nós precisamos pegá-la!

– Sara, escute...

– Ainda há tempo! Precisamos fazer alguma coisa! Por que vocês não fazem nada?

– Porque é tarde demais. – Eustace fez uma pausa, com o olho bom voltado para o rosto dela. – Jackie nunca esteve no hospital. É isso que estou dizendo. Jackie era a motorista do carro.

A sensação foi de algo se quebrando. Foi assim. Algo se partiu dentro dela. Um corte final: o último fio que a ligava à vida que ela conhecia sendo cortado. Sara estava flutuando, flutuando para longe.

– Ela sabia como estava doente. No máximo teria durado mais alguns meses antes que a mandassem para o centro de alimentação. – Eustace se inclinou para perto. – Foi como ela queria. O coroamento de uma carreira gloriosa. Ela não admitiria que fosse de outro modo.

– Ela está morta – disse Sara, a ninguém especificamente.

– Ela fez o que tinha de fazer. Jackie foi uma heroína da insurgência. E aí está você, pronta para continuar de onde ela parou.

Sara não conseguia se obrigar a chorar. Imaginou por que e logo soube: as últimas lágrimas de sua vida tinham caído e não restava mais nenhuma dentro dela. Que estranho não conseguir chorar! Amar alguém como havia amado Jackie e não encontrar luto no coração.

– Por que eu?

– Porque você os odeia, Sara. Porque não tem medo deles. Eu vi isso naquele dia no caminhão. Lembra?

Sara assentiu.

– Existem dois tipos de ódio. Um dá força, o outro tira. O seu é do primeiro tipo. Eu sempre soube disso. Jackie também sabia.

Era verdade: ela os odiava. Odiava-os por causa de seus olhos cheios de desprezo, da crueldade fácil em meio a gargalhadas; odiava as mentiras que eles a faziam gritar; odiava os cassetetes e os sorrisos nos rostos presunçosos. Odiava-os com os ossos e o sangue, com cada célula do corpo; seus nervos disparavam de ódio, os pulmões respiravam ódio, o coração bombeava um elixir de puro ódio nas veias. Estava viva porque os odiava, e os odiava acima de tudo por terem tirado sua filha.

Percebeu que Eustace e Nina estavam esperando que ela falasse. Sabia que tudo o que eles haviam feito e dito fora arranjado com esse objetivo. Passo a passo, cuidadosamente, tinham-na levado à

beira do abismo. Assim que desse um passo, não seria mais ela própria.

– O que querem que eu faça?



PARTE VII

O FORA DA LEI

Somos para os deuses como moscas para meninos travessos;
Matam-nos por esporte.

– William Shakespeare
Rei Lear, ato IV, cena I

QUARENTA E UM

Os três foram resgatados de manhã por uma patrulha da Segurança Doméstica enviada para procurar os caminhões-tanques. Nessa altura, Peter, Michael e Lore haviam saído da casa-forte e voltado ao local do ataque. A explosão tinha deixado uma cratera de pelo menos 50 metros de largura – montes de destroços retorcidos se espalhavam nos campos ao redor. Uma fumaça oleosa brotava de poças de combustível ainda queimando, manchando um céu já habitado por uma nuvem de aves de rapina. Corpos, queimados até restar apenas crostas enegrecidas, misturavam-se aos destroços. Era impossível dizer se alguns dos restos medonhos pertenciam aos agressores. Tudo que sobrara do misterioso caminhão reluzente eram algumas chapas de metal galvanizado, que não provavam nada.

Michael estava em frangalhos. Seus danos físicos – um ombro deslocado que ele havia posto no lugar comprimindo-o contra a parede da casa-forte, um tornozelo torcido, um talho acima da orelha direita que precisaria de pontos – eram o menos importante. Vinte e três petroleiros e oito agentes da Segurança Doméstica: homens e mulheres com quem havia morado, com quem havia trabalhado. Michael estava no comando, era alguém em quem eles confiavam. Agora tinham morrido.

– Por que você acha que ele fez isso? – perguntou Peter.

Estava falando de Ceps; durante a longa noite na casa-forte Michael havia contado a Peter o que tinha visto pelo retrovisor. Os dois estavam sentados no chão, à beira do rio. Lore havia se afastado um pouco. Peter podia vê-la agachada sobre a água, os ombros sacudindo com o choro que não queria que eles testemunhassem.

– Acho que ele pensou que não havia outro modo. – Michael levantou os olhos, observando os pássaros que circulavam, mas não parecia estar de fato olhando nada. – Você não o conhecia como eu.

Era um sujeito incrível. De jeito nenhum deixaria que alguém fosse tomado. Eu só queria ter tido coragem de fazer isso.

Peter podia ver a dor e a dúvida no rosto do amigo: a desgraça do sobrevivente. Conhecia essa emoção. Era o tipo de coisa que jamais abandonava a pessoa.

– Não foi culpa sua, Michael. Se a culpa for de alguém, é minha.

Se suas palavras serviram de algum consolo, Peter não pôde ver.

– Quem você acha que eram aquelas pessoas? – perguntou Michael.

– Quisera eu saber.

– Que diabo, Peter! Um caminhão cheio de virais? Como se fossem bichos de estimação ou algo assim? E aquela mulher?

– Também não entendi nada.

– Se era o óleo que eles queriam, podiam simplesmente pegar.

– Acho que não estavam atrás disso.

– É, eu também não. – Uma onda de raiva retesou seu corpo. – De uma coisa eu sei. Se algum dia encontrar essas pessoas, vou fazer com que seja doloroso.

Passaram a noite com a equipe de busca numa casa-forte a leste de San Antonio e chegaram a Kerrville na manhã seguinte. Assim que entraram na cidade foram separados segundo as diferentes cadeias de comando: Peter foi para o QG da Divisão, Michael e Lore para o Departamento da Autoridade Doméstica, que supervisionava todos os ativos além dos muros, inclusive o complexo petroleiro de Freeport.

Peter teve tempo de tomar banho antes da reunião. Era meio-dia, os alojamentos estavam praticamente vazios. Ficou parado sob o chuveiro por um longo tempo, olhando a sujeira oleosa escorrer pelos pés. Conhecia-se o suficiente para saber que todo o impacto emocional dos acontecimentos ainda não havia baixado. Jamais conseguira decidir se isso era uma fraqueza ou um ponto forte, mas ele era quem era. Sabia que estava tremendamente encrencado, mas essa preocupação parecia mesquinha. Acima de tudo sentia pena de Michael e Lore.

Vestiu o uniforme mais limpo e foi até o comando, um antigo complexo de escritórios adjacente à prefeitura. Quando entrou na sala de reuniões, ficou pasmo ao ver um rosto conhecido: Gunnar Apgar. Mas, se havia esperado alguma palavra de solidariedade por parte do sujeito, rapidamente ficou claro que isso não aconteceria. Enquanto Peter ficava em posição de sentido, o coronel lhe lançou um olhar frio, depois voltou a atenção para os papéis sobre a mesa comprida à sua frente – sem dúvida era o relatório da patrulha da Segurança Doméstica.

Mas foi o segundo rosto dos três que fez Peter ficar mais perplexo. À direita de Apgar estava sentada a figura imponente de Abram Fleet, general do Exército. Peter havia posto os olhos no sujeito apenas uma vez na vida; era tradição que o general presidisse o juramento de iniciação de todos os Expedicionários. Não havia nada de fisicamente notável na aparência do general – tudo nele transmitia uma mediocridade física quase perfeita –, no entanto ele era quem era: um homem cuja presença alterava uma sala, como se fizesse com que as moléculas do ar vibrassem numa frequência diferente. A terceira pessoa à mesa Peter não reconheceu; era um civil de rosto estreito, barba grisalha bem aparada e um cabelo que parecia trigo escovado.

– Sente-se, tenente – disse o general. – Vamos direto ao ponto. O senhor conhece o coronel Apgar. O Sr. Chase está aqui como representante da presidente. Ele atuará como os olhos e os ouvidos dela nesse... acontecimento infeliz.

Durante mais de duas horas golpearam Peter com perguntas. O general foi quem mais falou, seguido por Chase; Apgar ficou quieto na maior parte do tempo, às vezes rabiscando uma anotação ou pedindo um esclarecimento. O tom geral era inquietantemente peremptório, como se eles estivessem tentando pegar Peter em alguma contradição. A sugestão subjacente parecia ser que sua história era um encobrimento para alguma catástrofe ocasionada pelo homem e da qual Peter, um dos três únicos sobreviventes, contando com o chefe dos petroleiros, levaria a culpa. Mas, à medida que o interrogatório prosseguia, ele começou a sentir que sua suspeita era oca, uma fachada para alguma preocupação mais

profunda. Repetidamente eles voltavam à questão da mulher. O que ela estava usando, o que ela disse, qual era sua aparência? Haveria algo estranho na aparência? Para cada uma dessas sondagens repetidas Peter relatava a ordem dos acontecimentos do modo mais preciso que podia. Ela estava usando uma capa. Era notavelmente bonita. Ela disse: *Você está cansado.* Disse: *Nós sabemos onde vocês estão.* "Nós", repetiu o general. Nós, quem? *Não sei.* Não sabe porque não lembra? *Não, estou afirmando. Ela não disse mais nada.* Girando e girando, até que Peter começou a duvidar de seu próprio relato. Quando tudo acabou – seu interrogatório chegou ao fim de modo abrupto, combinando com o tom autoritário – ele estava exausto não apenas emocionalmente, mas também fisicamente.

– Um alerta, tenente – concluiu o general. – Você não falará com ninguém sobre o que aconteceu na estrada do Petróleo nem sobre o conteúdo destes procedimentos. Isso inclui os sobreviventes do comboio e o grupo de busca que o trouxe. Nosso entendimento é que, por motivos desconhecidos, um caminhão-tanque explodiu destruindo o comboio, além da ponte de San Marcos. Está claro?

Então esta era a verdade: o que havia acontecido na estrada do Petróleo não era a história inteira; era parte de um quebra-cabeça maior que os três homens estavam tentando montar. Peter lançou um olhar para Apgar, cuja expressão comunicava apenas a neutralidade forjada de alguém que recebia ordens superiores.

– Sim, general.

Fleet fez uma pausa, depois continuou em tom de cautela:

– Uma última questão, Jaxon, e isto também deve ser tratado com sigilo absoluto. Parece que seu amigo Lucius Greer escapou da detenção.

Por um instante Peter duvidou de que ouvira o general corretamente.

– Senhor? – Ele lançou o olhar na direção dos outros. – Como foi que ele...

– Ainda não sabemos. Mas parece muito provável que tenha tido ajuda. Na mesma noite em que Greer desapareceu, uma das irmãs deixou o orfanato e não retornou. A Segurança Doméstica nos piquetes do oeste informou ter visto duas pessoas partindo a cavalo

logo depois das três da madrugada. Um homem, obviamente Greer, e uma adolescente, usando a túnica da Ordem.

Peter parou um momento, processando a informação.

– Está falando de Amy?

– É o que parece. – Fleet se curvou sobre a mesa. – Greer não é minha preocupação principal. Ele é um prisioneiro que fugiu. Cuidaremos disso. Mas Amy é outra coisa. Ainda que eu sempre tenha visto suas afirmações sobre ela com ceticismo considerável, mesmo assim ela é um importante ativo militar. – Fleet o encarava com intensidade renovada. – Sabemos que você visitou os dois antes de partir para a refinaria. Se tem algo a dizer, sugiro que diga agora.

Ele demorou um momento para captar o significado da pergunta.

– O senhor acha que eu sei alguma coisa sobre isso?

– Sabe, tenente?

A mente de Peter estava lutando com ideias que lhe ocorriam simultaneamente. Amy havia tirado Lucius da cadeia; os dois tinham fugido da cidade, com destino desconhecido; o general suspeitava de que ele fosse cúmplice. Qualquer uma dessas coisas sozinha poderia derrubá-lo; juntas, tinham o efeito de focalizar seus pensamentos no problema imediato de se defender. E, subindo do fundo da mente, havia a pergunta: o que o desaparecimento de Amy tinha a ver com a mulher na estrada do Petróleo? Certamente os três homens diante dele estavam pensando a mesma coisa.

– De forma alguma, general. Eles não me contaram nada.

– Tem certeza? Lembre-se de que esta será sua declaração oficial.

– Sim, tenho certeza. Estou tão pasmo quanto os senhores.

– E não faz ideia de para onde os dois possam ter ido?

– Gostaria de fazer.

Fleet olhou Peter por mais um momento, o rosto gravado em pedra. Olhou para Chase, que assentiu.

– Muito bem, Jaxon. Vou aceitar sua palavra. O coronel Apgar me informou sobre seu desejo de retornar o mais breve possível para o Forte Vorhees e estou disposto a lhe conceder isso. Apresente-se ao oficial de serviço na garagem e ele lhe dará um lugar no próximo transporte.

De repente essa era a última coisa que Peter queria. As intenções do general eram claras: Peter estava sendo banido para garantir seu silêncio.

– Se não for problema, senhor, eu gostaria de retornar à refinaria.

– Esta não é uma opção, tenente. Você recebeu suas ordens.

Um pensamento súbito lhe ocorreu.

– Permissão para falar livremente, senhor.

Fleet deu um longo suspiro.

– Pelo que sei, é isso que você faz, tenente. Muito bem então, continue.

– E o Martínez?

– O que é que tem?

Apgar encarou Peter rapidamente. *Vá com cautela.*

– O homem na caverna. “Ele nos abandonou.” Essas foram as palavras dele.

– Sei disso, Jaxon. Li o relatório. O que você quer dizer?

– Ele também não estava onde deveria estar. Talvez Greer e Amy tenham ido procurá-lo. – Peter olhou para cada um dos três homens, depois para os três juntos. – Talvez os dois saibam onde ele está.

Seguiu-se um momento de silêncio. Depois, Fleet disse:

– É uma ideia interessante, tenente. Há mais alguma coisa?

Assim, sem mais nem menos, a ideia fora posta de lado. Ou talvez não. De qualquer modo, Peter sentiu que suas palavras haviam acertado o alvo.

– Não, senhor.

Os olhos do general ficaram sombrios, com um ar de advertência.

– Como eu disse, você não discutirá essas coisas com ninguém. Creio que qualquer indiscrição não será tratada com gentileza. Pode ir, tenente.

– Sinto muito, a irmã Peg está passando o dia fora.

A irmã Peg nunca passava o dia fora. A linguagem corporal da mulher à porta deixava claro: Peter não passaria por ela.

– Pelo menos a senhora pode dizer ao Caleb que eu estive aqui?

– Claro, tenente. – O olhar dela passou rapidamente por ele, como alguém que tivesse consciência de estar sendo observado. – Agora,

se me der licença...

Peter voltou ao alojamento para passar um dia inquieto na cama, olhando o teto. Seu transporte partiria na manhã seguinte às seis horas; não tinha dúvida de que essa partida rápida era proposital. Homens entravam e saíam, fazendo barulho com as botas pesadas, mas a presença deles mal se registrava em sua consciência. Amy e Greer – para onde podiam ter ido? E por que os dois juntos? Como ela podia tê-lo deixado de fora, e como eles haviam passado pelas sentinelas no portão? Revirou a memória procurando qualquer coisa que um dos dois tivesse feito ou dito e que indicasse que estavam planejando essa fuga. A única coisa em que pôde pensar foi a estranha serenidade que emanava do major – como se as paredes que o enjaulavam fossem desimportantes, de uma concretude ilusória. Por que estava assim?

Era um mistério, como todo o resto nos últimos 30 dias. A coisa toda dava a impressão de figuras à deriva, logo depois das cortinas de uma névoa pesada: estavam ali e ao mesmo tempo não estavam.

À medida que as horas vazias passavam, os pensamentos de Peter voltaram à noite em que estivera com as irmãs: o tempo com Caleb, a energia e a inteligência do menino; o júbilo no rosto de Amy quando se virou do fogão e o viu parado ali; o momento que haviam compartilhado antes de ele partir, as mãos dos dois se tocando no espaço. O gesto parecera totalmente natural, um reflexo involuntário sem hesitação ou resistência; parecia ter brotado ao mesmo tempo de um poço fundo dentro dele e de um lugar muito distante, como as forças que impeliam as ondas que ele adorava olhar enrolando-se na praia. De todos os acontecimentos dos últimos dias, o momento dos dois junto à porta era o mais nítido na lembrança, e ele fechou os olhos, repassando-o na mente. O calor do rosto de Amy contra seu peito e a força luminosa do abraço dela; o modo como Amy havia olhado para as mãos dos dois juntas. *Se lembra de quando beijei você?* Ainda estava escutando essas palavras na mente quando caiu no sono.

Acordou no escuro; a boca tinha gosto de secura e poeira. Ficou surpreso por ter dormido tanto; ficou surpreso por ter dormido.

Estava estendendo a mão para pegar o cantil no chão quando notou uma figura sentada na cama ao lado.

– Coronel?

Apgar o encarava, os pés pousados no chão, as mãos envolvendo os joelhos. Respirou fundo antes de falar. Peter sabia que a presença dele era o que o havia acordado.

– Ouça, Jaxon, não me senti bem com relação ao que aconteceu lá hoje. Portanto o que vou dizer fica só entre nós, entendido?

Peter assentiu.

– A mulher que você descreveu foi vista uma vez, anos atrás. Eu não a vi, mas outros viram. Você sabe sobre o Massacre da Plantação?

Peter ficou pasmo.

– O senhor estava lá?

– Eu era só um garoto, tinha 16 anos. Não é uma coisa da qual eu fale. Nenhum de nós fala. Perdi meus pais e minha irmãzinha. Minha mãe e meu pai foram mortos imediatamente, mas eu nunca soube o que aconteceu com ela. Acho que foi tomada. Até hoje tenho pesadelos com isso. Ela estava com 4 anos.

Apgar nunca tinha dito nada tão pessoal a Peter; jamais havia lhe contado qualquer coisa pessoal.

– Sinto muito, coronel.

A dor dessa lembrança e o esforço despendido para contá-la: estas coisas estavam nitidamente escritas no rosto dele.

– Bom – disse o coronel depois de um momento –, foi há muito tempo. Aceito os pêsames, mas não é por isso que estou aqui, pondo o pescoço na forca ao lhe contar isso. Se Fleet descobrir, tirará meu cargo. Ou me mandará para a cadeia.

– O senhor tem a minha palavra.

Apgar fez uma pausa, depois recomeçou:

– Vinte e três almas foram perdidas naquele dia. Dessas, 16, como minha irmã, jamais foram encontradas. Todo mundo sabe sobre o eclipse. O que não sabem é que os virais estavam escondidos nas casas-fortes, como se soubessem antecipadamente sobre o eclipse. Logo antes do começo do ataque um jovem policial da Segurança Doméstica na torre informou ter visto um caminhão grande, igual ao

que você descreveu, esperando logo depois da linha das árvores. Está vendo aonde quero chegar?

– Está dizendo que aquilo foi planejado.

Apgar assentiu.

– Não sei por quem, mas a mulher fazia parte da coisa. Dois homens a viram. O primeiro foi o policial da Segurança Doméstica de quem falei. O outro foi um trabalhador da plantação, capataz do Complexo Agrícola Norte. A mulher e as filhas dele estavam entre os que foram perdidos naquele dia. O nome dele era Curtis Vorhees.

Outra surpresa.

– O *general* Vorhees?

– Eu imaginava que você fosse achar isso interessante, sobretudo devido à sua amizade com Greer. Vorhees se alistou logo depois do massacre. Metade dos líderes do Segundo Expedicionário veio daquele dia. Nate Crukshank era o outro agente da Segurança Doméstica que estava na torre. Tenho certeza de que você reconhece o nome. Sabia que ele era cunhado de Vorhees?

Crukshank fora o oficial comandante em Roswell. O súbito alinhamento dos atores parecia peças se encaixando. Peter se lembrou de seus dias com Greer e Vorhees na Guarnição do Colorado – a amizade fácil e calorosa dos dois e a pilha de desenhos a carvão que Greer lhe havia mostrado depois da morte do general. Vorhees havia desenhado a mesma imagem repetidamente, uma mulher e duas menininhas.

– E o outro agente? Quem era?

– Bom, é um nome que todo mundo conhece. Tifty Lamont.

Isso não fazia sentido.

– Tifty Lamont era da Segurança Doméstica?

– Ah, Tifty era mais do que isso. Eu devo a vida a ele e não sou o único. Depois do massacre ele também se alistou nos Expedicionários, era um atirador de elite, talvez o melhor que já tenha existido. Chegou a capitão antes de dar o fora. Vorhees, Crukshank e Tifty se conheciam desde muito tempo. Não sei qual era a história, mas havia uma.

Tifty Lamont havia sido Expedicionário, até mesmo oficial. A julgar por tudo o que Peter ouvira sobre ele, esse fato parecia totalmente

incongruente.

– E o que aconteceu com ele?

– Tifty?

– O sujeito é um fora da lei.

Uma nova expressão surgiu no rosto de Apgar.

– Não sei, tenente. Você teria de perguntar a ele. Isto é, se puder encontrá-lo. Se, digamos, você conhecesse alguém que conhecesse alguém.

Um silêncio baixou e se manteve. Apgar ficou olhando-o cheio de expectativa. Depois:

– Quantas pessoas você disse que havia naquela sua colônia na Califórnia?

– Noventa e duas.

– Noventa e duas almas desaparecidas sem deixar rastros. Uma coisa bem espantosa, se você quer saber. Não se encaixa exatamente no modo de atuação típico de uma incursão viral. Adicione os 67 de Roswell e chegamos a quase 200 pessoas que praticamente desapareceram no ar. E agora Amy vai embora, justo quando essa mulher reaparece e corta nosso suprimento de combustível. Posso ver por que os chefões ficaram preocupados. Mais ainda quando você considera o fato de que a única outra pessoa viva que viu essa mulher é... Qual foi o termo que você usou?

– Um fora da lei.

– Exato. *Persona non grata.* É uma situação politicamente delicada, para dizer o mínimo. Por um lado, você tem os militares, que não querem ter nada a ver com o sujeito. Por outro tem a Autoridade Civil, que não pode ter, pelo menos não *oficialmente*. Está me acompanhando, tenente?

– Não sou muito chegado à política, senhor.

– Então somos dois. Não passa de um punhado de gente protegendo o próprio rabo. Motivo pelo qual estamos onde estamos. É exatamente o tipo de circunstância que se beneficiaria de um terceiro elemento. Alguém com uma história de... digamos, iniciativa pessoal, que consiga pensar fora das quatro linhas. E não sou o único a ter essa opinião. Aconteceram certas discussões

confidenciais nos altos níveis. Civis, não militares. Parece que ser seu comandante me considera especialista no seu caráter. No seu e no de Donadio.

Peter franziu a testa.

– O que Alicia tem a ver com isso?

– Não sei. Mas posso dizer duas coisas, e a matemática fica por sua conta. A primeira é que há dois meses não chega nenhuma notícia do Forte Kearney. A segunda é que Donadio tem dois conjuntos de ordens. Eu só conhecia o primeiro, que vinha da Divisão e era exatamente o que lhe contei. O segundo veio num malote lacrado da sala de Sanchez, somente para os olhos dela.

– Por que a Divisão não iria querer que o senhor soubesse as ordens dela?

– Excelente pergunta. O ponto crucial é: quem sabe o quê? Parece haver um certo interesse por questões de sigilo e isso não se aplica apenas a você. De modo que Fleet quer você fora de cena e eu não estou contando nada que você já não saiba. Mas, cá entre nós, Fleet e Sanchez nem sempre concordam em tudo e a cadeia de comando não é tão nítida como você pensa. A Declaração deixa muito espaço aberto a interpretações e as coisas podem ficar bem turvas. Esse negócio da mulher na estrada do Petróleo não é uma questão de, digamos, consenso geral entre as autoridades civis e militares. O mesmo com relação a Martínez, que, como você colocou sucintamente, não estava onde deveria, e isso ao mesmo tempo que Amy de algum modo liberta Greer da cadeia e vai embora. Tudo é muito interessante.

– Então o senhor acha que isso faz parte da coisa.

Apgar deu de ombros.

– Sou só o mensageiro. Mas Fleet nunca foi o que você poderia chamar de crente verdadeiro. Para ele, Amy é uma distração e os Doze são um mito. Com relação a Donadio ele não pode questionar: ela é obviamente diferente, mas do ponto de vista dele isso não prova nada. Ele tem tolerado a caçada só porque Sanchez fez uma agitação tão grande que não valia a pena discutir e o que aconteceu em Carlsbad é a oportunidade dele para encerrar definitivamente a questão. Existe quem pense de modo diferente.

Peter demorou um momento para digerir isso.

– Então Sanchez está agindo pelas costas de Fleet?

Apgar franziu a testa com ironia.

– Eu não sabia que tinha dito algo assim. Esse tipo de conversa estaria acima do meu posto. Mas, seja como for, eu consideraria um favor pessoal se você pudesse me ajudar a localizar um indivíduo adequadamente cheio de recursos para ligar alguns pontos nesse caso. Conhece alguém que se encaixe no perfil, tenente?

A mensagem era clara.

– Acho que sim, coronel.

– Excelente. – Apgar fez uma pausa antes de prosseguir. – Uma coisa engraçada aconteceu com o seu transporte. Pensando bem, é uma tremenda coincidência. Parece que a papelada se perdeu. Você sabe como são essas coisas. Devem levar umas 48 horas para resolver o caso, no máximo 72.

– É bom saber disso, senhor.

– Achei que talvez você compartilhasse essa opinião. – O coronel deu um tapa nos joelhos. – Bom, parece que precisam de mim em outro lugar. Fui designado para uma força-tarefa presidencial encarregada de lidar com esse... acontecimento infeliz. Não sei como posso colaborar, mas vou aonde mandam. – Ele se levantou da cama. – Fico feliz que tenha descansado, tenente. Os próximos dias serão movimentados.

– Obrigado, coronel.

– Nem precisa dizer. E estou falando isso literalmente. – Ele olhou Peter de novo. – Só tenha cuidado com ele, Jaxon. Lamont não é uma pessoa que você vá querer irritar.

Cavalgaram uma noite inteira e estavam na segunda. Agora se encontravam a leste de Lulling. Não tinham mapa, mas não precisavam: a I-10 os levaria direto a Houston, para seu coração selvagem. Greer já estivera lá uma vez – só nos arredores, mas isso lhe mostrara o suficiente. A cidade era um pântano impenetrável, um miasma de gosma emaranhado de árvores e ruínas encharcadas, apinhadas de patetas. Se eles não pegassem você, os jacarés pegariam. Estes percorriam as águas imundas como barcos meio

submersos, muitos tendo crescido até proporções gargantuescas. Enormes nuvens de mosquitos cobriam o ar. O nariz, a boca, os olhos: eles viviam procurando as portas do corpo, buscando os lugares macios. Houston, ou o que restava dela, não era um lugar para a humanidade. Greer se perguntava por que alguém havia pensado que o local seria habitável, para início de conversa.

Logo enfrentariam isso. Agora estavam numa pradaria de capim alto e bosques que se reclinavam quilômetro a quilômetro na direção do mar. Tão a leste assim a rodovia não fora limpa. Mais parecia uma sugestão do que uma estrutura, a superfície rachada e escondida sob camadas de pesado solo argiloso. Cemitérios de carros antigos frequentemente bloqueavam o caminho. Poucas palavras haviam sido trocadas entre os dois desde a partida: simplesmente não eram necessárias. Com o passar dos dias Greer havia sentido em Amy uma mudança que o preocupava, uma aura de distração física. Ela estava suando bastante; às vezes ele a pegava se encolhendo, como se sentisse dor. Mas, quando expressou preocupação, a garota descartou a ideia peremptoriamente. *Estou bem*, insistiu. *Não é nada.* Seu tom foi quase raivoso, ela estava lhe dizendo para não pressionar.

Enquanto a escuridão baixava, montaram acampamento numa clareira à vista de um motel arruinado. O céu estava límpido, a temperatura caindo, chamando o orvalho. Sem que fosse preciso dizer, Grey soube que estariam seguros para passar a noite. Na presença de Amy ele se encontrava numa zona de proteção. Os dois desenrolaram os sacos de dormir e adormeceram.

Acordou mais tarde com um susto; havia algo errado. Rolou de lado e viu que o saco de dormir de Amy estava vazio.

Não se permitiu entrar em pânico. Uma lua corcunda havia subido enquanto eles dormiam, fatiando a escuridão em espaços de luz e sombra, uma paisagem de formas ameaçadoramente alongadas e bolsões de escuridão. Os cavalos estavam pastando distraídos numa área de mato baixo. Greer tirou a Browning de sua mochila e se moveu cautelosamente na penumbra. Forçou os olhos a identificar formas em meio a formas. Aonde ela teria ido? Deveria chamá-la? Mas o silêncio do lugar e seus perigos ocultos proibiam isso.

Então a viu. Estava parada a apenas 100 metros do acampamento, olhando para o outro lado. Os ritmos de uma conversa tocaram seus ouvidos. Ela estaria falando com alguém? Parecia, e no entanto não havia ninguém.

Aproximou-se por trás.

– Amy?

Não houve resposta. Ela havia parado de murmurar; estava com o corpo absolutamente imóvel.

– Amy, o que foi?

Então ela se virou para olhá-lo, o rosto com uma expressão de leve surpresa.

– Ah. Sei.

– Com quem você estava falando?

Mas ela não respondeu. Só parecia estar presente em parte. Estaria tendo um ataque de sonambulismo?

Depois:

– Acho que deveríamos voltar.

– Não me assuste desse jeito.

– Desculpe. Não foi de propósito. – Ela baixou os olhos para a arma que ele estava segurando ao lado do corpo. – O que você está fazendo com isso?

– Não sabia para onde você tinha ido. Fiquei preocupado.

– Achei que eu tinha sido clara, major. Guarde-a agora.

Com essas palavras ela passou por ele, voltando ao acampamento.

QUARENTA E DOIS

Tempo interminável, tempo sem fim. Sua existência era um pesadelo do qual não conseguia acordar. Pensamentos passavam flutuando como poeira num feixe de luz, saltando de qualquer lugar para onde ele olhasse. Todo dia eles vinham. Os homens com seus olhos reluzentes, vermelho-sangue. Tiravam dos ganchos os sacos inchados e os levavam em seu carrinho chacoalhante e prendiam outros nos suportes. Sempre os sacos, interminavelmente necessitados, constantemente enchendo-se com as gotas do sangue de Grey.

Eram homens que gostavam daquele trabalho. Contavam piadinhas, mantinham-se animados. Divertiam-se às custas dele, como crianças provocando um animal no zoológico. Aqui, anda, arrulhavam eles, estendendo o aromático conta-gotas na direção da sua boca, neném precisa da mamadeira? Neném tá com fome?

Ele tentava resistir. Fazia força contra as correntes, virava o rosto para o outro lado. Reunia cada fragmento de vontade para negar-se, mas sempre sucumbia. A fome crescia dentro dele como um gigantesco pássaro preto.

– Diga para a mamãe. Diga: sou um neném que precisa da mamadeira, prometo ser bonzinho. Seja um neném bonzinho, Grey.

A ponta do conta-gotas balançava tentadoramente diante de seu nariz e o cheiro de sangue era como uma bomba explodindo no cérebro, um milhão de neurônios disparando uma tempestade elétrica de puro desejo.

– Você vai gostar deste. Safra excelente. Você gosta dos jovens, não é, Grey?

Lágrimas escorriam de seus olhos. Lágrimas de desejo e repulsa. As lágrimas de sua vida longa demais, um século deitado nu e preso por correntes. As lágrimas de ser Grey.

– Por favor.

– Diga: eu gosto dos jovens.

– Estou implorando. Não me obrigue.

– As palavras, Grey. – Uma onda de hálito azedo perto de seu ouvido. – Diga... as... palavras.

– Sim! Eu gosto dos jovens! Por favor! Só um pouquinho! Qualquer coisa!

E então, finalmente, o conta-gotas, seu jorro delicioso, intenso com tons de terra na língua. Estalou os lábios. Revirou o grosso músculo da língua em volta das paredes da boca. Sugou como o bebê que diziam que ele era, desejando ser capaz de fazer a sensação durar, mas jamais conseguia: havia um movimento involuntário da garganta e aquilo acabava.

– Mais, mais.

– Ora, Grey. Você sabe que não pode haver mais. Um conta-gotas por dia enche a alma de alegria. É só o bastante para você manter ativa a bondade viral.

– Só uma prova, só isso. Eu prometo que não conto.

Um risinho sombrio.

– E se eu desse? E se eu lhe desse mais um conta-gotas? O que você faria?

– Eu não... juro, eu só quero...

– Vou dizer o que você quer. O que você quer, meu amigo, é arrancar essas correntes do chão. E devo dizer que é exatamente o que eu iria querer se fosse você. Seria nisso que eu estaria pensando. Desejaria matar os homens que me puseram aqui. – Uma pausa, e depois a voz chegando mais perto: – É isso que você quer, Grey? Matar todos nós?

Ele queria. Queria rasgá-los membro a membro. Queria que o sangue deles corresse como água, ansiava por ouvir seus últimos gritos. Queria isso mais ainda do que a morte, se bem que só um pouquinho. Lila, pensou, Lila, posso sentir você, sei que você está perto. Lila, eu salvaria você, se pudesse.

– Vejo você amanhã, Grey.

E assim continuava. Os sacos chegavam vazios e iam embora cheios, o conta-gotas fazia seu serviço. Era o seu sangue que os sustentava, que sustentava os homens de olhos vermelhos. Eles se

alimentavam do sangue de Grey e viviam para sempre, assim como ele vivia para sempre. Grey eterno, acorrentado.

Às vezes imaginava de onde vinha o sangue com que o alimentavam. Mas não com muita frequência. Não era o tipo de coisa em que desejava pensar.

Ocasionalmente ainda escutava Zero, mas parecia que Zero não estava mais falando com ele. Essa parte do trato parecia ter expirado muito antes. A voz era abafada e distante, como se Grey estivesse entreouvindo uma conversa que acontecia do outro lado de uma parede – e, pensando bem, ele considerava uma pequena misericórdia ser deixado sozinho tendo apenas seus pensamentos por companhia, sem Zero e sua fala-fala-fala enchendo a cabeça.

Guilder era o único que tomava seu sangue direto da fonte. Era assim que chamavam Grey, a Fonte, como se ele nem fosse uma pessoa, e sim uma coisa, que ele supunha que era. Nem sempre, mas às vezes, quando estava sentindo-se especialmente faminto, ou por outros motivos que não conseguia adivinhar, Guilder aparecia à porta, vestindo apenas a roupa de baixo, de modo a não sujar o terno de sangue. Soltava o saco do tubo, deixando o líquido viscoso espirrar sobre ele, e o colocava na boca, sugando o sangue de Grey como uma criança tomando refrigerante de canudinho. *Lawrence*, ele gostava de dizer, *você não está parecendo tão fantástico. Estão alimentando você suficientemente? Fico preocupado com você tão sozinho aqui embaixo.* Uma vez, muito tempo antes, anos ou mesmo décadas atrás, Guilder trouxera um espelho. Era o que antigamente se chamava estojo compacto de mulher. Guilder abriu a tampa e o virou para o rosto de Grey, dizendo: *Por que não dá uma olhada?* Um rosto de velho olhou de volta para ele, enrugado como uma ameixa – o rosto de alguém sentado na cerca da morte.

Ele estava morrendo permanentemente.

Até que um dia acordou e encontrou Guilder montado numa cadeira, olhando-o. Sua gravata estava frouxa, o cabelo desgrenhado, o terno amarrotado e manchado. Grey podia ver que ele estava atrasado no ciclo. Podia sentir o cheiro de podridão vindo do sujeito – um fedor que lembrava uma lixeira ou um cadáver, ligeiramente frutado –, mas Guilder não fez qualquer movimento para

se alimentar. Grey teve a sensação de que o homem estava sentado ali fazia algum tempo.

– Deixe-me perguntar uma coisa, Lawrence.

A pergunta seria feita de um modo ou de outro.

– Certo.

– Você já... como é que vou dizer? – Guilder deu de ombros vagamente. – Você já se apaixonou?

Vinda da boca do sujeito, a palavra parecia completamente alienígena. O amor era a propriedade de uma outra era, algo certamente pré-histórico.

– Não sei o que você está perguntando.

Um franzido surgiu no rosto de Guilder.

– Verdade, para mim parece uma pergunta perfeitamente simples. Coros de anjos cantando no céu, os pés levitando 10 centímetros acima do chão. Você sabe. Estar apaixonado.

– Acho que não.

– É sim ou não, Lawrence. É uma coisa ou outra.

Ele pensou em Lila. Era amor o que sentia por ela, mas não como Guilder estava dizendo.

– Não. Nunca me apaixonei.

Agora Guilder olhava para além dele.

– Bom, eu já, uma vez. O nome dela era Shawna. Se bem que não era o nome de verdade, claro. Tinha uma pele de manteiga, Lawrence. Estou falando sério. Era esse o gosto. Havia algo meio asiático nos olhos dela, sabe? E o corpo... bem. – Ele esfregou o rosto e expirou melancolicamente. – Não sinto mais essa parte. A parte do sexo. O vírus praticamente cuida disso. Nelson achou que poderia ter a ver com os esteroides que você estava tomando, que eles eram o motivo de o vírus ser diferente em você. Pode haver alguma verdade nisso. Mas a gente faz a cama e tem de dormir nela. – Ele deu um risinho irônico. – Fazer a cama. Isso é engraçado. É uma piada.

Grey não disse nada. Qualquer que fosse o humor de Guilder, não tinha nada a ver com ele.

– Acho que no todo não é uma coisa muito ruim. Honestamente, não posso dizer que o sexo já tenha me favorecido. Mas mesmo

depois de todos esses anos ainda penso nela. Coisas pequenas. Coisas que ela dizia. A aparência do sol caindo sobre a cama dela. Sinto um pouco de falta do sol. – Ele fez uma pausa. – Sei que ela não me amava. Tudo era uma grande representação. Eu sabia isso desde o início, mesmo que não pudesse admitir para mim mesmo. Mas aí está.

Grey estava completamente pasmo.

– Por que está me contando isso?

– Por quê? – O olhar dele se estreitou no rosto de Grey. – Deveria ser óbvio. Você pode ser bastante obtuso, se me perdoa a palavra. Porque somos *amigos*, Lawrence. Eu sei, você provavelmente acha que sou a pior coisa que já lhe aconteceu. Certamente pode parecer isso. Tenho certeza de que tudo isso pode parecer meio injusto. Mas você realmente não me deixou outra opção. Honestamente, Lawrence? Por mais estranho que pareça, você é o amigo mais antigo que eu tenho.

De novo Grey conteve a língua. O sujeito estava completamente iludido. Grey se pegou involuntariamente fazendo força contra as correntes. A maior felicidade desta vida, afora morrer, seria arrancar a cabeça de Guilder.

– E Lila? Não quero ser enxerido, mas sempre achei que havia alguma coisa entre vocês dois. O que seria bem surpreendente, dada a sua história.

Algo se apertou dentro dele. Não queria falar sobre isso, nem agora nem nunca.

– Me deixe em paz.

– Não fale assim. Só estou conversando.

– Por que não vai se foder?

Guilder pôs o rosto um pouco mais perto e baixou a voz num tom confidencial:

– Diga uma coisa. Você ainda o ouve, Lawrence? Agora a verdade.

– Não sei de quem você está falando.

Guilder franziu a testa como se o corrigisse.

– Por favor, será que podemos não fazer isso? O que estou perguntando é se ele é real, se não é uma besteira na minha cabeça.

– Guilder estava olhando Grey com atenção. – Você sabe o que ele me pediu para fazer, não sabe?

Não parecia haver sentido em negar. Grey assentiu.

– E, no todo, levando tudo em consideração, você acha que é uma boa ideia? Parece que preciso da sua opinião.

– E desde quando o que eu acho importa?

– Não diminua sua importância. Você ainda é o favorito dele, Lawrence, sem dúvida. Ah, claro, eu posso ser o comandante, sou o capitão deste navio. Mas sei.

– Não.

– Não o quê?

– Não é boa ideia. É uma ideia terrível. É a pior ideia do mundo.

As sobrancelhas de Guilder subiram, como um par de paraquedas pegando ar.

– Olhe só para você. – Pela primeira vez em eras, Grey gargalhou. – Você acha que ele é seu *amigo*? Acha que algum deles é seu amigo? Você é a puta deles, Guilder. Eu *sei* o que eles são. Sei o que Zero é. Eu estava *lá*.

Ele obviamente havia acertado num ponto sensível. Agora Guilder estava apertando e afrouxando os punhos; Grey se perguntou, preguiçosamente, se Guilder iria bater nele. A perspectiva não o preocupava nem um pouco; isso romperia a monotonia. Seria algo diferente, um novo tipo de dor.

– Devo dizer que sua resposta é razoavelmente desapontadora, Lawrence. Eu esperava contar com um pouquinho de apoio. Bom, não vou me curvar até seu nível. Sei que você gostaria disso, mas serei superior. E só uma coisinha para sua informação: o Projeto foi terminado hoje. Só faltou cortar a fita. Eu estava guardando isso como, você sabe, uma surpresinha, algo que achei que você gostaria de ouvir. Você poderia fazer parte disso, se quisesse. Mas parece que o avaliei mal. – Ele se levantou e foi para a porta.

– O que você quer, Guilder?

O sujeito se virou de volta, mirando-o com seus olhos vermelho-sangue.

– O que há nisso para você? Nunca pude entender.

Houve um longo silêncio e depois:

– Você sabe o que eles são, Grey?

– Claro que sei.

– Não sabe, não. Se soubesse não teria de perguntar. Então vou dizer. Eles são as coisas mais livres da Terra. Sem remorso. Sem piedade. Sem amor. Nada pode tocá-los, feri-los. Imagine como seria, Lawrence. A liberdade absoluta. Imagine como seria maravilhoso.

Grey não respondeu. Não havia resposta a dar.

– Você pergunta o que eu quero, amigo, e vou responder. Quero o que eles têm. Quero tirar aquela putinha da minha cabeça. Quero sentir... *nada*.

O peso de papel acertou a parede numa satisfatória explosão de vidro. O carro-bomba fora a última gota. Isso precisava acabar *agora.*

Guilder chamou Wilkes à sua sala. Quando o chefe do estado-maior entrou ele havia conseguido se acalmar um pouco.

– Arrebanhe mais 10 por dia.

Wilkes pareceu perplexo.

– Ah, alguém em particular?

– Não importa! – Meu Deus, às vezes o sujeito era burro feito uma porta. – Você não entende? *Nunca* importou. Basta pegar na chamada da manhã.

Wilkes hesitou.

– Então você está dizendo que deve ser uma coisa... arbitrária? Não necessariamente pessoas que suspeitemos ter alguma ligação com a insurgência.

– Bravo, Fred. É exatamente isso que estou dizendo.

Por um momento Wilkes ficou parado, olhando Guilder com uma expressão perplexa. Perplexa, não: perturbada.

– E então? Será que estou falando sozinho?

– Se você diz... Posso fazer uma lista e mandar para o RH, lá embaixo da Colina.

– Não me importa como você vai fazer. Apenas faça. – Guilder virou a mão na direção da porta. – Agora saia daqui. E mande uma atendente limpar essa sujeira.

QUARENTA E TRÊS

A rota para chegar a Hollis era mais tortuosa do que Peter havia previsto. A trilha os havia levado primeiro a um amigo de Lore, que conhecia alguém que conhecia outro alguém; eles sempre pareciam estar a um passo de distância e acabavam descobrindo que o alvo tinha se movido.

A última pista os levou a um galpão pré-fabricado onde, segundo haviam dito, funcionava um salão de jogo ilegal. Passava da meia-noite quando se viram andando por um beco escuro e cheio de lixo na Cidade-H. O toque de recolher soara havia muito, mas de toda parte ao redor vinham pequenos jorros de som – vozes altas, copos quebrando, o tilintar de um piano.

– Tremendo lugar – disse Peter.

– Você não veio muitas vezes aqui, veio?

– Na verdade, não. Bom, de fato nunca vim.

Uma figura sombria saiu de uma porta no caminho deles. Uma mulher.

– *Oye, mi soldadito. ¿Tienes planes esta noche?*

Ela saiu das sombras. Não era nova nem velha, o corpo tão magro que quase parecia um menino, mas a confiança sensual na voz e a postura – mudando o peso de um pé para o outro, a pélvis se projetando suavemente por baixo da saia minúscula – e a declividade das pálpebras pesadas nos olhos que examinavam todo o corpo de Peter combinavam-se para lhe dar uma inegável força sexual.

–*¿Como te puedo ayudar, Teniente?*

Peter engoliu em seco. Seu rosto parecia pegar fogo.

– Estamos procurando o lugar do Primo.

A mulher sorriu com uma fileira de dentes manchados de cigarro de palha.

– Todo mundo é primo de alguém. Eu posso ser sua prima, se você quiser. – O olhar dela foi até Lore, depois para Michael. – E

você, bonitão? Posso arranjar uma amiga. Sua namorada também pode vir, se quiser. Talvez ela goste de olhar.

Lore agarrou Michael pelo braço.

– Ele não está interessado.

– Nós realmente só estamos procurando alguém – disse Peter. – Desculpe incomodar.

Ela deu uma risada sombria.

– Ah, não é incômodo. Se mudar de ideia, sabe onde me achar, *Teniente.*

Continuaram andando.

– Que moça legal – disse Michael quando não podiam ser ouvidos.

Peter olhou de volta pelo beco. A mulher, ou o que ele presumia que fosse uma mulher, havia sumido de volta na porta.

– Nossa! Tem certeza?

Michael deu um risinho maroto, balançando a cabeça.

– Você realmente precisa sair mais, *hombre.*

Adiante viram o galpão pré-fabricado. Lâminas de luz vazavam das bordas da porta, onde um par de homens corpulentos montava guarda. Os três pararam ao abrigo de uma lixeira que transbordava.

– É melhor deixar que eu fale – disse Lore.

Peter balançou a cabeça.

– A ideia foi minha. Eu é que devo ir.

– Com esse uniforme? Não seja ridículo. Fique com Michael. E vocês dois tentem não ser apanhados por nenhum traveco.

Olharam-na marchar até a porta.

– Isso é uma boa ideia? – perguntou Peter baixinho.

Michael levantou uma das mãos.

– Espere só.

Quando Lore se aproximou, os dois homens ficaram tensos, juntando-se para impedir sua entrada. Seguiu-se uma breve conversa, que Peter não conseguiu escutar; depois ela voltou.

– Certo, estamos dentro.

– O que você disse a eles?

– Que vocês dois acabaram de receber o pagamento. *E* que estão bêbados. Portanto tentem parecer.

O galpão estava apinhado e barulhento, o espaço apertado dividido por grandes mesas hexagonais onde havia jogos de cartas. Nuvens de fumaça de palha tornavam o ar sufocante, juntando-se com o aroma agridoce de bebida destilada; havia um alambique por perto. Mulheres seminuas – pelo menos Peter achou que eram mulheres – estavam sentadas em bancos na periferia do salão. Tinham o rosto muito pintado, as mais novas não poderiam ter mais de 16 anos, as mais velhas quase 50, parecendo bruxas com maquiagem de palhaço. Outras entravam e saíam, passando por uma cortina nos fundos, geralmente na companhia de um homem visivelmente inebriado. Pelo que Peter via, todo o conceito da Cidade-H era fazer vista grossa para uma certa quantidade de vício ilegal mas isolá-lo numa área específica. Podia entender a lógica – pessoas eram pessoas –, mas olhar cara a cara era outra coisa. Imaginou se Michael estaria certo com relação a ele. Como havia ficado tão puritano?

– Eles não estão jogando mau-mau, estão? – perguntou a Michael.

– É pôquer, com aposta mínima de 20 dólares, pelo jeito. Meio caro para o meu bico. – Seus olhos, como os de Peter, estavam patrulhando o salão em busca de Hollis. – A gente deveria tentar se misturar. Quanta grana você tem?

– Nenhuma.

– *Nenhuma?*

– Dei tudo à irmã Peg.

Michael suspirou e balançou a cabeça.

– Claro que deu. Você é coerente, isso tenho de admitir.

– Vocês dois – disse Lore. – Que dupla de mariquinhas. Olhem e aprendam, amigos.

Ela foi até a mesa mais próxima e ocupou uma cadeira. Do bolso do jeans tirou um maço de notas, separou duas e jogou no bolo. Uma terceira nota rendeu um copo cujo conteúdo ela engoliu com um movimento rápido de cabeça. O crupiê distribuiu duas cartas para cada jogador e em seguida começaram as apostas. Nas primeiras quatro mãos Lore pareceu sentir muito pouco interesse por suas cartas, conversando com os outros jogadores, juntando-as rapidamente enquanto revirava os olhos. Então, na quinta, sem

mudança discernível na postura, começou a aumentar a aposta. A pilha na mesa cresceu – Peter achou que haveria pelo menos 300 dólares no bolo. Um a um os outros desistiram até que restou somente um jogador, um homem magricelo com bochechas marcadas de varíola e usando macacão de trabalho. A última carta foi jogada. Com o rosto pétreo, Lore pousou mais cinco notas. O homem fez uma pausa, balançou a cabeça e juntou suas cartas.

– Certo, estou impressionado – disse Peter enquanto Lore recolhia o bolo. Estavam de pé a uma certa distância, suficientemente perto para olhar sem que parecessem fazer isso. – Como ela conseguiu?

– Ela trapaceia.

– É mesmo? Não sei como.

– Na verdade é bem simples. Todas as cartas são marcadas. É sutil, mas dá para deduzir. Um jogador na mesa está na verdade jogando pela casa, de modo que ela sempre saia ganhando. Lore usou as primeiras mãos para deduzir quem era o jogador da casa e como decifrar as cartas. Também não faz mal o fato de ela ser mulher. Aqui ninguém a está levando a sério. Eles presumem que ela vá apostar quando tiver cartas boas, que vá desistir quando não tiver. Em três quartos do tempo ela está blefando.

– O que acontece quando perceberem o que ela está fazendo?

– Não vão perceber, pelo menos não logo. Ela vai perder uma ou duas mãos.

– E depois?

– Depois é hora de partir.

Uma agitação súbita atraiu a atenção deles para o fundo do salão. Uma mulher de cabelo escuro, com o vestido rasgado nos ombros, braços cobrindo os seios expostos, saiu correndo pela cortina. Estava gritando de modo incoerente. Um segundo depois emergiu uma segunda figura, com as calças emboladas comicamente em volta dos tornozelos. Ele parecia estar flutuando 30 centímetros acima do chão – suspenso, percebeu Peter, por um homem que o segurava por trás. Enquanto o primeiro homem voava pelo ar, Peter o reconheceu: era o jovem cabo do esquadrão de Satch que havia dirigido o transporte desde o Acampamento Vorhees. O segundo

homem, que parecia uma montanha, com a metade inferior do rosto enterrada numa barba grisalha, era Hollis.

– A – disse Michael.

Com despreocupação impressionante, Hollis levantou o sujeito pelo colarinho. A mulher estava berrando palavrões, apontando um dedo para os dois enquanto Hollis meio empurrava, meio o carregava na direção da saída. *Mate esse filho da puta! Eu não preciso aguentar essa merda! Ouviu? Você está morto, seu babaca!*

– Essa é a nossa deixa – disse Peter.

Foram a passos largos até a porta, Lore vindo atrás enquanto saíam do galpão. O cabo, gritando pedidos de desculpas desesperados, estava tentando simultaneamente levantar as calças e se afastar. Se Hollis ficou comovido com seus apelos, não deu sinal. Enquanto os dois guardas olhavam, gargalhando loucamente, Hollis o levantou pelo cós e o jogou mais adiante no beco. Quando ele o ergueu de novo, Peter chamou seu nome: – Hollis!

Durante um instante de perplexidade ele pareceu não reconhecê-los. Depois falou, surpreso: – Peter. *Hola*.

O cabo estava se remexendo, desamparado, ainda seguro por ele.

– Tenente, pelo amor de Deus, faça alguma coisa! Esse monstro está tentando me matar!

Peter olhou para o amigo.

– Está?

O grandalhão deu de ombros com ar divertido.

– Acho que, já que ele é um dos seus, eu poderia deixá-lo ir desta vez.

– Exatamente! Você pode me deixar ir embora e eu não volto nunca mais, juro!

Peter dirigiu a atenção para o soldado aterrorizado, cujo nome, lembrou-se, era Udall.

– Cabo, onde você deveria estar? Não tente me enrolar.

– No alojamento oeste, senhor.

– Então vá para lá, soldado.

– Obrigado, senhor! O senhor não vai se arrepender!

– Já estou arrependido. Agora saia da minha vista.

Ele se afastou correndo, segurando as calças.

– Eu não ia machucá-lo de verdade – disse Hollis. – Só assustar um pouco.

– O que ele fez?

– Tentou beijá-la. Isso não é permitido.

O crime parecia pequeno. Por tudo que Peter tinha visto, nem parecia crime.

– Verdade?

– Essas são as regras. Acontece praticamente tudo, menos isso. É principalmente coisa das mulheres. – Ele olhou para além do ombro de Peter. – Michael, que bom ver você. Faz um tempo. Você está ótimo.

– Digo o mesmo. Esta aqui é Lore.

– Ah, sei quem você é. Mas é bom finalmente ser apresentado. Como foram as cartas esta noite?

– Não muito mal – respondeu Lore. – O sujeito que vocês infiltraram na mesa 3 é um verdadeiro idiota. Na verdade eu só estava começando.

A expressão de Hollis se endureceu perceptivelmente.

– Não me julgue por isso, Peter. É só o que peço. As coisas aqui funcionam de um determinado jeito, só isso.

– Você tem a minha palavra. Todos nós sabemos... – Ele procurou as palavras. – Bom... o que você passou.

Depois de um momento, Hollis pigarreou.

– É, estou achando que esta não é uma visita social.

Peter olhou por cima dos ombros, na direção dos leões de chácara que não se esforçavam para disfarçar que estavam escutando.

– Há algum lugar onde a gente possa conversar?

Hollis se encontrou com eles duas horas depois em sua casa, um barraco na borda oeste da Cidade-H. Ainda que o exterior fosse de uma decrepitude anônima, o interior era surpreendentemente aconchegante, com cortinas nas janelas e maços de ervas secas pendurados nas traves do teto. Hollis acendeu o fogão e pôs uma panela de água para fazer chá, enquanto os três esperavam sentados em volta da mesinha.

– Faço o chá com essência de limão – explicou Hollis enquanto colocava quatro canecas fumegantes na mesa. – Eu mesmo planto no quintalzinho dos fundos.

Peter explicou o que havia acontecido na estrada do Petróleo e as coisas que Apgar havia contado. Hollis ouviu pensativo, acariciando a barba entre os goles de chá.

– Então, você pode nos levar até ele? – perguntou Peter.

– Essa não é a questão. Tifty não é uma pessoa com quem vocês vão querer se misturar, nisso seu comandante está certo. Meu pistolão só vai até um determinado ponto. Os militares não são exatamente bem-vindos.

– Não vejo muitas opções. Se minha intuição estiver certa, ele pode nos dizer para onde Amy e Greer foram. Tudo isso está ligado. É o que Apgar queria me dizer.

– Isso me parece meio fraco.

– Talvez. Mas, se Apgar estiver certo, a mesma coisa pode ter acontecido em Kearney. Em Roswell também.

Uma expressão de dor súbita varreu o rosto de Hollis. Peter se apressou a ir em frente, mas a pergunta precisava ser feita.

– O que você lembra?

– Peter, escute. Isso não adianta, certo? Eu não vi nada. Só agarrei o Caleb e saí correndo. Talvez devesse ter feito as coisas de modo diferente. Acredite, eu pensei nisso. Mas com o bebê...

– Ninguém está dizendo outra coisa.

– Então deixe para lá. Por favor. Só sei que, assim que os portões se abriram, eles jorraram para dentro.

Peter olhou para Michael. Ali havia algo que eles não sabiam, uma nova peça do quebra-cabeça.

– Por que os portões foram abertos?

– Acho que ninguém nunca soube. Quem quer que tenha dado a ordem deve ter morrido no ataque. E nunca ouvi nada sobre mulher nenhuma. Se ela estava lá, eu não vi. Nem esses seus caminhões. – Hollis respirou fundo. – O fato é que Sara se foi. Se eu me permitisse pensar diferente ao menos por um segundo, ficaria louco. Lamento dizer, acredite. Não vou dizer que superei isso. Você sabe o que eu

sentia por ela. Mas é melhor aceitar a realidade. Você também, Michael.

– Ela era minha irmã.

– E ia ser minha mulher. – Hollis olhou o rosto chocado de Michael. – Você não sabia disso, não é?

– Não, não sabia. Meu Deus, Hollis.

– Nós íamos contar quando você chegasse a Kerrville. Ela queria esperar você. Sinto muito, Circuito.

Ninguém parecia saber o que falar em seguida. Enquanto o silêncio se estendia, Peter olhou ao redor e pela primeira vez entendeu o que estava vendo. Esta casinha, pensou, com seu fogão, suas ervas e a sensação aconchegante de ser um lar. Hollis fizera a casa que ele e Sara teriam juntos. Esse pensamento o entristeceu de um modo que parecia totalmente novo.

– É só isso que eu tenho – disse Hollis. – Espero que satisfaça vocês.

Peter balançou a cabeça.

– Não posso aceitar. Olhe este lugar aqui. Parece que você está esperando que ela volte para casa.

Hollis apertou a caneca visivelmente com mais força.

– Deixe para lá, meu chapa.

– Talvez você esteja certo. Talvez Sara esteja morta. Mas e se ela estiver por lá, em algum lugar?

– Então ela foi tomada. Estou pedindo com gentileza. Se nossa amizade significa alguma coisa, não me faça pensar nisso.

– Desculpe, mas eu preciso. Todos nós a amávamos, Hollis. Nós éramos uma família, a família *dela*. Você não pode deixá-la ir desse modo.

Eles esperaram que Hollis dissesse alguma coisa, mas nenhuma palavra veio. Ele se levantou e levou a caneca até a pia.

– Só nos leve ao Tifty. É só isso que estou pedindo.

Hollis falou de costas para eles:

– Ele não é o que vocês pensam. Eu devo a ele.

– O quê? Um emprego num bordel?

A cabeça dele estava baixa, as mãos segurando a beira da pia.

– Meu Deus, Peter. Você é um verdadeiro desmancha-prazeres, sabia?

– Você não fez nada de errado. Fez o que tinha de fazer. E salvou Caleb.

– Caleb. – Hollis deu um suspiro longo, chiado. – Como ele está? Vivo pensando em fazer uma visita.

– Você deveria ver pessoalmente. Ele lhe deve a vida, e é uma vida boa.

Hollis se virou para eles. A maré havia mudado – Peter podia ver isso no rosto dele. Uma pequena chama de esperança fora acesa.

– E você, Michael? Já sei o que Peter pensa.

– Os que foram mortos eram meus amigos. Se houver uma vingança, eu quero. E se houver uma chance de minha irmã estar viva, não vou simplesmente ficar sem fazer nada.

– Este é um continente grande.

– Sempre foi. Isso nunca me incomodou.

Ele olhou para Lore.

– E você?

Ela levou um susto.

– Por que está me perguntando? Só estou aqui a passeio.

– Você é muito boa com as cartas. Diga quais são as chances.

O olhar de Lore foi até Michael, depois voltou a Hollis.

– Não sei, Hollis. Mas vou dizer do que tenho certeza. Dentre todas as pessoas do mundo, essa mulher escolheu você. Se ela está em algum lugar, está esperando você. Está se mantendo viva de qualquer modo que puder até você encontrá-la.

Uma mudança veio ao rosto de Hollis.

– Sara faria isso, não é?

– É – respondeu Lore. – Faria.

Hollis ficou quieto. Todos esperaram.

– Vou só pegar umas coisas – disse ele.

QUARENTA E QUATRO

A primeira neve caiu na terceira noite em que Alicia vigiava os arredores da cidade, flocos grandes espiralando de um céu totalmente negro. Um frio limpo, invernal, havia se acomodado na terra. O ar parecia rígido e puro. Movia-se pelo corpo dela como uma série de pequenas exclamações, jorros de claridade gélida nos pulmões. Ela esquentava as mãos com o hálito, batia os pés na terra congelada quando percebia a sensibilidade diminuir. Havia algo adequado nisso, nesse choque de frio: tinha gosto de batalha.

Soldado não estava mais ao lado dela. Aonde Alicia estava indo ele não poderia segui-la. Sempre houvera algo celestial nele, como se tivesse sido mandado para ela a partir de um mundo de espíritos. Em sua percepção profunda, Soldado vira o que estava acontecendo com ela, a evolução sombria. O gosto feroz se desenrolando dentro dela desde o dia em que havia cravado a faca no cervo na encosta, arrancando o coração ainda vivo. Havia um poder empolgante, uma energia fluida, mas isso tinha um custo. Ela se perguntou quanto tempo restava até que aquilo a dominasse. Antes que sua superfície humana fosse despida e ela se tornasse apenas uma coisa. Alicia Donadio, sentinela avançada, atiradora de elite dos Expedicionários, não mais.

Vá agora, tinha dito a ele. *Você não está seguro comigo.* Lágrimas tremularam na superfície dos olhos dela. *Seu menino grandão e lindo, nunca vou esquecê-lo*.

Tinha viajado os últimos quilômetros a pé, acompanhando o rio. As águas ainda corriam com facilidade, mas isso não iria durar: o gelo tinha começado a formar crostas nas margens. A paisagem era sem árvores e despida. A imagem da cidade se eriçava no horizonte à medida que o crepúsculo baixava. Alicia estivera sentindo o cheiro dela durante horas. Sua vastidão a espantava. Tirou da mochila o velho mapa desenhado à mão e examinou o terreno. A cúpula brotando da colina, o estádio em forma de tigela, o rio dividindo a cidade ao meio, com sua represa, a enorme construção de concreto

com suas gruas, as fileiras de alojamentos cercados de arame – tudo exatamente como Greer havia registrado 15 anos antes. Pegou o detector de sinais de rádio e ajustou o alcance da antena com dedos entorpecidos de frio. Virou para um lado e para outro. Um chiado de estática, depois a agulha se mexeu uma fração de centímetro. O receptor estava apontando para a Cúpula.

Havia alguém em casa.

Ela não precisava mais dos óculos, a não ser nas horas mais claras do dia. Como isso era possível? O que acontecera com seus olhos? Examinou o rosto na superfície do rio: a luz laranja continuava desbotando. O que isso significava? Olhando aquele rosto, seria de pensar que ela era uma mulher comum.

Passou os primeiros dois dias andando ao redor do perímetro para avaliar as defesas. Contabilizou veículos, homens, armas. As patrulhas regulares que saíam do portão principal eram fáceis de evitar; os esforços delas pareciam superficiais, como se não percebessem ameaças de verdade. Às primeiras luzes os caminhões se dispersavam dos alojamentos e percorriam a cidade, levando trabalhadores para as fábricas, os celeiros e as plantações, voltando quando a escuridão caía. À medida que os dias de observação passavam, Alicia percebeu que estava vendo uma espécie de prisão, uma hierarquia de escravos e senhores de escravos, mas as estruturas de contenção pareciam fracas. As cercas tinham poucos guardas; muitos nem pareciam estar armados. Qualquer força que mantinha o povo sob controle vinha de dentro.

Seu foco se concentrou em duas estruturas. A primeira era o prédio grande com as gruas. Possuía a aparência robusta de uma fortaleza. Pelo binóculo Alicia podia discernir uma única entrada, um portal amplo lacrado por pesadas portas de metal. As gruas estavam paradas, a construção do prédio parecia concluída, e no entanto ele dava a impressão de não estar sendo usado. A que propósito serviria? Seria um refúgio contra os virais, um abrigo de último recurso? Parecia possível, mas nenhuma outra coisa na cidade transmitia um sentimento de ameaça semelhante.

A outra era o estádio, situado logo além do perímetro sul da cidade, num complexo adjacente com cerca de arame.

Diferentemente do bunker, o estádio era local de atividade diária. Veículos entravam e saíam, furgões e alguns caminhões maiores, sempre no crepúsculo ou pouco depois, desaparecendo por uma rampa de descida que levava, presumivelmente, ao porão. O conteúdo deles era um mistério, até o quarto dia, quando um caminhão cheio de gado desceu a rampa.

Algo estava sendo alimentado ali embaixo.

E então, pouco depois da metade do quinto dia, Alicia estava descansando na galeria pluvial onde havia acampado quando ouviu o som distante de uma explosão. Apontou o binóculo para o centro da cidade. Uma nuvem de fumaça preta estava se desenrolando da base do morro. Pelo menos um prédio pegava fogo. Olhou enquanto homens e veículos corriam para o local. Um caminhão-tanque com água foi levado para apagar as chamas. Ela já havia aprendido a distinguir os prisioneiros dos guardiões, mas nessa ocasião surgiu uma terceira classe de indivíduos. Eram três. Chegaram ao local da catástrofe num veículo preto e esguio absolutamente diferente dos montes de lixo que Alicia tinha visto, esticando o pescoço e remexendo os vincos dos ternos enquanto saíam ao sol de inverno. Que roupas estranhas eram aquelas? Seus olhos estavam escondidos por pesados óculos escuros. Seria apenas a luz ou alguma outra coisa? A presença deles teve um efeito instantâneo, como uma pedra provocando ondulações na superfície de um lago. Ondas de energia ansiosa irradiavam das outras pessoas. Um dos homens de terno parecia estar tomando notas numa prancheta enquanto os outros dois gritavam ordens, gesticulando feito loucos. O que ela estava vendo? Uma casta de liderança, isso era aparente; tudo na cidade sugeria a existência de algo assim. Mas o que fora a explosão? Um acidente ou algo deliberado? Uma brecha na armadura, talvez?

Suas ordens eram claras. Examinar a cidade, avaliar a ameaça, apresentar-se de volta a Kerrville em 60 dias. Sob nenhuma circunstância deveria fazer contato com os habitantes. Mas nada dizia que precisava ficar fora das cercas.

Chegara a hora de dar uma olhada mais de perto.

Escolheu o estádio.

Durante mais dois dias, com o corpo grudado no chão frio, observou as idas e vindas dos caminhões. As cercas não eram problema; chegar ao porão seria a parte complicada. A porta, como a do bunker, parecia impenetrável. Só quando um caminhão chegava ao topo da rampa ela subia, lacrando-se rapidamente quando o caminhão passava, tudo isso perfeitamente cronometrado.

Crepúsculo do terceiro dia: atrás de alguns arbustos, Alicia tirou suas armas, todas menos a Browning, enfiada no coldre, e uma única faca que pôs junto da coluna. Tinha encontrado um local na cerca onde sua subida estaria oculta por um dos vários prédios que pareciam não ser usados. Cem metros de terreno aberto separavam esses prédios da rampa. Assim que o motorista do furgão virasse a esquina, Alicia teria seis segundos para atravessá-lo. Fácil, disse a si mesma. Não é nada.

Pulou a cerca apoiando-se apenas em um dos dedos dos pés e se encostou na parede de trás do prédio. Espiou pelo canto. Ali estava o furgão, bem na hora, indo para o estádio. O motorista diminuiu a marcha enquanto se aproximava da curva.

Vá.

Quando o veículo chegou ao topo da rampa, Alicia estava apenas seis metros atrás. A porta, subindo puxada por correntes barulhentas, ia chegando ao ponto mais alto. Com um salto rápido ela se catapultou pelo ar, pousando no teto do furgão e deitando-se com o rosto grudado, meio segundo antes de passar sob a porta.

Parabenizou-se por um momento. Por todos os voadores, ela era *boa*.

Mas só por um momento. Já estava sentindo aquilo, sentindo-*os*. O arrepio familiar demais na pele e, bem no fundo do crânio, um murmúrio aquoso, como a carícia de ondas numa praia distante. O furgão, em velocidade reduzida, estava se movendo por um túnel. Adiante ela viu uma segunda porta. Enquanto se aproximavam, o motorista buzinou. Com o som ecoando de modo ensurdecedor, a porta se ergueu para deixá-los passar. Mais três segundos: o furgão parou.

Estavam num amplo espaço aberto, com 15 metros de lado. O teto era um labirinto de tubos. Espiando por cima do para-brisa, Alicia contou sete homens. Cinco estavam armados com fuzis; os outros dois usavam mochilas pesadas, com camisetas e longas varas de aço. Na extremidade oposta do salão havia uma terceira porta, diferente das outras: uma pesada estrutura de aço com grossas barras transversais.

Um dos homens, segurando uma prancheta, veio até o furgão. Ela se grudou no teto o mais completamente que pôde.

– Onde você esteve?

– Que papo é esse? Cheguei na hora certa.

– Não chegou, não. Quantos você trouxe?

– Os de sempre.

– É para fazer em grupo?

– Como é que eu vou saber? O que diz a ordem?

Um folhear de papéis.

– Bom, não diz – respondeu o segundo homem depois de um momento. – Em grupo, acho. Eles precisam do exercício.

– O bolo de apostas ainda está aberto?

– Se você quiser.

– Sete segundos.

– Sacana apostou no sete. Você vai ter de escolher outro.

– Seis, então. – A porta do motorista se entreabriu e Alicia ouviu os pés dele batendo no chão de concreto. – Gosto mais das vacas. Demora mais.

– Você é um desgraçado doente, sabia?

Houve uma pausa.

– Mas está certo. É bem maneiro. – Ele direcionou a voz para longe do furgão. – Certo, pessoal, hora do show! Vamos diminuir as luzes!

Com um barulho surdo as luzes se apagaram, substituídas por um brilho azul-crepúsculo que emanava de bulbos em forma de gaiolas no teto. Todos os homens estavam se afastando da porta na outra extremidade do salão. Não poderia haver dúvida do que havia do outro lado – Alicia podia sentir nos ossos. Com um ranger de engrenagens, um portão metálico começou a descer do teto, depois

parou sacudindo. Os homens com as mochilas haviam se posicionado no lado mais próximo do portão, com pequenas chamas dançando nas pontas das varas. O motorista foi até a traseira do furgão e a abriu.

– Saiam, vocês aí.

– Por favor – implorou uma voz de homem. – Não precisa fazer isso. Você não é igual a eles!

– Tudo bem, não é o que você está pensando. Seja um bom sujeito agora.

Desta vez foi uma mulher:

– Nós não fizemos nada! Eu só tenho 38 anos!

– Verdade? Eu poderia jurar que você é mais velha.

O estalo de um revólver sendo engatilhado.

– Todos vocês, andem.

Um a um foram tirados do furgão, seis homens e quatro mulheres, algemados pelos pulsos e tornozelos. Estavam soluçando, implorando pela vida. Alguns mal conseguiam ficar de pé. Enquanto dois homens mantinham os fuzis apontados, o motorista andava no meio deles com um molho de chaves, abrindo as correntes.

– Por que está soltando as algemas? – perguntou outro guarda.

– Por favor, não faça isso! – gritou uma mulher. – Estou implorando! Por favor!

Eu tenho filhos!

O motorista deu um tapa com as costas da mão no homem que havia falado antes, fazendo-o cair de joelhos.

– Eu não mandei calar a boca? – E depois, levantando um par de algemas: – Você vai querer limpar essas coisas depois? Eu não vou.

– Tem razão.

Não entre em contato com os habitantes, disse Alicia a si mesma. *Não entre em contato com os habitantes. Não entre em contato com os habitantes.*

– Sacana – gritou o motorista. – Estamos prontos aí?

Um homem de aparência porcina estava parado de lado junto a uma espécie de painel de controle. Ele moveu uma alavanca e o portão deu um leve tremor.

– Espere um segundo, está emperrado.

Não entre em contato, não entre em contato, não entre em contato...

– Pronto, está resolvido.

Para o diabo.

Alicia rolou do teto e se viu cara a cara com o motorista.

– Como vai?

– Filha da... puta?

Ela sacou a faca e cravou-a entre as costelas dele. Com um exalar agudo o sujeito cambaleou para trás.

– Todos vocês – gritou Alicia. – Deitados no chão!

Alicia tirou a Browning do coldre e avançou, a arma aninhada nas mãos, disparando metodicamente. Os guardas pareciam atordoados demais para reagir.Um a um ela começou a acertá-los, provocando jorros de sangue cor de ferrugem. Na cabeça. No coração. Na cabeça de novo. Atrás dela os prisioneiros haviam irrompido numa torrente de gritos loucos. Sua mente estava concentrada, límpida como vidro. O ar estava cheio de uma doce intoxicação de sangue. Ela os derrubava, os acendia como relâmpagos. Nove balas no pente: acabaria com eles deixando uma de sobra.

Foi um dos homens com os lança-chamas que a pegou. Ainda que certamente não pretendesse. No instante em que Alicia puxou o gatilho ele estava tentando se proteger – um gesto instintivo, abaixar a cabeça e dar as costas para ela.

QUARENTA E CINCO

– Documentos.

Forçando os dedos a parar de tremer, Sara estendeu o passe falsificado para a guarda. Seu coração martelava com tanta força contra as costelas que era um espanto a mulher não ouvir. Ela o arrancou da sua mão e olhou rapidamente, subindo o olhar para o rosto de Sara antes de examiná-lo uma última vez e empurrá-lo de volta sem expressão.

– Próximo!

Sara passou pela porta giratória feita de tela de arame. Um último ato: assim que chegasse ao outro lado, estaria sozinha. Adiante havia um corredor cercado, como num matadouro. Uma coluna de trabalhadores arrastava os pés: faxineiros, ajudantes de cozinha, mecânicos. Os colas montavam guarda dos dois lados do corredor, segurando cães que rosnavam em correntes e gargalhando sempre que algum dos planicianos se encolhia de medo. Bolsas eram examinadas, todo mundo era revistado. Puxando o xale em volta da cabeça, Sara manteve os olhos baixos. O verdadeiro perigo era ser vista por alguém que a conhecesse – alguém da planície, um cola, não importava. Só quando estivesse usando um véu de atendente estaria segura no anonimato.

Não sabia como Eustace conseguira colocá-la na Cúpula. *Nós estamos em toda parte*, foi só o que ele quis revelar. Assim que ela estivesse dentro, seu novo controlador faria contato. Ela não saberia antecipadamente quem ele era. Uma troca de senhas e observações comuns com sentido oculto estabeleceriam as identidades. Ela subiu o morro, tentando ficar invisível com os olhos fixos no chão, mas, pensando bem, deveria fazer isso? Não seria mais natural olhar em volta? Até o ar parecia diferente ali – mais limpo, mas de um modo carregado, zumbindo de perigo. Na periferia da visão abaixada detectou uma presença maciça do pessoal do RH, movendo-se em duplas e trios. Provavelmente haviam aumentado a segurança por

causa do carro-bomba, mas quem poderia saber? Talvez fosse sempre assim.

A Cúpula era cercada por uma barricada de concreto. Ela mostrou o passe na guarita e subiu a ampla escadaria que levava à entrada, um par de portas enormes numa moldura de bronze. Na soleira respirou fundo. Aí vai, pensou.

A porta dupla se abriu, forçando-a a se desviar para o lado. Dois olhos-vermelhos passaram rapidamente, as golas dos ternos viradas para cima por causa do frio, pastas de couro balançando nas mãos. Ela pensou que havia escapado à percepção deles quando o da esquerda parou no degrau de cima e se virou para olhá-la.

– Olhe por onde anda, planiciana.

Ela estava olhando para o chão, fazendo qualquer coisa para evitar os olhos deles. Mesmo por trás das lentes escuras eles tinham a capacidade de fazer suas entranhas se revirarem.

– Desculpe, senhor. Eu errei.

– Olhe para mim quando eu estiver falando.

Parecia uma armadilha.

– Não quis ofender – murmurou Sara. – Eu tenho um passe. – Ela o estendeu.

– Eu mandei *olhar para mim*.

Contra todos os instintos de autopreservação, Sara levantou o rosto devagar. Por um momento frágil o olho-vermelho a avaliou por trás do escudo inescrutável dos óculos, sem fazer qualquer menção de pegar o passe. As atenções do segundo pareciam fixadas em outro local; ele estava meramente esperando o colega durante aquela interrupção no dia. Havia algo nitidamente infantil neles, pensou Sara. Com seus rostos macios e sem manchas e os corpos jovens e esguios, pareciam crianças crescidas brincando de usar fantasia. Para eles tudo era um jogo.

– Quando um de nós diz a um de vocês para fazer uma coisa, vocês fazem.

O outro encheu as bochechas de ar, impaciente.

– Que diabos está acontecendo com você hoje? Ela não é ninguém. Podemos ir, por favor?

– Só quando eu terminar aqui. – Depois, para Sara: – Fui claro?

O sangue dela parecia gelo nas veias. Teve de reunir muita coragem para não desviar o olhar. Aqueles olhos demoníacos. Aquele risinho de valentão de escola.

– Sim, senhor – gaguejou ela. – Completamente.

– Diga: o que você faz?

– Faço?

Um sorriso rápido, como um gato com um camundongo nas patas.

– É, o que você faz. Qual é o seu trabalho.

Ela deu de ombros, obsequiosamente.

– Só faço faxina, senhor. – Como ele não respondeu, acrescentou: – Vou ser atendente.

O olho-vermelho a examinou por mais um instante, como se decidisse se aquela era uma resposta satisfatória ou não.

– Bom, aqui vai um pequeno aviso, planiciana. Quando passar por esta porta, é melhor prestar atenção no que faz. Não é preciso muita coisa.

– Farei isso, senhor. Obrigada, senhor.

– Agora vá trabalhar, porra.

Sara esperou que eles terminassem de descer antes de se permitir relaxar o corpo. *Por todos os voadores*, pensou. *Pelo amor de Deus, controle-se. Você vai entrar num prédio cheio dessas coisas.*

Juntou coragem e abriu a porta.

Foi instantaneamente dominada por uma sensação de expansividade, a noção de tamanho distorcida pela vastidão vertical do espaço. Nunca tinha visto nenhum lugar assim: o piso de mármore reluzente, as fileiras de galerias no alto, as enormes escadas curvas, o teto erguendo-se lá em cima. Uma luz do sol reduzida vinha das altas janelas com cortinas na Cúpula, criando um crepúsculo interior. Tudo parecia ao mesmo tempo ruidoso e silencioso, com o mínimo som reverberando antes de ser absorvido pelo vazio. Colas estavam parados na periferia do salão e a intervalos regulares na escada, trabalhadores de vários tipos iam de um lado para outro. Uma fila com 10 trabalhadores esperava junto ao balcão de triagem no meio do salão. Ela assumiu o lugar atrás de um homem que tinha um saco de ferramentas no ombro. O desejo de olhar para além dele e ver o que havia era intenso, mas não era algo

a que ela cederia. A fila avançava após cada passe ser carimbado. Ela era a quinta, depois a terceira, depois a segunda. O homem com o saco de ferramentas ficou de lado, revelando a figura sentada atrás da mesa.

Era Vale.

O coração de Sara saltou, cheio de adrenalina. Não podia se mexer, não podia respirar. Tudo havia acabado antes mesmo do início. Suas ordens eram claras: ela não poderia ser tomada viva. Nina não havia poupado nada ao descrever exatamente o que os olhos-vermelhos fariam com ela. *Não será parecido com nada que você já experimentou. Você vai implorar que eles a matem. Você não pode hesitar.* O que ela poderia fazer? Deveria simplesmente sair correndo e rezar para lhe darem um tiro?

– Está se sentindo bem, moça?

Vale a estava olhando cheio de expectativa, estendendo a mão para receber seu passe.

– O que o senhor disse?

– Você... está... se sentindo... bem?

Ela sentiu como se tivesse sido puxada da beira de um penhasco. Lutou para encontrar a resposta certa.

– Só estou meio nervosa.

Se Vale ficou surpreso ao vê-la, o rosto não traiu nada. Vale era simplesmente um ator melhor do que ela. Em todos aqueles anos que Sara o conhecia, nunca havia detectado nada.

– A Cúpula pode causar um pouco de medo na primeira vez. Você deve ser a garota nova, Dani. Correto?

Ela assentiu. Agora seu nome era Dani. E não Sara.

– Mostre a etiqueta, por favor.

Ela puxou a manga para cima e estendeu o braço. Eustace, usando alguém do departamento de registros, havia arranjado para que o número de Sara fosse designado para sua nova identidade fictícia. Vale fingiu rapidamente compará-la com seus papéis.

– Parece que você deve se apresentar ao subdiretor Wilkes. – Ele fez um gesto para outro cola ocupar seu lugar à mesa. – Venha comigo.

Sara não conhecia o nome. Mas um subdiretor tinha de ser alguém importante, membro da chefia. Vale a acompanhou por um corredor curto até um elevador com portas de metal reflexivo. Ficaram parados em silêncio, ambos olhando à frente enquanto esperavam a chegada.

– Entre, por favor.

Entrando atrás dela, Vale apertou o botão do sexto andar. O elevador começou a subir. Ele continuou sem olhá-la. Ela imaginou se ele diria alguma coisa. Então, enquanto passavam pelo quarto andar, ele estendeu de novo a mão para o painel e apertou um botão. O elevador parou abruptamente.

– Só temos um segundo – disse Vale com rapidez. – Você foi designada para a mulher, Lila. Isso é melhor do que qualquer coisa que poderíamos esperar.

– Quem é Lila?

– É ela que controla os virais. É um alvo importante. É muito bem vigiada e quase nunca sai dos aposentos.

A mente de Sara estava disparando para decodificar cada palavra que ele dizia.

– O que eu devo fazer?

– Por enquanto, só vigie. Tente ganhar a confiança dela. Você e eu não teremos mais contato direto. Qualquer mensagem será mandada pela empregada que serve suas refeições. Se a colher na sua bandeja estiver de cabeça para baixo, há um bilhete embaixo do prato. Mande qualquer mensagem do mesmo modo, mas só faça isso numa emergência. Entendeu?

Sara assentiu.

– Eu sempre gostei de você, Sara. Gostaria de pensar que fiz o que pude para protegê-la. Mas nada disso importa agora. Se os olhos-vermelhos descobrirem quem você é, não poderei ajudá-la. – Ele enfiou os dedos embaixo do cós da calça, pegou um pequeno quadrado de papel-alumínio e apertou na mão dela. – Sempre mantenha isso escondido com você. Há um mata-borrão dentro. Está encharcado com a mesma substância que Nina usou para fazer você apagar, mas numa concentração muito mais alta. Ponha embaixo da

língua. Só vai demorar uns segundos. Acredite, é melhor do que ir para o porão.

Sara enfiou o envelope no bolso da calça. Agora a morte estava com ela. Só esperava ter coragem.

A mão de Vale estava no botão.

– Pronta?

Com um tremor, o elevador voltou a subir, depois desacelerou enquanto eles se aproximavam do destino. Retornando ao personagem, Vale havia posto a mão no braço dela, segurando-o logo acima do cotovelo. A porta se abriu deslizando e revelou um cola atarracado, com dentes escuros, olhando-os irritado com as mãos no quadril.

– Que diabos está acontecendo com esse elevador? – perguntou o cola. Depois, localizando Sara com os olhos: – O que ela está fazendo aqui em cima?

– Nova atendente. Vou levá-la ao Wilkes.

O cola a examinou de cima a baixo. Suas sobrancelhas balançaram sugestivamente.

– Uma pena. Ela é interessante.

Vale a guiou por outro corredor ladeado por pesadas portas de madeira. Ao lado de cada uma, ao nível dos olhos, havia uma placa de latão com um nome e um título, alguns dos quais Sara se lembrava de ter visto em avisos colados na planície. – “Aidan Hoppel, ministro da Propaganda”, “Clay Anderson, ministro de Obras Públicas”, “Daryl Chee, ministro de Recuperação de Recursos Materiais”, “Vikran Suresh, ministro da Saúde Pública”. Chegaram à última porta: “Frederick Wilkes, chefe do estado-maior e subdiretor da Pátria”.

– Entre.

O ocupante da sala estava curvado para a frente sobre uma pilha de papéis na mesa, rabiscando com uma caneta-tinteiro. Uma fraca luz de inverno se filtrava pelas janelas com cortinas fechadas atrás dele. Um momento passou, depois ele levantou os olhos.

– Dani, não é?

Sara assentiu.

O olho-vermelho se virou para Vale.

– Espere lá fora, por favor.

A porta se fechou com um estalo. Wilkes se lançou para trás na poltrona. Um ar de cansaço parecia irradiar dele. Tirou um pedaço de papel da pilha e o olhou.

– A leiteria da fazenda. Era lá que você trabalhava?

– Sim, subdiretor.

– E não tem família?

– Não, subdiretor.

Wilkes voltou a atenção para o papel na mesa.

– Bom, parece que é o seu dia de sorte, minha jovem. Você será acompanhante de Lila. Esse nome significa alguma coisa para você?

Sara balançou a cabeça humildemente.

– Ouviu boatos, talvez? Não temos ilusões: a segurança nem sempre é o que poderia ser. Pode dizer se ouviu.

Com um esforço monumental ela se obrigou a encará-lo nos olhos.

– Não, não ouvi nada.

Wilkes deixou passar um momento antes de prosseguir:

– Bom, basta dizer que Lila é especial. O serviço é bem simples. Basicamente fazer tudo o que ela pedir. Você descobrirá que ela pode ser... como vou dizer? Imprevisível. Algumas coisas que ela pedir vão parecer estranhas. Acha que está em condições de fazer isso?

Sara assentiu rigidamente.

– Sim, senhor.

– A única coisa que você precisa fazer é garantir que ela coma. Para isso é necessário um pouco de estímulo. Ela pode ser extremamente teimosa.

– Pode contar comigo, subdiretor.

Ele se recostou na poltrona de novo, cruzando as mãos no colo.

– Você descobrirá que a vida na Cúpula é muito mais confortável do que na planície. Três refeições por dia. Água quente para tomar banho. Muito pouco será pedido de você além das tarefas que descrevi. Se fizer um bom trabalho, não há motivo para não desfrutar essas benesses durante os próximos anos. Uma última coisa. Como você é com crianças?

Ela ficou pasma.

– Crianças, senhor?

– Sim. Gosta delas? Se dá bem com elas? Pessoalmente, penso que são bastante cansativas.

Sara sentiu uma pontada familiar.

– Sim, subdiretor. Gosto bastante delas.

Esperou mais alguma explicação de Wilkes, mas evidentemente não haveria nenhuma. Ele a inspecionou durante mais alguns segundos, do outro lado da mesa, depois pegou o telefone.

– Diga a eles que estamos indo.

Cerca de uma hora depois Sara se viu usando um manto de atendente, parada na soleira de um cômodo decorado de modo tão suntuoso que o volume de detalhes era difícil de ser absorvido. Cortinas pesadas cobriam as janelas e as únicas fontes de luz eram vários candelabros grandes de prata posicionados ao redor do ambiente. Gradualmente a cena entrou em foco. O simples volume da mobília e dos bricabraques fazia aquilo parecer mais um depósito de objetos variados do que um lugar onde alguém vivia. Um sofá volumoso coberto com gordas almofadas com borlas e um par de poltronas igualmente fofas ficavam de um lado, virados para uma mesa baixa e quadrada, de madeira polida, com a superfície cheia de livros. Mais almofadas de várias cores estavam espalhadas no chão, oculto por um tapete com estamparia ornamentada. As paredes eram cobertas por quadros a óleo com pesadas molduras douradas – paisagens, pinturas de cavalos e cães, além de muitos retratos de mulheres com os filhos usando roupas curiosas, imagens que possuíam uma perturbadora semirrealidade. Uma em particular atraiu a atenção de Sara: uma mulher de vestido azul e chapéu laranja, sentada num jardim, segurando a mão de uma menininha. Aproximou-se para olhar mais de perto. Uma pequena placa na parte de baixo da moldura dizia: Pierre-Auguste Renoir. *No terraço*, 1881.

– Aí está você. Já era hora de mandarem alguém.

Sara girou. Uma mulher estava parada junto à porta do quarto com os braços cruzados diante do peito. Era ao mesmo tempo mais e menos do que a imagem que Sara havia montado a partir das coisas ditas por Vale e Wilkes. A pessoa que tinha visualizado era no

mínimo uma presença substancial, mas a figura diante dela parecia bastante frágil. Teria talvez uns 60 anos. Rugas sulcavam o rosto, demarcando fronteiras entre as várias regiões, crescentes de pele pendendo como redes embaixo dos olhos aquosos. Os lábios eram tão pálidos que praticamente não existiam, como lábios fantasmas. Usava um manto reluzente de algum tecido fino e brilhante, com uma toalha grossa envolvendo a cabeça como um turbante.

– *Hablas inglés?*

Sara ficou olhando como uma idiota, incapaz de formular uma resposta àquela pergunta incompreensível.

– Você... fala... meu idioma?

– Sim – declarou Sara. – Falo.

A mulher levou um pequeno susto.

– Ah. Então fala. Devo dizer que é uma novidade. Quantas vezes pedi à agência para mandar alguém que falasse ao menos um pouquinho de inglês? Nem quero dizer. – Ela fez um gesto distraído com as mãos. – Desculpe, qual é o seu nome mesmo?

Não importava que ela ainda não tivesse dito.

– É Dani.

– Dani – repetiu a mulher. – De onde você é, exatamente?

A resposta mais genérica parecia a mais sensata.

– Sou daqui.

– Claro que você é *daqui*. Quero dizer, *originalmente.* Sua tribo. Seu povo. Seu clã. – Outro gesto agitado com as mãos. – Você sabe: *su familia*.

A cada fala Sara sentia que era puxada mais para o fundo da areia movediça da estranheza daquela mulher. Mas algo nela era quase fascinante. A mulher parecia desamparada, como um passarinho piando numa gaiola.

– Na verdade sou da Califórnia.

– Ah. Agora estamos chegando a algum lugar. – Uma pausa, e depois, com uma expressão de quem finalmente entendia: – Ah, *sei*. Você está estudando. Por que não disse logo?

– Senhora?

– Por favor – chilreou ela –, me chame de Lila. E não seja tão modesta. O que você está fazendo é uma coisa admirável. Uma

grande demonstração de caráter. Claro, isso não significa que eu vá lhe pagar mais do que às outras garotas. Deixei isso claro com a agência. Catorze por hora, é pegar ou largar.

Catorze o quê?, pensou Sara.

– Catorze está ótimo.

– E, claro, o seguro social. Vamos pagar isso. David é muito meticuloso com essas coisas. Ele é o que você chamaria de "apegado às regras". Um bom e velho baluarte da retidão. Não podemos oferecer plano de saúde, infelizmente, mas tenho certeza de que você consegue isso na sua faculdade. – Ela sorriu de modo encorajador. – Então, estamos combinadas?

Sara assentiu, completamente perplexa.

– Excelente, Dani – continuou Lila, deslizando vaporosamente pelo salão. – Você chegou na hora certa. Na verdade, no instante certo. Ela havia tirado uma caixa de fósforos do vestido e estava acendendo um candelabro grande perto da penteadeira. – Por que não coloca isso ali?

Ela estava falando da bandeja que Wilkes lhe dera. Em cima havia um frasco de metal e uma taça. Sara colocou a bandeja na mesa que a mulher havia indicado, perto de um armário elaboradamente esculpido cheio de echarpes penduradas. Lila havia se posicionado diante de um espelho de corpo inteiro, virando os ombros para um lado e para outro, examinando o próprio reflexo.

– Então, o que acha?

– Perdão?

Ela pôs uma das mãos na barriga e apertou enquanto enchia o peito de ar.

– Essa dieta medonha. Acho que nunca fiquei tão esfomeada na vida. Mas na verdade parece estar dando resultado. O que acha, Dani? Posso perder mais dois quilos? Pode ser honesta.

Parada de perfil, a mulher não passava de pele e ossos.

– A senhora parece ótima – disse com gentileza. – Eu não perderia mais nada.

– Verdade? Porque, quando olho neste espelho, o que penso é: Quem é essa baleia? Esse balão? *Ah, meu Deus, a humanidade.* É isso que estou pensando.

Sara se lembrou das ordens de Wilkes.

– Acho que na verdade a senhora deveria comer.

– É o que me dizem. Acredite, já ouvi *isso* antes. – Ela pôs as mãos no quadril, franziu o cenho e baixou a voz um pouco. – Lila, você está magra demais. Lila, você tem de colocar um pouco de carne nesses ossos. Lila isso, Lila aquilo. Blá-blá-blá. – Em seguida seus olhos se arregalaram com pânico súbito. – Ah, minha nossa, que horas são?

– Acho que... cerca de meio-dia?

– Nossa! – A mulher começou a andar rapidamente pela sala, pegando vários pertences e pondo de volta de modo aparentemente arbitrário. – Não fique aí parada – implorou, pegando uma pilha de livros e colocando numa estante.

– O que a senhora gostaria que eu fizesse?

– Só... não sei. *Qualquer coisa*. Tome... – Ela encheu a mão de Sara com almofadas. – Ponha isso ali, por favor. No não-sei-das-quantas.

– Ah... quer dizer, no sofá?

– Claro que quero dizer no sofá!

E de um instante para outro uma luz pareceu se acender no rosto da mulher. Uma luz maravilhosa, feliz, brilhante. Ela estava olhando para a porta, por cima do ombro de Sara.

– Querida!

Em seguida se agachou enquanto uma menininha, uma garota com vestidinho simples, cachos louros balançando, passou rapidamente por Sara e foi até os braços estendidos da mulher.

– Meu anjo! Meu doce!

A criança, que estava segurando um pedaço de papel colorido, apontou para a cabeça da mulher coberta pelo turbante.

– Tomou banho, mamãe?

– Ora, tomei! Você sabe como mamãe gosta de tomar banho. Como você é uma menininha esperta! Então diga – continuou –, como foram as aulas? Jenny leu para você?

– Nós lemos o livro do Coelho Peter.

– Maravilhoso! – A mulher riu de orelha a orelha. – Foi engraçado? Você gostou? Tenho certeza de que já contei como eu adorava o

Coelho Peter quando tinha a sua idade. – Ela voltou a atenção para o papel. – E o que temos aqui?

A menininha o exibiu.

– É uma pintura.

Lila a estudou por um momento.

– Sou eu? É uma pintura de nós duas?

– São passarinhos. Esta se chama Martha, o outro é Bill. Estão fazendo um ninho.

Houve um pequeno desapontamento, depois ela sorriu de novo.

– Ora, claro que estão. Qualquer um pode ver. Está tão na cara quanto esse seu narizinho bonito.

E a coisa continuou assim. Sara mal conseguia absorver aquilo. Uma sensação intensa e nova a havia dominado, um sentimento de alarme biológico. Algo profundo e atávico, como o peso e o movimento de um maremoto, acompanhado por um afunilamento dos sentidos para a nuca da cabeça loura da menininha. Aqueles cachos. As dimensões precisas e singulares que o corpo da menininha ocupava no espaço. Sara já sabia, mesmo sem saber, um fato que ela também sabia e o paradoxo criava uma espécie de corredor dentro dela, como imagens refletidas infinitamente em dois espelhos virados um para o outro.

– Mas que coisa horrível da minha parte – estava dizendo Lila, com a voz num distanciamento impossível da realidade, uma transmissão de um planeta longínquo. – Esqueci totalmente meus bons modos. Eva, preciso apresentar uma pessoa a você. Esta é nossa nova amiga... – Ela parou, com um branco.

– Dani – conseguiu dizer Sara.

– Nossa maravilhosa nova amiga Dani. Eva, diga como vai.

A criança se virou. O tempo desmoronou enquanto Sara olhava o rosto dela. Um singular amálgama de formas e feições que era único em todo o Universo. Não havia dúvida na mente de Sara.

A menininha lhe lançou um reluzente sorriso de lábios fechados.

– Como vai, Dani?

Sara estava olhando para sua filha.

Mas no segundo posterior uma coisa mudou. Uma sombra caiu, uma presença sombria baixando. Aquilo puxou Sara bruscamente de volta para o mundo.

– Lila.

Sara se virou. Ele estava parado atrás dela. Seu rosto era de homem, comum, um dos milhares parecidos, mas dele irradiava uma força invisível de ameaça tão inconfundível quanto a gravidade. Olhá-lo era sentir-se mergulhando.

Ele olhou nos olhos de Sara com desprezo, rasgando-a completamente.

– Sabe quem eu sou?

Sara engoliu em seco. Sua garganta estava tensa como um junco. Pela primeira vez sua mente saltou para o embrulhinho de papel-alumínio escondido nas dobras de sua roupa. Não seria a última.

– Sim, senhor. O senhor é o diretor Guilder.

A boca dele se curvou para baixo com nojo.

– Ponha seu véu, pelo amor de Deus. Só de vê-la fico enjoado.

Ela obedeceu, com os dedos trêmulos. Agora a sombra se tornara uma sombra literalmente, as feições dele se turvando misericordiosamente atrás do tecido, como numa névoa. Guilder passou por ela e foi até onde Lila estava agachada com a filha de Sara. Se a presença dele significava algo para a menininha, Sara não podia ver, mas com Lila era outra coisa. Cada parte dela se retesou perceptivelmente. Segurando a criança diante do corpo, como um escudo, levantou-se.

– David...

– Pare com isso. – O olhar dele percorreu a silhueta de Lila de um modo desagradável. – Você está horrorosa, sabia? – Depois, virando-se para encarar Sara outra vez. – Onde está?

Ela percebeu que ele estava falando da bandeja.

– Traga aqui.

De algum modo as mãos dela conseguiram fazer isso.

– Livre-se delas – disse Guilder a Lila.

– Eva, querida, vá dar um passeio lá fora com a Dani, está bem? – Ela olhou rapidamente para Sara, com os olhos implorando. – Está fazendo um dia lindo. Um pouco de ar puro, o que acha?

– Quero que *você* me leve – protestou a menina. – Você *nunca* vai lá fora.

A voz de Lila saiu como uma canção que ela fosse obrigada a cantar: – Eu sei, querida, mas você sabe como a mamãe é sensível ao sol. E a mamãe precisa tomar o remédio agora. Você sabe como a mamãe fica quando toma o remédio.

Relutante, a menina obedeceu. Afastando-se de Lila, foi até onde Sara estava, perto da porta.

Como um milagre excruciante, ela segurou a mão de Sara.

Carne encontrando carne. A insuportável pequenez corpórea daquilo, seu poder discreto, sua infusão de memória. Todos os sentidos de Sara se moldaram ao redor da sensação exótica da mão minúscula da filha junto à sua. Era a primeira vez que os corpos das duas se tocavam desde que uma estivera dentro da outra, mas agora era o oposto: Sara é que estava dentro.

– Vão logo, vocês duas – grasnou Lila. E fez um gesto de sofrimento absoluto na direção da porta. – Divirtam-se.

Sem uma palavra, Kate – Eva – levou Sara para fora da sala. Sara estava flutuando, pesava um milhão de quilos. Eva, pensou. Preciso me lembrar de chamá-la de Eva. Um corredor curto e em seguida um lance de escada. Uma porta dupla, embaixo, levava a um pequeno quintal cercado, com uma gangorra e um balanço cheio de ferrugem. O céu olhava para baixo com uma luz solene, carregado de neve.

– Venha – disse a menina. E saiu correndo.

Sentou-se num balanço. Sara ocupou o lugar atrás dela.

– Empurre.

Sara puxou as correntes para trás, subitamente nervosa. Quanto era seguro empurrar? Aquela coisa preciosa e amada. Essa pessoa sagrada, milagrosa. Certamente um metro era mais do que suficiente. Soltou as correntes, a menina balançou para longe, sacudindo vigorosamente as pernas.

– Mais alto – ordenou.

– Tem certeza?

– Mais alto, mais alto!

Cada sensação era um rasgo. Uma gravura indolor no coração. Sara segurou a filha pela cintura e a empurrou para longe. Ela subiu

no ar de dezembro. A cada arco seu cabelo balançava para trás, enchendo o ar com o cheiro doce de sua pessoa. A menina balançava em silêncio: sua felicidade era ligada à pura realização do ato em si. Uma menininha balançando-se no inverno.

Minha querida Kate, pensou Sara. *Meu neném, minha filha única.* Empurrou e empurrou de novo. A menina voou para longe, sempre voltando às suas mãos. *Eu sabia, eu sabia, eu sempre soube. Você é uma brasa de vida que eu soprei em mil noites. Eu nunca poderia deixar que você morresse.*

QUARENTA E SEIS

Houston.

A cidade liquefeita, afogada pelo mar. O grande atoleiro urbano, sem nada de pé além do núcleo de arranha-céus. Furacões, chuvas tropicais torrenciais, o deslizar incontrolado das águas de um continente buscando a fuga definitiva para o golfo: durante 100 anos as marés tinham vindo e ido, enchendo as terras baixas, escavando pântanos sujos e deltas contaminados, apagando tudo.

Estavam a 15 quilômetros. Os últimos dias de viagem tinham sido uma espécie de jogo de amarelinha, procurando lugares secos e trechos de estradas transitáveis, abrindo caminho em meio à vegetação densa, espinhosa e infestada de insetos. Nesses lugares a natureza desvelava seu verdadeiro objetivo malévolo: tudo ali queria espetar, sufocar, picar. O ar estalava com seu peso saturado e o miasma de podridão. As árvores, nodosas como mãos que agarravam, pareciam algo vindo totalmente de outra era. Pareciam algo definitivamente criado. Quem inventaria árvores assim?

A escuridão chegou com uma diminuição da luz artificialmente amarelada. A viagem havia se compactado até um arrastar-se. Até Amy tinha começado a mostrar suas dificuldades. Os sinais de doença não haviam diminuído, pelo contrário: quando ela achava que Greer não estava olhando, ele a pegava apertando as mãos na barriga, exalando lentamente de dor. Passaram a noite no andar de cima de uma casa que parecia ultrajante em sua opulência arruinada: lustres pingando, cômodos do tamanho de auditórios, tudo isso coberto por um mofo preto, soltando gás. Uma linha marrom, um metro acima do piso de mármore, circunscrevia as paredes no ponto onde as águas das enchentes haviam chegado. No quarto enorme onde se abrigaram, Greer abriu as janelas para limpar o ar do fedor de amônia. Abaixo dele, no pátio sufocado por trepadeiras, havia uma piscina cheia de gosma.

Durante toda a noite Greer pôde ouvir os patetas movendo-se nas árvores lá fora. Pulavam de galho em galho, como grandes macacos.

Ouvia-os agitando a folhagem, seguidos pelos gritos agudos de ratos, esquilos e outras pequenas criaturas que encontravam o fim. Apesar da exigência de Amy, ele cochilou intermitentemente, com a pistola na mão. *Apenas se lembre. Carter está conosco.* Greer rezava para que isso fosse verdade.

Amy não estava melhor de manhã.

– Nós deveríamos esperar – disse ele.

Simplesmente ficar de pé parecia exigir todo o esforço que ela conseguia juntar. Amy não se esforçava para esconder o desconforto, apertando a barriga, com o corpo dobrado pela dor. Ele podia ver os espasmos que estremeciam o abdômen dela enquanto as cólicas a atravessavam.

– Vamos – foi o que ela disse, com os dentes trincados.

Continuaram indo para o leste. Diante deles os arranha-céus do centro haviam emergido em suas particularidades. Alguns tinham desmoronado, com o solo argiloso se expandindo e contraindo com o passar dos anos até pulverizar os alicerces. Outros se reclinavam sobre os vizinhos como bêbados cambaleando do bar para casa. Amy e Greer seguiram por uma pequena língua de terra no meio do pântano cheio de mato. O sol ia alto e luminoso. Destroços trazidos pelo mar tinham começado a aparecer: barcos e pedaços de barcos, caídos de lado nos baixios como num desmaio de exaustão. Quando chegaram ao local onde a terra acabava, Greer apeou, pegou o binóculo na bolsa da sela e apontou para as águas manchadas. Lá adiante, encostado num arranha-céu, estava um navio enorme, encalhado. A popa se erguia impossivelmente alta, hélices enormes visíveis acima da linha-d'água. Nela estava escrito o nome da embarcação, pingando ferrugem: Chevron Mariner.

– É onde vamos encontrá-lo – disse Amy.

Não havia caminho seco até lá. Teriam de arranjar um barco. A sorte os ajudou. Depois de retornar 400 metros, descobriram um bote de alumínio emborcado no mato. O fundo parecia em bom estado, com os rebites firmes. Greer o arrastou até a beira da laguna e o pôs na água. Como o barco não afundou, ele ajudou Amy a descer de sua montaria.

– E os cavalos? – perguntou a ela.

O rosto dela era uma máscara de dor mal controlada.

– Acho que devemos voltar antes do anoitecer.

Ele estabilizou o bote enquanto Amy subia, depois sentou no banco do meio. Uma tábua chata serviu como remo. Sentada na popa, Amy fora reduzida a carga. Seus olhos estavam fechados, as mãos envolvendo a cintura, suor brotava da testa. Ela não emitia nenhum som, mas Greer suspeitava que o silêncio fosse por causa dele. À medida que a distância diminuía, o navio se expandia até dimensões estarrecedoras. As laterais enferrujadas se erguiam dezenas de metros acima da laguna. Ele estava meio adernado e a água ao redor, cheia de óleo, era densa. Greer remou até o saguão do prédio adjacente e parou ao lado de um conjunto de escadas rolantes imóveis.

– Lucius, acho que vou precisar da sua ajuda.

Ele a ajudou a sair do barco e subir a escada, apoiando-a pela cintura. Os dois chegaram a um átrio com mais elevadores e paredes de vidro escurecido.

“Centro Allen 1”, dizia uma placa, com uma lista de escritórios embaixo. O esforço que teriam pela frente era grande: precisariam subir pelo menos 10 andares.

– Você consegue? – perguntou Greer.

Amy mordeu o lábio e assentiu.

Seguiram a placa que indicava a escada. Greer tirou um bastão de luz da mochila e o partiu no joelho. Segurou-a pela cintura de novo e começou a subir. O ar preso no poço da escada era venenoso por causa do mofo. A intervalos de alguns andares eram obrigados a sair para limpar os pulmões. No décimo primeiro andar pararam.

– Acho que a altura é suficiente – disse Greer.

Das janelas lacradas de um escritório forrado de livros olharam para o convés do petroleiro, encostado com força no prédio uns três metros abaixo. Era um salto fácil. Greer pegou a cadeira da escrivaninha, levantou-a acima da cabeça e jogou contra a janela, despedaçando-a numa cacofonia de vidro explodindo.

Virou-se para Amy.

Ela estava examinando a própria mão, segurando-a diante do rosto como se fosse uma taça. Um líquido vermelho-vivo enchia a

palma. Foi então que Greer notou a mancha na túnica. Mais sangue escorria pelas pernas.

– Amy...

Ela o encarou.

– Você está cansado.

Era como ser envolto em maciez infinita. Um sono que cobria tudo, o corpo inteiro.

– Ah, droga – disse ele, já apagado, e caiu no chão.

QUARENTA E SETE

Peter e os outros entraram em San Antonio pela autoestrada 90. Era o início da manhã. Tinham passado a primeira noite numa casa-forte nos subúrbios mais distantes da cidade, uma vastidão de casas desmoronadas e incendiadas, muitas parecendo totalmente lixadas. O cômodo ficava embaixo de uma delegacia de polícia, com uma rampa fortificada nos fundos. Não era uma casa-forte da Segurança Doméstica, explicou Hollis, era de Tifty. Era maior do que as casas-fortes que Peter tinha visto, mas não menos rústica: apenas um cômodo com camas e uma garagem onde uma picape de pneus grossos esperava, com latas de combustível na carroceria. Caixotes e armários militares de metal estavam empilhados ao longo das paredes. O que há nisso aí?, perguntou Michael, e Hollis disse, com uma sobrancelha levantada: – Não sei, Michael. O que você acha?

Partiram à primeira luz, sob um céu pesado, Hollis ao volante ao lado de Peter, Michael e Lore na carroceria da picape. Boa parte da cidade fora queimada nos dias da epidemia. Peter não sabia se havia sido um ato de guerra – consequência da declaração de independência do Texas – ou parte de um esforço generalizado para queimar os virais. Pouco restava da área central, a não ser um punhado dos prédios mais altos, que se mantinham com uma austeridade abandonada contra a paisagem de morros descorados, as fachadas chamuscadas indicando interiores enegrecidos e desmoronados onde um exército de patetas agora cochilava para passar o dia. “São só patetas”, diziam as pessoas, mas a verdade era a verdade: um pateta ainda era um viral.

Peter estava esperando que Hollis fizesse uma curva, os levasse para o norte ou o sul, mas em vez disso ele foi para o coração da cidade, deixando a autoestrada em troca de ruas estreitas. O caminho fora limpo, com carros e caminhões arrastados para as laterais da pista. Quando as sombras dos prédios engolfaram a picape, Hollis abriu a janela de trás da cabine.

– É melhor manterem as armas a postos – disse a Michael e Lore. – Vocês vão querer ficar atentos aqui.

– Olhos abertos, *hombre* – foi a resposta.

Peter olhava a destruição. As cidades sempre levavam os pensamentos para o que o mundo já fora. Prédios e casas, carros e ruas: tudo já estivera apinhado de pessoas que seguiam pela vida sem saber nada do futuro, que um dia a história iria parar.

Prosseguiram sem incidentes. A vegetação começou a comprimir a pista enquanto a distância entre as construções aumentava.

– Falta muito? – Peter perguntou a Hollis.

– Não se preocupe. Não é longe.

Dez minutos depois estavam passando junto de uma cerca. Hollis levou o veículo até o portão, tirou uma chave do porta-luvas da picape e saiu. Peter foi tomado por um sentimento do passado: era como se Hollis fosse o irmão de Peter, Theo, abrindo o portão da usina, tantos anos atrás.

– Onde estamos? – perguntou quando Hollis voltou à picape.

– No Forte Sam Houston.

– É uma base militar?

– É mais como um hospital do Exército – explicou Hollis. – Pelo menos era. Não acontecem muitos tratamentos médicos aí hoje em dia.

Continuaram. Prédios apareceram. Peter tinha a sensação de percorrer um pequeno povoado. Uma torre de relógio ficava na lateral de um retângulo que podia ter sido o centro da cidade. Afora alguns canhões cerimoniais, não viu nada que parecesse militar – nem caminhões ou tanques, nem plataformas de armas, nem qualquer tipo de fortificação. Hollis parou a picape diante de um prédio longo e baixo com teto plano. Uma placa acima da porta dizia: Parque Aquático.

– Aquático – disse Lore depois de todos desembarcarem. Estava franzindo os olhos, em dúvida, para a placa, com um fuzil equilibrado diante do peito numa postura de prontidão. – Tipo... natação?

Hollis indicou o fuzil.

– É melhor deixar isso aqui. Não queremos causar má impressão. – E voltou a atenção para Peter. – Última chance. Não há como

voltar atrás.

– É, tenho certeza.

Entraram no saguão. Observando bem, o interior do prédio estava em boas condições: tetos firmes, janelas sólidas, nada do lixo usual.

– Estão sentindo isso? – perguntou Michael.

Um latejamento basal, como uma corda gigantesca sendo tocada, vinha pelo piso. Em algum lugar do prédio havia um gerador funcionando.

– Eu meio que esperava que houvesse guardas – Peter disse a Hollis.

– Às vezes há, quando Tifty quer fazer uma demonstração. Mas praticamente não precisamos disso.

Hollis os levou a uma porta dupla e a abriu, revelando um grande espaço ladrilhado, com o teto muito alto, e no centro uma enorme piscina vazia. Hollis os guiou até outro par de portas de vaivém e um lance de escadas que descia, iluminado por lâmpadas fluorescentes zumbindo. Peter pensou em perguntar a Hollis onde Tifty conseguia o combustível para o gerador, mas então ele próprio respondeu à pergunta. Tifty conseguia onde conseguia tudo: roubava. A escada levava a uma sala atulhada de tubos e tanques de metal. Estavam embaixo da piscina. Passaram pelo espaço apertado até outra porta, mas esta era diferente das demais, feita de aço pesado. Não tinha nenhum tipo de marca, nem havia um modo óbvio de abri-la: a superfície lisa não exibia qualquer mecanismo. Na parede ao lado havia um teclado. Hollis apertou rapidamente uma série de dígitos e, com um estalo forte, a porta se destrancou, revelando um corredor escuro.

– Tudo bem – disse Hollis, inclinando a cabeça para a abertura. – As luzes se acendem automaticamente.

Enquanto o grandalhão passava, uma fileira de luzes fluorescentes se acendeu, com a vibração intensificada pelas paredes brancas do corredor, que pareciam de um hospital. A percepção de Peter sobre Tifty estava evoluindo radicalmente. O que ele havia imaginado? Um acampamento imundo, povoado por homens enormes, com aparência de gorilas, armados até os dentes? Nada do que tinha visto se ajustava sequer de longe a essas expectativas. Pelo

contrário, tudo indicava um nível de sofisticação técnica que parecia muito maior do que o existente em Kerrville. E não estava sozinho nessa mudança de opinião: Michael também parecia francamente boquiaberto. *Tremendo lugar*, parecia dizer o rosto dele.

O corredor terminava num elevador. Havia uma câmera acima. Quem estava do outro lado sabia que eles vinham – eram observados desde que tinham entrado no corredor.

Hollis inclinou o rosto para a lente, depois apertou um botão na parede, ao lado de um alto-falante minúsculo.

– Tudo bem – disse. – Eles estão comigo.

Um estalo de estática e depois:

– Hollis, que porra é essa?

– Todo mundo está desarmado. São meus amigos. Eu respondo por eles.

– O que eles querem?

– Precisamos falar com o Tifty.

Uma pausa, como se a voz do outro lado do interfone estivesse conferenciando com alguém, e depois: – Você não pode simplesmente trazer esse pessoal aqui, assim. Está maluco?

– Eu não pediria se não fosse importante. Só abra a porta, Dunk.

Seguiu-se um instante vazio. Depois a porta deslizou.

– O rabo é seu – disse a voz.

Entraram. O elevador começou a descer lentamente.

– Certo, eu me rendo – disse Michael. – Que lugar é este?

– Você está num antigo posto do Instituto de Pesquisas Médicas de Doenças Infecciosas do Exército dos Estados Unidos. É um anexo da instalação principal em Maryland, ativado durante a epidemia.

Michael franziu a testa para Hollis:

– Não entendo. O que o Tifty está fazendo aqui?

Então a porta do elevador se abriu ao som de armas sendo engatilhadas e cada um deles estava olhando para um cano.

– Todos vocês, de joelhos.

Eram seis. O mais novo não parecia ter mais de 20 anos, o mais velho teria uns 40. Barbas ásperas, cabelos oleosos e dentes cheios

de sujeira: assim estava melhor. Um deles, um gigante com a cabeçorra careca e ondulações de gordura mole na base do pescoço, tinha tatuagens azuladas por todo o rosto e na carne exposta dos braços. Aparentemente era Dunk.

– Eu disse – explicou Hollis, ajoelhando-se no chão como os outros, com as mãos no topo da cabeça. – Eles são meus amigos.

– Quieto. – A voz do sujeito, brotando do peito que tinha as dimensões de um barril para água da chuva, possuía uma suavidade surpreendente, quase feminina. Sua roupa era uma mistura puída de diferentes uniformes, tanto militares quanto da Segurança Doméstica. Ele pôs o revólver no coldre e se ajoelhou diante de Peter, avaliando-o com intensos olhos cinzentos. Vistas de perto, as imagens em seu rosto e no braço ficaram claras. Virais. Mãos de virais, rostos de virais, dentes de virais. Peter não teve dúvida de que, por baixo da roupa, o corpo era coberto com elas.

– Expedicionário – disse Dunk, assentindo sério. – Tifty vai gostar disso. Qual é o seu nome, tenente?

– Jaxon.

– Peter Jaxon?

– Isso mesmo.

Ainda agachado, Dunk girou sobre os saltos das botas na direção dos outros.

– Que tal isso, senhores? Não é todo dia que recebemos visitas tão ilustres. – Ele se concentrou de novo em Peter. – Na verdade nunca recebemos visitas. O que é um certo problema. Este não é o que você chamaria de destino turístico.

– Preciso ver Tifty.

– Foi o que ouvi. Infelizmente Tifty está indisposto neste momento. Nosso Tifty é um sujeito muito discreto.

– Corta o papo furado – exclamou Hollis. – Eu disse que respondo por eles. Tifty precisa ouvir o que eles têm a dizer.

– Essa besteira é sua, amigo. Acho que você não está exatamente em posição de fazer exigências. E vocês dois? – perguntou ele, dirigindo-se a Lore e Michael. – O que têm a dizer?

– Somos petroleiros – disse Michael.

– Interessante. Trouxeram algum óleo para a gente? – Seu olhar se estreitou em direção a Lore: um sorriso brilhante, de ameaça, tremulou rapidamente no rosto dele. – Acho que conheço você. No pôquer, não foi? Ou nos dados. Provavelmente você não lembra.

– Com uma fuça igual à sua, claro que lembro.

Rindo, Dunk se levantou e esfregou as mãos carnudas.

– Bom, foi muito interessante encontrar todos vocês. Um verdadeiro prazer. Antes de matarmos vocês, alguém tem mais alguma coisa a dizer? Adeus, talvez?

– Diga a Tifty que é sobre a plantação – explicou Hollis.

Algo mudou. Peter sentiu imediatamente. As palavras caíram sobre o rosto de Dunk como uma sombra.

– Diga a ele – pediu Hollis.

Por um momento o sujeito não respondeu. Depois sacou a pistola.

– Vamos.

Dunk e seus homens os escoltaram por um corredor longo. Peter avaliava o ambiente, mas não havia muita coisa a ver, apenas mais corredores e portas fechadas. Muitas portas possuíam teclados na parede ao lado, como o que tinham visto embaixo da piscina. Dunk os fez parar diante de uma porta assim e bateu três vezes com força.

– Entre.

O grande gângster, Tifty Lamont. De novo Peter teve as expectativas reviradas. Era um homem fisicamente compacto, com óculos empoleirados na ponta do nariz longo e adunco. O cabelo claro caía comprido sobre os ombros, ralo no topo com uma coroa de pele rosada por baixo. Sentado atrás de uma grande mesa metálica, contra todas as probabilidades, estava tentando construir uma torre com lixas de unha.

– Sim, Dunk? – disse ele, sem levantar os olhos. – O que é?

– Capturamos três intrusos, senhor. Trazidos pelo Hollis.

– Sei. – Ele continuou empilhando pacientemente. – E você não os matou porque...?

Dunk pigarreou.

– É sobre a plantação, senhor. Eles dizem que sabem de alguma coisa.

A mão de Tifty parou acima da maquete. Uma pausa de vários segundos, depois ele ergueu o rosto, espiando-os por cima dos óculos. Em suas órbitas de pele frouxa, os olhos brilhavam num azul intenso, juvenil.

– Quem diz?

Peter avançou.

– Eu.

Tifty o estudou por um momento.

– E os outros? O que eles sabem?

– Estavam comigo quando eu a vi.

– Viu quem, exatamente?

– A mulher.

Tifty não disse nada. Seu rosto estava rígido como o de um cego. Depois: – Todo mundo para fora. Menos você. – Ele balançou um dedo na direção de Peter. – Qual é seu nome?

– Peter Jaxon.

– Menos o Sr. Jaxon.

– O que você quer que eu faça com os outros? – perguntou Dunk.

– Use sua imaginação. Eles parecem estar com fome, por que não dá alguma coisa para eles comerem?

Os ombros enormes do sujeito subiram com um gesto rápido.

– E Hollis?

– Desculpe, será que ouvi mal? Você não disse que ele trouxe essas pessoas?

– Esse é o negócio. Ele mostrou onde a gente está e coisa e tal.

Tifty deu um profundo suspiro.

– Bom, isso é um probleminha. Hollis, o que vou fazer com você? Existem regras. Existe um código. Honra entre ladrões. Quantas vezes tenho de dizer?

– Desculpe, Tifty. Achei que você precisava ouvir o que ele tinha a dizer.

– Bom, desculpas não adiantam. Você me colocou numa situação muito desagradável. – Ele lançou o olhar cansado pela sala ao redor, como se a próxima frase pudesse estar entre as prateleiras e arquivos. – Muito bem. Em que nível você está na lista?

– Número quatro.

– Não está mais. Está suspenso da jaula até eu dizer o contrário. Sei quanto você gosta de lá. Estou sendo generoso.

O rosto de Hollis não demonstrou nada. O que seria a jaula?, pensou Peter.

– Obrigado, Tifty – disse Hollis.

– Agora, todos vocês, para fora, porra.

A porta se fechou quando eles saíram. Peter esperou que Tifty falasse primeiro. O sujeito se levantou de trás da escrivaninha e foi até uma pequena mesa onde havia um jarro d'água. Serviu-se num copo e bebeu. Justo quando o silêncio tinha começado a se esgarçar, ele se dirigiu a Peter, de costas: – O que ela estava usando?

– Uma capa escura e óculos.

– O que mais você viu? Havia um caminhão?

Peter contou os acontecimentos da estrada do Petróleo. Tifty o deixou falar. Quando Peter terminou, o sujeito voltou à escrivaninha.

– Deixe-me mostrar uma coisa.

Ele abriu a gaveta de cima, tirou um pedaço de papel e empurrou por cima da mesa. Era um desenho a carvão, o papel endurecido e ligeiramente amarelado, mostrando uma mulher e duas menininhas.

– Você já viu um desses antes, não foi? Dá para perceber.

Peter assentiu. A imagem não era algo do qual ele pudesse afastar os olhos com facilidade. Possuía um assombro avassalador, como se a mulher e as crianças estivessem olhando de algum lugar fora dos parâmetros comuns de tempo e espaço. Era como olhar um fantasma, três fantasmas.

– Vi, no Colorado. Greer me mostrou, depois que Vorhees foi morto. Uma pilha enorme delas. – Ele ergueu os olhos e encontrou Tifty observando-o a-tentamente, como um professor passando uma prova. – Por que você tem uma cópia?

– Porque eu as amava – respondeu Tifty. – Vor e eu tínhamos nossas dificuldades, mas ele sempre soube o que eu sentia. Elas eram minha família, também. Por esse motivo ele me deu isso.

– Elas morreram na plantação.

– Dee, sim, e a pequenina, Siri. Ambas foram mortas imediatamente. Foi rápido, mas você sabe como é o ditado. Que seja

rápido, mas não hoje. A menina mais velha, Nitia, nunca foi encontrada. – Ele franziu a testa. – Está surpreso com tudo isso? Não é bem o que esperava?

Peter nem conseguia começar a responder.

– Estou contando essas coisas para você entender quem e o que nós somos. Todos esses homens perderam alguma coisa. Eu lhes dei um lar, um lugar onde pôr a raiva. Veja o Dunk, por exemplo. Pode ser impositivo agora, mas, quando olho para ele, sabe o que vejo? Um garoto de 11 anos. Ele também estava na plantação. Pai, mãe, irmã, todos se foram.

Peter pensou nisso por um momento.

– Não sei o que comandar o comércio tem a ver com isso.

– É porque o comércio é só uma parte do que nós fazemos. É um modo de pagar as contas, se preferir assim. A Autoridade Civil nos tolera porque precisa. De certo modo ela precisa de nós tanto quanto nós precisamos dela. E, se não fizéssemos isso, alguém faria. Não somos muito diferentes dos seus Expedicionários, apenas o outro lado da mesma moeda.

A lógica de Tifty parecia conveniente demais, como um modo de justificar seus crimes. Por outro lado, Peter não podia negar o significado do desenho.

– O coronel Apgar disse que você já foi oficial. Atirador de elite.

O rosto de Tifty se iluminou com um sorriso rápido: havia uma história ali.

– Eu deveria saber que Gunnar tinha algo a ver com isso. O que ele lhe contou?

– Só que você chegou a capitão antes de ser chutado. Disse que você foi o melhor atirador de elite que já existiu.

– Disse? Bom, ele estava sendo gentil, mas só um pouco.

– Por que você saiu?

Ele deu de ombros displicentemente.

– Muitos motivos. Poderíamos dizer que a vida militar não era totalmente adequada para mim. Sua presença aqui me faz pensar que ela também não é particularmente adequada a você. Minha suposição é que você saiu da reserva, tenente. Há quantos dias está ausente sem autorização?

Peter se sentiu apanhado.

– Só dois.

– Ausente é ausente. Acredite, eu sei tudo sobre isso. Mas, respondendo à sua pergunta: eu saí dos Expedicionários por causa da mulher da plantação. Mais especificamente porque contei ao comando de onde ela vinha e eles se recusaram a fazer qualquer coisa a respeito.

Peter ficou pasmo.

– Você *sabe* de onde ela vem?

– Claro que sei. O comando também sabe. Por que acha que Gunnar mandou você aqui? Há 15 anos eu fazia parte de um grupo de três, mandados para o norte para localizar a fonte de um sinal de rádio em algum local de Iowa. Era muito fraco, apenas alguns chiados, mas o suficiente para captarmos. Não sabíamos por quê. Os Expedicionários não tinham como tarefa perseguir qualquer guincho aleatório, mas tudo era muito secreto, muito de cima para baixo. Nossas ordens eram examinar o local e fazer um relatório, só isso. O que encontramos foi uma cidade duas, talvez três vezes maior do que Kerrville. Mas não tinha muros, nem luzes. Segundo qualquer avaliação, ela não deveria existir. E sabe o que encontramos? Os mesmos caminhões que vi na plantação logo antes do ataque. Os mesmos que você viu há três dias.

Peter se permitiu um momento para digerir isso.

– E o que o comando disse?

– Disse para não contar a ninguém.

– Por que eles fariam isso? – Se bem que, claro, eles tinham dito exatamente a mesma coisa a Peter.

– Quem sabe? Mas suponho que a ordem deva ter vindo da Autoridade Civil, não da militar. Eles estavam apavorados. Quem quer que fossem aquelas pessoas, elas tinham uma arma que não poderíamos enfrentar.

– Os virais.

O sujeito assentiu.

– Enfie os dedos nos ouvidos e espere que eles nunca voltem. Talvez isso não estivesse errado, mas não era uma coisa que eu poderia aceitar passivamente. Foi nesse dia que me demiti do posto.

– Você algum dia voltou lá?

– A Iowa? Por que eu faria isso?

Peter sentiu uma urgência crescente.

– A filha de Vorhees pode estar lá. Sara também. Você viu aqueles caminhões.

– Sinto muito... Sara. Eu conheço essa pessoa?

– É a mulher de Hollis. Ou ia ser. Foi perdida em Roswell.

Uma expressão de pesar cruzou o rosto do sujeito.

– Claro. Erro meu. Acho que eu sabia disso, mas não creio que ele tenha mencionado o nome dela. Mas isso não muda nada, tenente.

– Mas elas ainda podem estar vivas.

– Não acho provável. Muito tempo se passou. De qualquer modo, não havia nada que eu pudesse fazer. Nem na época nem agora. Seria preciso um exército. O que a Autoridade Civil mais ou menos garantiu que nós não tivéssemos. E, em defesa da liderança, aquelas pessoas, quem quer que fossem, nunca retornaram. Pelo menos até agora, se o que você está dizendo é verdade.

Faltava alguma coisa, pensou Peter, um detalhe espreitando no limite de sua percepção.

– Quem mais estava com você?

– No grupo de investigação? O oficial no comando era Nate Crukshank. O terceiro nome era um jovem tenente chamado Lucius Greer.

A informação atravessou Peter como uma corrente elétrica.

– Me leve até lá. Mostre onde fica.

– E o que faríamos ao chegar?

– Encontraríamos o nosso pessoal. Daríamos um jeito de tirá-los de lá.

– Está escutando, tenente? Aqueles não são apenas sobreviventes. Estão de conluio com os virais. Mais do que isso: a mulher consegue controlá-los. Nós dois vimos isso acontecer.

– Não me importo.

– Mas deveria. Tudo o que você vai conseguir é ser morto. Ou tomado. Suponho que isso seria bem pior.

– Então só me diga como posso achar o local. Eu vou sozinho.

Tifty se levantou de trás da escrivaninha, voltando à mesa do canto, e se serviu de mais um copo d'água. Bebeu lentamente, gole a gole. Enquanto o silêncio se alongava, Peter teve a impressão nítida de que a mente do sujeito o havia levado a outro lugar. Imaginou se a reunião estaria terminada.

– Diga uma coisa, Sr. Jaxon. O senhor tem filhos?

Peter se virou na cadeira.

– O que isso tem a ver com o que estamos falando?

– Só faça o favor de responder.

Peter balançou a cabeça.

– Não.

– Não tem família?

– Tenho um sobrinho.

– E onde ele está agora?

As perguntas sondavam desconfortavelmente. No entanto o tom de Tifty era tão franco que as respostas pareciam brotar por vontade própria.

– Está no orfanato das irmãs. Os pais dele foram mortos em Roswell.

– Sei. Vocês são chegados? Você é importante para ele?

– Aonde você quer chegar com isso?

Tifty ignorou a pergunta. Pôs o copo vazio na mesa e voltou à escrivaninha.

– Suspeito que ele admire muito você. O grande Peter Jaxon. Não seja tão modesto, sei exatamente quem você é, e mais do que o relato oficial. Sobre essa sua garota, Amy, e o negócio com os Doze. E não culpe Hollis. Ele não é a minha fonte.

– Então quem é?

Tifty riu.

– Talvez outra hora. O assunto agora é o seu sobrinho. Como você disse que é o nome dele?

– Não disse. É Caleb.

– Você é um pai para o Caleb? É isso que estou perguntando. Apesar de saracotear pelos territórios, tentando livrar o mundo da grande ameaça viral, você diria que isso é verdade?

De repente Peter teve a sensação de ter sido manobrado perfeitamente. Isso o lembrou de quando jogara xadrez com o garoto: num minuto seguia o fluxo do jogo, no outro estava encurralado, o fim chegara.

– É uma pergunta simples, tenente.

– Não sei.

Tifty o encarou por mais um momento, depois disse em tom definitivo:

– Obrigado pela honestidade. Meu conselho seria esquecer tudo isso, ir para casa e criar seu garoto. Tanto por ele quanto por você, estou disposto a lhe dar um passe e deixar seus amigos saírem livres, com o aviso de que falar sobre nosso paradeiro não trará... como posso dizer?... coisas felizes no caminho de vocês.

Xeque-mate.

– É isso? Você não vai fazer nada?

– Considere este o maior favor que alguém já lhe fez. Vá para casa, Sr. Jaxon. Viva a sua vida. Pode me agradecer mais tarde.

A mente de Peter estava lutando em busca de algo para dizer que pudesse convencer o sujeito do contrário. Fez um gesto para o desenho na mesa.

– Essas garotas. Você disse que as amava.

– Amava. Amo. Por isso não vou ajudá-lo. Pode me chamar de sentimental, mas não quero ter sua morte na consciência.

– Na sua *consciência*?

– Eu tenho uma, sim.

– Você me surpreende, sabia?

– Verdade? Como eu o surpreendo?

– Nunca pensei que Tifty Lamont fosse covarde.

Se Peter esperava uma reação ríspida, não viu nenhuma. Tifty se inclinou para trás na poltrona, juntou as pontas dos dedos e o olhou friamente por cima dos óculos.

– E você estava achando que, se me deixasse puto, eu diria o que você quer saber?

– Por aí.

– Então você me confunde com alguém que se importa com o que os outros pensam. Bela tentativa, tenente.

– Você disse que uma delas nunca foi encontrada. Não entendo como pode ficar aqui sentado se ela ainda pode estar viva.

Tifty deu um sorriso indulgente.

– Talvez você não tenha sido informado, mas esse não é um mundo do tipo “e se”, Sr. Jaxon. Um número muito grande dos “e se” não passa de um modo de manter a pessoa acordada à noite, e não existe muito sono decente por aí. Não me entenda mal, eu admiro o seu otimismo. Bom, talvez não admire, a palavra é forte demais. Mas entendo. Houve um tempo em que eu não era muito diferente. Mas esses dias passaram. O que tenho é esse desenho. Olho para ele todo dia. Por enquanto é com isso que preciso me contentar.

Peter pegou o desenho de novo. O sorriso luminoso da mulher, o cabelo voando numa brisa invisível, as meninas, de olhos arregalados e esperançosas como todas as crianças, aguardando que a vida se desdobrasse. Não tinha dúvida de que o desenho era o centro da vida de Tifty. Olhando-o, Peter sentia a presença de uma dívida complexa, alianças, promessas feitas. Esse desenho não era só um memorial, era o modo de o sujeito se castigar. Tifty desejava ter morrido com elas na plantação. Que estranho, sentir-se com pena de Tifty Lamont.

– Você disse que o comércio era só uma parte do que vocês faziam – observou Peter, devolvendo o desenho ao lugar sobre a mesa. – Não disse o que mais existe.

– Não disse, não é? – Tifty tirou os óculos e se levantou. – Venha comigo.

Tifty digitou algo em outro teclado e a porta pesada se abriu, revelando uma sala espaçosa com grandes gaiolas de metal encostadas nas paredes. O ar tinha um fedor nitidamente animal, de sangue e carne crua, e o cheiro agudo de álcool. A luz era de um azul frio, subterrâneo – “azul viral”, explicou Tifty, com um cumprimento de onda de 400 nanômetros, na borda do espectro visível. Só o bastante para mantê-los calmos, disse a Peter. Os construtores daquelas instalações entendiam bem suas cobaias.

Michael e Lore haviam se juntado a eles. Passaram pela sala das gaiolas e subiram um curto lance de escada. O que os esperava era

óbvio. A única questão era como seria revelado.

– E isso – disse Tifty, abrindo um painel para revelar dois botões, um verde e um vermelho – é o deque de observação.

Estavam numa galeria comprida com uma série de passarelas que se projetavam sobre uma chapa de metal. Tifty apertou o botão verde. Com um estardalhaço de engrenagens e correntes, a chapa começou a se recolher para dentro da parede mais distante, revelando uma superfície de vidro reforçado.

– Andem – instigou Tifty. – Olhem vocês mesmos.

Peter e os outros pisaram na passarela. Instantaneamente um dos virais se lançou contra o vidro, chocando-se com uma pancada violenta antes de ricochetear de volta e rolar para o canto da cela.

– Puta que o... *pariu* – ofegou Lore.

Tifty se juntou a eles na passarela.

– Esta instalação foi construída com um objetivo em mente: estudar os virais. Mais exatamente, descobrir como matá-los.

Os três estavam olhando as celas abaixo. Peter contou 19 criaturas: a vigésima cela estava vazia. Quase todos pareciam ser patetas, mal reagindo à presença deles, mas o que havia saltado era diferente – era uma fêmea drac totalmente crescida. Olhou-os com fome enquanto eles se moviam pela passarela, o corpo tenso e as mãos em garra se flexionando.

– Como você os conseguiu? – perguntou Michael.

– Com armadilhas.

– De que tipo? Giratórias?

– As giratórias são para amadores. Na verdade não prestam, a não ser que você queira matá-los no lugar. Para pegá-los vivos usamos as mesmas armadilhas com iscas que os construtores destas instalações usavam. Uma liga de tungstênio incrivelmente forte.

Peter afastou o olhar do drac.

– E o que vocês aprenderam?

– Não tanto quanto eu gostaria. O peito, o céu da boca. Há um terceiro ponto frágil na base do crânio, mas é muito pequeno. Eles sangram até a morte se você desmembrá-los, mas não é fácil cortar a pele. O calor e o frio não parecem ter muito efeito. Tentamos uma

variedade de venenos, mas eles são inteligentes demais para isso. Seu olfato é incrivelmente sensível e eles não comem nada que tenhamos envenenado, mesmo que estejam famintos. Uma coisa que sabemos é que eles se afogam. Os corpos são densos demais para flutuar. O maior tempo que um deles já durou foi 75 segundos.

– E se você fizer com que eles passem fome? – perguntou Michael.

– Tentamos isso. Eles ficam mais lentos e entram numa espécie de sono.

– E?

– Pelo que sabemos, eles podem ficar assim indefinidamente. Com o tempo paramos de tentar.

De repente Peter entendeu o que estava vendo. O trabalho do comércio era na verdade só uma cobertura. O verdadeiro propósito do sujeito estava ali, naquela sala.

– Tifty, você é cheio de histórias.

Todo mundo se virou. Tifty cruzou os braços no peito e olhou firme para Peter.

– Tem alguma coisa em mente, tenente?

– Você sempre pensou em voltar a Iowa. Só não conseguiu deduzir como.

A expressão dele não mudou. Seu rosto pareceu subitamente mais velho, gasto pela vida.

– É uma teoria interessante.

– É?

Durante cinco segundos os dois se encararam. Ninguém mais falava. Só quando o silêncio havia se alongado demais Michael rompeu a tensão.

– Acho que ela gosta de você, Peter.

Cinco metros abaixo, a grande fêmea drac estava olhando para ele, a cabeça virando preguiçosamente no pescoço flexível. Ela abriu o maxilar como se bocejasse e puxou os lábios para trás, mostrando os dentes brilhantes. *Isso é para você.*

Tifty deu um passo adiante.

– Nossa última aquisição – disse ele. – Temos muito orgulho dessa aí. Não é comum conseguirmos um drac totalmente crescido. Nós a

chamamos de Sheila.

– O que vão fazer com ela? – perguntou Michael.

– Não decidimos. Mais ou menos o de sempre, acho. Um pouco disso, um pouco daquilo. Mas ela é muito má para a jaula.

Peter se lembrou da punição de Hollis.

– O que é a jaula?

O rosto de Tifty se iluminou com um sorriso misterioso.

– Ah – disse ele.

Meia-noite. Nesse meio-tempo os três haviam sido confinados em uma sala pequena, sem uso, com um dos homens de Tifty do lado de fora. Finalmente Peter conseguira cair no sono quando uma campainha soou e a porta se abriu.

– Venham comigo – disse Tifty.

– Aonde vamos? – perguntou Lore.

– Para fora, claro.

Por que *claro*? Mas esse parecia ser o estilo de Tifty. O sujeito tinha uma queda pela dramaticidade.

– Cadê o Hollis? – perguntou Peter.

– Não se preocupe, ele vai se juntar a nós.

Uma noite nublada, sem nuvens. Uma picape esperava por eles, parada diante dos degraus. Os três subiram na carroceria e Tifty entrou na cabine com o motorista. Ninguém os vigiava, mas desarmados, no escuro, aonde poderiam ir?

Alguns minutos se passaram antes que a picape parasse diante de um imenso prédio retangular, como um hangar de avião. Vários outros veículos estavam presentes, inclusive um grande caminhão de carroceria aberta. Havia homens à luz de tochas, armados com pistolas e fuzis, alguns fumando cigarros de palha. De dentro do prédio vinha um zumbido de vozes.

– Agora vocês verão o que nós realmente fazemos – disse Tifty.

O interior do prédio era um espaço único, gigantesco, iluminado por tochas. Uma bandeira enorme – uma bandeira americana esgarçada pelo tempo – pendia dos caibros. No centro ficava a jaula, uma estrutura com cúpula, de aproximadamente 15 metros de diâmetro, com uma corrente com gancho descendo do ponto mais

alto até o piso. Ao redor havia arquibancadas apinhadas de homens, todos falando alto, acenando ansiosos com notas de austins para uma figura que andava de um lado para outro pelas fileiras.

Quando Tifty entrou, seguido por um trovão de pés batendo, a multidão gritou empolgada. Ele não fez nada para reconhecer isso, acompanhando os três até uma região vazia na fila de bancos mais baixa, a pouco mais de um metro das barras entrecruzadas da jaula.

– Cinco minutos até o fim das apostas! – gritou uma voz. – Cinco minutos!

Hollis ocupou um lugar ao lado deles.

– Isto é o que eu acho que é? – perguntou Peter.

Ele assentiu, tenso.

– Mais ou menos.

– Eles estão apostando no resultado?

– Alguns. Com os patetas, na maior parte das vezes é simplesmente em quantos minutos vai demorar.

– E você já fez isso?

Hollis o olhou de um jeito estranho.

– Por que não faria?

A conversa foi interrompida quando novos gritos, mais altos, irromperam. Peter levantou os olhos e viu um caixote de metal sendo trazido numa empilhadeira. Uma figura entrou pelo outro lado, andando com passo másculo: Dunk. Estava usando uma pesada roupa acolchoada e segurando uma lança; uma máscara de hóquei estava no topo da cabeça, deixando exposto o rosto tatuado. Ele ergueu o punho direito e o sacudiu no ar, provocando batidas frenéticas de pés nas arquibancadas. O motorista da empilhadeira deixou a caixa no meio da jaula e recuou enquanto um segundo homem prendia o alçapão na corrente. Quando ele se afastou, Dunk entrou. A porta foi fechada atrás dele.

Fez-se silêncio. Sentado ao lado de Peter, Tifty ficou de pé, segurando um megafone. Pigarreou e direcionou a voz para a multidão: – Todos se levantem, por favor, para o hino nacional.

Todo mundo ficou de pé, pôs a mão direita no coração e começou a cantar: Oh, say can you see, by the dawn’s early light, what so proudly we hailed, at the twilight’s last gleaming? Whose broad

stripes and bright stars, through the perilous fight, o'er the ramparts we watched, were so gallantly streaming?[1]

Também de pé, Peter lutou para se lembrar da letra do hino dos Estados Unidos. Era uma canção muito antiga, do Tempo de Antes. A professora a havia ensinado no Abrigo. Mas a melodia era complicada e as palavras não faziam qualquer sentido que ele pudesse discernir na infância e ele nunca a havia aprendido direito. Olhou para Michael, cujas sobrancelhas se levantaram com surpresa.

A última nota aguda se extinguiu em meio a outra explosão de gritos. Do caos acústico emergiu um refrão repetido, com o ritmo estabelecido pelos pés trovejantes: – Dunk, Dunk, Dunk, Dunk...

Tifty deixou isso continuar por um tempo, depois levantou a mão pedindo silêncio. Virou para a jaula de novo.

– Dunk Withers, está preparado?

– Preparado, Tifty.

– Então... podem cronometrar!

Pandemônio. Dunk baixou a máscara, uma trombeta soou, a corrente foi puxada. Por um momento nada aconteceu, depois o pateta saltou livre e foi correndo pelas grades da jaula com um rápido movimento de inseto, como uma barata subindo uma parede. Ele podia estar procurando uma saída ou um ponto favorável para o ataque – Peter não sabia. A multidão tinha sua opinião. Instantaneamente os gritos se transformaram em vaias. No topo da jaula o pateta agarrou uma barra com os pés e desenrolou o corpo de modo que o topo da cabeça ficasse apontado para o chão, os braços afastados do corpo. Dunk estava parado embaixo dele, gritando provocações inaudíveis e balançando a lança, desafiando-o a saltar.

– Carne! – gritou a multidão, batendo palmas sincopadas.

– Carne! Carne! Carne!

O pateta parecia desorientado, quase atordoado. Seu rosto inexpressivo se virava para um lado e outro, aleatoriamente, como se o barulho e a agitação tivessem uma aparência dissolvida, como se suas características humanas tivessem sido diluídas por um ácido

forte. Ele ficou ali pendurado durante mais cinco segundos, depois 10.

– Carne! Carne! Carne! Carne!

– Já chega – murmurou Tifty. Em seguida se levantou, pegando o megafone. – Joguem a carne!

De fora das barras, enormes nacos saturados de sangue foram lançados na jaula, caindo com barulho e espirrando. Só foi preciso isso. A criatura soltou a corrente e mergulhou para o pedaço mais próximo. Era a parte de cima da perna de uma vaca: o pateta a tirou do chão, partiu o osso em dois e cravou as mandíbulas nas dobras gordurosas, nem tanto bebendo os líquidos contidos quanto os inalando. Bastaram dois segundos e a carne foi drenada. A criatura jogou longe os restos ressecados.

E girou na direção de Dunk. Agora o sujeito significava alguma coisa. O pateta se agachou, equilibrando-se nos dedos preênseis e nas enormes mãos abertas. A inclinação reveladora da cabeça, o momento de olhar.

Atacou.

Enquanto o viral passava por cima dele com os braços estendidos, as mãos em garra apontando para sua garganta, Dunk se jogou no chão e subiu a lança girando. A multidão estava enlouquecendo. Peter também sentiu: a empolgação crua da disputa jorrando nas veias. Agora o pateta estava trepando de novo pelas paredes da jaula. Desta vez não era um recuo atordoado: suas intenções eram claras. Quando eles vinham, vinham de cima. A seis metros de altura o pateta se lançou das barras, de costas, virando o corpo num giro aéreo de cabeça, torcendo-se como um saca-rolhas enquanto descia num jorro de movimento, e caiu de pé a três metros de Dunk. O mesmo ataque aconteceu invertido: Dunk estocou por cima, o pateta se abaixou. A lança se cravou no ar vazio acima da cabeça do viral. Enquanto Dunk caía para a frente, levado pelo próprio ímpeto, o pateta saltou da posição agachada e deu uma cabeçada na cintura coberta pelo acolchoado, lançando-o através da jaula.

Dunk foi atirado de pé contra as barras, obviamente abalado. A lança estava no chão, à sua esquerda, e a máscara fora arrancada. Peter o viu tentando pegá-la, mas o gesto era fraco, as mãos

tateando com imprecisão turva. Seu peito estava arfando como um fole, um fio de sangue escorria do nariz para o lábio superior. Por que o pateta ainda não o havia apanhado?

Porque era uma armadilha. Como o pateta parecia suspeitar. Enquanto contemplava o guerreiro caído, Peter podia sentir as facções em guerra no interior da criatura. O impulso de matar versus uma profunda suspeita de que nem tudo era o que parecia ser – um vestígio, talvez, da capacidade humana de raciocinar. Qual das duas venceria? A multidão estava entoando o nome de Dunk, tentando tirá-lo do estupor. Isso ou instigar o pateta a agir. Qualquer morte serviria. Só por entrar na jaula Dunk já garantira a vitória mais importante: a de ser humano. Negar o domínio dos virais sobre ele próprio, sobre os companheiros, sobre o mundo. O resto cairia junto com a criatura.

O sangue venceu.

O pateta decolou. Simultaneamente a mão que tateava encontrou e segurou a lança. Enquanto a criatura caía, Dunk levantou a arma num ângulo de 45 graus, alinhando-a com o centro do peito que descia, firmando o cabo contra o chão entre os joelhos.

Será que o pateta sabia o que ia acontecer? Será que experimentou, naquela pequena fração de tempo em que o resultado estava ordenado, uma percepção de sua corrida para a morte? Estaria feliz? Triste? E então a ponta da lança encontrou o alvo, penetrando na criatura tão completamente que a vida escapou dela num único expirar grandioso e instantâneo da morte.

Dunk empurrou o corpo para longe. Peter havia se juntado à multidão de pé. Sua energia era parte da deles, fluía na corrente coletiva. Sua voz ressoava com a multidão.

– Dunk, Dunk, Dunk, Dunk...!

Por que isso era diferente?, pensou Peter, enquanto outra parte de seu cérebro se recusava a se importar, à deriva nessa empolgação imprevista. Ele havia enfrentado os virais no muro da cidadela, em cidades e desertos, florestas e campos. Tinha mergulhado 200 metros numa caverna apinhada. Tinha se entregado mil vezes à possibilidade da morte, no entanto a coragem de Dunk era algo mais, algo mais puro, algo redentor. Peter olhou seus amigos, Michael,

Hollis, Lore: não havia como se enganar. Eles sentiam exatamente o mesmo que ele.

Apenas Tifty era diferente. Estava de pé como os outros, mas seu rosto não tinha emoção. O que estaria vendo com a mente? Aonde teria ido? Tinha ido para a plantação. Nem mesmo a jaula podia aliviar esse fardo. Ali estava a abertura de Peter. Esperou que os gritos de comemoração morressem. Nas arquibancadas, as apostas estavam sendo contadas e pagas.

– Deixe-me entrar lá.

Tifty o examinou com a sobrancelha erguida.

– Tenente, o que você está pedindo?

– Uma aposta. Minha vida contra sua promessa de me levar a Iowa. Não simplesmente dizer onde fica a cidade. Você tem de ir comigo.

– Peter, não é boa ideia – alertou Hollis. – Eu sei o que você está sentindo. Nós chamamos de febre da jaula.

– Não é isso.

Tifty cruzou os braços diante do peito.

– Sr. Jaxon, eu pareço muito idiota? Sua reputação o precede. Não duvido que um pateta esteja no âmbito das suas possibilidades.

– Não é com um pateta – disse ele. – Com Sheila.

Tifty o avaliou com os olhos. Atrás dele, Michael e Lore não disseram nada. Talvez entendessem o que ele estava fazendo, talvez não. Talvez estivessem demasiadamente aparvalhados com sua aparente perda das faculdades mentais para entender. De qualquer modo, aquilo não importava.

– Certo, tenente, o enterro é seu. Não que vá restar muita coisa para enterrar.

Peter foi escoltado por Tifty e dois de seus homens até uma salinha nos fundos da arena. Michael e Hollis o acompanharam e Lore esperou na arquibancada. A sala estava vazia, a não ser por uma mesa comprida onde havia roupas blindadas e uma variedade de armas. Peter se vestiu. Inicialmente ficara preocupado, achando que a blindagem da roupa iria deixá-lo mais lento, mas ela era surpreendentemente maleável. Já a máscara era outra coisa: Peter

não via em que ela ajudaria, além de diminuir sua visão periférica. Deixou-a de lado.

Agora as armas. Tinha permissão de usar duas. Não eram permitidas armas de fogo, somente penetrantes. Facas, bestas, lanças, espadas e machados de vários tamanhos e pesos. A besta era tentadora, mas num espaço tão pequeno seria lenta para recarregar. Peter escolheu uma lança de 1,50 metro com ponta de aço cheia de farpas.

Agora a segunda. Procurou algo que servisse ao seu propósito. No canto da sala havia uma lata de lixo galvanizada. Tirou a tampa e a examinou.

– Alguém me dê um pano.

Um pano foi trazido. Peter o molhou com cuspe e esfregou a parte de dentro da tampa. Seu reflexo começou a emergir – não com qualquer clareza, era pouco mais do que uma forma borrada, mas bastaria.

– É isso que eu quero.

Os homens de Tifty explodiram em gargalhadas. *Uma tampa de lata de lixo! Um escudozinho patético contra uma drac totalmente crescida! Ele quer se suicidar?*

– Sua tolice é uma coisa, tenente – disse Tifty. – Mas isso... não posso permitir.

Michael o olhou, franzindo a testa interrogativamente.

– Como... em Las Vegas?

Peter assentiu levemente para ele e olhou de novo para Tifty.

– Você disse que eu podia usar qualquer coisa que houvesse na sala.

– Disse.

– Então estou pronto.

Foi levado para o hangar. A multidão irrompeu em rugidos e batidas de pés, mas o som era diferente do que havia sido com Dunk. Suas alianças haviam se revertido. Peter não era um deles: estavam empolgados em vê-lo morrer. Esse soldado arrogante dos Expedicionários, que ousava crer que poderia enfrentar um drac. A caixa já estava posicionada no centro da jaula. Enquanto se

aproximava, Peter pensou que podia vê-la se sacudindo. Escutou, vindo da plateia: – Apostas encerradas!

– Não é tarde demais para desistir – disse Hollis perto de seu ouvido. – Nós poderíamos tentar uma fuga.

– Quanto estão pagando por mim?

– Dez para um, se você sobreviver 30 segundos. Cem para um se você conseguir um minuto.

– Você apostou?

– Que você vai vencer em 45. Estarei feito pelo resto da vida.

– O acordo de sempre, certo? – Peter não precisava elaborar. *Se eu for mordido mas sobreviver, não me deixe vivo. Que seja rápido.*

– Não precisa se preocupar.

– Michael? Cobre isso dele.

O rosto de Michael estava atônito.

– Meu Deus, Peter. Você fez isso *uma vez*. Talvez outra coisa os tivesse deixado mais lentos. Já pensou nisso?

Peter olhou a caixa no meio da jaula. Ela estremecia como um motor.

– Obrigado, agora estou pensando.

Apertaram-se as mãos. Era um momento sério, mas eles já haviam passado por esse tipo de coisa. Peter entrou na jaula. Um dos homens de Tifty fechou a porta. Hollis e Michael ocuparam seus lugares junto a Lore na arquibancada. Tifty se levantou com o megafone.

– Tenente Jaxon dos Expedicionários, está preparado?

Um coro de vaias. Peter se esforçou ao máximo para apagá-lo da mente. Fora levado pela pura convicção, mas, agora que o momento estava ali, seu corpo começava a duvidar do pensamento. Seu coração estava disparado, as palmas das mãos, úmidas. A lança parecia absurdamente pesada na mão. Encheu o peito de ar.

– Preparado!

– Então... disparem o cronômetro!

Depois Peter ficaria sabendo que a disputa havia durado um total de 28 segundos. Isso parecia ao mesmo tempo muito e pouco:

acontecera devagar e de repente houve um borrão de eventos que não correspondia ao curso normal do tempo.

O que ele recordaria era o seguinte:

A explosão da drac para fora da caixa, como água jorrando de uma mangueira; seu majestoso salto no ar, uma força da natureza não diluída, direto para o topo da jaula, e então três ricochetes rápidos enquanto ela saltava de um lado para outro, rápida demais para o olho de Peter acompanhar; a imagem em sua mente da liberação prevista da viral e o arco que o corpo dela empregaria caindo sobre ele, e então o momento da ocorrência, exatamente como havia previsto; a explosão de força quando os corpos colidiram, um parado, outro voando de cabeça; a drac lançando-o pela jaula, e seu corpo – sem fôlego, partido, sendo dele apenas por um ou dois segundos mas não mais – rolando, rolando e rolando.

Estava de barriga para baixo. A tampa da lata de lixo e a lança haviam sumido. Virou-se de costas e se arrastou para trás, de quatro, depois descobriu o que restava da lança. O cabo havia se partido ao meio a 60 centímetros da ponta de aço. Enrolou os dedos nela e se levantou. Cairia atacando: pelo menos morreria de pé. Num planeta distante, multidões gritavam. A viral se movia para ele de um modo que ele descreveria como casual, quase num passo pretensioso. Ela inclinou a cabeça e abriu a mandíbula para lhe dar uma visão boa e longa dos dentes.

Os olhares dos dois se encontraram.

Realmente se *encontraram*. Um olhar legítimo, examinando a alma. O instante foi travado e nesse momento Peter sentiu a mente mergulhando na dela: suas sensações e memórias, seus pensamentos e desejos, a pessoa que ela fora e a dor da coisa terrível em que se transformara. Sua expressão havia se suavizado, a postura relaxou num nível perceptível. Agora a inexpressividade do rosto era outra coisa, uma melancolia profunda. Um ser humano ainda existia dentro dela, como uma chama minúscula no escuro. *Não desvie o olhar*, disse Peter a si mesmo. *Independentemente do que fizer, não interrompa o olhar.* A lança estava em sua mão.

Deu um passo, depois outro. Ela continuou imóvel. Ele sentiu uma espécie de tremor silencioso por dentro, não de medo, mas de

desejo: era isso que ela queria. A multidão havia silenciado. Era como se os dois estivessem sozinhos num espaço imenso e imóvel. Uma igreja vazia. Um teatro abandonado. Uma caverna. Com uma das mãos ele recuou a lança; pôs a outra no ombro para se equilibrar. *Por favor*, diziam os olhos dela.

Então tudo acabou.

A multidão ficou absolutamente imóvel. Peter percebeu que estava tremendo. Algo irrevogável havia acontecido, para além do conhecimento. Olhou para o corpo. Tinha sentido a alma da mulher abandonando-a. Ela havia roçado nele como uma brisa, só que a brisa estava dentro dele, feita de palavras. *Obrigada, obrigada. Estou livre.*

Tifty o esperava quando ele saiu da jaula.

– O nome dela não era Sheila – disse Peter. – Era Emily.

Tifty não disse nada, o rosto perplexo.

– Tinha 17 anos quando foi tomada. Sua última lembrança era de ter beijado um garoto.

– Não entendo.

Hollis, Michael e Lore estavam descendo da arquibancada. Peter foi na direção deles, parou e se virou de volta para Tifty.

– Quer saber como matá-los?

Ele assentiu, com o queixo caído.

– Olhe nos olhos.

[1] Em tradução livre: “Ó, dizei, podeis ver, na primeira luz do amanhecer o que saudamos, tão orgulhosamente, no último brilho do crepúsculo? Cujas amplas faixas e brilhantes estrelas, durante a luta perigosa, sobre os baluartes assistimos, ondulando tão imponente?” *(Nota do Editor)*

QUARENTA E OITO

A mente de Amy estava cheia da presença dele. Cheia de Carter e da mulher, cujo nome era Rachel. Rachel Wood.

Amy sentia, sentia tudo. Sentia, via e sabia. Os braços da mulher em volta dele, puxando-o cada vez mais para baixo. O gosto da água da piscina, como o hálito do demônio. A pancada suave quando chegaram ao fundo, os corpos entrelaçados como de amantes.

Como Carter a havia amado! Era isso que Amy sentia com mais intensidade: o amor. A vida do sujeito havia parado ali mesmo, no fundo da piscina, a mente presa para sempre num círculo de tristeza. *Ah, por favor, deixe-me*, pensava Anthony Carter. *Eu morro se você quiser, eu morreria por você se você pedisse, deixe que seja eu a morrer.* E então as bolhas subindo enquanto a mulher respirava pela primeira vez, os pulmões se enchendo com a água medonha, o espasmo profundo da morte atravessando-a; e por fim o abandono.

A tristeza dele era a tristeza no centro do mundo. O Chevron Mariner: era o que era esse lugar. Era o próprio coração da tristeza batendo.

O sangue pingava dela enquanto ia para a popa, pelo convés inclinado. Amy podia sentir a mudança chegando, um ribombar nos morros acima. Aquilo iria cair sobre ela como uma avalanche. Iria obliterá-la, renová-la totalmente. Desceu para as entranhas do navio, para o labirinto de corredores, as elaboradas passagens com tubulações. Seus pés chapinhavam na água parada cor de ferrugem. Brilhos de arco-íris dançavam na superfície. Ela seguia por instinto. Orientava-se. Era a receptora do farol de Carter, atraindo-a inexoravelmente para baixo, para baixo e para baixo.

A praça de máquinas.

Eles estavam pendurados em toda parte, enchendo o espaço com seu brilho tumescente. Pendiam de todas as superfícies. Deitavam-se enrolados no chão como crianças. Ali era o reservatório, o covil. O ninho de Anthony Carter, com suas legiões desconsoladas suspensas em estado latente. *Onde está você?*, pensou ela, e nesse

momento seu corpo estremeceu, e depois do espasmo convulsivo chegou um aperto enorme no abdômen, como se tivesse sido apertada por um punho gigantesco, mas o punho era ela própria. Cambaleou, lutando para permanecer de pé. Manchas de negrume inchavam em seu campo de visão. Estava acontecendo.

Estou aqui.

"Onde? Onde você está? Por favor, acho que estou morrendo..."

Venha a mim, Amy. Venha a mim venha a mim venha a mim...

Havia uma porta diante dela. Será que ela a havia aberto? Cambaleou para a frente, seguiu pelo corredor estreito do outro lado. O piso estava escorregadio de óleo, o sangue da terra, o destilado do tempo, comprimido por um planeta. Chegou a um segundo portal. Estava identificado como T1: Tanque Número 1. Com toda a força agarrou o volante enferrujado e o girou. O espaço se escancarou instantaneamente ao redor, como se ela tivesse entrado numa catedral imensa.

E ali estava ele. Anthony Carter. O Décimo Segundo dos Doze. Murcho e pequeno, um fiapo de coisa, não maior do que o homem que ele fora e, em seu coração, ainda era. Um ser de recusa tornada carne. Estava deitado no chão, nos dejetos do mundo, e lentamente se desenrolou, levantando-se para encontrá-la. Carter, o Triste, O Que Não Podia, trancado na prisão que ele mesmo fizera.

– Me ajude – disse Amy, com um último grande tremor atravessando-a, dominando-a, e caiu nos braços dele.

E então estava em outro lugar.

Estava sob um viaduto. Amy conhecia esse lugar, pelo menos era essa a sensação. Suas imagens, seus sons e cheiros eram carregados com um peso de lembrança. O rugido ecoante dos carros passando acima; o clic-clic-clic das juntas de dilatação do viaduto; o lixo, a sujeira e o ar pesado de fumaça. Amy estava parada na beira da estrada, segurando um cartaz: "Com fome. Qualquer coisa serve. Deus o abençoe." O tráfego passava, carros, caminhões, ninguém ao menos olhava na sua direção. Estava vestida com trapos, as mãos pretas de sujeira. Seu estômago era um punho fechado, feito de

vazio gélido. Os veículos insensíveis passavam a toda a velocidade. Por que ninguém parava?

Então, o carro. Um grande utilitário esportivo, escuro e brilhante diminuiu a velocidade e parou, não tanto chegando perto do meio-fio quanto pousando, como um grande pássaro preto. Suas janelas de vidros escuros formavam quadrados de reflexo perfeito, duplicando o mundo. Com um suave zumbido mecânico, a janela do carona baixou.

– Amy, olá.

Wolgast estava sentado ao volante, usando terno azul-marinho e gravata escura. Estava bem barbeado, o cabelo penteado para trás, brilhando levemente, como se ainda estivesse úmido do chuveiro.

– Você chegou na hora certa.

– O que você está fazendo aqui?

Sorrindo, ele se inclinou para abrir a porta.

– Por que não entra?

Amy pôs sua placa no chão e subiu para o banco do carona. O ar dentro do carro era fresco, com um cheiro de couro.

– É maravilhoso ver você – disse Wolgast. – Não esqueça de prender o cinto, querida.

– Aonde a gente vai?

– Você vai ver.

Saíram de baixo do viaduto para o sol de verão. Ao redor deles lojas, casas e carros passavam a toda a velocidade, um mundo de humanidade ocupada. O carro sacolejava agradavelmente sob eles, com suas molas acolchoadas.

– Falta muito?

Wolgast deu de ombros vagamente.

– Não muito. É ali adiante, na estrada. – Ele olhou de lado. – Devo dizer que você está muito bem, Amy. Cresceu tanto!

– Que lugar é este?

– Bom, é o Texas. – Ele fez uma careta de nojo. – Tudo isto é Houston, Texas. – Uma lembrança tomou conta de seu rosto. – Lila ficava enjoada de me ouvir falar nisso. Dizia: “Brad, é só um estado, como qualquer outro.”

– Mas como viemos parar aqui?

– Como, eu não sei. Acho que não existe resposta para isso. Quanto ao porquê... – Ele a olhou de novo. – Eu sou um dos dele, você entende?

– Do Carter.

Wolgast assentiu.

– Está no navio também?

– No navio? Não.

– Então onde?

Ele não respondeu imediatamente.

– Acho que é melhor ele explicar. – Seus olhos se viraram rapidamente para o rosto de Amy, outra vez. – Você está realmente maravilhosa, Amy. Como sempre imaginei. Sei que ele vai ficar feliz em vê-la.

Tinham passado para um bairro de casas grandes, árvores luxuriantes e gramados amplos e bem cuidados. Wolgast pegou a entrada de veículos de uma casa colonial de tijolos brancos e parou o carro.

– Chegamos. Acho que vou deixar você, então.

– Você não vai comigo?

– Ah, acho que desta vez sou só o mensageiro. Nem mesmo isso. Sou mais como o entregador. Basta dar a volta pelos fundos.

– Mas não quero ir sem você.

– Tudo bem, querida, ele não vai mordê-la. – Wolgast pegou a mão dela e apertou suavemente. – Agora vá, ele está esperando. Logo nos veremos. Vai ficar tudo bem, prometo.

Amy saiu do carro. Havia gafanhotos chiando nas árvores, um som que de algum modo aprofundava o silêncio. O ar estava pesado de umidade e tinha cheiro de grama recém-aparada. Amy se virou para olhar Wolgast, mas o carro havia desaparecido. Este lugar, percebeu ela, era diferente neste sentido: as coisas podiam simplesmente desaparecer.

Subiu pela entrada de veículos, passou por um portão de treliça com trepadeiras floridas e chegou ao quintal dos fundos. Carter estava sentado a uma mesa no pátio, usando jeans, uma camiseta suja e botas pesadas, desamarradas. Estava esfregando o pescoço e o cabelo com uma toalha. O cortador de grama estava parado ali

perto, soltando um leve cheiro de gasolina. Quando Amy se aproximou, Carter levantou o rosto e sorriu.

– Ora, aí está você. – Carter fez um gesto para os dois copos na mesa. – Acabei o serviço aqui, venha sentar-se um pouquinho. Achei que você gostaria de um chá. – O sorriso se alargou até virar um riso enorme, branco. – Não há nada tão bom quanto um pouco de chá num dia quente de junho.

Amy ocupou a cadeira diante dele. Carter tinha rosto pequeno, liso, olhos gentis e cabelo cortado bem curto, como um gorro de lã escura. Sua pele cor de chocolate era pintalgada de pontos pretos; havia pedacinhos de grama em sua camisa e nos braços. Perto do pátio, a piscina era uma presença de azul fresco, convidativo, a água batendo suavemente nas laterais de ladrilhos. Só então Amy percebeu que era a mesma casa onde ela e Greer haviam passado a noite.

– Este lugar – disse Amy. Ela virou o rosto para as árvores, que zumbiam. A luz forte do sol aquecia sua pele. – É tão lindo!

– É mesmo, Srta. Amy.

– Mas ainda estamos dentro do navio, não é?

– De certa forma – respondeu Carter. – De certa forma.

Ficaram sentados em silêncio, tomando o chá gelado. Gotas de umidade escorriam pelas laterais dos copos. Agora as coisas estavam chegando com mais clareza.

– Acho que sei por que estou aqui – disse Amy.

– Espero que sim.

De repente o ar havia ficado gélido. Amy estremeceu, apertando os braços contra o corpo. Folhas secas voavam no pátio como pedaços de papel marrom – a luz havia perdido a cor.

– Estive pensando em você, Srta. Amy. O tempo todo. Wolgast e eu conversamos um bocado. Uma boa conversa, como a que a gente está tendo agora.

O que quer que Carter fosse lhe dizer, de repente ela não queria ouvir. Eram as folhas que a faziam pensar nisso. Estava com medo.

– Ele disse que é seu. Que pertence a você.

Carter assentiu com seu modo afável.

– O sujeito diz que me deve, e acho que está certo, mas eu também devo a ele. Foi ele que me deu tempo para descobrir. “Um oceano de tempo, Anthony”, foi o que ele disse. Eu tomei uns no começo, nunca disse que não tomei. Era a fome que me obrigava. Mas nunca pude aceitar. Foi Wolgast que me deu a chance de consertar as coisas.

– Foi ele que trancou você no navio, não foi?

– Foi, Srta. Amy. Eu pedi que ele fizesse isso quando a fome ficou ruim demais. Ele teria se trancado também, se não fosse por você. “Vá procurar sua menina”, disse eu. Aquele homem ama você de todo o coração.

Amy percebeu que havia alguma coisa na piscina. Uma forma escura subindo lentamente, chegando à superfície para ocupar seu lugar entre as folhas de outono que flutuavam.

– Ela está sempre aí. – Carter balançou a cabeça devagar, com tristeza. – Isso é que é uma pena. Todo dia eu corto a grama. Todo dia ela sobe.

Ficou quieto um momento, com o rosto gentil à deriva no pesar. Um momento se passou, em seguida ele se controlou e a encarou de novo.

– Sei que não é justo para você... as coisas que tem de enfrentar. Wolgast também sabe. Mas esta é a nossa chance. Nunca houve outra.

Então a dúvida dela virou certeza, como uma semente se abrindo por dentro. Tinha sentido isso durante dias, meses. A voz de Zero convocando-a. *Amy, vá a eles. Vá a eles, nossa irmã no sangue. Eu conheço você, sinto você. Você é o ômega do meu alfa, a que irá vigiá-los e guardá-los.*

– Por favor – disse ela, com a voz tremendo. – Não me peça para fazer isso.

– Não sou eu que pede ou não. Nem que falo. Isto aqui é só o que *é*. – Carter se ajeitou na cadeira, tirou um lenço do bolso de trás e estendeu para ela. – Pode chorar se quiser, Srta. Amy. Sei que você merece pelo menos isso. Eu também já chorei um rio inteiro.

Ela chorou. No orfanato tinha sentido o gosto da vida. Com Caleb, as irmãs, Peter e todos os outros. Havia se tornado parte de alguma

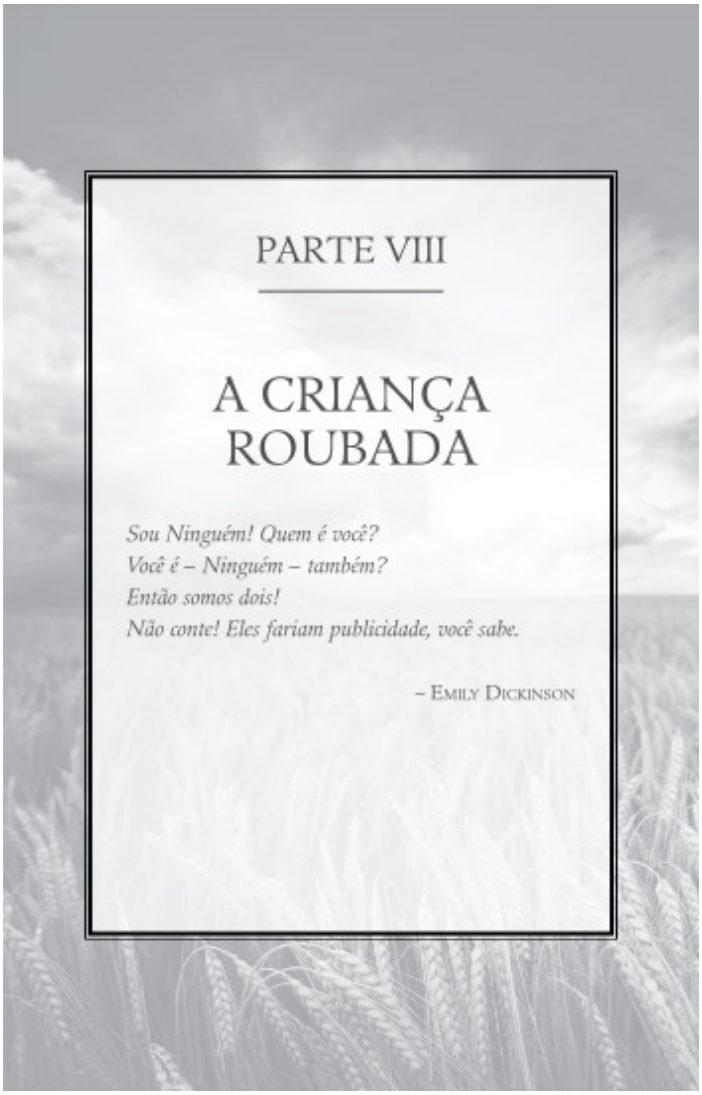
coisa, de uma família. Tinha criado um lar no mundo. Agora isso iria embora.

– Eles vão matar nós dois.

– Acho que vão tentar. Sei desde o começo. – Ele se inclinou sobre a mesa e olhou a mão dela. – Não está certo, eu sei, mas essa cruz é nossa. É a nossa única chance. Nunca haverá outra.

Não havia como recusar – o destino a havia encontrado. A luz estava se desbotando, as folhas estavam caídas. Na piscina, o corpo da mulher continuava seu caminho lento, flutuando e girando na corrente eterna.

– Diga o que devo fazer.



PARTE VIII

A CRIANÇA ROUBADA

Sou Ninguém! Quem é você?
Você é – Ninguém – também?
Então somos dois!
Não conte! Eles fariam publicidade, você sabe.

– Emily Dickinson

QUARENTA E NOVE

A primeira neve de verdade chegou no meio da noite, como sempre parecia acontecer. Sara estava dormindo no sofá quando foi acordada por batidas fracas. Por algum tempo esse som se misturou em sua mente com seu sonho, no qual estava grávida e tentando contar a Hollis. O cenário desse sonho era um amontoado confuso de locais que se sobrepunham (a varanda da casa na Primeira Colônia, onde havia crescido; a usina de biodiesel, em meio ao rugido dos moinhos; um teatro em ruínas, totalmente imaginado, com cortinas roxas rasgadas suspensas sobre um palco), e ainda que outros personagens pairassem na periferia (Jackie, Michael, Karen Molyneau e suas filhas), a sensação era de isolamento: ela e Hollis estavam sozinhos e o bebê, dando batidas dentro dela – Sara percebia que isso era uma espécie de código –, pedia para nascer. A cada vez que ela tentava explicar isso a Hollis, as palavras saíam totalmente diferentes – não “estou grávida” e sim “está chovendo”, não “vou ter um bebê” e sim “hoje é terça-feira” –, o que fazia Hollis primeiro olhá-la com ar confuso e depois divertido e finalmente explodir numa gargalhada total. “Não é engraçado”, dizia Sara. Lágrimas de frustração enchiam seus olhos e Hollis gargalhava daquele seu jeito caloroso, aberto. “Não é engraçado, não é engraçado, não é engraçado...” e continuava assim, e nesse estado o sonho se dissolveu e em seguida ela estava acordada.

Ficou imóvel um momento. As batidas vinham da janela. Empurrou o cobertor para um lado, atravessou a sala com seus móveis volumosos, tecidos ornamentados e bonecas de olhar fixo e puxou a cortina. O terreno da Cúpula era mantido iluminado a noite toda, uma ilha de luminescência num mar de escuridão, e através dos raios dessa luz uma neve gelada caía, espalhada por ventos fortes. Parecia mais gelo do que neve, mas enquanto ela se demorava ali alguma coisa mudou. As partículas ficaram mais lentas e chatas, virando flocos. Caíam sobre todas as superfícies, criando um manto de branco. Nos outros dois cômodos do apartamento Lila e a filha de

Sara, aconchegada em sua caminha, dormiam. Como Sara ansiava por estar com ela, pegar a filha no colo, carregá-la de volta ao sofá e abraçá-la enquanto ela dormia! Tocar seu cabelo, sua pele, sentir o sopro quente de seu hálito. Mas esse pensamento era um sonho vazio, nada que ela ousasse se permitir imaginar era de fato possível. Devastada pelo desejo, Sara olhava a neve cair, dando as boas-vindas ao lento apagar do mundo, se bem que lá embaixo na planície, ela sabia, os corpos se sacudissem de frio. Os meses de escuridão e sofrimento. *Bom*, pensou com um tremor. *O inverno. Então ele começa. Pelo menos estou num lugar fechado.*

Mas quando acordou de manhã alguma coisa mudou de novo.

– Dani, olhe! É neve!

Uma luz brilhante invadia a sala. A menininha, vestida em sua camisola, havia se empoleirado numa cadeira para puxar as cortinas e estava encostando o nariz na janela gelada. Sara se levantou rapidamente do sofá e as fechou.

– Mas eu quero ver!

Ouviu-se do cômodo interno:

– Dani! Cadê você? Preciso de você!

– Só um minuto! – Sara mirou os olhos da menina, que imploravam. – Desculpe, querida. Você conhece a regra.

– Mas ela pode ficar na cama!

– *Dani!*

Sara deu um suspiro. As manhãs de Lila eram os momentos mais difíceis, assolados por uma ansiedade desfocada e por um pavor sem nome. O efeito era ampliado a cada dia que se passava desde a última alimentação. Sob o feitiço restaurador do sangue, ela ficava alegre e afetuosa com as duas, até um pouco boba, mas seu interesse por Kate era mais abstrato do que pessoal: ela parecia não compreender totalmente a idade da menina, frequentemente falando como se ela fosse um bebê. Nesses dias bons ela parecia totalmente persuadida de que morava num local chamado Cherry Creek, que era casada com um homem chamado David – se bem que também falasse de alguém chamado Brad, e os dois parecessem intercambiáveis – e que Sara era uma empregada mandada pela "agência", o que quer que isso significasse. Mas à medida que o

efeito do sangue ia passando, um período de quatro ou cinco dias, ela ficava brusca e em pânico, como se essa fantasia elaborada fosse cada vez mais difícil de ser mantida.

– Deixe-me colocá-la no banho – disse baixinho a Kate. – Depois vou ver se posso levar você para brincar lá fora. Combinado?

A menina assentiu vigorosamente.

– Agora vá se vestir.

Sara encontrou Lila sentada na cama, apertando as dobras da camisola fina sobre o peito. Se Sara tivesse de adivinhar sua idade, diria que a mulher estava com uns 50 anos – amanhã seriam mais, as rugas se aprofundando no rosto, os músculos se afrouxando, o cabelo ficando grisalho e ralo. Às vezes a mudança era tão gigantesca que Sara podia vê-la acontecendo. Então Guilder trazia o sangue, Sara era banida da sala junto com Kate, e quando retornavam Lila era de novo uma jovem de 25 anos com cabelos luxuriantes e pele lisa, o ciclo recomeçando.

– Por que não respondeu? Eu estava preocupada.

– Desculpe, dormi mais do que deveria.

– Cadê Eva?

Sara explicou que a menina estava se vestindo e pediu licença para preparar o banho de Lila. Como a penteadeira da mulher, a banheira era um local de importância totêmica. Em seu profundo casulo com patas de leão a mulher podia ficar se encharcando durante horas. Sara abriu a torneira e arrumou os sabões, óleos e pequenos frascos de creme junto com duas toalhas grossas, recém-lavadas. Lila gostava de tomar banho à luz de velas. Sara pegou uma caixa de fósforos no armário e acendeu o candelabro. Quando Lila apareceu à porta, o ar estava opaco com o vapor. Sara, com seu pesado manto de atendente, tinha começado a suar. Lila fechou a porta e se virou para tirar a camisola, que pendurou num gancho no lado interno da porta. A parte superior de seu corpo estava magra, mas não tanto quanto ficaria, a massa se redistribuindo para baixo com o passar dos dias, até o quadril e as coxas. Ela se virou para Sara outra vez e olhou para a banheira com um ar de cautela.

– Dani, não estou me sentindo muito bem hoje. Poderia me ajudar a entrar?

Sara pegou Lila pela mão enquanto ela passava cuidadosamente pela borda e se abaixava na água quente. Assim que ficou imersa, a expressão da mulher se suavizou, com a tensão sumindo do rosto. Ela afundou até o queixo e expirou de um jeito longo e feliz, movendo as mãos como remos para fazer a água passar para lá e para cá sobre o corpo. Livres da gravidade, os seios flutuavam sobre o peito numa falsa juventude restaurada.

– Adoro banho de banheira – murmurou ela.

Sara ocupou seu lugar no banquinho ao lado.

– Cabelo primeiro?

– Hummmm. – Os olhos de Lila estavam fechados. – Por favor.

Sara começou. Como acontecia com tudo, Lila gostava que aquilo fosse feito de um certo modo. Primeiro o topo da cabeça, as mãos de Sara massageando vigorosamente, depois descendo para alisar os fios compridos entre os dedos. O sabonete, depois um enxágue, depois a mesma ordem de eventos repetida com o óleo perfumado. Às vezes ela mandava Sara fazer isso mais de uma vez.

– Ontem à noite nevou – arriscou Sara.

– Hummm. – O rosto de Lila estava relaxado, os olhos ainda fechados. – Bom, para você ver como é Denver. Se não gosta do tempo, espere só um minuto que ele vai mudar. É uma coisa que meu pai sempre dizia.

Os ditados do pai de Lila, devidamente identificados como tal, eram uma característica importante das conversas das duas. Sara usou uma jarra mergulhada na água da banheira para tirar o sabão da testa de Lila e começou a passar o óleo.

– Então acho que tudo vai estar fechado – continuou Lila. – Eu queria ir ao mercado, mesmo. Estamos praticamente sem nada. – Isso não tinha importância, Sara sabia, Lila jamais punha o pé fora do apartamento. – Sabe do que eu gostaria, Dani? De um almoço longo, lindo, em algum lugar especial. Com belas toalhas de linho, porcelana e flores na mesa.

Sara havia aprendido a entrar no jogo:

– Parece ótimo.

Lila deu um demorado suspiro, lembrando, afundando mais na banheira.

– Não sei quanto tempo faz que não tenho um almoço longo e lindo.

Alguns minutos escorreram, Sara passando óleo no couro cabeludo da mulher.

– Acho que Eva gostaria de ficar algum tempo lá fora. – Parecia monstruoso dizer esse nome, mas às vezes era inevitável.

– É, acho que sim – respondeu Lila, sem dar importância.

– Eu estava imaginando: há outras crianças com quem ela possa brincar?

– Outras crianças?

– É, alguém da idade dela. Acho que seria bom se ela tivesse alguns amigos.

Lila franziu a testa, desconfortável. Sara imaginou se teria pressionado demais.

– Bom – disse ela, em tom de concessão –, tem a menina daquela vizinha, a fulaninha não sei das quantas. De cabelo escuro. Mas quase nunca a vejo. A maioria das famílias aqui é reservada. São um bando de gente chata, se quer saber. – E depois: – Mas você é amiga dela, não é, Dani?

Amiga. Que ironia feroz.

– Tento ser.

– Não, é mais do que isso. – Lila sorriu, tonta. – Há alguma coisa diferente em você, dá para ver. Acho maravilhoso que Eva tenha uma amiga como você.

– Então posso levá-la lá fora.

– Daqui a um minuto. – Lila fechou os olhos de novo. – Eu esperava que você pudesse ler para mim. Adoro que leiam para mim na banheira.

Era quase meio-dia quando conseguiram escapar. Sara embrulhou Eva num casaco e lhe pôs luvas, galochas de borracha e um gorro de lã, puxando-o sobre as orelhinhas da menina. Para ela própria tinha apenas o manto, e nada para os pés a não ser os tênis velhos e meias de lã, mas nem se importava. Pés frios, e daí? Pegaram a escada até o pátio e saíram num mundo tão refeito que parecia um local totalmente novo. O ar tinha um cheiro frio, fresco, e o sol

ricocheteava na neve com uma intensidade capaz de arder nos olhos. Depois de tantos dias na semiescuridão forçada do apartamento, Sara foi obrigada a parar junto à porta para dar à visão um tempo de se ajustar. Mas Kate não tinha essa dificuldade. Com um arroubo de energia soltou a mão de Sara e correu para fora, lançando-se pelo pátio. Quando Sara conseguiu alcançá-la – talvez tivesse errado com relação aos pés, iam ser um problema – a criança estava enfiando punhados de neve na boca.

– Tem gosto... frio. – Seu rosto reluzia de felicidade. – Experimente um pouco.

Sara obedeceu.

– Iammm – disse.

Ensinou a menina a fazer um boneco de neve. Sua mente estava cheia com uma doce nostalgia: era como se fosse pequena de novo, brincando no pátio do Abrigo. Mas isso era diferente: agora Sara era a mãe. O tempo havia feito seu círculo inexorável. Como era maravilhoso sentir a felicidade contagiante da filha, experimentar o sentimento de espanto que passava entre elas como uma corrente elétrica! Naquele momento toda a dor foi banida da mente de Sara. Era como se estivessem em qualquer lugar. As duas.

Sara pensou em Amy, também. Era a primeira vez que fazia isso, em anos. Amy, que nunca fora uma menininha, ao que parecia, mas que de alguma maneira sempre era. Amy, a Garota de Lugar Nenhum, em cuja pessoa o tempo não era um círculo, e sim uma coisa interrompida e mantida, um século aninhado na mão. Sara sentiu uma tristeza súbita, inesperada, por ela. Tinha se perguntado por que Amy havia destruído os frascos do vírus naquela noite na fazenda, lançando-os nas chamas. Sara os havia odiado, não só pelo que representavam mas pelo simples fato de sua existência – uma espécie de ódio profundamente pessoal e instintivo –, mas também soubera o que eles eram: uma esperança de salvação, a única arma suficientemente poderosa para ser usada contra os Doze. (*Os Doze*, pensou, há quanto tempo esse nome não atravessava sua mente?) Sara jamais soubera exatamente o que pensar da decisão de Amy, mas agora tinha a resposta. Amy sabia que a vida que aqueles frascos lhe haviam negado era a única

verdadeira realidade humana. Na filha de Sara, essa pessoazinha triunfantemente viva que seu corpo havia feito, estava a resposta para o maior mistério de todos: o mistério da morte e do que vinha depois. Como a resposta era óbvia! A morte não era nada, porque não existia morte. Com o simples fato da existência de Kate, Sara estava ligada a uma coisa eterna. Ter um filho era receber o dom da verdadeira imortalidade – não o tempo imobilizado, como havia acontecido com Amy, e sim o tempo continuando e durando para sempre.

Por que a neve a fizera pensar em Amy? Então lembrou-se.

– Vamos fazer anjos de neve – disse.

Kate nunca tinha feito isso. Deitaram-se lado a lado, os corpos envoltos na brancura e com as pontas dos dedos das duas apenas se tocando. Acima delas o sol e o céu olhavam para baixo em brancura. Moveram os membros para cima e para baixo e se levantaram para inspecionar o que fora gravado. Sara explicou o que eram os anjos: eles são nós.

– Engraçado – disse Kate sorrindo.

A empregada, Jenny, traria o almoço; o tempo delas na neve estava terminando. Sara imaginou o resto do dia: Lila à deriva na fantasia, deixando as duas em paz, roupas molhadas secando em suportes junto ao fogo, Sara e sua filha aninhadas no sofá, a doce troca de calor onde os corpos se tocavam e as horas de histórias que iria ler – o Coelho Peter e o Esquilo Nutkin e *James e o pêssego gigante*, o novo predileto de Kate – antes que as duas caíssem juntas num sono de sonhos entrelaçados. Nunca estivera tão feliz.

Estavam retornando à entrada quando Sara olhou para as janelas no alto e viu que as cortinas estavam abertas. Lila as estava espiando, os olhos escondidos atrás de óculos escuros. Há quanto tempo estaria ali?

– O que ela está fazendo? – perguntou Kate.

Sara conseguiu trazer um sorriso ao rosto.

– Acho que estava gostando de olhar a gente. – Mas por dentro sentia uma fagulha de medo.

– Por que eu preciso chamar ela de mamãe?

Sara parou de repente.

– Por que está perguntando isso?

Por um momento a menina ficou em silêncio. Neve derretida pingava dos galhos.

– Estou cansada, Dani. Pode me pegar no colo?

Júbilo insuportável. O peso da menina não era nada em seus braços. Era a parte dela que faltava e havia retornado para casa. Lila ainda olhava da janela, mas Sara não se importou. Kate a envolveu com os braços e as pernas, apertando, e desse modo Sara carregou sua filha para fora da neve, de volta ao apartamento.

Sara não havia recebido nenhuma mensagem. Todo dia procurava a colher invertida, o bilhete enfiado embaixo do prato e não achava nada. Jenny vinha e ia embora, deixando as bandejas de pão, mingau de aveia e sopa rala, saindo rapidamente sem dizer nada. Como em geral nunca saía do apartamento, a não ser para levar Kate ao pátio, Sara só viu Vale uma vez, quando Lila a mandou procurar um trabalhador da manutenção para desentupir o ralo da pia. Ele estava andando pelo corredor na companhia de dois outros colas, inclusive o carrancudo que os havia encontrado no elevador no primeiro dia de Sara. Vale passou direto por ela. Como sempre, seu disfarce – que na verdade era apenas um modo de se portar, o passo confiante de seu posto – era absolutamente impecável. Nenhum reconhecimento aconteceu entre eles. Se Vale sabia quem ela era, não deu sinal.

Ela não deveria mandar nenhuma mensagem, a não ser em caso de emergência, mas a falta de contato a deixava ansiosa. Por fim decidiu se arriscar. Não havia papéis soltos no apartamento, mas, claro, havia os livros. Uma noite, depois de Lila ter ido para a cama, Sara pegou um pedaço de papel do final de *O Ursinho Puff*. O maior problema era encontrar algo com que escrever: não havia canetas nem lápis no apartamento. Mas na gaveta de baixo da penteadeira de Lila encontrou um kit de costura com uma almofada de agulhas. Escolheu a que parecia mais afiada, enfiou no indicador e espremeu, provocando uma gota de sangue. Usando a agulha como caneta improvisada, rabiscou a mensagem no papel.

Preciso encontro. D.

No dia seguinte, quando Jenny veio pegar a bandeja do almoço, Sara estava esperando. Em vez de deixar que a garota simplesmente a levasse embora como sempre, Sara levantou a bandeja da mesa e estendeu para ela, fazendo contato ocular e depois olhando para baixo, para que a coisa ficasse óbvia.

– Obrigada, Jenny.

A resposta veio dois dias depois. Sara escondeu o bilhete nas dobras do manto, esperando um momento em particular. Isso só aconteceu à tarde, quando Lila tirou um cochilo. Agora ela estava perto do fim do ciclo, ressecada, sem firmeza e meio fora de si. Logo Guilder viria com o sangue. No banheiro Sara desdobrou o papel onde estavam escritos um horário, um lugar e uma única frase de instrução. O coração de Sara se encolheu: não tinha percebido que teria de sair da Cúpula. Precisaria conseguir a permissão de Lila com algum pretexto digno de crédito. Se não conseguisse, não tinha ideia do que fazer. Com Lila naquele estado, Sara imaginou se ela ao menos compreenderia o pedido.

Abordou o assunto no dia seguinte enquanto lavava o cabelo de Lila. Algumas horas de folga, foi como colocou. Uma ida ao mercado. Seria bom ver alguns rostos diferentes e, enquanto estivesse lá, poderia procurar alguns óleos ou sabonetes novos. O pedido provocou uma nítida ansiedade em Lila – nos últimos dias ela havia ficado mais grudada, praticamente não deixando Sara fora de vista. Mas no fim cedeu à força suave do argumento dela. *Só não demore muito*, disse Lila. *Nunca sei o que fazer sem você, Dani.*

Vale havia pavimentado o caminho: no balcão da recepção, o cola lhe entregou o passe com um aviso superficial de que só valia por duas horas. Sara saiu ao vento e foi na direção do mercado. Só colas e olhos-vermelhos tinham permissão de comprar ali. O dinheiro eram pequenas fichas de plástico em três cores: vermelho, azul e branco. Num bolso do manto de Sara havia cinco de cada, parte da compensação que Lila lhe dava a cada sete dias, aumentando a ficção de que Sara era uma empregada paga. A neve fora tirada das calçadas no que antigamente havia sido a pequena área comercial da cidade, três quarteirões de prédios de tijolos comprimidos perto da rua. A maior parte da cidade permanecia sem uso e abandonada,

caindo numa suave decadência; quase todos os olhos-vermelhos, a não ser os de cargo mais importante, moravam num grupo de prédios de apartamentos na extremidade sul do centro. O mercado era o coração da cidade, com barreiras nas duas pontas. Alguns prédios ainda tinham placas indicando sua função original: Banco do Estado de Iowa, Forte Powell Exército-Marinha, Wimpy's Café, Pradaria Livros e Música. Havia até um pequeno cinema com marquise. Sara ouvira dizer que os colas às vezes tinham permissão de ir assistir aos filmes que eram projetados repetidamente.

Mostrou o passe na barreira. As ruas estavam vazias, a não ser pelas patrulhas e um punhado de olhos-vermelhos caminhando com seus casacos luxuosamente pesados e óculos escuros. Abrigada por seu véu, Sara se movia numa bolha de anonimato, mas sabia que esse sentimento de segurança era uma ilusão perigosa. Andava num passo que não era rápido nem lento, a cabeça abaixada por causa do vento frio que chicoteava pelas ruas e pelas esquinas dos prédios.

Chegou à farmácia. Sinos tilintaram quando entrou. A sala estava quente e perfumada com fumaça de madeira e ervas. A maioria das prateleiras estava vazia, a não ser por um mostruário de sabonetes e óleos: a maior parte das mercadorias da loja tinha de ser comprada no balcão, onde uma mulher de cabelos grisalhos e boca franzida e sem dentes estava encurvada sobre uma balança para medir quantidades minúsculas de um pó amarelo-claro, usando um funil para colocá-lo em ínfimos frascos de vidro. Levantou os olhos rapidamente quando Sara entrou, depois os virou para o cola que estava se demorando perto do mostruário, e de volta. *Tenha cuidado. Sei quem você é. Não se aproxime até que eu me livre dele.* Então, falando em voz alta, solícita:

– Senhor, será que está procurando alguma coisa especial?

O cola cheirou uma barra de sabonete. Teria 30 e poucos anos, não era feio e tinha um ar vaidoso. Recolocou o sabonete no mostruário.

– Algo para dor de cabeça.

– Ah. – Um sorriso de tranquilidade; a tarefa estava definida. – Só um momento.

A velha escolheu um vidro na parede de remédios à base de ervas atrás dela, pôs colheradas das folhas secas num embrulho de papel e entregou a ele por cima do balcão.

– Dissolva isso em água quente. Uma pitada deve bastar.

Ele examinou o embrulho, inseguro.

– O que tem aí? Você não está tentando me envenenar, não é, velha?

– Nada além de camomila. Eu mesma uso. Se quiser que eu prove antes, eu ficaria feliz.

– Esqueça.

Ele pagou com uma ficha azul e a mulher o acompanhou com os olhos enquanto ele partia num tilintar de sinos.

– Venha comigo – disse a Sara.

Levou-a a um depósito nos fundos, onde havia uma mesa com cadeiras e uma porta que dava no beco. A mulher mandou Sara esperar e voltou para a frente da loja. Vários minutos se passaram, então a porta se abriu: era Nina, vestindo túnica de planiciana, um paletó escuro e uma echarpe comprida que envolvia a metade inferior do rosto.

– Isto é uma idiotice incrível, Sara. Você sabe como é perigoso?

Sara encarou os olhos de aço da outra. Até esse momento não tinha percebido como ela estava com raiva.

– Vocês sabiam que minha filha está viva, não sabiam?

Nina estava desenrolando a echarpe.

– Claro que sabíamos. É isso que nós *fazemos*, Sara, sabemos das coisas. Depois usamos a informação. Achei que você ficaria feliz com isso.

– Há quanto tempo vocês sabem?

– Isso importa?

– Importa, droga.

Nina lhe deu um olhar duro.

– Certo, suponha que nós soubéssemos o tempo todo. Suponha que contássemos a você. O que você teria feito? Não se incomode em responder. Teria dado uma de maluca e feito alguma idiotice. Não teria dado 10 passos para a Cúpula sem estragar o disfarce. Se serve de consolo, houve muita discussão sobre isso. Jackie achava

que você deveria saber. Mas a opinião que prevaleceu foi que o sucesso da operação vinha em primeiro lugar.

– Opinião que prevaleceu. Quer dizer, a sua.

– Minha e de Eustace. – Por um momento a expressão de Nina pareceu se suavizar. Mas só por um momento. – Não receba isso tão mal. Você conseguiu o que queria. Fique feliz.

– O que quero é tirá-la de lá.

– E é com isso que estamos contando, Sara. E vamos tirá-la, no devido tempo.

– Quando?

– Achei que seria óbvio. Quando tudo isso acabar.

– Você está me *chantageando*?

Nina desconsiderou a acusação.

– Não me entenda mal, chantagem não é uma coisa pela qual eu sinta aversão específica. Mas neste caso não preciso. – Ela olhou para Sara com cuidado. – O que você acha que acontece com essas meninas?

– Como assim, “meninas”? Minha filha é a única.

– É *agora*. Mas não é a primeira. Sempre há outra Eva. Dar uma filha a Lila é o único modo que Guilder tem para mantê-la calma. Mas assim que elas chegam a uma certa idade a mulher perde o interesse ou a criança a rejeita. Então eles conseguem uma nova.

Uma onda de tontura encheu a cabeça de Sara. Precisou sentar-se.

– Quantos anos?

– Cinco ou seis. Varia. Mas sempre acontece, Sara. É isso que estou dizendo. O relógio está correndo. Talvez não seja hoje, nem amanhã, mas logo. Então ela vai para o porão.

Sara se obrigou a fazer a pergunta seguinte:

– O que há no porão?

– É onde fazem o sangue para os olhos-vermelhos. Não sabemos de todos os detalhes. O processo começa com sangue humano, mas então acontece alguma coisa com ele. Eles o alteram de algum modo. Há um homem lá embaixo, uma espécie de viral, pelo menos é o que dizem. Eles o chamam de A Fonte. Ele bebe um destilado de

sangue humano e o altera no corpo, uma coisa diferente sai. Você viu o que acontece com a mulher?

Sara assentiu.

– Isso acontece com todos eles, mas nos homens é mais lento. O sangue da Fonte os rejuvenesce. É isso que os mantém vivos. Mas, quando sua filha for lá para baixo, nunca mais vai sair.

Uma tempestade de emoções rolou por dentro dela. Raiva, impotência, um desejo feroz de proteger a filha. Era tão intenso que Sara pensou que passaria mal.

– O que eu devo fazer?

– Quando chegar a hora você saberá. Nós vamos tirá-la. Dou minha palavra.

Sara entendeu o que Nina estava pedindo. Pedindo, não: dizendo. Ela a havia manobrado perfeitamente. Kate era a refém e o resgate seria pago em sangue.

– Odeie-a por causa disso, Sara. Concentre-se nisso. Pense no que ela faz. O momento chegará para todos nós, inclusive para mim, como chegou para Jackie. Eu irei de boa vontade quando isso for pedido. E, a não ser que essa coisa aconteça, sua filha estará sozinha. Nunca poderemos chegar a ela.

– Onde vai ser? – perguntou Sara. Não precisava ser mais clara do que isso, o significado era óbvio.

– É melhor que você não saiba até que chegue a hora. Você vai receber uma mensagem do modo usual. Você é o elemento central e é importante ter a noção de tempo exata.

– E se eu não conseguir?

– Então você morre, de qualquer modo. E sua filha também. É só uma questão de quando. Já falei sobre o como. – Os olhos dela estavam profundamente fixos nos de Sara. Não havia compaixão em nenhum lugar dentro deles, só uma clareza gélida. – Se tudo acontecer de acordo com o plano, será o fim dos olhos-vermelhos. De Guilder, de Lila, de todos eles. Entende o que estou dizendo?

A mente dela havia ficado totalmente entorpecida. Sentiu-se confirmando com a cabeça, depois dizendo em voz fraca:

– Entendo.

– Então cumpra com o seu dever. Faça isso por sua filha. Kate, não é o nome dela?

Sara ficou pasma.

– Como você...?

– Porque você me contou. Não lembra? Você me disse o nome dela no dia em que ela nasceu.

Claro, pensou Sara. Agora muita coisa fazia sentido. Nina era a mulher da ala de partos que lhe dera uma mecha do cabelo de Kate.

– Você pode não acreditar, Sara, mas estou tentando consertar um malfeito.

Sara quis rir. Teria rido, se uma coisa dessas ainda fosse possível.

– Você tem um modo engraçado de demonstrar.

– Talvez. Mas esses são os tempos em que vivemos. – Outra pausa profunda. – Eu sei dessas coisas.

Sabia mesmo? A pergunta não tinha importância. De algum modo ela teria de arranjar forças.

– Faça por sua filha, Sara. Faça por Kate. Caso contrário ela não tem chance.

CINQUENTA

As coisas que eles estavam fazendo eram suportáveis. Não sem dor, nem sem a parente próxima da dor, que era a expectativa de que ela viria. Mas podiam ser suportadas. Durante um longo tempo não fizeram perguntas. Não fizeram nenhum tipo de exigência. Esse era simplesmente o tipo de coisa que eles gostavam de fazer – e continuariam fazendo –, sentindo um prazer sombrio, ao qual Alicia não cedia com facilidade. Ela silenciava os gritos, aguentava tudo estoicamente, ria sempre que podia, dizendo de modo explícito: *Façam o máximo que puderem, amigos. Sou eu que devo ser mantida acorrentada. Acham que este fato, em si, não é uma espécie de vitória?*

O pior era a água. Estranho, porque Alicia sempre havia gostado de água. Na infância tinha sido uma nadadora intrépida, mergulhando na gruta da Colônia, prendendo o fôlego pelo máximo de tempo possível, tocando o fundo enquanto os ouvidos estalavam e vendo as bolhas da respiração exalada subirem do escuro para a luz do sol lá em cima. Às vezes eles jogavam água dentro da sua boca. Às vezes a puxavam do teto, amarravam numa tábua e a mergulhavam de cabeça numa banheira gelada. A cada vez ela pensava: *vamos lá*, e contava os segundos até que tudo terminasse.

Sua força havia diminuído sensivelmente à medida que os dias passavam. Um pequeno ajuste para baixo, no todo, mas o suficiente. Eles ofereceram comida, uma gororoba pastosa de soja ou milho e tiras de carne defumada demais até ficar com a consistência de couro. A intenção não declarada era mantê-la viva para poderem se divertir o máximo possível. Ela fez uma promessa silenciosa: quando finalmente provasse sangue humano, o ato final e nem um pouco ambíguo de sua transformação, o sangue seria deles. O abandono da participação na raça humana era uma coisa pesada, mas havia algum consolo nesse pensamento. Beberia os desgraçados até secá-los.

Não tinha como avaliar a marcha dos dias. Quando ficava sozinha, adotava a prática mental de repassar acontecimentos de seu passado, movendo-se pela memória como se ela fosse um corredor com pinturas que podia parar para examinar: montando guarda na Primeira Colônia; a viagem com Peter, Amy e os outros pelas Terras Escura até o Colorado. Sua infância estranha e árida com o Coronel. Sempre o chamara de “senhor”, nunca de “papai” ou mesmo “Niles”: desde o início ele fora seu oficial superior, não um pai ou amigo. Era estranho pensar nisso agora. Suas lembranças da vida tinham uma enorme quantidade de emoções, sofrimento, felicidade, empolgação e solidão e, até certo ponto, amor, mas a sensação que amalgamava tudo isso era a de fazer parte. Ela era suas memórias e suas memórias eram ela. Esperava conseguir mantê-las quando tudo estivesse terminado.

Começou a imaginar se tudo o que eles tinham em mente para ela seria uma repetição interminável das atividades dolorosas. Foi quando a rotina do cativeiro se alterou, com a chegada de um homem que parecia estar no comando. Não se apresentou e pelo menos por um minuto não disse nada, o rosto com a expressão de alguém que lesse um livro confuso, apenas ficou diante dela, que estava suspensa no teto. Vestia terno escuro, gravata e uma camisa branca engomada. Não parecia ter mais do que 30 anos. A pele era clara e suave, como se nunca visse o sol. Mas eram seus olhos que contavam a verdadeira história. Por que ela deveria estar surpresa?

– Você é... diferente. – Chegando mais perto, ele soltou a respiração com força pelo nariz, movendo-o no ar em volta dela como um cachorro.

– É, ouço isso um bocado.

– Sinto o cheiro em você.

– Não posso dizer que tenha tido muita chance de tomar banho. – Ela ofereceu seu riso mais ousado. – E você é...?

– Eu faço as perguntas.

– Sabe, você não deveria ler no escuro, assim. Os seus olhos estão infernais.

Ele se inclinou para trás e lhe deu um tapa no rosto, com a mão aberta.

– Uau – disse Alicia, movimentando o maxilar. – Ai. Isso meio que dói.

Ele avançou de novo e torceu violentamente o braço dela que estava levantado.

– Por que você não tem uma etiqueta?

– Você está usando uma roupa chique. Faz a gente se sentir malvestida.

Outro golpe no rosto, como o estalo de um chicote. Alicia piscou os olhos úmidos e passou a língua pelos dentes, sentindo gosto de sangue.

– Sabe, vocês têm feito isso um bocado. Não é muito legal. Não gosto muito de vocês.

Os olhos reluzentes dele se estreitaram com fúria. Agora ela estava chegando a algum lugar.

– Fale sobre Sérgio.

– Esse nome não me diz nada.

Ele bateu de novo. Pequenos pontos de luz dançaram em sua visão. Dava para ver que ele estava economizando a força. Iria revelá-la a conta-gotas, numa escalada vagarosa.

– Por que não me tira daqui e a gente pode bater um papo de verdade? Porque isso obviamente não está funcionando para você.

Pou, fez a mão dele, desta vez com o punho. Era como ser acertada por uma tábua. Alicia sacudiu a cabeça, cuspindo sangue.

– Devo dizer que foi bem impressionante. Você andou malhando?

– *Diga.*

– Vá se danar!

Um golpe de martelo na barriga. A respiração dela parou no peito enquanto o diafragma se comprimia como um torno. Os segundos sem ar passaram. No momento em que seus pulmões finalmente se expandiram, ele a acertou de novo.

– *Quem... é... Sérgio?*

Alicia estava com um pouco de dificuldade para focalizar. Para focalizar, respirar e pensar. Estava esperando outro golpe, mas não veio nenhum; percebeu que o sujeito havia aberto a porta. Três figuras passaram: dois que ela já vira e um novo. Estavam

carregando uma espécie de banco, da altura da cintura, com uma estrutura larga na base.

– Gostaria de apresentar um amigo. Este é Sacana. Na verdade vocês já se conheceram.

A visão de Alicia ficou gradualmente mais nítida. Havia algo errado com o rosto do sujeito. Ou melhor, com um lado do rosto dele, que parecia um pedaço de carne malpassada, crua no centro e enegrecida nas bordas. Metade do cabelo fora queimada, assim como a maior parte do nariz. O olho esquerdo parecia derretido, vulcanizado numa gosma que escorria.

– Eca – conseguiu reagir Alicia.

– Sacana estava na área de carga quando vocês decidiram explodir o lugar. Ele não ficou muito feliz.

– Tudo isso num único dia de trabalho. Prazer em conhecê-lo, Sacana. É um tremendo nome esse seu.

– Sacana é um homem com entusiasmos especiais. Você poderia dizer que o nome é bem merecido. Ele tem uns acertozinhos a fazer com você. – O sujeito se dirigiu aos outros dois homens. – Amarrem-na. Pensando bem, esperem um segundo.

Os golpes vinham e vinham. No rosto. No corpo. Quando o sujeito se cansou, Alicia quase já não sentia nada. A dor havia se tornado outra coisa – distante, vaga. Um chacoalhar de correntes e uma liberação da pressão nos pulsos. Ela estava virada para o chão, a cintura montada no banco e os pés amarrados na estrutura, as pernas arreganhadas. As calças foram arrancadas do corpo.

– Um pouco de privacidade para o nosso amigo aqui – disse o primeiro homem, e Alicia ouviu a porta se fechando, e depois o som, agourento e definitivo, da fechadura sendo trancada.

CINQUENTA E UM

Toda noite, enquanto Amy e Greer viajavam para o norte, ela sonhava com Wolgast. Às vezes eles estavam no carrossel. Às vezes iam de carro, com as cidadezinhas e os campos verdes da primavera passando a toda a velocidade, montanhas erguendo-se a distância, suas faces rochosas brilhando com gelo. Esta noite estavam no Oregon, no acampamento. Estavam na sala principal do chalé, sentados um de frente para o outro no chão, as pernas cruzadas em estilo índio, e entre eles o tabuleiro do Banco Imobiliário com seus quadrados de cor desbotada e dinheiro em pilhas bem-arrumadas, o cone de Amy e o pequeno automóvel de Wolgast, e Wolgast lançando os dados de um copo e movendo sua peça para a praça St. Charles, local de um dos seis (seis!) hotéis de Amy. A sala estava quente por causa do fogão. Do outro lado das janelas uma neve seca ia caindo pela escuridão aveludada e pelo frio profundo do inverno.

– Pelo amor de Deus – gemeu ele.

E entregou as notas. Sua exasperação era falsa; ele queria perder. Disse que ela tinha sorte, fazendo com que isso fosse verdade com suas palavras. Você tem sorte, Amy.

As peças giravam e giravam. Mais dinheiro trocava de mãos. Park Place, avenida Illinois, Marvin Gardens. A pilha de dinheiro de Amy crescia enquanto a de Wolgast se encolhia até o zero. Ela comprava ferrovias e instalações, tinha construído casas e hotéis em toda parte, uma quantidade de posses que lhe permitia construir outras, cobrindo o tabuleiro. Entender essa matemática acelerada era a chave do jogo.

– Acho que preciso de um empréstimo – confessou Wolgast.

– Tente no banco. – Ela estava rindo pela vitória. Assim que ele pegasse o dinheiro emprestado o fim logo chegaria: ele levantaria os braços e teria de se render. Então os dois assumiriam os lugares costumeiros no velho sofá com estofamento afundado, com um

cobertor puxado até o peito, e se revezariam lendo um para o outro. O livro desta noite: *A máquina do tempo*, de H. G. Wells.

Ele derramou os dados no tabuleiro. Um três e um quatro. Moveu seu carro e pousou no “Imposto sobre o luxo”, onde havia o pequeno anel de diamante.

– De novo, não. – Ele revirou os olhos e pagou. – É tão maravilhoso estar aqui com você! – Wolgast levantou os olhos para a janela. – Sem dúvida está nevando lá fora. Há quanto tempo está nevando?

– Acho que faz muito tempo.

– Sempre adorei isso. Faz com que eu me lembre de quando era garoto. Sempre parece Natal quando neva.

A madeira no fogão estalava. Por toda a floresta densa a neve caía e caía. A manhã irromperia com uma luz branca e suave, e silêncio, mas no lugar onde eles estavam a manhã jamais chegaria.

– Todo ano meus pais me levavam para assistir à apresentação de *Um conto de Natal*. Onde quer que a gente estivesse morando, eles achavam um teatro e me levavam. Jacob Marley sempre me deu um pavor tremendo. *Ele estava preso pelas correntes que forjara em vida.* Era uma história muito triste. Mas linda, também. Muitas histórias são assim. – Ele pensou um momento. – Às vezes eu gostaria de poder ficar aqui para sempre, com você. É idiotice minha, eu sei. Nada dura para sempre.

– Algumas coisas duram.

– Que tipo de coisa?

– As coisas que a gente gosta de lembrar. O amor que a gente sentiu pelas pessoas.

– Como eu amo você – disse Wolgast.

Amy assentiu.

– Porque eu amo, você sabe – insistiu ele, e deu um sorriso. – Já falei isso?

– Não precisava falar. Eu sempre soube. Sabia desde o início.

– Não, eu deveria falar. – Seu tom de voz era de arrependimento. – É melhor quando a gente diz.

Fez-se silêncio, profundo como a floresta, profundo como a neve que caía sobre ela.

– Há uma coisa diferente em você, Amy. – Ele a estava examinando com os olhos. – Alguma coisa mudou.

– Acho que mudou, sim.

Uma escuridão suave se movia a partir das bordas. A coisa sempre acontecia assim, como as luzes se apagando num palco até restarem só os dois.

– Bom, o que quer que seja – disse ele, e riu –, eu gosto. – E depois de um momento: – Você disse ao Carter como eu lamentei?

– Ele sabe.

Wolgast estava olhando para além dela.

– É uma coisa pela qual nunca poderei me perdoar. Eu sabia, só de olhar para ele. Ele amava aquela mulher de todo o coração. – Wolgast baixou os olhos para o tabuleiro do Banco Imobiliário. – Parece que terminamos. Não sei como fazer. Da próxima vez pego você.

– Quer ler?

Ocuparam o lugar no sofá embaixo do cobertor de lã. Canecas de chocolate estavam sobre a mesa, tendo chegado, como todo o resto, por vontade própria. Wolgast levantou o livro e folheou as páginas até encontrar a certa.

– *A máquina do tempo*, capítulo sete. – Ele pigarreou e virou o rosto para ela. – Minha garota corajosa. Minha Amy corajosa. Eu amo você mesmo, você sabe.

– Também amo você – disse Amy, aninhando-se nele.

E desse modo passaram uma infinidade de horas, um mero piscar de olhos, até que a escuridão, que também era um cobertor, se acomodou sobre eles.

CINQUENTA E DOIS

Seguiram a rota de suprimentos do leste, indo em direção ao norte até Texarkana, levando comida e combustível e dormindo nas casas-fortes. O veículo era um dos de Tifty, um pequeno caminhão de carga reformado como se fosse um portátil, coisa de que precisariam logo: ao norte de Little Rock estariam se abrigando em espaço aberto. O combustível era um problema que não tinham, explicou Tifty. O caminhão podia carregar mais 800 litros de reserva e em sua viagem para o norte com Greer e Crukshank, 15 anos antes, eles haviam encontrado fontes por todo o caminho até a fronteira de Iowa – campos de aviação, usinas elétricas movidas a diesel, grandes depósitos comerciais com seus campos de tanques que pareciam cogumelos. O caminhão era equipado com um sistema de filtragem que podiam usar para separar agentes contaminantes. Era um processo lento, mas com sorte e bom tempo poderiam chegar a Iowa em meados de dezembro.

A primeira noite no portátil aconteceu 150 quilômetros ao sul da divisa do Missouri. Enquanto o crepúsculo baixava, Tifty pegou uma grande garrafa de plástico na carroceria, cobriu o rosto com um pano e derramou o conteúdo, um líquido transparente, numa linha em volta do veículo.

– Que negócio é aquele? – perguntou Lore. O cheiro fazia os olhos lacrimejarem.

– Amônia, principalmente. Os dracs odeiam. Além disso, encobre nosso cheiro. Eles nem vão saber que estamos aqui.

Jantaram feijão e biscoitos duros e dormiram nos estrados. Logo Hollis estava roncando. Hollis?, pensou Peter. Não, era Lore. Ela dormia do mesmo modo como fazia tudo: como quisesse. Peter podia entender por que Michael se sentia ligado a ela – sua atração era forte –, mas também por que não conseguia se abrir e dizer isso. Quem podia suportar ser tão desejado? Mesmo que a presa quisesse ser apanhada, ela lutava. Durante os dias de espera na refinaria, Peter havia se perguntado, mais de uma vez, se Lore

estaria flertando com ele. Estava, mas ele sabia que isso era uma tática. Ela estava tentando entrar mais fundo no mundo de Michael. Assim que chegasse ao coração desse mundo, ele não teria mais defesas: Michael seria dela.

Peter se remexeu em seu estrado, tentando ficar confortável. Sempre tinha dificuldade de dormir num portátil. Justo quando começava a apagar, um barulho de fora o fazia despertar totalmente. Uma vez, perto de Amarillo, os virais haviam batido nas paredes a noite toda. Chegaram a levantar a estrutura e tentaram virar o portátil. Para manter o moral, os homens do esquadrão de Peter haviam passado o tempo jogando pôquer e contando piadas, como se nada importante estivesse acontecendo. *Tremendo estardalhaço lá fora*, era o máximo que alguém dizia. *Como vou conseguir me concentrar nas cartas?* Peter sentiria falta daquela vida: estava ausente sem licença havia nove dias, agora era tão fora da lei quanto Hollis ou Tifty. Não importava o que Gunnar pudesse oferecer em defesa de Peter, a mensagem do sujeito fora clara: você fará isso por conta própria, ninguém vai dizer que conhecia você.

A próxima coisa que percebeu foi Hollis acordando-o. Desembarcaram no frio. Tão ao norte assim, não poderia haver dúvida quanto à mudança das estações. O céu pendia baixo, com nuvens pesadas e cinza como formações de pedra flutuante.

– Estão vendo? – disse Tifty, mostrando o chão em volta do caminhão. – Nenhum rastro.

Foram em frente. A ausência de virais incomodava Peter. Mesmo fora das casas-fortes não tinham visto rastros, nem dejetos. Era uma boa surpresa, mas tão improvável que se tornava perturbadora, como se os virais estivessem guardando algo especial para eles.

O progresso ficou mais lento, a existência de estradas se tornando vaga. Frequentemente Tifty precisava parar o caminhão para recalcular a rota, usando uma bússola, mapas e às vezes um sextante, instrumento que Peter nunca vira. Michael mostrou como funcionava. Medindo o ângulo do sol no horizonte e levando em conta a hora e a data, era possível calcular a localização sem qualquer outro ponto de referência. O instrumento era tipicamente usado em navios no mar, explicou Michael, onde o horizonte não era

obstruído, mas também podia funcionar em terra. Como você sabe essas coisas?, perguntou Peter, mas enquanto fazia a pergunta percebeu qual era a resposta. Michael havia aprendido a usar um sextante preparando-se para o dia em que navegaria para encontrar, ou não, a barreira.

Os dias de viagem passavam e ainda não haviam aparecido virais. A essa altura eles estavam francamente perplexos com isso, mas a discussão jamais avançava além dessa esquisitice. *É estranho*, diziam. *Acho que deveríamos nos considerar com sorte*. E era verdade, mas a sorte tinha uma capacidade de trair as pessoas no final. Depois de 11 dias Tifty anunciou que estavam se aproximando da divisa do Missouri com Iowa. Estavam sujos e exaustos, com os pavios curtos. Durante dois dias inteiros tinham sido atrapalhados por um rio anônimo, recuando quilômetro após quilômetro na tentativa de encontrar uma ponte ainda de pé. O suprimento de combustível foi ficando baixo. A paisagem havia mudado de novo, não tão plana quanto no Texas mas perto disso, com morros ondulando gradualmente, escondidos sob capim que chegava à cintura. O meio-dia estava chegando quando Hollis, que havia assumido o volante, parou o caminhão.

Peter, que estava cochilando na parte de trás, acordou com o som das portas se abrindo. Levantou-se e descobriu que estava sozinho na cabine. Por que teriam parado?

Pegou o fuzil e desceu. Tudo estava coberto por um pó fino: o capim, as árvores. Neve? O ar tinha um cheiro acre, como de algo queimado. Não era neve. Eram cinzas. Pequenas nuvens de brancura subiam do chão enquanto Peter avançava até onde os outros estavam, na crista de um morro. Ali ele parou, como os companheiros haviam feito, imobilizados pelo que viam.

– Pelo amor de Deus – murmurou Michael. – Que diabo estamos olhando?

CINQUENTA E TRÊS

Aquela mulher: quem era?

Uma espiã. Uma insurgente. Isso era óbvio; sua tentativa de libertar os reféns tinha todas as marcas registradas, e ela havia matado seis homens antes de cometer o erro fatal. Mas a ausência de uma etiqueta em seu braço não fazia sentido. Aquele odor curioso que Guilder havia detectado, o que significava? Eles haviam pegado sua arma, uma semiautomática Browning com duas balas ainda no pente. Guilder nunca vira uma igual; não era deles. Ou a insurgência havia juntado armas a partir de uma fonte que ele não conhecia ou a mulher vinha de um lugar totalmente diferente.

Guilder não gostava de mistérios. Gostava menos ainda de mistérios do que da ideia de Sérgio.

A mulher parecia impossível de ser dobrada. Nem tinha dito qual era seu nome. Nem mesmo Sacana, aquele psicopata, conseguira extrair uma migalha de informação útil. A decisão de empregar os serviços do sujeito chegara com uma tranquilidade curiosa. Mandar as pessoas para o centro de alimentação era uma coisa: os virais faziam um serviço misericordiosamente rápido – e as criaturas precisavam ser alimentadas. Não era uma coisa bonita, mas terminava logo. E quanto a alguns socos na detenção ou à aplicação cautelosa da tábua na água, bem, às vezes esse tipo de medida era simplesmente inevitável. Qual era a expressão usada na época? Interrogatório incrementado.

Mas estupro sancionado era algo novo. Dava vontade de coçar a cabeça. Era o tipo de coisa que acontecia em países pequenos e violentos onde homens com machadinhas despedaçavam as pessoas sem motivo algum além do fato de terem nascido na aldeia errada, ou de terem orelhas ligeiramente diferentes, ou preferirem chocolate a baunilha. Esse pensamento deveria tê-lo impedido. Deveria estar... abaixo de seu nível. Era a isso que Sérgio o havia levado. Era estranho como uma coisa podia parecer totalmente louca num dia e completamente razoável no outro.

Esses eram os pensamentos que passavam pela mente de Guilder, sentado à cabeceira da mesa de reuniões. Se tivesse opção, teria dispensado essas reuniões semanais, que inevitavelmente se transformavam em tortuosas discussões sobre procedimentos, um clássico exemplo de excesso de caciques na mesma tribo. Guilder acreditava firmemente numa cadeia de comando clara e na autoridade dispersa da burocracia piramidal. Isso tendia a criar um inchaço de trabalho na base, com um apetite excessivo por papelada e precedentes, mas mantinha todo mundo em seu canto. Mesmo assim o fingimento de governo compartilhado precisava ser mantido, pelo menos por enquanto.

– Alguém tem algo a dizer?

Ninguém parecia ter. Depois de um silêncio que se estendeu por um tempo incômodo, o ministro da Propaganda, Hoppel, que estava sentado à esquerda de Guilder, ao lado de Suresh, o ministro da Saúde Pública, e bem em frente de Wilkes, pigarreou e disse: – Acho que todo mundo está preocupado com... bem, mais interessado que preocupado, e acho que estou falando por todos, aqui...

– Pelo amor de Deus, desembuche. E tire os óculos.

– Ah. Certo. – Hoppel tirou os óculos escuros do rosto e os colocou com delicadeza nervosa na mesa. – Como eu dizia – continuou, e pigarreou de novo. – Seria possível que, talvez, as coisas estejam fugindo um pouquinho de controle?

– Você está certíssimo. Esta é a primeira coisa inteligente que alguém me disse o dia todo.

– O que eu quero dizer é que as estratégias que usamos não parecem estar levando aonde queremos chegar.

Guilder suspirou irritado.

– O que você está sugerindo?

O olhar de Hoppel saltou involuntariamente para os colegas. *É melhor me apoiarem nisso, não vou entrar nessa encrenca sozinho.*

– Talvez devêssemos diminuir a intensidade da coisa. Por um tempo.

– Diminuir a intensidade. Vamos ser um pouco mais claros.

– Bom, é o seguinte. Andam falando muito na planície e não é a nosso favor. Talvez devêssemos tentar aliviar a situação um

pouquinho. E ver aonde isso nos leva.

– Ficou doido? Vocês todos ficaram doidos? Fred, me apoie aqui.

Mas, antes que seu chefe do estado-maior pudesse intervir, Hoppel pressionou. De modo bastante óbvio, era o delegado escolhido pelos outros para convencer Guilder a descer do pedestal.

– Você mesmo disse que as coisas não estão acontecendo como gostaríamos.

– Eu não disse isso. Você é que disse.

– Que seja, alguns de nós andamos conversando...

– Esse é o segredo mais mal guardado nesta sala.

– Certo. Bom, certo. O que pensamos foi que talvez devêssemos ir na direção oposta. Uma abordagem mais do tipo corações e mentes. Se é que você está acompanhando.

Guilder respirou fundo para se acalmar.

– Então o que vocês estão sugerindo, e desculpem a expressão, é que devemos agir como uns maricas.

– Diretor Guilder, se é que posso opinar...

Era Suresh.

– O padrão de uma insurgência bem-sucedida...

– Eles estão matando pessoas. Estão matando *planicianos*. O que não está claro nisso? Essas pessoas são carniceiras.

– Ninguém está dizendo que não – continuou Suresh com expressão branda. – E durante um tempo isso funcionou a nosso favor. Mas as prisões não revelaram nenhuma informação útil. Ainda não sabemos onde Sérgio está nem como ele se move. Ninguém revela nada. E enquanto isso as represálias foram uma eficiente ferramenta de recrutamento para a insurgência.

– Sabe o que você está parecendo? Vou dizer. Parece que você foi ensaiado.

Suresh ignorou a farpa.

– Deixe-me mostrar uma coisa.

De uma pasta de papel sobre a mesa ele tirou uma folha e empurrou na direção de Guilder. Era um dos seus boletins de propaganda, mas no verso havia uma mensagem diferente:
Planicianos, Levantem-se!
Os Últimos Dias dos Olhos-vermelhos estão Chegando!

Juntem-se aos Seus Irmãos da Insurgência!
Cada Ato de Desobediência é um Golpe Contra o Regime!

E continuava assim, nesse tom. Guilder levantou a cabeça e encontrou todo mundo encarando-o ansiosamente, como se ele fosse uma bomba em vias de explodir.

– E daí? O que isso prova?

– O pessoal do RH encontrou 66 desses, até agora – respondeu Suresh. – Vou lhe dar um exemplo do problema que isso está causando. Nesta manhã, na chamada, todo um alojamento se recusou a cantar o hino.

– E foram espancados?

– Eram mais de 300. E só podemos manter metade desse número na detenção. Simplesmente não temos espaço.

– Então corte as rações deles pela metade.

– Os planicianos já estão numa dieta de subsistência. Se reduzirmos mais, eles não poderão trabalhar.

Era de enlouquecer. Cada argumento de Guilder era refutado imediatamente. Ele estava olhando para nada menos do que uma insurreição organizada por parte de seu pessoal mais importante.

– Saiam, todos vocês.

– Acho – pressionou Suresh com uma compostura irritante – que deveríamos chegar a algum consenso quanto a uma estratégia.

Um rubor quente surgiu no rosto de Guilder. As veias de sua cabeça estavam latejando, ele estava praticamente apoplético. Pegou o papel e o balançou no ar.

– Corações e mentes. Ouviram o que vocês estão dizendo? Vocês leram isso?

– Diretor Guilder...

– Não tenho mais nada a dizer. Vão embora.

Papéis foram recolhidos, pastas fechadas, olhares ansiosos trocados ao redor da mesa. Todo mundo se levantou e seguiu para a porta. Guilder pousou a cabeça nas mãos. Meu Deus, só faltava essa! Algo precisava ser feito e imediatamente.

– Wilkes, espere um segundo.

O sujeito se virou, com as sobrancelhas erguidas.

– Você fica.

Os outros partiram. O chefe do estado-maior permaneceu junto à porta.

– Sente-se.

Wilkes voltou à cadeira.

– Poderia me dizer que diabo foi isso? Sempre confiei em você, Fred. Confiei que você manteria as coisas funcionando. Não me embrome agora.

– Eles só estão preocupados.

– Preocupados é uma coisa. Não vou tolerar divisão nas fileiras. Não quando estamos tão perto. Eles podem chegar a qualquer dia.

– Todo mundo entende isso. Eles só não querem... bem, que as coisas fujam do controle. Eles me pegaram de surpresa, também.

Guarde suas desculpas, pensou Guilder.

– O que você acha? Eles saíram do controle?

– Você quer mesmo que eu responda? – Como Guilder não disse nada, Wilkes deu de ombros. – Talvez um pouco.

Guilder se levantou, tirou os óculos do bolso do paletó e abriu as cortinas. Este lugar deplorável. Esta porcaria de fim de mundo. Pegou-se de repente nostálgico, pensando no antigo mundo de carros, restaurantes, lojas, lavanderias, devolução de imposto de renda, engarrafamentos e esperas nas filas dos cinemas. Fazia muito tempo que não se sentia tão deprimido.

– As pessoas precisarão ter mais filhos, Fred.

– Senhor?

Ele falou de costas para o sujeito:

– Filhos, Fred. – E balançou a cabeça diante da ironia. – Engraçado, eu nunca soube muito sobre filhos. Nunca senti o desejo. Você teve dois, não foi?

Era uma regra não escrita, não perguntar sobre a vida anterior dos outros. Guilder pôde sentir a hesitação de Wilkes na resposta: – A patroa e eu tivemos três. Dois garotos e uma garota.

– Você pensa neles?

Guilder deu as costas para a janela. Wilkes havia posto os óculos também.

– Não mais. – Os cantos da boca de Wilkes estremeceram levemente. – Está me testando, Horace?

– Talvez esteja, um pouco.

– Não faça isso.

A frase, vindo do outro, tinha mais força do que Guilder já ouvira. Não conseguiu decidir se isso era tranquilizador ou não.

– Teremos de pôr todo mundo na linha, você sabe. Posso contar com você?

– Por que pergunta isso?

– Seja condescendente comigo, Fred.

Uma pequena pausa, depois Wilkes assentiu.

Era a resposta certa, mas a hesitação de Wilkes incomodava. Por que Guilder estava *perguntando*? Não era só o tom juvenil da reunião que o incomodava, ele já lidara com isso antes. Alguém vivia pisando nos calos de alguém. *Ai! Isso dói! Não é justo! Estou dizendo!* Alguma coisa mais profunda e mais perturbadora estava latente. Era mais do que uma falha de decisão: tinha o jeito de uma insurreição prestes a explodir. Todos os seus instintos diziam isso, como se ele estivesse sobre uma fenda cada vez mais larga, com um dos pés de cada lado.

Fechou as cortinas e voltou à mesa.

– Qual é a situação no centro de alimentação?

Os músculos no rosto de Wilkes relaxaram visivelmente: os dois estavam de volta ao terreno familiar.

– A explosão despedaçou o lugar. Vai demorar pelo menos mais três dias para consertar os portões e a iluminação.

Tempo de mais, pensou Guilder. Eles teriam de fazer a coisa num espaço aberto. Talvez fosse melhor assim: poderia matar dois coelhos com uma cajadada só. Um pouco de teatro, para manter as tropas na linha. Empurrou o bloco de anotações por cima da mesa, na direção do chefe do estado-maior.

– Anote isso.

CINQUENTA E QUATRO

– É simplesmente tão... estranho!

Lila tinha acabado de voltar da alimentação e estava sofrendo o auge do processo. O sangue fora dado, presumivelmente por Guilder, enquanto Sara e Kate brincavam no pátio. Depois de dois dias sucessivos acima do ponto de congelamento, a neve havia se tornado uma pele pegajosa, perfeita para fazer bolas. Elas as haviam jogado uma contra a outra, durante horas.

Agora estavam fazendo um jogo com feijões e copos no chão, perto do fogo. O jogo era novo para Sara; Kate havia ensinado. Outro prazer, aprender um jogo com a própria filha. Sara tentava não pensar em como isso seria fugaz. A qualquer dia poderia chegar a mensagem de Nina.

– É, bem... – disse Lila, como se ela e Sara estivessem tendo uma conversa. – Vou ter de sair para uma missão em pouco tempo.

Sara prestou pouca atenção a isso. A mente de Lila parecia estar viajando numa fantasia. Uma missão onde?

– David diz que eu preciso ir. – Virada para o espelho, Lila fez o leve muxoxo que sempre adotava ao falar de David. – “Lila, é para a caridade. Sei que você não gosta de ópera, mas temos de ir de qualquer jeito. Lila, esse homem é o chefe de um hospital importante, todas as esposas vão estar lá, como vou ficar se aparecer sozinho?” – Ela suspirou com uma resignação profunda, a escova parando na viagem através do cabelo lustroso e farto. – Talvez só uma vez ele devesse pensar no que *eu* quero fazer, nos lugares aonde *eu* quero ir. Já o *Brad* era sensível. Brad era o tipo de homem que ouvia. – Seu olhar encontrou o de Sara no espelho. – Diga uma coisa, Dani: você tem namorado? Alguém especial em sua vida? Se não se incomoda que eu pergunte. Meu Deus, sem dúvida você é bem bonita. Aposto que tem dezenas de rapazes batendo à sua porta.

Sara ficou momentaneamente desorientada com a pergunta. Lila raramente perguntava alguma coisa sobre ela, se é que perguntava.

– Na verdade, não.

Lila pensou por um momento.

– Bom, isso é inteligente. Você ainda tem muito tempo. Aproveite a vida, não se acomode. Se conhecer o homem certo, você vai saber. – Ela voltou a escovar os cabelos com cuidado. De repente sua voz ficou triste: – Lembre-se disso, Dani. Tem alguém esperando por você em algum lugar. Assim que você encontrá-lo, não o deixe sumir de vista. Eu cometi esse erro e agora veja a encrenca em que estou.

Essa observação, como tantas outras, parecia flutuar no éter, incapaz de pousar em qualquer superfície firme. Mas, com o passar dos dias de confinamento, Sara tinha começado a detectar um padrão de significado naquelas falas oblíquas. Eram uma sombra de algo real: uma história verdadeira de pessoas, lugares, acontecimentos. Se o que Nina dizia sobre a mulher era verdade – e Sara acreditava que sim –, Lila era o mesmo tipo de monstro que os olhos-vermelhos. Quantas Evas tinham sido mandadas para o porão porque Lila havia... quais foram as palavras de Nina? *Perdido o interesse.* No entanto Sara não podia negar que havia algo digno de pena na mulher. Ela parecia tão perdida, tão frágil, tão carregada de arrependimento! Às vezes Sara se perguntava se ela era tão alheia à realidade quanto fazia parecer. *Às vezes*, Lila havia observado uma vez, a propósito de nada, e com um suspiro pesadíssimo, *simplesmente não sei como as coisas podem continuar desse jeito.* E, uma noite, enquanto Sara esfregava loção nos pés dela: *Dani, você já pensou em simplesmente fugir? Deixar toda a vida para trás e recomeçar?* Cada vez mais ela deixava Sara e Kate por conta própria, como se estivesse abdicando de seu papel na vida da menininha – como se, em algum nível, soubesse da verdade. *Olho vocês duas e penso: como vocês são perfeitas juntas! Essa menininha adora você. Dani, você é a peça que estava faltando no quebra-cabeça.*

– Então, o que acha?

A atenção de Sara havia retornado ao jogo. Ela levantou os olhos e viu Lila encarando-a séria.

– Dani, é a sua vez – disse Kate.

– Só um minuto, querida. – Depois, para Lila: – Desculpe. O que eu acho de quê?

Um sorriso forçado estava grudado no rosto dela.

– De ir comigo. Acho que você seria de grande ajuda. Jenny pode cuidar de Eva.

– Ir aonde?

Sara podia ver no rosto de Lila: qualquer que fosse o destino, a mulher não queria de jeito nenhum ir sozinha.

– Isso importa? – Lila fez um gesto desanimado com as mãos. – É uma das... *coisas* do David. Em geral são simplesmente de um tédio mortal, para ser honesta. Realmente não suporto a companhia. – Ela se inclinou para a frente no banco e se dirigiu à menina: – O que acha, Eva? Que tal ficar uma noite com Jenny enquanto a mamãe dá uma saída?

A garota se recusou a encará-la.

– Quero ficar com a Dani.

– Claro que quer, queridinha. Todas nós amamos a Dani. Não existe pessoa mais especial no mundo. Mas de vez em quando os adultos precisam sair sozinhos, para fazer coisas de adultos. Às vezes é assim.

– Então vá você.

– Eva, acho que você não está escutando o que eu digo.

A garota estava puxando a manga da roupa de Sara.

– Diga a ela.

Lila franziu a testa.

– Dani? O que é isso?

– Eu não... sei. – Sara olhou para Kate, que havia se arrastado para perto dela, encostando o corpo no seu como se estivesse se protegendo. O rosto estava cheio de emoções conflitantes. Sara passou o braço em volta dela. – O que foi, querida?

– Eva! – exclamou Lila. – O que você quer que Dani me diga? Fale agora.

– Não gosto de você – murmurou a menina nas dobras da roupa de Sara.

Lila recuou, com a cor sumindo do rosto.

– O que você disse?

– Não gosto de você! Eu gosto *dela*!

A expressão de Lila estava além do choque. Era um retrato da rejeição absoluta. De repente Sara soube o que havia acontecido.

– Bom. – Lila pigarreou, com o olhar dolorido percorrendo a sala, inquieto, procurando algum objeto ao qual ligar sua atenção. – Sei.

– Lila, ela não falou a sério.

A menina havia retornado à posição protegida, encostada no corpo de Sara, pressionando o rosto na roupa dela ao mesmo tempo que observava Lila, cautelosamente, com o canto do olho.

– Diga a ela, querida – pediu Sara.

– Não será necessário – disse Lila. – Ela não podia ter sido mais clara. – Lila se levantou do banco, com pouca firmeza. Agora tudo era diferente; as palavras tinham sido ditas. – Se me der licença, acho que vou me deitar um pouco. David vai chegar logo.

Ela foi praticamente cambaleando para o quarto. Suas costas estavam curvadas para a frente, como se tivesse sofrido um golpe físico.

– Ainda quer que eu vá com você? – perguntou Sara gentilmente.

Lila parou, segurando o portal para se equilibrar.

– Claro, Dani. Por que não iria querer?

Seguiram até o estádio no escuro. Um comboio de 10 veículos, com picapes na frente e atrás, cada uma carregando um grupo de colas armados na carroceria, com oito esguios utilitários no meio, para o pessoal de nível superior. Lila e Sara estavam no banco de trás do segundo carro. Lila vestia uma capa escura com o capuz embolado no pescoço, enormes óculos escuros cobrindo a parte superior do rosto, como um escudo. O motorista era alguém que Sara reconheceu sem ser capaz de situar, um homem esquelético com cabelo castanho liso e olhos claros e inquietos que encontraram os de Sara no retrovisor enquanto se afastavam da Cúpula.

– Você. Qual é o seu nome?

– Dani.

Ele lançou um riso pelo espelho. Sara sentiu um choque de apreensão. Será que ele a conhecia? Será que, de algum modo, o olhar dele penetrava a cortina de seu véu?

– Bom, você vai se divertir um bocado esta noite, Dani.

Inicialmente Guilder havia se recusado a deixar que Dani fosse, mas Lila não quis ceder. *David, como você acha que eu me sinto, sendo arrastada para todas as suas festas idiotas com seus amigos idiotas? Simplesmente não vou sem ela, é pegar ou largar.* E continuou assim até que Guilder, bufando, cedeu. Ótimo, disse ele. Como quiser, Lila. Talvez uma de suas atendentes devesse ver o que você é de verdade. Quanto mais gente na festa, mais divertido.

Agora estavam passando pela planície, seguindo o rio silencioso, acalmado sob uma pele de gelo do inverno. Algo estava acontecendo com Lila. A cada minuto que passava, com as luzes da Cúpula sumindo atrás deles, a personalidade dela recuava. Estava esticando as costas como um gato, fazendo pequenos murmúrios no fundo da garganta, tocando o rosto e o cabelo.

– Humm – ronronava Lila, com um prazer quase sexual. – Você consegue senti-los?

Sara não tinha resposta.

– É... maravilhoso.

Passaram pelo portão. À frente Sara viu o estádio, iluminado por dentro, reluzindo na noite de inverno. O que sentia não era propriamente medo, mas um negrume se espalhando por dentro. A caravana diminuiu a velocidade enquanto subia a rampa e emergia num campo muito iluminado, com arquibancadas em volta. Os veículos pararam atrás de um caminhão prateado onde uma dúzia de colas esperava, mexendo com os cassetetes e batendo os pés por causa do frio. Uma estaca alta fora cravada no chão no meio do campo.

– Humm – soltou Lila.

Portas se abriram, todo mundo desceu. Parada junto ao carro, Lila levantou o véu de Sara e tocou sua face com ternura.

– Minha Dani. Minha garota doce. Não é maravilhoso? Meus bebês, meus lindos bebês.

– Lila, o que está acontecendo?

Ela balançou a cabeça com um deleite sensual. Seus olhos estavam suaves e distantes. A Lila que Sara conhecia não estava em nenhum lugar dentro deles. Ela moveu o rosto para o de Sara e, espantosamente, beijou-a nos lábios.

– Fico tão feliz por você estar comigo! – disse.

O cola pegou Sara pelo cotovelo e a levou até a arquibancada. Vinte homens de terno escuro estavam sentados em duas fileiras, conversando energicamente, soprando nos punhos.

– Isso é maneiro demais. – Sara ouviu um deles dizer enquanto era levada ao seu lugar na quarta fila, no meio de um grupo de colas. – *Nunca* consigo ver isso.

Embaixo, na frente, Guilder se virou para o grupo. Estava usando um sobretudo preto, com uma gravata escura. Segurava algo na mão enluvada: um rádio.

– Senhores da diretoria, bem-vindos – declarou com um sorriso animado. Sua respiração saía numa nuvem diante do rosto, pontuando as palavras. – Temos um presentinho para vocês esta noite. Uma demonstração de gratidão por todo o seu trabalho duro enquanto nos aproximamos do ponto máximo de nossos esforços.

– Tragam-nos! – gritou um dos olhos-vermelhos, provocando gritos e risos.

– Ora, ora – disse Guilder, e sinalizou pedindo silêncio. – Todos vocês conhecem bem o espetáculo que está para acontecer. Mas esta noite planejamos uma coisa muito especial. Ministro Hoppel, por favor, poderia vir aqui?

Um olho-vermelho se levantou da segunda fileira e se juntou a Guilder, na frente. Alto, com rosto quadrado e cabelo cortado curto. Rindo com embaraço, ele disse:

– Meu Deus, Horace, nem é meu aniversário.

– Talvez ele vá rebaixar você! – gritou outra voz.

Mais risos. Guilder esperou que parassem.

– O Sr. Hoppel – disse ele, pondo a mão nas costas do sujeito com um gesto paternal –, como todo mundo sabe, está conosco desde o início. Como ministro da Propaganda, nos forneceu um elemento-chave para apoiar nossos esforços. – Sua expressão endureceu abruptamente. – Motivo pelo qual é com o maior pesar que devo dizer que chegaram à minha atenção provas irrefutáveis de que o ministro Hoppel está ligado à insurgência. – Ele levou a mão rapidamente ao rosto do sujeito, tirando seus óculos e jogando-os

longe. Hoppel deu um berro de dor enquanto levantava os braços para o rosto. – Guardas – disse Guilder –, levem-no.

Um par de colas agarrou Hoppel pelos braços. Outros o cercaram rapidamente, sacando as armas. Um momento de confusão, vozes zumbindo nas arquibancadas. *O quê? O que ele está dizendo? Hoppel, será possível...?*

– Sim, amigos. O ministro Hoppel é um traidor. Foi ele que passou informações cruciais para a insurgência, informações que levaram ao atentado da semana passada, em que dois dos nossos colegas foram mortos.

– Meu Deus, Horace. – O sujeito tinha ficado com os joelhos fracos. Seu olhos se apertavam com força. Ele tentou se soltar dos homens mas parecia ter perdido toda a força. – Você me conhece! Todos vocês me conhecem! Suresh, Wilkes, alguém diga a ele!

– Sinto muito, amigo. Você fez isso consigo mesmo. Levem-no ao campo.

Ele foi arrastado. Um silêncio atônito baixara sobre as pessoas. No meio do campo, onde o caminhão prateado estava parado, Hoppel foi amarrado à estaca com cordas grossas. Um dos colas pegou um balde e derramou o conteúdo sobre ele formando uma enorme mancha vermelha, encharcando as roupas, o cabelo, o rosto. Ele se retorcia impotente, soltando os gritos mais deploráveis.

– Não façam isso. Por favor, eu juro, não sou traidor. Seus desgraçados, digam alguma coisa!

– O prisioneiro está seguro? – Guilder pôs as mãos em concha para gritar.

– Está!

– Acendam as luzes – ordenou, levando o rádio à boca.

O som oco da fechadura, o guincho da porta se abrindo.

Alicia estava pendurada no teto, os pulsos presos com os braços esticados acima da cabeça, sustentando seu corpo que estalava lentamente. Estava cansada, cansada demais. Fios de sangue pegajosos escorriam pelas pernas nuas. O homem conhecido como Sacana, ao longo de seus dias de seu trabalho sombrio, não deixara nenhuma parte dela intocada. Tinha enchido seus ouvidos e seu

nariz com o fedor quente de suas exalações cheias de grunhidos. Tinha-a arranhado, batido, mordido. Mordido, como um animal. Os seios dela, a pele macia do pescoço, a parte interna das coxas, tudo estava cheio das marcas dos dentes dele. Durante tudo isso ela não havia chorado. Gritou, sim. Berrou. Mas não daria a ele a satisfação de suas lágrimas. E agora ali estava ele de novo, balançando preguiçosamente o molho de chaves no dedo, usando o olho bom para percorrer o corpo dela, com um sorriso cobiçoso e bestial no rosto meio arruinado.

– Fiquei pensando, já que todo mundo foi ao estádio para o grande show, que a gente poderia ter um tempinho a sós.

O que haveria a dizer? Nada.

– Bom, estou achando que nós dois poderíamos tentar uma coisa nova. O banco é tão... impessoal!

Ele começou a se despir, um trabalho complicado, de couro e fivelas. Chutou as botas, as calças. Começou sua grandiosa revelação. Alicia só podia ficar olhando numa repulsa muda. Sentia como se tivesse umas 10 Alicias diferentes na cabeça, cada uma com apenas uma migalha de informação carecendo de qualquer referência com relação às outras. E no entanto: *um tempinho a sós.* Isso era novo, pensou. Era uma falha nítida nos procedimentos. Em geral eram quatro deles: um para operar o guincho, dois para baixá-la e Sacana. Onde estavam os outros?

Um tempinho a sós.

– Eu imploro – grasnou ela. – Só não faça doer. Vou ser boazinha para você.

– Isso é que é espírito esportivo.

– Deixe-me descer e eu vou mostrar como é bom.

Ele pensou nisso.

– Só diga o que você quer e eu dou.

– Você é cheia de historinha.

– Você pode deixar as algemas. Prometo que não vou lutar.

Alicia viu a ideia tomando conta do rosto dele. Ela estava nua, sangrando. O que uma mulher em seu estado poderia fazer? As chaves estavam presas no passador do cós da calça dele, caída no chão, atrás. Alicia se obrigou a não olhar para elas.

– Você pode estar aprontando – disse Sacana. – Vou lhe dizer uma coisa.

As correntes, que passavam por um bloco pendurado no teto, eram operadas por uma alavanca fixa na parede. Sem calça, com uma ereção, Sacana foi até lá e soltou o freio. Um chacoalhar acima: os pés de Alicia tocaram o chão.

– Mais frouxo – disse ela. – Preciso me mexer.

Um riso arrastado, sexual.

– Gosto da sua ideia.

A pressão nos pulsos dela afrouxou.

– Um pouquinho mais.

Agora sua tática era óbvia, mas a ansiedade do sujeito era maior do que seu julgamento. Os braços de Alicia baixaram dos lados do corpo, com dois metros de corrente frouxa para usar.

– Nada de gracinhas, hein?

Alicia ficou de quatro, convidativa. Sacana foi para trás, juntando-se a ela no chão.

– Vou fazer com que seja bom para você – disse ela. – Prometo.

Quando ele pôs as mãos em seu quadril, ela puxou o pé direito para perto do peito e mandou-o contra o rosto dele. Houve um estalo e depois um grito. Alicia saltou de pé e girou. Ele estava sentado no chão, segurando o nariz, com sangue escuro jorrando pelos dedos.

– Sua puta escrota!

Ele saltou para ela, tentando pegar-lhe a garganta. A pergunta era quem pegaria quem primeiro. Alicia deu um passo atrás, girou uma das mãos de lado, formando um laço com a corrente, e jogou-a.

O laço caiu sobre a cabeça dele. Ela o puxou, dando um passo de lado e usando o ímpeto dele para girá-lo. Agora estava com ele de costas. Com a outra mão formou um segundo laço de corrente e passou em volta do pescoço dele. Deu um salto rápido e estava com as pernas em volta da cintura de Sacana, que gorgolejava, os braços balançando no ar. *Morra, seu porco*, pensou ela, *simplesmente morra*, e com toda a força balançou o peso para trás, puxando as correntes como as rédeas de um cavalo, mandando-as para o chão até que, com um choque, elas se esticaram, o bloco acima se travou e Alicia sentiu o som que desejava: um estalo satisfatório de osso.

Estavam suspensos a meio metro do chão, acorrentados juntos. Noventa quilos de peso morto pairavam agora em cima dela. Ela dobrou as pernas embaixo do corpo, arqueou as costas e empurrou. O corpo de Sacana se dobrou para a frente sobre os joelhos, batendo de cara no concreto enquanto ela desenrolava as correntes do pescoço dele. Pegou as chaves no chão, soltou as algemas e tirou-as dos pulsos.

Então estava chutando-o, batendo na cabeça, esmagando o rosto no concreto com a parte dura do calcanhar. Sua mente desmoronou num rugido de ódio. Pegou-o pelos cabelos, arrastou sua forma sem vida pela cela e levantou-o para martelar sua cabeça contra a parede.

– O que acha disso, seu merda? Gosta desse pescoço quebrado? Gosta de como eu mato você? Seu porra doente morto!

Talvez houvesse alguém fora da cela e talvez não. Talvez mais homens viessem correndo e a acorrentassem ao teto e recomeçassem tudo. Mas isso não importava. Tudo o que importava era a cabeça de Sacana. Ela iria esmagá-la até que ele fosse a coisa mais morta na história do mundo, o homem mais morto que já havia existido. Estava gritando:

– Seu desgraçado! Seu desgraçado!

Então acabou. Alicia o soltou. O corpo tombou de lado no chão, depositando uma mancha reluzente de miolos na parede. Ela estava caída de joelhos, tomando grandes haustos de ar. Tinha acabado, mas não parecia. Não existia mais um fim, nunca mais.

Precisava de roupas. Precisava de uma arma. Presa no tornozelo de Sacana descobriu uma faca de cabo pesado. O equilíbrio era ruim, mas serviria. Pegou a calça dele, desabotoou a camisa e soltou-a dos braços. Vestir-se com as roupas do sujeito, cheias do fedor dele, encheu-a de nojo. Sua pele estava arrepiada, como se ele a estivesse tocando. Enrolou as mangas e as pernas da calça e apertou a cintura. As botas, grandes demais, só iriam deixá-la mais lenta: teria de viajar a pé. Arrastou o corpo para longe da porta e bateu no metal com o cabo da faca.

– Ei! – gritou, pondo a mão em concha diante da boca para engrossar o tom da voz. – Ei, estou trancado aqui!

Os segundos se passaram sem resposta. Talvez não houvesse ninguém lá fora. O que ela faria, então? Bateu na porta, dessa vez com mais força, rezando para que alguém viesse.

Então a fechadura soou. Alicia saltou para trás da porta enquanto o guarda entrava.

– Que diabo, Sacana, você disse que eu tinha 30 minutos...

Mas a frase ficou inacabada porque Alicia, saltando atrás do homem, pôs uma das mãos sobre sua boca e usou a outra para cravar a faca nas costas dele, girando a ponta enquanto a impelia para cima.

Baixou o corpo no chão. O sangue escorria numa poça grande e escura. Seu cheiro intenso subiu às narinas dela. Alicia se lembrou da promessa. *Vou beber esses desgraçados até secar. Vou me batizar no sangue dos meus inimigos.* Esse pensamento a havia sustentado durante os dias de tormentos. Mas enquanto olhava os dois homens, primeiro o guarda e depois Sacana, cujo corpo nu e pálido parecia uma mancha de brancura no concreto, estremeceu de nojo.

Agora, não, pensou, *por enquanto, não*, e saiu para o corredor.

O campo mergulhou na escuridão. Por um momento tudo ficou imóvel. Então, lá no alto, uma luz fria e aquática pulsou, banhando-o com um luar artificial.

Lila tinha aparecido atrás do caminhão prateado. Todos os olhos-vermelhos estavam guardando os óculos escuros nos bolsos. Hoppel havia desistido de implorar e começara a soluçar. Um furgão entrou no campo e abriu as portas.

Onze pessoas saíram, seis homens e cinco mulheres algemados nos pulsos e nos tornozelos, ligados uns aos outros. Estavam tropeçando, chorando, implorando pela vida. Seu terror era grande demais, toda a resistência havia sumido. Um entorpecimento frio havia tomado conta de Sara; ela pensou que iria vomitar. Uma das mulheres parecia Karen Molyneau, mas Sara não podia ter certeza. Os colas os arrastaram na direção de Hoppel e os instruíram e se ajoelhar.

– Isso é incrível demais – disse uma voz ali perto.

Todos os colas, menos um, saíram correndo e ficaram com Lila atrás do caminhão grande. O corpo dela estava oscilando, a cabeça balançando de um lado para outro, como se ela estivesse flutuando numa corrente invisível ou dançando ao som de uma música que ninguém escutava.

– Achei que seriam 10 – disse a mesma voz. Era um dos olhos-vermelhos, duas fileiras abaixo.

– É: 10.

– Mas eles são 11.

Sara contou de novo: 11.

– É melhor você descer lá e dizer ao Guilder.

– Está brincando? Quem sabe o que se passa na cabeça dele hoje em dia?

– É melhor ficar na sua. Se ele o ouvir falar isso, você vai ser o próximo.

– O cara está com um parafuso solto, estou dizendo. – Uma pausa. – Mas eu sempre soube que havia algo esquisito com o Hoppel.

Essas palavras tocaram Sara como um vento distante. Agora sua atenção estava focalizada somente no campo. Aquela era Karen? A mulher parecia mais velha e alta demais. A maioria dos prisioneiros havia adotado uma postura defensiva, os corpos dobrados, ajoelhados na crosta de neve, mãos sobre a cabeça; outros, ajoelhados com as costas eretas, rostos lavados pela luz azul, tinham começado a rezar. O último cola estava vestindo uma roupa acolchoada. Ele enfiou um capacete na cabeça e acenou na direção das arquibancadas. Cada músculo do corpo de Sara se retesou. Queria desviar o olhar, mas não conseguia. O cola foi até a porta da carroceria do caminhão prateado, chacoalhando chaves ruidosamente.

A porta se abriu. O cola saiu correndo. Por um segundo nada aconteceu. Então os virais emergiram, saltando do interior do caminhão como insetos de tamanho humano, pousando de quatro na neve. Suas figuras esguias, estriadas de músculos, latejavam com uma nitidez reluzente. Oito, nove, 10. Moveram-se na direção de Lila,

cujos braços estavam abertos, as palmas das mãos viradas para cima. Um gesto de convite, de boas-vindas.

Aos pés dela eles baixaram a cabeça.

Ela os tocou, os acariciou. Passou as mãos por suas cabeças lisas, levantou o queixo deles para olhar seus olhos com adoração. *Meus queridos*, Sara a ouviu dizer. *Minhas beldades maravilhosas.*

– Está vendo aquilo? Ela gosta deles, porra.

Dos reféns vinha apenas um som de choro baixinho. O fim era inevitável, eles só poderiam aceitá-lo. Ou talvez fosse simplesmente a estranheza da cena que os atordoava, levando-os ao silêncio.

Meus bichinhos queridos. Estão com fome? Mamãe vai dar comida a vocês. Mamãe vai cuidar de vocês. É isso que a mamãe vai fazer.

– Não, tenho certeza de que deveriam ser 10.

Desta vez era uma voz nova, vindo da direita.

– Você disse 10? Foi o que ouvi, também.

– Então quem é o décimo primeiro?

Um dos olhos-vermelhos saltou de pé, apontando para o campo.

– Tem um a mais!

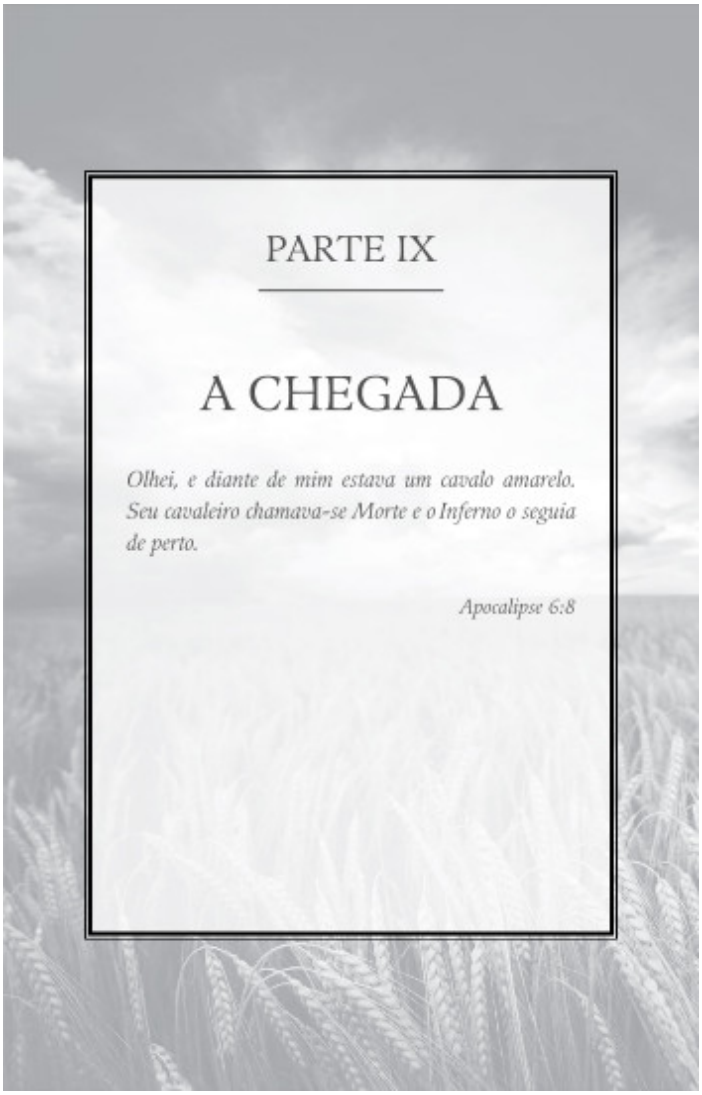
Todas as cabeças giraram para a voz, inclusive a de Guilder.

– Não estou brincando! Tem 11 pessoas lá!

Vão agora, queridos.

Os virais se afastaram de Lila. Simultaneamente um dos reféns saltou de pé, expondo o rosto. Era Vale. Os virais estavam cercando o grupo. Todo mundo gritava. Vale abriu as abas de sua jaqueta revelando fileiras de tubos metálicos presos ao peito. Ele levantou os braços para o céu, com o polegar junto ao detonador.

– Sérgio vive!



PARTE IX

A CHEGADA

Olhei, e diante de mim estava um cavalo amarelo. Seu cavaleiro chamava-se Morte e o Inferno o seguia de perto.

Apocalipse 6:8

CINQUENTA E CINCO

A penteadeira de Lila detonou com um estrondo. Guilder a pôs de pé de novo e lhe deu um tapa no rosto com o dorso da mão, fazendo-a voar de costas na direção do sofá.

– Como você deixou isso acontecer? – O rosto dele fervia de fúria. – Diga!

– Não sei, não sei!

Desta vez a segurou pela gola do roupão de banho e, com uma facilidade aterrorizante, lançou-a de cara contra a estante de livros. Um impacto surdo, coisas caindo, Lila gritando. Sara estava no chão, o corpo enrolado em volta de Kate, a menininha se encolhendo de medo.

– Você poderia tê-los chamado de volta!

– Não foi minha culpa! Eu não lembro! David, por favor!

– Não existe David.

Sara apertou os olhos com força. Kate estava gemendo baixinho em seus braços. O que aconteceria se Guilder matasse Lila? O que seria feito das duas?

– Para com isso, David, estou implorando!

Lila estava caída no chão, de rosto para cima, Guilder com as pernas abertas sobre ela, uma das mãos segurando sua cabeça levantada, pela gola. A outra estava com o punho fechado, puxada para trás, pronta para golpear. Os braços de Lila estavam sobre os olhos como um escudo, mas esse esforço não daria em nada: o punho de Guilder esmagaria seu rosto como um canhão.

– Você... me enoja.

Ele a soltou e se afastou, enxugando as mãos na camisa. Lila estava chorando descontroladamente. Brotava sangue de um corte em seu malar. Havia mais sangue no cabelo. Guilder virou os olhos rapidamente na direção de Sara, desconsiderando-a com um rápido olhar. *Você não é nada*, diziam seus olhos. *Você é um personagem num jogo de fingimento que já foi longe demais.*

Então saiu intempestivamente da sala.

Sara foi até onde Lila estava gemendo, caída. Ajoelhou-se ao lado dela, levantou a mão para examinar o corte no rosto. Num jorro inesperado de energia, Lila empurrou a mão dela para longe e se arrastou para trás.

– Não toque nisso!

– Mas você está machucada...

O olhar de Lila foi rapidamente até Kate, depois voltou a Sara. Os olhos da mulher estavam loucos de pânico. Enquanto Sara ia na sua direção, ela balançou as mãos diante do rosto.

– Afaste-se! Não toque no meu sangue!

Saltou de pé e correu para o quarto, batendo a porta.

6h02.

Os veículos entraram na planície na escuridão antes do alvorecer, os portões se abrindo rapidamente enquanto eles passavam. Na frente da fila, como a ponta de uma flecha, estava o esguio utilitário do diretor, seguido por dois caminhões de carroceria aberta cheios de homens uniformizados. Eles rugiram penetrando no labirinto de alojamentos, jogando para cima torrões de neve suja com os pneus enlameados, sua passagem observada pelos trabalhadores que saíam dos prédios para a chamada matinal – rostos cansados, olhos cansados, seguindo o caminho dos veículos que passavam. Mas seus olhares eram breves; sabiam que não deveriam espiar. *É alguma coisa oficial, não tem nada a ver comigo. Pelo menos é melhor que não tenha.*

Guilder olhava os planicianos pela janela do carona, cheio de desprezo. Como os odiava! Não apenas os insurgentes, que o desafiavam, mas todos eles. Passavam pela vida como animais grosseiros, jamais enxergando além do próximo quadrado de terra a ser arado. Mais um dia nos estábulos, nos campos, na fábrica de biodiesel. Mais um dia na cozinha, na lavanderia, nas pocilgas.

Mas hoje não era apenas mais um dia.

Os veículos pararam diante do Alojamento 16. O céu a leste havia esmaecido até um cinza amarelado, como plástico velho.

– É esse? – perguntou Guilder a Wilkes.

Ao seu lado, Wilkes assentiu com os lábios comprimidos.

Os colas desembarcaram e assumiram posições. Guilder e Wilkes se afastaram do carro. Diante deles, em 15 linhas igualmente espaçadas, 300 planicianos estavam tremendo no frio. Mais dois caminhões pararam na extremidade da praça. As carrocerias estavam cobertas por lonas pesadas.

– Para que são eles? – perguntou Wilkes.

– Um pouco de... persuasão extra.

Guilder foi até o principal oficial do RH e arrancou o megafone de sua mão. Houve um uivo de microfonia, depois sua voz estrondeou pela praça: – Quem pode me falar sobre Sérgio?

Não houve resposta.

– Este é o único aviso. Quem pode falar sobre Sérgio?

De novo, nada.

Guilder voltou a atenção para uma mulher na primeira fila. Não era nova nem velha, com um rosto tão comum que parecia feito de massa maleável. Estava apertando um cachecol imundo em volta da cabeça com as mãos cobertas por luvas sem dedos, pretas de fuligem.

– Você. Qual é o seu nome?

De olhos baixos, ela murmurou algo nas dobras do cachecol.

– Não estou ouvindo. Fale alto.

Ela pigarreou, contendo uma tosse. Sua voz saiu áspera e encatarrada: – Patricia.

– Onde você trabalha?

– Na tecelagem, senhor.

– Você tem família? Filhos?

Ela assentiu debilmente.

– E então? O que você tem?

Os joelhos dela estavam tremendo. Toda a cor havia sumido do rosto.

– Uma filha e dois filhos.

– Marido?

– Morreu, senhor. No inverno passado.

– Meus pêsames. Dê um passo à frente.

– Ontem eu cantei o hino. Foram os outros, juro.

– E eu acredito, Patricia. Mesmo assim. Senhores, podem ajudá-la, por favor?

Um par de colas veio correndo e segurou a mulher pelos braços. O corpo dela ficou frouxo, como se estivesse à beira de desmaiar. Eles meio que a carregaram, meio que a arrastaram até a frente, onde a fizeram se ajoelhar. Ela não emitiu nenhum som; sua submissão era total.

– Quem são seus filhos? Aponte para eles.

– Por favor. – Ela estava chorando de modo deplorável. – Não me obrigue.

Um dos colas levantou o cassetete acima da cabeça dela.

– Esse sujeito vai esmagar os seus miolos – disse Guilder.

Ela balançou a cabeça baixa.

– Muito bem – disse Guilder.

O cassetete baixou e a mulher tombou para a frente na lama. Da esquerda veio um grito agudo.

– Peguem-na.

Era uma jovem adolescente, com o mesmo rosto da mãe. Estava chorando, tremendo, escorria-lhe muco do nariz. Guilder levantou o megafone: – Alguém tem alguma coisa a dizer?

Silêncio. Guilder sacou uma pistola do paletó e moveu a corrediça.

– Ministro Wilkes – disse, estendendo a arma. – Poderia fazer as honras, por favor?

– Meu Deus, Horace. – O rosto dele estava perplexo. – O que está tentando provar?

– Isso vai ser problema?

– Nós temos *pessoas* para esse tipo de coisa. Isso não fazia parte do trato.

– Que trato? Não existe trato. O trato é o que eu digo que é.

Wilkes se enrijeceu.

– Não quero fazer isso.

– Não quer ou não pode?

– Que diferença faz?

Guilder franziu a testa.

– Não muita, agora que penso nisso. – E com essas palavras ele foi para trás da garota, encostou o cano do revólver em sua nuca e

atirou.

– Santo Deus!

– Sabe qual é o maior problema de nunca envelhecer? – perguntou ao seu chefe do estado-maior. Estava enxugando o cano sujo de sangue com um lenço. – Pensei um bocado nisso.

– Foda-se, Horace.

Ele apontou a pistola para o rosto sem cor de Wilkes, mirando o ponto entre os olhos.

– Você esquece que pode morrer.

E atirou nele, também.

Uma mudança aconteceu na multidão. Seu medo estava se transformando em outra coisa. Murmúrios percorriam as filas, cálculos sussurrados, a energia crescente de pessoas que sabiam que não tinham nada a perder. As coisas haviam se movido mais rapidamente do que Guilder gostaria – ele havia esperado obter algo útil antes que o martelo baixasse –, mas agora a sorte estava lançada.

– Abram os caminhões.

As lonas foram puxadas. Uma erupção de gritos vulcânicos: agora não havia mais mistério. Guilder foi rapidamente até o carro e mandou o motorista partir. Eles se afastaram em meio a uma nuvem de lama e neve suja enquanto, atrás, a orquestra iniciava sua sinfonia mortal – uma melodia de gritos agudos, loucos e cheios de medo, pontuados pelo ritmo sincopado dos disparos de armas automáticas, diminuindo até os estalos finais enquanto os colas se moviam em meio aos corpos caídos, silenciando os últimos.

CINQUENTA E SEIS

Iowa. Os ossos misturados com cinzas.

O combustível acabara perto da cidade de Mount Vernon. Abrigaram-se para passar a noite numa igreja sem telhado e partiram a pé na manhã seguinte. Mais 110 quilômetros, disse Tifty, talvez um pouco mais. Tinham encontrado outros dois campos de ossos como o primeiro, com um número inimaginável de virais. Milhares, talvez milhões. O que aquilo significava? Que impulso os levara a se deitar na terra, esperando que o sol os levasse? Ou teriam perecido primeiro, com os cadáveres sendo reivindicados pela luz da manhã? Até Michael, o homem das teorias, estava sem resposta.

Andaram. Seguiam com dificuldade em meio à neve, que, em alguns lugares, chegava aos joelhos. As rações eram escassas, eles não viam o que caçar. O que lhes restava era comer as últimas reservas: tiras de carne-seca e sebo que deixavam uma camada de gordura no céu da boca. A terra parecia cristalizada, o ar suspenso, como respiração presa. Durante horas não existia vento, e então ele chegava, uivando. As horas do dia eram um piscar de olhos. Casacos pesados com capuzes forrados de pele, gorros de lã puxados até as sobrancelhas, luvas com as pontas dos dedos cortadas para o caso de precisarem usar as armas, mas Peter se perguntava se conseguiriam fazer isso. Nunca tinha sentido tanto frio. Não sabia que um frio assim existia. Não fazia ideia de como Tifty conseguia se orientar nesse local desolado.

Passaram a décima oitava noite numa oficina de automóveis que continha, milagrosamente, um fogão a lenha, de ferro fundido, com tampo de pedra-sabão. E agora, o que queimar? Enquanto a escuridão chegava, Michael e Hollis voltaram da casa de fazenda ao lado carregando um par de cadeiras de madeira e braçadas de livros. A *Enciclopédia Britânica*, 1998. Era uma pena queimar aquilo, ia contra a sensatez, mas eles precisavam do calor. Mais duas viagens e tinham suprimentos para passar a noite.

Acordaram sob um sol brilhante, o primeiro em dias, se bem que a temperatura estivesse no mínimo mais baixa. Um vento norte chacoalhava com força os galhos das árvores. Eles se deram ao luxo de acender um último fogo e se amontoaram em volta, saboreando cada onda de calor.

– É como uma muda de pelos.

Era Michael que havia falado. Peter se virou para o amigo.

– O que você disse?

Os olhos de Michael estavam focalizados na porta do fogão.

– Quantos você acha que nós vimos?

– Não sei. – Peter deu de ombros. – Um monte.

– E todos morreram ao mesmo tempo. Então vamos supor que o que está acontecendo deveria acontecer, que faz parte do ciclo de vida dos virais. Pássaros fazem isso, insetos, répteis. Quando parte do corpo está gasta, eles jogam fora e fazer crescer uma nova.

– Mas estamos falando de virais inteiros – disse Lore.

– É isso que *parece*. Mas tudo o que sabemos diz que eles funcionam como um grupo. Cada um é ligado à sua corja, cada corja é ligada a um dos Doze. Podemos deixar de lado a baboseira sobre almas e todo o resto. Não estou dizendo que não seja verdade, mas essa área é de Amy. Do meu ponto de vista, os virais são uma espécie como qualquer outra. Quando Lacey matou Babcock, todos os virais dele morreram. Como abelhas, lembra?

– Lembro – disse Hollis, assentindo. – Se você matar a rainha, vai matar a colmeia. Foi o que você disse.

– E o que nós vimos naquela montanha era assim. Mas suponha que cada uma das famílias de virais seja na verdade um organismo único. Cada um dos Doze é como um órgão importante – o coração, o cérebro. Os menores são como as penas num pássaro ou a carapaça de um inseto. Quando ela se gasta, o organismo deixa cair, para brotar uma nova.

– Eles não *parecem* penas – disse Lore ácida.

– Certo, não são penas, mas você captou a ideia. Algo periférico, dispensável. Sempre imaginei o que mantinha um número tão grande vivo. O que resta para comer? Sabemos que eles podem ficar muito tempo sem se alimentar. Tifty, você provou isso, mas nada

pode sobreviver indefinidamente sem comida. Do ponto de vista da longevidade da espécie, não faz sentido devorar todo o suprimento de comida. Como predadores, na verdade eles são bem-sucedidos *demais*. Essa ideia sempre me incomodou, porque todo o resto neles parece muito organizado.

– Não sei se estou acompanhando – disse Tifty. – Está dizendo que eles estão morrendo?

– Obviamente algo está acontecendo. O fato de estar acontecendo implica que é um processo natural, que faz parte do sistema. Aqui vai outra analogia. Quando o corpo humano entra em choque, ele tira o sangue da periferia e redireciona para os órgãos mais importantes. É um mecanismo de defesa. Proteger o que é importante, esquecer o resto. Agora imagine que cada uma das tribos de virais seja um animal, e que ele esteja entrando em choque por causa da fome. A lógica seria reduzir radicalmente o número e deixar que o suprimento de comida retorne.

– E depois o quê? – perguntou Peter.

– Depois você recomeça o ciclo.

Por um momento ninguém falou.

– De qualquer modo – continuou Michael –, é só uma ideia que eu tive. Posso estar falando merda.

Peter sabia que não.

– Então por que está acontecendo aqui?

– É isso que me preocupa – disse Michael.

Era hora de partir; tinham ficado tempo de mais. Juntaram o equipamento e fecharam os casacos, preparando-se para o golpe de ar gélido que iria acertá-los no momento em que passassem pela porta.

– Seis dias, se o tempo ficar assim – disse Tifty, apertando o casaco. – No máximo sete.

– Por que será que eu gostaria que fossem mais? – perguntou Lore.

Grey. Grey.

Os olhos dele se abriram.

Pode senti-los, Grey?

– Quem está aí? É você, Guilder?

Desculpe ter ficado longe. Você ainda é o meu favorito, Grey. Desde o dia em que nos conhecemos. Você se lembra?

O estômago dele se apertou: a voz de Zero.

– Pare com isso. – Seus pulsos puxaram as correntes num reflexo. Ele estava deitado na própria imundície, o corpo fedia, a boca tinha um gosto permanente de sangue. – Vá embora. Me deixe em paz.

Você me contou tudo a seu respeito. Nem sabia que estava fazendo isso. Você me sentia em sua mente até nessas ocasiões?

"Saia", pensou. "Saia saia saia. Acorde, Grey."

Ah, você não está dormindo. Eu sempre estive aqui. Mesmo enquanto você passava 100 anos acorrentado, eu fiquei com você. Como a história de Jó, que ficou deitado nas cinzas, xingando o próprio destino. Deus o testou, como eu testei você.

"Não conheço você. Não sei o que você é."

Não, Grey? Como pode não saber? Eu sou o Deus que habita em você. O único verdadeiro Deus de Grey. Não sente meu amor? Não sente minhas asas de amor se abrindo sobre você, para sempre e sempre?

Grey começou a chorar.

"Me deixe morrer. Por favor. Só quero morrer."

Você a ama, não é, Grey?

Ele engoliu em seco, sentindo o gosto imundo na boca. Seu corpo era uma caverna de imundície e podridão.

"Amo."

A mulher. Lila. Ela significa tudo para você.

"É."

Seu é o sangue que corre nas veias dela, assim como o meu corre nas suas. Você vê? Entende? Todos somos partes da mesma coisa, Grey. Você está acorrentado mas não está sozinho. O Deus de Grey habita em você. O Deus de tudo que é e de tudo que virá. O Deus do novo mundo futuro. Haverá um lugar especial para você nesse mundo, Grey.

"O novo mundo futuro."

Eles estão chegando, Grey.

"Quem? Quem está chegando?"

Mas ao mesmo tempo que fazia a pergunta ele sabia a resposta. *Nossos irmãos*.

CINQUENTA E SETE

E de repente estava livre. Alicia Donadio, a Última dos Primeiros, a Coisa Nova e capitã dos Expedicionários, estava saltando por cima dos arames, para a noite, indo embora.

Correu. Correu e continuou correndo.

Tinha matado alguns homens pelo caminho. Algumas mulheres, também. Alicia nunca havia matado uma humana antes; não parecia muito diferente. Porque, no fim, todo mundo deixava a vida do mesmo modo. A mesma surpresa nos rostos, os dedos tocando o ferimento com ternura exploratória, o olhar etéreo idêntico, mirando na eternidade. Havia certa graça naquilo.

Talvez por isso Alicia gostasse tanto.

Encontrou seu equipamento onde o havia deixado, escondido nos arbustos. Uma lança e a besta. O detector de sinais de rádio. As bandoleiras com as facas. A muda de roupa, um cobertor, sapatos. Cem balas mas nenhuma arma para dispará-las. Tinha deixado a faca de Sacana para trás, cravada no rim esquerdo de um homem que havia ordenado que ela parasse, como se ela fosse fazer isso. Enquanto fugia do centro de detenção, nem soubera se era dia ou noite. O tempo fora aniquilado. O mundo que encontrou era um local diferente. Não, isso não estava certo. O mundo era o mesmo, ela é que havia mudado. Sentia-se separada de tudo, espectral, quase sem corpo. Acima, as estrelas do inverno brilhavam nítidas e puras, como lascas de gelo. Precisava de abrigo. Precisava dormir. Precisava esquecer.

Refugiou-se num barracão que um dia abrigara galinhas. Metade do teto se fora, restava apenas uma forma escassa: uma única parede de pé, um chão de terra batida. Enrolou-se no cobertor, o corpo machucado tremendo de frio. *Louise*, pensou, *foi assim?* Sua mente fazia malabarismo com lembranças, clarões luminosos de tormento que partiam os pensamentos como relâmpagos. Quando isso iria parar, quando iria parar?

Ainda estava escuro quando acordou, a mente escalando devagar em direção à consciência. Algo quente estava roçando sua nuca. Rolou e abriu os olhos, descobrindo uma forma imensa e escura acima dela.

Meu bom menino, pensou, e depois disse:

– Meu bom menino, bom menino.

Soldado baixou a cara até o rosto dela, as grandes narinas se abrindo, banhando seu rosto com o hálito. Lambeu os olhos e as bochechas de Alicia com sua língua comprida. Era um milagre. Não havia outra palavra. Alguém havia chegado. Alguém havia chegado, afinal de contas. Alicia havia ansiado por isso sem saber, uma alma para consolá-la neste mundo sem consolo.

Então, saindo improvavelmente do escuro, uma segunda figura, e uma voz de mulher, estranha e familiar ao mesmo tempo:

– Alicia. Olá.

A mulher se agachou ao lado dela, baixando o capuz do casaco. Suas tranças compridas e pretas se derramaram livres.

– Está tudo bem – disse ela baixinho. – Estou aqui, agora.

Amy? Mas não era a Amy que ela conhecia.

Esta Amy era uma mulher.

Uma mulher forte e linda, com cabelos densos e escuros e olhos como janelas iluminadas por trás com luz dourada. Era o mesmo rosto, mas diferente, mais profundo. Havia uma impressão de completude, de uma chegada ao ser. Um rosto de sabedoria, pensou Alicia. Sua beleza era mais do que aparência, mais do que uma coleção de detalhes físicos: vinha do todo.

– Eu não... entendo.

– Shhh. – Ela segurou a mão de Alicia. Seu toque era firme porém terno, como de uma mãe consolando o filho. – Seu amigo nos mostrou onde você estava. Um cavalo tão lindo! Como você o chama?

A mente dela estava pesada, entorpecida.

– Soldado.

Amy segurou o queixo de Alicia e o levantou ligeiramente.

– Você está machucada.

Como isso era possível? Como qualquer coisa era possível? Fora do barracão Alicia viu uma segunda figura, segurando um par de cavalos pelas rédeas. Um redemoinho de cabelos brancos agitados pelo vento e uma grande barba pálida mascaravam suas feições. Mas era a postura, o modo como ele se mantinha de pé, com atitude de soldado, que disse a Alicia quem o homem era, que aquele homem na neve era Lucius Greer.

– O que eles fizeram com você? – sussurrou Amy. – Diga.

Só foi preciso isso. Sua vontade desmoronou, uma onda de sofrimento rompeu a represa dentro dela. Não tanto falou, soltou a palavra num tremor:

– Tudo.

E finalmente, nos braços de Amy, um grande soluço a sacudiu – um uivo da dor e do sofrimento mais puros lançado para o céu, para as estrelas do inverno – e Alicia começou a chorar.

Guilder. Está na hora.

Guilder, levante-se.

Mas Guilder não ouviu essas palavras. O diretor Horace Guilder estava dormindo e sonhando – um sonho terrível, que se repetia frequentemente, em que ele estava no Centro de Recuperação, sufocando o pai com o travesseiro. Contrariamente à história, isso não acontecia sem luta. Seu pai estava se sacudindo, agitando os braços, as mãos gadanhando o ar, lutando para se soltar enquanto emitia gritos abafados implorando misericórdia. Só quando a resistência dele cessava e o travesseiro era removido do rosto, Guilder via seu erro. Não era o pai que ele havia matado, e sim Shawna. Ah, meu Deus, não! Então os olhos de Shawna se abriam, ela começava a gargalhar. Ria tanto que lágrimas vinham ao seu rosto. Pare de rir!, gritava ele. Pare de rir de mim! Você é tão engraçado, Guilder, dizia ela. Você deveria ver sua cara. Você e sua pulseira vagabunda. Sua mãe era uma puta. Uma puta uma puta uma puta...

Prepare o caminho, Guilder. Levante-se para recebê-los. O momento chegou.

Ele acordou bruscamente.

O nosso momento, Guilder. O nascimento do novo mundo.

A informação acertou seu cérebro como eletricidade. Ele saltou na cama enorme, naquela absurda vastidão de travesseiros, cobertores e lençóis, percebendo com um leve embaraço que havia caído no sono vestido. E por que precisava logo de uma cama de dossel?, pensou absurdamente. Uma cama tão gigantesca que o fazia sentir-se uma boneca? Mas descartou a pergunta. Eles estavam chegando! Estavam aqui! Girou os pés para o chão e os enfiou nos sapatos de couro com cadarço que, aparentemente, tivera energia de tirar antes de desmaiar de exaustão. Enfiando a camisa na calça, saltou para a porta e saiu pelo corredor.

– Suresh!

O som de seus passos ecoava no corredor vazio.

– Suresh, acorde!

A porta dos aposentos de Suresh se abriu revelando o novo chefe do estado-maior sonolento, com rosto cor de castanha. Estava usando um roupão de banho branco e fofo e sandálias, os olhos piscando como os de um urso saindo da caverna.

– Que coisa, Horace, não precisa gritar. – Ele bocejou no punho fechado. – Que horas são?

– Quem se importa com as horas? Eles estão *aqui.*

Suresh levou um susto.

– Quer dizer, agora?

Levante-se e receba-os, Guilder. Leve-os para casa.

– Não fique aí parado, vista-se.

– Certo, tudo bem. Estou indo.

– Ande, droga!

Guilder retornou ao seu apartamento e entrou no banheiro. Deveria se barbear? Ao menos lavar o rosto? Por que estava pensando assim, como um garoto numa noite de baile de debutantes? Passou a mão úmida pelo cabelo e escovou os dentes, tentando se acalmar. Era isso que chamavam de pasta de dentes aqui? Essa gosma de gosto horrendo? Pelo amor de Deus, por que, em 97 anos, eles nunca haviam conseguido fazer uma pasta de dentes decente?

Tirou um terno limpo do armário. A gravata azul, a vermelha, a de listras verdes e amarelas: não sabia. De repente estava tão nervoso que seu dedo mal conseguia dar o nó. E com fome. Uma pedra de vazio gélido se acomodava em suas entranhas. Uma visita ao seu velho amigo Grey seria a coisa certa para acalmar os nervos, mas deveria ter pensado nisso antes.

Parado diante do espelho, respirou para se tranquilizar. Calma, Guilder, calma. Você sabe o que fazer. É só mais um dia de trabalho. Não pode ser pior do que uma reunião com as autoridades, não é?

Na verdade, podia. Mas não adiantava ficar pensando nessa perspectiva.

Quando chegou ao saguão, Suresh estava esperando com seu motorista.

– Os caminhões estão a caminho. – Guilder estava calçando as luvas. – Você quer um destacamento inteiro para escoltá-lo? – perguntou Suresh.

Guilder dispensou isso: iria sozinho. Era melhor manter as coisas simples. Os dois se apertaram as mãos.

– Boa sorte – disse Suresh.

Enquanto o carro descia o morro, a ansiedade de Guilder começou a diminuir. Estava indo para o momento. Junto ao rio, viraram para o norte e foram na direção do Projeto. Sua forma escura se erguia da terra como uma lápide, um quadrado de escuridão mais profunda contra o céu noturno. A porta estava aberta, esperando.

Não pararam, em vez disso viraram para leste pela estrada de serviço. Em certa época ela fora usada para levar equipamentos ao canteiro de obras: os blocos de pedra cortados, as betoneiras da usina de concreto, os caminhões de carroceria aberta com as armações de aço tirado de outras construções. Agora ela faria uma entrega diferente. Passaram pelo portão auxiliar. Depois de cinco minutos, pararam onde as duas carretas esperavam, num milharal congelado.

Guilder mandou o chofer ir embora. As cabines das carretas estavam vazias. Seus motoristas também haviam partido. Guilder encostou o ouvido na lateral de um dos caminhões. Ouviu murmúrios

abafados lá dentro, intercalados com um som feminino de choro amedrontado.

A voz em sua cabeça estava silenciosa. Uma imobilidade profunda o envolvia, como a imobilidade que alerta sobre a chegada de uma tempestade. Eles viriam do oeste. Esperou.

Então:

O primeiro apareceu, depois outro e outro, 11 pontos de fosforescência luminosa espaçados a intervalos iguais no horizonte. As distâncias entre eles diminuíam enquanto se aproximavam, como luzes de uma aeronave gigantesca aterrissando.

Venham a mim, pensou Guilder. *Venham a mim*.

Detalhes começaram a emergir. Não tanto a emergir quanto a se ampliar. Um era menor do que os outros – Carter, claro; o incognoscível, o anômalo Anthony Carter –, mas os outros eram de tirar o fôlego. Em suas formas poderosas, nos movimentos graciosos e no absoluto domínio de si mesmos, pareciam fazer o espaço ao redor se encolher, dobrar dimensões, reescrever o curso do tempo. Fluíam para ele como um rio reluzente, banhando-o na luz de seu horror majestoso.

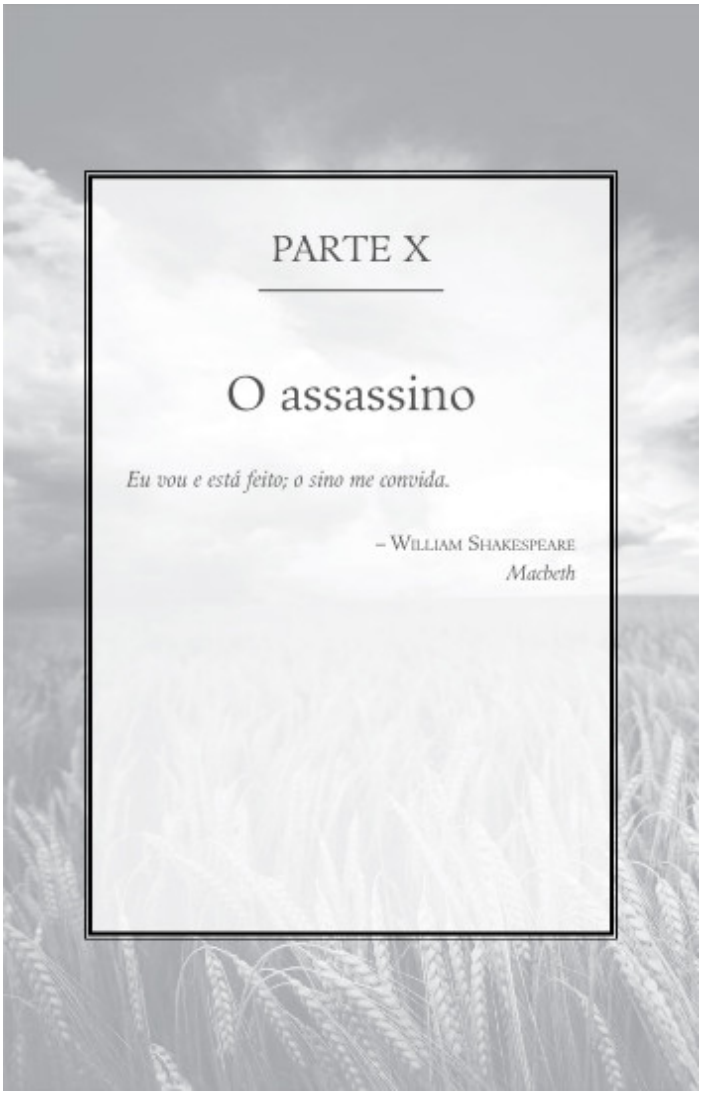
Venham a mim, pensou. *Venham a mim. Venham a mim.*

O momento da chegada possuía a sensação de completude absoluta. Era um batismo. A capa de um livro se fechando. Um longo mergulho na água azul e o momento da entrada, o mundo sendo apagado. Estavam diante dele, grandiosos e terríveis. Guilder bebeu as imagens majestosas, aterrorizantes, das lembranças deles como se mergulhasse num poço da mais pura insanidade. Uma garota chorando num colchão sujo. Um vendedor de loja com as mãos para o alto e o cano de um revólver apertado contra a ruga vertical entre os olhos. Uma sensação de embriaguez, e um menino em sua bicicleta vislumbrado através de um para-brisa, e a pancada do contato seguido por uma sacudida forte quando o corpinho passou por baixo das rodas do veículo. Um sentimento delicioso de sexo e os olhos de uma mulher expandidos num tamanho impossível enquanto o cordão se apertava em volta de seu pescoço. Um coro de terror, depravação, maldade negra.

Sou Morrisson-Chávez-Baffes-Turrell-Winston-Sosa-Echols-Lambright-Martínez-Reinhard-Carter.

Guilder abriu o compartimento de carga do primeiro caminhão. Os prisioneiros tentaram fugir, claro. Guilder havia ordenado que não houvesse algemas: não queria nada que os restringisse. A maioria só deu alguns passos. Os poucos que chegaram mais longe experimentaram, talvez, uma fugaz esperança de salvação. Sua corrida sem sentido fazia parte do fascínio. O momento se desdobrou em grandes manchas de sangue, gritos interrompidos abruptamente e tecido vivo sendo rasgado, e, no silêncio que se seguiu, Guilder foi até a traseira do segundo caminhão e abriu a porta, dando as boas-vindas.

– Bem-vindos, amigos. Vocês estão finalmente em casa. Vamos cuidar de todas as suas necessidades.



PARTE X

O assassino

Eu vou e está feito; o sino me convida.

– William Shakespeare
Macbeth

CINQUENTA E OITO

Vale estava morto, o que só podia significar uma coisa. A vez de Sara viria em seguida.

Jenny também desaparecera. Dois dias depois do atentado no centro de alimentação uma nova garota havia assumido seu lugar. Estaria com eles? Não, Sara teria detectado isso. Uma mensagem sob o prato, uma troca de olhares tranquilizadores. Alguma coisa. Mas a garota – pálida, nervosa –, cujo nome Sara não sabia e jamais ficaria sabendo, vinha e ia embora em silêncio.

Lila estava de cama. Durante todo o dia e a noite ficava se revirando. Só se levantava para tomar banho, mas descartava as ofertas de ajuda por parte de Sara. Sua voz estava exaurida: até mesmo falar parecia exigir toda a sua energia.

– Me deixe em paz – dizia.

Sara sentia-se só, isolada. O sistema estava desmoronando.

Passava os dias com Kate, mas esse tempo juntas parecia diferente, final. A menina também sentia isso, como acontece com as crianças. Qual era a fonte de seus poderes de percepção? Tudo era colorido por um clima de falta de objetivo. Elas faziam os jogos de sempre, não importando quem ganhasse. Sara lia as histórias de sempre, mas a menina só ouvia vagamente. Nada ajudava. O fim do tempo delas estava se aproximando. Os dias eram longos, depois curtos demais. À noite dormiam juntas no sofá, fundidas como uma só. O calor suave do corpo da menina era um tormento. Sara ficava acordada durante horas, ouvindo a respiração silenciosa da filha, bebendo seu cheiro. Com o que você está sonhando?, pensava. Está sonhando com o adeus, como eu? Será que vamos nos ver de novo? Existe um lugar assim? Abraçando Kate, lembrou-se das palavras de Nina. *Nós vamos tirá-la. Caso contrário ela não tem chance.* Minha filha, pensou Sara, vou fazer o que for preciso para salvá-la. Irei quando pedirem. É a única chance que tenho.

Na terceira manhã Sara levou Kate para fora. O frio era cortante, mas ela gostou disso. Empurrou Kate no balanço durante um tempo,

depois brincaram na gangorra. Kate não tinha dito nada sobre Lila desde a noite em que Guilder batera nela. Qualquer que fosse o fio que as ligava, ele fora partido. Quando o frio ficou forte demais, voltaram para dentro. No instante em que chegaram à porta, Kate parou.

– Alguém me deu isso – disse ela, e mostrou a Sara. Em sua mão havia um ovo de plástico rosa.

– Quem deu?

– Não sei. Ela estava ali.

Sara acompanhou o gesto da menina apontando para o outro lado do pátio. Não havia ninguém. Kate deu de ombros.

– Ela estava ali há um segundo.

Durante alguns minutos, não mais do que cinco, Sara havia deixado Kate perambular sozinha.

– Ela mandou eu dar isso a você – disse Kate, e estendeu o ovo.

A mulher era Nina, claro. Sara enfiou o ovo no bolso do manto. Seu corpo estava entorpecido. Quando Jenny desaparecera, ela havia se permitido ter a leve esperança de que seu fardo seria retirado. Que idiotice!

– Vamos guardar segredo sobre isso, está bem?

– Ela disse a mesma coisa. – Em seguida, com o rosto se iluminando, Kate perguntou: – É uma mensagem secreta?

Sara fez o máximo para sorrir.

– Exatamente.

Não abriu o ovo logo, ficou com medo. Quando retornaram ao apartamento escuro, encontraram Lila acendendo os candelabros com um fósforo comprido. O rosto dela estava sem cor, o cabelo quebradiço e despenteado. Chamou-as para o sofá e estendeu um livro.

– Pode ler para mim?

O livro se chamava *Mulherzinhas*. Sara abriu a capa e uma nuvem de poeira subiu das páginas amareladas.

– Não ouço esse há séculos – disse Lila.

Sara foi obrigada a ler durante horas. Parte de sua mente registrava a história como algo interessante, mas o resto estava envolto em névoa. A linguagem era difícil e ela frequentemente se

perdia. A atenção de Kate se esvaiu, até que ela caiu no sono, a cabeça pousando no peito de Sara. Parecia totalmente possível que, em seu novo estado, Lila obrigasse Sara a ler o livro todo.

– Preciso ir ao banheiro – disse Sara finalmente. – Já volto.

Antes que Lila pudesse dizer qualquer coisa, foi rapidamente ao lavabo e trancou a porta. Levantou o manto, sentou-se no vaso e tirou o ovo do bolso. Seu coração batia loucamente. Um tremor de hesitação, depois abriu o ovo e desdobrou o papel.

O pacote está no barracão do jardim na beira do pátio. Olhe embaixo das tábuas do piso à esquerda da porta. O alvo é o encontro da chefia na sala de reuniões, amanhã às 11h30. Pegue o elevador central até o quarto andar, depois o primeiro corredor à direita. A última porta à esquerda é a da sala de reuniões. Diga ao guarda que Guilder mandou chamá-la. Sérgio vive.

Ela havia devolvido o papel ao ovo quando houve uma batida ansiosa na porta.

– Dani! Preciso de você!

– Só um segundo!

A maçaneta chacoalhou. Será que ela havia trancado a porta?

– Estou com a chave, Dani! Por favor, abra a porta!

Sara saltou do vaso, fazendo o ovo rolar pelo chão. Merda! A chave estava virando na fechadura. Ela só teve tempo para enfiar o ovo na gaveta de baixo do toucador antes de se virar e ver Lila parada junto à porta aberta.

– Terminei – disse ela. E forçou um sorriso. – De que você precisa, Lila?

O rosto da mulher ficou vazio, confuso.

– Não sei. Achei que você tinha ido a algum lugar. Você me assustou.

– Bom, eu fui. Fui ao banheiro.

– Não ouvi a descarga.

– Ah. Desculpe. – Sara se virou e puxou a corrente. – Foi falta de educação minha.

Por um momento Lila não disse nada. Parecia completamente desconectada da realidade. Depois uma ideia surgiu no seu rosto.

– Pode fazer uma coisa para mim? Um favor?

Sara assentiu.

– Eu gostaria de um pouco de... chocolate.

– Chocolate. – O que era chocolate? – Onde eu consigo isso?

Lila a encarou incrédula.

– Na cozinha, claro.

– Certo. Acho que era óbvio. – Talvez alguém na cozinha soubesse do que Lila estava falando. Sara não achava boa ideia voltar de mãos vazias. – Vou agora mesmo.

O rosto de Lila relaxou.

– Qualquer coisa serviria. Até uma xícara de chocolate quente. – Seus olhos estavam desfocados. Ela deu um pequeno suspiro. – Sempre adorei uma xícara de chocolate quente numa tarde de inverno.

Sara saiu do apartamento. O quanto Lila teria visto? Por que Sara não tinha pensado em jogar o bilhete no vaso e dar a descarga? Teria fechado a gaveta? Repassou o momento na mente: tinha. Não havia motivo para Lila olhar lá, mas, para ficar segura, Sara teria de pegá-lo de volta antes que a garota que servia a comida retornasse.

A cozinha ficava no lado oposto do prédio. Ela teria de cruzar o átrio, que estava sempre cheio de colas. Ainda surfando uma onda de adrenalina, apontou o olhar para o chão e seguiu pelo corredor.

Quando entrou no saguão, percebeu uma enorme agitação. Uma atendente estava sendo escoltada por dois guardas e seus gritos dignos de pena eram amplificados pela acústica expansiva do lugar.

– Não! Por favor, estou implorando! Eu faço melhor! Não me levem para o porão.

A mulher era Karen Molyneau.

– Sara! Socorro!

Sara parou. Como Karen pôde ver seu rosto? E então percebeu que tinha cometido o único erro fatal, a única coisa que nunca poderia esquecer de fazer. Tinha deixado de pôr o véu.

– Sara, por favor!

– Pare.

A ordem viera de um terceiro homem. Enquanto ele avançava, Sara o reconheceu imediatamente. A barriga redonda, os óculos

opacos na ponta do nariz, as sobrancelhas parecidas com asas. O terceiro homem era o Dr. Verlyn.

– Você. – Ele estava examinando atentamente o rosto dela. – Qual é o seu nome?

A boca de Sara estava seca.

– Dani, senhor.

– Ela a chamou de Sara.

– Tenho certeza de que ela se enganou. – Seus olhos se viraram num reflexo em direção à saída. – Sou Dani.

– Sara, por que está fazendo isso? – Karen estava se retorcendo como um peixe na rede. – Diga a eles que não sou uma insurgente!

O olhar de Verlyn endureceu. Os cantos de sua boca se ergueram num sorriso.

– Ah, eu me lembro de você. A bela. Nunca esqueço um rosto, principalmente um rosto como o seu.

Sara correu para a porta. Em três passos a atravessou. Desceu rapidamente a escada, saindo ao sol e ao vento, com gritos subindo atrás.

– Parem-na! Parem essa mulher!

Para onde poderia correr? Mas não havia nenhum lugar: colas surgiam de todas as direções, acuando-a como um nó de forca que se apertasse. A mão de Sara foi até o bolso e encontrou o envelopinho de papel-alumínio dobrado. Ali estava, o fim. Tinha parado no caminho: não havia mais sentido em correr, tinha apenas um ou dois segundos. O pacote se abriu revelando o conteúdo mortal. Segurou o mata-borrão entre o polegar e o indicador e o levou à boca. *Adeus, minha filha, como eu amo você! Adeus.*

Mas não seria assim. Enquanto levava o mata-borrão à boca, algo a acertou por trás. Ela voou, o chão fugindo de sob seus pés e então aproximando-se de novo, devagar, depois depressa e por fim as duas coisas ao mesmo tempo. Seu crânio colidiu com o pavimento e tudo escureceu.

CINQUENTA E NOVE

Os três estavam deitados de barriga para baixo no barranco da galeria, Greer examinando a cena com o binóculo. O sol do fim de tarde acendia fogueiras nas nuvens.

– Você tem *certeza* de que é esse o lugar? – disse Amy.

Alicia confirmou com a cabeça. Ficaram deitados ali durante quase três horas. As atenções estavam focalizadas num tubo de esgoto com a boca larga que se projetava da base de um morro baixo. A neve ao redor da abertura era cheia de marcas de pneus entrecruzadas.

Os minutos passaram. Alicia havia começado a duvidar de si mesma quando Greer levantou a mão.

– Espere. Lá vamos nós.

Uma figura usando casaco escuro havia emergido do tubo. Não dava para ver se era homem ou mulher. Um cachecol cobria a parte de baixo do rosto, um gorro de lã estava puxado até o topo dos olhos. A figura parou, olhando para o sul, com uma das mãos na testa.

– Parece que ele está esperando alguém – disse Greer.

– Como você sabe que é um homem? – perguntou Alicia.

– Na verdade, eu não sei.

Greer entregou o binóculo a Amy, que empurrou uma mecha de cabelo para o lado e encostou as lentes nos olhos. Era incrível, pensou Alicia, ver como em todos os aspectos, até mesmo nos menores gestos, Amy era ao mesmo tempo a garota que sempre fora e alguém totalmente novo. Segundo Greer contou, Amy havia entrado no navio, o Chevron Mariner, como uma coisa e voltado como outra. Nem Amy podia dar uma explicação. Para Alicia, o mais estranho era o fato de isso não parecer nem um pouco estranho.

– Também não sei. Mas quem deveria encontrá-lo está atrasado. – Amy baixou o binóculo. – Se quisermos encontrar Sérgio, acho que não teremos uma chance melhor.

– Concordo – assegurou Alicia, assentindo. – Major?

– Não tenho objeções.

Tudo de que dispunham para esconder sua aproximação era uma linha de arbustos do lado leste do tubo e um agrupamento de árvores nuas na colina acima. Amy e Alicia deixaram Greer vigiando e seguiram agachadas ao longo da galeria, indo em direções opostas. Amy pegaria a direita, no nível do chão. Alicia saltaria de cima. Assim que estivessem posicionadas, Greer iria assobiar, distraindo a atenção do sujeito, e elas agiriam.

Tudo seguiu de acordo com o plano. Alicia se arrastou de barriga até o topo do tubo. O cocuruto do sujeito estava logo abaixo dela. Desse ângulo, Alicia não podia ver Amy, mas Greer via. Esperou o sinal, e então: Para onde ele foi?

Pondo-se de joelhos, Alicia girou a tempo de receber todo o peso dele se chocando contra o dela. Não era o peso dele. Era dela. Num abraço as duas tombaram pela borda, a mulher caindo em cima dela enquanto Alicia pousava de costas na neve.

– Quem é você, diabos? – A mulher havia prendido os braços de Alicia com os joelhos e estava segurando uma faca junto à sua garganta, a lâmina furando levemente a pele. Alicia não tinha dúvidas de que ela iria usá-la.

– Calma aí. Sou amiga.

– Responda à pergunta.

– Amy? Pode dar uma ajudinha aqui?

Amy havia chegado por trás. Sua aproximação fora absolutamente silenciosa. Antes que a mulher pudesse reagir, Amy a agarrou pela cintura e a jogou de lado. Enquanto a mulher saltava de pé e atacava com a faca, Amy deu um tapa na arma, pulou atrás dela e a prendeu numa chave de braço, com o outro braço segurando-a pela cintura. O único pensamento de Alicia foi: *Cacete!*

– Pare com isso – disse Amy. – Só queremos conversar.

– Vão para o inferno – falou a mulher, com os dentes trincados.

– Você não acha que eu poderia quebrar seu pescoço, se quisesse?

– Fique à vontade. E diga ao Guilder que eu mandei ele se foder, também.

Amy olhou para Alicia, que havia apanhado a faca da mulher e estava espanando a neve da calça. Greer vinha andando na direção delas.

– Esse nome significa alguma coisa para você? – perguntou Amy.

Alicia balançou a cabeça.

– Quem é Guilder? – perguntou à mulher.

– O que você quer dizer com “quem é Guilder”?

– Qual é o seu nome? – perguntou Amy. – Isso você pode dizer.

Houve um momento de hesitação, e depois:

– Nina, está bem? É Nina.

– Vou soltar você agora, Nina – disse Amy. – Prometa que vai ouvir o que temos a dizer. Só estou pedindo isso.

– Fodam-se.

Amy apertou com mais força, para deixar claro seu argumento.

– Você... promete?

Outra tentativa de luta, então a mulher cedeu.

– Certo, certo, prometo.

Amy a soltou. A mulher tombou para a frente e girou. Tinha um rosto jovem, não muito mais de 20 anos, mas seus olhos contavam uma história diferente: dura, quase feroz.

– Quem são vocês?

– Aquele foi um movimento interessante – Alicia disse a Amy. Em seguida girou a faca em volta do indicador e a entregou a ela. – Onde aprendeu?

– Olhando você. – Ela virou os olhos para Greer. A barba comprida estava com torrões de neve, parecendo o focinho de um cachorro. – Lucius, será que posso pedir para você ficar de vigia outra vez? Avise quando o veículo se aproximar.

– Só isso? Só avisar?

– Seria bom se você pudesse... atrasá-lo um pouco. Até acabarmos a conversa.

Greer subiu correndo o morro. Amy se virou de novo para a mulher, fazendo um gesto leve mas significativo com a faca.

– Sente-se.

Ela estava olhando furiosa, em desafio.

– Por que eu faria isso?

– Porque vai ficar mais confortável. Vai demorar um pouco. – Amy enfiou a faca no cinto. *Não vou usar mais isso, se você se comportar.* – Não somos quem você acha que somos. Agora sente-se.

Com relutância, Nina sentou na neve.

– Não vou dizer nada.

– Duvido muito – respondeu Amy. – Acredito que você vai contar tudo que eu preciso saber, assim que eu explicar o que está para acontecer aqui.

– Quero brincar com a Dani!

– Eva, querida...

O rosto da menina estava vermelho de raiva. Ela pegou uma xícara no chão e jogou contra Lila, errando por pouco.

– Vá para a cama! – gritou Lila. – Vá para a cama agora mesmo!

A garota estava irredutível, o rosto cheio de ódio.

– Você não pode me obrigar!

– Eu sou sua mãe! Faça o que eu digo!

– Quero a Dani!

Ela havia enchido a mão com feijões. Antes que Lila pudesse reagir, a menina os atirou com uma força espantosa, cheia de raiva, contra o rosto de Lila. Mais feijões caíram no chão atrás dela, uma chuva ruidosa. Kate saltou de pé e começou a correr pelo apartamento – arrancando livros das estantes, jogando coisas de cima das mesas, lançando almofadas no ar.

– Eva, pare com isso agora mesmo!

A garota pegou um grande vaso de cerâmica.

– Eva, não...

Ela o levantou sobre a cabeça e o desceu como alguém que fechasse um porta-malas de carro. Não houve um estalo, e sim uma detonação: o vaso explodiu em um milhão de cacos ricocheteantes.

– Eu odeio você!

Algo estava acontecendo, algo definitivo. Lila soube disso ao mesmo tempo que sentia, numa camada mais profunda do cérebro, que tudo aquilo havia acontecido antes. Mas o pensamento não foi mais longe: o gume duro de algo acertou sua cabeça. A garota estava jogando livros.

– Vá embora! – gritou ela. – Odeio você odeio você odeio você.

Mas, enquanto Lila via sua boca formar essas palavras terríveis, elas pareciam vir de outro lugar. Vinham de dentro de sua cabeça. Saltou à frente, agarrou a menina pela cintura e a levantou do chão. Ela chutava, gritava, se retorcia. Tudo que Lila queria era... o quê? Acalmar a garota? Controlar a situação? Silenciar os gritos que rasgavam seu cérebro? Para cada grama de força que Lila aplicava, a garota respondia com o mesmo ímpeto, berrando a plenos pulmões, fazendo a cena inflar até as dimensões mais grotescas, uma espécie de loucura, até que Lila perdeu o equilíbrio, o centro de gravidade das duas se inclinou para trás e elas caíram com força, chocando-se contra a penteadeira.

– Eva!

A menina estava rolando para longe dela. Parou encostada na base do sofá, olhando com ferocidade. Por que ela não estava chorando? Estaria machucada? O que Lila havia feito? Aproximou-se dela de quatro.

– Eva, desculpe, eu não queria...

– Quero que você morra!

– Não diga isso. Por favor. Estou implorando a você para não dizer isso.

E com essas palavras as lágrimas chegaram finalmente aos olhos da menina, mas não eram de dor, humilhação ou mesmo medo. *Vou desprezar você para sempre. Você não é minha mãe e nunca foi, e sabe disso tão bem quanto eu.*

– Por favor, Eva, eu amo você. Não sabe quanto eu amo você?

– Não diga isso! Eu quero a Dani! – Seus pulmões minúsculos expeliam uma quantidade espantosa de som. – Odeio você odeio você odeio você odeio você!

Lila apertou os ouvidos, mas nada bloqueava os gritos da menina.

– Pare! Por favor!

– Quero que você morra quero que você morra quero que você morra!

Lila entrou correndo no banheiro e bateu a porta. Mas isso não deu em nada: os gritos vinham de toda parte, um rugido que obliterava tudo. Tinha ficado de joelhos, soluçando nas mãos. O que estava

acontecendo? Minha Eva, minha Eva. O que eu fiz para você me odiar tanto? Seu corpo tremia de dor. Seus pensamentos eram um redemoinho, rolando, despedaçando-se. Ela era um milhão de pedaços partidos de Lila Kyle espalhados no chão.

Porque a menina não era Eva. Por mais que Lila desejasse que fosse, não existia Eva. Eva se fora para sempre, era um fantasma do passado. Agora Lila sabia. O conhecimento se derramou dentro dela como ácido, queimando as mentiras. *Volte*, pensou Lila, *volte.* Mas nunca poderia voltar, nunca mais.

Ah, Deus, as coisas terríveis que ela havia feito! Os atos terríveis, medonhos, imperdoáveis! Chorou e tremeu. Chorou um rio, como seu pai sempre dizia, pintando seus barquinhos. Ela era uma abominação. Era uma mancha de malignidade na Terra. Tudo fora revelado, tudo estava inteiro, o tempo parou e se moveu de novo num continuum remontado dentro dela, contando sua história de vergonha.

Quero que você morra, tinha dito a menina. E Lila também queria isso.

Em seguida outra coisa aconteceu. Lila estava sentada na borda da banheira. Tinha entrado num estado para além da vontade: não escolhia nada, as coisas a escolhiam. Abriu a torneira. Mergulhou a mão na água, olhando-a escorrer entre os dedos. Então era isso, pensou. A solução sombria. Era como se sempre tivesse sabido, como se, nos recessos mais profundos da mente, estivesse realizando esse ato final, repetidamente, durante 100 anos. Claro que a banheira seria o meio. Durante horas havia afundado em seu calor, décadas inteiras haviam se passado naquela imersão reconfortante, nesse delicioso apagamento do mundo, no entanto a banheira sempre havia sussurrado para ela. *Aqui estou, Lila, deixe-me ser sua libertação*.

O vapor subia em redemoinhos, nublando o cômodo com seu hálito úmido. Uma calma perfeita a envolveu. Ela acendeu as velas, uma por uma. Era médica, sabia o que estava fazendo. *Soy medica.* Despiu-se e examinou o corpo nu no espelho. A beleza dele – porque ele *era* lindo – a encheu de lembranças: de ser jovem, criança também, saindo da banheira. Você é minha princesa,

provocava o pai, enxugando seu cabelo e abraçando-a no calor macio de uma toalha recém-lavada. Você é a coisa mais linda desta Terra. As lembranças fluíam por sua água. Ela era criança, depois adolescente, com o vestido de tafetá azul e um enfeite de flores preso no ombro – um baile na escola? –, cada imagem fundindo-se na seguinte até que, por fim, via uma mulher, cheia de força madura e juvenil, parada diante do espelho, com o vestido de casamento da mãe. O corpete de renda delicada, as camadas de seda branca reluzente: como sua vida, com toda a promessa, parecia capturada naquela imagem! *Hoje é o dia em que vou me casar com Brad*. Sua mão desceu até a barriga. O vestido de casamento fora substituído por uma camisola vaporosa. Um sol matinal atravessava as janelas. Virou-se de perfil, segurando a curva voluptuosa. *Eva. É quem você vai ser; é quem você é. Vou lhe dar o nome de Eva.* O vapor subia, a banheira estava quase cheia.

Brad, Eva, estou indo. Fiquei longe por muito tempo. Vou para perto de vocês agora.

Três linhas azuis latejavam na base de cada pulso: a veia cefálica, serpenteando pela borda radial do antebraço; a basílica, começando na rede venosa dorsal antes de ascender pela superfície posterior do lado ulnário para se juntar à veia cubital mediana; a cefálica acessória, subindo pelo antebraço para se fundir com a cefálica atrás do cotovelo. Ela precisava de alguma coisa afiada. Onde estava a tesoura? A que Dani e todas as outras que vieram antes usavam para cortar seu cabelo? Abriu uma gaveta e depois outra e, quando chegou à de baixo, ali esperava ela, reluzindo afiada.

Mas o que era aquilo?

Um ovo. Um ovo de Páscoa de plástico, como os que ela procurava no gramado quando era menina. Como adorava aquele ritual! A corrida louca pelo campo, o cestinho balançando na mão, o orvalho nos pés e o lento acúmulo de tesouros, a mente visualizando o grande coelho branco cuja visita noturna deixara para trás esse butim. Lila pegou o ovo. Sentiu um levíssimo chacoalhar dentro. Poderia ser...? Seria possível...? Mas o que mais *poderia* ser?

Só havia uma resposta. Lila Kyle morreria com o gosto de chocolate na boca.

SESSENTA

Traição. *Traição*.

Como a insurgência havia chegado tão perto? Será que alguém, por favor, poderia lhe dizer isso? Primeiro a ruiva, depois Vale e agora a atendente de Lila também? Esse camundongo trêmulo? Essa ninguém, anônima, que olhava para o chão sempre que ele entrava na sala? Até que ponto da Cúpula a conspiração chegava?

Para enorme irritação de Guilder, a ruiva ainda estava à solta. Tinha matado 11 pessoas ao fugir. Como isso era *possível*? Eles nem ao menos sabiam seu nome. *Pode me chamar como quiser*, dissera, *só não me chame de manhã cedo*. Piadas, vindas de uma mulher que tinha sido espancada continuamente durante dias. Com relação ao Sacana, pensando bem, Guilder era obrigado a admitir seu erro. Deixar um homem daqueles fora da coleira fora um bilhete só de ida para o desastre.

Guilder havia supervisionado pessoalmente o interrogatório da atendente. Qualquer que fosse o material de que a ruiva era feita, esta era mais mole. Três mergulhos na banheira bastaram para fazê-la falar. A bomba no barracão. A garota que servia a comida, Jenny, mas ninguém a via havia dias. Um esconderijo cuja localização ela não conhecia porque a haviam deixado inconsciente, o que fazia sentido; era o que Guilder teria feito. Uma mulher chamada Nina, mas a única Nina nos arquivos havia morrido quatro anos antes, e um homem chamado Eustace, de quem não tinham qualquer registro. Tudo muito interessante, mas nada que ele pudesse usar.

– Quer que a gente se esforce mais? – perguntou o guarda.

Guilder olhou para a mulher, ainda amarrada à tábua, a cabeça encharcada pela água gélida, com os últimos espasmos ofegantes fazendo seu corpo estremecer. Sara Fisher, nº 94801, residente do Alojamento 31, trabalhadora da usina de biodiesel 3. Verlyn se lembrava dela, da carga que haviam trazido de Roswell. Então era uma daquelas texanas infernais. Agora que os Doze haviam chegado, ele teria realmente de fazer algo sério com relação à

situação do Texas. A mulher não parecia do tipo que mataria alguém. Ele precisava se lembrar de que ela pretendera matá-lo. Mas, claro, não existia nenhum tipo claro, era isso que os últimos meses violentos lhe haviam ensinado. A insurgência era todo mundo e ninguém.

– Não precisa – disse ao guarda. – Pendure-a. Acho que Grey vai gostar do que essa aí tem a oferecer. Ele sempre gostou das jovens.

Subiu a escada do porão até sua sala, pôs os óculos e abriu a cortina. O sol havia acabado de baixar no horizonte, jateando as nuvens com fitas de cor forte. A visão era bonita, mais ou menos. Guilder supôs que era o tipo de coisa que poderia ter desfrutado, um século atrás. Mas uma pessoa só podia olhar para uma determinada quantidade de pores do sol numa vida e formar uma opinião. O problema de viver para sempre, *etc. etc. etc.*

Sentia falta de Wilkes. O sujeito nem sempre fora a melhor companhia, era ansioso demais por agradar, mas pelo menos era alguém com quem ele conversava. Guilder havia confiado nele, feito confidências a ele. Com o passar dos anos não existia muita coisa que não tivessem dito. Guilder até lhe contara sobre Shawna, apesar de ter mascarado a história com ironia. *Uma puta, dá para acreditar? Que imbecil eu era!* É, e eles haviam dado boas gargalhadas com isso. O caso era que agora era um daqueles momentos típicos, vagamente ansiosos, em que Guilder teria enfiado a cabeça pela porta e gritado “Fred, venha cá!”, chamando o amigo para sua sala com algum subterfúgio, mas na verdade só para conversar.

Seu amigo. Achava que eram. Tinham sido.

A escuridão chegou. O olhar de Guilder viajou pelo morro indo até o Projeto. Achava que ele precisaria de um novo nome. Hoppel seria o cara certo para isso; sem dúvida, ele tinha jeito com as palavras. Na vida anterior fora publicitário de uma grande agência de Chicago, experiência que usou bastante criando as frases e os jingles que mantinham as “tropas” em linha, chegando a escrever a letra do hino. *Pátria, nossa Pátria, a vós a vida entregamos. Sem galardão nossos labores ofertamos. Pátria, nossa Pátria, uma nação aqui surgirá. Segurança, esperança, garantia, de um mar até o outro mar.* Cafona feito o diabo, e Guilder não havia gostado muito da palavra

“galardão” – parecia metida a besta –, mas as sílabas cabiam direito na música e, pelos padrões do gênero, a coisa não caía muito mal nos ouvidos.

E então, como deveriam chamar aquilo? “Bunker” era marcial demais. “Palácio” tinha o tom geral correto, mas não havia nada de palaciano naquele lugar. Parecia uma grande caixa de concreto. Algo religioso? Uma igreja? Quem não entraria de boa vontade numa igreja?

O número exato de planicianos que precisariam ir, e com que frequência, ainda não fora visto. Guilder ainda não recebera instruções específicas de Zero quanto a isso, a sensação geral era de que as coisas viriam na hora certa. Os Doze podiam ser diferentes dos virais comuns, mas eram o que eram: máquinas de comer, basicamente. Não importava que diretrizes viessem do alto, um século comendo tudo o que pulsava seria um hábito difícil de abandonar. Mas, no geral, a dieta deles consistiria numa combinação de sangue humano doado e animais domesticados. A taxa certa precisaria ser mantida escrupulosamente; a população humana precisaria crescer. Geração a geração, humanos e virais, trabalhando juntos – o que, pensando bem, não era um modo ruim de vender a coisa. Era com certeza algo ao estilo de Hoppel. Qual era mesmo a expressão? Reestruturação de marca? Era disso que Guilder precisava. Um novo ponto de vista, um novo dicionário, uma nova visão. Uma reestruturação de marca da experiência viral.

Talvez tivesse realmente acertado alguma coisa, com essa ideia de igreja. O estabelecimento de algo parecido com uma religião oficial, com todas as baboseiras e os atavios ritualísticos, poderia ser o lubrificante certo exigido pelas engrenagens da psicologia humana. O culto do Estado era só a vara, sem a cenoura pendurada. Mas a esperança era o maior organizador social de todos. Dê esperanças às pessoas e você poderá conseguir que elas façam praticamente qualquer coisa. E não só uma esperança comum, cotidiana – de comida, roupa, ausência de dor, boas escolas suburbanas ou financiamento fácil com pagamentos baratos. O que as pessoas precisavam era de uma esperança para além do mundo visível, do mundo do corpo e de seus sofrimentos, do interminável desfile de

coisas monótonas na vida. Uma esperança de que nem tudo era o que parecia.

E ali estava, o nome. Como era simples, como era elegante! Não uma igreja: um templo. O Templo da Vida Eterna. E ele, Horace Guilder, seria seu sacerdote.

Portanto esse não fora um dia inútil. Era engraçado como as coisas podiam simplesmente surgir assim, pensou com um sorriso – a primeira vez que sorria em semanas. Dane-se o Wilkes, aquele ingrato. Guilder tinha tudo nas mãos.

Primeiro a injeção e a tontura. Sara, deitada numa maca com rodas, observava o teto passar.

– Vamos... *lá*.

Agora estava em outro lugar. A sala era escura. Mãos a colocavam numa mesa, apertando tiras em volta dos braços, das pernas e da testa. O metal embaixo dela era gelado. Num determinado momento seu manto fora tirado e substituído por uma camisola de algodão. Sua mente se movia com peso animal ao redor desses fatos, observando-os sem emoção. Era difícil se importar com qualquer coisa. Havia o Dr. Verlyn, espiando-a através dos óculos minúsculos, com seu jeito de avô. Suas sobrancelhas pareciam extraordinárias. Ele estava segurando um fórceps prateado. Um chumaço de algodão encharcado em líquido marrom estava preso entre as pontas. Ela achava que, como ele era médico, devia estar fazendo alguma coisa de medicina com ela.

– A sensação pode ser meio fria.

Era. O Dr. Verlyn estava passando aquilo nos seus braços e nas pernas, enquanto outra pessoa posicionava um tubo plástico embaixo de seu nariz.

– Cateter.

Bom, isso não era legal. Não era nem um pouco legal. Um gemido subiu de sua garganta. Outras coisas começaram a acontecer, várias cutucadas e intrusões, a sensação de objetos estranhos deslizando por baixo da pele – dos antebraços, do interior das coxas. Houve uma série de bipes e um sibilo de gás, e um odor estranho sob o nariz, espantosamente doce. Éter dietílico. Era feito na fábrica de

biodiesel, mas Sara nunca tinha visto como era feito. Só se lembrava dos tanques com a palavra INFLAMÁVEL pintada em vermelho nas laterais e do som das pancadas quando eram carregados em carrinhos até um caminhão que esperava.

– Apenas respire, por favor.

Que pedido estranho! Como ela poderia não respirar?

– É isso aí.

Foi erguida sobre a nuvem mais macia.

SESSENTA E UM

Dois dias tinham se passado desde que eles haviam feito contato com a insurgência. A princípio Nina não conseguira acreditar neles, o que era normal. A história era fantástica demais, complexa demais. Foi Alicia que finalmente pensou num modo de provar o argumento. Pegou o detector de sinais de rádio na mochila, levou a mulher até a crista do morro e apontou para a Cúpula. Greer estava olhando o vale abaixo. A uma distância tão grande, Alicia ficou preocupada, achando que não captaria o sinal. Nesse caso, o que fariam para convencer a mulher? Mas ali estava, forte e clara, uma pulsação contínua. Alicia ficou aliviada mas também perplexa: no mínimo o sinal estava mais forte. Amy ficou em silêncio um momento e depois disse: agora temos de nos apressar. Esse som que você está ouvindo significa que os Doze já estão aqui. Ela tirou a faca do cinto, entregou-a a Nina e disse para Alicia e Greer também se desarmarem. Estamos nos entregando a você, disse Amy. O resto é por sua conta.

A picape chegou, trazendo dois homens armados. Alicia e os outros os receberam de braços levantados. Seus pulsos foram amarrados, capuzes pretos foram postos sobre as cabeças. Um intervalo de tempo passou, os três congelando na carroceria que chacoalhava, depois ouviram o som de uma porta de garagem se abrindo. Foram acompanhados para fora da picape e receberam ordem de esperar. O ar estava úmido e frio, com um cheiro mineral. Passaram-se alguns minutos. Passos se aproximaram.

– Tirem – disse uma voz de homem.

Os capuzes foram removidos, revelando meia dúzia de homens e mulheres parados diante deles com as armas levantadas – todos menos um.

– Eustace?

– Major Greer. – Eustace virou o rosto quebrado na direção de Alicia. – E Donadio também. – Ele balançou a cabeça. – Por que

estou surpreso? – Em seguida se virou para os outros e fez um gesto para baixarem as armas. – Está tudo bem, pessoal.

– Você os *conhece*? – perguntou Nina.

Eustace os olhou de novo, notando Amy.

– Acho que não conheço você.

– Na verdade – respondeu Amy –, não é bem assim.

Tinham chegado na véspera do dia em que o pessoal de Eustace iria agir. Anos de infiltração meticulosa haviam chegado ao momento do clímax. Primeiro a decapitação da liderança, seguida por ataques simultâneos em vários alvos importantes: postos do RH, infraestrutura industrial, a estação de energia, o centro de detenção, os complexos de apartamentos que circundavam o centro da cidade – onde morava a maioria dos olhos-vermelhos. Armas e explosivos tinham sido guardados por toda a cidade. Suas forças eram pequenas, mas assim que o ataque estivesse acontecendo eles acreditavam que o número cresceria. O gigante adormecido, feito de 70 mil planicianos, acordaria. Quando isso acontecesse, a insurreição iria se tornar uma avalanche, impossível de ser contida. A cidade seria deles.

Mas algo tinha dado errado. Sua agente na Cúpula fora descoberta. Eles sabiam que ela fora apanhada viva, mas não descobriram para onde fora levada. Com toda a probabilidade estava no porão.

– Infelizmente há algo que preciso contar – disse Eustace, e explicou quem era a agente.

Sara estava ali. Era difícil acreditar. Não: era muito mais do que isso. E a filha dela também. De Sara. De Hollis. De algum modo profundo, a criança pertencia a todos eles. O objetivo havia se ampliado, mas o mesmo acontecera com a complexidade da situação. Eles teriam de tirar as duas de lá.

Amy repetiu a história que havia contado a Nina. Não poderia haver dúvida de que os 12 virais originais estavam em algum lugar da cidade, nem do que isso significava. Era ali que eles começariam a refazer suas legiões. Eustace ouviu a história com ceticismo, mas então algo se encaixou.

– Guilder vai querer proteger os Doze – disse Amy. – Existe algum local especialmente fortificado na cidade? Teria de ser grande.

Eustace mandou um homem pegar as plantas do Projeto. Contou que três pessoas haviam morrido para consegui-las e desenrolou o papel sobre a mesa.

– Nunca soubemos para que serviria esse lugar. Houve um monte de histórias, mas nenhuma que fizesse sentido. O lugar é uma fortaleza. Os olhos-vermelhos a estão construindo há anos.

Amy examinou a planta. Ficou quieta um momento, os olhos fazendo cálculos rápidos. Depois assentiu.

– É onde vamos encontrá-los.

– Não sei como você pode ter tanta certeza.

– Conte as câmaras.

Eustace se curvou sobre o papel. Com o indicador, acompanhou cada corredor até o destino. Depois levantou a cabeça.

Assim a causa deles havia se juntado a outra. O prédio conhecido como o Projeto era agora o foco. A estrutura era favorável a eles: como a caverna no Novo México, os cômodos apertados do Projeto poderiam amplificar a força explosiva de uma única bomba detonada no coração do prédio, mas será que eles conseguiriam entrar? Era incerto, e, mesmo que pudessem, seria como entrar na toca de um leão. As perdas seriam grandes e muitos homens teriam de ser desviados dos alvos.

– Então não vamos entrar para pegá-los – disse Amy. – Vamos fazer com que eles venham a nós.

– O que você tem em mente?

Amy pensou um momento.

– Diga que tipo de homem é Guilder.

Eustace deu de ombros. Durante toda a conversa não se melindrou com a presença deles. Disse que era bom estar de novo entre os Expedicionários.

– É um monstro. Cruel, obsessivo, monomaníaco ao extremo. Está absolutamente obcecado pelo Sérgio.

– O que ele faria se o capturasse?

– Provavelmente iria se divertir como nunca. Mas Sérgio não existe. É só um nome.

– Mas e se existisse?

Eustace coçou o queixo.

– Bom, o sujeito gosta de um show. Provavelmente faria uma execução pública, uma grande demonstração.

– Pública. Quer dizer, para todo mundo.

– Acho que sim. – A expressão de Eustace mudou. – Ah. Entendi.

– Onde ele faria isso?

– O estádio é o único lugar que tem tamanho suficiente. Cabem 70 mil pessoas, fácil. O que deixaria...

– O resto da Pátria indefeso. Com os recursos esgarçados, os alvos principais expostos.

Agora Eustace estava assentindo.

– E se ele estiver mesmo interessado numa demonstração de poder...

– Exato.

Olhares perplexos foram trocados ao redor da mesa.

– Alguém, por favor, me esclareça – disse Nina.

Amy se inclinou adiante na cadeira.

– Vamos fazer o seguinte...

Demoraram mais 24 horas para preparar tudo. Nina retornou à cidade para contatar os líderes das várias células e transmitir as novas instruções. O esconderijo da insurgência seria abandonado, claro. Eles o prepararam com armadilhas explosivas – barris de fertilizante à base de nitrato de amônio e óleo diesel com acionadores de enxofre. Não restaria nada, a não ser um buraco cheio de cinzas. Com sorte, Guilder presumiria que todos lá dentro foram mortos, um suicídio em massa, o final da insurgência num incêndio glorioso.

Prepararam os veículos para a partida. Alicia levaria Amy até o tubo, depois encontraria o resto dos homens de Eustace para continuar até o esconderijo secundário. Agora só estavam esperando o clima – precisavam de neve para encobrir os rastros. Poderia ser no dia seguinte, poderia ser dali a uma semana, poderia ser nunca.

Uma hora antes do pôr do sol do terceiro dia uma poeira hipnotizante de flocos começou a cair. Parou, depois começou de novo, ganhando força lentamente, como se o tempo tivesse pigarreado para falar. *Vão agora.*

Partiram. Um comboio de nove caminhões velhos carregando 47 homens e mulheres. Alicia acelerou e virou seu veículo para o norte. A neve formava uma densa massa de redemoinhos nos faróis do caminhão. Ao seu lado, usando um manto de atendente, Amy estava em silêncio. Alicia a havia alertado do que encontraria; não existia motivo para discutir mais, principalmente agora.

Trinta minutos depois chegaram ao tubo. Apesar do que havia decidido, Alicia disse: – Você sabe o que farão com você.

Amy assentiu. Houve um breve silêncio e depois:

– Existe um propósito em tudo. Um formato. Você acredita nisso?

– Não sei.

Amy tirou a mão de Alicia do volante e a segurou, trançando os dedos.

– Somos irmãs, você sabe. Irmãs no sangue. Sei o que está acontecendo com você, Lish.

As palavras de Amy pareciam algo caindo dentro dela. Mas pensando bem, é claro que ela saberia. Como poderia não saber?

– Você consegue controlar?

Alicia engoliu em seco, com dificuldade. Nos últimos dois dias o desejo havia ficado intenso. Estava estendendo a mão escura para dentro dela, dominando-a. Sua mente ficava enevoada. Logo aquilo iria suplantar sua vontade de resistir.

– Está ficando... mais difícil.

– Quando chegar a hora...

– Não vou deixar.

Ao redor a neve caía. Alicia sabia que, se não partisse logo, poderia ficar travada. Uma última coisa restava a ser dita. Precisou de toda a sua coragem para formar as palavras.

– Cuide de Peter, está bem? Você não pode deixar que ele saiba o que aconteceu comigo. Prometa.

– Lish...

– Você pode contar todo o resto. Invente uma história. Não importa. Mas preciso da sua palavra.

Seguiu-se um silêncio profundo, envolvendo as duas. Alicia estivera sozinha com esse conhecimento por um tempo longo demais, agora ele era compartilhado. Examinou as próprias emoções. Perda, alívio, a sensação de atravessar a fronteira para um território sombrio. Ela estava desistindo de Peter.

– De certa forma eu sempre soube que isso aconteceria. Sabia mesmo antes de conhecer você. Sempre houve outra pessoa.

Amy não respondeu. Seu silêncio dizia tudo o que Alicia precisava saber.

– Você precisa ir – disse Alicia.

Amy continuou sem dizer nada. Seu rosto estava em dúvida. E depois: – Há uma coisa que não contei a você, Lish.

De um dia cinzento para outro dia cinzento. O vasto império do clima no interior do continente. Iria nevar? O sol sairia de novo algum dia? O vento sopraria em suas costas ou nos rostos gelados? Andavam e andavam, encurvados para a frente sob o peso das mochilas. Não havia placas, nem marcos de território. As estradas e cidades haviam sumido, como navios afundados sob as ondas da pradaria coberta de neve. Tifty confessou que não sabia precisamente onde estavam. Na região central de Iowa, a leste de Des Moines, mas qualquer coisa mais específica... Não pedia desculpas: a situação era o que era. Por que você não decidiu fazer isso no verão?, perguntou.

Estavam quase sem comida. Tinham diminuído as rações à metade, mas metade de nada era o mesmo que nada. Quando se amontoaram dentro de uma casa de fazenda em ruínas, Lore distribuiu as fatias magras na lâmina de sua faca. Peter colocou a dele embaixo da língua para fazer durar, a gordura endurecida dissolvendo-se lentamente no calor da boca.

Continuaram.

Então, no fim da tarde do vigésimo oitavo dia, surgiu uma visão: materializando-se lentamente de um céu sem cor, uma placa alta, balançando ao vento. Foram na direção dela. Um amontoado de construções emergiu. Que cidade era essa? Não importava: a

necessidade de abrigo era maior do que qualquer outra preocupação. Passaram pela área comercial externa com suas cascas de supermercados e lojas de departamentos, as lajes desmoronadas havia muito tempo sob o peso da neve do inverno, e entraram na cidade antiga. Em meio aos restos usuais de entulho, chegaram a dois quarteirões de prédios de tijolos que pareciam em bom estado.

– Não creio que vamos achar alguma coisa para comer ali – disse Michael.

Pararam diante de uma loja cujas vitrines, incrivelmente, não estavam quebradas. Letras desbotadas no vidro diziam “Fancy’s Café”.

– Parece que fecharam para balanço há um tempo – disse Hollis.

Forçaram a porta e entraram. Um espaço estreito, com reservados de vinil rachados de frente para um balcão com bancos altos. A não ser pela poeira que cobria cada superfície e pelos papéis mofados no chão, o local estava notavelmente intacto. De vez em quando alguém encontrava um lugar assim, museu do passado em que o passar das décadas deixara de ser registrado, mais fantasmagórico do que ruínas.

Michael levantou um menu que estava numa pilha sobre o balcão e abriu.

– O que é bolo de carne? Carne eu entendo, mas um bolo feito disso?

– Meu Deus, Michael – disse Lore. Ela estava tremendo, com os lábios azuis. – Não piore as coisas.

Hollis e Peter foram examinar os fundos. Ali, a porta e as janelas tinham sido lacradas com compensado. Havia um martelo e pregos no chão.

– Não vamos chegar muito mais longe sem comida – disse Hollis, sério.

– Não precisa me lembrar.

Voltaram à frente do café, onde os outros estavam se enrolando em cobertores no chão. A escuridão vinha baixando. O lugar era gelado, mas pelo menos estavam ao abrigo do vento.

– Vou dar uma olhada por aí – disse Peter. – Talvez descubra onde estamos.

Atravessou a rua com dificuldade e depois andou para um lado e outro do quarteirão, espiando as lojas. Forçou algumas portas, mas todas estavam trancadas. Bom, eles poderiam voltar de manhã e abrir algumas, para ver o que havia.

No fim do segundo quarteirão experimentou uma maçaneta sem olhar – agora estava movendo-se no piloto automático – e ficou espantado quando a porta se abriu. Entrando, pôs a pistola no coldre, tirou um fósforo da caixa no bolso do peito do casaco e acendeu, pondo as mãos em concha para proteger a chama da brisa que vinha da porta aberta.

Ora, filho da puta.

Peter sabia identificar um depósito de suprimentos quando o via. Havia sacos de aniagem empilhados contra as paredes da sala que, afora isso, estava vazia. Ajoelhou-se e abriu o mais próximo com um movimento rápido da faca: feijão seco. Em outro achou batatas, num terceiro havia maçãs. Acendeu outro fósforo e o levantou acima do chão. Havia pegadas a toda a volta, na poeira. Quem havia deixado isso aqui? O que significava?

A situação deles era difícil, mas pelo menos não morreriam de fome. Melhor pensar no que fazer em seguida com o estômago cheio. Cravou os dentes numa maçã. Não tinha sabor, era dura como um pedaço de gelo, mas ele não se importou. Devorou-a num frenesi, enfiou outras nos bolsos e examinou a sala procurando algo para levar a comida de volta aos outros. No canto encontrou um balde cheio de fios de cobre. Jogou os fios no chão, encheu o balde com maçãs e batatas e voltou à rua.

Percebeu instantaneamente que havia algo estranho. A noite parecia mais clara. Seria a lua? Mas não havia lua. Um arrepio de alarme dançou em sua pele enquanto ouvia o ruído. Virou o rosto para longe do vento, prestando atenção. Um ronco distante. O som estava chegando mais perto, ficando mais nítido a cada segundo.

Motores.

Largou o balde e correu pelo quarteirão, indo para o café. Uma fila de veículos rugia na direção dele. Escutou vozes gritando, depois

uma série de estalos. Jatos de neve saltaram ao seu redor.

Alguém estava atirando.

Passou pela porta do café justo quando uma falange de armas abriu fogo, explodindo as janelas. *Abaixem-se!*, gritou. *Abaixem-se!*, mas todo mundo já estava abaixado. Mergulhou por cima do balcão, caindo sobre Lore, que estava cobrindo a cabeça com as mãos. A claridade dos faróis dos veículos encheu o café. Coisas estavam se partindo, caindo, uma saraivada depois da outra era disparada contra o espaço minúsculo.

– Michael! Cadê você?

A voz dele saiu de baixo de uma banqueta.

– Quem são eles? O que eles querem?

A pergunta era retórica: quem quer que fossem, queriam matá-los.

– Tifty? Hollis?

– Estão comigo! – Era Michael novamente. – Tifty foi acertado de raspão, mas está bem!

– Estou com Lore!

Uma pausa nos tiros, depois os desconhecidos abriram fogo de novo.

– Alguém consegue ver alguma coisa?

– Três veículos aí fora – gritou Hollis. – Outros mais adiante, na rua!

– Talvez a gente devesse se render! – gritou Michael.

– Não creio que esse seja o tipo de pessoas para quem é possível se render!

O salão estava sendo destruído. Peter tinha apenas sua pistola; havia deixado o fuzil perto da porta. Eles nunca conseguiriam chegar aos fundos e as portas e janelas estavam lacradas, de qualquer modo. O café era uma ratoeira mortal.

– O que vocês querem fazer? – gritou Hollis.

– Tifty pode se mover sozinho?

– Estou bem!

Achatado no chão, Peter girou para Lore.

– O que você tem?

Ela mostrou sua faca.

– Só isso.

Peter falou por cima do balcão.

– Vamos no três! Alguém jogue uma arma para nós!

Ela veio da direção de Michael, caindo em cima deles. Lore a pegou e moveu a corrediça. As armas lá fora haviam silenciado de novo. Ninguém por lá parecia ter pressa.

– Sair daqui atirando não é um grande plano – disse Lore.

– Eu ficaria feliz em ouvir um melhor.

Peter estava se ajoelhando quando Lore o impediu com uma das mãos.

– Escute – sussurrou ela.

Ele ouviu passos esmagando a neve, seguidos pelo som de vidros estalando sob os pés. Levou um dedo aos lábios. Quantos seriam? Dois? Um refém, pensou de repente. Era a única chance. Não havia como se comunicar com os outros; teria de fazer isso sozinho. Apontou para Lore, sinalizando na direção da outra extremidade do balcão, mais perto da porta. Fez movimentos com a boca: *Faça barulho*.

Lore deslizou pelo chão. Peter enfiou a pistola no coldre e comprimiu o corpo até se agachar. Quando Lore estava posicionada, olhou para ele séria e assentiu.

– Socorro – gemeu ela.

Então Peter estava de pé e correndo ao longo do balcão. Quando o homem mais próximo se virou, Peter sacou sua pistola, disparou contra a forma iluminada por trás e mergulhou sobre o segundo homem, derrubando-o no chão. A pistola de Peter voou para longe, fazendo barulho. Houve um momento de luta enlouquecida, braços, pernas e corpos embolados. O homem era uns 15 quilos mais pesado, mas a surpresa estava do lado de Peter. Havia uma semiautomática presa à coxa do sujeito. Passando o braço em volta do pescoço do adversário, Peter o puxou num abraço por trás, arrancou a arma do coldre e enfiou o cano na curva do queixo dele, por baixo do cabelo prateado e revolto.

– Diga para eles não atirarem!

De onde estava, no chão, Peter se viu olhando diretamente para Michael, escondido sob uma das mesas. Os olhos dele se arregalaram.

– Peter...

– Sério – disse Peter ao homem, apertando o cano com mais força. – Grite, para que todo mundo ouça.

O homem havia relaxado em seus braços. Peter o sentiu estremecer, mas não de dor. O sujeito tinha começado a gargalhar.

– Abaixem as armas! – disse uma voz nova, de mulher. – Todo mundo, cessar fogo!

O segundo homem não era homem, afinal de contas. Ela estava caída no entulho com as costas apoiadas no balcão, o braço direito cruzado diante do peito, para segurar o ombro ferido.

– Por todos os voadores, Peter. – Alicia afastou a mão sangrenta e olhou para ela, espantada. Agora ela também estava gargalhando. – Lucius, dá para acreditar que ele atirou em mim, porra?

SESSENTA E DOIS

Na base da escada, Amy encostou o mapa em sua tocha. O papel pegou fogo instantaneamente, destruído num clarão de chamas azuis. Ela molhou a tocha no fio d'água a seus pés, subiu a escada e empurrou a tampa do bueiro para o lado.

Estava no beco atrás da farmácia. Fechou o bueiro e espiou pela esquina: sobre o coração da cidade, a Cúpula se erguia imperiosa, sua superfície de metal martelado brilhando com a luz. Baixou o véu sobre o rosto e saiu rapidamente do beco. Homens com cães se moviam ao longo das barricadas. Ela caminhou até a guarita onde dois homens sopravam nas mãos, por causa do frio, e mostrou seu passe.

– Isso não parece certo. – Ele o mostrou ao segundo homem. – Parece certo para você?

O cola o examinou rapidamente, depois olhou para Amy.

– Levante o véu.

Ela obedeceu.

– Alguma coisa errada?

Ele examinou seu rosto um momento. Depois devolveu o passe.

– Esqueça. Tudo bem.

Amy passou por eles e subiu a escada. Nenhum dos outros homens prestou atenção a ela: o guarda no portão tinha verificado que sua presença era legítima. Lá dentro, ela passou pelo guarda no balcão, que mal a olhou, atravessou o saguão até o elevador e subiu ao sexto andar.

O elevador se abriu numa varanda circular ao redor do átrio do prédio. Quatro corredores se afastavam como raios de uma roda. Amy foi pela varanda até o terceiro corredor e seguiu por toda a extensão dele até a última porta, onde o guarda, um homem de rosto caído, com uma coroa de cabelos grisalhos, estava sentado numa cadeira dobrável de metal, folheando as páginas quebradiças de uma revista com 100 anos de idade. Na capa havia a imagem de uma mulher com biquíni laranja, as mãos subindo pelos cabelos.

– O diretor pediu para me ver – disse Amy, levantando o véu.

Os olhos dele se afastaram da página, encontrando os de Amy, e só foi necessário isso. Ela o colocou no chão, apoiou suas costas na parede e pegou a chave em seu cinto. A cabeça dele estava tombada para a frente, encostada no peito. Ela encostou os lábios no ouvido dele.

– Vou entrar agora – disse ela. Depois o instruiu: – Quero que você conte até 60. Consegue fazer isso?

Os olhos do homem estavam fechados. Ele assentiu ligeiramente, murmurando em concordância.

– Bom. Conte até 60 e, quando terminar, jogue-se da varanda.

Ela destrancou a porta e entrou. Havia algo enganosamente benigno na sala. Duas poltronas de encosto alto estavam viradas para uma escrivaninha enorme, cuja superfície polida brilhava levemente. O piso era coberto com um tapete grosso, abafando todos os sons, menos os da respiração de Amy. Uma parede inteira era coberta de livros, outra exibia uma pintura grande, iluminada por um refletor minúsculo, mostrando três figuras sentadas num balcão comprido e um quarto homem com chapéu branco, todos vistos através de uma vitrine numa rua escura. Amy parou para ler a plaquinha na base da moldura: Edward Hopper*, Falcões da noite,* 1942*.*

À sua direita havia uma porta dupla com janelas de vidro fosco. Amy virou a maçaneta e entrou.

Guilder estava deitado de barriga para cima sobre os cobertores e usando roupa de baixo. Uma pilha de pastas de papelão flutuava no mar de roupas de cama ao lado dele. Roncos fracos, ventosos, brotavam de seu nariz. Onde ela deveria ficar? Escolheu o pé da cama.

– Diretor Guilder.

Ele acordou com um tremor violento, levando a mão rapidamente para baixo do travesseiro. Sentou-se na cama recuando, apoiando as costas na cabeceira. Com as duas mãos apontou a pistola para ela e engatilhou. Tremia tanto que Amy achou que ele poderia atirar nela por acidente.

– Como entrou aqui?

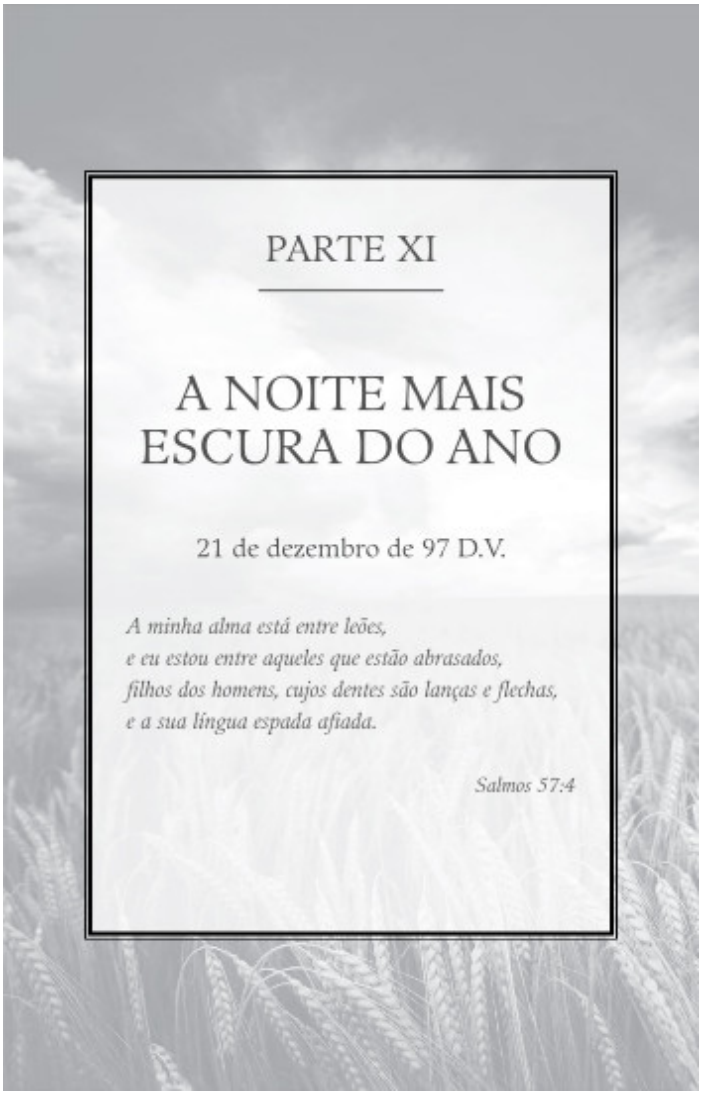
Ela sentiu a insegurança dele. Seu manto era de atendente, mas o rosto era desconhecido.

– O guarda foi muito solícito. Por que não abaixa isso?

– Droga, *quem é você*?

Ela escutou vozes no corredor, punhos batendo na porta externa.

– Sou Sérgio – respondeu ela. – Vim me entregar.



PARTE XI

A NOITE MAIS ESCURA DO ANO

21 de dezembro de 97 D.V.

A minha alma está entre leões,
e eu estou entre aqueles que estão abrasados,
filhos dos homens, cujos dentes são lanças e flechas,
e a sua língua espada afiada.

Salmos 57:4

CAPTURADO!

MENSAGEM DO DIRETOR

O assassino desprezível conhecido como "Sérgio" está sob custódia!

A insurgência foi esmagada!

A paz foi restaurada em nossa Pátria amada!

A SENTENÇA SERÁ CUMPRIDA POR MEIO DE EXECUÇÃO PÚBLICA NO ESTÁDIO.

TODOS OS TRABALHADORES DEVEM SE APRESENTAR AO PESSOAL DO RH EM SEUS ALOJAMENTOS ÀS 21H30 DE AMANHÃ.

Estejam juntos, Cidadãos da Pátria!
Regozijem-se neste glorioso dia de justiça!
Que todos os traidores saibam que esse será seu destino!

SESSENTA E TRÊS

Os acontecimentos haviam se desdobrado exatamente como Amy previra. A hora e o local de sua execução foram marcados, só o método ainda não fora revelado – o detalhe final do qual seu plano dependia. Será que Guilder simplesmente atiraria nela? Iria enforcá-la? Mas, se o que ele pretendia era uma demonstração tão precária, por que ordenara que toda a população, todas as 70 mil almas da Pátria, observasse? Amy havia jogado a isca: será que Guilder iria mordê-la?

Peter passou os quatro dias seguintes saltando entre extremos emocionais – estados alternados de preocupação e perplexidade, dominados por uma poderosa sensação de déjà-vu. Tudo possuía uma familiaridade espantosa, como se nenhum tempo houvesse decorrido desde que tinham enfrentado Babcock na montanha do Colorado. Ali estavam todos eles, juntos de novo, os destinos atraídos como se por uma poderosa força gravitacional, como se fossem personagens numa história já escrita; só precisavam representar a trama. Peter, Alicia, Michael, Hollis, Greer: haviam convergido para este lugar por rotas diferentes, por motivos diferentes. Mas era Amy, de novo, quem os guiava.

Greer havia relatado a história da transformação dela: Houston, Carter, o Chevron Mariner, a jornada de Amy para as entranhas do navio e a volta. Greer não teria como contar tudo o que se passara entre Amy e Carter. Só sabia que Carter os havia direcionado para cá. Amy não queria ou não podia dizer mais. Aquela noite no orfanato, os dois parados junto à porta, as pontas dos dedos se encontrando no espaço: será que ela sabia o que estava lhe acontecendo? E será que ele sabia? Peter havia sentido no toque de Amy a pressão de algo não dito. *Estou indo embora. A garota que você conhece não estará aqui quando nos encontrarmos de novo.* E era verdade: a garota que Amy era tinha ido embora. Em seu lugar havia uma mulher.

O grupo embrulhava as ansiedades em repetições desnecessárias dos vários preparativos. A limpeza das armas. O exame de plantas e mapas. A repetição de listas de verificação e os variados inventários mentais do que levariam para a guerra. Hollis e Michael se tornaram, nos últimos dias, uma espécie de círculo fechado: seu objetivo havia se restringido a Sara e Kate. Alicia enfrentava a ansiedade como enfrentava tudo: fingindo que não era importante. A bala da arma de Peter havia errado o osso e saído com um ferimento limpo, o que era uma sorte, mas mesmo assim um ferimento. Ela ficaria curada em um ou dois dias, mas enquanto isso a tipoia no braço era uma lembrança constante, para Peter, de como tinha chegado perto de matá-la. Quando ela não estava rosnando ordens, retraía-se num silêncio inalcançável, deixando claro para Peter, sem dizer isso, que ela havia entrado na zona de batalha. Greer dera a entender que algo havia acontecido com ela enquanto estivera presa, que fora muito espancada, mas qualquer tentativa de perguntar mais sobre isso, de oferecer consolo, era repelida com determinação.

"Estou bem", dizia Alicia em um tom peremptório que só podia significar que não estava. "Não se preocupe comigo. Posso cuidar de mim mesma." Na verdade ela parecia estar evitando-o intencionalmente, desaparecendo por longos períodos. Se Peter não a conhecesse, diria que ela estava com raiva dele. Alicia retornava horas mais tarde, com cheiro de suor de cavalo, mas, quando Peter perguntava aonde ela havia ido, a resposta era apenas que estivera vigiando o perímetro. Ele não tinha motivo para duvidar disso, mas a explicação era débil, um disfarce para algo não dito.

Tifty também havia passado por uma mudança sutil mas significativa. Seu encontro com Greer tinha significado mais do que Peter esperava. Os dois haviam servido juntos como Expedicionários, o que formava um elo indiscutível, mas Peter não tinha previsto a profunda amizade deles. Um calor genuíno fluía entre os dois. A princípio Peter ficou perplexo com isso, mas o motivo era óbvio: Greer e Tifty já haviam estado ali, com Vorhees e Crukshank, muitos anos antes. A história da plantação, de Dee e das duas menininhas: dentre todos os homens vivos, Greer era o que mais conhecia o coração de Tifty Lamont.

Desse modo as horas, e depois os dias, passavam. Acima de tudo pairava a pergunta: o plano daria certo? E, se desse, eles poderiam chegar a tempo até Amy?

Então, na terceira noite, quando não suportava a espera nem por mais um segundo, Peter saiu do porão da delegacia onde todo mundo estava dormindo, subiu a escada e foi para fora. A frente do prédio era protegida por uma marquise ampla que mantinha a área sem neve. Alicia estava sentada com as costas apoiadas na parede e os joelhos encostados no peito. A tipoia havia sumido. Numa das mãos segurava uma faca comprida e reluzente, com a ponta serrilhada; na outra havia uma pedra de amolar. Com gestos longos e firmes passava a lâmina da faca na pedra, primeiro de um lado e depois do outro, parando na conclusão de cada passagem para examinar o trabalho. A princípio pareceu não ter notado Peter, tão concentrada estava. Depois, sentindo a presença dele, levantou os olhos. Parecia que era seu momento de falar, mas não disse nada. Seu rosto não tinha qualquer expressão além de uma espécie de distração vaga.

– Posso fazer companhia? – perguntou ele.

– Sente-se, se quiser.

Ele ocupou um lugar ao lado dela, no chão. Agora podia sentir. O ar em volta dela parecia pinicar com uma fúria mal contida. Aquilo fluía de Alicia como uma corrente elétrica.

– Tremenda faca. Onde conseguiu?

Ela havia retornado ao paciente trabalho de amolar.

– Eustace me deu. Chama-se baioneta.

– Você acha que está suficientemente amolada?

– Só estou ocupando as mãos.

Ele procurou a próxima coisa para dizer, mas não conseguiu encontrar. Para onde você foi, Lish?

– Eu deveria estar com raiva de você – disse finalmente. – Você poderia ter me contado quais eram suas ordens.

– E o que você teria feito? Me seguido?

– Já estou ausente sem licença, de qualquer modo. Mais alguns dias não fariam diferença nenhuma.

Ela soprou a ponta da faca.

– As ordens não eram suas, Peter. Não me entenda mal, estou feliz em ver você. Nem estou muito surpresa. De um modo estranho, faz sentido você estar aqui. Você é um bom oficial e todos nós precisamos de você. Mas todos temos nosso trabalho a fazer.

Ele ficou pasmo.

– Um bom oficial? – Ele era só isso para ela? – Não parece uma fala sua.

– Não importa o que parece. É assim. Talvez seja hora de alguém dizer.

Ele não sabia o que falar. Essa não era a Alicia que ele conhecia. O que quer que tivesse acontecido com ela na prisão, a havia levado tão para dentro de si mesma que era como se ela não estivesse ali.

– Estou preocupado com você.

– Bom, não deveria.

– Sério, Lish. Tem alguma coisa errada. Você pode me contar.

– Não há nada para contar, Peter. – Ela deu um suspiro fundo e o olhou nos olhos. – Talvez eu só esteja... acordando. Encarando a realidade. Você também deveria. Isso não vai ser fácil.

Ele se sentiu ferido. Procurou o rosto dela, em busca de alguma migalha de calor, e não encontrou nenhuma. Foi o primeiro a desviar os olhos.

– O que você acha que está acontecendo com ela? – perguntou.

Não precisava ser mais específico. Alicia sabia de quem ele falava.

– Estou tentando não pensar nisso.

– Por que você deixou que ela fosse?

– Eu não *deixei* que ela fizesse nada, Peter. Eu não poderia.

Seguiu-se um silêncio frio.

– Seria ótimo ter uma bebida – disse Peter.

Ela riu baixinho.

– Ora, isso é novo. Acho que nunca ouvi você dizendo essas palavras.

– Para tudo há uma primeira vez. – E depois: – Você se lembra daquela noite no abrigo em Twentynine Palms, quando nós achamos o uísque?

A garrafa estava numa gaveta de escrivaninha. Eles a haviam passado de mão em mão para comemorar o conserto dos Humvees,

brindando à grande aventura que os esperava na viagem para o Colorado.

Um pouquinho de calor surgiu na voz dela:

– Meu Deus, nós todos ficamos tão bêbados! Michael foi o pior. Ele nunca tolerou bem o álcool.

– Não, acho que foi o Cano Longo. Lembra como ele partiu um dos bastões de luz e espalhou aquela gosma na cara? “Olhem para mim, olhem para mim, sou um viral!” Aquele moleque era hilário.

Seu erro ficou claro instantaneamente. Cinco anos mais tarde, a morte do garoto ainda era uma ferida aberta. Em todo esse tempo Peter nunca ouvira Alicia sequer falar o nome dele.

– Desculpe. Eu não queria...

Uma luz forte piscou no horizonte. Relâmpago? No inverno? Instantes depois ouviram o estrondo, abafado mas inconfundível.

– Você acha...?

Eustace apareceu na base dos degraus.

– Eu também ouvi. Veio de que direção?

Tinha vindo do sul. Era difícil dizer a distância, mas eles supuseram que seriam uns oito quilômetros.

– Bom – disse Eustace, assentindo. – Acho que vamos saber mais de manhã.

Pouco depois do amanhecer chegou um mensageiro, mandado por Nina. Os explosivos no esconderijo tinham feito o serviço: o ardil fora bem-sucedido. Segundo boatos, o ministro Suresh, que Guilder mandara supervisionar pessoalmente a captura deles, estava entre os mortos. Todo mundo esperava que isso fosse um gostinho do que viria.

Mas a segunda parte da mensagem era bem mais promissora. Uma carreta estava parada do lado de fora do Projeto desde a tarde anterior. Era vigiada por um grande destacamento de seguranças, pelo menos 20 homens. A última peça havia se encaixado: os Doze estavam em movimento. Guilder havia feito sua jogada.

Todo mundo sabia das implicações do que estavam tentando. O plano parecia bom, mas as chances eram remotas. As ordens de Guilder para levar a população ao estádio implicavam que o resto da

cidade estaria pouco protegido. E, se tudo acontecesse de acordo com a programação, a insurgência conseguiria, de um só golpe, a decapitação de praticamente todos os aspectos do regime. Mas a noção de tempo seria crucial: com tantos elementos da resistência atuando de modo independente e sem a capacidade de se comunicarem uns com os outros quando o cerco estivesse acontecendo, não seria preciso muita coisa para tudo desmoronar. Qualquer variável poderia lançar a operação no caos.

A maior dessas variáveis era Sara. Presumindo que ela estivesse no porão da Cúpula, montar uma operação de resgate seria estrategicamente complicado, e ninguém sabia onde a filha dela estava. Podia ser na Cúpula ou num lugar totalmente diferente. Assim que invadissem o prédio e os tiros começassem, distinguir entre amigo e inimigo seria quase impossível. A decisão a que chegaram foi que Hollis e Michael comandariam uma equipe avançada para o porão. Só teriam cinco minutos. Depois disso o prédio e todos os seus habitantes estariam à mercê dos atacantes.

Eustace comandaria a operação contra o estádio. O conteúdo do pacote de explosivos, uma forma de nitroglicerina, tinha sido roubado do canteiro de obras do Projeto durante a construção e subsequentemente modificado para atender ao objetivo deles, tornando-o mais poderoso mas também tremendamente instável. Era do mesmo tipo que fora mandado para Sara na Cúpula e agora supostamente estava perdido. Apesar de sua força, o único modo de garantir o resultado era entregá-lo aos Doze, como disse Eustace, “pessoalmente, uma bomba com pernas”. A princípio Peter não conseguiu entender, depois o significado ficou claro. As pernas seriam as de Eustace.

As equipes entrariam na cidade por cinco locais, todos ramificados a partir do principal tubo de águas pluviais. A equipe de Eustace, que incluía Peter, Alicia, Tifty, Lore e Greer, usaria a confusão no estádio para se misturar à multidão. Membros da insurgência sob o comando de Nina já estariam posicionados nas arquibancadas para assumir o controle quando chegasse o momento. Armas tinham sido escondidas nos banheiros e embaixo das escadas que conduziam às

arquibancadas superiores. O surgimento de Eustace no campo seria o sinal para atacar.

Partiram ao primeiro sinal do anoitecer. Não havia sentido em esconder os rastros: de um modo ou de outro, jamais retornariam. A noite estava clara, o céu, amplo e estrelado, uma vasta presença indiferente olhando para baixo. Bom, pensou Peter, talvez não tão indiferente. Ele certamente esperava que alguém lá em cima se importasse, como Greer dissera. Era difícil acreditar que apenas algumas semanas haviam se passado desde a conversa que tinham tido na cadeia. Chegaram ao tubo e começaram a andar. No silêncio, Peter se pegou pensando não somente em Amy, mas também na irmã Lacey. Amy era uma coisa, Lacey era outra. A mulher havia enfrentado Babcock com coragem absoluta, numa pura aceitação do resultado. Peter esperava provar-se igualmente digno quando chegasse a hora.

Na base do bueiro mais próximo do estádio o grupo trocou as últimas palavras. As outras quatro equipes, movendo-se para locais por toda a Pátria, permaneceriam escondidas no subsolo até ouvirem a detonação no estádio, que serviria como sinal para começar o ataque. Só Hollis e Michael iriam se mover antes. Não havia como prever o momento de agir – teriam de seguir seus instintos.

– Boa sorte – disse Peter.

Os três homens se apertaram as mãos e depois, quando só isso pareceu inadequado, se abraçaram. Lore ficou nas pontas dos pés para beijar Hollis na face.

– Lembre-se do que eu falei – disse ela. – Ela está esperando você. Você vai achá-la, eu sei.

Hollis e Michael seguiram pelo túnel, sua imagem se esvaindo até sumir. Com apertos de mão e desejos de sorte, os outros grupos partiram depois deles. Peter e os outros esperaram. O frio era de entorpecer: todos estavam com os pés molhados, os sapatos encharcados pelas águas fétidas. Eustace usava uma jaqueta verde-oliva, com a carga mortal escondida embaixo. Ninguém falava, mas o silêncio que os envolvia era mais profundo. Num momento a sós, Eustace havia garantido a Peter que simplesmente não existia outro modo. Na verdade estava feliz por fazer aquilo. Muitas pessoas

tinham sido mandadas para a morte por ordem sua. Era certo que sua vez chegasse.

Passava pouco das cinco da tarde quando, do topo da escada, Tifty disse:

– Está começando. Temos de ir.

Sairiam um de cada vez, a intervalos de um minuto. A abertura ficava embaixo de uma picape que um membro da equipe de Nina havia deixado no lugar, no lado sul do estádio. Cedo ou tarde ela seria notada – *o que aquilo está fazendo ali?* –, mas até agora escapara à atenção. Saindo do bueiro, cada um iria para as filas de pessoas que entravam no estádio. Era um momento complicado, mas seria apenas o primeiro de muitos.

Eustace foi na frente. Michael olhava do topo da escada.

– Certo – disse. – Acho que ele conseguiu.

Lore e Greer foram em seguida. Assim que entrassem, iriam se encontrar em pontos específicos da estrutura. Alicia seria a penúltima, Tifty iria no final. Peter se posicionou na base da escada. Alicia estava atrás dele. Como todos, havia se disfarçado com uma túnica e calças velhas, de planiciano.

– Desculpe pelo seu braço – disse ele pela centésima vez.

Alicia sorriu com seu jeito de quem sabia das coisas. Era o primeiro sorriso que ele via em dias.

– Diabos, provavelmente já era hora de um de nós atirar no outro. Já fizemos praticamente todo o resto. Só fico feliz por sua mira ser tão ruim.

– Que cena tocante! – disse Tifty secamente. – Mas realmente precisamos *ir*.

Peter hesitou. Não queria que essas palavras fossem as últimas que os dois diriam um ao outro.

– Eu disse que você teria sua chance, não disse? – Alicia o abraçou rapidamente. – Você ouviu o cara, vá andando. Vejo você quando a poeira baixar.

No entanto ela não olhou para ele quando falou essas palavras, virando o rosto, com os olhos enevoados.

A questão era: que diabos deveria usar?

A era dos ternos e gravatas havia chegado ao fim para Horace Guilder. Essa parte de sua vida estava terminada. Um terno era a roupa de uma autoridade governamental, não do sumo sacerdote do Templo da Vida Eterna.

Tudo isso dava um pouco nos nervos. Durante toda a vida profissional Guilder havia se vestido sem pensar sequer por um momento. Nunca fora muito de ir à igreja, mesmo quando criança. Sua mãe o levava de vez em quando, o pai nunca ia. Mas, pelo que Guilder lembrava, algum tipo de manto era a vestimenta padrão. Algo que lembrava um vestido.

– Suresh!

O sujeito entrou mancando no quarto. Que visão ele era, estava quase tão ruim quanto Sacana. O rosto inchado e cor-de-rosa, as sobrancelhas e os cílios queimados, dando aos olhos uma aparência espantada. Tinha cortes e hematomas por todo o corpo, inchados e de aparência crua. Tudo isso passaria em alguns dias, mas enquanto isso o sujeito parecia um cruzamento entre uma peça de presunto e o perdedor de uma luta de boxe desigual.

– Traga-me um manto de atendente.

– Para quê?

Guilder sinalizou na direção da porta.

– Apenas pegue. Um grande.

A peça pedida foi trazida. Suresh ficou ali, evidentemente esperando alguma explicação para o curioso pedido de Guilder, ou talvez apenas ansioso pela visão de Guilder se enfiando naquela coisa.

– Você não precisa estar em algum lugar?

– Achei que você queria que eu ficasse aqui.

– Meu Deus, não seja tão tapado. Vá cuidar do carro.

Suresh saiu mancando. Guilder se posicionou diante do espelho de corpo inteiro, com o manto diante do corpo. Pelo amor de Deus, iria parecer um palhaço vestido com aquela coisa. Mas o relógio estava tiquetaqueando, o RH traria os planicianos para o estádio a qualquer minuto. Um pequeno atraso não era necessariamente ruim, aumentaria a expectativa, mas o controle da multidão seria um problema se ele demorasse demais. Era melhor encarar a situação.

O manto passou pela sua cabeça. Afinal de contas a imagem no espelho não foi a de um palhaço, mais parecia uma noiva num casamento amish. O negócio era totalmente sem corte. Pegou um par de gravatas no armário, amarrou-as juntas e prendeu na cintura. Era uma melhoria, mas faltava alguma coisa. Os sacerdotes que ele recordava dos esbarrões com a religião na infância usavam algum tipo de xale. Guilder foi até a janela. As cortinas ficavam presas à moldura por grossos cordões dourados com borlas nas extremidades. Equilibrou-as sobre os ombros, com as borlas balançando junto à cintura, e voltou ao espelho. Não estava mal para alguém que não conhecia absolutamente nada sobre religião ou, por sinal, sobre moda. Que choque seria para os historiadores do futuro ficar sabendo que Horace Guilder, sumo sacerdote do Templo da Vida Eterna, Reconstrutor da Civilização, Pastor da Alvorada da Nova Era de Cooperação entre Humanos e Virais, havia se santificado com um par de prendedores de cortina!

Abriu a porta e encontrou Suresh esperando-o. Os olhos carecas do sujeito se arregalaram.

– Não diga uma palavra.

– Eu não ia dizer.

– Bom, não diga.

Desceram de elevador até o saguão. O prédio estava num silêncio espantoso: Guilder havia mandado a maior parte do seu destacamento pessoal para o estádio. A segurança na Cúpula estava rala demais, mas era fundamental manter o estádio sob controle. Os veículos esperavam, soltando vapores dos escapamentos no frio: o carro de Guilder, a carreta com sua carga magnífica, um par de picapes de escolta e um furgão da segurança. Ele andou rapidamente até este último, atrás do qual dois colas montavam guarda. Uma coisa era verdade com relação à vestimenta de sacerdote: não oferecia muito calor numa noite de inverno. Ele deveria ter trazido um casaco.

– Abram.

Era difícil acreditar que a figura sentada diante dele no banco fosse a origem de tantos problemas. Ela poderia ser considerada bonita, se os pensamentos de Guilder fossem nessa direção. Não

que fosse requintada – não era. Por baixo dos inchaços e da descoloração era obviamente um espécime sólido. Olhos profundos, feições fortes, uma estrutura rígida, musculosa, mas mesmo assim feminina. Porém, na imaginação de Guilder, Sérgio sempre fora homem, e não somente qualquer homem: o retrato mental que ele havia criado era uma imitação de Che Guevara, um revolucionário de uma república tropical com olhos iguais a cabeças de alfinete e barba áspera. Esta era Joana d'Arc.

– Alguma coisa para dizer em sua defesa? – Guilder não poderia se importar menos; a pergunta era apenas por diversão.

Os pulsos e os tornozelos dela estavam algemados. Seus lábios rachados e inchados davam à voz uma qualidade densa, como se ela tivesse um resfriado ruim:

– Gostaria de dizer que sinto muito.

Guilder gargalhou. Sérgio sentia muito!

– Diga, sente muito pelo quê?

– Pelo que vai acontecer com você.

Então era desafiadora até o fim. Guilder supôs que isso fizesse parte do padrão, mas mesmo assim era irritante. Não teria se importado em espancá-la mais um pouco.

– Última chance – disse a mulher.

– Você tem um ponto de vista interessante – respondeu Guilder. Em seguida deu um passo atrás, afastando-se da porta aberta. – Tranquem-na.

Durante longo tempo, sentada na beira da cama, Lila a observou. Raios de luz inclinados, vindos pela janela, caíam sobre o rosto da menina adormecida, os cachos louros sobre o travesseiro. Durante dias ela rejeitara qualquer tentativa de consolo, alternando-se entre horas de recusa carrancuda em falar e chiliques explosivos, jogando longe os brinquedos, mas no sono suas defesas se dissolviam, e ela virava criança de novo: confiante, em paz.

Qual é o seu nome?, pensou Lila. Com quem você está sonhando?

Estendeu a mão para tocar o cabelo da menininha, mas se conteve. Ela não iria acordar, esse não era o motivo. Era a

indignidade da mão de Lila. Tantas Evas no correr dos anos! E no entanto só houvera uma.

Desculpe, menininha. Você não merecia isso. Nenhuma delas merecia. Sou a mulher mais egoísta do mundo. O que fiz foi por amor. Espero que você possa me perdoar.

A menina se remexeu, apertando as cobertas em volta do corpo, e girou o rosto na direção do de Lila. Seu queixo se flexionou e ela soltou um pequeno gemido. Será que iria acordar? Mas não. A palma de sua mão se enfiou embaixo da curva da bochecha, um sonho passou para outro e o momento se foi.

Melhor assim, pensou Lila. Melhor eu simplesmente sumir na escuridão. Levantou-se cautelosamente da cama. Junto à porta virou para olhar uma última vez, banhada em lembranças: de um tempo em que havia parado na porta de um quarto de bebê com Brad, na casa que tinham feito juntos com seu amor, para olhar sua menininha, aquela trouxinha recém-nascida, aquele milagre na Terra, dormindo no berço. Como Lila desejou ter morrido tantos anos atrás! Se o céu era um lugar de sonhos, esse era um sonho no qual ela teria aberto mão da eternidade.

Adeus, pensou. Adeus, filha de alguém.

A cena do lado de fora do estádio era de caos organizado, uma vastidão humana em movimento. Peter entrou no fluxo. Ninguém ao menos olhou para ele. Era mais um rosto anônimo, mais uma cabeça raspada e um corpo imundo vestindo trapos.

– Andando, andando!

Em quatro filas eles subiram uma rampa e passaram por um portão de ferro, entrando no estádio. À esquerda de Peter, uma série de escadas de concreto subia até portões marcados com letras. Adiante, uma escada mais longa ia até as arquibancadas superiores. A multidão estava sendo dividida: duas filas para as de baixo, duas para as de cima. O campo estava muito iluminado; a luz jorrava pelos portões. Peter tentou vislumbrar Lore ou Eustace, mas eles estavam muito à frente. Talvez já tivessem se separado. As letras avançavam. P, Q, R, depois S.

Peter se abaixou sobre um dos joelhos, fingindo amarrar um sapato. Seu sucessor na linha lhe deu uma trombada, grunhindo surpreso. O que quer que você fizesse, não podia parar.

– Desculpe, vá em frente.

A fila inchou enquanto fluía ao redor dele. Através das pernas que se arrastavam, Peter viu o guarda mais próximo. Estava olhando vagamente na sua direção, de uma distância de metros – provavelmente tentando discernir a fonte da interrupção no movimento. *Olhe para o outro lado*, pensou Peter. *Agora.*

Um rápido movimento nos olhos do cola e Peter se enfiou no espaço embaixo da escada. Nenhum grito foi dado atrás dele. Ou tinha passado despercebido ou a multidão não se importava, trancada no hábito da obediência. A entrada do banheiro masculino estava a três metros dali, na base da arquibancada. Não havia porta, só uma parede de blocos de concreto em ângulo, para dar privacidade. Peter espiou ao redor da escada. Uma barreira de planicianos passava arrastando os pés.

O cômodo era surpreendentemente grande. À direita havia uma longa fila de mictórios e cubículos. Ele foi rapidamente até o último e empurrou a porta, vendo uma mulher de aparência feroz, com cabelo curto e escuro, empoleirada na borda do vaso, apontando um revólver de cabo pesado para seu rosto.

– Sérgio vive.

Ela abaixou a arma.

– Peter?

Ele assentiu.

– Nina – disse ela. – Vamos.

Ela o levou até uma sala minúscula atrás do banheiro: uma mesa e uma cadeira, baldes com rodinhas e esfregões e uma fila de armários de metal. De um armário Nina tirou um par de armas de um tipo que Peter nunca tinha visto, algo entre um fuzil e uma pistola grande, com pente extralongo e um segundo cabo se projetando da parte de baixo do cano.

– Sabe usar uma dessas? – perguntou ela.

Peter puxou o fecho para mostrar que sabia.

– Rajadas curtas. Só dispare da altura da cintura. Doze tiros por segundo. Se mantiver o gatilho apertado o pente vai se esvaziar depressa.

Ela lhe entregou três pentes extras, depois abriu algo parecido com uma gaveta na parede.

– O que é isso? – perguntou Peter.

– O poço do lixo.

Peter subiu na cadeira, se enfiou e se deixou cair, com os pés na frente. O poço era inclinado como um escorregador, aliviando a descida, mas não o suficiente. Pousou com força, os pés deslizando na frente do corpo.

– Quem, diabos, é *você*?

Eram dois, vestidos de terno. Olhos-vermelhos. Não havia nada que Peter pudesse fazer: estava caído de costas, impotente. Segurava a arma diante do peito, mas os tiros seriam ouvidos. Enquanto se arrastava para longe, ao mesmo tempo que tentava se levantar, os dois sacaram pistolas de coldres na cintura.

Tifty apareceu atrás do da esquerda e girou a coronha de seu fuzil para cima, acertando a cabeça do sujeito. Quando o segundo se virou, Tifty lhe deu uma rasteira, derrubando-o no chão, tombou de joelhos montado nele, o puxou pelo cabelo para virar a cabeça para trás, envolveu o pescoço com o braço livre e torceu. Houve um estalo fraco, depois silêncio.

– Tudo bem? – Tifty estava olhando para Peter. A cabeça do morto, ainda segura pelo antebraço de Tifty, pendia num ângulo que não era natural. Peter olhou para o outro olho-vermelho. Sangue escuro escorria da cabeça para o chão.

– Tudo – conseguiu dizer Peter.

Houve um chacoalhar atrás deles e Nina caiu. Pousou feito uma gata, levantando fluidamente a arma para girá-la ao redor.

– Vejo que estou atrasada. – Ela virou a arma para o teto. – Você é o Tifty?

Por um momento ele não disse nada. Estava olhando-a atentamente.

– Você pode soltá-lo, sabe? – disse ela. – Ele não vai ficar mais morto do que já está.

Tifty afastou o olhar. Soltou a cabeça do morto e se levantou. Parecia meio abalado. Peter se perguntou o que provocara isso.

– É melhor escondermos esses corpos – disse Tifty. – Eustace conseguiu entrar?

– Teríamos sabido se ele não conseguisse.

Estavam em alguma espécie de área de carga. Um túnel, de tamanho suficiente para caber um caminhão de bom tamanho, ia para a esquerda, presumivelmente para o lado de fora. À direita ficava um corredor menor. Uma seta pintada na parede indicava: vestiário dos visitantes.

Arrastaram os cadáveres para trás de uma pilha de caixotes e seguiram pelo corredor. Agora estavam embaixo do campo, do lado sul. O corredor terminava numa escada que subia. A luz era apenas suficiente para enxergarem. Acima, Peter ouvia o rumor da multidão.

– Vamos esperar aqui até começar – disse Nina.

Na traseira do furgão, Amy não podia ver nada. Uma janelinha separava a área de carga da cabine, mas o motorista a deixara fechada. Seu corpo parecia ter sido arrastado por um cavalo desgovernado, mas a mente estava limpa e focalizada no momento. O furgão desceu o morro e começou a andar em terreno plano. Os pneus espirravam lama e neve no interior dos para-lamas.

– Ei, você aí atrás.

A janela havia se aberto. O motorista olhou para Amy pelo retrovisor, com um sorriso de deleite maligno.

– Como é a sensação?

O homem no banco do carona gargalhou. Amy ficou quieta.

– Vocês, seus porras – disse o motorista. Os olhos dele se estreitaram no retrovisor. – Sabe quantos amigos meus foram mortos?

– É assim que você os chama?

– Sério – disse ele com um riso sombrio. – Você deveria ver aquelas coisas. Elas vão rasgar você ao meio.

O furgão chacoalhava ao passar em buracos fundos, repuxando as correntes.

– Qual é o seu nome? – perguntou Amy.

O motorista franziu a testa. Não era o tipo de pergunta que ele esperasse de uma mulher a caminho da execução.

– Ande, responda – disse o outro homem. E em seguida, virando o corpo para olhar na direção da janela: – Ele é o Pintinho.

– Pintinho? – repetiu Amy.

– É, todo mundo chama ele assim porque o dele é pequeno.

– Rá, rá – disse o motorista. – Rá, rá, rá, rá.

A conversa parecia terminada. Então o motorista virou os olhos para o espelho de novo.

– Aquilo que você disse ao Guilder – começou ele. Amy podia ouvir a incerteza na voz. – Sobre o que ia acontecer. Quero dizer, era papo furado, não era?

Amy prendeu um dos pés embaixo do banco e lançou seus pensamentos no fundo dos olhos dele. Imediatamente o motorista pisou no freio, fazendo o segundo homem bater de cara no para-brisa. Um baque o lançou para trás de novo quando o veículo de trás acertou o para-choque do furgão com um som de vidro quebrando e metal amassando.

– Que diabo está acontecendo com você? – O segundo homem estava apertando o rosto com a mão. Pingava sangue entre seus dedos. – Você quebrou meu nariz, seu babaca!

O comboio havia parado. Amy ouviu uma batida na janela do motorista.

– O que está acontecendo? Por que você parou?

O motorista respondeu com voz engrolada:

– Não sei. Meu pé ficou dormente, sei lá.

– Meu Deus, olha só isso – disse o segundo guarda. Ele estava estendendo as mãos ensanguentadas para o sujeito junto à janela ver. – Olha o que esse idiota fez.

– Você precisa de outro motorista?

Amy estava olhando o rosto do motorista através do espelho. Ele balançou a cabeça como se quisesse deslocar o pescoço.

– Estou bem. Eu só... não sei. Foi esquisito. Estou bem.

O homem junto à janela fez uma pausa.

– Só tenha cuidado, certo? Estamos quase chegando. Fique frio.

Ele se afastou e o furgão começou a se mover de novo.

– Você é um escroto inacreditável, sabia?

O motorista não respondeu. Virou os olhos para os de Amy, os olhares dos dois ricochetearam no espelho. Foi uma fração de segundo, mas ela viu o medo neles. Depois ele virou a cabeça.

21h40. Hollis e Michael estavam agachados no beco atrás da farmácia. Usando um binóculo, tinham visto Amy ser posta no furgão, depois a partida do comboio na direção do estádio. A equipe que tomaria a Cúpula, uma dúzia de homens e mulheres com armas de fogo e bombas de canos, ainda estava escondida no tubo de águas pluviais, cinco metros abaixo.

– Quanto tempo vamos esperar? – perguntou Michael.

A pergunta era retórica. Hollis apenas deu de ombros. Ainda que a cidade desse uma sensação de vazia, a entrada da Cúpula continuava sendo defendida por um contingente de pelo menos 20 homens que eles podiam ver do beco. O que não diziam era que não tinham como saber se Sara e Kate ao menos estavam no prédio ou como encontrá-las, caso estivessem, presumindo que pudessem passar pelos guardas – uma cadeia de contingências que, em termos abstratos, parecia possível de ser suplantada, mas que agora se erguia diante deles com uma definição nítida.

– Não se preocupe com Lore – disse Hollis. – Aquela garota sabe se cuidar, acredite.

– Eu disse que estava preocupado? – Mas era claro que estava. Michael estava preocupado com todos eles.

– Eu gosto dela – disse Hollis, ainda examinando o lugar com o binóculo. – Ela vai ser boa para você. Melhor do que Lish.

Michael ficou pasmo.

– O que você está falando?

Hollis afastou as lentes e o olhou nos olhos.

– Por favor, Circuito. Você nunca foi bom em mentir. Lembra quando a gente era criança, o jeito como vocês dois eram? Não poderia ser mais óbvio, nem naquela época.

– Era?

– Pelo menos para mim. Tudo. Você, ela. – Ele encolheu os ombros largos e espiou de novo pelo binóculo. – Principalmente

você. Lish eu nunca consegui decifrar.

Michael procurou um modo de negar, mas a tentativa desmoronou. Desde que podia se lembrar, houvera um local em sua mente onde Lish ficava. Tinha se esforçado ao máximo para suprimir esse sentimento, já que nada de bom poderia resultar dele, mas nunca havia conseguido sufocá-lo totalmente. Na verdade nunca havia conseguido nem um pouco.

– Você acha que Peter sabe?

– Eu diria que é com Lore que você deveria se preocupar. Aquela garota não perde muita coisa. Mas você teria de perguntar a ele. Eu diria que sim, mas é possível saber alguma coisa sem saber de verdade. – Hollis ficou tenso. – Espere aí.

Um veículo estava se aproximando. Os dois se grudaram num portal. Faróis iluminaram o beco. Michael prendeu o fôlego. Cinco segundos, depois 10. A picape se afastou.

– Você já atirou em alguém? – perguntou Hollis baixinho.

– Só em virais.

– Confie em mim. Depois que as coisas começam, não ficam tão difíceis quanto a gente pensa.

Apesar do frio, Michael tinha começado a suar. Seu coração continuava martelando com adrenalina.

– O que quer que aconteça, apenas pegue-a, certo? – disse. – Pegue as duas.

Hollis assentiu.

– Sério. Eu cubro você. Apenas passe por aquela porta.

– Nós vamos os dois.

– Pelo jeito, não. Tem de ser você, Hollis. Entendeu? Não pare.

Hollis o encarou.

– Só para deixar claro – disse Michael.

Como os outros, Lore e Greer tiveram sucesso em se misturar à multidão. Onde as filas de planicianos se separavam, eles se enfiaram no fluxo direcionado para a segunda fileira, depois a terceira, e finalmente ao topo da arquibancada. Encontraram-se embaixo da escada que levava à sala de controle.

– Perfeito – sussurrou Greer.

Pegaram suas armas: um par de revólveres velhos, que só usariam como último recurso, e duas facas com lâminas de 15 centímetros com o acabamento do punho em aço curvo. As últimas pessoas estavam sendo levadas aos lugares. Greer se maravilhou com a organização delas, a submissão entorpecida com que se permitiam ser guiadas. Eram escravos mas não sabiam, ou talvez soubessem, mas haviam aceitado esse fato muito antes. Todos? Talvez não todos. Os que não tinham aceitado seriam o fator decisivo.

– Gostaria de rezar comigo? – perguntou ele.

Lore olhou para ele com ceticismo.

– Já faz um tempo. Não sei se eu saberia.

Estavam de joelhos, virados um para o outro.

– Segure minhas mãos – disse Greer. – Feche os olhos.

– Só isso?

– Tente não pensar. Imagine uma sala vazia. Nem mesmo uma sala. Um nada.

Ela aceitou as mãos dele, com um leve acanhamento no rosto. Suas palmas estavam úmidas de suor ansioso.

– Eu estava pensando que você ia dizer alguma coisa, como as irmãs fazem. Santo isso, Deus abençoe aquilo.

Ele balançou a cabeça.

– Desta vez, não.

Greer a observou fechar os olhos, depois fez o mesmo. O momento de imersão: sentiu um calor se espalhando. Em mais um instante sua mente se dispersou numa energia sem medida, para além do pensamento. *Ó, meu Deus*, rezou, *esteja conosco. Esteja com Amy.*

Mas algo estava errado. Greer sentiu dor. Terrível. Então a dor se foi, suplantada por uma escuridão. Ela rolou sobre sua consciência como uma sombra atravessando um campo. Um eclipse de morte, terror, malignidade negra.

Sou Morrison-Chávez-Baffes-Turrell-Winston-Sosa-Echols-Lambright-Martínez-Reinhardt...

Ele se sacudiu. O feitiço foi quebrado: estava de volta no mundo. O que tinha visto? Os Doze, sim, mas o que era o outro? De quem

era a dor que ele sentia? Lore, ainda ajoelhada, com as mãos vazias estendidas, tinha experimentado isso também: Greer podia ver no rosto chocado dela.

– Quem é Wolgast? – perguntou ela.

Os pés de Lila mal pareciam tocar o chão enquanto ela seguia pelo corredor na direção do átrio. Havia um sentimento de invencibilidade em suas ações: assim que eram tomadas, certas decisões não podiam ser desfeitas. A escada que procurava ficava no fim de um corredor comprido, do lado oposto do prédio. Era necessária uma chave, mas Lila tinha um plano para isso. Assim que virou a esquina, começou a correr, indo para a porta como se fosse perseguida. O guarda pesadão se levantou da cadeira para barrar o caminho.

– Ninguém deveria estar aqui.

– Por favor – ofegou ela. – Estou morrendo de fome. Todo mundo foi embora.

– A senhora precisa sair daqui.

Lila levantou o véu.

– Você sabe quem eu sou?

O guarda ficou pálido.

– Desculpe, senhora – gaguejou. – Claro.

Ele tirou a chave de um cordão retrátil preso no cinto e enfiou na fechadura.

– Obrigada – disse Lila, esforçando-se para fingir alívio. – Você foi mandado por Deus.

Ela desceu a escada. No fundo parou na frente do segundo guarda, diante da porta de aço que levava às instalações de processamento de sangue. Ela não ia ali havia muitos anos, mas lembrava claramente do lugar em todo o seu horror mercenário: o doce cheiro do gás que mantinha as cobaias num crepúsculo eterno. O guarda a estava olhando com a mão pousada no cabo da pistola. Lila nunca havia disparado uma arma. Esperava que não fosse difícil.

Foi na direção dele com passo confiante, levantando o rosto no último instante para encará-lo no fundo dos olhos.

– Você está cansado.

Escondida atrás do banco de reservas no lado norte do estádio, Alicia soltou o pente de sua semiautomática, examinando-o sem objetivo especial, soprou a poeira imaginária e o enfiou de volta no cabo, encaixando-o com a palma da mão. Até agora havia removido e recolocado o pente 10 vezes. A arma era uma Smith and Wesson calibre 45 ACP com cabo de madeira com linhas entrecruzadas, gasto até ficar liso. Mais de dois quilos de arma, 12 balas em cada pente. Doze, pensou Alicia, e observou a ironia. Era estranho, mas nem um pouco desagradável, ver como o Universo funcionava às vezes.

Um murmúrio irrompeu na multidão. Alicia se apoiou nos joelhos para olhar o campo. Será que a coisa havia começado? Um objeto curioso estava sendo arrastado para o campo – uma armação de aço em forma de Y, com uns seis metros de altura, fixada numa grande plataforma. Havia correntes penduradas nas pontas dos braços. O caminhão parou no meio do campo e dois colas apareceram e correram para a plataforma. Enfiaram blocos embaixo dos pneus, soltaram o engate do caminhão e foram embora.

Alicia fez seus preparativos finais. A baioneta estava presa à coxa com barbante grosso. Ela a soltou e enfiou no cinto.

Amy, pensou, *Amy, minha irmã no sangue. Só peço isso.*

Deixe que seja eu a matar Martínez.

Quando a fila de veículos parou ao lado da rampa principal do estádio, os nervos de Guilder ainda estavam abalados devido à colisão com o furgão. Tinham tido sorte de a coisa não ter sido pior.

Mas, se ele achava que a chegada em segurança traria alívio, a visão do estádio, totalmente iluminado na escuridão do inverno, afastou rapidamente essa ideia. Saiu do carro para encontrar um gigantesco som de humanidade. Não eram gritos de comemoração – a multidão era muito submissa para isso –, mas 70 mil pessoas num mesmo lugar produziam um ruído especial, intrínseco à sua massa. Setenta mil pares de pulmões se abrindo e fechando; 70 mil pares de pés à toa se movendo; 70 mil traseiros se mexendo nas arquibancadas de cimento, tentando ficar confortáveis. Havia vozes naquela mistura, também, tosses, bebês chorando, mas o que

Guilder ouvia principalmente era uma espécie de rumor subterrâneo, como os abalos secundários de um terremoto.

– Ponham a mulher no lugar – disse.

Os guardas a tiraram do furgão. Guilder não sentiu necessidade de olhá-la enquanto a arrastavam para longe. Sinalizou para Suresh fazer com que a carreta fosse posicionada. O caminhão avançou e subiu a rampa na direção do campo.

Guilder havia pensado bastante na apresentação. Seria necessário algum aparato. Tinha ficado em dúvida quanto ao que fazer, até que pensou numa analogia adequadamente empolgante: a chegada orquestrada de um time importante ao campo. Suresh atuaria como diretor de cena, coordenando os vários elementos visuais e auditivos que elevariam a demonstração da noite até um nível de espetáculo. Juntos repassaram os itens da lista: som, luz, apresentação. Tinham feito um ensaio técnico naquela tarde. Alguns problemas haviam surgido, mas nada que não pudesse ser solucionado, e Suresh garantiu que tudo aconteceria sem nenhuma falha.

Subiram a rampa, Suresh se esforçando ao máximo para acompanhá-lo com seu passo manco. Homens do RH se enfileiravam dos dois lados da carreta parada em ponto morto. O pessoal da chefia já estava sentado nos camarotes mais baixos. O barulho da multidão parecia fluir para Guilder como uma onda, imergindo-o em sua energia. As máquinas haviam tirado a neve do campo, deixando uma paisagem lamacenta. No centro dele, a plataforma com a armação esperava. Era um instrumento interessante: Suresh é que havia tido a ideia. A insurgência quase o havia explodido; quem não estaria meio louco com isso? Como ministro da Saúde Pública, ele também parecia saber melhor do que ninguém maneiras interessantes de matar pessoas. Suspendê-la bem alto daria a todos a chance de ver suas entranhas se desenrolando. Assim ela sentiria mais dor – e por mais tempo.

Enquanto Guilder revisava suas anotações, Suresh prendeu nele o microfone, passando pelas costas o cabo e ligando-o ao transmissor, que prendeu no cinto improvisado com gravatas.

– Aperte isso aqui – disse Suresh, atraindo sua atenção para o interruptor – e você estará conectado.

Suresh recuou. Pôs os fones de ouvido, ajustou seu microfone e começou a contagem regressiva:

– Cabine de som.

(Confere.)

– Luzes.

(Confere.)

– Equipes de fogo.

(Confere.)

E assim por diante. Escutando vagamente, Guilder sacudia os braços vestidos com o manto, como um boxeador se preparando para entrar no ringue. Sempre havia imaginado qual seria o sentido desse gesto, que parecia um modo vazio de se mostrar, mas agora entendia.

– Podemos começar quando você quiser – disse Suresh.

Então: finalmente a hora. O nascimento do novo mundo estava chegando. Que choque seria para a multidão! Guilder pôs os óculos no rosto e respirou fundo uma última vez.

– Certo, pessoal – disse. – Vamos parecer vivos. Está na hora do jogo.

Avançou para a luz.

SESSENTA E QUATRO

– Dani, acorde.

A voz era familiar. A voz pertencia a alguém que ela conhecia. Vinha para ela do alto, dizendo esse nome curioso, lembrado pela metade.

– Dani, você precisa abrir os olhos. Preciso que você tente.

Sara sentiu sua mente emergindo, o corpo tomando forma ao redor. De repente estava com frio. Sua garganta estava apertada e seca, com um gosto doce. Deveria abrir os olhos – era isso que a voz dizia – mas as pálpebras pareciam pesar mil quilos.

– Vou lhe dar uma coisa.

Era a voz de Lila? Sara sentiu uma picada no braço. Nada, e depois:

Ah!

Saltou para cima, dobrando-se violentamente na cintura, o coração martelando contra as costelas. O ar entrou de um jato nos pulmões, expelido por uma tosse seca que guinchou através das mucosas ressequidas da garganta.

Lila encostou um copo em seus lábios, apoiando a nuca de Sara com a palma da mão.

– Beba.

Sara sentiu gosto de água, água fria. As imagens ao redor começaram a se firmar. Seu coração ainda estava disparado como o de um pássaro. Pedaços de dor, real e lembrada, golpeavam suas extremidades. A cabeça só parecia vagamente ligada ao resto do corpo.

– Você está bem – disse Lila. – Não se preocupe. Sou médica.

Lila era médica?

– Precisamos ser rápidas. Sei que não vai ser fácil, mas você consegue ficar de pé?

Sara não achava que poderia, mas Lila a fez tentar. Passou as pernas pela borda da maca, com Lila segurando-a pelo cotovelo. Abaixo da bainha da camisola de Sara, bandagens brancas envolviam a parte de cima das coxas. Mais bandagens cobriam os

antebraços. Tudo isso havia acontecido sem que ela ao menos tivesse consciência.

– O que fizeram comigo?

– É a medula que eles pegam. Começam com o quadril. É essa a dor que você está sentindo.

Sara pôs os pés no chão. Só então lhe ocorreu que a presença de Lila era uma anomalia – que ela a estava libertando.

– Por que você está com uma arma, Lila?

Havia uma pistola na mão dela. A mulher frágil e insegura que Sara conhecera havia sumido. Seu rosto irradiava urgência.

– Venha.

Sara viu o primeiro corpo quando saíram ao corredor: um homem com jaleco de laboratório caído de rosto para baixo, os braços e as pernas esparramados no arranjo aleatório da morte rápida. O topo de seu crânio fora estourado, com o conteúdo espalhado na parede. Mais dois estavam ali perto, um com um tiro no peito e o outro no pescoço – mas o segundo não estava morto. Estava sentado com as costas na parede, as mãos envolvendo o pescoço, o peito movendo-se em espasmos curtos. Era o Dr. Ivan. Através do buraco no pescoço sua respiração rápida fazia um som estalado. Seus lábios se mexiam sem palavras. Ele olhou para Sara implorando.

Lila a puxava pelo braço.

– Temos de correr.

Não precisou repetir. Mais corpos – manchas de sangue e posturas espantadas e expressões de surpresa nos olhos que já não enxergavam – passavam rapidamente. Era um massacre. Seria possível que Lila tivesse feito aquilo? Chegaram ao fim do corredor, onde a pesada porta de aço estava aberta. Um cola estava ao lado, com um tiro na cabeça.

– Tire-a do prédio – ordenou Lila. – É a última coisa que vou pedir a você. Faça o que for preciso.

Sara entendeu que ela estava falando de Kate.

– Lila, o que você está fazendo?

– O que deveria ter feito há anos. – Uma expressão de paz tinha tomado seu rosto. Os olhos reluziam com calor. – Tudo vai acabar logo, Dani.

Sara hesitou.

– Meu nome não é Dani.

– Achei que talvez não fosse. Diga.

– É Sara.

Lila assentiu devagar, como se concordasse que esse era o nome certo para ela. Segurou a mão de Sara.

– Você vai ser uma boa mãe para ela, Sara – disse, e apertou sua mão. – Eu sei. Agora corra.

Um silêncio baixou sobre a multidão enquanto Guilder entrava no campo, todos os 70 mil rostos voltando-se para olhá-lo. Ficou parado um momento, bebendo o silêncio, enquanto seus olhos viajavam pelas arquibancadas. Faria uma entrada humilde, como um sacerdote. O tempo pareceu se estender enquanto ele andava pelo campo até a plataforma. Quem poderia dizer que seria tão demorado atravessar 50 metros? O silêncio ao redor parecia se aprofundar a cada passo.

Chegou à plataforma. Olhou para a multidão, primeiro de um lado do campo, depois do outro. Sua mão foi até a cintura e encontrou o interruptor.

– Todos se levantem para cantar o hino.

Nada aconteceu. Teria apertado o botão certo? Olhou na direção de Suresh, que estava parado na lateral, fazendo um movimento de giro frenético com as mãos.

– Eu *disse*: por favor, levantem-se.

De má vontade, a multidão ficou de pé.

– Pátria, nossa pátria – começou a cantar Guilder –, a vós a vida entregamos...

Sem galardão nossos labores ofertamos. Pátria, nossa Pátria, uma nação aqui surgirá. Segurança, esperança, garantia, de um mar até o outro mar...

Com um sentimento de frustração, Guilder percebeu que praticamente ninguém estava cantando. Escutava algumas vozes isoladas aqui e ali – o pessoal do RH e, claro, a chefia, masculinamente grasnando as palavras a partir da linha de 50

metros – mas isso só aumentava a impressão de que a multidão, basicamente, estava fazendo greve.

Pátria, nossa Pátria, cheia de paz e fartura. A luz do céu brilha em sua beleza pura. Uma mente! Uma alma! Seu amor é o que vemos. Vamos unir os corações e as mãos: uma Pátria forte e livre é o que queremos!

A música não terminou, exatamente: foi como se virasse uma esquina e caísse. O que não era bom sinal. A primeira de várias gotas de suor brotou de sua axila para escorrer sem impedimentos por todo o tronco. Talvez ele devesse ter encontrado alguém que soubesse cantar de verdade, para esquentar a turba. Mesmo assim Guilder tinha algumas coisas planejadas com o objetivo de atraí-los totalmente para as festividades de transformação da noite. Pigarreou, olhou de novo na direção de Suresh, recebeu o gesto de aprovação dele e disse:

– Estou diante de vocês hoje na véspera de uma nova era...

– Assassino!

Um zumbido de vozes perpassou a multidão. A voz tinha vindo de trás, de algum lugar nas arquibancadas superiores. Guilder girou, procurando cegamente no mar de rostos.

– Assassino!

A voz era de mulher. Guilder a viu de pé junto ao parapeito. Ela balançou um punho no ar, feito uma louca.

– Seu carniceiro!

– Alguém prenda aquela mulher! – rosnou Guilder ao microfone, alto demais.

Seguiu-se uma vaia generalizada. Objetos voaram pelo ar, caindo no campo. A multidão estava jogando a única coisa que tinha. Os sapatos.

– Monstro! Assassino! Torturador!

Guilder ficou imobilizado. Não esperava nada disso.

– Demônio! Tirano! Porco!

– Diabo! Satã! Bandido!

Se não fizesse alguma coisa rapidamente, iria perdê-los por completo. Deu um sinal a Suresh e o interruptor foi ligado. Sob uma explosão orquestrada de luz colorida e fumaça, a picape que trazia a

mulher na carroceria veio chacoalhando pelo campo, com a carreta vindo lentamente atrás. Ao mesmo tempo, as equipes de fogo estavam correndo pelas bordas do campo, acendendo barris cheios de madeira encharcada com etanol, criando um perímetro de chamas. Quando a picape parou junto à plataforma, a carreta fez um círculo amplo e começou a recuar. Os guardas baixaram a traseira da picape, puxaram a mulher e a jogaram no chão enlameado, na base da plataforma.

– Levante-se.

A multidão estava em completo tumulto – vaiando, assobiando, atirando os sapatos como se fossem mísseis.

– Eu mandei levantar.

Guilder a chutou com força nas costelas. Como ela não gritou, ele chutou de novo, depois a puxou para que ficasse de pé e levou o rosto para perto do dela, até que as pontas dos narizes estivessem praticamente se tocando.

– Você não faz ideia do que vai encarar.

– Na verdade você poderia dizer que nós nos conhecemos há muito tempo.

Ele não fazia ideia do que significava aquela afirmação curiosa, mas não se importou. Sinalizou aos guardas para que a levassem. A mulher não ofereceu resistência enquanto a arrastavam até a base da armação e a obrigavam a ficar de joelhos. Havia lama em suas faces, na túnica, no cabelo. Sob as luzes fortes ela parecia pequena, quase uma boneca, no entanto Guilder ainda podia discernir o desafio em seus olhos, uma recusa absoluta em se acovardar. Esperava que os virais demorassem bastante, talvez espancando-a um pouco. Os guardas soltaram as algemas dela, depois prenderam os pulsos nas correntes que pendiam da armação.

Então começaram a erguê-la.

A cada metro de subida, os rugidos da multidão aumentavam. Em protesto? Em expectativa? Na pura empolgação de ver um ser humano sendo rasgado? Eles o odiavam, Guilder sabia, mas agora faziam parte dessa coisa, a energia da turba havia se juntado ao poder transformador da noite.

A mulher pairou no alto, os braços afastados dos lados, o corpo balançando.

– Últimas palavras?

Ela pensou um momento.

– Adeus?

Guilder gargalhou.

– Esse é o espírito.

– Eu quis dizer no sentido contrário.

Guilder tinha ouvido o suficiente. Virou-se para a traseira da carreta. Dois colas com roupas blindadas estavam junto à porta. Suresh o olhava com intensidade, da lateral. Guilder captou o olhar dele e assentiu.

Ei, Lila, pensou ele, sua iludida ultrapassada, saca só *isso*.

E de repente houve silêncio. Uma grande interrupção em todos os movimentos enquanto o estádio era mergulhado na escuridão.

Um jorro de azul.

A hora de agir havia chegado. Greer e Lore saltaram de seu esconderijo e subiram correndo a escada. Um único cola estava montando guarda junto à porta da sala de controle. Greer chegou primeiro.

– Que porra é essa? – O guarda notou as facas. – Epa – disse ele.

Greer o segurou pelas orelhas – convenientemente grandes, projetando-se dos lados da cabeça como um par de maçanetas – e deu uma cabeçada no crânio do sujeito. Ele caiu, derrubado como uma árvore.

Passaram correndo pela porta. De novo, encontraram apenas um homem, um olho-vermelho. Usando fones de ouvido grandes com microfone, estava sentado diante de um painel de luzes e interruptores. Uma parede de janelas dava para o campo, banhado em azul. Os fones de ouvido eram uma vantagem a mais: a entrada deles não fora percebida. O entendimento tácito entre Greer e Lore era que agora era a vez dela.

O olho-vermelho levantou o rosto com a aproximação deles, endurecendo a expressão.

– Ei, vocês não deveriam estar aqui.

– Verdade – disse Lore, que chegou atrás dele, pôs a mão esquerda em sua testa e passou-lhe uma faca pela garganta, cortando-a como se fosse papel.

A porta da carreta se abriu.

Eles emergiram magníficos, como reis. Seus movimentos eram imponentes, deliberados. Não demonstravam pressa, só o puro domínio de sua espécie. Ninguém poderia deixar de perceber o que eram. Altos, ocupavam o espaço com a imensidão gloriosa da altura e da envergadura. Tinham se alimentado com o sangue de gerações, inflando-se até virarem colossos. Diante daquela visão espantosa, a multidão inalou o ar coletivamente. Gritos viriam em seguida, desse fato Guilder não tinha dúvida, mas no momento do surgimento dos Doze reinava um silêncio profundo, de expectativa. Aqueles seres poderosos avançaram numa demonstração rica. As costas estavam eretas, as garras poderosas articulando-se como imensos instrumentos de dor. Tinham o aspecto de gigantes. Eram lenda transformada em carne, os grandes ocupantes da Terra. Os guardas correram para as laterais, para viver mais um dia, mas Guilder não prestou atenção a isso. Sua mente estava cheia de glória.

Irmãos, pensou Guilder, *ofereço-lhes este presente, esta entrada. Esta carne macia, este começo. Irmãos, venham e juntos dominaremos a Terra.*

A equipe de matadores comandada por Nina subiu correndo a escada. Chegaram ao nível do campo por uma abertura logo abaixo da arquibancada onde estavam as autoridades. Assim que Eustace começasse a correr eles saltariam no campo, virando-se contra seus inimigos e soltando o conteúdo das automáticas de cano curto.

Mas agora, nos últimos instantes escondidos, eles, como todo mundo na multidão, experimentavam uma emoção que era em parte terror, em parte espanto maravilhado e em parte outra coisa que não tinha qualquer ponto de referência em sua vida. Peter estava tentando processar três fatos visuais que competiam ao mesmo tempo. Os Doze estavam diante dele, a poucos metros; Amy, suspensa pelas correntes, era a isca que os atraíra; Amy não era Amy, e sim uma mulher adulta. Greer e Alicia tinham tentado

prepará-lo, mas nenhuma palavra poderia deixá-lo em condições de enfrentar essa realidade.

Onde estava Eustace?

Então Peter o viu. Estava parado junto ao corrimão no fim do campo – era apenas mais um planiciano obrigado a servir de testemunha. Os Doze se encontravam diante de Guilder como um pelotão de soldados esperando ordens. *Droga*, pensou Peter, *vocês estão afastados demais. Cheguem mais perto uns dos outros, desgraçados.*

Guilder levantou os braços.

Lila, sozinha. A Cúpula estava silenciosa, como um grande animal prendendo o fôlego. Este lugar, pensou ela. Este tabernáculo da dor. Como um lugar assim tivera permissão de existir na Terra?

A arma estava vazia. Colocou-a no chão e voltou rapidamente pelo corredor. Atrás de cada porta havia uma pessoa numa prancha, com a força vital sendo drenada lentamente. Não havia tempo para salvá-las, era o único arrependimento de Lila, mas pelo menos poderia liberá-las do tormento.

Viajou de sala em sala, abrindo as portas com o molho de chaves que havia tirado do guarda. Algumas palavras de bênção para cada alma presa dentro, em seguida abria as válvulas dos tanques de éter. Uma doçura enjoativa enchia o ar. Seus movimentos começaram a ficar vagarosos; teria de trabalhar depressa. Deixando as portas abertas, foi pelo corredor. Os avisos estavam postados a intervalos regulares nas paredes: Éter presente. Não acender fogo.

Chegou à última porta. Experimentou uma chave e depois outra, e outra, com os dedos pesados e imprecisos, o gás já dentro dela. Os recortes da chave se encaixaram.

O coração de Lila se despedaçou ao vê-lo. Tinham-no acorrentado ao chão. Ele estava caído em degradação nua, suspenso eternamente no precipício da morte. Monstros! Como pudera deixar que essa cena de angústia acontecesse? Como podia ter esperado 100 anos para aliviar a dor dele?

– Lawrence, o que fizeram com você?

Jogou-se de joelhos ao lado dele. Os olhos de Lawrence estavam abertos, mas o olhar parecia atravessá-la até outro mundo. Ela alisou suas faces enrugadas, a testa encolhida. Encostou a cabeça na dele, as testas se tocando enquanto acariciava o rosto dele.

– Lawrence – sussurrou, de novo e de novo. – Meu Lawrence.

Os lábios dele finalmente formaram palavras.

– Me... salve.

– Claro que vou salvar, querido. – As lágrimas jorravam, uma torrente. Do bolso do vestido Lila tirou a caixa de fósforos. – Vamos salvar um ao outro.

No alto, acima do campo, Greer e Lore também esperavam que os Doze se movessem.

– Droga – disse Greer, com o binóculo encostado nos olhos. – Por que eles não estão fazendo nada?

As mãos de Guilder continuavam erguidas. O que estava acontecendo? Baixou-as dos lados do corpo e as levantou de novo, acenando agitado. E continuou sem resposta.

– Puta que o *pariu*!

A mão de Lore estava encostada no interruptor. Sua voz era frenética:

– O que eu devo fazer? O que eu devo fazer?

– Não sei!

Então Greer viu movimento no campo. Uma figura corria a partir da extremidade: Eustace.

– Agora! Acenda as luzes.

Mesmo assim foi tarde demais.

Sara estava correndo: atravessou o átrio a toda a velocidade – aquilo lá fora eram tiros? – e seguiu pelo corredor até o apartamento de Lila, passando pela porta como um foguete.

– Kate!

A menina estava dormindo na cama. Quando Sara a pegou no colo, seus olhos se abriram.

– Mamãe?

– Estou aqui. Estou aqui, neném.

Agora tinha certeza: havia um tiroteio lá fora. (Mesmo não tendo como saber disso, foi o momento em que seu irmão, Michael, subindo a escada correndo, levou uma bala na coxa direita, uma dor que ele achou estranhamente sem importância, tamanho era o jorro de adrenalina que o alimentava. Hollis não tinha mentido: assim que as coisas começassem, atirar em alguém não seria difícil, e ele acertou mais dois guardas antes que a perna se dobrasse e a arma escorregasse da sua mão – estava vazia, de qualquer modo – e sua visão se enchesse de estrelas.) Sara partiu pelo corredor levando a filha. *Minha filha, minha filha.* Elas viveriam ou morreriam, mas, qualquer que fosse a hipótese, estariam juntas; jamais iriam se separar de novo.

Chegou ao átrio no momento em que um homem chegava rapidamente pela porta. Havia sangue em sua camisa e ele segurava uma arma. Seu rosto barbudo estava iluminado por uma expressão de determinação selvagem. Sara parou.

Hollis?

De onde estava, muito acima do chão, a visão de Amy captou a cena inteira. A multidão de milhares num tumulto louco; Guilder com os braços levantados de modo irrelevante; o surgimento da equipe de Nina saindo pela abertura no chão e a descarga subsequente de seu poder de fogo sobre as fileiras de homens de terno, que gritavam, mergulhavam em busca de proteção e às vezes não faziam nada, sentados com uma compostura de quem não compreendia coisa alguma enquanto seus corpos eram manchados por arcos vermelhos de morte; Alicia aparecendo no campo, arma na mão, pronta para atacar; Eustace vindo da extremidade do campo na direção deles, a bomba apertada contra o peito, e atrás dele o cola que metodicamente se abaixou sobre um dos joelhos, levantou o fuzil e o colocou na mira; o jato de sangue e Eustace girando e tombando, a bomba caindo no chão. Esses acontecimentos se moviam ao redor dela como planetas em suas órbitas, um cosmos de atividade em redemoinho, no entanto eles só a tocavam de passagem, roçando seus sentidos como uma brisa. Ela estava no centro, ela e seus parentes, e seria ali, naquele palco, que tudo seria decidido.

– Irmãos, olá. Faz um bom tempo.

Somos Morrison-Chávez-Baffes-Turrell-Winston-Sosa-Echols-Lambright-Martínez-Reinhardt...

– Sou Amy, sua irmã.

Foi então que ela o sentiu. No meio do mal, uma luz brilhante. Amy procurou Carter com os olhos. Ele estava ligeiramente afastado, o corpo agachado na postura de sua espécie.

Não era Carter.

– Pai.

Sim, Amy. Estou aqui.

Um jorro de amor fez seu coração inchar. Lágrimas subiram à sua garganta.

– Ah, papai, sinto muito. Olhe para outro lado. Olhe para outro lado.

Enquanto o campo se banhava em luz, Amy fechou os olhos. Seria como abrir uma porta. Era assim que havia imaginado. Não um ato de vontade, mas uma rendição, entregar essa vida, esse mundo. Imagens relampejaram em sua mente, mais rápidas do que o pensamento. Sua mãe ajoelhada para abraçá-la, a força luminosa do abraço, em seguida uma visão das costas enquanto ela se afastava; Wolgast, com a mão grande encostada em sua coluna, parado ao lado dela, que cavalgava o carrossel sob as luzes e a música; uma visão do céu estrelado de inverno, na noite em que tinham feito os anjos de neve; Caleb espiando-a com seus olhos de quem sabia das coisas enquanto ela o colocava na cama, perguntando: “Alguém amou você assim?”; Peter, parado junto à porta do orfanato, as mãos dos dois se encontrando no espaço, dizendo com o toque o que não poderia ser dito em palavras. Os dias fluíam através dela um por um e, quando terminaram de passar, Amy mandou sua mente para fora, para aqueles de quem gostava, dizendo adeus.

Abriu a porta.

Na beira do campo, Peter e os outros, tendo esgotado as balas contra as arquibancadas inferiores, estavam soltando os pentes para recarregar. Ainda não sabiam que Eustace fora baleado, só que as luzes haviam se acendido, de acordo com o plano, sinalizando o

início da corrida dele. Esperavam que a explosão viesse a qualquer momento.

Não veio.

Peter se voltou para a plataforma. Os virais, cobertos pelas luzes, haviam adotado várias posturas de autoproteção. Alguns estavam cambaleando para trás com o rosto enterrado nas dobras dos braços. Outros tinham se jogado no chão, enrolando-se como bebês no berço. Era uma visão espantosa, uma visão que Peter iria recordar em todos os dias de sua vida, no entanto ela empalidecia em comparação com o que ocorria acima da plataforma.

Algo estava acontecendo com Amy. Ela estava se convulsionando presa às correntes, dominada por contrações de tamanha violência que parecia estar prestes a se despedaçar. Espasmo após espasmo, a força crescendo cada vez mais. Com uma última sacudida capaz de quebrar ossos ela ficou frouxa; por um momento esperançoso Peter pensou que aquilo havia terminado.

Não havia.

Soltando um profundo uivo animal, Amy lançou a cabeça para trás. Então Peter entendeu o que via. Algo que deveria ter levado horas estava acontecendo em segundos. As feições se fundindo numa indistinção fetal. A coluna se alongando, dedos das mãos e dos pés se esticando até formar garras preênseis. Cabelo caindo, dentes ejetados adiante das fileiras que pareciam uma cerca de tábuas e a pele endurecendo em sua grossa carapaça cristalina. O espaço ao redor dela tinha começado a reluzir, como se o próprio ar fosse iluminado pela força acelerada de sua transformação. Com um espasmo violento Amy puxou as correntes na frente do peito, arrancando-as dos blocos e, quando chegou ao chão, agachando-se com graça líquida para absorver o impacto da queda, não havia 11 virais no campo, e sim 12.

Havia Doze.

Ela se levantou. Rugiu.

Foi então, no porão da Cúpula, que Lila Kyle e Lawrence Grey, cujos destinos jamais seriam conhecidos, juntaram as mãos, contaram até três, riscaram o fósforo e todas as luzes se apagaram.

SESSENTA E CINCO

A explosão no porão, seguida pela ignição feroz de 1.500 quilos de éter dietílico, produziu uma liberação de energia mais ou menos equivalente à queda de um pequeno jato de passageiros. Não tendo para onde ir, a força explosiva disparou para cima, procurando um caminho que acomodasse sua expansão que se oxigenava rapidamente – poços de escada, corredores, tubos – antes de se dobrar sobre si mesma e atravessar o piso. Assim que foi liberada nos espaços maiores do prédio, o resto virou caos total. Janelas explodiram. Móveis decolaram. Paredes que estavam ali agora não existiam mais. A energia subiu, e enquanto subia expelia uma onda giratória de pura destruição como um tornado ao contrário, lançando tudo para cima e para fora a partir de seu coração de fogo, até que encontrou os ossos da própria estrutura, as treliças de aço e os blocos de calcário meticulosamente cinzelados que mantinham suspenso o teto acima da pradaria de Iowa desde os dias dos pioneiros, e despedaçou tudo.

A Cúpula começou a cair.

A cinco quilômetros dali os espectadores no estádio experimentaram a destruição da Cúpula como uma cadeia de acontecimentos sensórios independentes: primeiro um clarão, depois um estrondo, seguido por um profundo tremor sísmico e um aperto do negrume enquanto a energia elétrica da cidade era desligada. Todo mundo se imobilizou, mas no instante seguinte algo ficou diferente. Uma força nova nasceu dentro deles. Quem poderia dizer quem havia começado aquilo? Insurgentes implantados nas arquibancadas já haviam começado a atacar os guardas, mas agora não estavam sozinhos. A multidão se levantou com violência, uma turba enlouquecida. Sua fúria libertada era tão feroz que, enquanto caíam sobre os captores, era como se sua individualidade tivesse se dissolvido num coletivo animal único. Um enxame. Um estouro de boiada. Uma corja de virais. Eles se tornaram seu inimigo, como era para ser; deixaram de ser escravos, e com isso ficaram vivos.

No campo, Guilder estava... se dissolvendo.

Sentiu isso primeiro nas costas das mãos – um encolhimento abrupto da pele, como se estivesse sendo embalado a vácuo. Levantou as mãos diante do rosto. Numa incompreensão entorpecida – a dor ainda não havia chegado – viu a carne se franzir e começar se partir em longos cortes sem sangue. A sensação se espalhou, dançando na superfície do corpo. As pontas dos dedos encontraram o rosto. Era como tocar uma caveira. Seu cabelo estava caindo, os dentes também. As costas se dobraram, deixando-o com a curvatura de um velho. Ele caiu de joelhos na terra. Sentiu os ossos desmoronando, desfazendo-se em poeira.

– Grey, o que você fez?

Uma sombra caiu.

Guilder levantou o rosto. Os virais preenchiam sua visão, que ia escurecendo, com uma última imagem de magnificência. *Irmãos*, pensou, *o que está acontecendo comigo? Me ajudem, irmãos, estou morrendo.* Mas não viu parentesco nos olhos deles.

Traidor.

Traidor.

Traidor traidor traidor...

Outras coisas estavam acontecendo – tiros, vozes gritando, figuras correndo no escuro. Mas a consciência de Guilder desses acontecimentos foi sufocada instantaneamente na percepção maior, fria e definitiva, do que iria lhe acontecer.

Shawna, pensou, *Shawna, eu só queria um pouco de companhia. Só queria não morrer sozinho.*

E então estavam em cima dele.

O desdobramento final dos eventos, que representou apenas 37 segundos na vida dos participantes, ocorreu em quadros sobrepostos de movimento simultâneo que tombavam na direção do centro. Iluminada apenas pelo fogo – os barris na periferia continuavam acesos – e pelo brilho fosforescente dos virais, a cena possuía um tom de inferno. Depois de acabarem com Guilder, deixando seu corpo espalhado em pedaços ressecados que eram mais poeira do que cadáver, os virais haviam se juntado numa fila

irregular. Pareciam estar olhando Amy com expressão de cautela. Talvez ainda não soubessem o que ela pretendia, talvez tivessem medo dela. Peter, com a arma recarregada, disparava rajadas contra suas figuras enormes, mas sem efeito visível: as balas ricocheteavam inutilmente nos corpos blindados, soltando fagulhas luminosas, e eles nem ao menos olhavam na sua direção. Do outro lado do campo, Alicia vinha avançando com sua pistola em punho, ao mesmo tempo que Nina e Tifty corriam para flanqueá-los. O plano agora fora para o espaço, eles tinham apenas os instintos. Ereta na plataforma, Amy levantou os braços. De cada pulso pendia uma corrente comprida. Ela as sacudiu no ar e começou a girá-las nos pulsos, fazendo arcos amplos, acelerando. Giratórias, percebeu Peter. Amy estava fazendo giratórias para desorientar os virais. Cada vez mais rápidas, as correntes zumbiam no ar acima de sua cabeça, um borrão hipnótico de movimento. Os Doze se imobilizaram, em transe. Com um rápido movimento de ave, a cabeça de Amy tombou de lado, o olhar compacto, calculando o ângulo de ataque. Peter sabia o que estava para acontecer.

Amy Harper Bellafonte transformada em arma. Amy, a Garota de Lugar Nenhum, ganhando o ar.

Quando saltou para a frente, deixou as correntes voarem, soltando-as do corpo como um par de chicotes. Simultaneamente encostou a cabeça no peito, alinhando a postura no meio do voo de modo a alcançar os mais próximos com os pés, na altura do peitoral, sua pessoa física transformada no momento do impacto em um aríete com asas de aço de seis metros. Ela media apenas uma fração do tamanho deles, mas o ímpeto estava a seu favor. Acertou o primeiro, lançando-o para trás a toda a velocidade. Quando pousou, as correntes haviam encontrado os alvos, enrolando dois outros pelo pescoço. Com um tranco forte, puxou o da esquerda, enrolou sua testa com o cotovelo para expor sua garganta, enterrou o rosto embaixo do maxilar dele e o sacudiu como um cão com um trapo na boca.

Ele uivou.

E, com um jato de sangue e um som de osso estalando, morreu.

Ela o desenrolou da corrente com um movimento rápido do pulso, girando o corpo como se fosse um pião. Sua atenção se voltou para o segundo viral, mas o equilíbrio havia mudado: o elemento surpresa se fora, o efeito hipnótico das giratórias fora esgotado. Enquanto puxava o segundo viral, a criatura saltou, os corpos se encontrando numa colisão descontrolada que fez os dois rolarem para fora da plataforma. Amy soltou a corrente mas pareceu ter dificuldade para se levantar. Estava caída de quatro na poeira. Uma espécie de ondulação pelo corpo inteiro percorreu os Doze, com a consciência compartilhada se refazendo, ganhando foco. Mais uma piscada de tempo e eles cairiam sobre ela como uma matilha de animais.

O que poderia ter acontecido, se não fosse o pequeno.

A mente de Peter ainda não conseguira ver os Doze como algo mais do que um coletivo; agora foi obrigado a fazer isso. Um era diferente. No volume, na estatura, parecia um viral comum. No instante antes que os Doze saltassem sobre Amy ele os venceu na corrida e com, um salto compacto, pousou entre ela e os outros, virando-se para encará-los, as garras levantadas, o corpo numa postura de desafio. Seu peito se expandiu numa inspiração enorme; seus lábios foram puxados para trás, expondo os dentes.

A explosão de som que veio em seguida foi totalmente desproporcional ao tamanho do corpo que o produziu. Foi um uivo da raiva mais pura. Foi um rugido que poderia ter derrubado uma floresta, achatado uma montanha, arrancado um planeta do eixo. Peter se sentiu literalmente empurrado para trás por aquilo; seus tímpanos estouraram de dor. O pequeno viral havia ganhado apenas um segundo para Amy, mas foi o suficiente. Enquanto ela se levantava, os outros saltaram à frente.

Caos.

De repente era impossível dizer o que acontecia ou para onde atirar, as imagens da batalha eram rápidas demais para ser captadas por olhos humanos. Peter percebeu que havia gastado o resto das balas, mas o fato pareceu pequeno: a arma era inútil, de qualquer modo. Vislumbrou Alicia avançando da extremidade do campo, ainda disparando sua pistola.

Onde estavam Tifty e Nina?

Olhou para o outro lado do campo. Nina estava correndo para a plataforma. Tinha a bomba apertada contra o peito. Tifty vinha atrás dela. Ela estava balançando a mão livre sobre a cabeça, gritando a plenos pulmões.

– Seus desgraçados! Olhem aqui! Ei!

O único que percebeu – teria captado as intenções dela, saberia o significado do que ela segurava? – mais bamboleou do que saltou sobre ela, caindo de quatro com os membros espalhados como uma aranha na teia. Tifty o viu primeiro. Enquanto levantava a arma, tentou empurrar Nina de lado, mas o esforço chegou tarde demais: como acontece com todas as coisas que caem, a lentidão do mergulho do viral era uma ilusão. Ele se chocou contra os dois, com Tifty recebendo o impacto maior. Peter esperou que a bomba explodisse, mas isso não aconteceu. O viral pegou Nina pelo braço e a jogou longe, lançando-a em giros pela terra, depois virou para Tifty. Enquanto Tifty levantava a arma, a criatura o engolfou.

Um grito. Um tiro.

Não foi uma decisão. Não havia prós e contras. Peter largou a arma e correu para a bomba que estava no chão, arremetendo a toda a velocidade.

As únicas pessoas que viram tudo foram Lore e Greer. E mesmo então foi somente Greer, o homem de fé, cujas orações lhe haviam dado uma compreensão mais profunda da cena, que pôde entender.

Vista da sala de controle, a batalha no campo surgia planificada, ficando mais decifrável a distância. Numa extremidade estava caído Eustace, inconsciente ou morto, e entre ele e a plataforma o corpo de Tifty Lamont. Nina havia sumido, lançada no escuro. No centro estava a plataforma. Amy, tendo se livrado da confusão, havia saltado para o topo da estrutura onde estivera presa antes. Sua túnica estava em farrapos, manchada com seu sangue; uma das mãos segurava o lado do corpo, como se tentasse estancar um ferimento. Mesmo a essa distância Greer podia discernir sua respiração dificultosa. Em mais um instante os inimigos viriam com força avassaladora, mas sua postura não comunicava recuo. Havia nela algo invencível, quase régio.

Então viu Peter correndo pelo campo. Aonde ele estava indo? Para a carreta?

Não.

Greer saiu correndo da sala e desceu a escada. Atravessaria a multidão com o corpo, os punhos, com a faca se necessário. *Amy, Amy, estou indo.*

Alicia não ficaria de fora. Havia devotado sua existência a esse fato sagrado. Tinha-o sentido desde a caverna: um desejo singular atraindo-a para a frente, como se estivesse sendo puxada por um túnel. Enquanto se movia na direção dos Doze, disparando sua arma – sabia que as balas não causariam dano real; só queria atrair a atenção deles, separar um do outro –, ela era um ser com apenas um pensamento, uma visão, um desejo.

Louise, vou vingar você. Você não foi esquecida. Louise, você também é minha irmã no sangue.

– Mostre-se, seu filho da puta!

Suas balas ricocheteavam e soltavam fagulhas. Largou o pente vazio, enfiou outro no lugar e voltou a atirar. Avançou com os dentes trincados, murmurando sua oração sombria. Ele iria conhecê-la, senti-la; não poderia ser de outro modo. Era uma coisa do destino: deveria ser ela a matá-lo, a apagá-lo da face da Terra. Ele era Julio Martínez, advogado, Décimo dos Doze. Ele era o Sacana do estupro no banco, das exalações e grunhidos. Era todos os homens, em todos os anos da história, que tinham violado uma mulher desse modo, e ela cravaria a estaca no fundo de seu coração negro e iria senti-lo morrer.

Um dos virais girou para ela. Claro, pensou Alicia; ela o teria reconhecido em qualquer lugar. Sua psique era idêntica à dos outros, no entanto havia algo distinto, um ar de altivez que só ela poderia detectar. Ele a examinou com olhos sem alma, com pálpebras de langor entediado; pareceu quase sorrir. Alicia nunca vira uma expressão num rosto de viral, mas era o que enxergava agora. *Conheço você*, parecia dizer o rosto impassível e arrogante. *Não conheço você? Não diga, deixe-me adivinhar. Tenho certeza de que conheço você de algum lugar.*

Está certíssimo, você me conhece, pensou ela, e tirou a estaca do cinto.

Os dois se lançaram simultaneamente um contra o outro – Alicia com a estaca acima da cabeça, Martínez com suas grandes mãos com garras avançando como uma proa feita de facas. Uma força impossível de ser contida encontrando um objeto improvável: as trajetórias se cruzaram numa colisão de cabeças, a massa tremendamente maior de Martínez passando ao mesmo tempo através e por baixo dela, fazendo-a girar por cima de sua cabeça. No momento de voo descontrolado Alicia reconheceu, mas não sentiu, as lacerações nos braços e no rosto, onde as garras dele haviam rasgado sua carne. Bateu no chão e rolou uma, duas, três vezes, cada rotação diminuindo o ímpeto, e saltou de pé de novo. Estava sem fôlego, cambaleando, a cabeça zumbindo por causa do impacto. Seu coração martelava com adrenalina. De algum modo tinha conseguido manter a estaca na mão; perdê-la seria aceitar a derrota, o que era impensável.

Martínez, a cinco metros de distância, havia se abaixado numa postura de sapo, as mãos esparramadas como pás na terra. O sorriso havia se transformado em outra coisa, mais brincalhona, cheia de diversão intensa. Parecia a ponto de gargalhar. Dane-se essa cara risonha, pensou Alicia, levantando a estaca de novo.

Uma forma estava caindo na direção deles.

A bomba, a bomba, onde estava a bomba?

Então Peter a viu, caída a poucos metros do corpo de Tifty. Derrapou na terra e a pegou, levantando-a junto ao peito. O detonador estava intacto, os fios ainda conectados. Como seria a sensação? Como nada, pensou. A sensação seria como nada.

Algo o acertou por trás, duro como uma parede. Por um momento tudo o abandonou: a respiração, o pensamento, a gravidade. A bomba saiu girando. O chão se desenrolou embaixo dele em um átimo de escuridão mental, e então Peter se pegou caído de costas na lama.

O viral se erguia acima dele, os rostos dos dois separados por meros centímetros. Era uma visão que parecia cruzar os fios dos

sentidos de Peter, como se ele estivesse sentindo o gosto do crepúsculo, ou ouvindo o relâmpago. Enquanto a criatura inclinava a cabeça, Peter fez a única, a última coisa em que conseguiu pensar, acreditando que seria o derraderio gesto de sua vida: inclinou a cabeça imitando a criatura, forçou a mente a um foco absoluto e a olhou direto no olho.

Sou Wolgast.

Então Peter viu: ele estava segurando a bomba.

Me ajude.

Alicia, irmã. *Alicia, ele é seu.*

Martínez não viu a coisa chegar. Numa fração de segundo antes de desenrolar seu corpo enorme, Amy pousou atrás dele. Com um movimento brusco dos pulsos lançou as correntes, envolvendo o corpo dele como um par de laços, prendendo os braços ao lado do corpo. O sorriso se fundiu numa expressão de surpresa.

Agora, disse Amy.

Com um tranco poderoso ela se inclinou para trás e puxou Martínez para cima, expondo a carne ampla de seu peito. Enquanto Martínez tombava, Alicia pousou, montando na cintura dele, jogando o corpo do viral no chão. A estaca estava sobre sua cabeça, segura pelos dois punhos. No entanto ela não a fez descer.

– Diga! – gritou acima do som que rugia nos ouvidos. – Diga o nome dela!

Os olhos dele buscaram focalizar. *Louise?*

E com essas palavras, e com tudo o que ela era, Alicia baixou a estaca e a cravou, matando-o do modo antigo.

Para a multidão nas arquibancadas, os últimos segundos da batalha no campo foram um borrão incompreensível de movimento. Para Lucius Greer, não. Greer entendia, como ninguém seria capaz, o que ia acontecer. As correntes que Amy havia usado para conter Martínez a estavam prendendo ao cadáver dele. Alicia lutava para girá-lo e soltá-la. Eram alvos fáceis, no entanto o restante dos virais ainda não havia percebido. Talvez a morte de Martínez tivesse provocado uma quebra em seu curso de pensamento coletivo, talvez o choque de ver um dos seus perecer sob a mão humana os tivesse

deixado imóveis, talvez eles quisessem apenas prolongar o momento da vitória e com isso extrair o máximo de satisfação do ataque final, talvez fosse outra coisa.

Era outra coisa.

Enquanto ele corria pelo campo, outra figura veio rapidamente pela sua direita. Bastou um olhar para seus olhos descobrirem o que a mente já sabia. Era Peter. Como Nina, ele estava gritando, acenando. Mas algo estava diferente. Os virais também sentiram. Ficaram atentos bruscamente, os narizes se movendo, sentindo o gosto do ar.

Peter estava nu da cintura para cima, o tronco escorregadio de sangue – rios quentes, frescos, vivos, de sangue que escorria pelos braços e pelo peito a partir dos longos ferimentos curvos feitos com a faca ainda presa em sua mão. Suas intenções eram claras: ele atrairia os virais para longe de Amy e Alicia, levando-os para si. Ele era a isca, o que era a armadilha?

Wolgast era a armadilha.

E Greer ouviu:

Eu sou Wolgast.

Eu sou Wolgast.

Eu sou Wolgast.

Greer correu.

Alicia também viu.

Amy continuava presa ao corpo de Martínez. As correntes tinham se enrolado em si mesmas e cada puxão só servia para apertar o nó mais ainda. Uivando de frustração, Alicia levantou o rosto. Viu Peter correndo para os virais, viu os corpos deles girando, as cabeças se inclinando, os olhos chamejando com atração animal, o prazer da matança.

Peter, não, pensou ela. *Você, não. Depois de tudo, você, não.*

Não chegou a saber como Amy se soltou. Num momento Amy estava ali, no outro não estava mais. As algemas vazias seriam encontradas onde a garota as havia deixado, presas a correntes ainda enroladas no corpo de Martínez. Nos dias seguintes, enquanto cada um deles pensava no significado desse fato, as opiniões

diferiam. Para alguns significava uma coisa, para outros significava outra. Era um mistério, assim como Amy era um mistério – e, como qualquer mistério, esse dizia tanto sobre quem via quanto sobre quem era visto.

Mas isso seria depois. Na fração de segundo que restava, Alicia soube apenas que Amy havia saído, que estava voando para longe. Uma tira de luz, como uma estrela cadente, em seguida ela estava caindo sobre Peter.

– Amy...

Mas foi só isso que ela disse.

Porque Wolgast a amava.

Porque Amy estava em casa.

Porque ele não poderia vê-la morrer.

E Peter Jaxon, tenente dos Expedicionários, escutou, viu e sentiu tudo, sentiu tudo finalmente. Num único encontro de olhares, toda a vida de Wolgast havia se derramado na dele. Suas enormes tristezas. Suas perdas amargas e os arrependimentos dolorosos. Seu amor por uma menina esquecida e sua longa jornada por uma noite de 100 anos. Viu rostos, figuras, imagens do passado. Uma menininha no berço e uma mulher pegando-a no colo, as duas banhadas numa luz quase sagrada. Viu Amy como ela havia sido, uma criança minúscula, cheia de uma intensidade estranha, sozinha no mundo, e as luzes de um carrossel, estrelas num céu de inverno e as formas de anjos gravadas na neve. Era como se essas visões sempre tivessem feito parte dele, como um sonho recorrente que só fora lembrado havia pouco tempo, e ele se sentiu profundamente grato por tê-las visto, testemunhado nos últimos segundos de vida.

Venha a mim, pensou. Venha a mim.

Correu de cabeça. Lançou-se nas mãos de Deus. Sentiu mas não viu Greer vindo em sua direção e Wolgast chegando de trás com a bomba apertada contra o peito, mirando no coração da corja. E no último instante Peter ouviu as palavras:

Amy, corra.

E: *Pai...*

E: *Eu te amo.*

E enquanto Wolgast mergulhava no meio deles, um polegar com garra posto sobre o detonador; e enquanto Amy se abaixava sobre Peter para jogá-lo longe, recebendo o maior impacto da destruição no lugar dele; e, enquanto os Doze em sua fúria caíam sobre Wolgast – Wolgast, o Fiel, Pai de Todos e Aquele Que Amava –, abriu-se um todo no espaço onde ele estivera, a noite escura irrompeu no dia mais claro e os céus se rasgaram com o trovão.

SESSENTA E SEIS

A sensação foi de que havia duas cidades nos minutos seguintes: as arquibancadas, onde o caos reinava, e o campo embaixo, uma zona pós-batalha, de calma súbita. Um começo e um fim, adjacentes mas separados. Logo as duas se fundiriam, enquanto a multidão, tendo exaurido a violência do levante, absorvia o fato espantoso de sua liberdade e começava a se dispersar, indo para onde quisesse, inclusive para o campo; iriam encontrá-la um a um, descendo, movendo-se hesitantes enquanto os corpos sentiam o gosto da liberdade. Mas por um tempo os combatentes no campo foram deixados sozinhos, para fazer uma última avaliação dos vivos e dos perdidos.

Foi Alicia que Peter viu quando acordou. Estava enegrecida, machucada, ensanguentada. Seu cabelo fora queimado, com fiapos de fumaça ainda subindo.

– Peter – disse ela curvando-se sobre ele, as lágrimas escorrendo pelo rosto. – Peter.

Ele lutou para falar. Sua língua se movia pesada na boca.

– Amy?

Chorando baixinho, Alicia balançou a cabeça.

De algum modo Greer havia sobrevivido. A explosão o lançara longe. Segundo qualquer avaliação ele deveria ter morrido, no entanto o encontraram caído de costas, olhando o céu estrelado com uma expressão de espanto. Sua roupa estava em frangalhos e queimada; afora isso, não parecia ferido. Era como se a força da explosão tivesse passado não através dele, e sim ao redor, sua vida protegida por uma mão invisível. Durante um longo momento ele não falou nem se mexeu. Depois, com um gesto exploratório, levou uma das mãos ao peito, tateando com cuidado, depois ao rosto, sentindo a bochecha, a testa e o queixo.

– Ora, vejam só – disse. – O que acham?

Eustace também viveria. A princípio acreditaram que ele tinha morrido: seu rosto estava coberto de sangue. Mas o tiro havia

pegado de raspão: o sangue era da orelha esquerda, arrancada como uma planta tirada do solo e substituída por um buraco franzido. Da detonação em si ele não tinha lembrança, ou pelo menos não tinha uma lembrança que pudesse juntar, além de uma cadeia de sensações isoladas: um estalo capaz de rachar o crânio e uma onda de ar quentíssimo passando acima, depois algo molhado chovendo e um gosto de fumaça e poeira. Escaparia à noite com apenas essa desfiguração adicional num rosto que já mostrava muitas cicatrizes de guerra e um zumbido permanente nos ouvidos que, na verdade, nunca sumiria, fazendo-o falar numa voz alta demais que levaria as pessoas a pensar que ele estava com raiva, quando não estava. Com o passar do tempo, depois de retornar a Kerrville e ser promovido a coronel, servindo de ligação militar com a presidência, consideraria isso menos uma inconveniência do que um acréscimo notavelmente útil à sua autoridade; ele imaginaria por que não havia pensado nisso antes.

Só Nina saíra do campo incólume. Lançada para longe pelo viral que havia matado Tifty, tinha caído fora da área da explosão. Estava movendo-se para a extremidade do campo quando a bomba explodiu e a força da concussão a jogou no ar; mas no momento anterior fora a única a testemunhar a morte dos Doze, cujos corpos foram consumidos e espalhados numa bola de luz. Todo o resto foi um borrão; de Amy, ela não viu nada.

Absolutamente nada.

Mas um deles havia tombado.

Encontraram Tifty com a arma ainda na mão. Estava na lama, partido e cortado, os olhos cheios de sangue. Seu braço direito havia sumido, mas isso era o mínimo. Enquanto se reuniam ao redor, Tifty se esforçou para falar através da respiração entrecortada. Por fim seus lábios formaram as palavras: – Onde ela está?

Somente Greer pareceu entender o que ele perguntava. Virou-se para Nina.

– É você que ele quer.

Talvez ela entendesse a natureza do pedido, talvez não, era impossível dizer. Nina se agachou ao lado dele, no chão. Com um

esforço trêmulo, Tifty levantou a mão e tocou o rosto dela com as pontas dos dedos, um gesto gentilíssimo.

– Nitia – sussurrou ele. – Minha Nitia.

– Sou Nina.

– Não. Você é Nitia. Minha Nitia. – E deu um sorriso lacrimoso. – Você se parece... tanto com ela!

– Com quem?

A vida estava sumindo dos olhos dele.

– Eu disse a ela... – Sua respiração ficou embargada. Ele havia começado a sufocar no sangue que jorrava da boca. – Eu disse a ela... que manteria você em segurança. – Então a luz nos olhos dele sumiu e ele se foi.

Ninguém falou. Um deles havia partido para a escuridão.

– Não entendo – disse Alicia. E olhou para os outros. – Por que ele a chamou assim?

Foi Greer quem respondeu.

– Porque é o nome dela. – Nina levantou o olhar do corpo. – Você não sabia, sabia? Não tinha como saber.

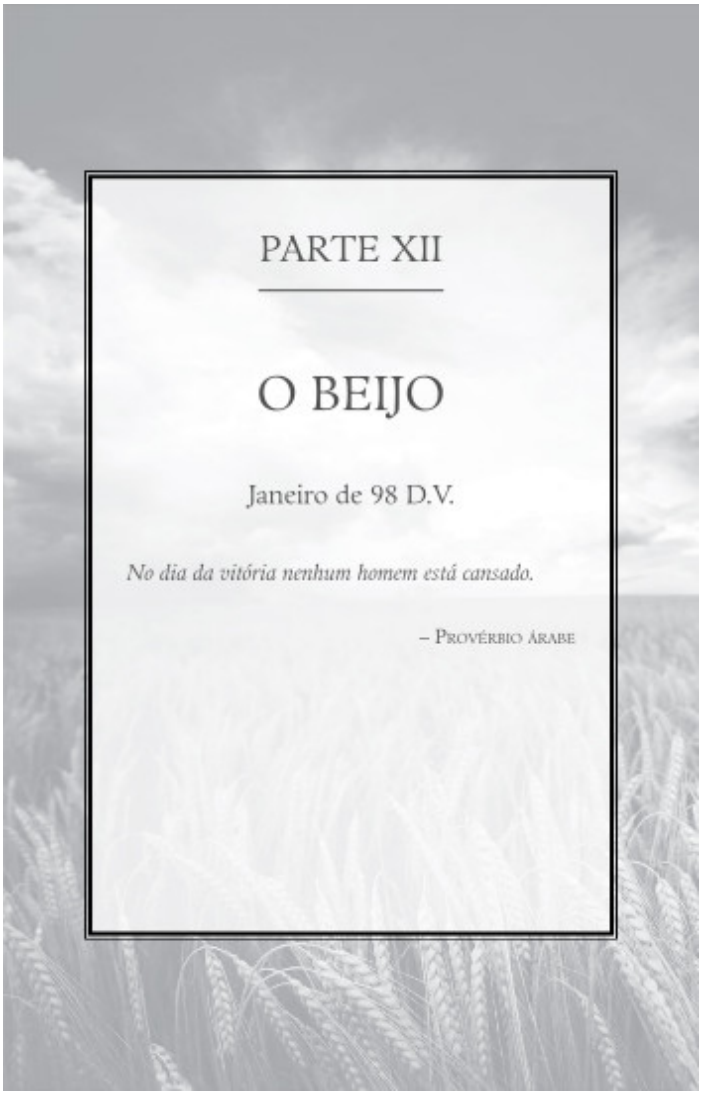
Ela balançou a cabeça.

– Tifty era seu pai.

No devido tempo haveria uma contagem completa. Uma picape entraria a toda a velocidade no campo e três pessoas sairiam dela. Não: quatro. Michael, Hollis e Sara, segurando uma menininha no colo.

Mas naquele momento ficaram parados em silêncio na presença do amigo, cujo centro da vida estava desnudo. O grande gângster Tifty Lamont, capitão dos Expedicionários. Iriam enterrá-lo onde ele havia caído, no campo. Porque a gente nunca deixava o campo, assim como nunca deixava a plantação, explicou Greer; era o que Tifty sempre dizia. A gente podia pensar que era capaz disso, mas não. Depois de ter passado por ali, fazia parte de você para sempre.

Ninguém jamais saía.



PARTE XII

O BEIJO

Janeiro de 98 D.V.

No dia da vitória nenhum homem está cansado.

– Provérbio Árabe

SESSENTA E SETE

O clima não colaborou. Janeiro em Iowa, o que eles haviam esperado? Um dia com frio de entorpecer os ossos era seguido por outro dia com frio de entorpecer os ossos. Comida, combustível, água, eletricidade, o complexo empreendimento de manter uma cidade de 70 mil almas funcionando – o júbilo da vitória fora suplantado rapidamente por preocupações mais cotidianas. Por enquanto a insurgência havia assumido o controle, se bem que Eustace, como ele próprio admitiu, não tivesse uma queda especial por esse serviço. Sentia-se sufocado pela quantidade de detalhes, e o governo provisório montado às pressas, composto por delegados eleitos em cada um dos alojamentos, fazia pouco para diminuir seu fardo. Era uma estrutura inchada e desorganizada, metade da sala vivia discutindo com a outra metade, fazendo Eustace levantar as mãos e tomar todas as decisões, de qualquer modo. Ainda restava certo grau de docilidade na população, mas isso não duraria. Houvera saques no mercado antes que Eustace pudesse montar uma segurança e todo dia havia mais histórias de represálias; muitos colas tinham tentado se misturar anonimamente ao povo, mas seus rostos eram conhecidos. Sem um sistema de justiça para julgar os que se rendessem ou os que tinham sido capturados pela insurgência antes da turba, era difícil saber o que fazer com eles. O centro de detenção estava totalmente lotado. Eustace havia levantado a possibilidade de reformar o Projeto – certamente era um local bastante seguro e tinha a vantagem adicional do isolamento –, mas isso demoraria e não servia para resolver o problema do que fazer com os prisioneiros quando a população começasse a se mover para o sul.

E todo mundo estava congelando. Bom, e daí?, pensava Peter. O que era um pouquinho de frio?

Tinha feito amizade com Eustace, em parte porque eram ambos oficiais dos Expedicionários, mas não só por isso: haviam descoberto, à medida que os dias passavam, que possuíam

temperamentos compatíveis. Decidiram que Peter deveria comandar a equipe avançada que viajaria para o sul preparando Kerrville para a chegada dos refugiados. Inicialmente ele foi contra: não parecia certo estar entre os primeiros a partir. Mas era a escolha lógica e no fim Alicia resolveu o caso. Caleb está esperando você, lembrou. Vá ver seu garoto.

O êxodo em si teria de esperar até a primavera. Presumindo que Kerrville pudesse mandar veículos e pessoas suficientes, Eustace planejava transferir 5 mil de cada vez e a composição de cada grupo seria determinada por sorteio. A viagem seria árdua – todos teriam de andar, a não ser os muito velhos e os muito novos –, mas com sorte a Pátria estaria vazia em dois anos.

– Nem todo mundo vai querer ir, você sabe – disse Eustace a Peter.

Os dois estavam sentados no escritório de Eustace, nos fundos da farmácia, esquentando-se com xícaras de chá de ervas. A maior parte dos prédios do mercado fora ocupada pelo governo provisório para servir a várias funções. O projeto mais recente era um censo. Como todos os registros dos olhos-vermelhos tinham sido destruídos na Cúpula, eles não faziam ideia de quem era quem, ou mesmo de quantas pessoas havia. Setenta mil era o número aceito em termos gerais, mas não havia como saber com exatidão enquanto não contassem.

– Por que não? – perguntou Peter.

Eustace deu de ombros. O lado esquerdo de sua cabeça ainda estava com bandagens, o que dava ao rosto uma aparência torta. Sara havia tirado os últimos pontos dados em Peter no dia anterior: o peito e os braços tinham mapas rodoviários de cicatrizes compridas, rosadas. Quando estava só, Peter não conseguia parar de tocá-las, espantado não só pelo fato de ele próprio ter infligido os ferimentos, mas também porque, no calor no momento, não sentira praticamente nada.

– É isso que eles conhecem. Viveram a vida toda aqui. Mas esse não é todo o motivo. É bom consertar uma coisa errada. Não sei quantos vão sentir isso quando começarmos a levar as pessoas para o sul, mas alguns sentirão.

– Como eles vão se virar?

– Acho que do mesmo modo como as pessoas se viram. Com eleições, com o trabalho duro de construir uma vida. – Ele tomou um gole de chá. – Vai ser confuso. Talvez não funcione. Mas pelo menos será uma coisa deles.

Nina chegou, vinda do frio, batendo camadas de neve das botas.

– Meu Deus, está gelado lá fora – disse.

Eustace ofereceu sua xícara.

– Tome, esquente-se.

Ela a pegou e bebeu, depois se curvou para beijá-lo rapidamente na boca.

– Obrigada, marido. Você precisa mesmo fazer a barba.

O fato de os dois serem um casal, como Peter ficara sabendo, era o segredo mais mal guardado da insurgência. Uma das primeiras coisas que Eustace havia feito foi emitir uma ordem executiva permitindo que os planicianos se casassem. Em muitos aspectos isso era apenas uma formalidade; existiam casais formados havia anos, ou mesmo décadas. Mas o casamento nunca tivera uma sanção oficial. A lista de casais que esperavam para regularizar a união chegava às centenas e Eustace tinha dois juízes de paz atuando dia e noite numa loja no fim do quarteirão. Ele e Nina tinham estado entre os primeiros, assim como Hollis e Sara.

– Boa notícia – disse Nina. – Acabei de vir do hospital.

– E?

– Mais dois bebês nasceram hoje de manhã, os dois saudáveis. As mães estão ótimas.

– Veja só. – Eustace riu para Peter.– Está vendo o que eu disse? Mesmo na noite mais escura, meu amigo, a vida prossegue.

Peter desceu o morro, encolhido contra o vento. Como membro da chefia executiva tinha permissão de usar um veículo, mas preferia andar. No hospital foi até o quarto de Michael. A eletricidade só fora restaurada parcialmente, mas o hospital fora um dos primeiros prédios a ser iluminado de novo. Encontrou Michael acordado e sentado. A perna esquerda, com gesso do tornozelo ao quadril, estava suspensa numa tira em ângulo de 45 graus sobre a cama.

Durante um tempo a situação fora delicada e Sara pensou que ele poderia perder a perna, mas Michael era um guerreiro, e agora, três semanas depois, estava de fato se curando.

Lore estava sentada junto à cama, trabalhando com um par de agulhas de tricô. Eustace a pusera para trabalhar como chefe de turma na usina de biodiesel, mas em qualquer momento livre ela podia ser encontrada no hospital, ao lado de Michael.

– O que você está fazendo? – perguntou Peter.

– Não faço a mínima ideia. Era para ser um suéter, mas está ficando mais parecido com uma meia.

– Você deveria realmente se ater ao que sabe fazer – alertou Michael.

– Espere só até você tirar esse gesso, amigo. Lore vai mostrar o que sabe. É uma coisa que você não vai esquecer. – Ela olhou para Peter, dando um sorriso maroto para garantir que ele tivesse entendido a piada. – Ah, desculpe, Peter, me empolguei. Acho que esqueci que você estava aqui.

Ele riu. Quanto tempo fazia que não ria?

– Tudo bem.

Ela balançou uma das agulhas.

– Só quero dizer, para o caso de nosso garoto aqui ir para o beleléu, que sempre achei você bem bonito. Além do mais você é herói de guerra. Eu estaria interessada em qualquer coisa que você tivesse a dizer, tenente.

– Vou pensar nisso.

– Não tenho dúvida. – Ela largou a lã no colo. – Por acaso meu turno começa em 30 minutos, portanto vou deixá-los falando sobre mim. – Ela se levantou, pôs o tricô na bolsa, deu um tapinha no braço de Michael, depois pensou melhor e o beijou no cocuruto. – Precisa de alguma coisa antes de eu ir?

– Estou bem.

– Não está, Michael. Você não está nem um pouco bem. Você praticamente me matou de medo, isso sim.

– Eu pedi desculpa.

– Continue dizendo isso, meu chapa. Um dia eu acredito. – Ela o beijou de novo. – Senhores.

Quando Lore saiu, Peter ocupou o lugar dela.

– Desculpe – disse Michael.

– Não sei por que você vive se desculpando por ela, Michael. Para mim você é o cara mais sortudo do planeta Terra. – Ele inclinou a cabeça na direção da cama. – E aí, como está a perna?

– Dói feito o diabo, se quer saber a verdade. Legal você ter finalmente feito uma visita.

– Desculpe. Eustace me mantém ocupado.

– E então, quantos você encontrou?

Peter entendeu que ele estava perguntando sobre as outras pessoas da Primeira Colônia.

– O número que estamos ouvindo é 56. Ainda estamos tentando encontrar todo mundo. Até agora achamos as filhas do Jimmy, Alice e Avery. Constance Chou, Russ Curtis, Penny Darrell. Os pequenos vão demorar um pouco para ser identificados. Todo mundo está espalhado por aí.

– É uma boa notícia, acho. – Michael parou, sem dizer o resto. Tantos outros haviam morrido.

– Hollis me contou o que você fez – disse Peter.

Michael deu de ombros. Seu rosto estava meio sem graça, mas orgulhoso também.

– Na hora pareceu a coisa certa a fazer.

– Se quiser um emprego nos Expedicionários, me avise. Presumindo que me recebam de volta. Na próxima vez que conversarmos, eu posso estar na cadeia.

– Peter, fala sério. Eles provavelmente vão promover você a general por causa disso. Ou pedir que você se candidate a presidente.

– Então você não conhece o Exército como eu. – No entanto, só por um momento, ele pensou: e se? – Vamos partir daqui a alguns dias, sabe?

– Foi o que pensei. Não se esqueça de levar roupa quente. Diga olá a Kerrville por mim.

– Vamos colocar você na próxima viagem, prometo.

– Não sei, *hombre*, o serviço aqui é bastante bom. Este lugar meio que combina comigo. Quem vai com você?

– Sara, Hollis e Kate, mas isso é óbvio. Greer vai ficar para ajudar na evacuação. Eustace está montando uma equipe.

– E Lish?

– Eu perguntaria, se conseguisse encontrá-la. Praticamente não a vejo. Vive saindo naquele cavalo. Ela o chama de Soldado. Não tenho ideia do que está fazendo.

– Uma pena você ter se desencontrado dela. Ela veio aqui hoje de manhã.

– Lish esteve aqui?

– Disse que queria dar um olá. – Michael o encarou. – Por quê? Isso é tão estranho assim?

Peter franziu a testa.

– Acho que não. Como ela estava?

– Como você acha? Como a Lish.

– Então não havia nada diferente nela.

– Não que eu tenha notado. Ela não ficou aqui muito tempo. Disse que ia ajudar Sara com as doações.

Como diretora interina de saúde pública, Sara havia descoberto que o prédio que servia de hospital só era um hospital no nome, como suspeitava havia muito tempo. Quase não existiam equipamentos médicos, e nenhum sangue. Com tantas pessoas feridas no cerco, bebês nascendo e todo o resto, tinha pedido que fosse trazido um freezer do centro de processamento de comida e instituiu um programa de doação de sangue.

– Lish como enfermeira – disse Peter, e balançou a cabeça ao pensar na ironia. – Gostaria de ver isso.

O que aconteceu com os olhos-vermelhos nunca foi totalmente compreendido. Os que não tinham sido despachados no estádio essencialmente deixaram de existir. A única conclusão, apoiada pela história de Sara sobre Lila, era que a destruição da Cúpula e a morte do homem conhecido como a Fonte haviam causado uma reação em cadeia semelhante à que eles tinham visto com os descendentes de Babcock na montanha do Colorado. Os que tinham visto isso acontecer descreviam como um envelhecimento rápido, como se 100 anos de vida emprestada fossem devolvidos em apenas alguns

segundos – a carne enrugando, o cabelo caindo em tufos, rostos se encolhendo nos crânios. Os cadáveres que eles tinham encontrado, ainda vestindo ternos e gravatas, não passavam de pilhas de ossos marrons. Pareciam estar mortos havia décadas.

Enquanto o dia da partida se aproximava, Sara se pegou trabalhando praticamente 24 horas por dia. À medida que se espalhava pela planície a notícia de que haveria cuidados médicos de verdade, mais e mais pessoas tinham aparecido. As reclamações variavam desde uma gripe comum até desnutrição e as várias dificuldades corporais da velhice. Alguns pareciam simplesmente curiosos em ver como seria consultar um médico. Sara tratava os que podia, confortava os que não podia. No fim das contas, as duas coisas não pareciam muito diferentes.

Só saía do hospital para dormir e às vezes para comer, ou então Hollis trazia as refeições, sempre com Kate a reboque. Tinham se alojado num apartamento do complexo, na extremidade do velho mercado – um lugar curioso, com amplas janelas de vidro escuro que criavam no interior uma luz permanente de fim de tarde. Era meio fantasmagórico saber que os ocupantes anteriores tinham sido olhos-vermelhos, mas o lugar era confortável, com camas grandes arrumadas com lençóis macios, água quente e um fogão que funcionava, onde Hollis fazia sopas e cozidos com ingredientes que ela não queria saber quais eram, mas que mesmo assim eram deliciosos. Comiam juntos na escuridão iluminada por velas e depois caíam na cama, fazendo amor com ternura silenciosa para não acordar a filha.

Aquela noite Sara resolveu tirar de folga. Estava morrendo de cansaço e de fome e sentia uma tremenda saudade da família. Sua família: depois de tudo o que acontecera, como essas duas palavras eram notáveis! Pareciam as mais milagrosas na história da fala humana. Ao ver Hollis correndo pela entrada da Cúpula, seu coração soubera instantaneamente aquilo em que os olhos não podiam acreditar. Claro que ele viera buscá-la. Hollis havia movido céus e terras e ali estava ele. Como poderia ser de outro modo?

Subiu o morro, passou pelos destroços da Cúpula – as madeiras haviam queimado durante dias – e seguiu pelo antigo centro da

cidade. Mover-se livremente, sem medo, ainda lhe parecia um tanto irreal. Pensou em parar na farmácia, dizer olá a Eustace e a quem estivesse por lá, mas seus pés recusaram esse impulso, que passou rapidamente. Com a expectativa tornando seu passo leve, subiu os seis lances de escada até o apartamento.

– Mamãe!

Hollis e Kate estavam sentados no chão, brincando de feijões e copos. Antes que Sara pudesse desenrolar o cachecol do pescoço a menina saltou de pé e se jogou em seus braços, uma colisão suave. Sara a levantou no colo para olhá-la nos olhos. Nunca tinha dito a Kate para tratá-la com essa palavra, não querendo confundi-la mais do que parecia necessário, mas isso acabou não importando: a menina simplesmente havia feito. Como nunca tivera um pai, Kate havia demorado um pouquinho mais para se adaptar ao papel de Hollis em sua vida, até que um dia, cerca de uma semana depois da libertação, começou a chamá-lo de papai, também.

– Ora, aí está você – disse Sara, feliz. – Como foi o seu dia? Fez coisas divertidas com o papai?

A menina estendeu a mão para o rosto de Sara, envolveu seu nariz com os dedos e fingiu que o estava arrancando do rosto dela, enfiando-o na boca e empurrando a língua contra o interior da bochecha.

– Eftou com feu nariv – disse com a voz engrolada.

– Agora devolva.

Sorrindo loucamente, os cabelos louros balançando em volta do rosto, Kate balançou a cabeça com desafio brincalhão.

– Nã-ão. É meu.

Assim vieram as cócegas, os risos de todos os lados, o roubo de mais partes do corpo e afinal a devolução do nariz de Sara. Quando a luta terminou, Hollis havia se juntado a elas. Segurando a nuca de Kate, beijou Sara rapidamente, com a barba – quente, familiar, cheia de seu cheiro – roçando como lã na face dela.

– Está com fome?

Ela sorriu.

– Eu comeria.

Hollis lhe entregou uma tigela; ele e Kate já haviam jantado. Sentou-se com ela à mesinha enquanto Sara comia. Disse que a carne poderia ser quase qualquer coisa, mas que as cenouras e batatas estavam razoáveis. Sara não se importou; jamais a comida tivera gosto tão bom como nas últimas semanas. Conversaram sobre os pacientes dela, sobre Peter, Michael e os outros, sobre Kerrville e o que os esperava lá, sobre a viagem para o sul, agora faltando apenas alguns dias. Inicialmente Hollis havia sugerido que esperassem até a primavera, quando a viagem seria menos árdua, mas Sara não aceitou. Muita coisa havia acontecido ali, disse a ele. Não sei onde é meu lar, mas vamos deixar que seja no Texas.

Lavaram os pratos, colocaram no escorredor e prepararam Kate para a cama. Passava das nove horas. Quando Sara enfiou a camisola pela cabeça da menina, ela já estava meio adormecida. Puseram-na na cama e voltaram à sala.

– Você precisa mesmo voltar ao hospital? – perguntou Hollis.

Sara tirou seu casaco do gancho e enfiou os braços nas mangas.

– Vão ser só algumas horas. Não me espere. – Mas era exatamente isso que ele faria; Sara teria feito o mesmo. – Venha cá.

Ela o beijou, demorando-se.

– Falei sério. Vá para a cama.

Mas quando ela pôs a mão na maçaneta ele a fez parar.

– Como você soube, Sara?

Ela quase sabia o que ele estava perguntando, mas não totalmente. Uma expressão de incerteza surgira no rosto de Hollis.

– Como eu soube o quê?

– Que era ela. Que era Kate.

Era estranho; Sara nunca havia pensado em se fazer essa mesma pergunta. Nina havia confirmado a identidade de Kate no encontro clandestino na sala dos fundos da farmácia, mas nem precisaria: nunca houvera a menor dúvida na mente de Sara. Era mais do que a semelhança física da menina. O conhecimento viera de um lugar mais profundo. Sara havia olhado para Kate e soubera instantaneamente que, dentre todas as crianças do mundo, aquela era dela.

– Pode chamar de instinto materno. Foi como... como me conhecer. – Ela deu de ombros. – Não posso explicar melhor do que isso.

– Mesmo assim, tivemos muita sorte.

Sara não havia contado sobre o embrulhinho de papel-alumínio; jamais contaria.

– Não sei se você pode chamar de sorte uma coisa dessas – disse. – Só sei que estamos aqui.

Passava da meia-noite e ela estava terminando sua ronda. Bocejando no punho, a mente já na metade do caminho de casa, Sara entrou na última sala de exames, onde uma mulher estava sentada na mesa.

– Jenny?

– Oi, Dani.

Sara teve de rir – não só do nome, que parecia fazer parte de um sonho distante, mas com a presença da jovem. Só quando a viu Sara percebeu que tinha pensado que Jenny estava morta.

– O que aconteceu com você?

O rosto dela estava sem graça.

– Desculpe ter ido embora. Depois do que aconteceu no centro de alimentação eu simplesmente entrei em pânico. Uma funcionária da cozinha me escondeu num barril de farinha e me tirou num caminhão de entrega.

Sara sorriu, tranquilizando-a.

– Bom, fico feliz em ver você. Qual é o problema?

A garota hesitou.

– Acho que posso estar grávida.

Sara a examinou. Se ela estava, era cedo demais para dizer. Mas estar grávida garantia um lugar na primeira turma de evacuação. Preencheu um formulário e entregou a ela.

– Leve isso ao escritório do censo e diga que eu mandei você.

– Verdade?

– Verdade.

A garota estava olhando para o pedaço de papel.

– Kerrville. Não acredito. Mal me lembro de lá.

Sara estava preenchendo uma duplicata da ordem de evacuação em sua prancheta. Parou no ar.

– O que você disse?

– Que não posso acreditar?

– Não, a outra coisa. – Sara a fitava com atenção. – Sobre lembrar.

A garota deu de ombros.

– Eu nasci lá. Pelo menos acho que foi. Era bem pequena quando me pegaram.

– Jenny, por que não contou a ninguém?

– Eu contei. Contei ao sujeito do censo.

Por todos os voadores, como eles tinham deixado isso escapar?

– Bom, fico feliz que tenha a *mim*. Alguém pode estar procurando você. Qual é o seu sobrenome?

– Não tenho certeza, mas acho que era Apgar.

SESSENTA E OITO

O dia da partida chegou com um alvorecer duro, luminoso. A equipe avançada se reuniu no estádio: 30 homens e mulheres, seis caminhões ou picapes e dois veículos de reabastecimento. Eustace e Nina tinham vindo se despedir, assim como Lore e Greer.

Uma pequena multidão havia se reunido, familiares e amigos dos que partiriam. Sara e os outros já haviam se despedido de Michael na noite anterior, no hospital. Vá, disse ele com o rosto sem graça, saia daqui. Como é que a gente vai descansar? Mas o cartão que Kate havia feito para ele o desmontou. *Eu amo voce tio Michel, fica boum.* Ah, pelos voadores, disse ele, venha cá, e apertou a menina com força contra o peito, com lágrimas rolando dos olhos.

Os últimos suprimentos foram postos nos veículos e todo mundo embarcou. Peter iria na picape da frente, com Hollis; Kate e Sara viajariam num dos grandes transportes que iam atrás. Enquanto Peter ligava o motor, Greer parou junto à sua janela. Na ausência de Peter, o major havia concordado em ficar no lugar dele como auxiliar direto de Eustace e agora estava encarregado da evacuação.

– Não sei onde ela está, Peter. Sinto muito.

Será que ele fora tão óbvio assim? De novo Lish o deixara para trás.

– Só estou preocupado com ela. Algo não está certo.

– Ela passou por muita coisa naquela prisão. Não creio que tenha contado nem metade. Ela vai se recuperar, ela sempre se recupera.

Não havia mais nada a dizer sobre esse assunto. Nem sobre o outro, que nos dias desde o levante havia pairado sobre eles com seu peso de tristeza não dita. A explicação lógica era que Amy fora morta na explosão, vaporizada junto com os Doze, mas parte dele não conseguia aceitar isso. Ela parecia um membro fantasma, uma parte invisível dele.

Os dois se apertaram as mãos.

– Tenha cuidado, certo? – disse Greer. – Você também, Hollis. Sei que o mundo lá fora está diferente, mas nunca se sabe.

Peter assentiu:

– Olhos abertos, major.

Greer se permitiu um sorriso raro.

– Confesso que gosto de ouvir isso. Quem sabe? Talvez eles me aceitem de volta, afinal de contas.

O momento da partida havia chegado. Peter engrenou a picape e, com um latejar de motores pesados, a fila de veículos saiu pelo portão. Pelo retrovisor, Peter viu as construções da Pátria recuando, sumindo na brancura do inverno.

– Tenho certeza de que ela está em algum lugar, Peter – disse Hollis.

Peter se perguntou de quem ele estaria falando.

Em seu esconderijo na galeria de águas pluviais, Alicia viu o comboio se afastar. Durante muitos dias tinha vivido esse momento antecipadamente, tentando se preparar. Como seria a sensação? Mesmo agora não sabia. Definitivo, era isso. Parecia definitivo. A fila de veículos fez um arco amplo ao redor das cercas da cidade e virou para o sul. Durante um longo tempo Alicia olhou, a imagem ficando menor, o som dos motores diminuindo. Ainda estava olhando quando o comboio desapareceu.

Restava uma coisa a fazer.

Havia tirado o sangue do hospital, escondendo a bolsa de plástico embaixo da túnica quando Sara estava de costas. Até mesmo naquela hora fora necessária toda a sua força de vontade para não cravar os dentes nela e banhar o rosto, a boca e a língua naquela doçura. Mas, quando pensou em Peter, em Amy, em Michael e em todos os outros, encontrou forças para esperar.

Tinha enterrado a bolsa na neve, marcando o lugar com uma pedra. Desenterrou-a: era um bloco de gelo vermelho, denso em sua mão. Soldado a estava olhando da beira da vala. Alicia teria dito para ele ir embora, mas, claro, ele não iria; os dois pertenciam um ao outro até o fim. Fez uma fogueira com gravetos, derreteu neve numa panela, esperou até as bolhas subirem e mergulhou o saco na água fervente – como se estivesse preparando um chá, pensou Alicia. Gradualmente o conteúdo amoleceu. Quando o sangue derreteu por

completo, Alicia tirou a bolsa da água e se deitou na neve, aninhando o calor do sangue contra o peito. Dentro do plástico havia um destino adiado. Desde o dia em que o viral a mordera na montanha, cinco anos antes, a certeza de seu destino estava dentro dela, e agora iria encontrá-lo. Iria encontrá-lo e morrer.

O sol da manhã estava subindo num céu de inverno sem nuvens. O sol. Alicia franziu os olhos por causa da claridade. *O sol*, pensou. *Meu inimigo, meu amigo, minha última libertação*. Ele iria varrê-la. Iria espalhar suas cinzas ao vento. Seja rápido agora, disse Alicia ao sol, mas não rápido demais. Quero sentir a coisa saindo de mim.

Levou a bolsa aos lábios, puxou o fecho e bebeu.

Ao anoitecer, o comboio tinha percorrido 110 quilômetros. A cidade se chamava Grinnell. Eles estabeleceram um perímetro e se abrigaram numa loja abandonada na beira da cidade, um lugar que aparentemente vendera sapatos: caixas e mais caixas deles se enfileiravam nas prateleiras. Portanto era um lugar ao qual voltar algum dia. Comeram as rações, deitaram-se e dormiram.

Ou tentaram. Não era o frio, Peter estava acostumado a isso. E, de qualquer modo, 30 corpos adormecidos tão próximos haviam esquentado o lugar. Ele estava simplesmente ligado demais. Os acontecimentos no estádio tinham sido muito grandiosos para serem processados de uma vez. Três semanas depois ainda se pegava dominado pelas emoções, a mente relampejando implacavelmente com as imagens.

Pôs o casaco e as botas e saiu. Tinham deixado um único guarda, que estava sentado numa cadeira dobrável de metal trazida de dentro da loja. Peter aceitou o fuzil do sujeito e o mandou para a cama. A lua brilhava, o ar parecia gelo nos pulmões. Durante dias, depois do levante, Peter havia tentado se obrigar a sentir alguma emoção que correspondesse à magnitude dos acontecimentos – felicidade, triunfo ou mesmo apenas alívio –, mas só sentia solidão. Lembrou-se das palavras de despedida de Greer: *o mundo lá fora está diferente.* Estava, Peter sabia disso muito bem; mas não parecia. No mínimo o mundo se parecia ainda mais com ele próprio. Ali estavam os campos gelados, como um vasto mar calmo; ali

estava o imensurável céu cheio de estrelas; ali estava a lua com seu olhar amarelado, de pálpebras pesadas, como a resposta a uma pergunta que ninguém tinha feito. Tudo continuava como sempre fora – e continuaria sendo muito depois de todos terem partido e seus nomes, lembranças e tudo o que tinham sido estivessem desfeitos como seus ossos, na poeira do tempo, soprados para longe.

Um barulho atrás dele: Sara passou pela porta, levando Kate enganchada no quadril. Os olhos da menina estavam abertos e espiando ao redor. Ela chegou perto de Peter, com as botas fazendo barulho na neve.

– Não conseguiu dormir? – perguntou ele.

Ela fez uma cara de exasperação.

– Acredite, *eu* conseguiria. A culpa é minha, deixei que ela cochilasse demais no caminhão.

– Oi, Peter – disse a menina.

– Oi, querida. Você não deveria estar na cama? O dia amanhã vai ser longo, sabe?

Ela apertou os lábios, em desafio.

– Mm-mm.

– Está vendo? – disse Sara.

– Quer que eu fique com ela um pouco?

– Quer dizer, aqui fora?

Peter deu de ombros.

– Um pouco de ar puro deve dar um jeito nela. E seria bom ter companhia. – Como Sara não respondeu, Peter acrescentou: – Não se preocupe, vou ficar de olho. O que acha, Kate?

– Tem certeza? – pressionou Sara.

– Claro que tenho. O que mais eu vou fazer? – Ele encostou o fuzil na parede e estendeu os braços. – Ande, me entregue a menina. Não vou aceitar um não como resposta.

Sara cedeu, passando Kate de seu colo para o de Peter. A menina o envolveu com as pernas, agarrando a gola de seu casaco com a mãozinha para equilibrar o peso.

Sara recuou um pouco, olhando os dois.

– Devo dizer que esse é um você que eu não tinha visto ainda.

Ele se pegou sorrindo.

– Cinco anos. Muita coisa pode mudar.

– Bom, combina com você. – Um bocejo súbito a dominou. – Sério, se ela incomodar...

– Não vai incomodar. Agora quer ir para dentro? Vá dormir um pouco.

Sara os deixou a sós. Peter sentou na cadeira, ajeitou Kate no colo e virou o corpo dela para o céu de inverno.

– Então, você quer falar sobre o quê?

– Não sei.

– Não está cansada?

– Não.

– Que tal a gente contar umas estrelas?

– Isso é chato. – Ela se remexeu, ficando confortável, depois ordenou: – Conte uma história.

– Uma história. De que tipo?

– Uma história de era-uma-vez.

Ele não sabia como, já que nunca fizera isso. Mas, enquanto pensava no pedido da garota, um jorro de memórias o inundou: seus dias como um pequeno no Abrigo, sentado em círculo com as outras crianças, as pernas cruzadas debaixo do corpo; a professora, com o rosto pálido, parecendo uma lua, e as histórias que ela contava, com animais usando coletes e saias, reis em seus castelos e navios atravessando o mar em busca de tesouros; a sensação sonolenta das palavras atravessando-o, levando-o para mundos e eras distantes, como se estivesse saindo do corpo. Eram lembranças de outro tempo, de outra vida; eram distantes a ponto de parecerem históricas; mas, sentado no frio do inverno com a filha de Sara no colo, elas não pareciam distantes. Sentiu alguém passar e, junto, uma pontada de tristeza: nunca havia contado uma história a Caleb.

– Bom – pigarreou, dando um tempo para juntar os pensamentos. Mas a verdade era que não tinha nada; todas as histórias da infância fugiram subitamente de seu pensamento. Simplesmente precisaria inventar. – Vejamos...

– Precisa ter uma menina – disse Kate, para ajudar.

– Precisa mesmo. – Ele sorriu. – Eu estava chegando lá. Bom, era uma vez uma menina...

– Como ela era?

– Humm. Bom, era muito bonita. Na verdade era bem parecida com você.

– Era uma princesa?

– Você vai deixar eu contar ou não? Mas, agora que você disse, era. Era a princesa mais linda que já existiu. Mas o negócio é que ela não *sabia* que era princesa. Essa é a parte interessante.

Kate franziu a testa, com ar dominador.

– Por que ela não sabia?

Nesse momento algo se encaixou e ele sentiu os contornos de uma história surgindo.

– É uma pergunta excelente. O que aconteceu foi o seguinte. Quando ela era muito pequena, pouco mais do que um bebê, os pais dela, o rei e a rainha, levaram a menina para um piquenique na floresta real. Era um dia ensolarado e a menina, que se chamava...

– Elizabeth.

– Princesa Elizabeth, viu uma borboleta. Uma borboleta *incrível*. Os pais dela não estavam prestando atenção e ela seguiu a borboleta e entrou na floresta, tentando pegá-la. Mas acontece que não era uma borboleta. Era... a rainha das fadas.

– Verdade?

– Verdade. Bom, o problema das fadas é que elas não confiam nas pessoas. Ficam a maior parte do tempo afastadas e é assim que gostam que seja. Mas a rainha das fadas era diferente. Ela sempre quis ter uma filha. As fadas não têm filhos. Ela estava muito triste porque não tinha uma menininha para cuidar e, quando viu a princesa Elizabeth, ficou tão comovida com a beleza dela que não conseguiu se conter. Guiou a menina para longe, cada vez mais fundo na floresta. Logo a menina estava perdida e começou a chorar. A rainha das fadas pousou no nariz dela e enxugou as lágrimas com suas asas delicadas, e disse: “Não fique triste. Vou cuidar de você. Agora você vai ser minha menininha.” Então a levou para a grande árvore oca onde ela morava com todas as suas súditas fadas e lhe deu comida, uma mesa para sentar-se e uma caminha para dormir, e em pouco tempo a princesa Elizabeth não se lembrava mais de outra vida, a não ser a vida entre as fadas da floresta.

Kate estava assentindo.

– E o que aconteceu depois?

– Bom, nada. Pelo menos não imediatamente. Durante um tempo elas ficaram muito felizes juntas, principalmente a rainha das fadas. Mas, enquanto Elizabeth crescia, começou a sentir que alguma coisa não estava certa. Sabe por quê?

– Ela não era uma fada?

– Exatamente. Parabéns por ter deduzido isso. Ela não era uma fada, era uma menina, e não era mais tão pequenininha. Por que sou tão diferente?, ficava pensando. E quanto mais crescia, mais difícil ficava para a rainha das fadas esconder isso. Por que meus pés ficam fora da cama?, perguntava Elizabeth, e a rainha das fadas dizia: Porque as camas são sempre pequenas, é assim mesmo. Por que minha mesa é tão pequenininha?, perguntava Elizabeth, e a rainha das fadas dizia: A culpa não é da mesa, você vai ter de parar de crescer. E, claro, ela não podia fazer isso. Crescia e crescia, e logo quase não cabia mais dentro da árvore. Todas as outras fadas estavam reclamando. Tinham medo de que ela comesse toda a comida e não sobrasse nada. Tinham medo de que ela as esmagasse sem querer. Alguma coisa precisava ser feita, mas a rainha das fadas recusava. Está acompanhando até agora?

Kate balançou a cabeça, fascinada.

– Bom, o rei e a rainha, os pais de Elizabeth, nunca tinham parado de procurar por ela. Haviam revirado cada centímetro da floresta e todas as terras dos reinos. Mas a árvore era muito bem escondida, por isso eles nunca acharam. Até que um dia ouviram um boato sobre uma menina que morava na floresta com as fadas. Será que era a filha deles? E fizeram a única coisa em que puderam pensar. Ordenaram que os lenhadores reais cortassem todas as árvores até achar aquela onde estava Elizabeth.

– *Todas*?

Peter fez que sim com a cabeça.

– Absolutamente todas. O que não foi boa ideia. A floresta não era só o lar das fadas, mas de todos os tipos de animais e pássaros. Porém os pais de Elizabeth estavam tão desesperados que fariam qualquer coisa para ter a filha de volta. Assim os lenhadores

começaram a trabalhar, derrubando a floresta, enquanto o rei e a rainha percorriam o lugar montados em seus cavalos, chamando seu nome. “Elizabeth! Elizabeth! Cadê você?” E sabe o que aconteceu?

– Ela escutou?

– É, escutou. Mas o nome Elizabeth não significava nada para ela. Agora ela tinha um nome de fada, e tinha esquecido tudo sobre sua vida antiga. Mas a rainha das fadas sabia o que ela estava escutando e se sentiu péssima com aquilo. Como pude fazer essa coisa terrível?, pensou. Como pude tirar Elizabeth dos pais? Mas mesmo assim não conseguia se obrigar a sair da árvore para dizer aos pais de Elizabeth onde ela estava. Ela amava muito a menina, sabe, para deixar que ela fosse embora. Fique bem quietinha, disse a Elizabeth, não faça nenhum barulho. Os lenhadores estavam chegando cada vez mais perto. As árvores caíam por toda parte. Todas as fadas estavam com medo. Devolva-a, diziam à rainha das fadas, por favor, devolva-a antes que eles destruam a floresta inteira.

– Uau – ofegou Kate.

– Eu sei. É uma história de dar medo. Você quer que eu pare?

– Peter, *por favor*!

Ele riu.

– Certo, certo. Então os lenhadores chegaram à árvore onde Elizabeth e as fadas estavam. Era uma árvore especialmente magnífica, alta e larga, com uma copa enorme. Uma árvore das fadas. Mas, quando o lenhador levantou o machado, o rei mudou de ideia. Veja só, a árvore era linda demais para ser cortada. Ele disse: “Tenho certeza de que as criaturas da floresta gostam tanto desta árvore quanto eu gosto da minha filha. Não seria certo tirar a árvore delas só porque eu perdi uma coisa que eu amo. Lenhadores, baixem os machados, vão para casa e deixem que eu e minha esposa choremos por nossa filha, que nunca mais vamos ver.” Foi muito triste. Todo mundo estava com lágrimas nos olhos. Os pais de Elizabeth, os lenhadores, até a rainha das fadas, que tinha ouvido tudinho. Porque ela sabia que Elizabeth nunca poderia ser sua filha de verdade, por mais que ela quisesse. Por isso a pegou pela mão, levou para fora da árvore e disse: “Majestades, por favor, me perdoem. Fui eu que peguei sua filha. Eu queria uma menininha,

queria tanto que não pude evitar. Mas agora sei que ela é de vocês. Sinto muito, muito mesmo.” E sabe o que o rei e a rainha disseram?

– Cortem a cabeça dela?

Peter sorriu.

– Pelo contrário. Apesar de tudo o que aconteceu, eles ficaram tão felizes por terem a filha de volta e tão comovidos com o remorso da rainha das fadas que decidiram recompensá-la. Fizeram um decreto real dizendo que as fadas deveriam ser deixadas em paz e que todas as crianças do reino deveriam ter uma amiga fada. E é por isso que, até hoje, só as crianças veem as fadas.

Kate ficou quieta por um momento.

– Então esse é o fim?

– Pois é. – Ele ficou ligeiramente sem graça. – Na verdade eu nunca fiz isso antes. Como me saí?

A garota pensou, depois assentiu decidida.

– Gostei. Foi uma boa história. Conte outra.

– Não sei se tenho outra. Você ainda não está cansada?

– *Por favor*, tio Peter.

A noite estava límpida, as estrelas brilhavam. Tudo estava imóvel, sem qualquer traço de movimento ou som. Peter pensou em Caleb, percebendo, com uma força que o espantou, como sentia saudade do menino, como ansiava por abraçá-lo. Alicia estava certa, Tifty também. Mas, acima de tudo, Amy. *Ele ama você, sabe?* A verdade o preencheu como um sopro de ar invernal. Peter iria para casa e aprenderia a ser pai.

– Então está certo...

Falou e falou. Contou todas as histórias que conhecia. Quando terminou, Kate estava bocejando e seu corpo havia se afrouxado nos braços dele. Peter abriu o zíper do casaco e a ajeitou no colo, puxando-a para perto e envolvendo-a com as abas.

– Está com frio, querida?

A voz da menina saiu fraca, meio sumida:

– Nã-ão.

Ela se aninhou de encontro a ele. Só mais um minuto, pensou Peter, e fechou os olhos. Só mais um minuto e eu a levo para dentro. Sentiu o hálito quente de Kate no pescoço. O peito dela se movia

suavemente de encontro ao seu, subindo e descendo, como ondas longas numa praia. Mas um minuto passou, depois outro e outro, e depois disso Peter não iria a lugar nenhum, porque estava dormindo a sono solto.

No banheiro da farmácia, Lucius Greer estava se barbeando.

O dia, e também a maioria das noites, havia desaparecido numa avalanche de tarefas. Um encontro do Conselho dos Alojamentos, durante o qual Lucius e Eustace tinham tentado primeiro explicar de novo e depois justificar mais uma vez o procedimento dos sorteios para a evacuação. A apuração dos dados do censo, que tinha revelado numerosos formulários em duplicata, alguns feitos com erro, outros com intenção deliberada por parte de indivíduos que tentavam duplicar ou mesmo triplicar as chances de serem escolhidos. Uma briga do lado de fora do centro de detenção quando um grupo de três colas, meio esfomeados depois de semanas escondidos num armazém sem uso, tinha tentado se entregar, mas fora interceptado por uma pequena multidão que mantinha vigilância do lado de fora do prédio. Nove casamentos que tinham lhe pedido para oficiar quando um dos juízes de paz adoeceu (tudo o que Lucius precisava fazer era ler quatro frases num cartão, mas se surpreendeu ao ver como pesava dizê-las em voz alta). A primeira reunião oficial das equipes de apoio da evacuação e a divisão de suas responsabilidades nos preparativos para a primeira partida; e a lista continuava e continuava. Um dia de uma coisa e depois outra e outra. Greer nem conseguia lembrar o que tinha comido, mal conseguira sentar-se o dia inteiro, no entanto ali estava, bem depois da meia-noite, olhando o rosto grisalho e hirsuto no espelho, segurando uma faca numa das mãos e uma tesoura na outra.

Começou com a tesoura. Pouco a pouco os cabelos e a barba selvagem foram caindo, com os restos brancos se juntando no chão aos seus pés como montes de neve soprada pelo vento. Quando isso acabou, Greer esquentou uma panela d’água, encharcou um trapo e o torceu, depois colocou sobre o rosto para amaciar os pelos que restavam. Passou sabão nas bochechas, um sabão áspero com cheiro químico, depois começou a trabalhar com a faca: primeiro as

bochechas, em seguida o longo arco do pescoço, e finalmente a cabeça, indo da testa para o cocuruto e até a nuca, em movimentos curtos, controlados. Na primeira vez em que havia se raspado daquele jeito, na véspera do juramento dos Expedicionários, tinha se cortado nuns 20 lugares. Diziam que não era preciso olhar o uniforme para reconhecer um recruta, bastava olhar a cabeça. Mas com o tempo e a prática, Greer, como todos os colegas, tinha pegado o jeito, e ficou satisfeito ao descobrir que não o havia perdido. Poderia ter feito aquilo de olhos fechados no escuro, se fosse preciso, mas havia uma satisfação em observar o ritual que, depois de tantos anos, ainda continha o poder de um batismo. Lentamente suas feições foram desnudadas e, quando a tarefa terminou, Greer deu um passo atrás para examinar o rosto no espelho, passando a mão na pele rosada redescoberta e assentindo em aprovação para a imagem que via.

Enxugou-se, limpou e secou a faca e guardou o material. Muitos dias haviam se passado sem que ele dormisse direito, mas mesmo assim não estava nem um pouco cansado. Pôs o casaco e as botas, saiu pelos fundos e foi pelo beco. Passava muito da meia-noite, não havia uma alma por perto – Eustace havia imposto um toque de recolher –, mas a toda a volta Greer sentia uma espécie de inquietação molecular, um profundo zumbido subauditivo de vida. Passou pela Cúpula arruinada, desceu o morro, atravessou a planície até o estádio. Quando chegou, a lua estava baixa. Optou por não entrar na estrutura, e em vez disso ficou parado no silêncio absoluto, absorvendo tudo, aquele borrão de escuridão contra o céu estrelado. Pensou: será que a história irá se lembrar desse local? Será que as pessoas do futuro, quem quer que sejam, irão dar a ele um nome, um nome digno dos acontecimentos que haviam ocorrido ali, registrá-lo para a posteridade? Era um pensamento esperançoso, talvez prematuro, mas que valia a pena. E Lucius Greer jurou em silêncio. Se um futuro assim acontecesse, se a batalha final pelo domínio da Terra fosse vitoriosa, seria ele quem levaria a pena ao papel para dar palavras à história.

Não sabia quando seria essa batalha. Amy não lhe tinha dito isso. Só que ela viria.

Então entendeu que força o havia levado até ali. Estava procurando um sinal. Não sabia dizer que forma esse sinal assumiria. Poderia vir agora, poderia vir mais tarde, poderia não vir. Esse era o fardo da sua fé. Abriu a mente e esperou. O tempo foi passando. A noite, as estrelas, o mundo vivo; tudo passou através dele, como uma bênção.

Então...

Lucius. Amigo. Olá.

E nessa noite de coisas milagrosas, sentado do lado de fora da sapataria, Peter acordou com a sensação de que, de fato, não estava acordado – que um sonho simplesmente havia se aberto em outro, como uma porta atrás de uma porta. Um sonho em que ele estava sentado com a filha de Sara no colo na beira dos campos nevados, tudo igual – o céu escuro, o frio do inverno, a hora tardia – a não ser o fato de que não estavam sozinhos.

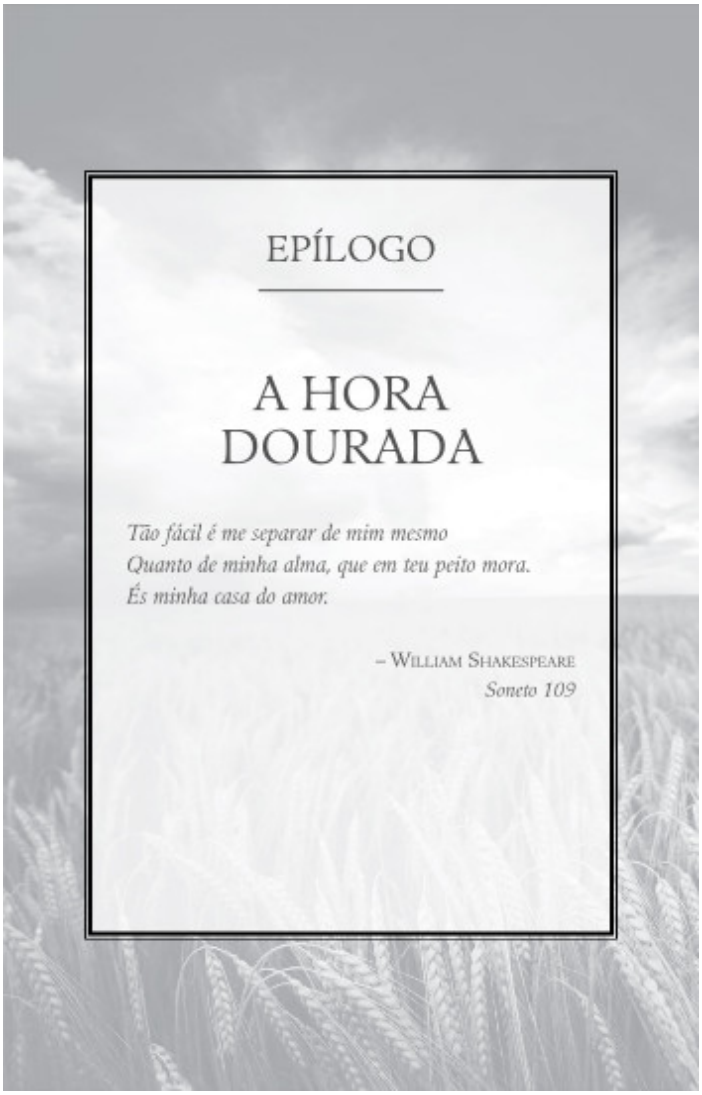
Mas não era um sonho.

Ela estava diante dele, agachada ao estilo de sua espécie. A transformação física era completa, mas, quando seus olhares se encontraram e se sustentaram, a imagem oscilou na mente dele: não era um viral que ele via. Era uma menina, depois uma mulher, depois as duas coisas ao mesmo tempo. Ela era Amy, a Garota de Lugar Nenhum; era Amy das Almas, a Última dos Doze; era somente ela mesma. Estendendo a mão para ele, Amy virou a palma para cima. Peter respondeu do mesmo jeito. Uma força de puro desejo brotou em seu coração quando os dedos se tocaram. Era uma espécie de beijo.

Peter não soube quanto tempo ficaram assim. Entre eles, no casulo quente de seu casaco, Kate dormia a sono solto, sem perceber nada. O tempo havia soltado as amarras; Peter e Amy seguiram juntos na corrente. Logo a menina acordaria, ou Sara viria, ou Hollis, e Amy teria ido embora. Voaria numa risca de luz estelar. Peter levaria a criança adormecida para a cama e também se deitaria, até mesmo tentaria dormir, e de manhã, no alvorecer cinza do inverno, iriam se espreguiçar, pegar a bagagem e continuar na

longa estrada para o sul. O momento passaria para a memória, como todas as coisas.

Mas, por enquanto, não.



EPÍLOGO

A HORA DOURADA

Tão fácil é me separar de mim mesmo
Quanto de minha alma, que em teu peito mora.
És minha casa do amor.

– William Shakespeare
Soneto 109

SESSENTA E NOVE

Desta vez quem dirigia era uma mulher. Amy baixou seu cartaz e entrou no carro.

– Como vai, Amy? – Ela pôs a bolsa de lado e estendeu a mão. – Sou Rachel Wood.

As duas se apertaram as mãos. Por um momento Amy ficou sem fala, fascinada com a beleza da mulher: um rosto de ossos delicados, bem-feitos, como se cinzelado com as ferramentas mais finas; pele que reluzia com saúde juvenil; um corpo forte e bem cuidado, os braços articulados com músculos esguios. O cabelo, puxado do rosto e preso num rabo de cavalo apertado, não era castanho nem louro, mas um pouco dos dois. Estava usando o que Amy sabia que eram roupas de tênis, se bem que esse conhecimento parecesse vir de outro lugar, já que a ideia de tênis não tinha qualquer referência significativa. Óculos de sol com joias minúsculas incrustadas nas hastes estavam empoleirados no topo da cabeça.

– Desculpe se não estive aqui para pegar você antes – continuou Rachel. – Anthony achou que você gostaria de um rosto familiar na primeira vez.

– Fico muito feliz em conhecê-la – respondeu Amy.

– É muita gentileza sua dizer isso. – Ela sorriu, mostrando os dentes, que eram pequenos, retos e muito brancos. – Agora prenda o cinto.

Saíram de baixo do viaduto. Tudo era igual, como da última vez – as mesmas casas, lojas e estacionamentos, a mesma luz forte de verão, o mesmo mundo movimentado passando. No couro macio do banco, Amy se sentia flutuando numa banheira. Rachel parecia totalmente à vontade ao volante daquele veículo imenso, cantarolando baixinho uma música sem forma enquanto a levava cheia de confiança pelo trânsito. Quando uma picape grande freou à frente deles, bloqueando a pista, Rachel ligou a seta e se desviou habilmente para passar.

– Pelo amor de Deus – suspirou. – Certas pessoas... Onde aprenderam a dirigir? – Olhou rapidamente para Amy e voltou a olhar para a rua. Um momento passou, e depois: – Sabe, devo dizer que você não é bem como eu imaginei.

– Não?

– Não de um modo ruim – tranquilizou-a Rachel. – Não quis dizer isso. Honestamente, você é bonita como uma pintura. Eu gostaria de ter uma pele assim.

– Então em que sou diferente?

Ela hesitou, escolhendo as palavras.

– Só pensei que você seria... mais nova.

Continuaram. A chegada abrupta de Amy a este lugar havia provocado uma leve desorientação e junto com isso um entorpecimento emocional. Mas à medida que os minutos passavam ela sentia a mente se abrindo para as circunstâncias ao redor, as imagens e suas reações a elas ficando mais definidas. Como tudo era notável!, pensou. Como era muito, muito notável! Estavam dentro do navio, do Chevron Mariner, mas não tinha consciência física disso. Como antes, com Wolgast, cada detalhe da cena possuía uma aparência absolutamente sólida de realidade. Talvez fosse real, em algum sentido alternativo da palavra. Afinal de contas, o que era "real"?

– Foi bem aqui que parei com ele, daquela primeira vez. – Rachel sinalizou pela janela, apontando para um quarteirão de lojas. – De algum modo botei na cabeça que ele poderia gostar de *donuts. Donuts*, dá para imaginar?

Antes que Amy pudesse pensar numa resposta, ela continuou: – Mas veja só, estou fazendo turismo com você! Tenho certeza de que você sabe tudo isso. E deve estar cansada, depois de uma viagem tão longa.

– Tudo bem – disse Amy. – Não me importo.

– Ah, ele era uma visão incrível. – Rachel balançou a cabeça, triste. – Coitado. Meu coração quase saiu pela boca. Eu disse a mim mesma: Rachel, você precisa fazer alguma coisa. Pela primeira vez na sua vidinha tire a cabeça desse buraco na areia. Mas, claro, na verdade eu estava pensando em mim, como sempre. E a coisa é

essa. Tenho arrependimentos suficientes nesse sentido para durar uma centena de vidas. Eu não o merecia, nem um pouco.

– Acho que ele não acredita nisso.

Ela diminuiu a velocidade do carro para entrar numa rua residencial.

– Na verdade o que você está fazendo é maravilhoso, sabe? Ele ficou sozinho por tempo de mais.

Instantes depois chegaram à casa.

– Bom, cá estamos – anunciou ela com uma voz mais animada. Tinha puxado o freio de mão mas deixara o motor ligado, como Wolgast havia feito. – Foi um prazer finalmente conhecer você, Amy. Cuidado com o degrau ao sair.

Amy hesitou.

– Por que não vem comigo? Sei que ele gostaria de ver você.

– Ah, não – disse Rachel. – É gentileza sua pedir, mas infelizmente não é assim que a coisa funciona. Isso é contra as regras.

– Que regras?

– Só... as regras.

Amy esperou mais alguma coisa, mas não houve nada. Não havia o que fazer a não ser sair do carro. Junto à porta aberta parou para olhar Rachel, que estava esperando com as mãos no volante. O ar estava denso e quente embaixo da copa verde das árvores. Insetos zumbiam em toda parte com sua música luminosa e caótica, como as notas de uma orquestra afinando.

– Diga que estou pensando nele, está bem? Diga que Rachel o ama.

– Ainda não entendo por que você não pode vir comigo.

Rachel olhou para além dela, espiando por cima do painel, na direção da casa. Pareceu a Amy que ela estava procurando alguma coisa. Seus olhos, que haviam se nublado com um sofrimento súbito, paravam a cada uma das muitas janelas. Lágrimas apareceram nos cantos dos olhos.

– Veja bem, eu não posso porque não faria nenhum sentido.

– Por que não faria sentido?

– Porque eu já estou lá, Amy.

Ela o encontrou ajoelhado num canteiro de flores, trabalhando na terra. Havia um carrinho de mão posicionado ali perto. Pilhas de palha escura, soltando um cheiro forte de terra, estavam espalhadas entre os canteiros para proteger as plantas do frio. Quando Amy se aproximou ele ficou de pé, tirando o chapéu de palha largo e as luvas.

– Srta. Amy, chegou bem na hora. Eu estava começando a trabalhar no gramado, mas acho que isso vai ter de esperar. – Ele fez um gesto com o chapéu na direção do pátio, onde os copos de chá esperavam. – Venha sentar-se um pouquinho.

Ocuparam os lugares à mesa. Amy virou o rosto para as copas das árvores, deixando o sol aquecê-la. Os aromas de grama e flores encheram seus sentidos.

– Achei que você ficaria mais confortável assim – disse Carter. – Nós dois podemos ter um tempo conversando e coisa e tal. Para fazer os dias passarem.

– Você sabia que ele estaria lá, não sabia?

Carter estava enxugando a testa com um pano.

– Eu não o mandei, se é isso que você quer dizer. Wolgast só fez o que queria. Não dá para fazê-lo desistir depois que põe uma coisa na cabeça.

– Mas por que os outros não sabiam quem ele era? Eles não poderiam saber. Iriam matá-lo.

Carter balançou a cabeça.

– Eles... nunca puderam me ler, nem de um modo nem de outro. Você poderia dizer que nós ficamos sem contato por um tempo. É uma rua de mão dupla e eu não estava mandando nada para eles desde o começo. Fechei a mente para todos eles. – Carter se empertigou na cadeira e pôs o pano de volta no bolso de trás. – Você agiu certo, Srta. Amy. Wolgast também. Foi uma coisa difícil e terrível, eu sei.

De repente ela estava com sede. O chá desceu fresco e doce e deixou um gosto luminoso, de limão, na língua. Carter a estava observando, balançando o chapéu num movimento suave para provocar uma brisa no rosto.

– E Zero?

– Acho que ainda tem tempo. Mas ele vem atrás de nós. Agora é pessoal. Sem dúvida ele é o pior de todos. Se você juntar todos, nem assim consegue um Zero. Mas vamos pensar nisso quando chegar a hora.

– E até lá, ficamos aqui.

Carter assentiu com seu jeito paciente.

– Sim, senhorita. Ficamos aqui.

Permaneceram sentados em silêncio, pensando no que viria.

– Nunca cuidei de um jardim – disse Amy. – Você me ensina?

Carter pensou nisso.

– Sempre há muita coisa a fazer. Acho que seria bom ter ajuda. Mas cortar a grama é complicado.

– Tenho certeza de que posso aprender.

– Acho que pode mesmo – disse ele com um sorriso. – Acho que é verdade.

Por um momento nenhum dos dois falou; então Amy se lembrou de sua promessa.

– Rachel pediu para eu dizer que ama você.

– É mesmo? Eu estava exatamente pensando nela. O que você achou dela?

– Linda, de verdade. Antes eu nunca tinha tido a chance de vê-la direito. Mas é triste, também. Ela estava olhando para a casa, como se houvesse alguma coisa que quisesse mas não pudesse dizer.

Carter pareceu surpreso.

– Ora, são as crianças dela, Srta. Amy. Achei que você sabia.

Amy balançou a cabeça.

– Haley e a pequenina. A mulher não pode ver nem tocar nelas. É com as crianças que ela vive sonhando. Deve ser uma dor terrível.

Finalmente Amy entendeu. Rachel havia se afogado, deixando as filhas para trás.

– Ela vai vê-las de novo algum dia?

– Espero que sim, quando estiver pronta. É ela própria que precisa se perdoar, por ter deixado as duas, daquele jeito.

Suas palavras pareceram pairar no ar, não como sons apenas, mas como forma e substância. A temperatura estava baixando e as folhas tinham começado a cair.

– Ela não é a única, Srta. Amy. Algumas pessoas não conseguem encontrar o caminho sozinhas. Para algumas é uma sensação ruim na mente. Outras simplesmente não conseguem se soltar. São as que amam demais.

Na piscina, o corpo de Rachel Wood havia terminado a lenta ascensão para flutuar na superfície. Amy olhou para a mesa; sabia o que Carter estava dizendo. *Todo dia eu corto a grama*, pensou ela. *Todo dia ela sobe.*

– Você precisa ir até ele – disse Carter. – Mostrar o caminho.

– Eu só... – Ela sentiu os olhos dele em seu rosto. – Não sei como.

Ele estendeu a mão por cima da mesa e segurou o rosto dela, levantando-o.

– Eu conheço você, Srta. Amy. É como se você estivesse dentro de mim toda a minha vida. Você é que foi feita para consertar todo este mundo. Mas Wolgast é só um homem. Agora é a hora dele. Você tem de devolvê-lo.

Ela sentiu as lágrimas tremendo os olhos.

– Mas o que vou fazer sem ele?

– O que você sempre fez – disse Anthony Carter, e sorriu para os olhos dela. – O que faz agora. Você, *Amy*.

SETENTA

Ele veio a ela uma última vez. Ou ela é que foi até ele. Os dois foram um até o outro, para dizer um último adeus.

Para Wolgast começou com uma sensação de movimento abstrato. Ele estava numa espécie de lugar nenhum, flutuando num espaço infinito sem dimensões, mas pouco a pouco a cena se consolidou, os parâmetros espaciais e temporais firmando-se, e ele percebeu onde estava: andando de bicicleta, imagine só! Uma bicicleta! Isso era estranho. Por que estava numa bicicleta? Não andava de bicicleta havia anos, mas quando era criança adorava: a sensação de pura liberdade e equilíbrio giroscópico, a energia do corpo fluindo através desse mecanismo maravilhoso que o ligava ao vento. Wolgast estava numa bicicleta, andando por uma estrada poeirenta no campo, e Amy estava ao lado, empoleirada em outra bicicleta. Esse fato não o surpreendeu mais nem menos do que todo o resto da cena, tudo simplesmente *era*, assim como Amy era ao mesmo tempo uma menininha e uma mulher adulta, e durante um tempo eles andaram juntos sem falar, mas a própria ideia de tempo parecia estranha. O que era o tempo? Fazia quanto tempo que estavam andando de bicicleta assim? Algum período de horas, talvez, ou mesmo dias, e no entanto a luz era sempre a mesma – um permanente crepúsculo em penumbra que enriquecia as cores de tudo ao redor com uma luz dourada: os campos e as árvores, a poeira que subia de baixo das rodas, as pequenas formas brancas das casas a distância. Tudo parecia muito perto, tudo era distante.

– Aonde nós vamos? – perguntou Wolgast.

Amy sorriu.

– Ah, não é muito longe.

– O que... é esse lugar?

Ela não disse mais nada. Continuaram. O coração de Wolgast estava cheio de um contentamento caloroso, como se fosse um menino outra vez: um garoto andando de bicicleta ao pôr do sol, esperando o chamado para voltar para casa.

– Está cansado? – perguntou Amy.

– Nem um pouco. É maravilhoso.

– Por que não paramos na crista do próximo morro?

Pararam. Um vale coberto de capim se abria abaixo. A distância, aninhada por árvores, havia uma casa: pequena, branca, como as outras, com uma varanda e postigos pretos. Amy e Wolgast deitaram as bicicletas e ficaram parados em silêncio. Não havia nenhum vento.

– É uma tremenda vista – disse Wolgast. E depois: – Acho que sei onde estou.

Amy assentiu.

– É estranho. – Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente. – Sempre pensei que iria me sentir mais cansado. Na verdade não me lembro de como aconteceu, mas acho que é melhor assim. É sempre assim?

– Não sei. Acho que às vezes é.

– Eu me lembro de ter pensado que precisaria ser corajoso.

– Você foi. O homem mais corajoso que já vi.

Ele pensou nisso.

– Bem, isso é bom. Fico feliz em saber. No fim, acho que é só isso que a gente pode pedir. – Ele lançou o olhar sobre o vale outra vez. – Aquela casa. Eu devo ir para lá, não é?

– Acho que sim.

Ele se virou para olhá-la. Um segundo se passou, depois ele abriu um sorriso de descoberta.

– Espere um pouco. Você está *apaixonada*. Dá para ver no seu rosto.

– Acho que estou, sim.

Wolgast balançou a cabeça, espantado.

– Incrível. Olha só. Minha pequena Amy, toda crescida, apaixonada. E essa pessoa também ama você?

– Acho que sim.

– Ele seria um idiota se não amasse. Pode dizer a ele que eu falei isso.

Por um momento nenhum dos dois falou. Amy ficou esperando.

– Bom – começou ele de novo. Sua voz estava embargada de emoção. – Acho que isso significa que meu trabalho aqui está terminado. Creio que eu sempre soube que esse dia iria chegar. Vou sentir saudade de você, Amy.

– Também vou sentir saudade de você.

– Essa é sempre a parte mais difícil, a saudade de você. Acho que é por isso que nunca consegui me obrigar a ir embora. Sempre pensei: o que Amy vai fazer sem mim? É engraçado como, no fim, foi o contrário. Acho que todos os pais sentem isso. Mas, quando é conosco, é diferente. – As palavras ficaram presas na sua garganta. – Vamos fazer isso rápido, está bem?

Ela o abraçou. Estava chorando também, porém não de tristeza. Mas talvez houvesse um pouquinho de tristeza.

– Tudo vai ficar bem, prometo – disse ela.

– Como você sabe?

Na outra ponta do vale, na beira dos campos reluzentes, a porta da casa havia se aberto.

– Porque é isso que é o céu – disse Amy. – É abrir a porta de uma casa ao crepúsculo e ver que todo mundo que a gente ama está lá dentro. – Ela o apertou com força. – É hora de ir para casa, papai. Eu mantive você pelo máximo de tempo que pude, mas agora você tem de ir. Elas estão esperando você.

– Quem está esperando, Amy?

Na varanda havia aparecido uma mulher segurando um bebê no colo. Amy afastou a cabeça e segurou o rosto dele, molhado de lágrimas.

– Vá ver – disse.

SETENTA E UM

Acordou com frio e uma visão de estrelas. Estrelas às centenas, aos milhares, aos milhões. Estrelas em seu giro lento, rodando sobre seu rosto, e algumas estavam caindo. Alicia as olhou cair, contando os segundos. Um, dois, três. Avaliou a duração das quedas pelo céu e ao fazer isso entendeu que o mundo estava onde o havia deixado e que ainda estava viva.

Como podia estar viva?

Sentou-se empertigada. Quem sabia que horas eram? A lua havia se posto, mergulhando o céu na escuridão. Nada havia mudado, ela era exatamente a mesma.

E no entanto:

Alicia, venha a mim.

O som de seu nome, sussurrado no vento.

Venha a mim, Alicia. Os outros se foram, você será minha um. *Venha a mim venha a mim venha a mim.*

Ela sabia de quem era a voz.

Alicia saiu da galeria. A 15 metros dali, Soldado estava pastando num trecho de mato congelado. Ao som de sua saída ele levantou a cara: Ah, aí está você; eu estava começando a ficar em dúvida. Seus grandes cascos lançaram torrões de branco enquanto ele ia para ela com seu passo masculino.

– Bom garoto – disse ela. Acariciou o focinho dele, o hálito enchendo as palmas de suas mãos com um cheiro de terra. – Seu garoto esplêndido, nobre. Como você me conhece bem! Acho que não terminamos, afinal de contas.

Sua mochila estava caída na galeria. Ela não tinha armas de fogo, mas as bandoleiras estavam ali, com as facas enfiadas nas bainhas. Passou as tiras de couro pelo peito e as prendeu com força contra o corpo. Montou nas costas nuas de Soldado e estalou a língua, virando-o para leste.

Venha a mim, Alicia. Venha a mim venha a mim venha a mim...

Não tenha dúvida de que vou, pensou ela. Inclinando-se para a frente com a grande crina enchendo suas mãos, ela fez Soldado trotar, depois passar a um meio galope e finalmente a um galope desvairado através da neve.

Seu desgraçado. Estou indo.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett *Não conte a ninguém*, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e
Cilada, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich *Água para elefantes*, de Sara Gruen *O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*,
Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias*; *O restaurante no fim do universo*;
A vida, o universo e tudo mais; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*
e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss *A passagem*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand *A conspiração franciscana*, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE
OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Prólogo
PARTE I
- UM
- DOIS

PARTE II
- TRÊS
- QUATRO
- CINCO
- SEIS
- SETE
- OITO
- NOVE
- DEZ
- ONZE
- DOZE
- TREZE
- QUATORZE
- QUINZE
- DEZESSEIS
- DEZESSETE
- DEZOITO
- DEZENOVE
- VINTE
- VINTE E UM
- VINTE E DOIS

PARTE III
- VINTE E TRÊS

PARTE IV
- VINTE E QUATRO
- VINTE E CINCO
- VINTE E SEIS
- VINTE E SETE
- VINTE E OITO

PARTE V
- VINTE E NOVE
- TRINTA
- TRINTA E UM
- TRINTA E DOIS
- TRINTA E TRÊS
- TRINTA E QUATRO
- TRINTA E CINCO

PARTE VI
- TRINTA E SEIS
- TRINTA E SETE
- TRINTA E OITO
- TRINTA E NOVE
- QUARENTA

PARTE VII
- QUARENTA E UM
- QUARENTA E DOIS
- QUARENTA E TRÊS
- QUARENTA E QUATRO
- QUARENTA E CINCO
- QUARENTA E SEIS
- QUARENTA E SETE
- QUARENTA E OITO

PARTE VIII
- QUARENTA E NOVE
- CINQUENTA
- CINQUENTA E UM
- CINQUENTA E DOIS
- CINQUENTA E TRÊS
- CINQUENTA E QUATRO

PARTE IX
- CINQUENTA E CINCO
- CINQUENTA E SEIS
- CINQUENTA E SETE

PARTE X
- CINQUENTA E OITO

CINQUENTA E NOVE
SESSENTA
SESSENTA E UM
SESSENTA E DOIS
PARTE XI
SESSENTA E TRÊS
SESSENTA E QUATRO
SESSENTA E CINCO
SESSENTA E SEIS
PARTE XII
SESSENTA E SETE
SESSENTA E OITO
EPÍLOGO
SESSENTA E NOVE
SETENTA
SETENTA E UM